



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco Pinto

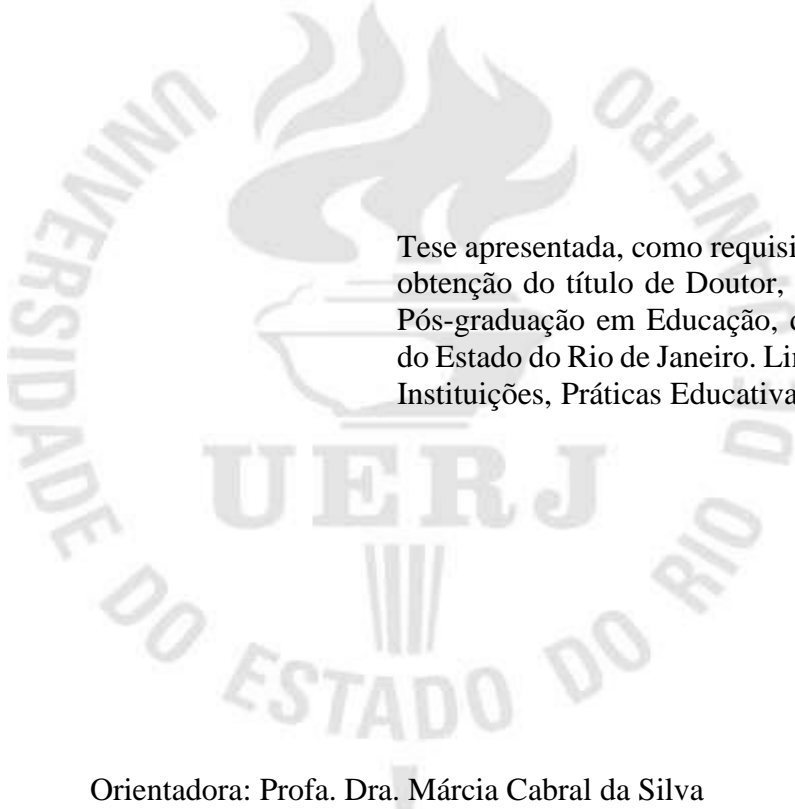
Júlia Lopes de Almeida: escritora, mãe e esposa laureada nas páginas de *A Violeta* (1920-1934)

Rio de Janeiro

2023

Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco Pinto

**Júlia Lopes de Almeida: escritora, mãe e esposa laureada nas páginas de *A Violeta*
(1920-1934)**



Tese apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Linha de Pesquisa: Instituições, Práticas Educativas e História.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Cabral da Silva

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

P659 Pinto, Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco
Júlia Lopes de Almeida: escritora, mãe e esposa laureada nas páginas de A
Violeta (1920-1934) / Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco Pinto. – 2023.
347 f.

Orientadora: Márcia Cabral da Silva.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação.

1. Educação – Teses. 2. Escritoras – Teses. 3. Periódicos brasileiros –
Século XX – Teses. I. Silva, Márcia Cabral da. II. Universidade do Estado do Rio
de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

br

CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco Pinto

**Júlia Lopes de Almeida: escritora, mãe e esposa laureada nas páginas de *A Violeta*
(1920-1934)**

Tese apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Linha de Pesquisa: Instituições, Práticas Educativas e História.

Aprovada em 29 de maio de 2023.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Márcia Cabral da Silva (Orientadora)
Faculdade de Educação - UERJ

Profa. Dra. Mônica Yumi Jinzenji
Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Dra. Nailda Marinho da Costa
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr.^a Anna Faedrich Martins Lopez
Universidade Federal Fluminense

Profa. Dra. Juliana Maia de Queiroz
Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Fernando Rodrigues de Oliveira
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr.^a Maria Celi Chaves Vasconcelos
Faculdade de Educação - UERJ

Rio de Janeiro

2023

DEDICATÓRIA

Às mulheres da minha vida: minha mãe Angélica, e minhas filhas Laura, Isabella e Valentina.

AGRADECIMENTOS

Como não poderia deixar de ser, agradeço a Deus por ter me permitido chegar até aqui com saúde e disposição para finalizar esta pesquisa, mesmo diante de todas as dificuldades impostas não apenas pela pandemia da COVID-19, mas também pelas intempéries pelas quais passei.

Agradeço imensamente à minha família – meu marido Leandro, que soube, em diversos momentos, ser sustento, colo e calma, além de ter me ajudado muitas vezes com todas as planilhas e quadros que precisei criar; minha filha Laura, que me ajudou em algumas das etapas da pesquisa e que manteve viva em mim a esperança; minhas filhas Isabella e Valentina, minhas crianças amadas, que mesmo tão pequenas, entenderam as inúmeras ausências da mamãe.

Agradeço a minha mãe Angélica, que esteve comigo física e espiritualmente nos momentos de angústia, medo e incertezas, oferecendo seu colo e afago; por ter me socorrido e embarcado comigo na realização desta pesquisa. Meu pai Carlos, por sempre ter acreditado no meu potencial, por ter me incentivado a buscar o melhor de mim; meus queridos irmãos Lucas e Carlos Henrique, que estenderam as mãos, sem titubear, quando mais precisei deles.

Ao meu primo Me. Thiago Lima Mondêgo, pelo apoio, incentivo e parceria na elaboração do artigo “‘Rumo ao oeste!’: o progresso da nação do governo Getúlio Vargas nas páginas de *A Violeta* (1933- 1945)”, publicado na *Revista Vozes, Pretérito & Devir*, em 2021; e à minha tia e madrinha Glória Mondêgo, por se fazer presente em diversos momentos.

À minha orientadora, Profa. Dra. Márcia Cabral da Silva, pela orientação e compreensão das diversas vezes em que precisei refazer o cronograma para defesa desta tese; por ter me incentivado a buscar alternativas para as adversidades ao longo destes anos do curso de Doutorado e entendido o que para mim era “exequível”, nas palavras dela; por ter acreditado no meu potencial para chegar até aqui; por fomentar em mim o desejo de estar na Academia.

À banca que compõe este trabalho, Profa. Dra. Márcia Cabral da Silva, Profa. Dra. Mônica Yumi Jinzenji, Profa. Dra. Nailda Marinho da Costa, Profa. Dra. Anna Faedrich Martins Lopez, Profa. Dra. Juliana Maia de Queiróz, Profa. Dra. Maria Celi Chaves Vasconcelos e o Prof. Dr. Fernando Rodrigues de Oliveira, pelo aceite e cuidadoso trabalho de leitura deste texto.

Meus mais sinceros agradecimentos ao Programa de Pós-graduação em Educação (ProPEd), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), por ter acatado meu pedido de extensão de prazo de defesa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por ter concedido a bolsa do Programa de Excelência Acadêmica (PROEX), entre outubro de 2021 e fevereiro de 2023, nos subsídios para a realização desta pesquisa.

Em especial, agradeço ao Dr. Cláudio Lopes de Almeida - neto da escritora Júlia Lopes de Almeida, e sua esposa, Beth Araújo, por terem aberto as portas de casa para me receber; por terem doado alguns volumes de Júlia Lopes de Almeida; por terem me dado acesso ao espólio da escritora sob guarda de Cláudio Lopes; por terem me incluído no projeto de “musealização” de vida e obra de Júlia Lopes de Almeida; por terem sido tão amáveis e acolhedores comigo.

Meus agradecimentos a Academia Brasileira de Letras (ABL), nas figuras de Maria Oliveira, chefe do Arquivo Múcio Leão; Juliana Amorim, arquivista do Arquivo dos Acadêmicos; Rayssa Sodré e Danielle Brandão, estagiárias. Agradeço a equipe que prontamente me recebeu e que atendeu à todas as requisições por mim feitas.

Ao ISCHE por ter financiado a minha viagem à Madri para o 12th History of Education Summer Course, promovido pelo European Educational Reserach Association. Ao Prof. Dr. Antonio Francisco Canales Serrano (UCM), membro da comissão organizadora do evento na Universidade Complutense de Madri; aos tutores Dr. Frederik Herman, da Universidade de Artes e Ciências Aplicadas (Suíça); Bjorn Norlin, da Universidade de Umeå (Suécia); Sian Roberts, da Universidade de Birmingham; e Jody Crutchley, da Universidade Liverpool Hope (Reino Unido), de quem tive a oportunidade de ouvir contribuições de alta estima para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos alunos igualmente selecionados para o 12th Summer Course, com quem pude trocar experiências e ideias: Andressa Caroline Francisco Leme, da Universidade de São Paulo, Marissa Lally, da Universidade de Boston (EUA), Sekordri Ojo, da Universidade de Illinois (EUA) e Ana María Torre Sierra, da Universidade de Sevilha (Espanha); além de Badegül Eren Aydinlik, da Universidade de Umeå (Suécia) e Susan Birch, da Universidade de Winchester (Reino Unido), co-tutoras da minha apresentação no curso.

Agradeço ao Núcleo Literatura e Memória (NULIME) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), coordenado pela Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos, por ter respondido as minhas solicitações de pesquisa e intermediado contato entre mim e a Me.

Izabel Maria Barreiros Lucktenberg, que gentilmente me enviou cópia de sua dissertação e fotos do livro *O funil do diabo* (2015), de Júlia Lopes de Almeida.

Às professoras Anna Faedrich, que me forneceu o contato de Cláudio Lopes de Almeida e desde o primeiro momento mostrou-se interessada e disposta a ajudar nesta pesquisa; Dra. Rosane Salomoni, que atenciosamente me enviou o livro *Memórias de Marta* (2007), de Júlia

Lopes de Almeida, o volume por ela assinado *Resenha da Pesquisa Realizada no Acervo da Romancista no Rio de Janeiro – Parte I* (2007), além de outros textos em referência à Júlia Lopes; Dra Yasmin Jamil Nadaf, que gentilmente emprestou 20 edições da revista *A Violeta*, tão necessárias para o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço à Me. Gabriella Moura da Silva (UFMT), pelo compartilhamento das suas cópias das edições de *A Violeta*, bem como de seus trabalhos e dissertação desenvolvidos acerca da Escola Doméstica Dona Júlia (MT). Ainda no âmbito das revistas, agradeço ao funcionário Márcio Rocha, do Arquivo Público de Mato Grosso, pelo pronto envio dos arquivos de 4 edições de *A Violeta*.

Ao então presidente da Academia Friburguense de Letras, Robério José Canto, por ter oferecido alguns exemplares da Revista da Academia, além de outras publicações da instituição, em 2022. À acadêmica Tereza Cristina Malcher Campitelli, atual ocupante da cadeira 27, da qual Júlia Lopes de Almeida é patrona, pelo envio de seu discurso de posse.

Ao Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação (GRUPEEL/CNPQ), e seus membros atuais e egressos: Alexandra Lima, Aline Costa de Lemos, Aline Tasmerão, Carla Azevedo, Cíntia Almeida, Cláudia Amorim, Estela Bertolleti, Francisco Sidney, Giovanna Lopes, Josiane Soares, Juliana Amorim, Lorena Carvalho, Liana Santos, Luiz Soares, Luiza Braz, Mariana Souza, Michele Carvalho e Victor Rosa.

No âmbito profissional, agradeço à equipe da Coordenação de Línguas Estrangeiras (COLIE) do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suco da Fonseca (CEFET-RJ), especialmente à coordenadora Claudia Maria Vasconcelos Lopes, que muito me auxiliou em diversos momentos, profissional e academicamente, e sempre me incentivou a buscar meus objetivos.

À direção da Escola Municipal Cervantes, nas figuras de Aparecida Rodrigues e Paloma Tenório, pelos diversos ajustes no horário, pelo fomento à minha formação acadêmica e desenvolvimento desta pesquisa; à direção da Escola Municipal Calouste Gulbenkian, em especial à diretora Karla Soares, pela amizade, incentivo e parceria em tantos momentos.

Agradeço ainda ao professor Felipe Gomes, pela tradução do conto “Kaveling 587” para o Português; à professora Vanêssa Barbosa, pela foto do busto de Júlia Lopes de Almeida em Lisboa, Portugal; ao meu querido amigo Thalles Silveira, pela foto da Av. Friedland, n.8, endereço de Júlia Lopes e sua família em Paris.

Ao amigo, bibliotecário e Mestre em Educação Victor Rosa, pelo cuidado na leitura e formatação deste texto.

Aos amigos que, ao longo desta jornada ofereceram os ouvidos e abraços em tantos

momentos de dificuldade, e que foram gotas de esperança para que eu perseverasse: Ana Cristina Rodrigues, Reinaldo Panno, Kennie Santos, Mariana Elena, Michele Carvalho, Victor Rosa, Aline Costa de Lemos, Liana Santos, Alice Pereira, Daniel Vilaça, Paula Cruz, Rachel Monnier, Naira Vianna e Bianca Araújo.

Ano passado eu morri, mas [eu não morro mais]¹; sou feliz, alegre e forte, [tenho amigos], amor e sorte, aonde quer que eu vá².

¹ Trecho da canção “Sujeito de sorte” (1976), de Belchior.

² Trecho da canção “Feliz, alegre e forte” (2021), de Marisa Monte.

Há impossibilidade de ser além do que se é – no entanto, eu me ultrapasso mesmo sem o delírio, sou mais do que eu quase normalmente.

Clarice Lispector

RESUMO

PINTO, Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco. *Júlia Lopes de Almeida: escritora, mãe e esposa laureada nas páginas de A Violeta (1920-1934)*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2023.

Este estudo tem por objetivo investigar as imagens da escritora - romancista, ensaísta, contista, cronista e dramaturga - Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), figura de destaque na imprensa periódica e nos circuitos literários do início do século XX, nas páginas da revista *A Violeta* (1916-1950), da qual foi patrona e colaboradora. Fruto do Gremio Litterario Julia Lopes, fundado em novembro de 1916 em Cuiabá (MT), *A Violeta* é fonte principal desta pesquisa, que recorta os anos de 1920 a 1934, em razão de uma maior incidência do nome da escritora na revista, a exemplo da consagração de Júlia Lopes de Almeida como referência na Literatura Brasileira (De LUCA, 1999); de seu engajamento com as causas feministas, e das publicações feitas além-mar. Do total de 157 edições da revista que compreendem o recorte temporal, 99 foram localizadas em 3 acervos – a Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), o Arquivo Público de Mato Grosso (APMT) e o Arquivo Pessoal da Professora Yasmin Nadaf (AYN). O espólio de Júlia Lopes de Almeida, muito caro a esta pesquisa, foi acessado na Academia Brasileira de Letras (ABL), onde se localiza o Fundo Filinto de Almeida, em referência ao marido da escritora, acadêmico fundador da cadeira número 3. Ademais, o contato com a documentação sob a guarda da família de Júlia Lopes de Almeida permitiu que se cotejasse a fonte principal – *A Violeta*, especialmente. A este respeito, convém mencionar que outras fontes colaboraram na constituição deste estudo, a exemplo da própria bibliografia da escritora, os escritos de seus familiares, as menções na imprensa periódica e ainda os documentos pessoais de Júlia Lopes de Almeida e de sua família. Buscou-se diálogo com os estudos que evidenciaram Júlia Lopes de Almeida como objeto, notadamente em Salomoni (2000;2005), Telles (2012), e Fanini (2016); aqueles que investigaram *A Violeta*, tal qual Nadaf (1993) e Costa (2018); El Far (2000), Eleutério (2005) e Woolf (2014), na abordagem da escrita feminina; e ainda Pallares-Burke (1998) e Magaldi e Xavier (2008), na compreensão da revista *A Violeta* como um dispositivo não-formal de educação para as mulheres cuiabanas. No que tange à metodologia eleita para a execução desta pesquisa, destacam-se as contribuições de Chartier (2012) e Ferreira (2015), acerca das representações contidas na Literatura; Revel (1998); Ginzburg (2007) e Burke (2011), na abordagem da micro-história e da perspectiva do cruzamento de fontes. Os resultados desta pesquisa evidenciam a imagem de mãe, esposa e mulher escritora como as eleitas pelas redatoras de *A Violeta* no tratamento de Júlia Lopes de Almeida. Sob a égide da educação das mulheres, empenharam-se as redatoras na modulação do caráter de suas leitoras por meio das imagens da escritora, selecionando e até mesmo recortando parte de sua obra, a fim de corresponder com suas intencionalidades. Portanto, entende-se que a conformação da escritora sob estes moldes, embora não contemplasse a totalidade de sua trajetória como intelectual, operou de forma positiva na divulgação e promoção de sua imagem em outros espaços, aspecto que, de acordo com esta pesquisa, colaborou também para a constituição de sua imagem nas letras brasileiras.

Palavras-chave: Júlia Lopes de Almeida. *A Violeta*. Escrita feminina. Dimensão educativa do impresso.

ABSTRACT

PINTO, Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco. *Júlia Lopes de Almeida: writer, mother and honoured wife on the pages of A Violeta (1920-1934)*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2023.

This paper aims to investigate the representations of Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), the writer of essays, short stories, chronicles, and plays, who was at spotlight in the press and in the literary circles in the beginning of the 20th century, in the periodical *A Violeta* (1916-1950). *A Violeta* is one of the features of the *Gremio Litterario Julia Lopes*, founded in November 1916 in Cuiabá, Mato Grosso, Brazil. The temporary scope of this research starts in 1920 and finishes in 1934, due to the numerous mentions to the name of Júlia Lopes de Almeida, as for her consecration as a reference for Brazilian Literature (De LUCA, 1999); to her engaging within the feminists' claims; and also to her transatlantic publishing. From the 157 issues of *A Violeta*, among the years 1920 and 1934, 99 were found at 3 archives - The Digital Newspaper and Periodicals Library from The National Library (FBN), The Mato Grosso Public Archive (APMT), and The Personal Collection of Yasmin Nadaf (AYN). The assets of Júlia Lopes de Almeida, highly estimated at this research, were accessed at the Brazilian Academy of Letters (ABL), which holds the Filinto de Almeida file. Filinto de Almeida was Júlia Lopes' husband and one of the founders of the Academy. In addition, the contact with the documents under possession of Júlia Lopes' family was important to cross-check the writings in *A Violeta* with the writings of and about her family. In this sense, other sources were gathered, such as the writer's books, her family's writings, the mentions of her name in the press, besides hers and her family's personal documents. The theoretical framework is supported by the studies of Salomoni (2000;2005), Telles (2012), and Fanini (2016), which portray Júlia Lopes as a subject matter; those which investigate *A Violeta*, mainly Nadaf (1993) and Costa (2018); ones that foster the female writing, notably in El Far (2000), Eleutério (2005) and Woolf (2014); and also Pallares-Burke (1998) and Magaldi e Xavier (2008), whose works comprehends the educational dimension of distinct texts, as it is in reference to *A Violeta*. In terms of methodology, Chartier (2012) and Ferreira (2015) are selected to approach the representations in Literature; the micro-history, as developed by Revel (1998) and Ginzburg (2007), besides the cross-checking of different sources, as exposed in Burke (2011). The results of this research indicate the representations of mother, wife and female writer as the ones elected by the editors of *A Violeta* when referring to Júlia Lopes de Almeida. Under the guidance of women's education, the editors of *A Violeta* devoted themselves to the character modeling of its readers, by selecting and even removing certain excerpts of Júlia Lopes' works, to meet their purposes. Although the framing of the writer under these paradigms did not reflect the totality of her intellectual trajectory, they indeed cooperate to the fostering and dissemination of her works through other places, which, according to this paper, contributed to establish her image in the Brazilian Letters.

Keywords: Júlia Lopes de Almeida. *A Violeta*. Female writing. Educational dimension of distinct texts.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 —	Nomenclatura atribuída ao acervo da escritora	24
Figura 2 —	Recortes periódicos – scrapbook	25
Figura 3 —	Recortes periódicos – scrapbook	25
Figura 4 —	Páginas de <i>A Violeta</i> , ed. 176, 30/03/1930	26
Figura 5 —	Páginas de <i>A Violeta</i> , ed. 176, 30/03/1930	26
Figura 6 —	Localização de <i>A Violeta</i> nos referenciais teóricos	28
Figura 7 —	Ilustração na página 31 da revista <i>Walkyrias</i> , em julho de 1937	42
Figura 8 —	Casal Almeida e filhos	52
Figura 9 —	Dedicatória de Livro das Noivas (1896)	54
Figura 10 —	Capa de <i>A casa verde</i>	55
Figura 11 —	Foto do casal Júlia e Filinto (s.d) na edição 12 da revista <i>A Cigarra</i> (SP), em 1959	55
Figura 12 —	Folha de rosto e dedicatórias em <i>Dona Júlia</i> (1938)	56
Figura 13 —	Página 3 da edição 337, 26/11/1946	57
Figura 14 —	Ilustração da família na edição 9 da revista <i>Serões</i> , em março de 1906	58
Figura 15 —	Notícia de <i>O Globo</i> em maio de 1939	60
Figura 16 —	Dedicatórias	62
Figura 17 —	Recorte de <i>Brasil Ilustrado</i> (1908-1950)	65
Figura 18 —	Recorte da página 26 da edição 24 da <i>Revista da Semana</i> em 1921	68
Figura 19 —	Página 11 da edição 800 de <i>O Malho</i>	69
Figura 20 —	Recorte de postal com fotografia do Arco do Triunfo, em 1928	71
Figura 21 —	Localização espacial da residência do casal Almeida em Paris	71
Figura 22 —	Avenida Freidland, n.8, em julho de 2021	72
Figura 23 —	Aquarela de Rodolfo Amoedo	72
Figura 24 —	Primeira página do conto “Os porcos”	73
Figura 25 —	Dedicatória de <i>O Dote</i>	74
Figura 26 —	Recorte da página 28 da edição 42 da <i>Revista da Semana</i> em 1917	74
Figura 27 —	Recorte da página 33 de <i>Careta</i> , em 1912	75
Figura 28 —	Recorte da página 37 de <i>Fon Fon</i> , em 1912	76
Figura 29 —	Imagens de Júlia Lopes de Almeida veiculadas nos periódicos	83
Figura 30 —	Texto “Kaveling 587” na <i>Deustsch-Brasilianische Illustrierte</i> , p.11	86

Figura 31 —	Recortes da página 3 da edição 118, em 1913	88
Figura 32 —	Página 33 da edição 50 da <i>Revista da Semana</i> em 1915	90
Figura 33 —	Falsa página de rosto de <i>Memórias de Marta</i>	95
Figura 34 —	Recorte da seção “Gazetilha Litteraria” da edição 129 de <i>A Semana</i>	98
Figura 35 —	Recorte da 1ª página da edição 2476 de <i>Commercio de Portugal</i>	99
Figura 36 —	Anúncio da Livraria Francisco Alves na edição 78 da <i>Revista Feminina</i>	102
Figura 37 —	Recorte da edição 11 da revista <i>Fon Fon</i> em 1914	104
Figura 38 —	Capa do álbum manuscrito e encadernado com textos dedicados à Escritora	105
Figura 39 —	Recorte da página 74 da edição 56 da <i>Revista Municipal</i>	105
Figura 40 —	Carta de Stella Leonardos a Margarida	106
Figura 41 —	Recorte da edição 17463 em 1912	109
Figura 42 —	Recorte da edição 24 da revista <i>FonFon</i>	110
Figura 43 —	Recorte da edição 38 da <i>Revista da Semana</i>	111
Figura 44 —	Recorte da seção Atualidades da edição 14 do periódico <i>Mascara</i>	112
Figura 45 —	Página 2 da edição 21 de <i>O Exemplo</i>	112
Figura 46 —	Recorte da edição 30 da revista <i>Fon Fon</i> , em 1920	114
Figura 47 —	Página 2, da edição 13937 de <i>O Paiz</i>	116
Figura 48 —	Passaporte de Júlia Lopes de Almeida (década de 1930)	118
Figura 49 —	Dedicatórias a Visconde de Moraes	128
Figura 50 —	Dedicatórias a Visconde de Moraes	128
Figura 51 —	Página 7 de <i>Mãe</i> (1945)	131
Figura 52 —	Páginas 11 e 12 de <i>Esphinges</i> (1903)	133
Figura 53 —	Páginas 11 e 12 de <i>Esphinges</i> (1903)	133
Figura 54 —	Recorte da página 2 de <i>A Semana</i> , 9/9/1893	141
Figura 55 —	Recorte da 1ª página da <i>Ilustração Brasileira</i> de 1 de fevereiro de 1911	148
Figura 56 —	Recortes do texto “Julia Lopes de Almeida – sua estadia nesta capital” extraído da edição 133 do <i>Diário da Manhã</i> , p. 2	149
Figura 57 —	Recorte do periódico <i>La Nación</i> (AR), s.d	151
Figura 58 —	Recorte da página 9 da edição 6 de <i>Os Anais</i>	152
Figura 59 —	Recorte da página 1 da edição 10993 de <i>Diário do Maranhão</i>	154

Figura 60 —	Anúncio de <i>Ânsia Eterna</i> em <i>O Malho</i> ed.14	156
Figura 61 —	Página 250 do Almanaque Brasileiro Garnier, edição 1, 1903	158
Figura 62 —	Recorte da página 4 da edição 2300 de <i>A Noite</i>	167
Figura 63 —	Recorte da página 3 da edição 178 de <i>A República</i>	167
Figura 64 —	Recorte da 1ª página da edição 177 de <i>A República</i>	169
Figura 65 —	Recorte da edição 6 da Revista da Semana	171
Figura 66 —	Busto de Júlia Lopes de Almeida em Lisboa, Portugal	172
Figura 67 —	Busto de Júlia Lopes de Almeida em Lisboa, Portugal	172
Figura 68 —	Recorte da página 6 da edição 210 de Pacotilha (MA)	174
Figura 69 —	Recorte da edição 43 de <i>Máscara</i> , p. 27 e 28	183
Figura 70 —	Recorte da página 6 de <i>A Imprensa</i> edição 1393	185
Figura 71 —	Recorte da página 16 da edição 424 de <i>Careta</i>	187
Figura 72 —	Recorte da página 4 da edição 661 de <i>Careta</i>	189
Figura 73 —	Carteira de sócia da ABI	195
Figura 74 —	Página 9 da edição 30 de <i>A Violeta</i>	198
Figura 75 —	Recorte das páginas 2 e 3 da edição 7 de <i>A Violeta</i>	201
Figura 76 —	Capa da 1ª edição de <i>A Violeta</i>	207
Figura 77 —	Capa da edição 7 de <i>A Violeta</i>	220
Figura 78 —	Capa e primeira página da edição 330 de <i>A Violeta</i>	221
Figura 79 —	Capa e primeira página da edição 330 de <i>A Violeta</i>	221
Figura 80 —	Edições 109 e 184 de <i>A Violeta</i>	222
Figura 81 —	Edições 109 e 184 de <i>A Violeta</i>	222
Figura 82 —	Recorte da página 12 da edição 44	222
Figura 83 —	Folha de rosto de “Álvares de Azevedo”	225
Figura 84 —	Anúncio da Livraria Globo	226
Figura 85 —	Rodapé da página 2 da edição 44	227
Figura 86 —	Anúncio na edição 416 do <i>Jornal do Commercio</i> (MT)	227
Figura 87 —	Recorte da página 4 da edição 531 de <i>O Republicano</i>	228
Figura 88 —	Dados demográficos do estado de Mato Grosso (1870-2010)	231
Figura 89 —	1ª página da edição 217 de <i>A Violeta</i>	242
Figura 90 —	2ª capa de <i>A Violeta</i> , edição 316	245
Figura 91 —	2ª capa da edição 128 de <i>A Violeta</i>	248

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 —	Consulta aos trabalhos no CBHE e na ANPED	36
Quadro 2 —	Lista de obras de Júlia Lopes de Almeida publicadas pela Editora Mulheres	45
Quadro 3 —	Incidências de periódicos por estado na Hemeroteca Digital da FBN – 1920-1929	84
Quadro 4 —	Incidências de periódicos por estado na Hemeroteca Digital da FBN – 1930-1939	84
Quadro 5 —	Folhetins assinados por Júlia Lopes de Almeida	91
Quadro 6 —	Obras publicadas 1886 – 1909	92
Quadro 7 —	Obras publicadas – 1910 – 1919	93
Quadro 8 —	Obras publicadas 1920 – 2016	94
Quadro 9 —	Dedicatórias em <i>Ânsia Eterna</i>	129
Quadro 10 —	Livros que compõem a Coleção Escritoras do Brasil	136
Quadro 11 —	Locais visitados por Júlia Lopes de Almeida	150
Quadro 12 —	Escritoras que receberam o Prêmio Machado de Assis	190
Quadro 13 —	Diretoras de <i>A Violeta</i>	211
Quadro 14 —	Seções de <i>A Violeta</i>	217
Quadro 15 —	Oscilações na periodicidade – <i>mensal</i> - de <i>A Violeta</i>	223
Quadro 16 —	Tipografias de <i>A Violeta</i> (1920-1934)	224
Quadro 17 —	Cartas enviadas por Júlia Lopes de Almeida	237
Quadro 18 —	Júlia Lopes de Almeida em <i>A Violeta</i>	239
Quadro 19 —	Júlia Lopes de Almeida – sujeito em <i>A Violeta</i>	240
Quadro 20 —	Textos assinados por Filinto de Almeida e filhos	246
Quadro 21 —	Júlia Lopes de Almeida – agente em <i>A Violeta</i> (1920-1934)	249
Quadro 22 —	Categorias para a análise dos textos escritos por Júlia Lopes de Almeida publicados em <i>A Violeta</i>	250
Quadro 23 —	Temáticas para categoria <i>modelo a seguir</i>	281
Quadro 24 —	Consulta a trabalhos com a chave “ <i>A Violeta</i> ”	328
Quadro 25 —	Consulta a trabalhos realizados com a chave “Júlia Lopes de Almeida”	329
Quadro 26 —	Edições disponíveis década de 1920	334

Quadro 27 —	Edições disponíveis década de 1930	337
Quadro 28 —	Cartas de Júlia Lopes de Almeida à redação de <i>A Violeta</i>	339
Quadro 29 —	Cartas de familiares de Júlia Lopes de Almeida – Margarida Lopes de Almeida	339
Quadro 30 —	Fortuna crítica de Júlia Lopes em <i>A Violeta</i>	340
Quadro 31 —	Educação feminina por Júlia Lopes de Almeida em <i>A Violeta</i>	340
Quadro 32 —	Ilustrações de Júlia Lopes de Almeida	341
Quadro 33 —	Ilustrações da família – Margarida e Filinto de Almeida	341
Quadro 34 —	Temas variados assinados por Júlia Lopes de Almeida	342
Quadro 35 —	Conselhos de Júlia Lopes de Almeida	342
Quadro 36 —	Edições que publicaram a Conferência em Buenos Aires	343
Quadro 37 —	Textos literários de Júlia Lopes de Almeida	344
Quadro 38 —	Textos literários assinados pela família de Júlia Lopes de Almeida	345
Quadro 39 —	Menções a obras de Júlia Lopes de Almeida	346
Quadro 40 —	Fortuna crítica de familiares de Júlia Lopes de Almeida em <i>A Violeta</i>	347

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
AML -MA	Academia Maranhense de Letras
AML - MT	Academia Mato-grossense de Letras
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
APM	Arquivo Público Mineiro
APMT	Arquivo Público de Mato Grosso
AYN	Arquivo Pessoal da Professora Yasmin Nadaf
BCBM	Biblioteca Casa Barão de Melgaço
Cap-UERJ	Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBHE	Congresso Brasileiro de História da Educação
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
EERA	European Educational Research Association
ESCTRAD	Escritório Modelo de Tradução Ana Cristina César
FCRB	Fundação Casa de Rui Barbosa
FBPF	Federação Brasileira pelo Progresso Feminina
FAJLA	Fundo Filinto de Almeida - Série Júlia Lopes de Almeida
GRUPEEL	Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação
HEDSS	History of Education Doctoral Summer School
IEG	Instituto de Estudos de Gênero
IHGMT	Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso
ISCHE	International Standing Conference for the History of Education
LBA	Legião Brasileira de Assistência
NDHIR	Núcleo de Documentação e Informação Histórico Regional de Mato Grosso
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
UERJ	Universidade do Rio de Janeiro
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFF	Universidade Federal Fluminense
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo
UUF	União Universitária Feminina

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	20
1	COLECIONANDO IMAGENS DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: APONTAMENTOS BIOGRÁFICOS	42
1.1	<i>D. Júlia Lopes D’Almeida: sagrada filha, esposa e mãe</i>	50
1.2	<i>A salonista D. Júlia, “uma sábia conselheira”</i>	63
1.3	Viver da pena: Júlia Lopes de Almeida e a literatura como profissão	78
1.4	<i>D. Júlia e a pauta feminista: aproximações</i>	107
2	AS EXPERIÊNCIAS DE ESCRITA DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA E O CÂNONE LITERÁRIO	118
2.1	Júlia Lopes de Almeida e as mulheres escritoras: um manifesto feminino	125
2.2	Circulação da obra Almeidiana: o papel de Júlia Lopes de Almeida em sua ascensão	147
2.3	Apagamento e emersão: as relações entre Júlia Lopes de Almeida, o cânone e o Gremio Litterario Julia Lopes	178
2.3.1	<u>Um silogeu possível</u>	196
3	JULIA LOPES DE ALMEIDA NA CENA EDUCATIVA DE MATO GROSSO: SUJEITO, AGENTE E MODELO A SEGUIR EM “A VIOLETA (1920-1934)”	203
3.1	A Violeta: orgam do Gremio Litterario Julia Lopes (1920-1934) – uma revista de mulheres para mulheres	206
3.1.1	<u>A operação historiográfica na revista</u>	214
3.2	Mato Grosso e o afã de modernização do início do século XX: cenário de criação de A Violeta	229
3.3	Representações de Júlia Lopes de Almeida em A Violeta: sujeito, agente e referente	235
3.3.1	<u>Júlia Lopes de Almeida – sujeito em A Violeta</u>	239
3.3.2	<u>Julia Lopes de Almeida – agente em A Violeta</u>	248
3.3.3	<u>Júlia Lopes de Almeida – um modelo a seguir em A Violeta</u>	271
3.3.3.1	<u>Afinal, a quem se destinava este modelo de mulher, mãe e esposa em A Violeta?</u>	274

CONSIDERAÇÕES FINAIS	293
REFERÊNCIAS	299
APÊNDICE A – Pesquisas no Banco de Teses e Dissertações da CAPES (BDTD – CAPES)	328
APÊNDICE B – Edições localizadas de <i>A Violeta</i> nos acervos disponíveis para consulta – FBN, APMT e AYN.....	334
APÊNDICE C – Incidências do nome de Júlia Lopes de Almeida, sua família e suas obras divididas por assunto, entre os anos de 1916 e 1950.....	339

INTRODUÇÃO

Muito embora o desejo da escrita sempre estivesse associado à minha personalidade quando criança, na adolescência me senti pressionada por diversos fatores a buscar alternativas. O meu percurso acadêmico teve início em 2004, no curso de Comunicação Social/ Publicidade e Propaganda - na Universidade Federal Fluminense (UFF). Apesar de ter cursado 5 dos 8 períodos de duração do curso, não percebi em mim a vocação necessária para fazer carreira na área, desenvolvendo apenas o planejamento dos projetos em que me envolvi, ou seja, a parte escrita. Por este motivo, inscrevi-me no vestibular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e em 2007 e fui aprovada para o curso de Letras-Inglês/Literaturas.

Ao longo dos 5 anos do curso de Letras, muito aprendi sobre as Línguas Inglesa e Portuguesa, sobre a Linguística, as Teorias literárias, a Produção textual, as Literaturas de Inglesa, Norte-Americana, Portuguesa e Brasileira. Em maio de 2009, tive a oportunidade de integrar a equipe do Escritório Modelo de Tradução Ana Cristina César (ESCTRAD), sob a orientação e supervisão da tão querida e por mim estimada Prof.^a Dra. Maria Aparecida Andrade Salgueiro. Para além de traduções e versões técnicas, me foi oferecida a oportunidade de organizar catálogos e banco de dados de eventos dos quais o grupo participaria e, mais, de bibliografias diversas.

Através do ESCTRAD, publiquei dois trabalhos na *Amostra de Pesquisa e Extensão – UERJ Sem Muros*, sendo um no ano de 2009 e outro no ano de 2010. Estes trabalhos foram apresentados em formato de pôster, registrando as pesquisas desenvolvidas ao longo dos semestres. No ano de 2011 iniciei o curso das disciplinas na Faculdade de Educação e os estágios supervisionados no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Neste momento específico – a atuação no CAp-UERJ – a minha ânsia por pesquisa se tornou menos literária e mais educacional, pois, até este ponto, a Literatura Norte-Americana era a minha escolha para uma possível pós-graduação, muito por conta do convívio com os trabalhos da Prof.^a Dra. Maria Aparecida Andrade Salgueiro, expoente no campo dentro da UERJ e em outros âmbitos.

Sob orientação da Prof.^a Dra. Renata Lopes de Almeida, que, naquele momento atuava no Colégio de Aplicação, desenvolvi um trabalho a respeito do uso do livro didático de inglês nas escolas públicas, descobri meu interesse pela leitura e, mais, pela História da leitura e do livro didático no Brasil.

Enquanto cursava esta disciplina (*Estágio Supervisionado V*), cursei também o *Estágio Supervisionado VI*, coordenado pela Prof.^a. Dra. Andrea da Silva Marques Ribeiro (CAP-UERJ). Ali, sob o desenvolvimento de um trabalho com a temática “estratégias de leitura de Língua Inglesa”, tornou-se mais forte o meu desejo de pesquisar, efetivamente, a leitura.

Em março de 2012, fui convocada, ao mesmo tempo, para integrar o quadro funcional, como Professor I – Inglês, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, onde exerço função atualmente, e para o Colégio Pedro II, em regime de contratação temporária, no cargo de Professor Substituto de Inglês. No Colégio Pedro II, permaneci até janeiro de 2014. Lá, novamente pude estar em contato com a leitura, mas, dessa vez, como habilidade e gênero textual. Na SME/RJ, atuei nos anos finais do Ensino Fundamental (8º e 9º anos), assim como nos anos iniciais (1º a 4º ano) e ainda na equipe gestora da escola. No Colégio Pedro II, atuei tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio.

Em setembro de 2012, me inscrevi no processo seletivo para o curso de Mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação/UERJ (ProPed) com o plano de trabalho intitulado: “Leitura na Escola Primária dos Séculos XIX/XX: um olhar parnasiano na origem da literatura infantil através das obras de Francisca Júlia da Silva” e , em abril do ano seguinte, iniciei o curso no âmbito da linha de pesquisa *Instituições, Práticas Educativas e História*, passando a integrar o Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação (GRUPEEL/CNPQ), coordenado pela Prof.^a Dra. Márcia Cabral da Silva.

A partir deste momento, aproximei-me dos mais variados campos da História: historiografia do livro infantil e juvenil, História da literatura infantil; História da profissão docente; História da política em tempos da Primeira República; História do impresso; História dos intelectuais; História das políticas públicas em Educação no entresséculos (séculos XIX/XX); História da Educação; História cultural; História da imprensa; História editorial e História das mulheres – o que me permitiu desenvolver a pesquisa cercando-me das entradas possíveis.

A qualificação se deu em abril de 2015, com arguição da Prof.^a Dra. Márcia Cabral da Silva e da Prof.^a Dra. Estela Natalina Mantovani Bertoletti. No dia 14 de Outubro de 2015, com Banca Examinadora composta por: Prof.^a Dra. Márcia Cabral da Silva, Prof.^a Dra. Ana Chrystina Venancio Mignot, Prof.^a Dra. Estela Natalina Mantovani Bertoletti, Prof.^a Dra. Heloísa Helena Meirelles dos Santos e Prof.^a Dra. Nailda Marinho da Costa, defendi a dissertação intitulada *Os deveres do pequeno cidadão em Alma Infantil: versos para uso das escolas (1912)*, cuja pesquisa se desenvolveu a partir do impresso *Alma Infantil*, livro produzido

para a escola primária paulista pela poetisa Francisca Júlia da Silva em parceria com seu irmão, o poeta Júlio César da Silva.

Observadas as produções bibliográficas de Francisca Júlia e a fortuna crítica a ela destinada, foi possível interrogar o objeto e a fonte ancorada nos estudos de Marisa Lajolo (1982; 1984; 1988), Regina Zilberman (1988), Marta Carvalho (1989), Márcia Cabral da Silva (2010), Estela Bertoletti (1997), especialmente; e na metodologia proposta por Maria do Rosário Mortatti (2001).

A pesquisa a partir do impresso – *Alma Infantil* – permitiu a interrogação de outros impressos, a exemplo dos periódicos, que, naquele momento, conformaram uma via de entrada e uma espécie de requisito a se cumprir por aqueles que seriam vistos como intelectuais da chamada República das Letras (MICELI, 2015). Dito isto, a produção para a imprensa de Francisca Júlia da Silva também importava.

Nesse contexto, foi possível estar em contato com alguns jornais e revistas com os quais a poetisa colaborava, a exemplo de *A Mensageira – Revista literária dedicada à mulher brasileira* (1897-1900)³. Dentre as colaboradoras da revista, figuram os nomes de Júlia Cortines, Zalina Rolim e Júlia Lopes de Almeida. Naquele momento, foi possível perceber algumas similaridades entre as trajetórias das escritoras, principalmente no que tange as suas trajetórias intelectuais.

Em 2018, atuando novamente como Professora substituta de Inglês no Colégio Pedro II, manifestei meu interesse em retornar para o grupo de pesquisa (GRUPEEL/CNPQ) a um de seus membros⁴, que na época atuava como docente na mesma instituição. Assim, passei a frequentar as reuniões do GRUPEEL/CNPQ como ouvinte, com a finalidade de observar as discussões e ampliar meu repertório teórico e metodológico, com vistas a elaboração de um projeto de pesquisa, com vistas a ingressar no doutorado.

Em 2019, retornei ao Programa para o curso de doutorado, inicialmente com o projeto “O poema, a pena, a libertação: a atuação das “machonas” Francisca Júlia, Júlia Cortines e Júlia Lopes de Almeida nos periódicos (1880 – 1930)”. Neste texto, a proposta consistia na pesquisa

³ Considerada uma das primeiras revistas editadas por mulheres no Brasil, teve vida curta, com apenas 36 números. O primeiro, em 15/10/1897 e o último em 15/01/1900. Entre as principais temáticas abordadas por suas colaboradoras, destacam-se os feitos pelas mulheres dentro e fora do lar, nas ciências, nas artes e na literatura. Ilumina-se também a abolição da escravatura e o voto feminino. Fonte: Dossiê Periódicos e Literatura.

⁴ Aqui refiro-me a Mariana Elena Pinheiro dos Santos Souza, que atuava nos anos iniciais no mesmo campus – São Cristóvão.

acerca das contribuições para a educação de mulheres através dos periódicos nos quais as referidas escritoras publicaram⁵.

Não foi apenas na Literatura que as relações entre as três Júlias se destacaram. Aponta a historiografia que Júlia Lopes e Júlia Cortines eram *amigas íntimas*, tendo sido Júlia Cortines quem convidou Júlia Lopes de Almeida para colaborar com *A Mensageira*: “Acabo de receber um convite de Júlia Cortines para colaborar numa revista dedicada às mulheres. Descanse! Há uma seção de modas, é uma revista no gênero da *Femina*...” (RIO, 1907, p. 33).

Luiz Ruffato, no prefácio de Almeida (2019), indica que Júlia Lopes e Francisca Júlia guardavam relações extra-literárias, tanto que Júlia Lopes dedica um conto publicado na revista à Francisca Júlia, conto este que integrou o volume *Ânsia Eterna*, publicado em 1903.

Estas mulheres que foram analisadas *a priori* são citadas em um artigo escrito pelo intelectual Lúcio de Mendonça⁶, que aborda, sumariamente, a tentativa de inserção das três na Academia Brasileira de Letras (ABL). Trata-se do artigo “As três Júlias”, publicado pela primeira vez, como aponta Fanini (2009), no *Jornal da República* em março de 1897, e, novamente, no *Almanaque Garnier* em março de 1907.

No artigo, Lúcio de Mendonça dá destaque àquelas que julgou dignas de integrar o quadro de membros da Academia Brasileira de Letras: “(...) as tres mais notaveis de nossas escriptoras de hoje – Julia Lopes, Julia Cortines e Francisca Júlia.” Esta notoriedade se justifica, sob a ótica do intelectual, pois “(...) observamos que há nas tres uma feição comum - a índole máscula de seu talento.” (MENDONÇA, 1907, p. 246).

A partir daí, este estudo inclinou-se para os “porquês” que justificaram a não seleção das intelectuais para a Academia Brasileira de Letras. Neste momento, ainda que de forma menos densa, foi possível o acesso aos percursos biográficos e bibliográficos das duas outras escritoras, Júlia Cortines e Júlia Lopes de Almeida.

Por mais interessante que a pesquisa acerca das *três Julias* me parecesse, foi preciso analisar mais cautelosamente o binômio fonte e viabilidade da pesquisa. Neste sentido, empreender uma investigação que desse conta de analisar, igualmente, as três escritoras, se tornou tarefa inviável, por conta da desproporcionalidade entre elas, seja em termos bibliográficos quanto em termos de fortuna crítica produzida.

⁵ Nos limites desta pesquisa preliminar, os periódicos mapeados somavam 4 para Júlia Cortines; 18 para Francisca Júlia da Silva e 20 para Júlia Lopes de Almeida.

⁶ **Lúcio de Mendonça (1854-1909)** foi advogado, jornalista, magistrado, contista e poeta e membro fundadora ABL, onde ocupou a cadeira número 11.

Em um segundo momento, quando da reconfiguração do projeto de pesquisa, os esforços empreendidos visaram à investigação de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) e sua figura enquanto intelectual na Primeira República, especialmente nos 14 anos que antecedem sua morte, em 1934.

O *Arquivo Múcio Leão* da Academia Brasileira de Letras (ABL) é o local de guarda do espólio de Júlia Lopes, o qual se encontra integrado ao arquivo de seu marido - Fundo Filinto de Almeida-, imortal da Academia. De acordo com Machado (2017), houve duas doações feitas pelo Dr. Cláudio Lopes de Almeida, neto da escritora: uma em 2008, de documentos que se referiam ao escritor Filinto de Almeida e da filha do casal, Margarida Lopes de Almeida; e em 2010, do arquivo da avó, Júlia Lopes de Almeida, com vasta documentação que incluía cartas, jornais, fotografias, manuscritos, entre outros.

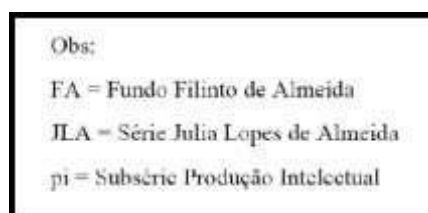
(...) por ser um acervo extremamente precioso, cobiçado por instituições como a Fundação Casa de Rui Barbosa e o Instituto Moreira Salles, ele fez ver ao Dr. Claudio que, já estando na Academia o legado de Filinto de Almeida, seria muito conveniente um arquivo do casal e que a Casa pudesse, postumamente, também celebrar as bodas de Filinto e de Julia Lopes de Almeida. Falou que o Dr. Claudio sensibilizou-se com este argumento e que, em breve, os acadêmicos receberão o detalhamento do maravilhoso arquivo doado à Academia. (ABL, 2010, p. 80).

Machado (2017, p. 43-44) indica ainda que o espólio de Júlia Lopes esteve sob a guarda de três membros da família Almeida antes de integrar o arquivo de Filinto:

Segundo o Dr. Cláudio, após o falecimento de Filinto, em 1945, todo o acervo do mesmo foi custodiado por sua filha, Margarida Lopes de Almeida, inclusive os documentos referentes à Júlia Lopes. Após a morte de Margarida, em 1983, toda a documentação foi deixada para seu sobrinho, o Dr. Cláudio de Almeida.

O espólio de Júlia Lopes de Almeida encontra-se sob a sigla FAJLA, como evidencia a figura 1 seguir:

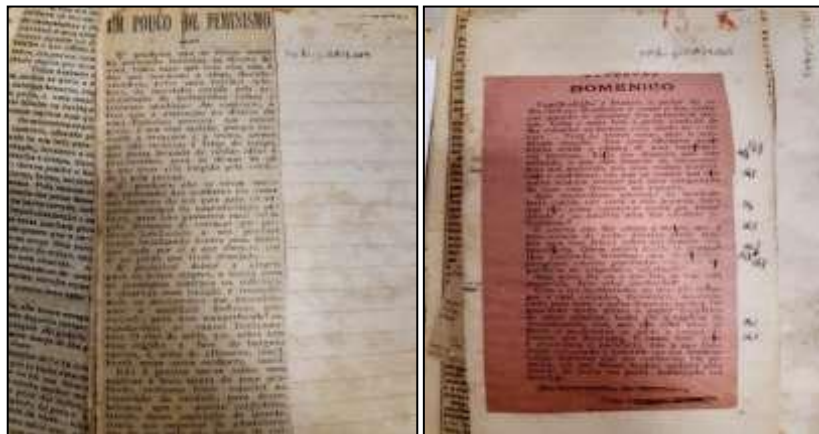
Figura 1 – Nomenclatura atribuída ao acervo da escritora



Fonte: Fundo Filinto de Almeida – Arquivo Múcio Leão/ABL

Em um primeiro momento, foi possível observar uma expressiva quantidade de documentos nas pastas “correspondências de terceiros e correspondências pessoais” e “hemeroteca”. Com relação à última, chamou-me a atenção a forma como se apresentam os documentos (trechos e páginas de jornais e revistas), os quais estão dispostos em uma espécie de scrapbook⁷.

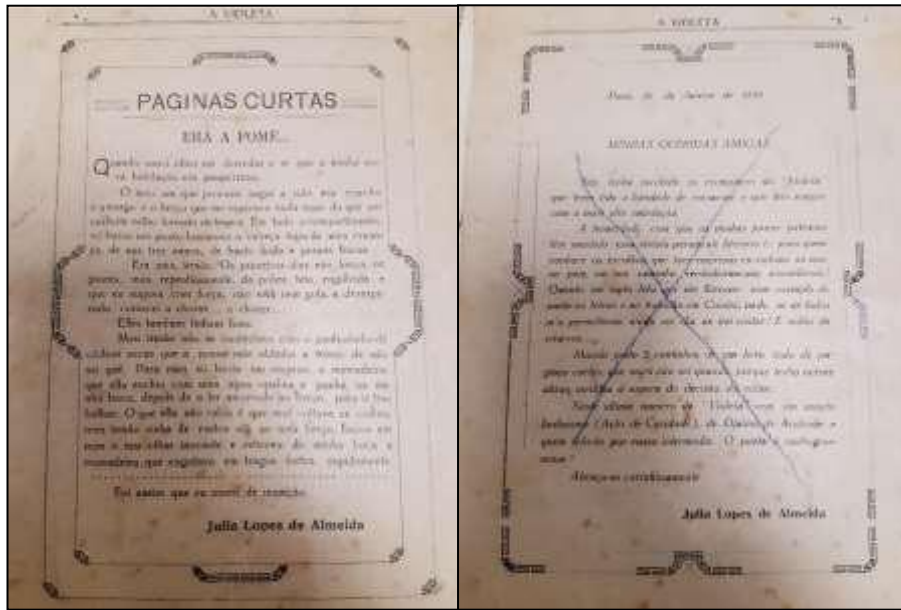
Figuras 2 e 3 – Recortes periódicos – *scrapbook*



Fonte: Filinto de Almeida – *Série Júlia Lopes de Almeida*
Arquivo Múcio Leão/ABL

Desses recortes, dois estampavam o nome de *A Violeta*, periódico feminino cuiabano veiculado na primeira metade do século XX. Em um deles, um texto em prosa; e, no outro, uma carta às editoras, carta essa que me chamou a atenção por seu teor íntimo, em primeiro lugar, e por seu conteúdo – o possível lançamento de um livro da escritora através das páginas da revista.

⁷ Técnica utilizada para o armazenamento e coleção de recortes de jornais, revistas, fotos, organizados em álbuns, cadernos ou livros.

Figuras 4 e 5 – Páginas de *A Violeta*, ed. 176, 30/03/1930

Fonte: Filinto de Almeida- Série Júlia Lopes de Almeida Arquivo Múcio Leão/ABL

A partir deste momento, a pesquisa inclinou-se para os estudos que tomam a imprensa feminina periódica como fonte de estudo. Após a análise preliminar da projeção de *A Violeta* no cenário da imprensa feminina, da pesquisa acerca dos acervos que a guardam, e do mapeamento dos exemplares disponíveis para consulta, *A Violeta* configurou-se em uma via documental possível de investimento para este trabalho.

Assim sendo, algumas questões emergiram ao conjugar a fonte principal e Júlia Lopes de Almeida, a saber: Quem foi Júlia Lopes de Almeida no cenário literário nacional da Primeira República? Quais foram as contribuições da escritora para a Literatura e para a imprensa? Que imagens da escritora eram veiculadas na imprensa? Qual é a relação entre Júlia Lopes de Almeida e o cânone? Em que consistia sua escrita? De que forma Júlia atuou na divulgação de sua escrita? Que relações mantinha com os demais escritores e escritoras, especialmente? Por que Júlia Lopes de Almeida foi escolhida como patrona de *A Violeta*? O que representava a revista *A Violeta* no cenário mato-grossense do início do século XX? Como a veiculação do nome da escritora em *A Violeta* lhe poderia ser vantajosa? De que maneira Júlia Lopes de Almeida foi projetada na revista? Que relação(ões) mantinha a escritora com a revista?

A tomada dos periódicos como fonte e objeto de estudos é recente, tendo início na década de 1970 (MARTINS; DE LUCA, 2018). De maneira geral, os primeiros estudos propuseram uma abordagem de um maior valor quantitativo do que qualitativo, isto é, importava a longevidade, a popularidade e as expressivas tiragens para que um ou outro periódico fosse eleito objeto de investigação histórica.

Martins e De Luca (2018) indicam que foi a partir das iniciativas do IEB (Instituto de Estudos Brasileiros), no final da década de 1970, que os estudos sobre os periódicos ganharam força, muito embora estudos seminais, tais como a *História da Imprensa no Brasil*, de Nelson Werneck Sodré⁸, publicado pela primeira vez em 1966, tenham contribuído para a constituição do arcabouço teórico que hoje compartilhamos nos estudos sobre o periodismo no Brasil.

No final do século XX, surgem os trabalhos acerca da imprensa brasileira que abordam aspectos socioculturais. Sob a perspectiva da Nova História Cultural, o que permitiu a tomada do periódico como fonte e objeto de estudo, os aspectos inerentes à sua composição – a edição, o conteúdo, a divulgação, o financiamento – também passaram a ser entendidos como parte constituinte da história por ele contada. Conforme salienta De Luca (2011, p. 2),

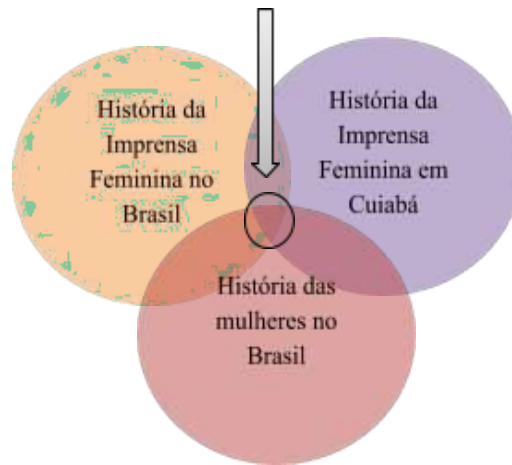
(...) o conteúdo de jornais e revistas não pode ser dissociado das condições materiais e/ou técnicas que presidiram seu lançamento, dos objetivos propostos, do público a que se destinava e das relações estabelecidas com o mercado, uma vez que tais opções colaboram para compreender outras, como formato, tipo de papel, qualidade da impressão, padrão da capa/página inicial, periodicidade, perenidade, lugar ocupado pela publicidade, presença ou ausência de material iconográfico, sua natureza, formas de utilização e padrões estéticos.

Neste sentido, levar a cabo a investigação de um periódico tal qual o eleito como fonte principal para esta pesquisa – *A Violeta*, é apropriar-se de grande parte – senão todos – dos aspectos que circunscrevem a revista, haja vista sua localização histórica, cultural e social na historiografia da imprensa.

Sobre este lugar que *A Violeta* ocupa, observam-se três *locus* principais e essenciais, os quais permeiam a imprensa e as mulheres como sujeitos e objetos. Sendo assim, o periódico localiza-se na intersecção de três campos da História, como mostra a figura a seguir:

⁸ Ressalta-se que a obra do autor, grosso modo, estabelece as relações entre a imprensa e o capitalismo, o trabalhismo, os movimentos operários, o anarquismo, entre outros. Resumidamente, a obra imprime um caráter econômico e político aos estudos sobre o periodismo brasileiro, contracenando com os movimentos em voga à época, os quais estampavam a imprensa periódica naquele momento, em sua maioria.

Figura 6 - Localização de *A Violeta* nos referenciais teóricos



Fonte: diagrama elaborado pela autora (2023).

Para além de *A Violeta*, foram mobilizadas outras fontes necessárias para o desenvolvimento desta pesquisa, tais como periódicos diversos, livros de Júlia Lopes de Almeida, livros escritos pelo marido e pelos filhos de Júlia Lopes, cartas, escritos biográficos, imagens, documentos pessoais de Júlia Lopes e da família, telegramas, textos em homenagem à escritora e alguns manuscritos.

Estabelecidos o sujeito e objeto – Júlia Lopes de Almeida – e a fonte principal – *A Violeta*, era necessário tratar da temporalidade da pesquisa, que contempla os anos de 1920 a 1934. O recorte temporal adotado, de 14 anos, se constitui com base em 4 aspectos principais: o surgimento de *A Violeta* (1916); a consagração de Júlia Lopes de Almeida como referência na literatura brasileira (DE LUCA, 1999) da Primeira República; o engajamento com as causas feministas; e as contribuições/produções bibliográficas que atravessaram o Atlântico; por ser a década de 1920 o momento em que se encontram as maiores incidências no nome da escritora na revista; e mais, por ser 1934 o ano de falecimento de Júlia Lopes de Almeida, apesar de a assinatura da escritora e as referências a seu nome perpetuarem-se até a última edição, em 1950.

A qualificação desta pesquisa ocorreu em fevereiro de 2021, sob arguição das professoras Prof.^a Dra Márcia Cabral da Silva, Prof.^a Dra Mônica Yumi Jinzenji e Prof.^a Dra. Nailda Marinho da Costa. A partir das indicações da banca, foi possível ampliar as perspectivas acerca da delimitação do objeto e da fonte; observar os estranhamentos com a figura da escritora; operar com os recortes espaciais; adensar a pesquisa sobre a redatoras de *A Violeta*; além de ampliar os debates acerca da dimensão educativa do impresso e das representações de Júlia Lopes de Almeida na revista.

Em junho de 2022 fui contemplada com uma vaga para participar do 12th History of Education Doctoral Summer School (HEDSS-12)⁹, sediado na Universidade Complutense de Madri (ESP). Durante o curso, foi possível, além de apreciar trabalhos de pesquisadores de diferentes países, o contato com alguns professores e pesquisadores do European Educational Research Association, o que me permitiu alargar ainda mais as dimensões do meu objeto – Júlia Lopes de Almeida -, e indagar sob a fonte principal – *A Violeta* – sob outras perspectivas.

O objetivo principal desta pesquisa é, pois, observar as imagens¹⁰ de Júlia Lopes de Almeida em *A Violeta*, considerando o periódico como um instrumento não-formal de educação para as mulheres leitoras. No que tange aos objetivos específicos, convém analisar vida e obra da escritora; examinar a sua bibliografia; circunscrever a sua inserção no cânone literário; verificar suas colaborações na imprensa feminina à época, considerando ainda as produções além-mar, indicadas em *A Violeta*, em especial.

Sobre a revista, cumpre analisar sua materialidade, e os motivos pelos quais foi eleita como a mais expressiva revista feminina de seu tempo em Mato Grosso (NADAF, 1993; COSTA, 2018); a criação do grêmio literário que a fundou, financiou e manteve; e a atuação de suas redatoras na constituição do repertório da revista.

Para que a investigação de *A Violeta* se estabelecesse, foi necessário a observação de estudos que tinham como eixos principais: a década de 1920 e 1930, a exemplo da chamada “Primeira onda” feminista, observada sobretudo no início do século XX; a escrita de mulheres; o cânone literário; as leis, os princípios de civilidade e de educação – em especial as que debatiam educação de mulheres; o trabalho feminino; e as representações femininas.

Acompanhando as tendências europeias de moda e consumo, os impressos femininos da primeira metade¹¹ do século XIX dedicavam-se a conteúdos sobre moda, beleza e culinária,

⁹ O evento, subsidiado pela International Standing Conference for the History of Education (ISCHE), ocorreu entre os dias 9 e 12 de junho de 2022, na Faculdade de Educação – Centro de formação do Professorado/ Departamento de Estudos Educativos, da Universidade Complutense de Madri. O curso, além de promover a troca e integração entre os pesquisadores, por meio de debates acerca de suas pesquisas, promoveu visitas a acervos, escolas, entre outros. Importante destacar que, dentre os 25 participantes do evento, eram 3 os brasileiros, sendo dois oriundos da Universidade de São Paulo (USP) e uma da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Na ocasião, apresentei o trabalho intitulado “Júlia Lopes de Almeida’s intellectual trajectory through the magazine *A Violeta* (1920-1934)”.

¹⁰ Ancorado nos pressupostos de Chartier (2002), o termo “imagens” refere-se não ao aspecto iconográfico - também encontrado em *A Violeta* -, mas sim às representações de Júlia Lopes de Almeida na revista, que divulgou de forma ampla e constante diversas visões da escritora, como veremos ao longo deste texto.

¹¹ A transferência da corte portuguesa para o Brasil foi fator responsável por diversas mudanças no país. A exemplo da Europa, a corte trouxe para as terras tropicais o advento da imprensa, já em uso em outros países do continente e nos Estados Unidos. A Imprensa Régia foi criada em 1808 e nela foi editado o primeiro periódico do país, a *Gazeta do Rio de Janeiro*: “O periódico possibilitou [entre outros] a circulação de notícias, embora restritas, por ser um veículo usado para expandir a imagem que convinha à Casa de Bragança (Família de Bragança)” **Fonte:** A Imprensa Régia. História do Brasil/ Multirio.

entendendo a mulher como pertencente à vida social. (BUITONI, 2009). Em 1827, funda-se o periódico *O Espelho Diamantino: Periodico de Politica, Litteratura, Bellas Artes, Theatro e Modas dedicado as Senhoras Brasileiras* no Rio de Janeiro. Em São João Del-Rey, Minas Gerais, a empreitada é seguida por *O Mentor das Brasileiras*, inaugurado em 1829:

O Mentor das Brasileiras, tal como seu antecessor carioca, se propunha a “promover instrução e entretenimento do belo sexo”, sem, no entanto, jamais esquecer que “o destino de uma mulher está compreendido nestes dois títulos não menos nobres, esposa e mãe de um cidadão. (...) guardiã e gestora da intimidade familiar, conjugal e educadora das novas gerações.” (JINZENJI, 2010, p. 14).

Outros surgiram ainda com o intuito de atender às demandas desse mercado consumidor feminino, como o *Espelho das Brasileiras* (1831), em Recife, *A Fluminense Exaltada* (1832 - 1846), no Rio de Janeiro e *A Filha do Timandro* (ou *A Brasileira Patriótica*, 1848), também na cidade. Apenas em 1852, com o surgimento de *O Jornal das Senhoras*¹² (1852 – 1855), que circulou no Rio de Janeiro, questões relativas à emancipação feminina seriam discutidas.

Neste primeiro momento, a imprensa feminina funcionava em condições precárias e os periódicos tinham curta duração. (DUARTE, 2016). Por esta razão, levou algum tempo para firmar-se na imprensa, até mesmo porque a maioria de suas colaboradoras se mantinha no anonimato. Ademais, muitos destes periódicos eram financiados pelas próprias proprietárias, como *O Domingo* (1873 - 1875), de Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco¹³, e *Álbum das Meninas* (1898-1901), de propriedade da professora Anália Franco.

Na década de 1870, em um segundo momento, há uma inclinação mais evidente a questões emancipatórias femininas, tais como o direito à educação, à profissão e ao voto. Em uma terceira etapa, a imprensa feminina da primeira metade do século XX se destaca principalmente por duas vertentes: a moda e o culto à beleza feminina, especialmente através das fotografias, divulgando padrões de comportamento e beleza a serem seguidos pelas leitoras; e a reivindicação dos direitos das mulheres, destacando-se o direito ao voto.

As chamadas revistas de variedade, tais como a *Revista Feminina* (1914 – 1936), periódico de destaque na historiografia da imprensa feminina no Brasil - se expandiram, em certa medida, muito por seu caráter comercial, como aponta Santos (2011, p. 25) a respeito do

¹² O periódico circulou entre 1852 e 1855, sob direção de Joana Paula Manso de Noronha, em um primeiro momento; por Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco; e encerrando os trabalhos sob a redação de Gervásia Nunezia Pires dos Santos Neves.

¹³ Como aponta estudo desenvolvido por Pacheco (2019).

periódico: “a revista era propriedade da Empresa Feminina Brasileira, que produzia e comercializava, além da revista, uma série de produtos destinados a mulheres”.

Em *Mulher de Papel*, Dulcília Buitoni (2009, p. 21) aponta que “a relação entre a imprensa feminina e a mulher implica em questões mais abrangentes, como o papel social da mulher ou sua participação política”, por onde se encerram a ideologia e as intencionalidades que permeiam os periódicos femininos. Dito de outra forma, nada é desprezioso. A imprensa feminina nasce com um propósito: indagar, contestar, reivindicar.

E *A Violeta* insere-se neste contexto a partir de sua fundação, em 1916. No entanto, diverge de muitas de suas contemporâneas, destacando-se por seu caráter literário e educacional, correspondendo às intencionalidades do Gremio Litterario Júlia Lopes, agremiação responsável por sua criação, edição, redação e financiamento.

Periódico cuiabano, um dos primeiros femininos em Mato Grosso, *A Violeta* recebe notoriedade por se tratar de uma revista pensada, redigida e financiada por mulheres da elite cuiabana; e, para além de sua projeção na imprensa local, *A Violeta* estampa o nome de Júlia Lopes de Almeida, que, já naquela época, adquirira certa popularidade no cenário nacional.

Com sua primeira edição datada em 16 de dezembro de 1916, *A Violeta* circulou em um primeiro momento com periodicidade quinzenal; e mensal, nos anos que seguem até sua última edição, em 31 de março de 1950, de acordo com os acervos consultados para esta pesquisa – a Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional, o Arquivo Público do Estado de Mato Grosso e o Acervo Pessoal da Professora Yasmin Nadaf.

Muito embora a revista tenha seu lugar de destaque na história da imprensa feminina – seja por sua longevidade, aspecto pouco comum à época, ou por se tratar de uma ação concreta do grêmio que a regulava - e na História da imprensa cuiabana, o lugar ocupado nos estudos que tem a imprensa como objeto ainda é pequeno, quando comparamos aos demais estudos que privilegiam a imprensa feminina no Brasil.

Grosso modo, *A Violeta* só foi eleita como objeto de estudo mais de 40 anos depois de sua última edição (31 de março de 1950), em 1993, com a pesquisa de Yasmin Nadaf¹⁴. O trabalho de Nadaf constitui uma espécie de catálogo arqueológico da revista. Dentre as diversas entradas que compõem a pesquisa, destacam-se o índice de assuntos e de colaboradores, que reuniu, de forma sistemática, os assuntos abordados na revista ao longo de mais de 3 décadas.

¹⁴ **Yasmin Nadaf** é especialista em Literatura Brasileira, pela Universidade Federal do Paraná, e Mestre e Doutora em Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual Paulista (Campus de Assis), com Pós-doutorado em Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Fonte:** Academia Matogrossense de Letras.

Entendendo a operação historiográfica como um conjunto de ações que permitem a composição de um enredo e uma abordagem não aleatória das fontes (DE LUCA, 2020) e, mais, a certeza de suas incertezas, tornam-se mandatórias a menção e a abordagem de outros trabalhos que permitiriam a elegibilidade de determinada fonte documental. A tessitura, sob este aspecto, é como uma enorme colcha de retalhos da qual a costura é inevitável.

O pesquisador pode privilegiar diferentes aspectos [quando na operação historiográfica]: políticos, sociais, culturais, econômicos, religiosos, etc. e observar camadas sociais específicas, sejam dominantes, excluídas ou ambas. O fato é que se constroem tramas retrospectivas a partir de vestígios sempre parciais, daí as conjecturas, as suposições e as hipóteses, expressas pelo recurso do “talvez”, “é provável”, “pode-se supor”, “é possível afirmar”, “os dados sugerem” que pontuam os textos historiográficos, nos quais os personagens não se restringem a indivíduos, mas incluem classes sociais, séries estatísticas, ideias, práticas. (DE LUCA, 2020, p. 113-114).

As demais pesquisas que elegeram o periódico como fonte e/ou objeto foram elaboradas no século corrente. Neste sentido, importa-nos sublinhar que esses estudos propõem pesquisas acerca de sua materialidade, circulação, relação(ões) com a imprensa feminina cuiabana e geral, a literatura que nela circulava e questões relacionadas a perspectivas feministas.

De outra maneira, esta pesquisa busca sublinhar a presença da escritora Júlia Lopes de Almeida nas páginas da revista, seja em sua posição de patrona e exemplo de mãe, esposa e mulher, seja como colaboradora da revista. Outrossim, interessa-nos entender a predileção de Júlia Lopes como escritora homenageada em consonância com o seu lugar de mãe e esposa, assim como na constituição do cânone da Literatura Brasileira.

Ademais, sublinha-se o fato de que mais da metade das pesquisas¹⁵ encontradas no Banco de Dissertações e Teses da CAPES que contemplam *A Violeta* é de origem mato-grossense, o que nos fornece pistas acerca da projeção da revista enquanto parte constituinte da historiografia da imprensa feminina no Brasil. A pouca representatividade de *A Violeta* neste cenário aponta para uma perspectiva regionalista, quando pensamos na constituição da História da imprensa feminina além do eixo Rio-São Paulo.

Deste total, destacam-se três trabalhos que dialogam com esta pesquisa de forma mais incisiva. Para além do estudo de Nadaf (1993), “Factos e cousas nas crônicas da revista mato-grossense *A Violeta* (1916-1937)”, de Laís Costa, que opera com as crônicas na revista, analisa a posição das redatoras frente às demandas do estado e às demandas sociais, o que contribuiu efetivamente para a constituição de um determinado perfil dessas mulheres neste trabalho.

¹⁵ O quadro que apresenta as pesquisas no Banco de Teses e Dissertações da Capes encontra-se no Apêndice A deste trabalho.

“Revista A Violeta: a verbo-visualidade e o entrecruzamento de vozes”, de Eliete Huguene de Figueiredo Costa, além de apresentar uma catalogação das edições e das respectivas diretoras, sublinha os discursos de algumas das redatoras – Maria Dimpina e Maria Muller – como parte integrante das representatividades que buscavam imprimir, a exemplo dos pseudônimos amplamente utilizados por elas.

Outrossim, “Federação Mattogrossense pelo Progresso Feminino”: Mulheres e emancipação nas três primeiras décadas do Século XX em Cuiabá-MT”, de Nailza Da Costa Barbosa Gomes, apresenta indícios do engajamento das mulheres do Gremio Litterario Julia Lopes com as causas feministas do início do século, o que permitiu uma compreensão mais ampla de suas intencionalidades.

O *Gremio Litterario Julia Lopes*, fundado no mesmo ano da inauguração da revista, em novembro de 1916, era formado apenas por mulheres - filhas de políticos, artistas, normalistas, esposas de comerciantes, entre outras. Costa (2018, p. 55) salienta que a “revista funcionava como [uma] engrenagem da sociabilidade das mulheres com a função de consolidar o “microclima” que caracterizaria as ações, as normas e os códigos da *intelligentsia* feminina oriunda da agremiação.”.

Ao longo de seus 34 anos de circulação, *A Violeta* contou com quatro de suas redatoras que, alternadamente, estiveram à frente de sua direção – Maria Dimpina Lobo Duarte, Bernadina Rich, Mariana Póvoas e Benilde Moura. Ressalta-se ainda a popularidade da revista no estado, tendo sido reconhecida por periódicos de renome, como *O Matto-Grosso* e *A Cruz*, notadamente.

Para a operação historiográfica nesta pesquisa, considera-se um total de 157 edições, que vão desde a edição 63, a primeira de 1920, até a última de 1934, edição 219. Nos três acervos¹⁶ consultados – a Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), o Arquivo Público do Estado de Mato Grosso (APMT) e ainda o acervo pessoal de Yasmin Nadaf, foi possível localizar 99¹⁷ destas edições.

¹⁶ Há outros locais que abrigam parte do acervo da revista, a saber: BCBM – Biblioteca Casa Barão de Melgaço; Casa Barão de Melgaço, que concentra os acervos da AMT – Academia Mato-grossense de Letras e o Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso (IHGMT). Devido à pandemia da COVID-19, que impediu o acesso a outras localidades e interrompeu serviços diversos, dentre eles a visita aos acervos, não foi possível estar em contato com outros documentos a contento, ainda que tenha havido tentativas de consultas de forma remota.

¹⁷ O quadro contendo as edições utilizadas como fonte documental nesta pesquisa encontra-se no apêndice B deste trabalho.

Escritora, cronista, dramaturga, feminista, “uma das personalidades mais fascinantes dos anos que compreendem o final do século XIX e o início do século XX,”¹⁸ são algumas das descrições encontradas para o nome da escritora, destacando-se sua projeção como romancista. Júlia Valentina da Silveira Lopes nasceu em 24 de setembro de 1862, na cidade do Rio de Janeiro. Seus pais, imigrantes portugueses, viviam com os filhos em uma fazenda no interior do estado de São Paulo.

Médico e escritor, Valentim da Silveira Lopes colaborava com o periódico *Gazeta de Campinas* (1869-1875), onde, mais tarde, por seu intermédio, Júlia Lopes publicaria suas primeiras crônicas, aos 19 anos.

Em 1886, a família retorna para Portugal e lá Júlia Lopes publica, em parceria com irmã Adelina Lopes Vieira, *Contos Infantis*, a primeira de suas obras. Em 1887, casa com o poeta português Filinto de Almeida, com quem teve 6 filhos. Entre os papéis de esposa e mãe, Júlia Lopes de Almeida exerce também o “ofício” de escritora.

Colaboradora em mais de 3 dezenas de periódicos, seu nome passa a figurar entre os integrantes da chamada República das Letras. Salomoni (2005) aponta que é neste momento que a sábia conselheira D. Júlia¹⁹ é evidenciada. E é a partir da publicação de *A Falência*, em 1901, que Júlia é cotada como *uma respeitável romancista*²⁰. Os lucros obtidos com as edições do romance, contabilizaram, inclusive, a compra da casa²¹ onde o casal morou por 21 anos. (TELLES, 2012)

Na década de 1920, Júlia Lopes de Almeida demonstra um maior engajamento com as causas feministas – educação, trabalho e voto. Como conferencista, ministra a conferência “Brasil”, em Buenos Aires, atendendo ao convite do Conselho Nacional de Mulheres da Argentina, em 1922. Associa-se à Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, movimento organizado na capital federal e liderado pela sufragista e bióloga Bertha Lutz; e em 1931, abre o II Congresso Internacional Feminista:

Senhoras! Mandaram que fosse a minha voz que vos exprimisse, em nome das organizadoras deste Congresso e em nome da nossa Terra, as saudações de Boas-vindas, que vos transmito com júbilo. A razão da ordem a que obedeco, é que a minha voz vem de outro século, traz na sua vibração desarmoniosa, o contraste das épocas,

¹⁸ Prefácio de *A falência* (ALMEIDA, 2019).

¹⁹ Em referência à posição adquirida de Júlia Lopes de Almeida como sábia conselheira do lar por seus amigos e público.

²⁰ Apontado por José Veríssimo (1977), jornalista, professor, educador, crítico e historiador literário.

²¹ Fanini (2016) em referência às informações cedidas pelo neto da escritora, Dr. Cláudio Lopes de Almeida.

mas evoca também alguma coisa dos caminhos andados... Venho de outro século, tenha a alma antiga a que se prendem ainda, não nego, um ou outro preconceito, como farrapos de nuvens em penedias calvas, mas compreendo o presente a aplaudo com ambas as mãos todas as iniciativas que tendam a amparar, e a melhorar as sociedades futuras. Quem soube envelhecer, sabe como as expressões das coisas e dos seres mudam com o correr dos dias. Não podemos ser hoje o que fomos ontem, como não seremos amanhã o que somos agora. (JORNAL DO COMMERCIO, edição 147, p. 6).

Reconhecida por sua notável atuação na imprensa periódica, Júlia Lopes de Almeida colaborou com diversos periódicos, nacionais e alguns internacionais; assinou por mais de 20 anos uma coluna em um dos jornais de maior prestígio no país²². A lista é bastante extensa e os textos publicados retratavam, especialmente, *o ir e vir* das mulheres; a educação feminina; o cotidiano; os reflexos da guerra; a república; o direito das mulheres; o voto feminino.

Desde seu reconhecimento e resgate como parte integrante do cânone literário brasileiro, diversas foram as pesquisas desenvolvidas tendo Júlia Lopes de Almeida como sujeito e objeto. Investigações acerca de sua escrita, o feminismo - *possível* - de sua bibliografia, suas contribuições com a educação, seja por meio de obras utilizadas na escola ou por conta de sua voz potente na defesa da educação das mulheres, seu estilo, suas colaborações em periódicos, as relações com seus pares - em especial as mulheres e, ainda, as relações entre a escritora e sua própria obra.

Essas pesquisas fomentaram a constituição de uma fortuna crítica de Júlia Lopes de Almeida, antes silenciada. Assim, este trabalho promove a tentativa de inserção nos estudos que privilegiam a escritora e, mais, nos estudos que relacionam Júlia Lopes de Almeida com a imprensa feminina cuiabana, aspecto não contemplado nas matrizes consultadas.

Desta forma, empreender uma pesquisa que dê conta de recortar um dos aspectos de sua trajetória, tão diversa e densa, significa reconhecer, primeiramente, o percurso feito até aqui. Foram encontrados 53 trabalhos no Banco de Teses e dissertações da CAPES, expostos no Apêndice A deste trabalho.

Um terço deste total não apresenta como objeto de pesquisa Júlia Lopes, embora esses trabalhos sublinhem a escritora por meio de sua atuação na Literatura, na Educação ou na modulação de um caráter e escrita femininas. Ressalta-se ainda o fato de que a produção de trabalhos que privilegiam a escritora duplicou entre as décadas de 2000 e 2010.

²² Em referência ao jornal *O Paiz* (1884-1930), onde Júlia “publicou crônicas semanais na primeira página do jornal, à esquerda, espaço privilegiado e de grande visibilidade.” (Di STASIO; FAEDRICH; RIBEIRO 2016, p.10).

Entre “Encantações: escritoras e imaginação literária”, de Norma Telles, a primeira das pesquisas, cujo trabalho aborda detalhados aspectos da obra almeidiana²³, e “A Condição feminina em Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin”, primeiro trabalho que traz Júlia Lopes de Almeida como objeto, somam-se mais de 10 anos.

Notadamente, o trabalho de resgate empreendido pela Editora Mulheres, no final da década de 1990, tornou possível o “descortinamento” da obra de Júlia Lopes de Almeida, oferecendo subsídios para novas pesquisas a seu respeito. A Editora Mulheres foi fundada em 1995 e publicou, majoritariamente ao longo das duas décadas de existência, obras de escritoras dos séculos XIX e XX, sendo Júlia Lopes de Almeida a escritora mais publicada.

A predileção por Júlia Lopes de Almeida em *A Violeta* não é fortuita: o campo das Letras é a área com a maior quantidade de trabalhos produzidos, ao passo que na área da Educação são apenas 4 os trabalhos; ademais, somente 8 analisam Júlia Lopes de Almeida na imprensa, quando na delimitação de seus objetos. Por outro lado, as obras ficcionais de Júlia Lopes de Almeida constituem um rol de 13 trabalhos acadêmicos, especialmente na última década.

Outras importantes vias de legitimação da pesquisa acadêmica são os congressos científicos. Considerando a área na qual esse trabalho se circunscreve – a Educação, consideramos o Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE) e as Reuniões Nacionais da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) como matrizes para este levantamento.

Quadro 1 - Consulta aos trabalhos no CBHE e na ANPED

Congresso	Ano	Julia Lopes de Almeida	Imprensa feminina	Escrita feminina	Educação das mulheres
CBHE	2011- 2017	6	12	13	33
ANPED	2010 e 2021	1	3	3	6

Fonte: elaborado com base nos anais disponíveis entre os anos de 2010 e 2022.

Muito embora haja um expressivo número de trabalhos científicos que investigam a educação das mulheres - um dos eixos norteadores desta pesquisa-, salienta-se que a proposta aqui empreendida observa a intersecção das demais entradas, quais sejam a escrita feminina, a imprensa feminina e a tomada de Júlia Lopes de Almeida como sujeito e objeto, que se encontram, nos trabalhos supracitados, pouco exploradas.

²³ Relativo à Júlia Lopes de Almeida.

Esta pesquisa se insere no campo da História da Educação, pois entendemos que os periódicos, assim como assinalado por Magaldi e Xavier (2008), podem constituir dispositivos de investigação de objetos educacionais; na História das Mulheres, ao eleger como objeto uma escritora; e na História da imprensa feminina, uma vez que *A Violeta* é periódico feminino. Ademais, esta pesquisa busca contribuir com os estudos que privilegiam a escrita e literatura femininas.

No que tange à metodologia eleita para o desenvolvimento desta pesquisa, destacam-se Ferreira (2015), que sublinha a potência da Literatura como uma *fonte fecunda* e passível de investigação histórica; a *micro-história*, sobre a qual operam Ginzburg (2007) e Revel (1998), especialmente na constituição de uma biografia de Júlia Lopes de Almeida, objeto e sujeito deste estudo, e na observação de sua trajetória intelectual.

A este respeito, as categorias propostas em Sirinelli (1996) para a conceituação do *ser intelectual* – itinerário, rede de sociabilidade e geração – são fundamentais para pensarmos Júlia Lopes, sua projeção como intelectual na Primeira República, e as imagens veiculadas à sua figura. Da mesma maneira, os estudos em Xavier (2016), ao promoverem a ideia de uma “observação articulada entre indivíduo e criação intelectual” (p.469) corroboram com esta pesquisa, uma vez que Júlia Lopes de Almeida é *indivíduo singular* e *sujeito coletivo*.

Outrossim, a proposta de Burke (2011), no que se refere ao cruzamento de fontes, torna-se imperativo na tessitura deste estudo, uma vez que a fonte principal - *A Violeta* -, não se trata de um documento oficial, tal como as leis e regulamentos-, mas sim de um conjunto de representações coletivas (CHARTIER, 2002), constituída por múltiplas vozes e intencionalidades diversas.

O arcabouço teórico implementado nesta pesquisa alinha-se, ademais, aos os estudos desenvolvidos em Salomoni (2000; 2005), Fanini (2016), Moreira (1998), Magaldi (2008), pesquisas nas quais a escritora Júlia Lopes de Almeida é grifada. Nadaf (1993), Costa (2016), Costa (2018), a respeito de *A Violeta*; Buitoni (2009) e Martins e De Luca (2006; 2018), textos seminais para a constituição da historiografia da imprensa e da imprensa feminina; Telles (2012), Eleutério (2005), Heller (2006), Woolf (2014; 2018), Faedrich (2022) que constituem parte do rol de trabalhos que privilegiam a escrita feminina; Jinzenji (2010) e Saffioti (2013) e os aspectos observados da educação de mulheres; e, por fim, a própria gênese da história das mulheres, sobre a qual elegemos Del Priore (2018), Pinsky e Pedro (2013), Rago (2014), Hahner (1978;1990) e Nailda Costa (2006; 2016) como obras de referência.

No âmbito do grupo de pesquisa ao qual este trabalho se integra (GRUPEEL/CNPQ), convém sublinhar as pesquisas de Souza (2014), Azevedo (2015), Pacheco (2015), Tasmerão

(2017), Santos (2018), Silva (2020; 2022) e Silva e Pinto²⁴ (2022) as quais estabelecem diálogo com esta pesquisa, considerando aspectos como o recorte temporal, as fontes e as temáticas propostas aqui.

A partir das questões apresentadas, propõe-se a organização da tese em três capítulos. O **capítulo 1** aborda a trajetória biográfica da escritora, observada, como propôs Ginzburg (2007), sob a concepção do *fio e dos rastros*, uma vez que dados que compõem sua biografia são encarados como vestígios de sua vida e obra. Nessa lógica, seguir o fio da história, ou o tempo, requer operar com os rastros que os próprios esboços biográficos sobre Júlia Lopes apresentam, de forma a constituir uma narrativa ficcional, em lugar da narrativa histórica, especialmente por tratarmos também de textos escritos pela família da escritora.

Intitulado “Colecionando imagens de Júlia Lopes de Almeida: apontamentos biográficos”, este capítulo propõe a organização da vida de Júlia Lopes, de forma a recontar suas imagens divulgadas na imprensa, em seus livros e por sua família. Observar a trajetória de vida de Júlia Lopes de Almeida, neste sentido, é traçar a trajetória de um sujeito histórico, na perspectiva das representações, permitindo circunscrever o indivíduo entre forma e sentido.

O valor da escrita biográfica, como prática discursiva, nas averiguações acerca de condicionamentos entre ações individuais e ordens sociais, emergiu com força no debate acadêmico, nos últimos [40] anos, em diversos espaços institucionais, em especial nos campos das ciências sociais e humanas. Sob a chave da renovação ou do retorno biográfico, ou sob a designação do nascimento de uma nova biografia, tal gênero, para alguns, tal metodologia, para outros, teria sua posição reservada entre as formas de escrita da história ou de materialização de saberes sociológicos, antropológicos, não perdendo de vista também produção da teoria e da história literária. (GONÇALVES, 2009, p. 21).

Assim, a seleção e constituição do repertório para escrever o capítulo 1 pretendem promover, essencialmente:

a construção da noção de trajetória como série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações. Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um "sujeito" cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. (BOURDIEU, 1996, p. 189-190).

²⁴ Há ainda outra colaboração entre Silva e Pinto para compor a coletânea "Literatura infantil e juvenil de autoria feminina no Brasil", organizada por Fernando Rodrigues de Oliveira, no prelo. O capítulo intitula-se: “Júlia Lopes de Almeida: uma intelectual com atuação no Campo da literatura infantil”.

No **capítulo 2**, a questão do cânone literário será iluminada, especialmente em suas conformidades e estranhamentos com relação à escritora. Assim como outras escritoras de sua época, Júlia Lopes de Almeida não fez parte do seleto grupo de literatos que compunham a alta estirpe da Literatura Brasileira, muito embora tenha sido reconhecidamente uma escritora estimada, seja em termos de status social, seja em termos comerciais²⁵.

A renegação de Júlia Lopes pela Academia Brasileira de Letras, instituição de legitimação da *República das Letras*, é um dos aspectos que observamos ser determinante para seu silenciamento por mais de 4 décadas na Literatura Brasileira. Uma outra vertente importante neste capítulo é a relação de Júlia com sua própria escrita, caracterizando a *metaliteratura*; e como a escritora, por si, buscou projetar sua imagem em espaços diversos, como forma de divulgação e legitimação de sua escrita.

Outrossim, sua relação com outras mulheres escritoras, que compunham uma espécie de “rede”, é sublinhada como uma estratégia para manutenção de seus nomes e imagens na imprensa e na Literatura; a persistência das mulheres escritoras, contemporâneas de Júlia Lopes e as diversas manobras que implementaram são igualmente destaque neste capítulo. A este respeito, Faedrich (2022, p. 21) comenta que essas

escritoras injustamente apagadas da história literária, muitas das quais – além de produzirem obras cujo valor é essencialmente estético e literário – também utilizaram a escrita com o propósito de lutar para conceder às mulheres o direito ao voto, a maior reconhecimento e aceitação no mercado de trabalho, à liberdade para escrever sem pseudônimos e publicar.

Além do mais, a própria nomeação de Júlia Lopes de Almeida como patrona de uma revista feminina cuiabana muito nos diz sobre sua projeção em âmbito nacional naquele momento e suas pretensões na condição de escritora, uma vez que, ainda a passos mais curtos, a cultura letrada em Mato Grosso desenvolveu-se significativamente nas primeiras décadas do século XX, sobretudo pela criação do Instituto Histórico-Geográfico Mato-grossense e pela Academia Mato-grossense de Letras.

Para o **capítulo 3**, as imagens de Júlia Lopes de Almeida em *A Violeta* são evidenciadas como sujeito, agente e modelo a seguir. Em um primeiro momento, empreende-se uma pesquisa que observa a revista em seus diversos aspectos – materialidade, circulação, conteúdos, atores sociais, intencionalidades -, para além da trajetória de suas redatoras, considerando que “revistas e jornais constituem projetos coletivos” (DE LUCA, 2011, p. 2).

²⁵ Em referência ao sucesso de muitos de seus livros, como indica a historiografia.

Adiante, é estabelecido um panorama da cidade de Cuiabá no início do século XX, em especial na educação de mulheres. Por mais que estivesse localizada fora do eixo cultural da época (em consideração ao distrito federal, o Rio de Janeiro), as letras cuiabanas operavam em posição de destaque no estado, sendo as redatoras de *A Violeta* – notadamente Maria Dimpina, Maria Muller e Bernardina Rich-, figuras de destaque na cena educativa mato-grossense.

Por fim, este capítulo busca a relação da escritora com a revista, percebendo as diversas formas com que Júlia Lopes de Almeida está associada às suas páginas – como patrona; como modelo de mãe, esposa e mulher; como escritora referência; como incentivadora da educação das mulheres; como representante expressiva da Literatura; e como colaboradora.

Como se trata de um exemplar da imprensa, de expressiva longevidade e variedade de conteúdo, a análise das imagens de Júlia Lopes de Almeida não poderia ser feita apenas considerando a incidência de seu nome. Isso posto, foi necessária uma ordenação e organização dos dados através de categorias de análise, uma vez que

Não se pode perder de vista que as consultas e leituras pouco ajuda se forem feitas ao acaso. A mera acumulação de dados, além de ineficaz, pode gerar a sensação de desalento diante de elementos desconexos, que pouco contribuem para gerar reflexão e crítica sobre como o objeto que se quer pesquisar tem sido abordado pela historiografia. (DE LUCA, 2020, p. 77).

Assim, a sistematização prévia das edições de *A Violeta*, considerando o ano de publicação bem como o acervo onde se encontravam foi o ponto de partida para operar com os dados. Em seguida, a composição do apêndice C delimitou tanto a atuação de Júlia Lopes de Almeida quanto a de sua família na revista, além de ter ordenado e organizado as incidências de seu nome e de suas obras.

A partir do apêndice C, foram selecionados os textos para compor as categorias de análise que contemplariam as imagens de Júlia Lopes – sujeito, agente e modelo a seguir em *A Violeta*. Por fim, foram criadas séries a partir do conteúdo dos textos diversos – cartas, crônicas, homenagens, textos literários, notas, fotografias, conferências – correspondentes às entradas.

Desta maneira, constituiu-se o repertório para analisar a imagem de Júlia Lopes como sujeito – por meio de cartas, narrativas biográficas empreendidas pelas redatoras, ilustrações e relatos. Dada a multiplicidade de textos literários assinados por Júlia Lopes, foi necessária, ainda, a sistematização por meio de temáticas recorrentes nos textos - causas sociais, papel da mulher, pátria e natureza, amor conjugal, o sobrenatural – quando na análise de Júlia Lopes como agente.

É como modelo a seguir que o nome da escritora aparece com maior frequência, o que muito nos diz a respeito da imagem de Júlia Lopes de Almeida preferida pelas redatoras de *A Violeta*. Ao longo dos 34 anos de existência, *A Violeta* veiculou a imagem de Júlia Lopes de Almeida de forma linear, e, nessa lógica, sua figura operou como educadora e mediadora cultural nas páginas da revista.

1 COLECIONANDO IMAGENS DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: APONTAMENTOS BIOGRÁFICOS

Nasceu e morreu no Rio de Janeiro. Para a sua cidade
trabalhou incansavelmente durante cinquenta anos,
obedecendo ao lema que se impôs: “Semeia até na pedra!”

Biografia de D. Júlia por Margarida Lopes de Almeida.

In: ALMEIDA, 2015, p. 206.

Figura 7 - Ilustração na página 31 da revista Walkyrias, em julho de 1937



Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

As palavras da filha de Júlia Lopes de Almeida, Margarida, declamadora e escultora de renome no século XX, apontam o vulto histórico e literário que foi Júlia Lopes de Almeida: a escritora carioca. Escreveu de forma simples e fluida, mais de 30 volumes, entre contos,

crônicas, romances, textos dramaturgicos, manuais e livros escolares, sobretudo na capital federal, ainda que tenha sido renegada, por um significativo espaço de tempo, pelo cânone literário.

Mãe e esposa exemplar, no sentido amplo²⁶ da palavra, a escritora percorreu um trajeto pouco comum, quando consideramos as expectativas para as mulheres à época. Em *A Violeta*, fonte principal desta pesquisa, diversos são os momentos em que esses itinerários são notados. Projetam Júlia Lopes de Almeida como intelectual, como personalidade da literatura brasileira e como modelo de mãe e esposa. Sua obra, multifacetada, elenca desde pequenos contos em periódicos a conferências internacionais, abarcando livros escolares, peças de teatro, crônicas, ensaios e os romances, destaques de sua produção.

Muito embora trate-se de uma das mais proeminentes escritoras da Primeira República (FANINI, 2016; RUFFATO, 2017; MUZART, 2013), uma das únicas²⁷ a ser reconhecida como integrante da República das Letras²⁸ e cultivadora de redes de sociabilidades para além do universo²⁹ feminino da época, teve Júlia Lopes sua obra secundarizada, às reclusas do esquecimento e, pouco a pouco, silenciada ao longo dos anos que sucederam a sua morte, em 1934.

Lúcia Miguel Pereira³⁰, crítica literária, aponta, pela primeira vez, em seus estudos sobre a história da literatura brasileira publicados em 1957, um possível percurso literário para Júlia Lopes. Lúcia Miguel é uma das primeiras entre os críticos a reconhecer Júlia Lopes como parte integrante de uma Literatura Brasileira que reflete as exigências e preferências “másculas de seu cânone”.

²⁶ Como veremos adiante no capítulo III, havia uma certa admiração pela imagem da escritora.

²⁷ Outras escritoras de destaque foram Gilka Machado, Maria Boemann, Francisca Júlia, Júlia Cortines.

²⁸ Constituída pelos escritores que tiveram sua intelectualidade legitimada pela rede social na qual estavam inseridos. Um aspecto marcante daqueles que faziam parte da República das Letras é apontado por Miceli (2015), quando o autor evidencia a associação quase que trivial entre literatura e jornalismo, de modo que uma das vias para legitimação era a colaboração com os periódicos da época. Como reforçam Martins e De Luca (2018, p. 94): “Escrever na imprensa tornou-se não apenas uma fonte de renda, mas também instrumento de legitimação, distinção e até mesmo de poder político”.

²⁹ De forma bem sucinta, as mulheres que pertenciam às camadas mais abastadas recolhiam-se ao direito de frequentar os eventos de sua classe – os saraus, as festividades – e no âmbito de suas casas, os quartos de costura, os salões de jantar. Os passeios eram permitidos desde que o marido ou o irmão/filho mais velho as acompanhassem. De outra maneira, às mulheres pobres, o trabalho árduo era condição primeira para a sobrevivência da família. (HELLER, 2006).

³⁰ **Lúcia Miguel Pereira (1901-1959)** atuou em diversas áreas das Letras, acumulando as funções de escritora, tradutora, crítica literária e biógrafa. Além de escritora, crítica e biógrafa, Lucia Miguel Pereira era tradutora, responsável por diversos títulos, tais como *América*, de Hendrik Van Loor, sua primeira tradução, publicada em 1935. (Fonte: Dicionário de tradutores literários do Brasil / UFSC).

Na verdade, a maior figura entre as escritoras de sua época, não só pela extensão da obra, pela continuidade do esforço, pela longa vida literária de mais de quarenta anos, como pelo êxito que conseguiu, com os críticos e com o público; todos os seus livros foram elogiados e reeditados, vários traduzidos, sendo que se consumiu em três meses a primeira tiragem de *A Família Medeiros* (PEREIRA, 1973, p. 269-70).

Apenas no final dos anos 80, por iniciativa de pesquisadoras mulheres, sua obra fora emersa e, sua escrita, investigada. A partir desse marco temporal, que se constitui a fortuna crítica da escritora, em especial pelo extenso e profícuo trabalho empreendido pela Editora Mulheres (SC) – fundada pela Profas. da Universidade Federal de Santa Catarina, Zahidé Luppinati Muzart³¹, Elvira Sponholz e Susana Bornéo Funk.

Luclktenberg (2011) salienta que, até julho de 2011, foram publicadas 96 obras (...) compostas de biografia, ensaio crítico, bibliografia e pequena amostragem de texto.” (p.13). Extinta em 2015, muito em razão da morte de sua fundadora e mantenedora, a Editora Mulheres cumpriu com o resgate das escritas de mulheres do século XIX e do início do XX, especialmente.

Júlia Lopes de Almeida foi a escritora mais publicada pela editora catarinense. O segundo livro publicado pela Editora Mulheres foi *A Silverinha*, em 1997. Muzart, em depoimento apresentado por ocasião da Mesa-Redonda Aventuras Editoriais II, na UFSC em 2003, fala sobre o acesso ao material da escritora a ser (re)publicado: “Do bibliófilo catarinense Iaponan Soares, devo a doação de praticamente todos os livros de Júlia Lopes de Almeida de que já editamos três e temos outros em preparo e de todos os livros de Ibrantina Cardona.” (LUCLKTENBERG, 2011, p.98)

Até o ano de 2011, 5 obras de Júlia Lopes foram publicadas - *A Silveirinha* (1997), *A viúva Simões* (1999), *A falência* (2003), *Memórias de Marta* (2007) e *A Família Medeiros* (2009). Ao todo, foram 10 publicações, sendo uma delas inédita, *O funil do diabo* (2015), como aponta o catálogo do ano de 2015, do último³² ano de funcionamento da editora.

³¹ **Zahide Lupinacci Muzart (1939-2015)** foi professora de Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Muzart participava da coordenação do Instituto de Estudos de Gênero (IEG) da UFSC e de duas editorias da Revista Estudos Feministas. Tendo fundado a Editora Mulheres, com o objetivo de resgatar a obra de algumas mulheres do século XIX, editou os principais romances de escritoras como Inês Sabino, Maria Benedita Bormann, Maria Firmina dos Reis, Carmen Dolores, Ana Luísa de Azevedo Castro, Emília Freitas e, de Júlia Lopes de Almeida, editou dez livros, visando ao resgate de toda a sua obra, a mais importante escritora brasileira do século XIX. Foi uma das idealizadoras do Seminário Fazendo Gênero, participando ativamente do primeiro encontro (Fazendo Gênero – Seminário de Estudos sobre a Mulher) organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, bem como de todas as edições subsequentes. (Fonte: portal eletrônico da UFSC).

³² A historiografia aponta que, após a morte de Muzart (1939-2015), a editora não pôde mais se manter e o empreendimento foi desfeito, ficando sob a guarda de sua família o acervo disponível à época.

Quadro 2 – Lista de obras de Júlia Lopes de Almeida publicadas pela Editora Mulheres

Título	Ano de publicação
A Silveirinha	1997
A viúva Simões	1999
A falência	2003
Memórias de Marta	2007
A família Medeiros	2009
Ânsia eterna	2013
Pássaro tonto	2013
Correio da roça	2014
Cruel amor	2015
O funil do diabo	2015

Fonte: elaborado com base em Luciktenberg (2011) e no catálogo da Editora Mulheres (2015).

Para além da iniciativa da Editora Mulheres, sublinhamos o trabalho organizado pela Prof. Nadilza Moreira (2015), ao republicar a obra *Eles e Elas*; e ainda a coletânea de textos *Dois dedos de prosa* - em referência a uma das colunas³³ assinadas por Júlia Lopes de Almeida no jornal *O Paiz* -, organizada por Angela de Stasio, Anna Faedrich e Marcus Venicio Ribeiro, em 2016. Michele Fanini traz a lume, em *A invisibilidade de um legado*, 6 textos³⁴ dramaturgicamente inéditos da escritora, textos estes que estão, em sua maior parte, manuscritos e estavam sob a guarda da família até o início da década passada.

A coletânea de estudos organizada por Salomoni (2000; 2005; 2007³⁵), especialmente, converge a bibliografia da escritora para a análise de seus aspectos e representações femininas, seja no que tange às personagens desenhadas por Júlia Lopes nos romances³⁶ selecionados por Salomoni, seja pelo próprio “fazer literário” de Júlia Lopes de Almeida, tomando sua posição como mulher escritora na República das Letras.

O fazer literário de Júlia Lopes resultou num rol de obras multiplicado pelas diversas categorias que a levaram a exercer o ofício de ficcionista, publicista, dramaturga, contista, conferencista por 53 anos, legando um patrimônio para a literatura e cultura brasileiras. (SALOMONI, 2005, p. 31).

³³ De acordo com os estudos de Moreira (2015), outras três colunas – *Reflexões de uma esposa*; *Reflexões de um marido* e *Reflexões de uma viúva* – foram veiculadas pelo periódico. Ademais, Ecila Worms, um dos pseudônimos usados por Júlia Lopes (LOBO, 2006), assina a coluna *A Moda*, veiculada na primeira página do jornal.

³⁴ *O caminho do céu*; *O dinheiro dos outros*; *Vai raiar o sol*; *A senhora marquesa*; *A última entrevista*; *Laura*.

³⁵ Gentilmente a mim presenteada pela Profa. Dra. Rosane Saint-Denis Salmoni.

³⁶ *Memórias de Marta*, *A Família Medeiros*, *Cruel Amor* e *A Silveirinha*. Este último é objeto de pesquisa da dissertação de Mestrado de Salomoni.

Júlia Lopes de Almeida, assume, neste texto, um caráter multidimensional – as múltiplas e variadas facetas da mulher Júlia Lopes, da esposa e da mãe; da escritora e da feminista; da personalidade da República das Letras; da conselheira-amiga; da imagem em que a mulher deveria se espelhar.

Nessa lógica, compor um texto que reconstitui sua biografia tornou-se tarefa complexa, haja vista as demais tentativas de delinear sua vida e obra, pretendidas por outros tantos pesquisadores ao longo das duas últimas décadas. De outra maneira, este capítulo propõe colecionar as *múltiplas imagens de Júlias* que encontramos na historiografia, pensando as “operações” biográficas que constituíram, até aqui, os escritos biográficos a seu respeito.

Nesse sentido, o ato de “recontar” a vida de Júlia Lopes torna-se um aspecto essencial para o desenvolvimento de uma pesquisa que tenha seu nome como objeto. Isto é, as biografias de Júlia Lopes de Almeida colecionadas, fundidas e condensadas aqui têm por finalidade a sua inserção não em um deslocamento linear, mas sim em uma relação entre o indivíduo e sua trajetória, indicada de acordo com os objetivos desta pesquisa. Sendo assim, este capítulo busca

Para a composição desta coleção, há de se considerar não apenas os estudos que ora referem-se à fortuna crítica de Júlia Lopes de Almeida e apontam sua trajetória, mas também os documentos que compõem o espólio da escritora e as manifestações escritas de sua família. As cartas, fotografias, recortes, e outros escritos (de/ou para a escritora) constituem o denso corpus que caracteriza as fontes utilizadas para a elaboração deste capítulo. Outrossim, os periódicos – para além de *A Violeta* – apresentam indícios para a confecção de um repertório sobre Júlia Lopes.

Júlia Valentina da Silveira Lopes nasceu em 24 de setembro de 1862, na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal. No lar de Júlia Lopes, ainda na infância, a convivência com as artes, a literatura e as ciências era parte de seu cotidiano³⁷, rompendo, já neste momento, com os padrões esperados para as meninas de sua época; vale a ressalva de que a concepção de infância neste momento, na segunda metade do século XIX, já entendia a criança como parte integrante da sociedade e sujeito histórico do contexto da família burguesa. (SILVA, 2010).

Oriá (2011) salienta que, neste momento, “não mais vista como um adulto em miniatura, mas um ser com características próprias” (p.40), a figura da criança e o conceito de infância

³⁷ Heller (2006, p. 73) justifica as escolhas de Júlia Lopes de Almeida em suas indicações de leitura para mulheres – em alguns de seus volumes - por “obras voltadas para o saber e não para o entretenimento, uma vez que a “leitura del[as], mais do que a de romances, capacitava a mulher para o exercício de suas funções”.

ganham outras dimensões. As meninas, especialmente, eram criadas e educadas para constituir o que Jinzenji (2010, p. 173) sublinha como *mulher virtuosa*:

A necessidade de se educar a mulher pode ser entendida como resultante de percepção de seu poder civilizador; ao mesmo tempo em que urgia ser educada, acreditava-se no seu potencial educador, já que ela era a responsável pelo cuidado à primeira infância. Em muitos casos, as mães eram, também, as preceptoras das próprias filhas, tanto nos ensinamentos morais quanto nas primeiras letras.

Nesse sentido, pensar na infância e na juventude de Júlia Lopes pode significar entender boa parte das circunstâncias que a levaram a ocupar uma posição representativa na Literatura Brasileira da Primeira República; em parte por conta de sua própria posição social, sob a qual Eleutério (2005, p. 24) endossa:

No Brasil, a maioria daquelas que experimentam o fazer literário pertencem invariavelmente a famílias abastadas e letradas, que dispõem de salão em casa onde acorrem literatos ou frequentam grupos onde o hábito da declamação ou da música acompanhada pelo canto as converte em aprendizes da sonoridade dos versos. A biblioteca dos pais e irmãos ou maridos compõe o universo doméstico para que elas tomem contato com o mundo das letras.

Em pesquisa a respeito das escritoras femininas do século XIX, tal qual Júlia Lopes de Almeida, Rodrigues e Queiroz (2020), reafirmam o argumento de que as possibilidades de intelectualidade feminina estavam circunscritas às famílias mais abastadas. E mais, que essas mulheres conviviam, inclusive, com outras pessoas além dos habitantes da casa:

Para esse convívio social que se abria aos parentes e amigos da família, essa mulher abastada aprendia como se portar por meio de mecanismos como cartilhas de boas maneiras, disponíveis em periódicos, além da própria literatura nacional e estrangeira, sendo essas brasileiras também leitoras de romances. Essas ferramentas tinham como objetivo a instrução que... era o objetivo geral da nação, de modo a tornar o país mais desenvolvido intelectual e socioeconomicamente. (RODRIGUES; QUEIROZ, 2020, p. 301).

Os pais de Júlia Lopes, de origem lusitana, contribuíram, como aponta a historiografia, para a constituição de sua intelectualidade e a dos irmãos. A do médico Dr. Valentim José da Silveira Lopes e de Antônia Adelina do Amaral, concertista formada pelo conservatório de Lisboa, ao fundar um colégio na cidade, muito nos diz sobre estilo de vida que a família Silveira Lopes experimentou. De acordo com Vidal (2004), o Colégio Humanidades, fundado por Valentim, foi transferido 3 anos mais tarde para Nova Friburgo (RJ), “tradicional reduto de internatos femininos”, onde a família viveu por um tempo.

Júlia Lopes estudou em casa com a mãe e a irmã mais velha, Adelina. Os livros didáticos, elaborados pelo pai para o colégio da família, colaboraram também para sua formação como leitora³⁸ (ELEUTÉRIO, 2005; ALMEIDA, 2007). Ademais, o pai, médico de fama e reconhecimento em Campinas, (também) possuía um espaço onde as mais diversas expressões artístico-culturais se encontravam, o salão dos Viscondes de S. Valentim, de acordo com o exposto em Almeida (2015). Sob este aspecto, Margarida Lopes de Almeida (2015, p. 182) comenta:

Nos saraus da família Silveira Lopes minha avó e minha doce tia Adelaide cantavam, minha tia Adelina recitava os versos de Tomás Ribeiro e Bulhão Pato e os seus próprios, minha tia Maria José tocava piano e muitas vezes acompanhava em concertos solistas célebres cujos empresários, contando com sua capacidade, prescindiam de acompanhador ao irem a Campinas. Júlia ouvia. Sabia ouvir; mas era tímida e não gostava de exhibir-se. Admirava, assimilava, aprendia.

As circunstâncias, desde o pertencimento a uma família abastada, às constantes mudanças de residência - em nível nacional e internacional, haja vista o longo período em que a família Silveira Lopes fixou residência em Lisboa-, ao casamento com um poeta e intelectual da República das Letras, colaboraram, respeitadas suas proporcionalidades, para a condição de Júlia Lopes como *Primeira Dama das Letras*, vocativo utilizado por Peggy Sharpe³⁹ no prefácio de *A Viúva Simões* em Almeida (1999).

Com uma vasta produção bibliográfica, Júlia Lopes de Almeida colaborou com diversos periódicos nacionais e alguns internacionais, principalmente os lusitanos⁴⁰; assinou mais de 30 volumes, considerando as publicações pós-mortis. Uma dessas publicações póstumas, *O funil do Diabo* (1ª edição em 2015), ajuda a compreender a riqueza (e a longevidade) de sua escrita e de sua projeção no campo da Literatura Brasileira, em razão do significativo espaço de tempo entre sua morte e a publicação, quando somam-se mais de 60 anos.

Diferente de outras escritoras contemporâneas, tais como Francisca Júlia da Silva e Narcisa Amália⁴¹, poetisas de destaque nos estudos que tomam a escrita literária feminina como

³⁸ Salomoni (2005, p. 23) exemplifica: “Como leitora, não dispensou os franceses – Rostand, Chantecler, Michellet, Balzac, dentre outros; demonstrando preferência por Collete; dos portugueses, Garret, Herculano e Eça; os mais citados. Dos ingleses, foi leitora assídua de Shakespeare.”

³⁹ Professora emérita da Faculdade de Português (Portuguese faculty) da Universidade da Flórida/EUA. Sua pesquisa observa a cultura e a literatura brasileiras nos séculos XIX e XX; as escritoras brasileiras (1850-); e o cinema brasileiro. Sobre Júlia Lopes de Almeida desenvolveu alguns estudos, dos quais sublinhamos o artigo publicado na revista *Letras de hoje*, em 2013, bem como a introdução em Almeida (1999).

⁴⁰ Destacam-se os periódicos *Seara Nova*, *Brasil- Portugal*, *O Século* e *Almanaque das Senhoras*.

⁴¹ **Narcisa Amália (1852-1924)** foi poetisa, jornalista e professora. Sua única publicação, *Nebulosas* (1872), um livro de poesias, obteve destaque em sua época. Narcisa Amália desempenhou também atividades na imprensa, onde foi colaboradora, revisora e redatora (LOBO, 2006). Ainda sobre a poetisa, aponta a professora Anna Faedrich: “Narcisa tratou de temas como a tristeza e a indignação com a condição de escravos do Brasil e refletiu

objeto, Júlia Lopes estabeleceu carreira como prosadora, caminho pouco comum àquelas que desejavam escrever. Outro aspecto que aponta para a excepcionalidade é o fato de sua pena não pintar os *diários*, prática mais comumente usada pelas mulheres do século XIX, os quais representavam, em certa medida, o que Cunha (2007, p. 46) aponta como *refúgios do eu*.

Escrito ao longo dos dias, o objetivo da escrita de diários parece ser o de apresar em suas páginas o passar do tempo, ainda que de forma fragmentada e com a ausência de elaboração prévia: uma escrita, enfim, que registra o efêmero, o descontínuo e por esse motivo chamada de escrita ordinária.

A escrita de Júlia Lopes não fora considerada ordinária. Contrariamente, comparada em magnitude a escritores, sua obra chama a atenção do crítico José Veríssimo, uma das mais proeminentes figuras da crítica literária nos séculos XIX e XX:

Depois da morte de Taunay, de Machado de Assis e de Aluísio Azevedo, o romance no Brasil conta apenas dous autores de obra considerável e de nomeada nacional – D. Júlia Lopes de Almeida e o Dr. Coelho Neto. Sem desconhecer o grande engenho literário do Sr. Coelho Neto, eu, como romancista, lhe prefiro de muito D. Júlia Lopes. (VERÍSSIMO, 1936, p. 15).

Neste sentido, para além de sua inserção em um seleto grupo de mulheres escritoras, Júlia Lopes recebe destaque por seu estilo. No entanto, nas palavras de Muzart “[...] Júlia Lopes de Almeida foi sendo paulatinamente esquecida já na década inicial do Modernismo e nos anos 30 e 40, o que não deixa de ser muito estranho, dado que a literatura da época não apresenta traços tão diferenciados do estilo de[esta] autora.” (Prefácio por MUZART *in*: ALMEIDA, 2013).

Ao longo de sua vida, recebeu diversas homenagens – ao seu talento como escritora, a sua posição como *dama da sociedade* republicana; a sua projeção intelectual como um dos grandes nomes da Literatura Nacional; às suas contribuições para a educação; ao seu engajamento com as reivindicações femininas em um momento no qual a pauta “feminista” – educação, trabalho e voto – estava em voga; e, especialmente, a sua postura como mulher *ideal* – mãe e esposa zelosa.

O *Gremio Litterario Julia Lopes*, órgão que deu origem à revista *A Violeta* compõe esta lista de homenagens e converge, de forma fluida e laudatória, os apontamentos descritos. A revista, uma ação concreta da agremiação, tem na figura de Júlia Lopes a *expressão máxima da literatura* e um verdadeiro modelo a seguir.

sobre a condição do poeta como ‘aquele que escuta os queixumes do escravo triste, sem pai, sem abrigo e sem lar’ (Fonte: *Notícias* do portal eletrônico da FBN).

Júlia Lopes de Almeida faleceu em 30 de maio de 1934 em sua cidade natal, deixando marido e 4 filhos. Seu legado, silenciado por décadas, é uma combinação de simplicidade e comprometimento com o *fazer literário*. Suas obras, somadas em mais de 30 volumes, constituem, ao mesmo tempo, objeto e fonte para a investigação da *representação coletiva de um determinado tempo* (CHARTIER, 2002), quando as mulheres escritoras, mesmo não legitimadas, obtiveram posição de destaque entre os pares.

Nesse sentido, a literatura forjada por Júlia Lopes de Almeida adquire valor histórico-literário- educacional, isto é, o resgate de sua obra e a produção de uma fortuna crítica sobre a escritora, além de sua inserção (ainda que a passos curtos) no cânone literário brasileiro, permite que o repertório por ela escrito – mesmo o que não fora publicado ou tenha *valor* para o campo literário – se constitua objeto de investigação histórica e educacional, uma vez que “tudo que foi escrito por grandes escritores pertence à literatura, inclusive a correspondência e as anotações irrisórias pelas quais os professores [e investigadores] se interessam. (...) a literatura é tudo que os escritores escrevem.” (COMPAGNON, 201, p. 32)

Posto isto, a coleção proposta por este capítulo inicial lança mão de 4 categorias de análise para a apresentação das *múltiplas Júlias*, que exprimem, a saber: sua posição como *filha, esposa e mãe*, aliada aos conceitos de família, casa, casamento e infância que circunscrevem a vida doméstica; a sua posição como *dama da sociedade carioca*, pertencente a uma família e classe de artistas; a sua consagração, no entresséculos (XIX e XX) como *a mais proeminente escritora da Primeira República*; suas manifestações em favor dos direitos das mulheres; e, por fim, como uma das escritoras que compõem o rol de mulheres que se debruçaram sobre a *metaliteratura*⁴² e a história de outras para contar, orientar e educar mulheres.

1.1 D. *Júlia Lopes D’Almeida: sagrada filha, esposa e mãe*

Sob o teto do casarão na rua Joaquim Murтинho em Santa Teresa (bairro da capital federal, então o Rio de Janeiro), viveu a família da escritora Júlia Lopes de Almeida. O casarão, construído ao gosto de seus moradores, tornar-se-ia, em pouco tempo, palco de importantes

⁴² Grosso modo, a metaliteratura pode ser entendida como a literatura proveninete de si, isto é, onde aquilo que se produz explica o fenômeno em si, operando com a autorreferenciação. (CARVALHO, 2017). No âmbito desta pesquisa, a conceituação de metaliteratura poderá ser melhor observada no 2º capítulo deste trabalho.

encontros entre os literatos e intelectuais da capital e, ainda, vista privilegiada para as diversas histórias que a pena de Júlia Lopes de Almeida e sua família imprimiram no papel.

A Janela Grande

Essa janela a casa nos amplia...
 Por ela, aberta para o panorama,
 Vê-se nascer, vê-se morrer o dia,
 No esplendor dos crepúsculos em chama.

Dos montes para o pláino, a casaria
 Ao pendor das vertentes, se derrama;
 Depois o mar, que ao longe ulula e brama,
 Prêso na jaula verde da baía.

A dextas, finas, hábeis mãos de artista,
 A minha Mãi, em frente a esta janela,
 Urde a trama dos sonhos, imprevista...

E eu, vendo-a, penso então, com os olhos nela:
 Se dentro de casa é linda a vista,
 De fóra para dentro, ainda é mais bela!
 (ALMEIDA, 1945, p. 23-24).

O casal Almeida não fora o único a desfrutar das paisagens as quais a família estava acostumada a ver pela janela. O bairro de Santa Teresa foi, durante muitos anos, reduto dos acadêmicos e jornalistas da capital, da *intelligentsia* brasileira. Hilda Machado (2002, p. 41) fala sobre a chegada do médico Joaquim Murtinho, no final do século XIX, os saraus em sua residência, e a chegada do bonde elétrico, acabaram por “escassear os barões e multiplicar não só os artistas, mas os intelectuais.” Junto à família de Júlia e Filinto, o jornalista Carlos Laet e o jornalista e teatrólogo Arthur Azevedo, com quem o casal mantinha relações de amizade, residiam na região.

Afonso, primogênito do casal Almeida, não foi o único a seguir os passos dos pais literatos. O jornalista português João Luso⁴³ aponta, em 1906, que todos despontavam certa intimidade e talento com a pena. Dos pais, Filinto de Almeida, poeta, acadêmico e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras (1897) e Júlia Lopes de Almeida, escritora de renome no país já no início do século XX, os filhos Afonso, Albano, Margarida e Lúcia

⁴³ **João Luso (1874-1950)** é um dos pseudônimos utilizados por Armando Erse de Figueiredo, jornalista, contista, crítico literário, autor e tradutor de peças teatrais. Como intelectual e formador de opinião, teve (grande) importância na trajetória do jornalismo carioca do início do século XX. Colaborou com periódicos diversos, a exemplo do O Estado de São Paulo, Correio Paulistano e a Revista da Semana, além de colaborar com os periódicos de sua terra natal. Tanto Margarida (1962) como Afonso (1945) evidenciam a relação estreita entre o jornalista e a família Almeida. “João Luso, foi o amigo-irmão, considerávamo-lo um tio nosso.” (ALMEIDA, 2015, p.197). Em *Mãe*, João Luso é um dos homenageados na dedicatória.

receberam uma certa herança artística. O casal teve seis filhos, dois dos quais faleceram ainda na primeira infância, Valentina e Adriano.

Figura 8 - Casal Almeida e filhos



Fonte: Machado (2017).

Entre as tribulações⁴⁴ da vida cotidiana do casamento, do cuidado com os filhos e com a família, empenhava-se a escritora na sua escrita. Colaboradora assídua do periódico *O Paiz* (1884-1930), onde assinou, por mais de duas décadas, uma coluna semanal intitulada “Dois dedos de prosa”, Júlia Lopes equilibrava suas funções maternas com o ofício de escritor⁴⁵, como observa Margarida: “Júlia Lopes de Almeida escrevia sem cessar. Não me lembro de a ver nunca indolente. Teve seis filhos que criou ao seio sem interromper nunca sua obra.” (ALMEIDA, 2015, p. 199).

Em entrevista a João do Rio⁴⁶, em 1905, o casal Almeida evidencia sua “mútua admiração quando Filinto reforça a afirmativa de ser sua esposa “o primeiro romancista

⁴⁴ Convém ressaltar que, como membro de uma família abastada, não era Júlia Lopes de Almeida quem cuidava, sozinha, da casa e dos filhos. Em sua bibliografia, especialmente em *Livro das Noivas (1896)* e *Livro das Donas e Donzelas (1906)*, há indícios de que a escritora convivia, desde a infância, com criados e amas.

⁴⁵ De acordo com Miceli (2015), é no início do século XX que o jornalismo se torna um “ofício compatível com o status de escritor.” (p.54), E os escritores recebiam valores mensais pelas crônicas que publicavam, especialmente nos periódicos de grande destaque naquele momento, tais como *O Paiz*, *Jornal do Commercio*, *Gazeta de Notícias* e *Correio da Manhã*.

⁴⁶ Pseudônimo usado por **Paulo Barreto (1881-1921)**; foi jornalista, contista cronista e teatrólogo. Trabalhou em diversos jornais e sagrou-se como (um dos mais populares) jornalista de seu tempo. Ocupante da cadeira 26 em 1910, João do Rio é uma das figuras mais significativas do jornalismo brasileiro da *Belle- époque*.

brasileiro” e declara sua afeição à carreira da companheira: “Não era eu quem devia estar na academia, era ela.”⁴⁷ (p. 29).

A relação entre Júlia e Filinto, iniciada no final do século XIX, parece ter sempre percorrido os caminhos das Letras. Ela, já moça e escrevendo para alguns periódicos, como *A Semana*, e ele, poeta popular entre os literatos da época, encontraram-se, em 1885, sob a guarda de Valentim Magalhães, um amigo em comum, com quem Filinto dirigia o periódico.

Apaixonaram-se imediatamente, apontam Margarida e Lúcia no centenário do nascimento da mãe, em 1962⁴⁸. Oriunda de uma família tradicional luso-brasileira, Júlia Lopes era a quinta de sete irmãos⁴⁹. Seu pai, à época já intitulado Visconde de S. Valentim, havia proporcionado à Júlia e aos irmãos uma infância e juventude diferente da realidade de muitos, um lar onde a educação fez-se primazia.

Para a filha, a quem S. Valentim exprimia verdadeira adoração por sua maestria com as letras, não queria um marido a ermo, um “boêmio”, um homem que vivia a instabilidade da vida de jornalista. Por este motivo, Margarida comenta que “O Visconde não escondia seu temor” com o suposto casamento de Júlia e Filinto. Júlia partiu com a família em 1886 para Europa, onde S. Valentim tinha assuntos a tratar. No Rio, Filinto publica, em 1887, *Lyrice*, com um dos seus poemas dedicado a uma certa partida:

A Partida

Foi-se a minh'alma! Em triste soledade, De
crua dor as lágrimas vertendo, Quase sem vida
aqui fiquei vivendo
No manto negro envolto da saudade. (ALMEIDA, 1887, p. 259).

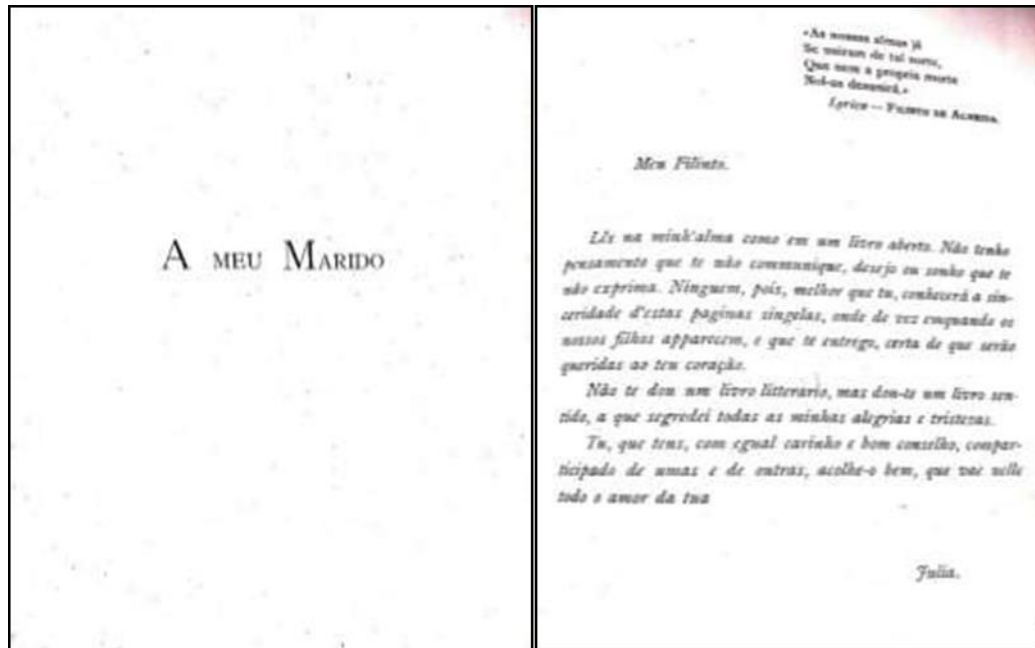
Em novembro de 1887, casaram-se em Portugal. Mas o amor em forma de palavras não cessou. As dedicatórias continuaram por toda a vida do casal. Em 1896, Júlia publica *Livro das Noivas*, dedicado ao marido:

⁴⁷ O trabalho de Fanini (2009) acentua bem este entrave quando no processo de composição da Academia Brasileira de Letras e a posição de Júlia Lopes e Filinto de Almeida na condição de intelectuais da República das Letras.

⁴⁸ Almeida (2015) e Noronha (1973).

⁴⁹ Adelina. Maria José, Valentim, Adelaide, Augusto (falecido ainda na 1ª idade), Júlia e Alice. (COSTRUBA, 2011).

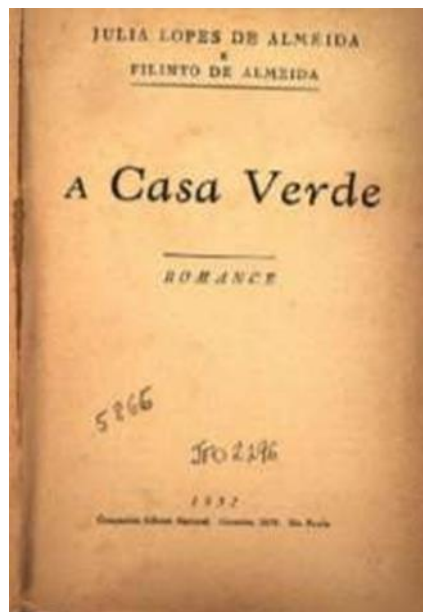
Figura 9 – Dedicatória de *Livro das Noivas* (1896)



Fonte: acervo da autora, localizado em sebo no Rio de Janeiro.

O romance *A Casa Verde*, escrito em parceria com Filinto é, nas palavras da escritora, seu preferido, pois “foi escrito de colaboração com [s]eu marido. A Casa Verde lembra-me uma porção de momentos felizes...” (RIO, *Op.Cit*). O romance, publicado inicialmente sob formato de folhetim entre os anos de 1898 e 1899 no *Jornal do Commercio*, foi organizado e publicado em 1932 pela Companhia Editora Nacional.

Figura 10 – Capa de *A casa verde*



Fonte: Biblioteca Brasileira USP.

Figura 11 – Foto do casal Júlia e Filinto (s.d) na edição 12 da revista *A Cigarra* (SP), em 1959



Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

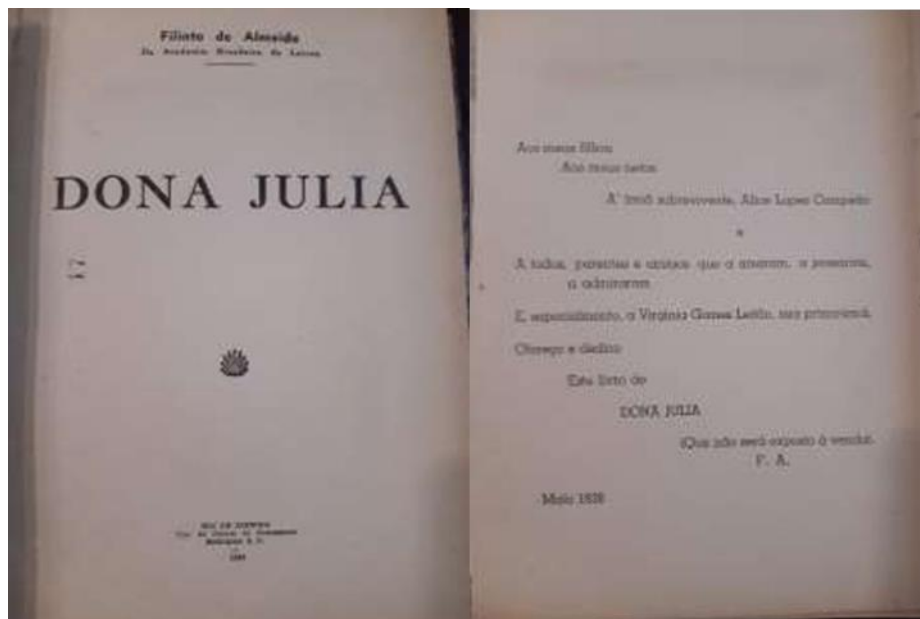
A legenda que acompanha a foto em *A Cigarra* sugere a relação entre os dois: “Dona Júlia Lopes de Almeida e marido, também escritor Filinto de Almeida: eram um casal feliz”.

Júlia Lopes de Almeida morreu em maio de 1934, quando retornou de uma viagem à África, na qual fora buscar a filha mais nova, Lúcia.

Em referência à morte da mãe, dias depois do retorno de Júlia ao país, Albano escreve⁵⁰ ao irmão Afonso e à cunhada, em junho de 1934, os lamentos da morte da mãe – nem Afonso nem Margarida puderam dar o último adeus a Júlia Lopes, pois estavam fora do país. Sobre a reação de Filinto, Albano relata: “Papai recebeu o golpe com incrível estoicismo. Todos se espantam da sua coragem e resistência e aparente resignação. Só nós sabemos o quanto ele está sofrendo, sem a sua companheirinha de perto de 48 anos!”

Em 1938, Filinto publica o livro de poesias *Dona Júlia*⁵¹, por meio do qual revela parte do cotidiano e do afeto compartilhado pelo casal. Filinto de Almeida se empenhou em descrever não apenas os bons momentos ao lado da esposa, mas também os momentos de angústia e tristeza com a partida definitiva da amada.

Figura 12 – Folha de rosto e dedicatórias em *Dona Júlia* (1938)



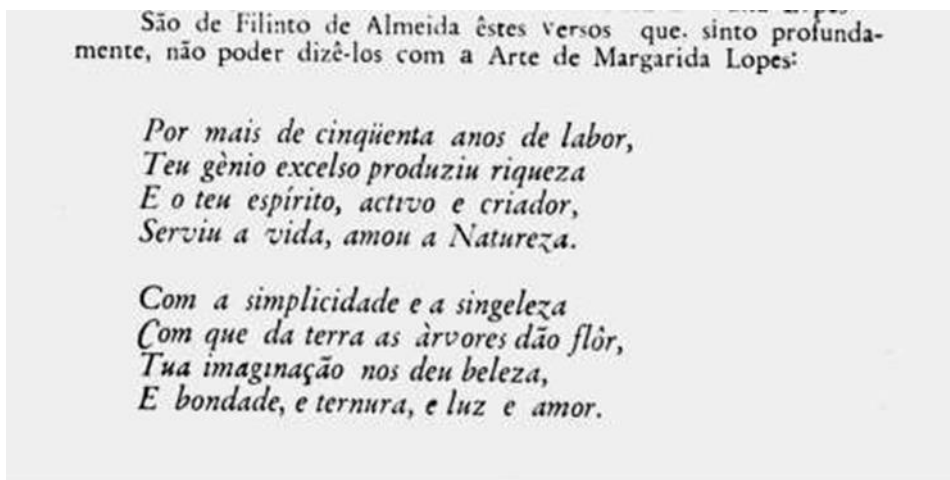
Fonte: Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça/ ABL.

Tal feito não passou despercebido em *A Violeta*. Em 1946, 12 anos após a morte da escritora, Maria Dimpina publica versos de Filinto de Almeida extraídos de *Dona Júlia*, nos quais a admiração pela esposa é evidente:

⁵⁰ A carta encontra-se disponível para consulta na seção “Correspondências de terceiros e correspondências pessoais” do Arquivo de Filinto de Almeida, Série Júlia Lopes de Almeida, localizado na ABL.

⁵¹ A obra não foi produzida para a venda, mas sim para distribuição entre familiares e amigos. A Biblioteca da ABL guarda uma das cópias autografadas por Filinto.

Figura 13 - Página 3 da edição 337, 26/11/1946



Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

A obra de Filinto aparece, de forma mais frequente⁵² em *A Violeta* a partir da edição 238 (abril de 1938), tendo a revista publicado algumas das poesias encontradas no livro. A morte do poeta, em 1945, também estampada nas páginas da revista, encerra, em certa medida, a participação da patrona da revista em suas edições. Nadaf (1993, p. 70) sublinha: O tema preferido por Filinto foi o amor: a manifestação exacerbada do seu amor à esposa, e dos sentimentos tristes por sua morte (...). Versou sonetos, numa linguagem sentimental e lírica.”.

Embora alguns textos apontem certo conservadorismo em sua obra em razão de seus ideais de lar e família, Júlia Lopes de Almeida ultrapassou os limites do quarto de costura, da sala de jantar e parece ter conciliado, com afinco, a sua vida doméstica, a maternidade e o espaço público que ocupava.

⁵² De acordo com o acervo disponível de *A Violeta*, a primeira colaboração figura na edição de aniversário da revista, em 26 de dezembro de 1920.

Figura 14 – Ilustração da família na edição 9 da revista Serões, em março de 1906



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Municipal de Lisboa.

Dona Júlia, ou Juju, como era chamada pela família, especialmente pelos irmãos, buscava, no cotidiano com os filhos, os momentos de trabalho com os “seus bonecos”, a sua pena:

D. Júlia, depois de dar-lhe almoço, e de despachar Affonso para as suas aulas, vendo chegar a hora de escrever a crônica para O Paiz, ou de ajuntar um capítulo do romance que o editor reclama, diz-lhe, muito séria e doce:

- Filhinhos, agora vão lá para dentro brincar com os seus bonecos, e deixem-me um momento com os meus.

E foi assim, dizendo aos filhos que ia brincar com os seus bonecos, que ella escreveu, além dos dois livros de que atraz fallei e passam por ser os mais valiosos documentos do seu talento de romancista, a Viuva Simões e as Memorias de Martha, novellas duma psychologia feminina ao mesmo tempo delicada e forte, cheia de graça e cheia de verdade ; o Livro das Noivas, escola peregrina de esposas e de mães; a Ancia Eterna, contos que, na factura larga e exacta, lembrariam Maupassant se os não ameigasse um sabor poético tão individual; os Contos Infantil, de colaboracao com sua irmã, a poetiza D. Adelina Lopes Vieira; a Casa Verde, de colaboração com Filinto, a Intrusa, que deliciou os leitores do Jornal do Commercio e ainda outros livros (...). (REVISTA SERÕES, n.9, 1906, p. 179).

Em sua última obra folhetinesca, *Maternidade*, publicada no *Jornal do Commercio* entre 1924 e 1925, a escritora fala sobre os sacrifícios impostos pela maternidade e sublinha a *missão*

das mães de instruir, assear e alimentar os filhos. Ademais, fala sobre um sentimento de gratidão pela família, pelos pais e pelos filhos:

Ninguém acende fochos para alumiar caminhos já andados, mas aqueles de que precisa evitar perigos ou em que haja alguma cousa a construir... Renovar, renovar, é a lei do mundo, e é no filho que a mãe se renova e continua. O amor dele por ela não tem a mesma razão egoísta. Ser bom filho, é ainda por isso mesmo mais belo do que ser bom pai ou boa mãe. Escreveu Goethe que: “toda a pessoa que não tiver sentido veneração pelos pais não pôde ser venerada pelos filhos.” A corrente do Amor na família precisa ser forjada em todos os seus elos com a mesma liga de sinceridade e de resistência. (ALMEIDA, 1925, p. 43).

Os talentos dos filhos do casal Almeida também são sublinhados na imprensa. Afonso, o primogênito, foi poeta, romancista, diplomata – a época da morte da mãe, estava em exercício – e jornalista; Albano, pintor e poeta; Margarida, declamadora e artista plástica; e Lúcia, pianista e escritora. Em reportagem para a revista *Beira-Mar* em 1932, o jornalista Gonzaga Coelho comenta:

A prova aqui temos. Albano -pintor, poeta e counteur” – é um espírito que vive entre o conchego do lar e os misteres de sua profissão, espalhando fidalguia entre os que podem fruir sua querida amizade; Affonso – romancista, poeta, jornalista e diplomata-deixou no Brasil, em livros e jornaes, um feixe luminoso de joias literárias, para depois seguir, no estrangeiro, o destino de viajante do Itamaraty, por força das determinantes de sua carreira consular.... Margarida – esculptora, premio de viagem de nossa Escola de Bellas Artes, professora de declamação- magistério que exerceu em Paris quando lá esteve ultimamente; e, Lucia, hoje senhora Carlos de Noronha, eximia pianista... E assim, a família toda, num verdadeiro cyclo de harmonias intelectivas, cumpre um destino que só é dado aos privilegiados. (BEIRA-MAR, 1932, p. 1).

Dos filhos, Margarida foi quem mais manifestou publicamente sua admiração e saudade. Seja em termos quantitativos, seja em termos de variedade, a filha mais velha do casal empenhou-se em lembrar o nome da mãe e guardar sua obra. Inaugurou, em 1939, no Passeio Público, na cidade do Rio de Janeiro, o busto de Júlia Lopes esculpido por ela. Na solenidade, além da família da escritora, estavam presentes estudantes da escola pública, o jornalista Brício Filho⁵³ e a escritora Maria Eugênia Celso⁵⁴, que proferiu discurso sobre o centenário de Júlia Lopes. O evento foi noticiado no jornal *O Globo*:

⁵³ **Jaime Pombo Brício Filho (1865 – n.i)** foi jornalista e político, fundador e diretor do periódico *O Século* em 1906. Colaborou ainda com os periódicos *O Globo*, *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*.

⁵⁴ **Maria Eugênia Celso (1886-1963)** foi jornalista e escritora. O trabalho de Azevedo (2015) lança luz sobre a biografia da escritora. No texto, a autora comenta que o fato de Maria Eugênia ser “filha do Conde Afonso Celso e da Condessa Eugenia da Costa Celso, e neta do Visconde de Ouro Preto” permitiu a escritora “a convivência com uma elite intelectual” (AZEVEDO, 2015, p. 25), da qual Júlia Lopes e a família faziam parte. Adiante, a relação entre as escritoras ficará mais evidente.

Figura 15 – Notícia de O Globo em maio de 1939



Fonte: Filinto de Almeida- Série Júlia Lopes de Almeida
Arquivo Múcio Leão/ABL

Em 1938, *A Violeta* anuncia que “ da festejada artista patricia Margarida Lopes de Almeida, recebe[ram] a formosa carta... nos relembra a sua adorada genitora nossa inesquecível patrona.” (A VIOLETA, edição 238-239, p.13). Na carta, Margarida Lopes agradece e mostra-se disponível para continuar o legado da mãe na revista:

Desde o falecimento de minha mãe projeto escrever-lhes para testemunhar-lhes a minha gratidão pelo preito que continuam a prestar pelo seu nome e pela linda constância na publicação da revista, orgam do grêmio Júlia Lopes. Minha mãe recebia “A Violeta” sempre com imensa satisfação e tinha suas diretoras um grande reconhecimento.

A minha vida nômade de artista e ao mesmo tempo de dona de casa e de escultora não me dá muitos lazeres para a minha correspondência mas terei sempre muito prazer em receber noticias das amigas distantes que tanto fazem para continuar o nome da minha adorada mãe. Fico ao inteiro dispor do “Grêmio” e da “Violeta” para aquilo que lhes puder ser útil. Com a maior simpatia.

Margarida Lopes de Almeida.

(A VIOLETA, edição 238-239, p. 13).

Ademais, junto à carta, fora publicada uma imagem de Margarida Lopes de Almeida, sob a inscrição: “D. Margarida Lopes de Almeida. Homenagem d’ “A Violeta” a quem tão brilhante e carinhosamente sabe guardar as tradições da cultura, de honra e de patriotismo de quem foi e continua sendo o anjo tutelar de nosso Gremio.” (A VIOLETA, edição 238-239, p. 13).

Cinco anos mais tarde, em agosto de 1943, *A Violeta* anuncia⁵⁵ a visita de Margarida Lopes de Almeida na edição 299 e, na edição 301, as redatoras da revista dedicam boa parte do

⁵⁵ Edição 299, agosto de 1943.

número ao acontecimento. Margarida chegou em Mato Grosso em 19 de setembro de 1943 e por lá permaneceu por 1 semana, retornando ao Rio de Janeiro, em 26 de setembro. Dentre os locais⁵⁶ visitados pela declamadora, está a redação de *A Violeta*, onde pôde estar em contato com aquelas que homenagearam Júlia Lopes de Almeida em sua história:

Margarida visitou, em companhia da Exma. Snra. D. Maria Muller e da Presidente do Grêmio Snra. D. Laurinda Ribeiro, esta Redação. Receberam-na a Diretora da Revista, distintas Snras. e Senhorinhas do Grêmio Júlia Lopes, notáveis homens de letras desta Capital. A Apresentação dos mesmos foi feita pela Diretora da forma como vai publicado no outro local. Margarida declamou com entusiasmo, em agradecimento, *Nessun Maggior Dolore*, como a mais viva e sentida expressão de seu pai e sua saudosa genitora. Foi, como disse a Diretora da revista, uma reunião familiar, mas uma reunião onde se confundiam espírito e coração para formarem um ambiente da mais bela e para harmonia. Fez-se inauguração do retrato da saudosa consórcia D. Bernardina Rich. (*A VIOLETA*, edição 301, p. 23).

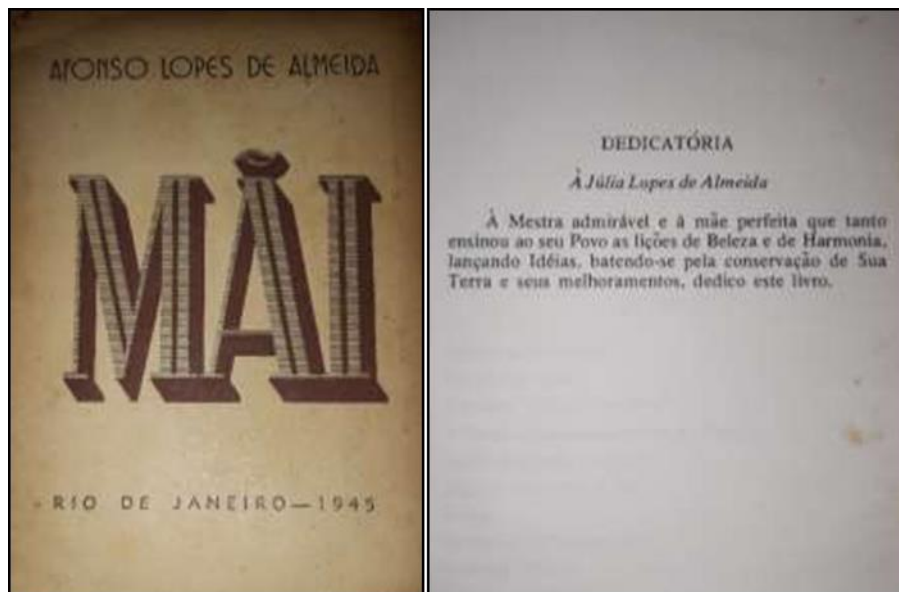
Em 1956, na edição inaugural do programa “Mulheres inesquecíveis”, é Margarida quem fala da mãe e declama um de seus trabalhos, a peça de teatro “A fome”. O fato é publicado no jornal *Correio da Manhã*:

Foi lançado nesta terça-feira última na Rádio Ministério da Educação, conforme havíamos anunciado, o programa “Mulheres Inesquecíveis”, escrito e organizado pela poetisa mineira Isis de Carvalho de Mendonça. A audição inaugural constou de uma homenagem a Júlia Lopes de Almeida, tendo como principal protagonista a renomada declamadora Margarida Lopes de Almeida, filha da homenageada, recentemente chegada dos Estados Unidos, onde esteve em missão cultural. Entrevistada pela organizadora do programa, Margarida Lopes de Almeida brindou os ouvintes com a interpretação magistral de uma das mais famosas peças de sua mãe – “A fome”. O interessante programa, que tem a duração de 30 minutos, será levado ao ar semanalmente, todas as terças-feiras. (*CORREIO DA MANHÃ*, 1956, p. 18).

As homenagens de seus filhos são muitas, especialmente no centenário de seu nascimento, em 1962. Margarida faz homenagem à mãe mais uma vez na Rádio do Ministério da Educação; Afonso e Albano discursam na Academia Carioca de Letras, agremiação onde Júlia tornou-se patrona da cadeira 26, ocupada por Afonso anos depois da morte da mãe. Lúcia publica *Terra do futuro* e dedica o volume à Júlia Lopes, além de ter relatado parte de seu cotidiano com os pais e os irmãos.

⁵⁶ Margarida participou de um evento no Palácio do Governo – um chá dançante – promovido pelo Grêmio Literário Júlia Lopes; apresentou-se por 2 noites no Cine (atualmente Cine Teatro Cuiabá); visitou o quartel do 16º Batalhão dos Caçadores de Cuiabá (16º BC), onde uma placa sobre sua visita foi inaugurada no salão de honra; e foi recebida da Academia Mato Grossense de Letras pelos intelectuais cuiabanos.

Figura 16 – Dedicatórias⁵⁷



Fonte: acervo da autora, localizado em sebo online.

As parcerias de Júlia Lopes de Almeida com a família começaram ainda em Lisboa. *Contos Infantis*, foi publicado com a irmã Adelina Lopes Vieira; *A árvore*, em colaboração com Afonso Lopes de Almeida, *Jornadas no meu país*, com ilustrações de Albano Lopes de Almeida, e *A casa verde*, em parceria com Filinto de Almeida.

O legado de Júlia Lopes de Almeida fundou-sena família. Persistiu, pelas iniciativas de sua filha Margarida, ao conservar os documentos, cartas, volumes diversos; e permanece através dos esforços empreendidos pelo neto, Dr. Cláudio Lopes de Almeida, que, além de ter doado o espólio da escritora à Academia Brasileira de Letras na década passada, empenha-se em receber os admiradores da avó e divulgar a obra da escritora, desde o final do século passado. Diante da crescente procura por informações sobre sua avó, Dr. Cláudio Lopes funda, ainda que não oficialmente, uma Confraria de Admiradoras de Júlia Lopes de Almeida, a CAJU. Desse seletto grupo, fazem parte algumas das pesquisadoras citadas ao longo desta pesquisa, a exemplo de Rosani Salomoni, Yasmin Nadaf, Michele Fanini e Anna Faedrich.

Em ocasião dos 160 anos da escritora, em setembro de 2022, por meio das iniciativas de Dr. Cláudio Lopes e sua esposa, a atriz e arte educadora Beth Araújo, foi inaugurada uma exposição no Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro, localizado no bairro da Gávea.

⁵⁷ Na sequência: Capa de *Mãe*, livro de poesias de Afonso Lopes de Almeida, publicado em 1945; e dedicatória em *Terra do futuro*, livro de Lúcia Lopes de Almeida, publicado em 1973.

A exposição “Júlia Lopes de Almeida 160 anos: um fenômeno literário no Museu da Cidade”⁵⁸ contou com o apoio da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro e perdurou por 5 meses. No local, era possível ter acesso à boa parte do espólio da escritora, o que inclui suas obras, escritos, fotografias, quadros, objetos de uso pessoal, postais, entre outros. Além da exposição material do espólio da escritora, foram organizados ciclos de debate, nos quais algumas pesquisas⁵⁹ recentes sobre a escritora foram apresentadas.

1.2 A salonista D. Júlia, “uma sábia conselheira”⁶⁰

Como intelectual engajado do século XIX, Filinto de Almeida, assim como os demais homens⁶¹ de letras de seu tempo, sentiu o peso da modernização a que o Rio de Janeiro, então berço da República brasileira, se acomodava. A *nova urbe*, modificada com a convergência da *Avenida central*, exigia novos comportamentos por parte desses intelectuais. A cidade estava pronta para uma enxurrada de mudanças, que comprometeriam não apenas seus aspectos urbanísticos, mas também os comportamentos, as relações sociais e, sobretudo, o conceito de intelectualidade.

Assistia-se à transformação do espaço público, do modo de vida e da mentalidade carioca, segundo padrões totalmente originais; e não havia quem se lhe pudesse opor. Quatro princípios fundamentais regeram o transcurso dessa metamorfose (...): a condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense. (SEVCENKO, 1999, p. 30).

⁵⁸ A exposição teve início em 17 de setembro de 2022, e fim em 26 de fevereiro deste ano; e como curadores do evento, assinaram Helder Nascimento, Suzana do Amaral e Anna Faedrich.

⁵⁹ Participaram os pesquisadores Eurídice Hespanhol (UBE), Gilberto Araújo (UFRJ), Rafael Balseiro (PUC- SP), Aline Castilho (UFF), Susana Moreira, Tomas Adour (Editora Vermelho Marinho) e Gabriela Trevisan (UNICAMP). Sendo uma das pesquisadoras convidadas, apresentei⁵⁸ o trabalho intitulado “Júlia Lopes de Almeida em *A Violeta*: orgam do Gremio Litterario Julia Lopes (1920-1934)”, em referência a esta pesquisa.

⁶⁰ Em referência ao termo utilizado por Salomoni (2000).

⁶¹ Especialmente os jornalistas.

Legitimado o processo de aclamação das letras patricias com a fundação da Academia Brasileira de Letras em 1897, não mais havia espaço para os boêmios, a figura do desajustado e do *bon vivant*. Assim, o processo que Broca (1975) identifica como *aburguesamento do escritor* nos primeiros anos dos 1900, vai, pouco a pouco, se estabelecendo como única e legítima via de acesso à intelectualidade. Nesse sentido, sublinha o autor, a nova boemia, a *boemia dourada*, ocupava-se de espaços comuns aos escritores, poetas, jornalistas – os salões literários.

Os salões, embora não fossem um grande advento da era republicana, inovaram em sua finalidade – abrigar as reuniões, as trocas, as relações entre a alta casta daqueles que compunham a República das Letras. Em outras palavras, nesses espaços de informalidade convergiram ideias, debates político-literários, estatutos e, mais, manifestações artísticas de seus participantes.

Localizado na casa de Júlia e Filinto em Santa Teresa, o *salão verde* era um dos polos aglutinadores da elite intelectual do país (ELEUTÉRIO, 2005), uma vez que frequentava? o espaço boa parte dos intelectuais das letras e dos acadêmicos das belas-artes. Machado (2002, p. 57) sublinha que “Dona Júlia recebia ao ar livre sempre que possível, em seus famosos jardins, e seu salão por isso chamado ‘verde’ (...) O salão de Dona Júlia era reduto de antigos abolicionistas, continuação dos momentos de luta política e das inflamadas rodas literárias”. O casarão de Santa Teresa, construído em 1904, abrigou durante duas décadas os mais variados e valiosos debates acadêmico-literários.

Figura 17 – Recorte⁶² de Brasil Ilustrado (1908-1950)



Fonte: Arquivo Filinto de Almeida – Série Júlia Lopes de Almeida.
Arquivo Múcio Leão/ABL.

Já no título da imagem – “a artística residência duma romancista illustre”, percebemos o tom laudatório da revista ao se referir à escritora. Ademais, sublinha-se o fato de Júlia Lopes residir em um local artístico, também em referência, percebemos, à sua posição de anfitriã. Na legenda da publicação de *Brasil Ilustrado*, lê-se:

Brasil Ilustrado oferece hoje aos leitores alguns aspectos photographicos colhidos há dias numa visita a eminente senhora D. Julia Lopes de Almeida – O artístico salão de jantar – A Exma. Sra. D. Julia cercada por suas gentilíssimas filhas e nora e por seu filho Affonso Lopes, o illustre poeta patricio. – A grande romancista no seu gabinete de trabalho. – A elegante vivenda. (BRASIL-ILLUSTRADO, s.d).

⁶² Não foi possível localizar o número de onde foi extraída o recorte. Muitos documentos, como citados na introdução deste trabalho, estão recortados e colados em uma espécie de *scrapbook*, material este que muitas vezes não apresenta a data de publicação.

Dona Júlia, ao lado de Laurinda Santos Lobo⁶³, foi a salonista mais famosa de Santa Teresa. Outros intelectuais e acadêmicos moravam em proximidade e frequentavam o *salão verde*. Arthur Azevedo, Olavo Bilac, Coelho Neto, João Luso, João Ribeiro, Valentim Magalhães, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia eram alguns desses nomes. Muitos por influência de Filinto, que cultivava amizade com Coelho Neto e Valentim Magalhães, passaram a frequentar e tomar o espaço como um reduto da intelectualidade carioca. A respeito da posição de Júlia e Filinto, Machado (2002, p. 64) afirma que:

Dentro desta categoria de letrados, Filinto e Júlia anunciam um subgrupo. Se a geração de 1870 também se caracterizava por monopolizar o acesso às sinecuras mais importantes e gravitar em torno do todo poderoso [Barão] de Rio Branco⁶⁴, ministro do exterior, o casal Almeida, jornalistas - e conferencistas - eram intelectuais mais independentes de Rio Branco e dos empregos estatais, na época concentrados no Itamaraty.

Para além dos saraus literários e das reuniões nos quais os intelectuais discutiram, entre outros, a fundação da ABL e seu regimento, o espaço também era local de divulgação de ações educativas. Dona Júlia, autora de livros que foram utilizados no âmbito escolar⁶⁵, acreditava em uma escrita de missão⁶⁶. A historiografia aponta um projeto de conferências idealizado pela escritora para fins educacionais, e que fora apresentado em seu salão⁶⁷. Michele Fanini (2016, p. 27) sublinha o feito de Júlia Lopes como salonista: “Júlia Lopes de Almeida fundou um espaço literário como forma de facilitar seu trânsito, como profissional das letras, em um universo ainda infenso à presença feminina.”

⁶³ Laurinda Santos Lobo (1878-1946) foi uma das figuras mais emblemáticas da belle-époque carioca. Sobrinha do Dr. Joaquim Murinho, ministro da fazenda no início do século XX, Laurinda herdou o casarão e boa parte de sua fortuna quando na sua morte em 1911. A partir daí, Laurinda Santos Lobo inaugura uma nova era no antigo salão do tio, promovendo festas, eventos, chás, apresentações artísticas e musicais. “Anfitriã sofisticada, amante das artes, colecionadora e mecenas pródiga, sob seu comando o palacete Murinho se torna o mais importante salão lítero-musical da República Velha.” (MACHADO, 2002, p. 123).

⁶⁴ José Maria da Silva Paranhos Júnior (1845-1912), conhecido pelo título Barão do Rio Branco, “Advogado, político, jornalista e diplomata, foi responsável pela consolidação das atuais fronteiras do Brasil, no início do século XX, conquistando, através da diplomacia, a garantia de um território equivalente a 900 mil quilômetros quadrados”. Ocupou, durante 10 anos, o Ministério das Relações Exteriores, até a data de sua morte, em 1912. (Fonte: Fundação Alexandre Gusmão).

⁶⁵ *Contos Infantis* (1886), *Histórias da nossa terra* (1907), *A árvore* (1916), *Era uma vez* (1917) e *Jornadas no meu país* (1920).

⁶⁶ Em uma visão mais ampla, faz referência ao projeto político-pedagógico que inflava as escolas no início do século, isto é, a formação do cidadão que valoriza os símbolos pátrios na mesma medida em que convencionava-se ao ideário burguês de família e trabalho.

⁶⁷ Nos limites desta pesquisa, não foram encontrados documentos a respeito das conferências supracitadas.

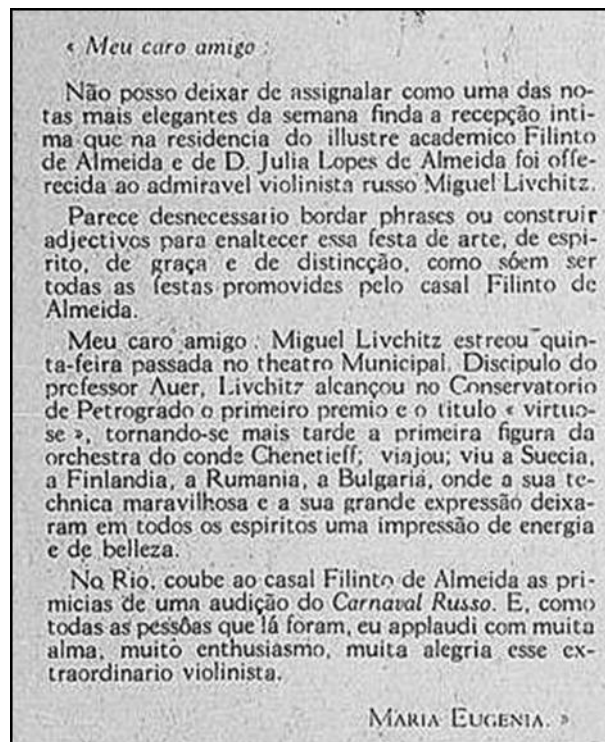
A relação do casal Almeida com a elite intelectual carioca era profícua. Filinto já cultivava, antes do casamento com a escritora em 1887, redes de sociabilidade que mais tarde viabilizariam, em certa medida, a ascensão da residência do casal como uma “espécie de embaixada literária de Portugal” (MACHADO, 2002, p. 66), haja vista a projeção dele como acadêmico da ABL, e de Júlia como uma destacada romancista daquele tempo. Margarida Lopes de Almeida, ao falar sobre o *salão verde* e sobre os convidados comenta:

Em nossa sala se reuniam os poetas, os escritores, os maiores artistas contemporâneos. João Foca, o delicioso humorista que tinha tanto de espírito como de bondade. João Foca, José Batista Coelho, para nós era o Leca, que nos divertia brincando conosco como se tivesse a nossa idade. Chamava ele a nossa casa de “Lar Bendito”. João Luso, foi o amigo – irmão, considerávamo-lo um tio nosso. Quando nasci já o encontrei no convívio fraterno de meus pais. De Valentim Magalhães que fora o maior amigo de meu pai, o seu companheiro de mocidade, não guardo memória porque morreu pouco depois que nasci, mas vejo como se fosse agora Olavo Bilac recitando trechos de suas traduções de Romeu e Julieta, Alberto de Oliveira a dizer na sua voz grave e lenta “Ser lagarta em verdade é coisa bem triste”, Roberto Gomes pedindo a meus pais conselhos para sua peça Berenice, Paulo Barreto entrevistando minha mãe, Alberto Nepomuceno, Carlos de Carvalho e Frederico Nascimento conversando sobre música, Helena, Suzana e Silvia Figueiredo novas ainda mas já famosas pianistas, a célebre Rejane almoçando à nossa mesa, o enorme Charby, menor no tamanho que no talento, Augusto Rosa, sempre com sua mulher Sra. D. Leonor, contando-nos passagens de suas vidas e atores, Malhoa que deitava fora as maravilhosas mangas rosa que minha mãe lhe dava, escolhidas de nossa melhor mangueira, sem coragem de recusá-las e confessar o seu medo de que lhe provocassem febre amarela, Antônio Carneiro que, nosso hóspede durante seis meses, reparava o insulto feito pelo colega à nossa fruta mais deliciosa, comendo quantas o seu apetite e a sua gula permitiam; Carlos Reis a pintar os retratos magistrais de meus pais; de tantos, tantos outros que iluminavam de espírito o ambiente em que desenvolviam nossas inteligências. (ALMEIDA, 2015, p. 197-199).

Dona Júlia também promoveu festas e eventos no local. Como não era de praxe para mulheres frequentarem os restaurantes com os homens, a escritora passa a receber a intelectualidade em seu jardim.

Um desses eventos é noticiado na *Revista da Semana*, em 11 de junho de 1921 por meio de uma carta da escritora Maria Eugênia Celso, que relata a recepção do violonista russo Miguel Livchitz:

Figura 18 – Recorte da página 26 da edição 24 da Revista da Semana em 1921



Fonte: Hemeroteca Digital FBN.

A revista *O Malho* publica, em 1918, duas fotografias⁶⁸ de uma festa de arte, quando houve a encenação de uma das peças da escritora, *Nos jardins de Saul* – em benefício da Assistência de Santa Teresa.

⁶⁸ Na legenda, lê-se: “Aspectos da festa de arte realizada no jardim da residência do casal Filinto de Almeida, em benefício da Assistência de Santa Theresa: no alto, Grupo de artistas e amadores que deram execução ao brilhante e artístico programa vendo-se ao centro a Exma. Senhora D. Júlia Lopes de Almeida, ditincta escriptora e promotora da festa. Em baixo, - Um aspecto da escolhidíssima assistência encantadora com a reprodução ao ar livre do episódio bíblico – Nos jardins de Saul – original d’aquella illustre escriptora.”

Figura 19 – Página 11 da edição 800 de O Malho



Fonte: Hemeroteca Digital FBN.

As associações beneficentes constituíam espaços comuns de sociabilidade entre os pares – em sua grande maioria membros da elite – o que poderia significar mais uma forma de legitimação da elite intelectual. Essas instituições

estimulavam a interação da comunidade étnica. Além de promover atividades culturais e organizar cerimônias com as mais variadas motivações, ofereciam proteção e amparo aos necessitados. Na maioria das vezes prestavam auxílio exclusivamente aos associados, mas havia também aquelas que davam assistência aos que delas não faziam parte.” (BOSCHILIA, 2008, p. 343).

Velloso (2016, p. 38) aponta que, na Primeira República, “a ideia de duplo pertencimento cultural e a sensação de estar sempre entre dois mundos era compartilhada por grande parte da intelectualidade” em relação aos laços com a cultura europeia, tida como padrão. O projeto de Santa Teresa, como parte integrante de uma Sociedade de Beneficência Portuguesa⁶⁹, fazia parte de uma atividade comum à época. Júlia Lopes, assim como outras senhoras, associou-se, ao longo de sua vida, a outras instituições⁷⁰, assumindo um caráter filantrópico, status feminino em voga no início do século XX.

Lúcia Lopes de Almeida Noronha, em *Terra do Futuro* (1973) anuncia que, além do *salão verde*, Júlia Lopes tinha um salão em Paris⁷¹, na Avenue Freidland, próximo ao Arco do Triunfo, no centro da cidade. De Luca (1997, p. 224) comenta ainda que Júlia e Filinto recebem “os amigos franceses, portugueses e brasileiros, cultivando a convivência com personalidades de uma vasta gama de cores políticas e ideológicas.”

Nele se encontravam reunidos, à tarde, e à noite, os maiores vultos da Arte Internacional, da ciência, da diplomacia, da política... todas as personalidades que visitavam ou Paris, ou o Rio, além dos Naturais dos dois países...que eram nossos habitués.

Meus pais não eram políticos, nem afincados a nenhuma religião, e assim, vultos da Igreja, como avessos a Ela, nos frequentavam, e, por isso, os nossos amigos arraigados a essas ideias, telefonavam antes de lá ir, a saber quem iria essa tarde, ou aquela noite... (NORONHA, 1973, p. 21-22).

No relato de Lúcia, filha caçula do casal, pontuamos dois aspectos interessantes no que concerne aos protocolos adotados por Júlia como salonista: o primeiro, assim como relatado por Margarida, refere-se à presença de crianças no espaço reservado aos debates intelectuais, uma vez que ambas circulam pela casa e os convidados as cumprimentam; um outro aspecto é o fato de que, embora o casal Júlia e Filinto terem tido visões opostas com relação à

⁶⁹ Criada em 1840, a Sociedade de Beneficência Portuguesa fundou-se “com intuito de ajudar os emigrantes portugueses a encontrar trabalho, apoiar os pobres e pagar os seus funerais”, atuando principalmente no âmbito da saúde e do assistencialismo. Ademais “A Assistência da Colônia Portuguesa configura-se como iniciativa coletiva, tradutora das preocupações, mobilizações e contribuições da colônia portuguesa a partir do Brasil, em prol do bem público e da assistência aos órfãos nacionais desfavorecidos e que sofrem.” (COSTA, 2014, p.728-729).

⁷⁰ Veremos ao longo deste texto.

⁷¹ O casal fixa residência em Paris na década de 1920, por conta dos estudos de Margarida Lopes de Almeida.

religiosidade – ela acreditava em Deus e expôs sua crença em uma seleta de textos⁷² enquanto Filinto era ateu –, procuravam receber os convidados respeitando suas posições, em uma espécie de *script* – roteiros diferentes para públicos diferentes.

As figuras 20, 21 e 22 mostram a localização da residência do casal em Paris:

Figura 20 – Recorte de postal com fotografia do Arco do Triunfo, em 1928.



Fonte: Coates Library/ Trinity University.

Figura 21 – Localização⁷³ espacial da residência do casal Almeida em Paris



Fonte: Map of Paris.

⁷² A exemplo de Oração à Santa Dorotéia, conferência publicada em 1923 pela Francisco Alves.

⁷³ Em destaque na cor azul.

Figura 22 - Avenida Freidland, n.8, em julho de 2021



Fonte: acervo da autora.

Um dos ilustres convidados a frequentar o espaço literário de Dona Júlia no Rio de Janeiro foi o artista Rodolfo Amoedo (1857-1941), autor e pintor humanista que presenteou Dona Júlia, no início do século, com um retrato em aquarela (FANINI, 2018), quando a escritora posa em seu gabinete, como mostra a figura a seguir:

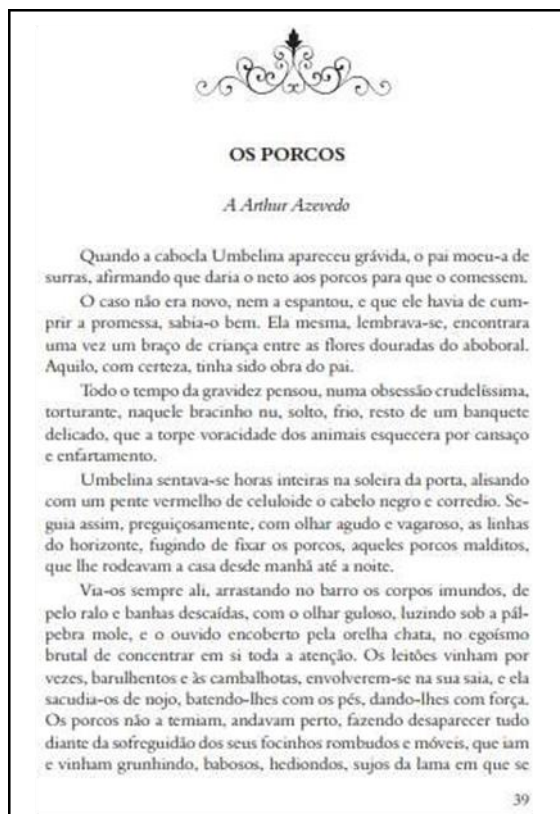
Figura 23 – Aquarela de Rodolfo Amoedo



Fonte: Fanini (2018).

Dona Júlia e Filinto também assumiam a posição de convidados. Arthur Azevedo, irmão do escritor Aluísio de Azevedo, era vizinho do casal Almeida. A fortuna crítica da escritora e do próprio bairro de Santa Teresa indicam que o jornalista recebia Dona Júlia e Filinto *sempre às quintas feiras*. A amizade do casal com o jornalista e teatrólogo rendeu homenagens. Um dos contos de *Ânsia Eterna* (1ª edição 1903) é dedicado a Arthur Azevedo:

Figura 24 – Primeira⁷⁴ página do conto “Os porcos”

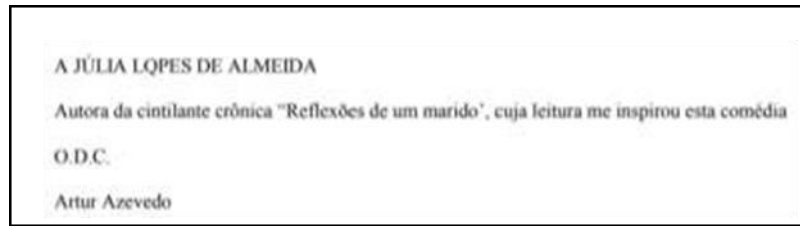


Fonte: *Ânsia Eterna* (2019).

Em 1907, Arthur Azevedo publica a peça *O Dote* e o oferece à Dona Júlia, em respeito às inspirações recebidas pela leitura da crônica “Reflexões de um marido”, no jornal *O Paiz*.

⁷⁴ São 6 páginas no total nesta edição.

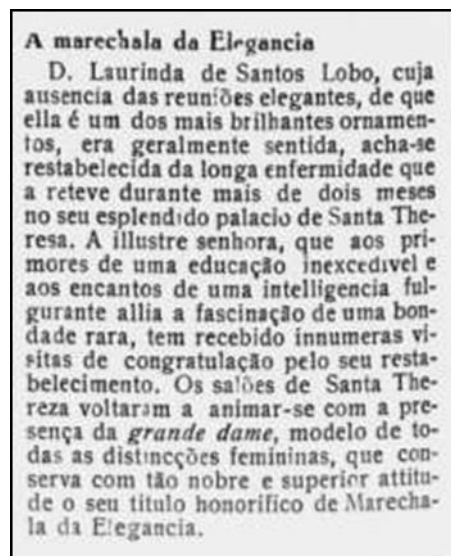
Figura 25 – Dedicatória de O Dote



Fonte: Domínio público.

Outro espaço frequentado pela família Almeida era o salão de Laurinda Santos Lobo. A “marechala da elegância”, vocativo pelo qual ficou conhecida por sua indumentária escandalosa e elegante, Laurinda, promovia diversos eventos ao decorrer do ano, especialmente em datas comemorativas e na ocasião de seu aniversário. Fernanda Lopes de Almeida, neta de Júlia Lopes, relata, em entrevista a Hilda Machado em 1990, ter lembrança de Laurinda, que “muito afetiva, correu para o meu avô para o abraçar, muito sorridente.” (MACHADO, 2002, p. 105).

Figura 26 – Recorte da página 28
 edição 42 da Revista da Semana em 1917



Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

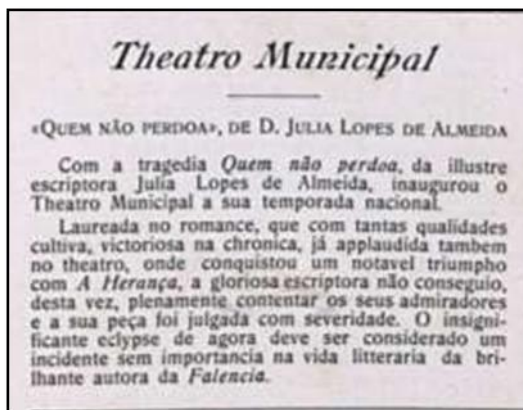
Vale ressaltar que, embora Laurinda tenha sido uma espécie de “celebridade” nos jornais e revistas da época por sua elegância, extravagância e por seus eventos grandiosos no Palacete Santos Lobo, a casa de Júlia Lopes de Almeida e o salão verde convergiram, com grande alcance, a intelectualidade carioca dos primeiros anos do século passado. Nesse sentido:

O poder econômico em Santa Teresa se concentrava em Laurinda Santos Lobo. Mas a literatura, como todos os seus triunfos e louvores, era o feudo da escritora Júlia Lopes de Almeida – não apenas por receber grandes nomes em sua casa, mas pelo que saía desta em matéria de produção literária. Ela era um fenômeno de sucesso editorial. (CASTRO, 2019, p. 63).

Apesar das relações de cordialidade e admiração que cultivava com grande parte dos intelectuais, Dona Júlia também enfrentou certas animosidades com seus pares. Margarida afirma que um desses momentos foi a polêmica com Oscar Guanabary⁷⁵, então colaborador de *O Paiz*, com a seção “Artes e Artistas”, onde apresentava avaliação das mais variadas, gerando, muitas vezes, debates e polêmicas com os artistas.

O prefeito Pereira Passos criou um concurso, à época da fundação do Teatro Municipal, para escolher as peças que fariam parte da primeira temporada. Dentre as selecionadas, aparece *Quem não perdoa*, de Júlia Lopes de Almeida.

Figura 27 – Recorte da página 33 de Careta, em 1912



Fonte: Hemeroteca Digital FBN.

A revista *Fon Fon* apresenta comentário em 1912 sobre o feito da escritora e destaca a “garantia do sucesso” por conta da projeção de Júlia Lopes de Almeida no cenário literário nacional:

⁷⁵ **Oscar Guanabary (1851-1937)** foi músico, dramaturgo e crítico de artes. No final do século XIX, Guanabary consolidou sua carreira como um dos mais importantes críticos das Belas-artes no Brasil. Colaborou com diversos periódicos dos quais destaca-se, para além de *O Paiz*, o *Jornal do Commercio* e a *Gazeta de Notícias*. Grangeia (2004, p.328) afirma que “como crítico profissional, Guanabary não escreveu uma quantidade imensa de textos sobre as apresentações de música e teatro na cidade (...) como também se encarregou de descrever e analisar grandes exposições de pintura e escultura, principalmente as gerais da Academia Imperial das Belas Artes e, após a proclamação da República, da Escola Nacional de Belas Artes. Tornou-se, assim, uma espécie de autoridade no assunto, um importante elo entre as apresentações das Obras de arte em suas virias modalidades e a recepção do público, matizado por um pensamento estético elaborado ao longo de décadas.”

Figura 28 – Recorte da página 37 de Fon Fon, em 1912



Fonte: Hemeroteca Digital FBN.

Foi com o nome ilustre de D. Julia Lopes de Almeida que o nosso Municipal iniciou a tentativa louvável de regeneração da scena nacional. Era uma garantia de successo, esse nome literário de tão alto destaque, de tão justa consagração no nosso meio intelectual.

Quem não perdôa é o título da nova peça de D. Julia, peça de intensidade dramática, de fino estudo psychologico que serviu para confirmar o mérito incontestável da sua autora.

Tal fato também é anunciado na seção “Theatro” em O Século, que registra a apresentação da peça seguida de crítica positiva à obra de Júlia Lopes, como se pode observar a seguir:

Quem não perdoa – sexta-feira ultima effectuou-se no Municipal a récita da ilustre autora da peça Quem não perdoa, que foi a primeira victoria dos que tentam a instituição firme e indiscutível de um theatro nosso, muito nosso, com actores e autores nacionais.

A ilustre e distincta escritora d. Julia Lopes de Almeida recebeu grandes homenagens do grande publico que encheu a sala do Municipal, dando-lhe um aspecto encantador. E à eximia escriptora patrícia um publico bem distincto foi levar a manifestação de seus applausos e flores, fazendo com que a estimada literata viesse varias vezes ao

proscênio entre aclamações, notadamente no intervalo do 2º acto, no qual teve d. Julia Lopes de Almeida varias chamadas à scena, debaixo dos mais entusiasticos applausos.

Quem não perdoa foi representada com cuidado pelos artistas e com a propriedade de um mise-em-scene das primeiras representações, tendo por isso os interpretes os applausos do publico fino e inteligente que assistia a essa festa de arte.

Aos cumprimentos recebidos pela fértil, illustre e estimada literata patrícia juntamos os nossos. (O SÉCULO, 1912, p. 3).

Apesar de *O Século* tratar de uma crítica positiva com relação à obra e à escritora, Oscar Guanabara, contrariamente, criticou Júlia Lopes mais de uma vez, quando contestou a decisão da comissão do concurso, da qual Filinto de Almeida integrava. Oscar Guanabara, “velho companheiro... de temperamento combativo” (O PAIZ, edição 9377, p. 5), é assunto da seção “Artes e Artistas”, que descreve a polêmica entre o crítico e o acadêmico. Filinto de Almeida responde através de carta endereçada ao diretor do periódico:

Já se foi o tempo em que os deuses eram respeitados e gozavam de invejável imunidade de estar fora do alcance das setas irreverentes da perversidade humana. Não é de se estranhar que o Sr. Filinto de Almeida, ilustre homem das letras e membro proeminente da Academia Brasileira fosse homem escolhido para alvo do desabafo do nosso velho companheiro Oscar Guanabara...

(...)

Exmo. Sr. diretor de *O Paiz* - não querendo dar ao seu colaborador da sessão *Artes e artistas* uma resposta, que ele não merece, cumpro me afirmar a V. e ao público, que a comissão nomeada pela Academia Brasileira para a escolha das peças destinadas este ano ao Theatro Municipal, se compoz, além do signatário desta, dos illustres senhores Alcindo Guanabara, Alberto de Oliveira, Conde Afonso Celso, e Souza Bandeira. (O PAIZ, edição 9377, p. 5).

Na biografia escrita por Magarida Lopes de Almeida, a menção ao caso recebe tons de aspereza: “Guanabara rabiou de inveja [por não ter tido sua peça escolhida] e veio com a sua conhecida diatribe a ser causa de retirar a escritora a sua colaboração semanal de *O Paiz*, que mantinha há vinte e dois anos.” (ALMEIDA, 2015, p. 200).

Outra polêmica envolvendo o nome da escritora diz respeito ao seu posicionamento diante da indicação da publicação do volume *Contos da Carochinha*, de autoria de Figueiredo Pimentel, divulgado em 1899 em *O Paiz*. De acordo com a pesquisa de Silva e Pinto (2018, p. 236), Júlia Lopes de Almeida, “classifica o livro como um volume de ‘perversão’... ressalta que os contos continham erros ortográficos”, e que, por estes motivos, seria um crime oferecer o volume às crianças.

Figueiredo Pimentel, em resposta às acusações de Júlia Lopes, tem longo texto publicado no mesmo periódico, ao que replica, de forma contundente, que a escritora pretendia “monopolizar” a literatura infantil, mesmo sendo seus livros, segundo o autor, meros produto

da necessidade da instrução pública. Isto é, estariam “encalhados” nas prateleiras caso não fossem adotados nas escolas. (SILVA; PINTO, 2018)

Em seu relato, Margarida Lopes diz que Júlia Lopes de Almeida parece que *sufria calada*, mesmo diante das duras críticas. Não se pronunciou sobre as rusgas ao que parece e que foi, pouco a pouco, adquirindo no segundo decênio do século XX. Sua obra, de natureza prosadora e fincada na escola realista, assistiria, ao lado de muitas outras, um período de recessão literária: tudo às custas na nova corrente que se apresentava em pouco tempo, o Modernismo.

João do Rio, (um dos cronistas mais populares da Primeira República) já disse isso acrescenta a respeito da obra de Júlia Lopes e das críticas destinadas a ela:

As suas ideias modestas e sem espalhafato, a sua sensibilidade sem extravagâncias souberam tocar o público. A colaboração da Sra. D. Julia nos jornais aumenta a edição dos mesmos. Que importa à D. Julia um crítico, dois críticos, uma dúzia mesmo contra ela? A sua marca é boa, vendável; e como acontece a Outros produtos, os próprios críticos, forçados pela corrente, fazem-lhes o reclamo com o instinto, aliás muito humano, que tem toda a gente de aclamar os que a multidão aclama. Quando o público adopta um escritor—D. Julia, Bilac, Medeiros e Albuquerque — é que se percebe bem a inanidade da crítica (1908, p. 325-326).

Como salonista, Dona Júlia parece ter conquistado não apenas mais admiradores de sua bibliografia, mas também sua legitimação como intelectual, especialmente por conta de um dos aspectos apontados por Sirinelli (1996) como preceitos do acesso à intelectualidade – as *redes de sociabilidade*. Nessa lógica, estaria Júlia Lopes de Almeida cumprindo com o protocolo estabelecido para a *aliança literária* entre os acadêmicos e intelectuais da capital, protocolo esse que seria observado até a década de 1920, quando houve “a [gradativa] substituição da sociabilidade dos salões pela das ruas, praças e jardins” (SEVCENKO, 1999, p. 96).

1.3 Viver da pena: *Júlia Lopes de Almeida* e a literatura como profissão

A Obra de D. Júlia Lopes de Almeida foi essencialmente construtiva. Preparou ela o cidadão para a Pátria ensinando o amor á língua, o respeito leis, a dignidade da família e a veneração pela Bandeira, como símbolo nacional. Ensinou a mulher levantar-se fazendo de sua

fraqueza força - capaz de realizar milagres pelo trabalho e
pela inteligência. (...)

D. Júlia foi a semeadora incansável de um maior bem: a
formação da mulher, da dona de casa. (...)

Obras que deixou, bagagem literária de alto valor, todas
elas visam a educação. Nada mais justo portanto que a
perpetuação de seu trabalho no da mulher para o lar com
educação adequada e completa. E o que fará o Grémio
Julia Lopes, em homenagem à memória imortal de sua
Patrona.

A Violeta, ed.313, 1944

Caminho pouco comum às mulheres de seu tempo, Júlia Lopes de Almeida, conforme assinala a crítica, construiu e solidificou sua carreira como escritora, *a maior romancista da República das Letras*⁷⁶, em um ritmo incansável e memorável quando pensamos no espaço entre as suas publicações. Foram aproximadamente 30 volumes em quatro décadas de atuação, o que nos dá uma média aproximada de 1 livro e meio a cada 2 anos.

Embora outros nomes⁷⁷ tenham ultrapassado Júlia Lopes em números, sublinha-se o fato de se tratar de uma escrita feminina, o que muito nos diz sobre sua projeção no campo dos intelectuais republicanos.

No texto selecionado para abrir esta seção, Maria Dimpina Lobo Duarte, autora do texto e redatora de *A Violeta*, utiliza três chaves principais para categorizar a obra de Júlia Lopes – o culto ao pátrio, a educação da mulher e a ordem. Aponta ainda que a maior de suas finalidades era senão a educação. Margarida, em ocasião do centenário da mãe, em 1962, comenta que a “obra de Júlia Lopes de Almeida pode ser dividida em três classes: a imaginosa, a educativa e a pacifista.” (ALMEIDA, 2015, p. 205).

De um modo ou de outro, o caráter educativo das obras de Júlia Lopes, seja por adoção de seus livros em instituições oficiais de ensino⁷⁸, seja pela tessitura dos manuais para a boa

⁷⁶ Eleutério (2005); Salomoni (2000); Ruffato (2019).

⁷⁷ Podemos citar Coelho Neto (1864-1934) como um dos escritores mais profícuos do início do século XX. Foram 49 obras publicadas em 38 anos de atuação, trazendo a média aproximada de 1 livro por ano.

⁷⁸ *Contos Infantis* (1886) fora adotado pela 1ª vez em 1891 pela Inspeção Geral de Instrução Primária (VIDAL, 2014); *Histórias da Nossa Terra* (1907), circulou por escolas primárias do Distrito Federal a partir de 1915 (SILVA, 2020); *A árvore* (1914), fora adotado pelas escolas riograndenses na década de 1920 (ALMEIDA, 1920).

educação da mulher de família ou pelo caráter formativo de sua obra romanesca - embora não tenha exercido magistério como muitas de suas contemporâneas-, permeou a História da Educação pela *dimensão educativa* de seus impressos e discursos.

Ferreira (2015), ao tratar da literatura como fonte histórica, indica a necessidade, mesmo naquelas obras ditas clássicas, de se interrogar a fonte, especialmente no que cerne aos consensos literários, às escolas que rotularam uma determinada época:

O historiador não deve se deixar seduzir facilmente por tais rótulos. Cabe àqueles que trabalham com a fonte literária, em vez de enquadrá-la em algum gênero pressuposto, interrogar a que público ela se destina e que papel cumpre nas condições sociais e culturais de uma época. (FERREIRA, 2015, p. 74).

Isto posto, pensemos na obra de Júlia Lopes não como uma expressão da corrente realista em voga na Primeira República, mas sim como uma possível representação de uma dada coletividade, uma vez que sua obra é marcada pela presença do cotidiano e da verossimilhança⁷⁹; e dos anseios e desejos de um público leitor.

Júlia Lopes de Almeida produziu um significativo número de gêneros literários – romances, manuais, livros escolares, contos, peças de teatro e crônicas. Sobre estas, a historiografia aponta uma intensa atividade. Colaboradora em diversos periódicos⁸⁰, a escritora parecia ter a pena sempre à mão. No início da década de 1920, Júlia já contabilizava mais de 25 obras publicadas e a colaboração com algo em torno de 30 periódicos, incluindo a fonte principal deste estudo, *A Violeta*.

A respeito da relação imprensa e literatura, é válido analisarmos alguns aspectos fundamentais de sua conformação. O final do século XIX e as décadas iniciais do século seguinte compreendem o período conhecido por *Belle Époque*. O movimento, iniciado na Europa, teria no Brasil um de seus mais expressivos discípulos, tomando a capital Rio de Janeiro como “o centro irradiador das grandes transformações” (NEGREIROS; OLIVEIRA; GENS, 2016, p. 11) que ocorreriam ao longo da Primeira República.

Sevcenko (1999) ressalta que o Rio de Janeiro do início do século passado se apresentou como uma *promessa de modernidade*. Seja por sua posição geográfica, o que marcou a cidade como o 15º maior porto do mundo, seja por sua qualidade de “maior centro populacional do país”, na então capital federal, criou-se o cenário ideal para a disseminação de conceitos modernos de cultura, identidade e civilidade.

⁷⁹ Diz-se da qualidade do que é verossímil, isto é, próximo ao verdadeiro, aceitável em sua confecção.

⁸⁰ A historiografia aponta um número superior a 30, dentre jornais, revistas, anuários e almanaques.

Moreira (2015 p. 17) acrescenta que “entre os papéis assumidos pelo jornalista estava o de educador, pois uma das missões do jornal era a de suprir a falta de escolas e de livros. “Júlia Lopes de Almeida, assim como outros⁸¹ escritores de seu tempo, utilizou o que a autora chama de *jornalismo de mãos dadas com a literatura*, isto é: fez da imprensa uma via de divulgação e legitimação de suas obras, haja vista a expressiva quantidade de livros que antes foram publicados sob formato de folhetim⁸².

A literatura nos jornais do início do século XX caminhou lado a lado com o jornalismo. Broca (1975) indica que a própria rotina nas redações oferecia ao escritor estar em contato com a sua escrita, ainda que o trabalho lhe exigisse a produção de outros gêneros. As primeiras décadas dos 1900 marcaram a vida do escritor com as promessas de fama e reconhecimento pelos pares. Muitos, ainda ligados à boemia, tentavam encaixar-se na *nova urbe*, nos grupos intelectuais formais, especialmente por meio do ingresso na ABL, via de legitimação intelectual oficial.

A imprensa, cumprindo com seu papel difusor de ideias, trabalhou para a disseminação dos ideais modernos de comportamentos, mentalidades e urbanismo. *O Rio civiliza-se!* era o slogan comumente utilizado para justificar a campanha regeneradora⁸³ do início do século passado.

A complexidade da vida urbana e a heterogeneidade de formas de ver o mundo dos vários grupos e classes sociais que habitavam a cidade e nela circulavam, os novos modelos de sociabilidade, a publicidade, a moda, encontraram no jornal o espaço privilegiado de exposição de novas experiências e sensibilidades. (NEGREIROS; OLIVEIRA; GENS, 2016, p. 12).

Sodré (1999, p. 292) afirma que “os homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não conseguiam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; e um pouco de dinheiro, se possível.” Dentre os jornais que melhor pagavam seus colaboradores estão *O Jornal do Commercio*, *O correio da manhã* e *O Paiz*, os quais desembolsavam de 30 a 70 contos de réis para seus colaboradores (BROCA, 1975; SODRÉ, 1999; MICELI, 2015). Em entrevista à João do Rio (1908, p. 29-30), Júlia comenta:

⁸¹ Outros escritores que aderiram à publicação de folhetins são Machado de Assis e Aluísio de Azevedo, por exemplo.

⁸² Dos seus romances, apenas 2 não foram divulgados inicialmente sob esse formato. Seja por estratégia editorial ou pela decadência do gênero (BROCA, 1975), os folhetins foram pouco a pouco perdendo espaço nos jornais e foram substituídos por outros gêneros mais *humanos* – a crônica, a entrevista, a reportagem.

⁸³ Sob a projeção do então prefeito do Rio de Janeiro, Pereira Passos.

Nós todos somos um resultado do jornalismo. Antes da geração dominante não havia bem uma literatura. O jornalismo creou a profissão, fez trabalhar, aclarou o espirito da língua, deu ao Brasil os seus melhores prosadores. Não é em geral um factor bom para a arte literária, e talvez no Brasil não o seja muito em breve, mas já foi e ainda o é.

Júlia Lopes de Almeida consolida sua carreira na imprensa carioca através de sua assídua colaboração em *O Paiz*, jornal popular do entresséculos. O periódico, que iniciou suas atividades em 1884, contou com a colaboração de Júlia Lopes por quase 2 décadas, desde sua fundação, e a escritora assinou mais de 3 colunas no jornal, como sinalizado na introdução deste capítulo.

Embora tenha iniciado a carreira na imprensa aos 19 anos, em 1881 na *Gazeta de Campinas*, no qual se tornou colaboradora efetiva, é na capital federal que Júlia torna-se uma das escritoras mais reconhecidas da Primeira República.

A posição ocupada por Júlia Lopes e outras poucas escritoras, na imprensa periódica da época, era incomum. Ela colaborou por muitos anos em um dos principais jornais do Brasil, o republicano e abolicionista *O Paiz* (RJ). Suas crônicas semanais eram publicadas na primeira página do jornal, à esquerda, espaço privilegiado e de grande visibilidade, o que atesta a posição de prestígio e de respeito da autora em ambiente intelectual eminentemente masculino. (FAEDRICH; DI STASIO, 2016, p. 10).

Júlia Lopes não apenas colaborou assídua e amplamente com a imprensa. Foi também figura de periódicos que noticiavam aspectos de sua vida pessoal, sua família, os eventos promovidos em seu casarão, para além de seus livros, edições, reedições e publicações das mais diversas. As fotografias, aspecto bastante comum nas revistas de variedade surgidas na primeira década do século XX, sobretudo, estampavam a escritora com uma certa frequência.

Figura 29 – Ilustrações⁸⁴ de Júlia Lopes de Almeida veiculadas nos periódicos



Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

Uma pesquisa no portal de periódicos da hemeroteca da FBN considerando apenas a década de 1910, nos fornece indícios da relevância de Júlia Lopes na imprensa, principalmente a carioca. São mais de 1800 incidências⁸⁵ de seu nome, entre contos, crônicas, conferência, notas, homenagens, referências à sua família, notícias de viagens, lançamentos de livros etc.

⁸⁴ No canto superior direito, caricatura na *Revista da Semana*, em 1928; ao lado, foto de Júlia e Filinto em *A Gazeta*, em 1932. Abaixo, do lado direito, ilustração da escritora em edição de aniversário de Júlia Lopes em *A Violeta*, em 1928; e ao lado, fotografia de *Brasil Feminino*, em 1932.

⁸⁵ Quando comparamos o resultado na primeira década dos 1900 para os também populares escritores Coelho Neto e Lima Barreto, por exemplo, temos 715 e 968, respectivamente, números significativamente menores do que o observado para Júlia Lopes de Almeida.

Ao adicionarmos as décadas seguintes, chegamos a um valor aproximado de 4000 ocorrências para seu nome. Broca (1975, p. 220) explica que esta nova abordagem se justifica pois “atravessávamos uma época em que a vida dos autores se tornava mais interessante do que as obras.”

Considerando o recorte temporal adotado para esta pesquisa (1920-1934), percebemos uma maior incidência de seu nome e pseudônimo⁸⁶ entre os periódicos cariocas e os paulistas, como se pode observar nos quadros a seguir:

Quadro 3 – Incidências de periódicos por estado na Hemeroteca Digital da FBN – 1920-1929

	Local de circulação dos periódicos															
Assinatura	RJ	SP	MA	ES	CE	MG	MT	SC	PR	RS	PE	RN	BA	AM	AC	PA
Júlia Lopes de Almeida	53	9	3	4	3	1	2	4	2	5	4		3	1	2	1
Julinto	7	2	1	1					1	1	3					
EcilaWorms	não há ocorrências com o filtro aplicado															

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Quadro 4 – Incidências de periódicos por estado na Hemeroteca Digital da FBN – 1930-1939

	Local de circulação dos periódicos															
Assinatura	RJ	SP	MA	ES	CE	MG	MT	SC	PR	RS	PE	RN	BA	AM	AC	PA
Júlia Lopes de Almeida	43	10	3	2	3	2	2	8	4	2	2	1	—	—	—	—
Julinto	8	1	1					1	1	—	—	—	—	—	—	—
EcilaWorms	3	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Para além de *Gazeta de Campinas* (SP) e *O Paiz* (RJ), sublinhamos ainda as colaborações de Júlia Lopes de Almeida em *Ilustração Brasileira* (RJ), *Jornal do Comércio* (RJ), *O Imparcial* (BA), *O Estado de São Paulo* (SP), *Revista Fon-Fon* (RJ), *O Malho* (RJ), *A Noite* (RJ), *Jornal do Brasil* (RJ) e *Correio da Manhã* (RJ), para citar alguns. Note-se que é bem provável que Filinto de Almeida, como intelectual de influência e carreira jornalística⁸⁷, tenha fomentado a participação da esposa em muitos periódicos.

⁸⁶ De acordo com o estudo em Lobo (2015), a escritora utilizou-se de dois pseudônimos – *Julinto* – quando publicava em parceria com o marido, Filinto de Almeida; e *EcilaWorms*, observado, nos limites deste estudo, em uma das colunas de *O Paiz*, “A Moda”.

⁸⁷ Para além de compor os membros da Academia Brasileira de Letras, Filinto de Almeida foi redator da Província de São Paulo -que mais tarde tornar-se-ia *O Estado de São Paulo*, foi diretor do jornal *A América* e colaborou em

Ademais, sua produção periodística não se limitou ao Brasil. Júlia Lopes de Almeida colaborou ainda com alguns jornais e revistas internacionais, sendo Portugal o país com a maior incidência de seu nome na imprensa. A respeito da circulação dos impressos entre Brasil e Portugal no século XX, Queiroz (2014, p. 196-197) comenta que:

a presença da literatura brasileira na imprensa e no mercado editorial português teria ocorrido de forma tímida até meados da década de setenta do século XIX (...) O livro brasileiro, quer fosse de teatro, prosa, poesia, história ou de autores franceses traduzidos, passaria a cruzar o Atlântico em busca de leitores portugueses, sobretudo a partir da década de setenta do Oitocentos.

O início do século marcou a chegada intensa⁸⁸ de imigrantes em diversas partes do país, incluindo a capital federal. Seja pelo aumento significativo de um público-leitor e consumidor (MARTINS; DE LUCA, 2018), seja pelo investimento em maquinário e *novas formas* de se fazer imprensa, a presença de periódicos estrangeiros, principalmente aqueles que tratavam de uma cultura luso-brasileira, teuto-brasileira, franco-brasileira ou ainda hispânico-brasileira aumentou ao longo das décadas de 1910 e 1920.

(...) o ramo editorial se beneficiou da vinda de alguns indivíduos e a atividade impressora nessas localidades foi altamente tributária dessas trocas culturais e tecnológicas. Nas cidades predominava um grupo qualificado que se engajou no trabalho urbano, sobretudo no comércio e em atividades como a tipografia, edição, educação, arte e também engenharia. (GUIMARÃES, 2015, p. 17).

Júlia Lopes, que, desde a infância conviveu com as artes, a ciência e as letras, como se viu, teve contato com outras culturas. O pai, Visconde de S. Valentin, incentivou a filha lhe oferecendo aulas para que aprendesse línguas diversas. Outro fator que colaborou com sua experiência linguística foi o fato de Júlia ter morado e visitado diversos países. Costruba (2017) indica em seu estudo que, além de Portugal – à época do casamento com Filinto –, Júlia fixou residência em Montevidéu (URU) e em Paris (FRA), além de ter visitado outros países⁸⁹ europeus, como aponta a historiografia.

diversos periódicos, também sob os pseudônimos *Filindal*, *Chico Férula*, *A. Bomtempo*, *A. Julinto*, *Munícipe Urbano*, *João da Luz*, *Justo Leal*, *P. Talma* e *Zé Bananal*. (Fonte: Acadêmicos/ABL e Infopédia -PT).

⁸⁸ De acordo o verbete no CPDOC, “entre 1889 e 1930 ingressaram no país mais de 3,5 milhões de estrangeiros, o que corresponde a 65% do total de imigrados entre 1822 e 1960.”, o que possibilitou ao país, especialmente ao Rio de Janeiro, uma aglutinação de culturas e línguas no início do século passado.

⁸⁹ Torresão (1899, p. 99) cita que “três vezes a gentil escriptora viajou pela Europa, visitando a Inglaterra, a França, a Hespanha, a Suissa, a Itália e Portugal.”.

Assim como na historiografia da imprensa brasileira, Júlia Lopes de Almeida foi sujeito e colaboradora de publicações estrangeiras. De acordo com as informações coletadas⁹⁰ para esta pesquisa, Portugal, França e Alemanha são os países onde encontramos o nome da escritora.

Em Portugal, publicou em *O Século*, *Seara Nova*, *Brasil-Portugal* e *Almanaque das Senhoras*; na França, são 14 as incidências de seu nome nos periódicos franceses, com destaque para a década de 1910; e na Alemanha, a escritora publicou na revista *Deutsch-Brasilianische Illustrierte* - um periódico teuto-brasileiro-, o conto “Lote 587”⁹¹ como mostra a figura⁹² abaixo:

Figura 30 – Texto “Kaveling 587” na *Deustsch-Brasilianische Illustrierte*, p.11



Fonte: Filinto de Almeida- Série Júlia Lopes de Almeida.
Arquivo Múcio Leão/ABL.

Convém destacar alguns aspectos do texto, traduzido⁹³ para este trabalho. O primeiro deles é a escolha de nomes luso-brasileiros para os personagens – Jayme Onofre e Luise Martha

⁹⁰ Oriundas da fortuna crítica de Júlia Lopes de Almeida, das consultas às hemerotecas digitais de Portugal e França, e ainda do catálogo de periódicos alemães. As consultas foram feitas respeitando o recorte temporal proposto para esta pesquisa, 1920-1934.

⁹¹ O conto faz parte da 2ª edição de *Ânsia Eterna*, publicada em 1938.

⁹² A figura apresenta um recorte da 1ª página do conto. São duas no total.

⁹³ A tradução livre do texto foi feita pelo Professor Felipe André Gomes Santos em 2020. Felipe Santos é bacharel em Letras Português-Alemão pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2010). O professor atua na área de estudos interdisciplinares em Literatura e História da Idade Média com ênfase na produção literária do Sacro Império Romano Germânico durante a Baixa Idade Média e é membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos em Literatura da Idade Média (NIELIM), coordenado pelo Prof. Dr. Álvaro Alfredo Bragança Jr. (Informações coletadas no currículo lattes).

Guimarães; o segundo é a relação entre a religião e o mundano, como pano de fundo para o desenvolvimento da história: “A casa de Onofre não era uma casa, mas sim um bazar. Ele misturou o sagrado com o mundano de uma forma estupidamente simplória, tal qual um tolo leigo que troca as coisas e recebe um olhar piedoso de quem entende do assunto.” (s.p).

Além disso, o uso do francês para caracterizar uma das peças-chave do texto – *prie dieu*⁹⁴ – aponta para uma preferência da escritora pela língua francesa, especialmente por estar morando naquele momento em Paris, como indica a informação abaixo do título.

Por fim, o último aspecto salientado no conto é a abordagem do gótico, do macabro. Júlia Lopes figura entre as escritoras que tomam o gótico feminino como inspiração para sua escrita, sendo alguns de seus trabalhos categorizados atualmente como literatura gótica, estilo que “frequentemente retrata o difícil caminho da mulher (...) sobre as barbáries ocorridas em um cotidiano cercado por figuras masculinas dominadoras que, na ficção, são responsáveis por assumir o papel antagônico” (SANTOS, 2017, p. 17).

Nessa confusão toda, tentei procurar o *prie dieu* tão desejado, até que, para a minha grande surpresa, avistei, atrás de uma velha mala, duas pernas finas e sujas de mulher vestindo meias brancas e com rígida indecência.

- Mas o que significa isso!?

- Esta é a senhora, a mãe do doutor; esta é a Dona Onofre!, respondeu-me cautelosa e gravemente o zelador. E para disfarçar a situação indecorosa, acrescentou: Com certeza, ela escorregou da mala e caiu de cabeça... Eu disse ao criado que a colocasse em pé, bem ali... mas, hoje em dia, não se pode confiar em ninguém. (s.p).

A par das distintas publicações em periódicos durante os quase 50 anos de atividade profissional, Júlia Lopes é hoje memorada mais frequentemente por seus romances, ainda que tenha publicado obras que evidenciam outros gêneros, dos quais destacamos os manuais, a literatura escolar, a literatura ecológica⁹⁵, bem como as conferências. A posição ocupada por Júlia Lopes de Almeida na República das Letras consolidou-se, em parte, por suas estratégias editoriais.

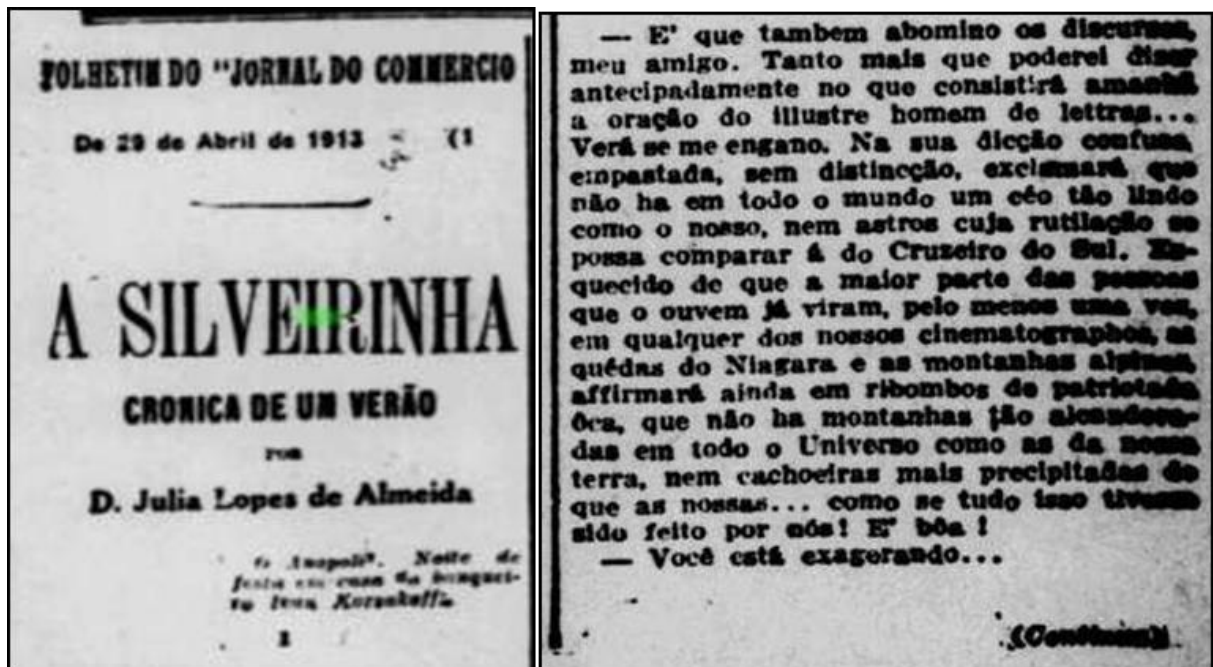
⁹⁴ Em tradução livre, “genuflexório” – Móvel próprio para rezar, ajoelhado, em capelas e oratórios. (Fonte: Dicionário Caldas Aulete digital).

⁹⁵ Em razão das obras de Júlia Lopes de Almeida que tematizaram a mata e a flora, em especial *A árvore* (1916) e *Jardim Florido* (1917).

A maioria de seus romances foi antes publicado em forma de folhetins⁹⁶, artifício amplamente utilizado por escritores⁹⁷ e editores na Primeira República, como um modo de atingir o grande público consumidor – as donas de casa, e outros leitores comuns.

A escrita de Júlia Lopes de Almeida, simples e leve (PEREIRA, 1973), convoca seus leitores a aguardar e adquirir a próxima edição, tal como anuncia o editorial do *Jornal do Commercio*, em 1913: “Publicamos hoje: Cartas de Itália; Gazetilha; A Silveirinha; Banco do Brasil; Caixa Econômica e Monte Socorro; Dr Joaquim Vianna; Caixa Geral de Credito; Folhetim.” (JORNAL DO COMMERCIO, edição 118, p. 1).

Figura 31 – Recortes da página 3 da edição 118, em 1913



Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

⁹⁶ Novidade francesa, o romance-folhetim correspondeu a um empreendimento comercial de Émile Girardin para aumentar a venda dos jornais. “De acordo com o historiador literário Brito Broca, esse empreendimento de Girardin partiu da observação do grande sucesso dos melodramas nos teatros parisienses. Assim, a técnica do teatro popular da época teria influenciado a fórmula do romance-folhetim, com seus elementos característicos, como amores contrariados, duelos, raptos e tempestades.” (SANTOS, 2012, p. 4).

⁹⁷ De acordo com a pesquisa realizada por Tinhorão (1994), Machado de Assis e José de Alencar são alguns dos escritores que mais frequentemente assinavam os folhetins, especialmente na segunda metade do século XIX.

É que também abomino os discursos, meu amigo. Tanto mais que poderei dizer antecipadamente no que consistirá amanhã a oração do illustre homem de letras...

Verá se me engano. Na sua dicção confusa, empastada, sem distinção, exclamará que não há em todo o mundo um céu tão lindo como o nosso, nem astros cuja rutilação se possa comparar à do Cruzeiro do Sul. Esquecido de que a maior parte das pessoas que o ouvem já viram, pelo menos uma vez, em qualquer dos nossos cinematógrafos, as quedas do Niagara e as montanhas (inelegível), affirmará ainda me ribombos do patriotada ôca, que não há montanhas tão (inelegível) em todo o Universo com as da nossa terra, nem cachoeiras mais precipitadas do que as nossas...como se tudo isso tivesse sido feito por nós! É bôa!

- Você está exagerando...

(Continua...)

A Silveirinha é uma das 5 obras de Júlia Lopes de Almeida publicadas inicialmente no *Jornal do Commercio*. O periódico, popularmente conhecido à época por *O Jornal* e até mesmo incorporado em um dos romances de Júlia – *A falência*, é um dos jornais que mais tiveram o nome da escritora estampado em suas páginas, mantendo com ela uma boa relação. Na edição 17, em 1915, o jornal reporta “no salão nobre do Jornal do Commercio, realizou uma conferência litteraria a escriptora Sra. D. Julia Lopes de Almeida” (p. 1). Imagens do feito são publicadas na edição 50 da *Revista da Semana*:

Figura 32 – Página 33 da edição 50 da *Revista da Semana* em 1915



A conferência da Sra. Julia Lopes de Almeida

A conferência da D. Júlia Lopes de Almeida, no salão do “Jornal do Commercio”, em benefício do *Vestiaire des Blessés*, foi um grande sucesso literário e mundano. A ilustre romancista falou sobre “Paris e as Parisienses” com o atraente encanto da linguagem de que ela tem o intelectual segredo. Todos sabem quanto no lindo lar de Santa Theresa se ama fervorosamente a França. Na sua primorosa divagação sobre a Cidade Luz e sobre a libélula que voou no seu radioso esplendor, a grande escritora aqueceu com o seu sentimento de mulher e envolveu de ternura cada palavra, cada observação cada referência. As próprias frases de espírito tinha um tremor de emoção. O Rio ficou devendo à eminente romancista uma tarde de espiritual e sentimental em canto. Os applausos vibrantes com que a distinta e acolhida assistência coroou a brilhante conferência de D. Júlia Lopes de Almeida traduziram admiração e gratidão. A esses applausos se associa a “Revista da Semana” formulando o voto de que a insigne escritora que tanto honra as letras nacionais, volte a fazer-se brevemente ouvir em outras conferências.

Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

Legenda da foto: 1- D. Júlia Lopes de Almeida, lendo a sua conferência. 2- A ilustre escritora chegando ao “Jornal do Commercio” acompanhado de seu marido, Sr. Filinto de Almeida e de seu filho Dr. Afonso Lopes de Almeida. 3 - um aspecto da assistência à conferência.

O outro periódico que publicou mais vezes a obra de Júlia Lopes em formato de folhetim foi a *Gazeta de Notícias*. O texto⁹⁸ de Carlos Eduardo Leal e Cícero Sandroni aponta que já “no

⁹⁸ Verbete do site do CPDOC/FGV.

ano de 1889, o *Jornal do Comércio* era considerado pelo jornalista francês Max Leclerc, correspondente no Rio de Janeiro de um jornal parisiense, um dos dois grandes jornais da capital do país, sendo o outro *A Gazeta de Notícias*.”

Nesse sentido, observar a obra de Júlia Lopes publicada em dois dos mais relevantes e populares jornais da Primeira República nos fornece indícios a respeito de seu prestígio na imprensa. O quadro abaixo mostra as obras de Júlia Lopes publicadas sob o formato de folhetim, rotina que se iniciou ainda no século XIX:

Quadro 5 – Folhetins assinados por Júlia Lopes de Almeida

Título	Ano de publicação	Periódico
Memórias de Marta	1888	<i>Tribuna Liberal</i>
A família Medeiros	1891	<i>Gazeta de Notícias</i>
A viúva Simões	1895	<i>Gazeta de Notícias</i>
A casa verde	1888-1889	<i>Jornal do Commercio</i>
A intrusa	1905	<i>Jornal do Commercio</i>
Eles e elas	1907-1909	<i>O Paiz</i>
Cruel Amor	1908	<i>Jornal do Commercio</i>
Correio da Roça	1909	<i>O Paiz</i>
A Silveirinha	1913	<i>Jornal do Commercio</i>
A isca	1909	<i>Ilustração Brasileira</i>
Maternidade	1924-1925	<i>Jornal do Commercio</i>

Fonte: elaborado com base em Tinhorão (1994), Almeida (2013) e Moreira (2015).

No que concerne à sua obra impressa, a historiografia aponta 28 volumes, dos quais elencamos algumas categorias, que refletem sua temática, utilização e/ou gênero propriamente dito. Do rol que compõe a bibliografia de Júlia Lopes de Almeida, destacamos os romances, que somam 11, sendo dois deles lançados após⁹⁹ a morte da escritora.

Para além dos romances, esta pesquisa opera com a classificação que delimita sua obra composta por: 4 exemplares de uma “literatura escolar”; 5 conferências; de 4 peças teatrais, sob as quais três foram compiladas em um volume; 4 livros de contos; de 2 manuais; de 2 livros com temática ecológica e de 1 novela;

⁹⁹ *Pássaro tonto* (1934) e *O funil do diabo* (2015).

Para fins de categorização e observação de sua obra, propomos neste capítulo a divisão de seus volumes considerando três recortes temporais: 1) 1886-1909; 2) 1910-1919; 3) 1920-2015¹⁰⁰.

Quadro 6 – Obras publicadas 1886 – 1909

Título	Ano de publicação	Editora	Categoria
Contos Infantis ¹⁰¹	1886	Typografia Mattos Moreira/ Lisboa	Literatura escolar
Traços e Iluminuras	1887	Tipografia Castro & Irmão/ Lisboa	Contos
Memórias de Marta	1888	Casa Durski	Romance
A família Medeiros ¹⁰²	1892	Cia Editora Fluminense	Romance
Livro das Noivas	1896	-----	Manual
A viúva Simões	1897	Antônio Maria Pereira/Lisboa	Romance
A falência	1901	Typografia A Tribuna	Romance
Ânsia eterna	1903	H. Garnier	Contos
Livro das Donas e Donzelas	1906	Francisco Alves	Manual
Histórias da nossa terra ¹⁰³	1907	Francisco Alves	Literatura escolar
A intrusa	1908	Francisco Alves	Romance
A Herança	1909	Typografia do Jornal do Comércio	Teatro

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Como se pode observar, em 13 anos, Júlia Lopes publicou 12 volumes, o que lhe rendeu, para além do status de romancista na década, o de “escritor[a] já na posse de todos os seus meios”, apontado por José Veríssimo (1977)¹⁰⁴. Apesar de alguns de seus críticos indicarem o final da década de 1900 como a fase mais rica e criativa de Júlia Lopes, especialmente por conta de seu reconhecimento frente a seus pares, é nas próximas fases de sua produção bibliográfica que Júlia se mostra uma *polígrafa* do cenário cultural brasileiro, atuando de forma multidimensional.

Na década de 1910, publicou 7 livros e intensificou sua produção dramaturgica. É nesta fase que a escritora atinge um status de prestígio que poucos homens de letras possuíam e figura entre os mais importantes literatos daquele tempo:

¹⁰⁰ Embora se trate de quase 1 século entre os dois anos que compreende o recorte, sublinhamos o fato de que após a última publicação de Júlia Lopes em 1934, seu próximo volume inédito só seria publicado em 2015.

¹⁰¹ Escrito em colaboração com a irmã, Adelina Lopes Vieira.

¹⁰² A edição publicada pela Cia Editora Fluminense esgotou-se em 3 meses. A editora Horácio Belfort Sabino responsabilizou-se pela 2ª edição, publicada no mesmo ano.

¹⁰³ Amplamente utilizado nas escolas primárias, o livro teve 21 edições até 1930.

¹⁰⁴ VERÍSSIMO, José. Estudos de Literatura brasileira. 5ª série. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1977, p. 79.

A auctora é, não a mais ilustre escriptora brasileira, mas de algum modo a única... uma profissão ou pelo menos um mister exercido por vocação e com seriedade. Neste momento é a única romancista da nossa língua, com uma obra já considerada pelo volume e pelo mérito. (VERÍSSIMO, 1911, p. 14).

Quadro 7 – Obras publicadas – 1910 – 1919

Título	Ano de publicação	Editor	Categoria
Eles e Elas	1910	Francisco Alves	Contos
Cruel Amor	1911	Francisco Alves	Romance
Correio da roça	1913	Francisco Alves	Romance
A Silveirinha	1914	Francisco Alves	Romance
A árvore ¹⁰⁵	1916	Francisco Alves	Ecologia
Era uma vez	1917	Jacinto Ribeiro dos Santos	Literatura escolar
Teatro	1917	Edição Renascença Portuguesa	Peças de teatro: - <i>Quem não perdoa</i> - <i>Doidos de Amor</i> - <i>Nos jardins de Saul</i>

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Outrossim, Rosane Salomoni afirma que à época da publicação de *Correio da Roça*, em 1913, Júlia Lopes de Almeida já era “reconhecida pela crítica e pelo público, era uma profissional das letras” (ALMEIDA, 2014, p. 11). Ressaltamos a respeito desta fase de sua carreira a criação da revista *A Violeta* – fonte principal deste estudo –, projetada sob sua inspiração.

Em extenso¹⁰⁶ texto da edição 5-6 da *Revista Americana* em 1912, José Veríssimo explicita o que considera as marcas de modernidade na narrativa da romancista, especialmente em seu livro mais recente, *Cruel Amor*:

D. Julia Lopes é a romancista segundo a formula classica, que é talvez a melhor ou pelo menos a boa, pois mais plenamente lhe realiza o fim, que não é propriamente fazer-nos pensar, mas divertir-nos. (...) Modernos por varias feições de composição e de estilo, e ainda de inspiração, os romances de D. Julia Lopes acostam-se mais à forma classica : têm um enredo que não é apenas uma simples anecdota, em um ambiente um scenario tudo cuidadosamente desenhado, em que ação e episodios se desenvolvem, têm um principio, um meio e um fim, o auctor trata cada uma das suas personagens como pessoas vivas, suas conhecidas, a quem ama ou desadora, a quem castiga ou premeia, mas que em summa lhe não são indifferentes (..) D. Julia Lopes me parece estar mais com a razão da sua arte. Mas esta, e essa é a sua principal distincção, sem se conservar alheia às legitimas variações que lhe impõem as novas correntes estheticas (...). Não se limita a contar historias mais ou menos interessantes. Ha nella tambem um atilado moralista, que tem a arte de se dissimular na sua narrativa, com a mesma simplicidade com que a faz. (REVISTA AMERICANA, edição 5-6, p. 495-496).

¹⁰⁵ Escrito em colaboração com o filho Afonso Lopes de Almeida.

¹⁰⁶ O texto é intitulado “Notícias de alguns livros do anno passado” e tem o total de 18 páginas.

Dona Júlia, a sábia conselheira dos manuais, das crônicas e contos, pouco a pouco, parece ceder lugar ao engajamento político, sobretudo, o feminino e feminista. Ao longo da década, Júlia Lopes mobiliza discussões acerca da educação, da higiene e dos direitos das mulheres. Vale a ressalva de que, apesar de dialogar com a pauta feminista em voga na época – trabalho, voto e educação -, a escritora adotou uma postura mais conservadora. Júlia Lopes promovia a educação da mulher sobretudo para seu arranjo com a família, para a manutenção de status feminino de cuidado e zelo com *os seus*.

A felicidade humana deriva do que vive sob nossa responsabilidade. E a nós, como mães, que a pátria suplica bons cuidados; é de nós, quando esposas, que a sociedade exige o maior exemplo de dignidade e de moral. (A VIOLETA, ed. 67, p. 2).

Quadro 8 – Obras publicadas 1920 – 2016

Título	Ano de publicação	Editor	Categoria
Jornadas no meu país ¹⁰⁷	1920	Francisco Alves	Literatura escolar
A isca	1922	Livraria editora Leite Ribeiro	Novela
Jardim Florido	1922	Livraria editora Leite Ribeiro	Ecologia
Brasil	1922		Conferência
Oração à Santa Dorotéa	1923	Francisco Alves	Conferência
Maternidade	1925	Olívia Herdy de Cabral Peixoto	Conferência
Memórias de Marta (reedição)	1930	Livraria Francesa e Estrangeira Truch- Leroy /Paris	Romance
A casa verde	1932	Companhia Editora Nacional	Romance
Pássaro tonto ¹⁰⁸	1934	Companhia Editora Nacional	Romance
O funil do diabo	2015	Editora Mulheres	Romance
Dois dedos de prosa	2016	FBN	Crônicas

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Ao final da década de 1920, Júlia Lopes, agora considerada uma autêntica “romancista”, tem sua carreira como escritora romanesca consolidada para os padrões da época – com 27 volumes publicados e alguns reimpressos, como sugere a coluna “Notícias literárias” de *O Paiz*, em 27 de julho de 1921:

Estando esgotadas as edições de todos os romances e livros de contos, editados pela casa Alves & C., da grande escritora e nossa antiga colaboradora D. Julia Lopes de Almeida, começou agora aquela livraria a reimpressão metódica dessas obras em largas tiragens. Estão já no prelo os primeiros milheiros do romance Cruel Amor, em que a vida dos pescadores de Copacabana e Ipanema [...] e de Eles e Elas, páginas de psicologia sutil e risonha. [...] A estas duas obras seguir-se-á a reimpressão da Falência, da Intrusa, das Memórias de Marta, da Viúva Simões, romances todos, e dos

¹⁰⁷ O livro possui ilustrações do filho da escritora, Albano Lopes de Almeida.

¹⁰⁸ Publicado postumamente.

livros para crianças *Contos infantis* e *Histórias da nossa terra*, e por fim, de *Ânsia eterna*, contos cujos derradeiros exemplares estão à venda na casa Garnier. A escritora acaba de entregar à casa Leite Ribeiro os originais de uma novela *A isca*, estando em vias de terminar mais dois volumes: *Os outros*, alguns capítulos foram já publicados, e várias novelas. (O PAIZ, edição 13429, p. 4).

A respeito das obras reeditadas de Júlia Lopes de Almeida, recebem destaque *Contos Infantis*, *Memórias de Marta*, *Livro das Noivas* e *A falência* como obras que foram reimpressas em decorrência de sua alta popularidade com o público leitor. Margarida Lopes de Almeida relata que *Contos Infantis*¹⁰⁹ e *Livro das Noivas* “[tiveram] sucessivas edições” (ALMEIDA, 2015, p. 187-188), este pela composição da obra -manual para mulheres –, e que rapidamente se esgotava; e aquele por ter sido adotado por anos pelas escolas primárias de diversos lugares do país.

Algumas obras desta lista contaram com anotações, correções e pequenas dedicatórias da escritora, como é o caso de *Memórias de Marta*, reeditado pela Truch-Leroy em Paris, entre¹¹⁰ 1925 e 1930. Nesta edição, Júlia Lopes dá pistas sobre as modificações do texto:

Figura 33 – Falsa página de rosto de *Memórias de Marta*



Á querida Lotte,
lembrança amiga de Julia Lopes de Almeida

Paris, maio, 1930.

(Este romance foi reeditado por ter sido o primeiro escrito pela autora, que por isso lhe quer bem) Nele verá um reflexo do Rio imperial.

Fonte: Biblioteca Brasileira/USP.

¹⁰⁹ O livro teve 17 edições, cada uma com 5000 exemplares, número expressivo de tiragem à época. (ELEUTÉRIO, 2005).

¹¹⁰ Na introdução à edição de 2007 do romance, Rosane Salomoni apresenta a hipótese de se tratar de uma publicação entre os anos citados, por conta do local onde o volume fora publicado – Paris, onde Júlia e família fixaram residência -, e em razão do depoimento de Margarida sobre as cartas trocadas com a mãe à época.

Alinhado ao objetivo principal desta pesquisa – observar a trajetória intelectual de Júlia Lopes de Almeida nas páginas da revista cuiabana *A Violeta* –, e respeitados os limites deste estudo, pretendemos trazer a lume alguns aspectos principais da obra impressa da escritora. Operaremos com as categorias pensadas para as fases elencadas nos quadros 4, 5 e 6, a saber: 1) romances; 2) conferências; 3) literatura escolar; 4) contos; 5) peças de teatro 6) manuais; 7) ecologia e 8) novela.

Os romances de Júlia Lopes estão marcados por dois pontos principais que dão origem a outras questões¹¹¹: o protagonismo feminino e as questões sociais. Neles, a figura heroica é a mulher; seus pensamentos, experiências, conflitos e momentos de introspecção compõem a narrativa romanesca da escritora.

Desde a sofredora “Marta¹¹²” até a inusitada “Lalita¹¹³” ou a perturbada Juliana¹¹⁴, a trama proposta por Júlia Lopes traz a lume a transgressão feminina – o que geralmente ocorre pelo estudo e/ou pelo trabalho. Xavier (1994, p. 6) reforça a ideia de que “Júlia Lopes de Almeida, com sua apologia ao trabalho, aponta para a realização de suas ambições que, no âmbito restrito da época, se reduziam a ser mãe, esposa e dona de casa.”

Nesse sentido, podemos destacar a situação de Camila, protagonista de *A falência* que, embora tenha perdido o marido, o dinheiro, o status social e o respeito da comunidade onde morava, começou uma nova vida com sua família, através do esforço e do trabalho.

Com voz pausada e clara, Camila pediu que lhe dessem trabalho. Olharam-na com espanto.

- Mamãe, quer mesmo fazer alguma coisa?
- Sim, minha filha...Tudo acabou, devo começar vida nova! (...)
- Faz bem tia Mila. O trabalho distrai.

(ALMEIDA, 2019, p. 296).

Os volumes, romances de formação, oferecem aos leitores – e especialmente às leitoras, experiências de emancipação, e, em certa medida, liberdade. As personagens, sempre à frente da trama, têm em seu percurso conflitos a que são submetidas – geralmente de forma involuntária – e que são dissolvidos por elas mesmas. Vale ressaltar que o jornal, impresso que

¹¹¹ O casamento, a beleza, a pobreza, a urbanização, a maternidade, o adultério, o envelhecimento da mulher, o ruralismo, o luxo/ostentação, a preguiça, entre outros.

¹¹² Em *Memórias de Marta*.

¹¹³ Em *Pássaro tonto*.

¹¹⁴ Em *O funil do diabo*.

primeiramente publicou os romances de Júlia Lopes de Almeida, bem como a própria literatura constituem o que Magaldi e Xavier (2008, p. 9-10) apontam como espaço não- formal de educação:

Assim como o fenômeno educacional não se limita à escola (...) consideramos como dotados de um viés educativo, também outros tipos de impressos que, ainda que não se dirigissem a um público escolar (...) contribuíram para a modelação da segunda metade do século XIX e ao longo de todo o século XX. (...) conformação de hábitos, valores e comportamentos (...) a partir de instâncias também diversas, como a imprensa ou a literatura.

As conferências proferidas por Júlia Lopes de Almeida, hábito que incorporou da cultura europeia (TELLES, 2002; ELEUTÉRIO, 2005), tinham como temáticas a condição e educação femininas; a maternidade; e a ecologia. Recebe destaque *Maternidade*, obra pacifista, produzida sob as circunstâncias da guerra, considerando, em especial, as mães dos soldados mortos e feridos no conflito.

Amigas, lêde estas páginas de ideal pacifista e sentireis que elas se baseiam na verdade. São colunas frágeis fincadas em rocha indestrutível. Amarrei-lhes no topo a bandeira simbólica para que o Vento a agite e o Sol lhe doire e redoire a brancura, sem esperança de que os seus lemas valham para muito, mas com a certeza de que contribuirão para alguma coisa. (ALMEIDA, 1925, s.p).

Os livros que compõe a bibliografia escolar produzida pela escritora fazem referência, principalmente: ao cotidiano infantil; aos aspectos do país enquanto nação; aos contos de fada; e à geografia. Segundo Silva (2020, p. 6), *Histórias da Nossa Terra*, um dos volumes inseridos nesta categoria:

Tratava-se de um livro escolar de leitura, contendo 223 páginas e composto por diferentes gêneros discursivos, tais como exercícios de composição, contos exemplares e cartas. O livro era dedicado aos filhos de Julia Lopes de Almeida, o que permite alinhá-lo aos livros escolares escritos, segundo uma moderna pedagogia maternal¹¹⁵, em outras palavras, segundo uma retórica marcada pelos conselhos, advertências e lições de moral.

O volume, que recebeu mais de 22 edições¹¹⁶, é uma das obras clássicas da literatura infantil brasileira, que naquele momento ainda forjava uma conceituação e buscava espaço. Outro volume que fora classificado por seu aspecto educativo-escolar é *Jornadas no meu país*.

¹¹⁵ Ver Gomes (2016), como indica a autora do trecho.

¹¹⁶ Eleutério (2005).

Publicado mais de dez anos depois de *Histórias da Nossa Terra*, a narrativa se desdobra como um caderno de viagem. Nele, a escritora descreve sua passagem pelo sul do país, para qual

Ha muitos anos que [lhe] mordia o desejo de ir jornadear pelas nossas terras do sul. O Rio Grande, pelo interesse da sua vida social, costumes típicos, clima de extremos e paisagens vagas e livres, [lhe] seduzia a imaginação de tal modo que, por várias vezes, Project[ou] viagens que sucessivamente adi[ou], até que um dia, com menos preparos antecedentes, tom[ou] uma resolução e um taxi. (ALMEIDA, 1920, p. 9).

Para os livros de contos/crônicas, a temática é diversa: cotidiano das ruas do Rio de Janeiro do início do século; as relações conjugais; a educação feminina; as reformas urbanas; a moral e as virtudes. Sobre *Traços e Iluminuras*, a segunda de suas obras publicadas, convém destacar que alguns de seus contos foram extraídos (e modificados) de suas colaborações com a *Gazeta de Campinas*, primeiro periódico onde publicou seus textos. (FIGUEIREDO, 2019).

Os jornais *A Semana* e *Commercio de Portugal* reforçam essa ideia. Publicam, em 1887 – ano de lançamento do volume -, em suas notas literárias, que se trata de uma composição de textos já conhecidos pelos leitores, conforme exposto nas figuras 34 e 35.

Figura 34 - Recorte da seção “Gazetilha Litteraria” da edição 129 de A Semana

Mas com os *Traços e Iluminuras* é que a joven *conteuse* váe firmar a sua reputação litteraria.

Conhecendo boa parte dos contos que constituem esse livro, podemos pre-affirmar ser elle um dos mais bellos no seu genero, publicados por escriptor brasileiro. D. Julia Lopes já não precisa da benevolencia gentil que é de praxe usar-se para com senhoras que tratam lettras e artes. Tem talento e merito para ser criticada, e sem favores que a sua condição de senhora por ventura inspirasse á critica.

Os elogios que se lhe fazem ou fizerem não devem, portanto, ser attribuidos a essa circumstancia, que tem, frequentes vezes, é certo, arvorado em poetisas e prosadoras de primeira ordem damas estimaveis e intelligentes, mas que melhor manejam o *crochet* que a penna.

Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

Figura 35 – Recorte da 1ª página da edição 2476 de *Commercio de Portugal*

Este livro dos *Traços e Iluminuras*, não tem periodos affectados, falsificando o pensar intimo do coração e do cerebro, que dirigiu a mão que os traçou,, elle é evidentemente um livro de mulher, todo circumdado do personalismo da auctora e impregnado de todas as suavidades da sua idealidade romhadora.

Se quizessemos especialisar os melhores, entre os seus vinte e quatro contos, deviamos citar, *As violetas*, que publicámos ha tempo, *Tia Angelica*, *A fascinação do luto*, *Miss Wilkens*, *Irmã Christina* e muito principalmente o *Acta est fabula*.

Ninguem como a mulher para usar do instrumento de analyse, applicando o ao coração da mulher; a melhor verificação d'esta asserção, que já tem feito bastantes vezes os psychologistas, é facil de ir buscar a este ultimo quadro que citámos do livro da sr.^a D. Julia Lopes.

Fonte: Hemeroteca Digital FBN.

Ressaltamos ainda que alguns¹¹⁷ textos de *Traços e Iluminuras* encontram-se em *A família*, periódico feminino com o qual Júlia Lopes colaborou no final do século XIX; e em *A Violeta*.

A respeito de suas peças teatrais, mais uma vez o protagonismo feminino é sublinhado. Fanini (2016) ressalta que, embora a dramaturgia não tenha sido o “carro-chefe” de sua produção literária, convém dizer que fizeram parte de seu percurso para consolidação como intelectual das letras, dado que a escrita de peças teatrais pelos literatos e acadêmicos da Primeira República não era aspecto incomum.

Do total de 14¹¹⁸ peças produzidas pela escritora, apenas 4 foram publicadas em vida. Das demais, 6 foram recuperadas e publicadas por Michele Fanini em 2016, como citado anteriormente.

Os manuais, gênero que, depois dos romances, mais caracterizam a escritora, constituem uma espécie de receita para a vida doméstica. Neles, as temáticas do casamento, da felicidade conjugal, dos comportamentos, da maternidade, do controle financeiro, do amor e da ajuda

¹¹⁷ Em *A Família* (1888-1897), Júlia Lopes publica “Pirrete”, dedicado à sua irmã Alice Lopes, em 18/06/1891; em *A Violeta*, “Tia Angélica” é publicado em três edições seguidas, entre setembro e novembro de 1938.

¹¹⁸ De acordo com os estudos de Fanini (2016).

mútua são percebidos. Entretanto, uma característica persiste em seus manuais – a educação como via de emancipação, manutenção da família e felicidade.

Apezar da antipathia do homem pela mulher intellectual, que elle agride e, ridicularisa, a brasileira de hoje procura enriquecer a sua intelligencia frequentando cursos que lhe ilustrem o espirito e lhe proporcionem um escudo para a Vida, tão sujeita a mutabilidades... (ALMEIDA, 1906, p. 36).

Os dois volumes que compõem a categoria ecologia – *A árvore* e *Jardim florido* fazem parte do que alguns estudiosos de Júlia Lopes de Almeida chamam de “apostolado rural”, ao lado de *Correio da roça*. Uma das características que diferenciam essas obras é o fato de *Correio da Roça* ter a mata como cenário, e não como protagonista, ao passo que em *A árvore* e *Jardim Florido* as narrativas se desdobram pela e sobre a natureza.

Em *A árvore*, escrito em colaboração com Afonso Lopes de Almeida, Júlia apresenta uma coletânea com mais de 30 textos que falam de diferentes espécies de árvores. Com linguagem simples e fluida, o livro chegou a ser também utilizado na escola. O apreço da escritora pela flora inicia ainda no começo do século, quando a família se muda para o casarão de Santa Teresa e a escritora passa a cuidar de suas flores. Afonso Lopes de Almeida (1945, p. 21-22) retrata bem a relação da mãe, “a fada”, com o jardim de sua casa:

O Jardim

Nosso jardim rodeia a casa, e abriga
Borboletas, e pássaros, e abelhas.
Tem tanta flor, que as há, nem sei se o diga,
A espiar-nos dos beirais, por entre as telhas...

Pelos canteiros, em socalco, à antiga,
Riem as rosas brancas e vermelhas.
Tem mangueiras à entrada, duas, velhas,
Que à roda estendem sua sombra amiga.

Pela manhã passeia nele a fada
Que o plantou, e vai ver quais são, e quantas,
As flores que lhe trouxe a madrugada.

E ao verem-n’á chegar, risonha e boa,
“A sua bênção, Mãi!” – dizem as plantas,
E minha Mãi com o olhar as abençoa...

Em *Jardim Florido*, publicado 2 anos depois, a escritora trata de técnicas de jardinagem e cultivo de flores, direcionados especialmente para as mulheres “que no Brasil ainda não

parece[m] suficientemente interessada[s] pela cultura de seus campos, seus pomares e seus jardins.”¹¹⁹

Por fim, a novela de Júlia Lopes de Almeida, *A isca*, publicada em 1923 é composta por 4 contos que operam com os temas do adultério, da herança, do amor platônico e da educação feminina – “O homem que olha para dentro”, “O laço azul”, “O dedo do velho” e “A isca”. Dos 4, recebe destaque “A isca”, que narra uma história de comprometimento, respeito, abuso e transformação da mulher.

Com relação aos editores de Júlia Lopes de Almeida, ressaltamos a relação com Francisco Alves¹²⁰, que publicou a 1ª edição de 10 de suas obras, além de ter reeditado outras. Muito embora o livro didático tenha sido o destaque de sua produção editorial, na condição de amigo de Júlia Lopes de Almeida, Francisco Alves editou e reeditou a maioria de suas obras.

Hallewell (2017, p. 317) indica que, mesmo após o último dos livros publicados de Júlia Lopes publicada (*Oração a Santa Dorotéia*, em 1922) pela Francisco Alves, a livraria “continua a reeditar suas obras anteriores, até a terceira edição de *Cruel Amor* (1928)”, mesmo após a morte de seu fundador em 1917.

¹¹⁹ No texto da edição 2 da Revista Chácaras e Quintas intitulado “Jardim Florido (jardinagem)” apresenta-se a obra literária ecológica da escritora e atribui a ela algumas passagens como a citada no trecho.

¹²⁰ Francisco Alves de Oliveira (1848? – 1917) chegou ao Brasil ainda na juventude e aprendeu com o tio, Nicoláo Alves, o ofício de livreiro trabalhando na Livraria Clássica, de propriedade de Nicoláo, na década de 1860. Anos mais tarde, em 1897, assumiu o controle do negócio e a livraria passa a ser conhecida por Livraria Alves. Em 1903, o livreiro-editor cria a Francisco Alves & Cia, uma fusão da Livraria Alves – sede no Rio de Janeiro; e da Alves & Cia – sede em São Paulo, ambas de sua propriedade. Incorporou ainda aos seus negócios livrarias francesas e lisboetas – Aillaud e Bertrand, por exemplo. Fez fama e fortuna publicando não apenas obras didáticas – mercado em ascensão no início do século XX, mas também obras literárias de autores contemporâneos brasileiros, como Olavo Bilac, Raul Pompeia, Euclides da Cunha e Júlia Lopes de Almeida, e de estrangeiros, como Edmond de Amicis e Carlos Malheiro Dias. (BRAGANÇA, 2004; 2009).

Figura 36 – Anúncio da Livraria Francisco Alves na edição 78 da *Revista Feminina*

Livraria Francisco Alves

Caixa Postal, L.
End. Telegr.: FILIALVES
Rua Libero Badaró, 129
S. PAULO

Cantos de Luz; versos de Luis Guimarães Filho, musica do Dr. Carlos da Campos e desenho de Corrêa Dias. 1 grande vol. ricamente impresso e encadernado 20\$000.

Fructa do Matto; romance por Afrânio Peixoto, 1 vol. br. 4\$000, enc. 5\$000.

Marta; romance por Medeiros e Albuquerque, 1 vol. br. 3\$000, enc. 4\$000.

Herões e Bandidos; por Gustavo Barroso, 1 vol. br. 2\$000, enc. 4\$000.

Apathroses; poesia por Hermes Fontes, 1 vol. br. 2\$000, enc. 4\$000.

Rythmos e Idéas; poesias por Luis Murat, 1 vol. br. 2\$500.

Cooptrações; pelo General Dantas Barreto, 1 vol. br. 2\$000, enc. 4\$000.

Vingens e ençadas em Matto Grosso; pelo Com.te Pereira da Cunha, 1 vol. illustr. br. 5\$000.

Poesias; 1.ª serie po Alberto de Oliveira, 1 vol. br. 4\$000, enc. 5\$000.

Paris; (Impressões de um brasileiro), po Nestor Victor, 1 vol. br. 3\$.

Cantigas das creanças e do povo e danças populares, por Alexina de Magalhães Pinto, 1 vol. cart. 4\$000.

Jornadas no meu país, por Julia Lopes de Almeida, 1 vol. br. 4\$000.

Em pleno Sonho; por Maria Eugenia Celso, 1 vol. br. 4\$000.

Jornadas no meu país, por Júlia Lopes de Almeida, 1. vol. br. 4\$000

Fonte: Hemeroteca Digital FBN.

Para Hallewell (2017), os reflexos da guerra também trouxeram consequências ao mercado editorial, quando a produção cultural e os pontos de venda se concentravam quase que exclusivamente no centro e nos bairros mais ricos do Rio de Janeiro. Os escritores que quisessem ter sua obra publicada teriam de pagar a edição, exceto aqueles nomes já consagrados pela crítica – Machado de Assis, José de Alencar, Coelho Neto e Júlia Lopes de Almeida.

Após a última edição feita pela Francisco Alves em 1928, Júlia Lopes de Almeida, bem como outros editados pela empresa tiveram que buscar outras editoras. A Companhia Editora Nacional foi uma opção, à época especializada em livros didáticos, status que acabou herdando de Francisco Alves. A editora publicou a 1ª edição de duas obras da escritora – *A casa verde* e *Pássaro tonto*, suas últimas publicações em vida.

Muitas e diversas foram as homenagens à sua obra construtora e à sua posição como esposa e dona de casa. Tiveram início ainda no começo do século XX e prosseguiram mesmo depois de sua morte em 1934. Eventos literários, jantares, palestras, livros, prêmios criados em seu nome estão no rol de homenagens oferecidas à escritora.

Em *A Violeta*, foram diversos os textos que evidenciaram a carreira e a vida da escritora, a exemplo da crônica assinada por Maria Dimpina na edição 189-190, em texto que saúda o retorno da escritora, que estava residindo na Europa, ao Brasil, em 1931.

Um dos mais significativos momentos na carreira da escritora foi o banquete oferecido a ela em Paris, em 1914. Ali, estavam reunidos algumas das personalidades da academia e da literatura francesas. Divulgado tanto no Brasil quanto em Paris, o evento marcou o percurso intelectual da escritora, proibida à Academia Brasileira de Letras, mas celebrada em solo europeu.

Na edição de 21 de fevereiro de 1914 do jornal *Le Renaissance*, o discurso proferido por Miss Daniel Lesueur, - poeta e romancista francesa - no banquete foi publicado. O texto, intitulado “A Literatura Brasileira de hoje¹²¹”, fala sobre as qualidades da obra de Júlia Lopes de Almeida, o que inclui a exatidão das suas descrições, a perfeição do estilo, a elevação da filosofia e o fato de que à sua figura promove um ideal de família.

O *Jornal do Commercio* também anuncia o feito na edição 46, em 15 de fevereiro de 1914 e dedica os dois próximos números ao relato do banquete. A edição 11 da *Fon Fon* também reporta a homenagem, divulgando ilustrações do evento, como mostra a figura a seguir:

¹²¹ Tradução livre da autora deste trabalho.

Figura 37 - Recorte da edição 11 da revista Fon Fon em 1914



Fonte: Hemeroteca Digital FBN.

No Rio de Janeiro, uma homenagem feita pelos escritores da ABL foi a que, na opinião de Margarida Lopes de Almeida, teve a maior importância. O evento, ocorrido no prestigiado salão do *Jornal do Commercio*, em 1915, contou com a presença de diversos poetas e prosadores, entre eles Humberto de Campos, Maria Eugenia Celso, Olavo Bilac e João Luso. O próprio *Jornal do Commercio* publicou, em 24 de setembro daquele ano, texto de 3 colunas, descrevendo o evento, do qual recebe destaque a introdução a seguir:

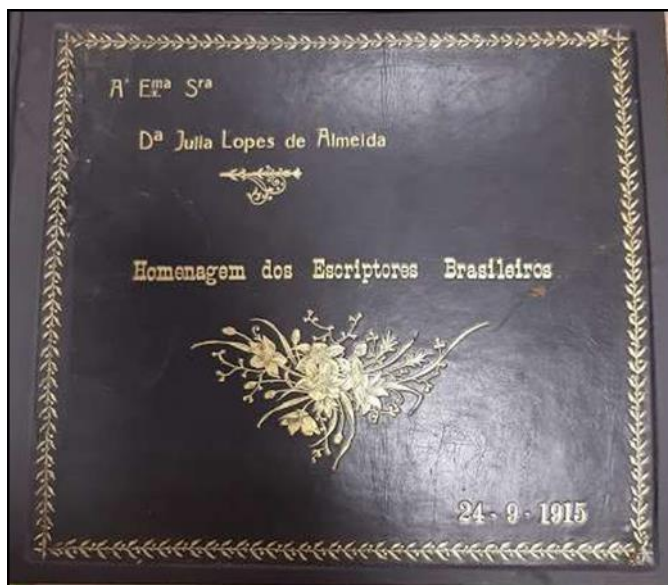
Festa em honra A D. Julia Lopes de Almeida

Realisou-se ontem, no salão nobre do *Jornal do Commercio*, o sarau literário e musical, que o numeroso grupo de escriptores e poetas brasileiros, com o auxílio de várias senhoras e artistas, promovera a consagrada romancista por ocasião do seu aniversário natalício e em honra do seu grande trabalho, como escritora de 20 volumes todos dedicados à boa educação da família.

Às 8:30 horas da noite o salão de festas da nossa casa começou a encher-se, e às 9 em ponto começou o programa, que foi executado com brilho e distinção. Havia,

realmente, uma sociedade selecta e nobre, onde se lotava o justo o júbilo de consagrar o nome sempre apreciado da nossa illustre patrícia. (JORNAL DO COMMERCIO, edição 267, p. 3).

Figura 38 - Capa do álbum manuscrito e encadernado com textos dedicados à escritora



Fonte: Filinto de Almeida – *Série Júlia Lopes de Almeida*.
Arquivo Múcio Leão/ ABL.

Construídas após sua morte, em 1939 e 1953, as estátuas produzidas por Margarida Lopes de Almeida para o Rio de Janeiro e para Lisboa, respectivamente, são mais uma via de consagração da escritora para a Literatura Brasileira, ainda que sua importância tenha sido silenciada e esquecida durante tantos anos após sua morte. Em ocasião da cerimônia de inauguração do busto em Portugal, em março de 1953, o então Presidente da Câmara Municipal de Lisboa discursa:

Figura 39 - Recorte da página 74 da edição 56 da Revista Municipal

A sua Filha, a consagrada artista que é D. Margarida Lopes de Almeida, que Portugal tem admirado e aplaudido, declamadora de excepcionais méritos, em cuja boca a alma dos poetas revive e explende numa apoteose de beleza, quero significar a gratidão do Municipio por se ter dignado assistir a este acto de justiça prestado pelos portugueses à memória tão respeitada e saudosa de sua illustre Mãe. E desejo também agradecer ao Sr. Encarregado de Negócios do Brasil a sua presença neste acto em que a grande Nação irmã é uma vez mais lembrada pela cidade de Lisboa.

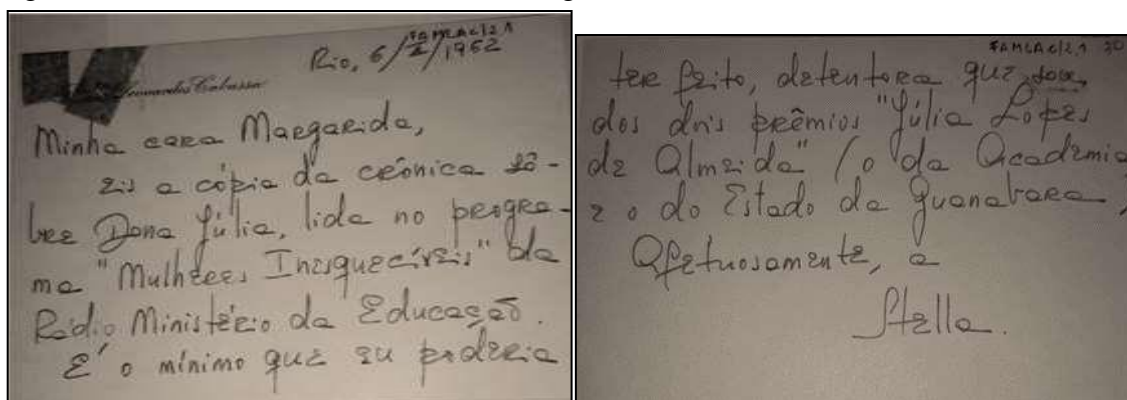
Fonte: Hemeroteca Digital de Portugal.

O Prêmio Júlia Lopes de Almeida, da Academia Brasileira de Letras, criado em 1952 a pedido do próprio Filinto, correspondia aos volumes em prosa, gênero que consagrou a

escritora. Fanini (2009) indica que foram 12 as escritoras que receberam o prêmio: Ondina Ferreira, Zilah Corrêa de Araújo, Heloneida Studart, Maria do Rosário Fleury (Rosarita Fleury), Stella Leonardos, Maria Eugênia Porto Oliveira Ribeiro, Berenice Grieco, Stela Tostes, Maria Cibeira Perpétuo, Maria Silveira Nunes Galvão, Cecília Bezerra de Rezende e Elza Heloísa.

Uma das contempladas, Stella Leonardos, envia carta a Margarida Lopes comentando sobre a homenagem escrita por ela e lida por Margarida na Rádio MEC. O trecho cita ainda uma premiação do estado do Rio de Janeiro, à época Estado da Guanabara, com o nome de Júlia Lopes. O prêmio, de acordo com o espólio da escritora, foi criado para premiar na literatura infantil.

Figura 40 - Carta de Stella Leonardos a Margarida



Fonte: Filinto de Almeida- *Série Júlia Lopes de Almeida*
Arquivo Múcio Leão/ABL.

Com uma carreira de sucesso na literatura e com a atividade assídua na imprensa, Júlia Lopes de Almeida destacou-se por ter vivido da pena. Costa (2005) mostra em seu trabalho a respeito das relações entre o jornalismo e a literatura que muitos dos escritores viviam em regiões menos favorecidas da capital e, embora fossem publicados, não viviam de seu ofício. Júlia Lopes de Almeida, contrariando essa tendência, viveu da pena.

Margarida Lopes de Almeida (2015) indica que os ganhos com as tiragens da 1ª edição de *Cruel Amor* permitiram que a família cumprisse viagem à Paris, em 1925. (ELEUTÉRIO, 2005). Ademais, é com o sucesso de *A falência* que a escritora financia a compra de seu casarão em Santa Teresa, no início do século passado. (TELLES, 2002; ALMEIDA, 2009)

Outro exemplo da popularização e dos ganhos de seu trabalho – sobretudo o literário, é o montante expresso no inventário de Filinto de Almeida. Quando o poeta morre em 1945, o espólio do casal – sob guarda do poeta até então, evidencia a diferença entre o lucro obtido com as obras de Júlia Lopes, que é 5 vezes maior que o do marido.

1.4 D. *Júlia* e a pauta feminista: aproximações

Celebrada na Literatura pelo aspecto construtor de sua obra, Júlia Lopes de Almeida se aproximou das pautas feministas em voga no início do século XX – educação, trabalho e voto. Este, última de suas reivindicações, foi sutilmente observado por D. Júlia em seus trabalhos jornalísticos, especialmente.

Não obstante sua posição privilegiada perante os pares, os homens de letras, é necessário pontuar que Júlia Lopes de Almeida, bem como outras mulheres escritoras de seu tempo, sofreram imposições da barreira de gênero, a começar pela restrição ao ingresso na ABL.

Sua obra, principalmente os romances, apresentavam uma espécie de literatura combativa, o que se traduziu na abordagem de questões sociais – a fome, o desemprego, a miséria, o abandono de menores, o trabalho infantil; de questões educacionais – o pleito por uma educação feminina, a construção de instituições de ensino, bem como de creches, a valorização das bibliotecas; e de questões feministas – o direito à educação, à leitura, e, especialmente, ao trabalho. Para a escritora, o trabalho era o digno percurso a que toda mulher poderia e deveria se submeter.

Xavier (1998) aponta que a obra romanesca de Júlia Lopes está repleta do que chama de *insossa domesticidade*. A família, aspecto fundamental da narrativa da escritora, abriga as mulheres que, por vontade ou obrigação, experimentam, no lido com o trabalho doméstico, a verdadeira vocação feminina. A relação entre o homem e a mulher, na figura do marido e da esposa, representa o espaço público e o privado, respectivamente. As vias femininas de emancipação moral estariam ligadas à sua atuação no espaço privado, importando, acima de todos os seus possíveis feitos, o zelo com a casa, o casamento e os filhos.

Na obra de Júlia Lopes de Almeida cruzam-se várias correntes do pensamento da época (...) a apologia ao trabalho, visando ao bem da humanidade, segundo o princípio positivista; de um trabalho que se quer diferente para o homem e a mulher, embora a família seja o objetivo comum. (XAVIER, 1998, p. 22-23).

Na Primeira República, o binômio moral e virtude é imposto e aceito como caminho esperado para educação das mulheres, que estariam, sob esta ótica, inseridas no processo de modernização do país através da educação. No entanto, vale notar que a instrução feminina era um projeto ambicioso, visto que a projeção da imagem da mulher como autêntica guardiã da

educação da família, do incansável zelo com os filhos e com o casamento se impunha: “Um sólido ambiente familiar, acolhedor, filhos educados e a esposa dedicada ao marido e sua companheira na vida social são considerados um verdadeiro tesouro.” (D’INCAO, 2018, p. 225) e, desta forma, a educação feminina associa-se, essencialmente, à busca pelo bem-estar da família.

Em sua atividade jornalística, Júlia Lopes colaborou com alguns dos mais populares e importantes periódicos femininos para a historiografia da imprensa feminina no Brasil, dentre os quais se destacam *A família*, *A Mensageira*¹²², *Revista Feminina*, e *A Violeta*. Desde o século XIX, a escritora envia textos às redações compostas por mulheres. Esses textos, em sua maioria empenhados em dar protagonismo às mulheres, tinham como temas principais a família, a guerra, a maternidade, os comportamentos femininos, e o trabalho.

Na edição 41 do periódico *A família*¹²³ e na edição 65 de *A Violeta*, Júlia Lopes de Almeida assina o texto “A mesa”, que detalha, ricamente, as sutilezas do lar burguês do século XIX – objetos valiosos e diálogos formais se concretizam como uma imagem do ideário de família burguesa. Nesta perspectiva, o papel da mulher, esposa e mãe é evidenciado. Outro aspecto presente no conto de Júlia é a maternidade. Os cuidados com a organização da casa e com a alimentação dos filhos e do marido são evidenciados como pilares da família.

Em que pese sua defesa à vida doméstica da mulher, D. Júlia, assim como outras senhoras da elite de seu tempo, apostou na filantropia para iniciar seu engajamento com a causa feminina. Mott (2001) ressalta que as associações beneficentes criadas por mulheres expandiram em números no início do século XX, quando a causa social parecia ser urgente, uma vez que o projeto republicano de nação estava fincado no tripé educar, regenerar e higienizar. Nessa lógica, as benesses oferecidas pelas mulheres da elite fomentariam a adequação de uma população menos abastada aos padrões modernos.

As entidades filantrópicas então criadas eram diferentes das associações de caridade de meados do século XIX. Enquanto as primeiras tinham sido organizadas e administradas por religiosos, visavam levar o conforto material e espiritual imediato para os necessitados, sobretudo, através de doações, tendo, portanto, pouco contato com os assistidos, as novas associações foram fundadas e dirigidas por mulheres,

¹²² Segundo De Luca (1999), a grande maioria dos textos que fazem parte das colaborações de Júlia Lopes para a revista são inéditos.

¹²³ *A Família – Jornal litterario dedicado à educação da mãe de família* (1888-1897) foi fundado por Josephina Álvares de Azevedo, professora, jornalista e redatora. Contou com um significativo número de colaboradoras de relevo, tais como Narcisa Amália, Ignez Sabino, Zalina Rolim, Presciliana Duarte, Júlia Cortines, Júlia Lopes de Almeida, entre outras. Ao longo de seus 9 anos de duração na imprensa, desempenhou notório papel na propagação de direitos das mulheres, destacando-se como um dos pioneiros na imprensa feminina pensada por e para mulheres. (PACHECO, 2019).

provenientes de uma ou de várias denominações religiosas. As sócias trabalhavam junto aos beneficiados e tinham por objetivos não só ajudar com doações, como também dar meios para que eles saíssem da situação de necessidade ou seja preocupavam-se com a promoção social. (2001, p. 212).

Em 1912, D. Júlia organiza uma festa literária para crianças menos abastadas em Poços de Caldas, viagem que foi anunciada em *O Paiz*, em março daquele ano. *FonFon* publica o registro fotográfico do feito, na edição 24, como mostra a figura 42.

Figura 41 – Recorte da edição 17463 em 1912



Fonte: Hemeroteca Digital FBN.

Figura 42 – Recorte da edição 24 da revista FonFon



Fonte: Hemeroteca Digital FBN.

Em 1916, ela participa das ações da Associação da Mulher Brasileira, grupo formado por algumas das mais populares e proeminentes mulheres daquele tempo, tal como a Presidente Nicola Murinery de Teffé¹²⁴ e as senhoras Laurinda dos Santos Lobo e Condessa de Sousa Dantas, entre outras. A edição 31 da *Revista da Semana* relata na seção “Cartas de Mulher” e na “Noticiário”, a fundação da associação e seus objetivos:

(...) "Associação da Mulher Brasileira", fundada por um grupo de senhoras das mais illustres da sociedade do Rio, á frente das quaes, Como Presidente da primeira Directoria, se encontra Mme. Nicola de Teffé, a esposa do fundador ha deze sete annos desta Revista...

O que me maravilha no programma, que ainda não conheço em todos os seus pormenores, mas cujo claro resumo leio nos jornaes, da “Associação da Mulher Brasileira”, é o seu character pratico, que lhe vae permittir abranger na sua obra philantropica tanto infortunio feminino. (seção “Cartas de Mulher” na REVISTA DA SEMANA, edição 31, s.p).

O programma da Associação é formosissimo, revelando uma comprehensão muito moderna da philantropia. A Associação da Mullher Brasileira vae dedicar-se a auxiliar

¹²⁴ Esposa de Álvaro de Teffé, comandante e idealizador e fundador da *Revista da Semana*.

as mulheres desprotegidas e necessitadas, amparando-as nas suas aspirações de virtude e de trabalho, coadjuvando os esforços femininos na luta pela vida, fundando desde já um basar para a venda de trabalhos da mulher, um escriptorio de collocações, consultorios medico e juridico, cursos profissioanes, etc. (seção “Noticiario” na REVISTA DA SEMANA, edição 31, s.p).

Já na edição 38 do mesmo ano, a revista publica uma fotografia das mulheres que compunham a Associação na casa de Álvaro de Teffé. Nela, consta a escritora Júlia Lopes de Almeida, como indica a legenda.

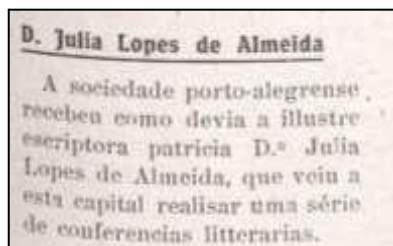
Figura 43 – Recorte da edição 38 da Revista da Semana



Fonte: Hemeroteca Digital FBN.

Em 1918, em sua viagem ao sul do Brasil – percurso que lhe daria inspiração para confeccionar *Jornadas no meu país* –, Júlia Lopes profere conferência em Bagé, no Rio Grande do Sul. A palestra, intitulada “A Mulher e a arte” tematiza, entre outros, a escrita feminina como um “chamado feminino”. A edição 14 de *Mascara* e a edição 21 de *O Exemplo*, ambos riograndenses, evidenciam a presença da escritora e a conferência.

Figura 44 – Recorte da seção Atualidades da edição 14 do periódico *Mascara*



Fonte: Hemeroteca Digital FBN.

Figura 45 – Página 2 da edição 21 de *O Exemplo*



Fonte: Hemeroteca Digital FBN.

O carioca *A Época* noticia, em 20 de maio de 1918, duas palestras realizadas por Júlia Lopes em terras riograndenses: “Obtendo um exito raramente evidenciado, a notável escriptora já fez duas conferências literárias, uma no dia 10 sobre o thema “ A mulher e a arte”, outra no dia 17 tendo por assunto “A Moda”. (edição 2136, p. 2). No mesmo periódico relata-se, em 1919, que a escritora proferiu a mesma palestra em 8 de outubro daquele ano, no salão do Clube dos Diários¹²⁵, no Rio de Janeiro.

Ainda na década de 1910, lidera¹²⁶ ao lado de Alice Rego Monteiro, a Legião da Mulher Brasileira, entidade criada em 1919, tendo como princípios o apoio e a ajuda mútua entre mulheres, prezando seus interesses e direitos (HAHNER, 1990). A Legião, bem como outras que surgiram ao longo do século XX, tratava de um feminismo mais voltado para a assistência, do que para a política, tal qual outras entidades o fariam na década seguinte. Nicareta (2018)

¹²⁵ A edição 2918 do jornal *A Noite* aponta que a palestra foi proferida em benefício da Casa de Santa Ignez, uma instituição de proteção às mulheres solteiras.

¹²⁶ Júlia Lopes de Almeida era presidente honorária da entidade, ao passo que Alice Rego Monteiro, líder.

aponta que Margarida Lopes de Almeida e Cecília Meireles compunham a comissão artística da Legião.

O lema da Legião “Amparar e elevar a mulher” compreendia uma lógica de educação e emancipação. Hahner (1990) sublinha que, no início do século XX, a maioria das mulheres não tinha acesso a níveis mais altos de educação- os cursos superiores- e que o curso de direito era o mais comum¹²⁷. Costa e Dieguez (2021, p. 73-74) comentam que apenas em 1929 fora criada a União Universitária Feminina (UUF), “uma associação que congregava mulheres diplomadas e estudantes de ensino superior”, que pretendiam “reclam[a]r o direito de ingressar efetivamente nesse espaço, nele permanecer e concluir seus estudos...”

. Quanto às escolas primárias, Hahner (1990) atesta que havia menos de 40% de crianças frequentando a escola e que apenas 13% eram meninas, o que poderia justificar a ação da entidade.

Segundo Nicareta (2018, p. 277): “A Legião manifestava preocupação, principalmente em levar às suas associadas uma certa independência econômica, através do trabalho feminino fora de casa ou na confecção e venda de produtos confeccionados, como artesanato, pelas associadas”.

Sob o título de “Advento da Mulher”, a revista *O Malho* publica na edição 898, em 1919, reportagem tematizando a entidade. O texto, assinado por Vitorio de Castro, enaltece a grandeza do feito e traz um tom otimista com relação à aquisição de direitos pelas mulheres, em especial o voto:

"Promover a collocação da mulher necessitada, angariar-lhe trabalho, guial-a, aconselha-la, fornecer-lhe informações uteis, e igualmente receber e transmittir encomendas de trabalhos de costura, de arte feminina e domestica, ou a sua venda, tal sera o objecto da primeira instituição da Legião da Mulher Brasileira, empenhada em valer as irmãs necessitadas realizar uma obra de altruismo social. (...)

Dentre todos os phenomenos sociaes que a guerra provocou, nenhum até hoje assumiu a importancia do advento da Mulher, como collaboradora do homem em todas as manifestações da Vida hunana.(...)

Vote for Women ! ; aquillo que ha cinco annos ninguem poderia acceitar senão uma possibilidade muito remota, ahi esta ja feito realidade em muitos paizes e a, caminho de selo em todos os demais, que se não poderão furtar aos effeitos da torrente das reivindicações femininas.(...)igualdade dos direitos da mulher aos dos homens, a sua independência, o seu individualismo juridico, que será a obra mais grandiosa deste seculo vertiginoso de aperfeiçoamentos.(...)

Organisada pelas senhoritas Alice Rego Monteiro, Bertha Lutz, Antonietta Haro, Flora Heinzelmann, Margarida Lopes de Almeida e Olga Doyle, que sao as suas

¹²⁷ Contudo, nos primeiros anos do século passado, apenas 6 mulheres concluíram o curso de Direito, tornando-se bacharéis. Sublinha-se ainda o fato de este ser o maior número entre todo o grupo de estudantes de ensino superior, o que representa um valor ínfimo se comparamos ao número de bacharéis homens na mesma época – aproximadamente 600 (HAHNER, 1990).

fundadoras, a "Legião da Mulher Brasileira" já conta muitas dezenas de adesões e é de esperar que, em breve, avulte como uma grande obra social que será. (p. 24).

Em 1920, a revista *Fon Fon* publica, na edição 30, fotografia das mulheres membros da Legião, sobre o que comenta na legenda:

A bela instituição de amparo feminino inaugurou os trabalhos dos mais diversos departamentos na Rua do Rosário, 118, sob. Na 112lustre112ia acima veem-se a diretoria, os associadas, tendo ao centro a 112lustre escritora D. Julia Lopes de Almeida, Presidente honrária. (FON FON, edição 30, s.p).

Figura 46 – Recorte da edição 30 da revista Fon Fon, em 1920



Fonte: Hemeroteca Digital FBN.

A bella instituição de amparo feminino inaugurou os trabalhos dos seus diversos departamentos na Rua do Rosário 114, sob. Na photographia acima vêm-se a directoria e associadas, tendo ao centro a illustre escriptora D. Julia Lopes de Almeida, presidente honraria.

Recém-chegada ao Brasil, a bióloga e ativista Bertha Lutz, importante figura na história das mulheres neste país, a exemplo de suas experiências em solo europeu, funda a Liga para Emancipação Intelectual da Mulher, em 1919. Azevedo (2015) indica que, na capital francesa, após longo período de estudo, Bertha Lutz teve contato com as sufragistas inglesas. Vale ressaltar que, após o fim da I Guerra Mundial, o direito ao voto feminino começou a ser conquistado em diversos países europeus.

Sobre a Liga, Marinho (2007, p. 3) pondera: “era apenas um grupo de estudos, de orientação laica, que buscava a “emancipação intelectual” da mulher”, integrado por Bertha

Lutz e “outras mulheres de classe média, entre elas Maria Lacerda de Moura, uma professora primária e escritora de Minas Gerais”.

Bertha Lutz cria a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino em 1922, pensada a partir dos moldes da Liga para Emancipação Intelectual da Mulher. No mesmo ano, promove a I Conferência Brasileira de Mulheres pelo Progresso Feminino, na qual diversos representantes das autoridades participam. (MARINHO, 2007). Entre os presentes, destacamos Mrs. Carrie Chapman Catt¹²⁸, Moncorvo Filho¹²⁹ e Júlia Lopes de Almeida.

Convidada a integrar a federação como presidente de honra, Júlia Lopes de Almeida profere palestra no primeiro evento da FBPF, representando o Consejo de Mujeres de la Argentina, entidade do qual também era associada. *O Paiz* de 17 de dezembro de 1922 anuncia o feito, como dispõe a figura a seguir:

¹²⁸ Líder sufragista norte americana e presidente da Associação Americana de Mulheres. (AZEVEDO, 2015).

¹²⁹ Médico higienista e defensor do assistencialismo à criança pobre. “Até 1926, havia publicado mais de 300 trabalhos sobre variados temas relacionados à criança, além de 3 importantes livros, que são referências na história da Pediatria brasileira: *Higiene Infantil* (1917), *Formulário de Doenças das Crianças* (1923) e *Histórico da Protecção à Infância no Brasil* (1926).” (Fonte: Sociedade Brasileira de Pediatria).

Figura 47 – Página 2, da edição 13937 de O Paiz

A 1ª Conferencia Brasileira de Mulheres

INAUGURAÇÃO A 21 DE DEZEMBRO, POR INICIATIVA DA FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS LIGAS PELO PROGRESSO FEMININO.

A Federação Brasileira das Ligas pelo Progresso Feminino é a sucessora da antiga Liga para a Emancipação da Mulher, organização provisória, que, de conformidade com a tendencia entre as associações femininas, representava um estudo do meio e das condições de trabalho, em vista da futura orientação definitiva.

Foram operadas a transformação e ampliação por D. Bertha Lutz, delegada do Brasil à Conferencia Pan-Americana de Mulheres, e actual presidente, após sua volta dos Estados Unidos.

Tem, actualmente, varios ramos, entre os quaes, uma liga no Estado de S. Paulo, que se está desenvolvendo muito amplamente, sob a direcção de sua presidente, D. Evelina Arruda Pereira.

Por estes dias, será fundada a Liga Mineira, em Bello Horizonte.

Estão federadas varias associações femininas.

A directoria actual da federação é a seguinte:

Presidente de honra, D. Julia Lopes de Almeida; presidente, D. Bertha Lutz; 1ª vice-presidente, D. Stella Guerra Duval; 2ª vice-presidente, D. Jeronyma de Mesquita; 3ª vice-presidente, D. Margarida Lopes de Almeida; secretaria geral, D. Valentina Biosca, e thesoureira, dona Corina Barreiros.

Liga do Districto Federal — Presidente, D. Olga Mello Braga; secretaria, dona

Fonte: Hemeroteca Digital FBN.

Ainda em 1922, ministra a conferência “Brasil”, em Buenos Aires, na Biblioteca do Conselho Nacional de Mulheres da Argentina. A conferência foi publicada integralmente em *A Violeta*, ao longo de 20 edições, de 1922 a 1924. Sobre o conteúdo da conferência, Peggy Sharpe (1998, p. 43) sublinha que a escritora: “esboçou o progresso alcançado por suas compatriotas na marcha para a emancipação como resultado da transição feminina da esfera privada para o mercado da esfera pública.”

Muito embora Júlia Lopes de Almeida seja hoje pensada como feminista de “aceitação”, à luz de suas ideias de educação doméstica e familiar, nota-se que a escritora traçou percurso pouco comum para as mulheres de seu tempo, ao oportunizar o protagonismo feminino em suas obras, ao integrar diversas associações para benefício das mulheres, ao publicar “sábios

conselhos” para as noivas, donas e donzelas, ao fomentar a educação, ao valorizar a arte como um dom feminino e ao incentivar o desenvolvimento da intelectualidade feminina.

Um bom exemplo de seu engajamento com as causas femininas é o texto “Um pouco de feminismo”, assinado pela escritora em janeiro de 1908, em *O Paiz*. Nele, a escritora debate a respeito das críticas ao voto feminino, causa que defendia, e ao que dizia ser:

(...) prudente não se rirem muito da pretensão das mulheres em votar nos homens do seu paiz para os supremos cargos da administração publica, para não passarem mais tarde pela decepção de verificar que perderam inutilmente o seu precioso tempo batalhando contra uma causa que anda por si e que chegará por si ao ponto que tiver almejado.

(...)

Não é preciso ser sábio nem aplicar à boca negra do poço profundo, nenhuma lente especial na inquirição da verdade, para descobrirmos que o motivo verdadeiro, latente, dessa inspiração de interferência nos negócios da administração do seu paiz não brotou da vaidade nem da puerilidade das mulheres simplesmente bonitas e felizes, mas de outras causas mais complexas: a razão, o sofrimento, a injustiça. (O PAIZ, edição 8502, p. 1).

Apesar de estudos mais antigos terem sublinhado uma postura menos engajada, ativa e militante de Júlia Lopes de Almeida, como feminista – defensora dos direitos das mulheres à época -, importa dizer que a constituição de sua própria trajetória, seja na imprensa ou na literatura, imprimiu a si um caráter feminista e militante, especialmente por trazer a lume, de forma ou de outra, o protagonismo feminino.

Nesse sentido, parece um pouco ingênuo reproduzir antigas afirmativas que colocam a escritora a par dos movimentos feministas que fizeram parte da constituição da historiografia das mulheres no Brasil, já que a escritora operou, através da pena e do discurso, para esta finalidade.

Portanto, as diversas imagens de Júlia – a escritora, a salonista, a mulher de família e a feminista, coexistem no âmbito de sua projeção intelectual. Ao que nos parece, Júlia Lopes de Almeida flutuava entre o ir e devir das mulheres; a casa e o espaço público; a maternidade e a literatura.

Em que se pese a posição ocupada por ela na República das Letras e o reconhecimento pelos pares, notadamente expresso em periódicos, sobretudo, convém ressaltar o demérito de sua figura quando na configuração do cânone literário, aspecto que observaremos no capítulo seguinte.

2 AS EXPERIÊNCIAS DE ESCRITA DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA E O CÂNONE LITERÁRIO

Figura 48 – Passaporte de Júlia Lopes de Almeida (década de 1930)



Fonte: Acervo Cláudio Lopes de Almeida.

Escritora. Assim Júlia Lopes de Almeida era categorizada em sua vida profissional. A exemplo de seu passaporte¹³⁰, é possível perceber que não apenas tratava-se uma figura popular na República das Letras ou na imprensa, como exposto no 1º capítulo. Júlia Lopes de Almeida trabalhava como escritora recebendo, inclusive, honorários¹³¹ por sua produção na imprensa.

Tal qual outras escritoras de seu tempo, é notório que Júlia Lopes percorreu caminho pouco comum às mulheres. Seja por conta do acesso praticamente irrestrito a um capital cultural significativo desde a infância, ou ainda por estar casada com um dos membros fundadores da

¹³⁰ Opera-se com a hipótese de o passaporte ter sido expedido no final da década de 1920 ou início da década de 1930, considerando-se dois aspectos: a fotografia, que mostra a escritora em uma idade mais avançada; e o fato de este ter sido o documento utilizado para embarque rumo à África, viagem que ela fez no começo da década de 1930. (ALMEIDA, 2013).

¹³¹ Em referência à sua colaboração em *O Paiz*, especialmente. Miceli (2015) e Martins e De Luca (2018) salientam que tanto o *Jornal do Commercio* quanto o *Correio da Manhã* estavam entre os periódicos que pagavam os maiores valores, entre 30 e 60 contos de réis por colaboração, seguidos por *O Paiz*, ao lado da *Gazeta de Notícias*. Tais valores, ainda de acordo com Martins e De Luca, representavam até 60% da média salarial de um trabalhador no período recortado.

Academia Brasileira de Letras (1897), Filinto de Almeida, Júlia Lopes pôde, acredita-se, fomentar sua profissão e investir, em certa medida, em uma carreira durante os anos que marcaram a Primeira República, frequentando os espaços pouco ocupados por mulheres, como a ABL, as reuniões com os homens de letras, as inaugurações, os eventos políticos, etc.

Nesse sentido, é possível pensar em um movimento de projeção de si feito pela escritora. Uma tentativa, e aparentemente bem-sucedida, de promoção e projeção nos circuitos literários, na imprensa e na vida pública. Desde os eventos organizados no *Salão Verde*¹³², as associações aos órgãos beneficentes até as inúmeras viagens¹³³ – nacionais e internacionais – nos parece que as escolhas da escritora não foram ingênuas. De maneira diversa, Júlia Lopes de Almeida colaborou ativamente para seu reconhecimento e consagração nas letras patricias.

Mesmo com a barreira de gênero que impediu sua entrada na ABL – fundada aos moldes franceses –, e a consequente legitimação de sua obra, Júlia Lopes de Almeida empenhou-se, como ressalta Fanini (2016), com uma vasta e variada produção bibliográfica, para inserir seu nome na alto escalão de escritores de seu tempo, ficando atrás apenas de Coelho Neto¹³⁴ e Machado de Assis¹³⁵ em termos de obras publicadas. Como citado no 1º capítulo deste estudo, Júlia Lopes de Almeida integrou, inclusive, a lista dos autores que não pagavam para terem seus livros editados pela Francisco Alves, uma das livrarias mais populares da época.

A respeito da relação entre o editor Francisco Alves e seus autores, vale a ressalva salientada em Hallewell (2001): não apenas o editor mantinha relações de amizade ou certa cordialidade com seus autores, como também trabalhava duramente para a divulgação da obra e, conseqüentemente, daqueles que assinavam. Muito embora sua livraria não tenha se popularizado no final do século XIX e tampouco tenha sido frequentada pelos intelectuais - os homens de letras-, que faziam presença na Garnier, essas relações entre o editor, os autores publicados e a obra ultrapassaram os limites da livraria.

¹³² Como vimos no 1º capítulo, tratava-se de saraus literários, reuniões com intelectuais, encenações de peças de teatro- suas e de seus amigos escritores, a exemplo de Artur Azevedo, chás beneficentes, festas beneficentes, conferências a respeito da educação, etc.

¹³³ De acordo com Rosane Saint Denis Salomoni em Almeida (2013), além da cidade natal, o Rio de Janeiro, Júlia Lopes de Almeida fixou residência em Campinas, Portugal e França. Ressalta-se também a viagem ao sul do país, que lhe rendeu o livro *Jornadas no meu país*; e ainda uma possível viagem ao Espírito Santo, por conta da conferência “Cenas e paisagens do Espírito Santo”, obra citada no 1º capítulo deste texto.

¹³⁴ **Coelho Neto (1864-1934)** publicou 49 obras, além de 6 peças teatrais e uma dezena de crônicas. (Fonte: Coelho Neto -ABL).

¹³⁵ **Machado de Assis (1839-1908)** foi jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo. Publicou 32 obras que abrangem, praticamente, todos os gêneros literários, como indica sua biografia na Academia Brasileira de Letras. (Fonte: Machado de Assis – ABL).

Das 150 edições dos meus livros didáticos correram e correm ainda muito de perto de um milhão de exemplares. Mas [...] tudo isso foi a obra do editor... em mão de outros ou nas minhas, gramáticas ou compêndios nada valeriam e disso fiquei certo por algumas experimentações decisivas. Era o editor com seu serviço admirável de propaganda... ele pagava o meu trabalho e em melhores condições que outros quaisquer...era dedicado, pronto, fiel e liberal.

(Trecho do texto de João Ribeiro para *O Imparcial*, 02/07/1917, *apud* HALLEWELL, 2001).

A familiaridade o editor com o casal Almeida pode ser explicada, ademais, por sua admiração pelo trabalho da escritora. Ainda de acordo com Hallewell (2001), Francisco Alves costumaria avaliar uma obra - se valia ou não a publicação - por sua meticulosidade e por sua dedicação, aspectos que observava em Júlia Lopes de Almeida e Olavo Bilac. O julgamento não parece equivocado. Júlia Lopes de Almeida teria reescrito *Memórias de Marta* duas vezes, por acreditar que havia “certas observações infantis” e alguns trechos que deveriam ser modificados. (ALMEIDA, 2007).

As relações entre Júlia Lopes de Almeida e as demais mulheres escritoras também merecem destaque. Para além de Júlia Cortines (1863-1948) e Maria Clara Cunha dos Santos (1866-1911), com quem Júlia Lopes de Almeida mantinha relações de amizade, outras escritoras figuraram entre aquelas que tiveram certa visibilidade. Seja por meio de seu trabalho na imprensa, a exemplo de Josefina Alvares de Azevedo (1851-1913), ou Presciliana Duarte de Almeida (1868-1944), ou pela participação em redes de mulheres, a exemplo de Maria Eugênia Celso (1886-1963), as relações entre as mulheres escritoras eram, em certa medida, estreitadas por um propósito comum: a afirmação de uma identidade feminina pela escrita.

Uma pesquisa mais detalhada na Hemeroteca Digital Brasileira nos permite visualizar alguns movimentos da escritora na imprensa por diversos estados¹³⁶ brasileiros fora do eixo Rio de Janeiro, então capital federal, e São Paulo, palco da efervescência política e pedagógica do início do século passado. Para além de *A Violeta*, periódico mato-grossense, vale mencionar alguns: Maranhão, Ceará, Paraná, Rio Grande do Sul e Pernambuco. Este percurso, que privilegia, de certa forma, todas as regiões do país, evidencia o movimento de projeção de si feito pela escritora. Seja proferindo palestras, participando de inaugurações ou formaturas de escolas, Júlia Lopes de Almeida disseminou sua imagem, nome e produção.

Embora não tenha sido professora primária, como muitos suspeitam, por conta de sua relação com a infância, a escolarização e a própria escola, Júlia Lopes de Almeida é patrona de

¹³⁶ Para além de *A Violeta*, periódico mato-grossense, vale mencionar alguns: Maranhão, Ceará, Paraná, Rio Grande do Sul e Pernambuco. Este percurso que privilegia, de certa forma, todas as regiões do país, evidencia o movimento de projeção de si feito pela escritora.

escolas¹³⁷ públicas no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Minas Gerais, no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Paraná. Defensora da educação, principalmente a feminina, Júlia Lopes de Almeida já propunha, no início do século, a criação de escolas noturnas e de creches que pudessem atender à boa parcela de mulheres trabalhadoras.

Na crônica publicada em maio de 1910 em *O Paiz*, Júlia Lopes de Almeida argumenta em favor da Escola Normal que corria o risco de ter seu curso noturno fechado sob o pretexto de ser perigoso às alunas:

Não tenho acompanhado com muita atenção as razões por que desejou acabar com o curso noturno da Escola Normal; mas, tenho lido, não me lembro em que jornal, que ele era frequentado por cerca de 700 alunas, vejo que esse curso era e é necessário à nossa população. Moças que não podem sair durante o dia, ou por afazeres domésticos, ou por economias de vestuário, ou por falta de quem as acompanhe, bendirão as aulas noturnas, que lhes permitirão estudar sem sacrificar a sua vaidade de mulheres ou a ordem do seu lar que esse abandono à noite não perturba porque o que nele tiver de ser feito, já nessa hora terá sido feito.

(...)

Fechar escolas? Mas não parecerá a todos natural que o nosso empenho seja exatamente de conservar todas as que temos e fundar mais, muitas mais, espalhando-se por todo este Brasil enorme e inculto? Não há dinheiro? Crie-se um imposto para a instrução popular, invente-se qualquer meio que a sustente e a difunda. (DI STASIO; FAERDRICH; RIBEIRO, 2016, p. 86- 87).

Já em carta à redação de *A Violeta*, Júlia Lopes indica a fundação de uma Escola Maternal na capital mato-grossense:

Se fosse dado lembrar-vos alguma cousa, lembrar- vos-ia a campanha na vossa revista por alguma grande idéa de utilidade pratica, como por exemplo a fundação na vossa cidade de uma "Escola Maternal", como as da Suissa, em que se apuram as faculdades intellectuais da mulher e aprimoram as suas qualidades morais. (Edição 14, 19/07/1917, p. 1).

Sobre suas obras escritas para o público infantil, pelo menos 3 delas tiveram circulação nas escolas - *Contos Infantis* (1886), *Histórias da nossa terra* (1907) e *A árvore* (1916). Em *Jornadas no meu país*, Júlia Lopes de Almeida faz referência a, suspeitamos, a adoção de dois

¹³⁷ De acordo com os dados levantados, são 7 as instituições de ensino público que recebem o nome da escritora. No Rio de Janeiro, Escola Municipal Júlia Lopes de Almeida, localizada na capital, no bairro de Santa Teresa; Em Minas Gerais, Escola Estadual Júlia Lopes de Almeida, em Belo Horizonte; em São Paulo, Escola Estadual Júlia Lopes de Almeida e Escola Júlia Lopes de Almeida, em Osasco; no Rio Grande do Sul, Escola Estadual Ensino Médio Júlia Lopes de Almeida, em Soledade; no Paraná, Escola Júlia Lopes de Almeida, em Tamarana; e em Santa Catarina, Escola de Educação Básica Júlia Lopes de Almeida, em Blumenau.

de seus livros. Um deles, quando cita a visita ao Instituto Ginásial Júlio de Castilhos¹³⁸, em maio de 1918; e outro quando comenta a compra de exemplares de *A árvore*:

Tenho neste Instituto o vaidoso prazer de vêr um livro meu adoptado particularmente por duas das suas professoras principais e verdadeiras evangelisadoras das letras e da instrução: as ilustradas rio-grandenses Camila Furtado Alves e Pepita Leão. Tem este facto a importancia de fazer a criança olhar para mim com simpatia. Leio-lhes nos grandes olhos escuros e doces que já eram minhas amigas mesmo antes de me conhecerem. Esta certeza faz-me bem ao coração. (ALMEIDA, 1920, p. 72).

Adiante, a escritora indica que o livro *A árvore* fora encomendado pela Secretaria do Interior do Estado, e faz um breve relato a respeito do volume:

Grande dia. Recebo aviso da secretaria do Interior de que o livro- *A árvore* por cuja adopção nas escolas brasileiras tenho quebrado as minhas pobres lanças, foi adoptado pelo governo para leitura das crianças rio-grandenses. Estranha alguém que está a meu lado a minha satisfação e pergunta por que, tendo eu publicado tantos livros e entre eles alguns escolares nunca me dei ao trabalho de viajar por amor de nenhum deles e pela disseminação deste me mostro entretanto tão interessada. Vejo que é preciso explicar-me:

O modesto volume que trouxe na minha bagagem e que escrevi com o poeta Afonso Lopes de Almeida, não representa para o nosso espírito um motivo de glória literária que nos envaideça mais do que outra qualquer das nossas obras, nem é tampouco um trabalho que nos dê a esperança de nos enriquecer.

(...)

Na secretaria encontro a encomenda de dois mil exemplares "d'A Árvore", que deverão ser espalhados por todas as escolas do Estado. Pedem-me também que esses dois mil exemplares sejam escritos com a ortografia antiga. A actual edição, de que deverei ter ainda alguns milheiros, é grafada com a ortografia reformada em 1911 pelos grandes filólogos D. Carolina Michaelis, Gonçalves Viana, Adolfo Coelho, Candido de Figueiredo e outros e sancionada no Brasil, pela Academia Brasileira de Letras, que já antes tinha feito reforma quasi igual, tendo por fim eliminado as pouquíssimas divergências encontradas. (ALMEIDA, 1920, p. 165-168).

Já no início do século passado, a figura da escritora estava presente nas escolas, como ressalta o depoimento de Cecília Meireles¹³⁹ (2016, p.58-59), em ocasião do centenário de Júlia Lopes de Almeida (1962, p. 59-60), na crônica “Dona Júlia”:

Lembro-me de certo livro de leituras infantis em que colaborou. Nós, crianças, gostávamos de suas histórias e, sem a conhecermos, gostávamos também daquela que

¹³⁸ Criado em 1900 como anexo à Escola de Engenharia em Porto Alegre, recebe o nome de Gymnasio Rio Grande do Sul. Em 1908, para prestar homenagem póstuma à Júlio de Castilhos, antes governador do estado, passa a se chamar Instituto Julio de Castilhos. (CUNHA, 2016).

¹³⁹ **Cecília Meireles (1901-1964)** foi professora, poetisa, cronista e jornalista. Atuou como professora de Literatura Luso-Brasileira na Universidade do Distrito Federal, atual UFRJ, no Rio de Janeiro, então capital do país. Na década de 1940, ministrou aulas na Universidade de Texas, sobre Cultura e Literatura Brasileiras; publicou mais de 30 livros, sendo sua literatura infantil considerada um marco na história do gênero do Brasil. (Fonte: LOBO, 2006).

a escrevera. Por que celestial intuição já prevíamos que dona Júlia seria assim uma pessoa diferente, com uma finura e uma cordialidade que as suas simples páginas transmitiam? Na verdade, ninguém falara da autora, ninguém nos dissera nada a seu respeito; e, embora o livro fosse feito em colaboração, era no seu nome que nos fixávamos. E pensávamos com muito carinho em dona Júlia.

Cecília Meireles diz ter tido a experiência de leitura de Júlia Lopes na escola e recorda-se de forma afetuosa de “um certo livro de leitura¹⁴⁰ em que [ela] colaborou”, e menciona que gostava das histórias contadas por Júlia, o que a permitiu prever que “dona Júlia seria assim uma pessoa diferente”, mas que “na verdade ninguém [lhe] falara da autora, ninguém [lhe] dissera nada a seu respeito.”

A partir do relato de Cecília Meireles, convém salientar dois aspectos: um em referência à imagem projetada de Júlia Lopes de Almeida no imaginário infantil; e outro intimamente ligado à questão canônica: Cecília Meireles não ouvia falar da escritora, não sabia nada a seu respeito. Assim, todos os esforços empreendidos pela escritora – notadamente uma profissional – parecem não ter alcançado o patamar comumente ocupado por homens escritores da República das Letras: a canonização.

Necessário, portanto, pensar o processo de canonização dos escritores e a exclusão de Júlia Lopes de Almeida do seletivo grupo como uma espécie de apagamento, uma vez que, desde sua morte, em 1934, até a primeira produção acadêmica¹⁴¹ a respeito de Júlia Lopes de Almeida, somam-se mais de 5 décadas; o reconhecimento¹⁴² por parte da Academia Brasileira de Letras, instituição com a qual colaborou, ativamente, na fundação ao lado do marido, Filinto de Almeida, ocorreu apenas no final da década passada; e a (re)popularização recente de sua

¹⁴⁰ Pressupõe-se, a partir de Stanislavski (2004) e da própria trajetória de vida da jornalista, que se trata de *Contos Infantis* (1886), livro de leitura amplamente utilizado nas escolas primárias do país, tendo alcançado 4 edições já em 1901.

¹⁴¹ Em referência ao trabalho inaugural de Norma Telles, em 1987: “Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX”, originalmente sua tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP. Em 2012, foi publicado sob formato de livro e prefaciado pela pesquisadora Margareth Rago, que comenta: “a pesquisadora – escritora dava a conhecer os inúmeros romances de autoria feminina produzidos no país, ao longo daquele século [XIX]. Aos poucos, ouvimos falar das escritoras Narcisa Amália de Campos, Maria Benedita Bormman, Júlia Lopes de Almeida, Maria Firmina dos Reis, Ignez Sabino, Josefina Álvares de Azevedo, Eufrosina de Barandas, entre outras (...)” (TELLES, 2012, p. 14).

¹⁴² Em julho de 2017, a Academia Brasileira de Letras (ABL) inaugurou um ciclo de palestras intitulado “Cadeira 41”, em referência aos escritores que não foram contemplados com uma associação à Academia. A primeira destas palestras é “Todos contra Júlia!”, ministrada pelo jornalista Luiz Ruffato. Neste texto, Ruffato expõe parte da vida e obra da escritora fazendo referência a seus feitos e questionando, por fim, o seu apagamento, principalmente quando consideramos os compêndios sobre literatura brasileira. Disponível em: < Todos contra Júlia! | Academia Brasileira de Letras >.

obra¹⁴³, utilizada, inclusive, no vestibular da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) nos últimos concursos¹⁴⁴.

Para além desse apagamento, aludimos à circulação da obra e imagem da escritora em outros espaços que não a capital federal – Rio de Janeiro. Nesse sentido, a revista feminina cuiabana *A Violeta* (1916-1950), fonte principal deste estudo, configura-se como cenário para pensar a projeção de Júlia Lopes de Almeida em termos de promoção, divulgação e disseminação de sua figura, nome e produção bibliográfica.

A revista, fundada em 1916 a partir da ação concreta de um grêmio literário feminino em Cuiabá, *O Grêmio litterario Julia Lopes*, já é indicativo da relevância e projeção da escritora em outras partes do país. Assim, a criação de um grêmio literário com o nome da escritora operaria, nessa lógica, como uma espécie de instrumento de legitimação de Júlia Lopes de Almeida, mesmo fora de espaços¹⁴⁵ oficialmente reconhecidos por intelectuais. Sobre este aspecto, convém apontar uma relação de reciprocidade entre a escritora e a agremiação e o periódico, uma vez que o movimento de projeção de si parece ter ganhado força nas páginas da revista cuiabana, a propósito dos objetivos deste trabalho.

Desta maneira, a partir dos pressupostos levantados, este capítulo organiza-se em 3 seções, que compreendem, respectivamente: a escrita feminina de Júlia Lopes de Almeida e seus pares, em referência à trajetórias de outras mulheres e aspectos comuns à de Júlia Lopes; os movimentos de projeção de si feitos por Júlia Lopes de Almeida em espaços diversos; e, por fim, a relação entre a formação do cânone literário brasileiro do início do século XX, o apagamento/emersão da escritora e as conformações com o *Grêmio litterario Julia Lopes*.

¹⁴³ *A Falência* (1ª edição em 1901).

¹⁴⁴ De acordo com as notícias do site da Universidade, a obra [foi incluída nos vestibulares] de 2022 e 2023. (Fonte: ATUALIDADES. UNICAMP. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2021/06/17/unicamp-anuncia-que-vai-manter-lista-de-obras-de-leitura-obrigatoria-para-o>>. Acesso em 02 jan. 2022.

¹⁴⁵ Convém destacar que para a intelectualidade brasileira à época, concentrada em sua maioria na capital federal, a Academia Brasileira de Letras (1897) fora o espaço oficialmente reconhecido como reduto dos intelectuais, ainda que não tenha contemplado, como veremos a seguir, boa parte dos escritores e nenhuma das escritoras com produções notadamente similares a de alguns acadêmicos. El Far (2000) indica que antes da fundação da ABL, outras iniciativas, a exemplo da criação do Grêmio de Letras e Artes (1887), no Rio de Janeiro, cumpriram com este papel de legitimar as letras no país; e que dentre os membros da agremiação figuravam alguns daqueles que mais tarde tornar-se-iam imortais da ABL – Artur Azevedo, Aluisio Azevedo, Coelho Neto, Olavo Bilac, Rodrigo Octávio, Valentim Magalhães.

2.1 Júlia Lopes de Almeida e as mulheres escritoras: um manifesto feminino

Em *Um teto todo seu*, Virginia Woolf¹⁴⁶ é pragmática: uma mulher precisa apenas de um espaço, de tempo e de uma certa quantia mensal para escrever ficção. A escritora, uma das mais celebradas ficcionistas e críticas literárias, escreveu sobretudo a respeito da condição feminina, em relação à literatura, à ficção, à escrita, e à profissão de mulheres. Em um de seus ensaios, publicado no periódico americano *The Forum* (1886-1950) em 1929 e intitulado *As mulheres e a literatura*, Woolf apresenta uma espécie de panorama sobre a escrita feminina e a relação entre as escritoras e a ficção, que abrange, especialmente, os séculos XIX e o começo do XX, a respeito de sua contemporaneidade.

Ao longo do ensaio, explicita, por exemplo, o porquê do romance ser a escolha e, aparentemente, única opção para as mulheres que quisessem escrever literatura no século XIX:

Literatura era e continua a ser a coisa mais fácil para uma mulher escrever. E não é difícil entender a razão disso. O romance é a forma menos concentrada de arte. É mais fácil pegar ou deixar de lado um romance do que uma peça ou um poema.

(...)

Aqueles romances oitocentistas, por admiráveis que fossem, recebiam uma profunda influência do fato de que as mulheres que os escreviam estavam excluídas, por seu sexo, de certos tipos de experiências. (WOOLF, 2019, p.106-107).

Adiante, sobre as escritoras contemporâneas, Woolf comenta sobre a mudança de temática nos romances escritos por mulheres: diferente das obras em sua maioria autobiográficas, que relatavam, de maneira sintética, a vida e os descontentamentos de suas autoras, no romance feminino do século XX, observa-se:

um desejo constante de alterar os valores estabelecidos - de tornar sério o que parece insignificante a um homem, de tornar trivial o que é importante para ele. (...) as mulheres estão em maior independência de opinião.

(...)

Ao que parece, estão menos interessadas em si mesmas; por outro lado, estão mais interessadas em outras mulheres. (p. 111).

¹⁴⁶ **Virginia Woolf (1882-1941)** foi escritora, ensaísta, crítica literária e professora de literatura da King's College London, em Londres. Publicou seu primeiro romance, *A viagem (The Voyage out)* em 1915 e já nessa época gozava de certo reconhecimento na imprensa londrina. Colaborou no *The Times Literary Supplement* e proferiu palestras e conferências em universidades inglesas, muitas das quais foram compiladas e publicadas, a exemplo de *Um teto todo seu, Mulheres e ficção, ou Profissões para mulheres*.

Telles (2012), ao descrever e discutir a produção literária das mulheres do século XIX, sublinha que a condição feminina no Brasil estava ligada à tese dos higienistas do período, acerca do pensamento positivista que circulou no país:

As concepções estéticas predominantes no século XIX que afirmavam ser a criação cultural um dom exclusivamente masculino, durante muito tempo confundiram as escritoras, artistas e as leitoras. Escrever, ler e pensar não eram só estranhos ao seu universo como podiam ser inimigos das características femininas.

(...)

Antes de conseguir escrever, é preciso encontrar uma autodefinição, que precede qualquer ato de criação e, no caso das escritoras, ou das mulheres em geral, se tornava difícil pois ao se contemplarem no espelho, o que viam eram imagens- máscaras que os textos de homens desenharam para elas. (TELLES, 2012, p. 62).

Assim, mesmo aquelas que possuíam um teto todo seu e tempo para viabilizar sua escrita, encontravam barreiras já no momento da concepção de suas obras, dado que não poderiam desagradar o sistema a que estavam submetidas. Desconsiderando outros aspetos próprios da vida de cada uma das mulheres que se propuseram (e ousaram) escrever ficção, fica uma certeza: a de ser a sua escrita um voto de sacrifício e penúria. Em outras palavras, a escrita feminina, mesmo se feita nas condições ideais a que a autora se referia, está fadada ao descaso. A começar pelo número de mulheres que sabiam, efetivamente, ler e escrever.

De acordo com os dados de recenseamento de 1920 no Brasil, as taxas de analfabetismo, antes observadas em níveis alarmantes¹⁴⁷ (superior a 80% da população total), sofreu uma queda significativa no início do século, atingindo um número próximo à 50% de analfabetos. Já em 1906, no Rio de Janeiro, então capital federal, para cada mil habitantes, 51% eram analfabetos. (BOMENY, 2003).

Embora a queda das taxas de analfabetos tenha sido expressiva e sofrido uma espécie de *continuum* ao longo da Primeira República, convém ressaltar que a relação entre homens e mulheres analfabetas não foi de equidade. Ainda em consulta aos dados do recenseamento de 1920¹⁴⁸, a cada 1000 habitantes, 289 homens sabiam ler e escrever, e 199 mulheres estavam sob esta condição. Na capital federal, então o Rio de Janeiro, de cada 1000 habitantes em fase adulta (15 anos ou mais), aproximadamente 65% não sabiam nem ler nem escrever.

Assim, as mulheres escritoras que aqui trataremos fazem parte de um seletos grupo que teve oportunidade de educar-se – ainda a maior parte no ambiente doméstico – e que tiveram

¹⁴⁷ Ver, em acréscimo, FERRARO, Alceu R.; KREIDLOW, Daniel. Analfabetismo no Brasil: configuração e gênese das desigualdades regionais. In: *Educação e Realidade*, v.29, n.2, 2004, p.179-200.

¹⁴⁸ Recenseamento Geral do Brasil de 1920 – vol. IV – 4 parte - População. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv31687.pdf>> Acesso em 20 jan 2022.

acesso a certo capital cultural, seja por intermédio da biblioteca da família, por viagens e contatos com outras culturas ou ainda por conviver com pessoas – em sua maioria, homens – tidos como intelectuais.

Estudos recentes¹⁴⁹ a respeito da escrita feminina têm operado com grupos marginalizados e sua produção escrita, a exemplo das operárias, escravizadas, donas de casa etc. De outra maneira, este trabalho busca tratar o nicho no qual Júlia Lopes de Almeida se inseriu: a elite branca. Esse grupo de mulheres escritoras, contemporâneas de Júlia Lopes de Almeida, embora não representem uma expressiva parcela da população feminina da época, são responsáveis por boa parte da produção, investimento e divulgação dos ideais feministas de emancipação por meio da educação, do voto e do trabalho.

Nesse sentido, importa pensar como a escrita feminina buscou aliar-se a um bem comum: a sua projeção no cenário literário nacional, e de que forma essa escrita ocupou um espaço possível na educação para mulheres daquele tempo, tanto em termos de educação formal – amplamente defendida pelas escritoras –, quanto em termos de moral e comportamento, alinhando seus ideais com o ideário burguês de modernidade, em voga no país no início do século XX.

Uma estratégia comum utilizada pelas escritoras do início do século XX eram as dedicatórias. Estes pequenos textos tinham como finalidade não apenas presentear com palavras o destinatário, mas também demarcar um local pouco ocupado pelas mulheres: a intelectualidade. Segundo Eleutério (2005, p. 89):

Os homens de letras viviam praticamente da imprensa e de seus cargos burocráticos para financiar suas obras. As mulheres, não tendo a possibilidade do cargo burocrático, precisavam fazer valer [as] relações sociais e de amizade.

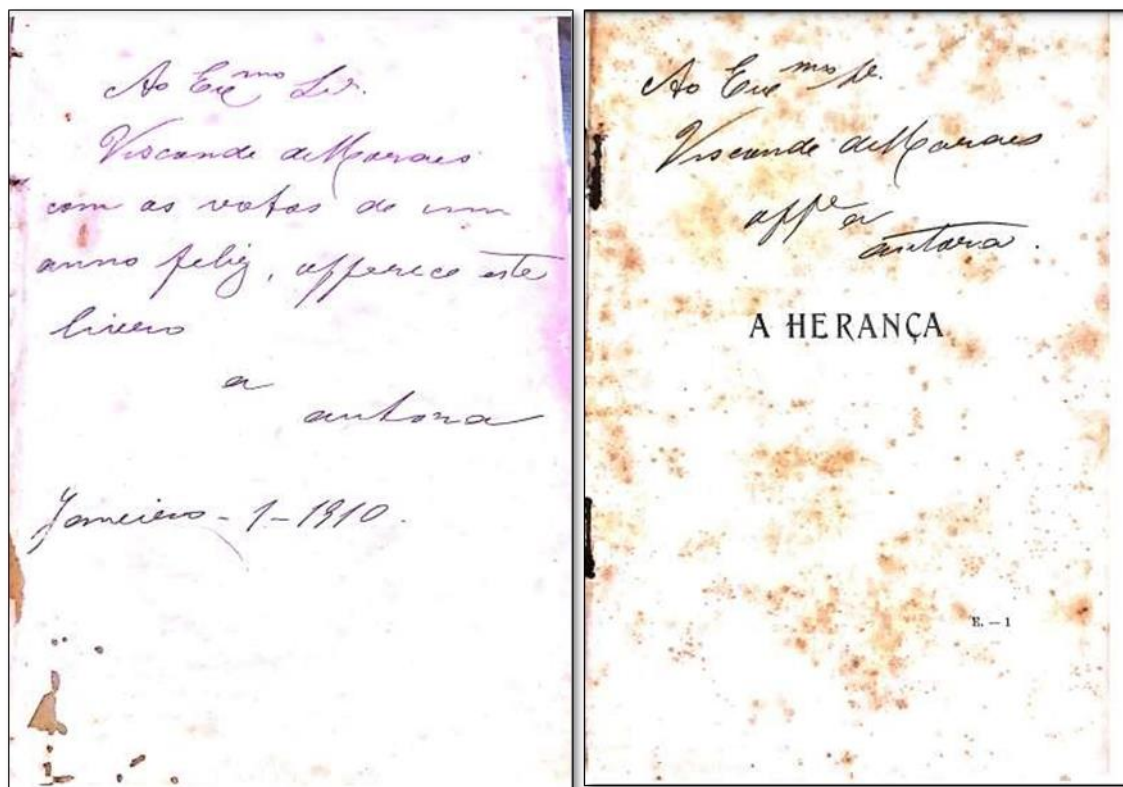
Escrever sobre e para outras mulheres parece ter funcionado como uma alternativa àqueles textos produzidos por homens sobre mulheres; aos estereótipos e às dicotomias feitos para categorizar e marginalizar as mulheres; aos constantes julgamentos escritos na imprensa, especialmente, e nos circuitos literários.

Júlia Lopes de Almeida não fez diferente. Visitou livrarias, enviou dezenas de exemplares de seus livros para aqueles que atuavam no circuito literário – livreiros, editores, críticos literários, e redatores de jornais e revistas. Mantinha, inclusive, certa relação com

¹⁴⁹ Um bom exemplo de pesquisa desenvolvida nesse viés é o trabalho de Da Silva (2019), que aborda a questão feminina das escravizadas e a sua inserção na cultura letrada.

figuras políticas de relevo, a exemplo do Visconde de Moraes¹⁵⁰, a quem enviou em 1910, um exemplar de dois de seus volumes: *A Falência*, um de seus romances, e a peça teatral *A Herança* como mostram as figuras 49 e 50 a seguir, respectivamente.

Figuras 49 e 50 – Dedicatórias a Visconde de Moraes



Fonte: Seção Obras raras – FBN

Ao Exmo. Sr. Visconde de Moraes com os votos de um anno feliz, offereço este livro.

A autora
Janeiro – 1 – 1910

Para além das dedicatórias feitas à família, conforme exposto no 1º capítulo deste estudo, a escritora dedicou a outras mulheres seus escritos, principalmente os contos. Um de seus livros, *Ânsia eterna* (1903), um livro composto apenas por contos, é exemplar desta

¹⁵⁰ Segundo informações coletadas do Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV), José Antônio de Moraes foi deputado estadual do Rio de Janeiro e anos mais tarde, deputado federal. À época da dedicatória enviada por Júlia Lopes de Almeida, suspeita-se que Visconde de Moraes era então deputado federal, já que seu mandato inicia em 1910.

estratégia. Sobre o volume, importante destacar que se trata de uma das obras mais populares de Júlia Lopes de Almeida, tendo a escritora divulgado na imprensa muitos de seus textos.

Convém ressaltar que, para esta análise, opera-se com três das quatro¹⁵¹ edições disponíveis da obra – 1903, 2013 e 2019. A primeira, publicada pela Livraria Garnier, apresenta 30 contos e o mesmo se observa na edição mais recente, publicada pelo Senado Federal em 2019. Já a edição de 2013, produzida pela Editora Mulheres, apresenta apenas 28 contos, tendo Júlia Lopes de Almeida suprimido 5¹⁵² da 1ª edição e inserido 3¹⁵³. Do total de contos produzidos para este volume, portanto 33, 17 contém dedicatória. Desse total, 7¹⁵⁴ são dedicados às mulheres, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 9 – Dedicatórias em *Ânsia Eterna*

Título	Edição(ões)	Dedicado a
A casa dos mortos	1903;2019	Francisca Júlia da Silva
A caolha	1903;2019	Eva Canel
A Boa lua	1903;2019	Maria Clara da Cunha Santos
O último raio de luz	1903;2019	Júlia Cortines
A morte da velha	1903;2019	Presciliana Duarte de Almeida
As três irmãs	1903;2019	Zalina Rolim
O lote 587	2013	Branca de Gonta Colaço

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Seguindo a lógica da divulgação e promoção da escrita feminina em rede, Júlia Lopes de Almeida dedicou estes contos às mulheres com quem cultivava algum tipo de relação. Desta forma, evidencia o que Sirinelli (1996) pontua a respeito das redes de sociabilidade e o lugar essencial que elas ocupam na constituição do intelectual. Quase¹⁵⁵ todas as mulheres elencadas no quadro acima têm um ponto em comum: são escritoras de certo reconhecimento pelos pares

¹⁵¹ De acordo com a nota editorial em Almeida (2013), a 2ª edição de *Ânsia Eterna* foi publicada em 1938 pela editora do periódico *A Noite*.

¹⁵² Trata-se de: “As Histórias do Conselheiro”, “In Extremis”, “Esperando”, “Ondas de Ouro” e “O véu”.

¹⁵³ “O lote 587”, “O coração tem razões” e “O redentor”.

¹⁵⁴ A respeito das outras 10 dedicatórias, os nomes são: João Luso, Valentim Magalhães, Arthur Azevedo, Batista Coelho, Olavo Bilac, Lúcio de Mendonça, Raimundo Corrêa, Coelho Neto e Julião Machado.

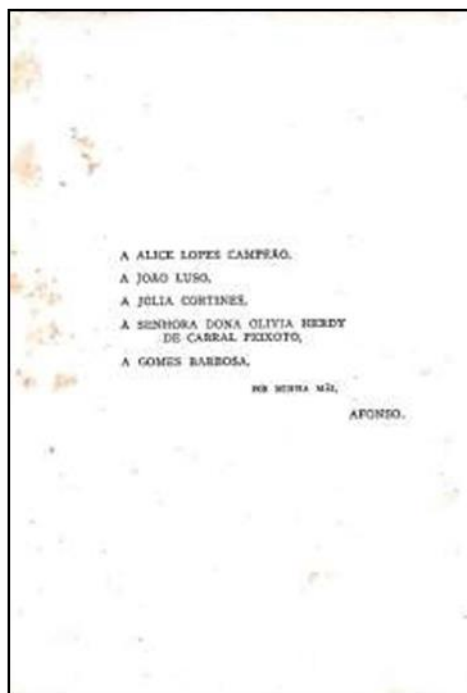
¹⁵⁵ **Francisca Júlia da Silva (1871-1920)** era filha de uma professora primária e um advogado. Não teve acesso ao mesmo capital cultural e às regalias de Júlia Lopes de Almeida quando na sua formação como escritora, mas conviveu, porém, com a biblioteca dos pais e por incentivo da mãe, prosseguiu no magistério, se dedicando anos mais tarde, à poesia. (PACHECO, 2015).

e tiveram acesso a “boa” educação, tendo vivido experiências similares as de Júlia Lopes de Almeida – viagens, espaços e passeios culturais, educação doméstica, acesso a outras línguas e convívio com intelectuais por intermédio do status dos pais.

Um outro aspecto relevante que permeia a trajetória intelectual do grupo selecionado em *Ânsia eterna* é a atuação na imprensa. Todas colaboravam em periódicos, tendo algumas sido proprietárias, fundadoras, redatoras de jornais e revistas. Presciliana Duarte de Almeida, à guisa de exemplo, fundou e dirigiu a revista *A Mensageira* (1897-1900), periódico que tinha como colaboradoras Júlia Lopes de Almeida, Júlia Cortines, Francisca Júlia da Silva, Zalina Rolim e Maria Clara da Cunha Santos.

Outro periódico que merece destaque nesse sentido é o jornal *A Família* (1888-1897), de propriedade de Josefina Alvares de Azevedo, cujos textos foram também assinados por Júlia Cortines, Júlia Lopes de Almeida, Zalina Rolim e Presciliana Duarte de Almeida. Para além da imprensa feminina, ressalta-se o jornal *O Paiz* - um dos periódicos mais populares e de maior circulação do início do século passado – como um espaço também frequentado pelas escritoras – Júlia Lopes de Almeida, Francisca Júlia da Silva e Júlia Cortines.

Com Júlia Cortines e Maria Clara da Cunha dos Santos, a relação de Júlia Lopes de Almeida ultrapassava a pena. Eram, segundo relatos de Margarida Lopes de Almeida (1962) e as evidências em Almeida (1945), amigas íntimas da família. Como citado no 1º capítulo deste estudo, é Júlia Cortines quem convida Júlia Lopes de Almeida a colaborar com a revista *A Mensageira* no final do século XIX (RIO, 1908). O nome da poetisa está presente, inclusive, nas dedicatórias do livro de Afonso Lopes de Almeida, *Mãe*:

Figura 51- página 7 de *Mãe* (1945)

Fonte: acervo da autora.

Sobre as figuras em lume nesta dedicatória, vale a ressalva de que Alice Lopes Campeão é a irmã caçula de Júlia Lopes de Almeida; o jornalista João Luso, foi amigo íntimo do casal, sendo inclusive um dos intelectuais a quem a escritora dedicou um dos contos em *Ânsia eterna*; Olivia Herdy de Cabral Peixoto foi uma benfeitora e proprietária, ao lado do marido, de uma rede de hotéis no Rio de Janeiro e em Niterói. Olivia Herdy guarda uma relação diferente com a escritora, pois foi ela quem editou e publicou *Maternidade*, obra de Júlia Lopes de Almeida, publicada em 1925.

Com Francisca Júlia da Silva, além de dividir a pena e a imprensa, Júlia Lopes de Almeida cultivou uma espécie de admiração a respeito pela posição da poetisa no cenário literário nacional - Francisca Júlia foi considerada uma expoente na poesia parnasiana e algumas figuras a reconheciam como o suposto quarto membro da tríade parnasiana no final do século XIX. (PACHECO, 2015). Eleutério (2005) aponta que havia a poetisa conhecido Filinto de Almeida em um dos tantos saraus que os intelectuais frequentavam. Embora não cite a presença de Júlia Lopes de Almeida, abre-se a hipótese de que a escritora possa ter conhecido Francisca Júlia a partir do suposto relato do marido.

Outro fator que conecta as duas escritoras é a produção de livros infantis, ponto também comum em relação a Zalina Rolim¹⁵⁶. Tanto Francisca Júlia da Silva quanto Júlia Lopes de Almeida escreveram livros infantis que circularam nas escolas, seja da capital, no estado de São Paulo, ou do sul do país. Com uma produção um pouco menos expressiva neste sentido, Francisca Júlia publica, 5 anos depois do sucesso editorial de Júlia Lopes de Almeida com *Histórias da Nossa Terra* (1907), o livro *Alma Infantil* (1912), volume considerado um “brinco” à infância, amplamente utilizado nas escolas paulistas.

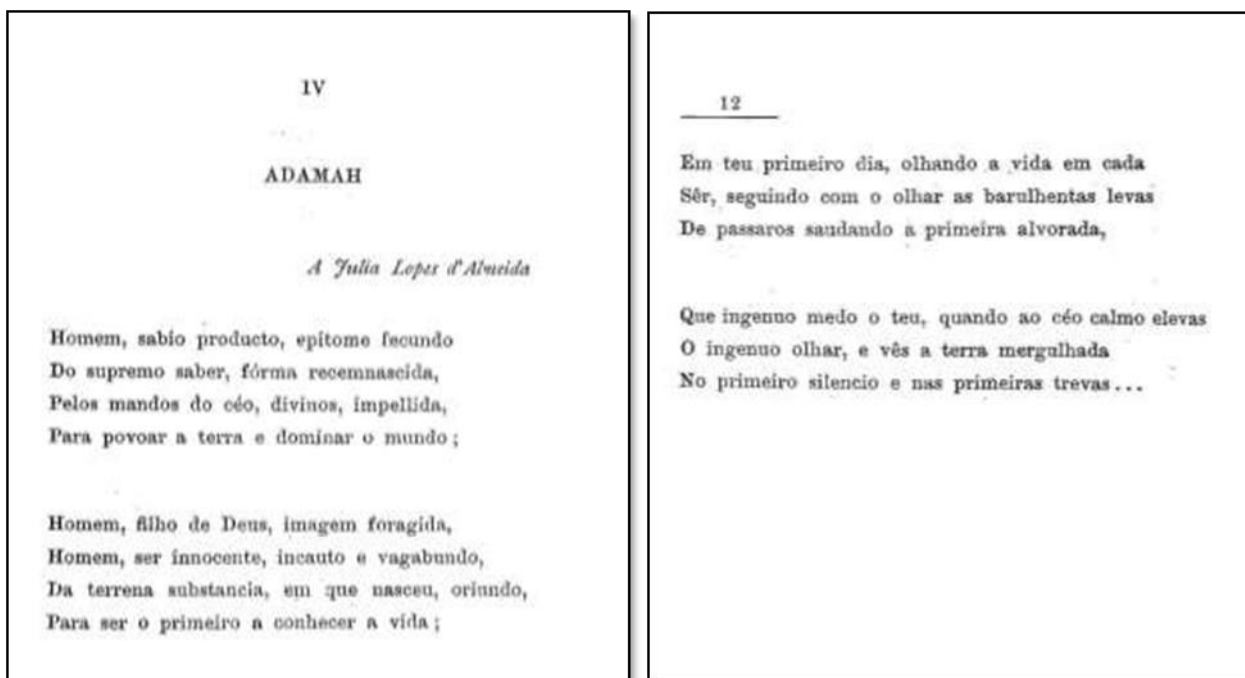
Ambos os volumes foram usados como livros de leitura, outra característica marcante da produção das escritoras para este público. *Alma Infantil*, em acordo com os relatórios de da Secretaria do Interior do Estado de São Paulo de 1912, 1917 e 1918, foi comprado para distribuição em escolas primárias do Estado de São Paulo. (PACHECO, 2015). Já sobre *Histórias da Nossa Terra*, segundo Silva (2020), fora requisitado 77 exemplares à Francisco Alves, editor do volume, pelo almoxarifado das escolas primárias de letras do Distrito federal.

Publicada no mesmo ano de *Ânsia eterna* (1903), *Esphinges*, livro de poesias de Francisca Júlia da Silva, também apresenta dedicatórias. São 12 nomes¹⁵⁷, dentre os quais encontram-se Maria Clara da Cunha Santos e Júlia Lopes de Almeida, a quem a poetisa dedica “Adamah”:

¹⁵⁶ Zalina Rolim publicou 3 obras para uso infantil: *O coração* (1893), *Livro das Crianças* (1897) e *Livro da saudade* (1903).

¹⁵⁷ Coelho Neto, Victor Silva, João Ribeiro, Alberto de Oliveira, João Luso, Valentim Magalhães, Max Fleuss, Wenceslau de Queiroz, Filinto de Almeida e Olavo Bilac.

Figuras 52 e 53 – páginas 11 e 12 de Esphinges (1903)



Fonte: Biblioteca Brasileira e Guita José Mindlin- acervo digital.

Eva Canel e Branca de Gonta Colaço não eram brasileiras. A primeira, de origem espanhola, foi dramaturga e jornalista. Sua contribuição com a imprensa fez frente aos movimentos de emancipação femininas na América latina, durante o período em que esteve residindo na Argentina. Júlia Lopes de Almeida, alinhada, em certa medida com as finalidades dos movimentos feministas do início do século foi para a Argentina, ao lado de Bertha Lutz, onde proferiu discurso na 1ª Conferência Pan-Americana de Mulheres, em 1922, a serviço da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, da qual era presidente honorária.

Considerando o espaço de quase 20 anos entre a publicação de *Ânsia eterna* e o evento, opera-se com a hipótese de Júlia Lopes de Almeida ter tido um primeiro contato com Eva Canel por meio da imprensa, uma vez que alguns de seus contos, a exemplo da tradução¹⁵⁸ de “A caolha” foi publicado na imprensa argentina.

A respeito de Branca de Gonta Colaço, foi ensaísta, prosadora e romancista. De acordo com pesquisa¹⁵⁹ realizada pelos pesquisadores da Casa de Rui Barbosa, a escritora, de origem

¹⁵⁸ Publicado sob o título de “La Tuerta” pelo jornal *La Nación* na década de 1910. (SALOMONI, 2005).

¹⁵⁹ Projeto “O Real em revista” da série Pensar a Imprensa, idealizado pelo grupo de pesquisa “Imprensa e circulação de ideias: o papel dos periódicos nos séculos XIX e XX”, coordenado por Joëlle Rouchou (FCRB), Isabel Lustosa (FCRB), Isabel Travancas (UFRJ) e Tania de Luca (USP). (Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa – notícias. Disponível em: <http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=6&ID_M=4493> Acesso em 03 jan.2022.).

portuguesa, fez parte, ao lado de Ana de Castro Osório, do grupo de escritoras lusitanas que colaboraram com a imprensa brasileira. Um de seus textos foi publicado em 1896 no *Jornal do Commercio*, periódico para o qual Júlia Lopes de Almeida escreveu entre o final do século XIX até a década de 1910.

Ainda que não tenham sido contempladas com uma dedicatória de Júlia Lopes de Almeida em *Ânsia eterna*, outras mulheres constituíram a rede da qual a escritora carioca fazia parte e fomentava. A exemplo de Olivia Herdy de Cabral Peixoto e Josefina Alvares de Azevedo, citadas anteriormente, algumas dessas mulheres exerciam outros papéis para além da pena. Colaboravam para a constituição identitária da mulher no cenário literário nacional e para demarcação de um espaço feminino, seja divulgando sua escrita, seja promovendo eventos dos quais mulheres poderiam fazer, parte ou mesmo financiando e teorizando a escrita feminina.

As relações que guardavam com Júlia Lopes de Almeida, nem sempre diretas, iam ao encontro, em certa medida, dos ideais defendidos pela escritora carioca. Esses ideais, associados à educação, ao trabalho e à emancipação femininas são uma constante não apenas nos textos das mulheres escritoras, mas também nos seus próprios percursos e nos percursos de outras mulheres.

Basta pensarmos nas trajetórias das escritoras eleitas para esse estudo. A maior parte delas colaborava com a imprensa - feminina ou não - e publicava textos que evidenciavam seus posicionamentos, principalmente com relação à educação como uma forma de emancipação da mulher. Na primeira edição da revista *A Mensageira*, na qual boa parte das escritoras eleitas colaborou, Presciliana Duarte de Almeida já anunciava, em 1ª página:

Ora, esse desenvolvimento intellectual da mulher brasileira não se haverá cingido unicamente ao grupo das que surgem á tona, 131enemerênc na imprensa ou nos cursos de ensino superior. Havemos convir em que o seu desenvolvimento collectivo deve ter sido enorme para que tantas se tenham podido individualisar e excitar a admiração dos contemporâneos. Assim, ao empreendermos esta publicação, sentimo-nos animadas da mais viva esperança, depositada no espirito progressivo e na 131enemerência de nossas compatrio-tas. (ALMEIDA, 1987, p. 1).

No âmbito da imprensa feminina, se torna imperativo citar Carmen Dolores¹⁶⁰ e Maria Benedita Bormann, duas escritoras populares nas páginas dos periódicos. A primeira, dona de uma coluna na primeira página do jornal *O Paiz* e a segunda por ter publicado sob formato de folhetim um de seus romances emblemáticos – *Lésbia* – em 1884 no mesmo jornal.

¹⁶⁰ Pseudônimo de Emilia Moncorvo Bandeira de Melo.

Maria Benedita Bormman, ao lado de Júlia Lopes de Almeida, publicou ainda em *A Mensageira* e *A Família*. Usando o pseudônimo Délia, escreveu contos, folhetins, livros e outros textos durante uma curta vida literária: foram apenas 10 anos de carreira, por conta de sua morte precoce em 1895. (TELLES, 2012).

As relações entre a escritora e Júlia Lopes de Almeida ultrapassam a imprensa. Para além do apagamento de seu legado, assim como de tantas outras mulheres-escritoras, é válido destacar que ambas as escritoras tiveram suas obras reeditadas pela Editora Mulheres. Júlia Lopes de Almeida, com um maior destaque, teve 10 de seus romances publicados entre 1997 e 2015. Dois dos romances de Maria Benedita Bormman também fizeram parte do catálogo da editora – *Lésbia* (1998) e *Aurélia* (2014).

Carmen Dolores, assim como Júlia Lopes¹⁶¹, tinha uma coluna¹⁶² semanal, aos domingos, na primeira página de *O Paiz*. Embora a contribuição da escritora não tenha sido tão expressiva em termos numéricos, se comparada ao tempo de colaboração de Júlia Lopes de Almeida - foram apenas 5 anos, entre 1905 e 1910, ao passo que Júlia Lopes teve quase 2 décadas de colaboração, sua escrita é considerada como uma expressão da intelectualidade feminina no Brasil.

Cecília Moncorvo Bandeira de Melo, filha de Carmen Dolores, colaborou, também ao lado de Júlia Lopes de Almeida com o periódico *A Família*, sob o pseudônimo de Mme Chrysanthème. Além desses encontros nada desprezíveis entre aquelas que faziam coro da intelectualidade feminina, essas mulheres evidenciavam, em seus textos, a produção e expertise de sua rede. Júlia Lopes de Almeida publica, em ocasião da morte de Carmen Dolores, o texto “Carmen Dolores” na primeira página de *O Paiz*, em 23 de agosto de 1910, cujo conteúdo é laudatório e descritivo da obra de Carmen Dolores:

Mais do que nunca ella queria viver, viver muito tempo ainda para se dedicar completamente á sua obra literária, começada tarde infelizmente, e que pensava em enriquecer de novas concepções, que lhe acudiam em tropel, para a factura, sempre lenta, de romances e de peças de teatro, E tanto essa idéa a absorvia agora, que, mesmo varada por dores lancinantes, com a fronte coberta de suores frios, os dedos entorpecidos, a carne a sumir-se-lhe entre a pelle e os ossos, o corpo vergado, torcido como um trapo pela brutalidade das crises do mal que a matava, escrevia ainda as suas chronicas costumeiras, com o mesmo, ou ainda mais brilho de conceitos, com a mesma, ou ainda maior ironia nos commentarios, e a mesma maleabilidade no estylo moderno e fácil, que sempre a distinguiu dentre todas as chronistas lo nosso jornalismo.
(...)

¹⁶¹ A coluna de Júlia Lopes era publicada às terças-feiras.

¹⁶² A coluna intitulava-se “A Semana”.

Ao País que ella tanto distinguiu com a sua presença e tanto illustrou com as irradiações do seu espírito, o meu profundo pesame.

Julia Lopes de Almeida.

(*O Paiz*, 23 de agosto de 1910, p. 1).

Um outro aspecto que marca a trajetória das mulheres aqui elencadas é o fato de algumas terem sido recentemente publicadas. Trata-se da Coleção Escritoras do Brasil¹⁶³, promovida pelo Senado Federal, que conta com 7 volumes assinados por escritoras brasileiras dos séculos XIX e XX. A primeira obra republicada foi *A Mulher Moderna*, de Josephina Alvares de Azevedo, redatora e proprietária de *A Família*, em 2018. Dentre os objetivos da coleção, estão incluídos:

a divulga[ção] do trabalho intelectual de escritoras brasileiras de escassa ou nenhuma presença nos cânones literários, valorizando, assim, atividades, produção e pensamento da mulher na construção da história do Brasil. Também visa a preencher enorme lacuna na produção editorial no que se refere à publicação de autoras brasileiras, continuamente esquecidas pela divulgação e estudos literários. (Fonte: Escritoras do Brasil/Livraria do Senado).

Além de Josefina Alvares de Azevedo e Júlia Lopes de Almeida, que teve seu *Ânsia Eterna* (1ª edição em 1903) reeditado, Carmen Dolores e Francisca Júlia da Silva, portanto 4 das escritoras que faziam parte da rede da qual Júlia Lopes de Almeida fazia parte, tiveram suas obras incluídas na coleção, como exposto no quadro abaixo.

Quadro 10 – Livros que compõem a Coleção Escritoras do Brasil

Título	Autora	Ano de publicação
A mulher moderna	Josefina Álvares de Azevedo	2018-2019
A judia Raquel	Francisca Senhorinha da Motta Diniz	2019
Ânsia Eterna	Júlia Lopes de Almeida	2020
Opúsculo humanitário	Nísia Floresta	2019
Mármore	Francisca Júlia da Silva	2020
Um drama na roça	Carmen Dolores	2020
Cancros Sociais	Maria Ribeiro	2021

Fonte: Biblioteca do Senado Federal.

A respeito das homenagens póstumas feitas pelas mulheres da rede, destaca-se também aquela feita por Maria Eugênia Celso em setembro de 1939, ao lado de Margarida Lopes de Almeida, filha de Júlia Lopes, quando na inauguração do busto de Júlia Lopes no Passeio

¹⁶³ Vale a ressalva que todas as obras que compõem a coleção estão disponíveis para download. No site da Biblioteca é possível, ainda, verificar dados biográficos a respeito das escritoras.

Público -Rio de Janeiro, em maio daquele ano. A notícia, veiculada no jornal *O Globo*, cita ainda Brício Filho, um destacado político e jornalista:

Flagrantes da inauguração da herma de D Julia Lopes de Almeida: ao lado, D. Maria Eugenia Celso quando pronunciava o seu discurso: em cima, junto à herma, o jornalista Brício Filho pronunciando o seu discurso; e, finalmente, em baixo, crianças das escolas públicas ao cantarem o Hymno Nacional.
(p. 1 do *Caderno Geral*).

Em outra ocasião, no 1º aniversário de morte, é a Academia Brasileira de Letras – ABL quem organiza uma solenidade em homenagem à escritora. Dentre os escritores e intelectuais que proferiram discurso, figura o nome de Maria Eugênia Celso, que trataria de falar sobre a relação de Júlia Lopes e a imprensa:

Realizar-se-á as 17 horas, a sessão publica da Academia Brasileira de Letras em homenagem em memória da grande escritora D. Julia Jopes de Almeida e em comemoração 1º aniversario do seu fallecimento. Occuparão a tribuna os academicos Srs. Ademar Tavares, Olegario Mariano, Pereira da Silva, Alberto de Oliveira e João Luso, bem como a Sra. Maria Eugenia Celso, que falará em nome da imprensa brasileira, D. Margarida Lopes de Almeida, em nome, da familia Lopes de Almeida, e o Sr. José Venturelli Sobrinho, que recitará um poema inspirado num conto da saudosa romancista.
(Edição 205 do *Jornal do Commercio*, 29 de maio de 1935, p. 6)

Ao longo do discurso, publicado na coluna “Femina”¹⁶⁴ em 31 de maio de 1935 do *Jornal do Brasil*, Maria Eugênia Celso sublinha a escrita feminina, seus percalços e o papel de Júlia Lopes de Almeida na inserção da mulher nas Letras:

Pareceu-vos, porém, que uma sessão em homenagem a D. Julia Lopes de Almeida ficaria incompleta se pelo menos, uma voz de mulher, não viesse render á memoria da grande bandeirante das letras femininas no Brasil, o preito de sua solidariedade, de seu reconhecimento e da sua admiração.

Se é, portanto, em nome da imprensa, da qual me prezo de fazer parte, que e compete falar-vos, haveis de permitir que o seja tambem um pouco em nome das mulheres de letras. Por mais atrevido que se vos afigure o neologismo, convireis comigo que a coisa tem, por vezes, o topete de existir, sendo, por conseguinte, em nome, de todas aquelas que, depois de D. Julia Lopes de Almeida e animadas pela alta lição do seu exemplo se entregaram ao arduo mister de escrever, que venho trazer á Mestra insigne a expressão de nossa reverencia e de nossa lembrança amiga.

Mestra, efetivamente, em tudo e por tudo ela o foi, mestra na acepção mais elevada da palavra, o que quer dizer propiciadora de nobres ensinamentos, modelo de raras virtudes, irradiadora de salutar influencia.

Mestra de lingua e mestra de vida, quer pela excelencia da sua produção literaria, quer pela pureza sem jaça de sua existencia.

¹⁶⁴ De acordo com a pesquisa de Azevedo (2015), a escritora mantinha uma coluna diária no *Jornal do Brasil*, onde publicava a respeito de atualidades e notícias da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, associação da qual fazia parte e fora vice-presidente nos anos de 1930.

(...)

D. Julia foi a realizadora admirável desse tipo de mulher intelectual na qual a relevância do espírito não prejudica as qualidades primaciais do coração, provando não existir antagonismo nenhum entre a honestidade de uma vida de esposa e de mãe de família e o livre exercício da inteligência e do talento. (s/p).

Mas as relações entre Júlia Lopes de Almeida e Maria Eugênia Celso não se reduziram às homenagens. Como citado no 1º capítulo deste estudo, ambas fizeram parte da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, associação que tinha por finalidade principal o direito ao voto feminino. Outros objetivos da Federação incluíam a promoção da educação feminina, a proteção da maternidade e da infância e ainda a busca por legislação trabalhista para as mulheres. (AZEVEDO, 2015).

Ainda que não comungassem dos mesmos propósitos e exatamente das mesmas frentes, especialmente no que se refere ao conservadorismo¹⁶⁵, já anunciado como um dos entraves de Júlia Lopes de Almeida e sua posição feminista, importante realçar que o fato de ter uma das personalidades mais lidas e vistas nos jornais e circuitos literários inspirou e promoveu, talvez, com maior credibilidade a Federação, uma vez que, como a própria Maria Eugenia Celso indicou, Júlia Lopes de Almeida não era apenas a escritora mais popular ou de talento mais reconhecido, mas também figurou na imprensa como uma espécie de modelo de esposa, mãe e mulher a seguir.

Júlia Lopes de Almeida, bem relacionada com as altas esferas de poder, tanto no Brasil como no exterior, foi fundamental para a viabilidade das ações da entidade, que pretendia alcançar diversas áreas em que a mulher se encontrava desprestigiada e, de maneira crescente, entusiasmou outras mulheres a participarem das discussões atinentes ao sexo feminino. (COSTRUBA, 2018, p. 180).

Apesar desses predicados, Júlia Lopes de Almeida se viu constantemente impedida pela barreira de gênero. Assim como de outras mulheres escritoras, sua produção bibliográfica e suas relações não bastaram para que recebesse um convite da Academia Brasileira de Letras, instituição que legitimou uma parcela da intelectualidade da República das Letras. Contudo, parece não ter perecido à recusa. Continuou a escrever, ininterruptamente, e a circular nos

¹⁶⁵ A este respeito, retomo a discussão proposta no 1º capítulo. A posição de Júlia Lopes de Almeida, embora a favor dos movimentos sociais e especialmente das associações de mulheres, comunga de uma perspectiva diferente com relação ao patriarcalismo. Para Júlia Lopes, a família, a casa, o casamento e os filhos são imperiais e razões maiores para que a mulher busque a emancipação. A escritora desenha um perfil de modelo de mulher - em suas narrativas e em seus muitos ensaios e artigos publicados na imprensa - mais doméstico, mais subserviente. Em *Livro das Noivas*, publicado em 1896, evidencia sua posição: “a mulher tem sempre a mesma poesia: a de trabalhar para ser agradável, útil, boa, para satisfazer uma necessidade moral ou intelectual do esposo e da família, revelando-se amorosa e digna do doce e pesado encargo que a sociedade lhe destinou.” (ALMEIDA, 1896, p. 29).

espaços reservados à intelectualidade, promovendo sua obra e, sobretudo, fomentando sua rede de sociabilidade.

Assumindo uma posição diversa, a escritora Amélia Beviláqua ousou. Candidatou-se à uma vaga na Academia, que foi igualmente recusada. Nem a proeminência e projeção do marido, o também escritor Clóvis Beviláqua -imortal da ABL-, ou a sua posição entre os políticos, permitiu uma brecha. Eleutério (2005) pontua que Amélia publicou diversos romances, contos e séries de conferências realizadas em outros estados brasileiros e que até mesmo Araripe Júnior, importante crítico literário da época e um dos menos simpáticos às mulheres escritoras, mostrou-se admirado por seu trabalho. Michele Fanini (2010, p. 157), ao relatar o ocorrido, comenta a respeito da surpresa dos acadêmicos com uma certa requisição:

A surpresa em questão ficou por conta da proposta de candidatura encaminhada por Amélia Beviláqua ao então presidente, Aloísio de Castro, intenção oficialmente comunicada aos acadêmicos em sessão ocorrida no dia 29 de maio de 1930. Ao anúncio seguiu-se um alvoroço, que fora sucedido pela realização das já típicas "reuniões extraordinárias", nas quais os acadêmicos se viram impelidos a lançar luz sobre aquela sombra vetusta, que não apenas os acompanhava cotidianamente, mas os mantinha ligados de forma umbilical ao ano de 1897. Afinal, perguntavam-se atabalhoados, "deve a mulher pertencer à Academia Brasileira de Letras?"

A escritora, insatisfeita com a recusa da Academia Brasileira de Letras, escreve, tempos depois, *A Academia Brasileira de Letras e Amélia Beviláqua*, que reúne uma série de artigos, relatos, e textos da própria Amélia e de autores diversos e que abre uma espécie de discussão com o estatuto e com as premissas da ABL.

Grande número de pessoas em cartas formosíssimas, de viva voz, por telegramas, ou enviando lindos ramalhetes de flores, livros, artigos, me trouxeram o grato conforto, consideração e solidariedade, repelindo, vivamente, o golpe desferido contra mim pelos imortais misogenistas, direi mais acertado, que antipatizaram com a lembrança da minha candidatura e, violentamente, me afastaram de seu grêmio (1930, p. 5-6).

Ao longo do texto, a escritora evidencia sua posição como relação à Academia e aos acadêmicos:

De que serve, finalmente, externar o meu modo de sentir? Para dizer que pretendo uma cadeira na erudita sociedade?! Se em todas as minhas aspirações, por mínimas que tenham sido, sempre encontrei a formidável barreira do impossível, como poderia pensar em ser consagrada? (BEVILÁQUA, 1930, p. 18).

Fora dos limites do papel, cabe citarmos a relação entre Júlia Lopes de Almeida, a salonista, e Laurinda Santos Lobo, uma das personalidades mais comentadas e populares do

início do século XX. Ambas moravam em Santa Teresa, uma espécie de pólo da intelectualidade da capital federal. Laurinda Santos Lobo gozava de um alto patrimônio financeiro e promovia festas quase que semanalmente em sua residência. No local, tal qual o Salão Verde de D. Júlia e Filinto, importante figuras marcavam presença e comentavam a respeito das festas e saraus ofertados na imprensa carioca.

A relevância de Laurinda e de Júlia Lopes se dão no fato de serem mulheres idealizadoras. No final do século XIX, à mulher estavam destinados apenas os jantares- em sua maioria beneficentes-, os chás e pequenos eventos na residência de amigos, familiares e vizinhos (MACHADO, 2002). As conversas, protagonizadas pelos maridos, não alcançavam seus pensamentos e as mulheres geralmente recolhiam-se ao espaço mais íntimo da casa.

Sob tutela de Júlia Lopes de Almeida e Laurinda Santos Lobo, a presença de mulheres era não só permitida, como também desejada. Júlia Lopes aproveitava a oportunidade para divulgar seu trabalho- como as encenações que promoveu de suas peças de teatro¹⁶⁶, e para estreitar relações com a intelectualidade e o meio político, do qual Filinto parecia mais íntimo por conta de sua trajetória¹⁶⁷ intelectual.

Não bastassem as limitações que essa escrita feminina encarava em sua concepção, havia também quem a criticasse de maneira ferrenha. A exemplo do uso de pseudônimos¹⁶⁸, uma prática muito comum entre as mulheres escritoras, havia um certo receio e animosidade entre a crítica e a escrita feminina, o que deixava às mulheres que desejassem a pena uma única alternativa: a adoção de nomes masculinos.

Francisca Júlia da Silva, a poetisa parnasiana hoje memorada como “musa impassível”, foi uma das mulheres que tiveram seu talento duvidado. Segundo Muricy (1922), os versos da poetisa publicados em *A Semana* (1885-1895), sob sua própria assinatura, levantaram suspeitas de que se tratava, em verdade, de um dos membros da tríade parnasiana, uma vez que seria inconcebível uma mulher com tamanho talento e primor.

¹⁶⁶ A peça “Nos Jardins de Saúl” foi encenada no Salão Verde, em Santa Teresa. Segundo informações coletadas na edição de 19 de dezembro de 1917 de *O Paiz*, Júlia Lopes de Almeida organizou uma festa beneficente para levantar fundos à Assistência de Santa Teresa. Uma das atrações do evento foi a encenação da peça. Tal informação aparece também na revista *O Malho*, de 12 de janeiro de 1918, como observado no 1º capítulo.

¹⁶⁷ Vale lembrar que, além de poeta, escritor, redator e diretor de periódicos, Filinto de Almeida foi deputado da Assembleia Legislativa do estado de São Paulo entre 1892 e 1897.

¹⁶⁸ El Far (2000) pondera que a prática não era exclusividade das mulheres. A exemplo do escritor Acácio Ramos, reconhecido inclusive pela ABL como Carlos de Laet, a adoção de pseudônimos estava também ligada ao fato de fazerem múltiplas colaborações em diferentes periódicos.

Figura 54 – Recorte da página 2 de A Semana, 9/9/1893



Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

Outras escritoras, como Carmen Dolores ou a própria Júlia Lopes de Almeida adotaram ao menos um pseudônimo¹⁶⁹ masculino na imprensa. Segundo Lobo (2006), a crítica era formada pelo panteão da ABL, a mesma que impediu mulheres de integrar sua imortalidade. Nada mais justo e coerente, nessa lógica, que desconfiar ou fazer pouco caso da escrita de mulheres. Afinal, sobre o que poderiam escrever mulheres se nem sequer faziam parte real da intelectualidade? A escrita feminina, se aclamada, era destinada não a leitura dos homens, mas sim às senhoras distintas e às suas filhas, a quem lhes servia com a “boa literatura” para mocidade.

A crítica literária, legitimada especialmente com a fundação da ABL em 1897, era essencialmente feita pela trindade literária, como indica Cairo (2013), formada pelos escritores Araripe Júnior, José Veríssimo e Sílvio Romero. De acordo com o autor, Araripe Júnior e Sílvio Romero atentavam-se à literatura como história e civilização, ao passo que José Veríssimo concebia literatura como arte literária. Dos três, apenas Araripe Júnior não publicou um compêndio sobre a história da literatura brasileira.

A obra de José Veríssimo, sobretudo, é considerada um marco na história da literatura brasileira, ainda que haja vestígios de outras produções antes de *História da Literatura*

¹⁶⁹ A autora cita “Júlio Castro” como o pseudônimo usado por Carmen Dolores em *O Paiz*; e “George Sand”, o usado por Júlia Lopes de Almeida, nome que é, originalmente, o pseudônimo da escritora francesa Amantine Lucile Aurore Dupin, cuja obra fora uma das referências para a escritora carioca.

Brasileira, em 1916. Sílvio Romero também publicou livros com o mesmo título, embora a abordagem seja diversa.

Eram 3 as obras [usadas para estudos literários de caráter histórico e biográfico]: a História da literatura brasileira de Sílvio Romero, em edição revista e aumentada para cinco volumes pouco portáteis; a de José Veríssimo, menor, mais portátil, e, finalmente, a Pequena história da literatura brasileira de Ronald de Carvalho, da qual, erradamente, costuma-se dizer que tem o mérito de ser uma espécie de correção dos erros e julgamentos das duas primeiras. (Apresentação de Heron de Alencar em VERÍSSIMO, 1963, p. 11).

À Júlia Lopes de Almeida, José Veríssimo atribui características comparáveis às obras romanescas de Coelho Neto, de quem Júlia Lopes se compara também em termos de números de publicações. Broca (1975, p.252), ao comentar sobre a literatura produzida por mulheres, cita a escritora carioca como pertencente a um momento de certa “aceitação” por parte da crítica:

Quando Júlia Lopes de Almeida entrou a escrever nos jornais, por volta de 1885, encontrou ainda forte barreira de preconceitos contra as mulheres escritoras que tinham tido como pioneiras, no século passado [XIX], Corina Coaracy. O surto de literatura feminina que se verificou na França na última década do século havia de ter influído, no entanto, para o descrédito desse preconceito no ambiente brasileiro. Por outro lado, com o desenvolvimento da literatura nos jornais, as colaborações pagas, as escritoras também se julgavam com direito a retirar proventos econômicos do trabalho intelectual.

Talvez o mais polêmico, Sílvio Romero, não tenha hesitado em deixar claro sua posição com relação às mulheres intelectuais. Tanto que no prefácio de *A Mulher e a Sociogenia*, de Livio de Castro¹⁷⁰, publicado em 1893, o acadêmico reitera seu descaso à produção intelectual feminina, uma vez que há uma diferença- em sua opinião- entre a inteligência do homem e da mulher:

Trata do velho problema da posição da mulher na sociedade, do papel que tem até hoje ahi representado e do que pode vir ainda a representar, si for convenientemente dirigida nesse intuito. Trata desse velho assumpto, porém o faz por processo inteiramente novo e cheio de ideias originaes.

Não é mais a desfructavel polemica, ao gosto de jornalistas madraços, divididos em dois partidos, de um lado romantics,-defendendo a egualdade dos direitos da mulher, de outro lado reaccionarios, mettidos a gaiatos,- pateando as machonas, que se atrevem a ter aspirações. Não é nada disto; é, ao contrario, um apurado estudo do problema da mulher perante a organographia, a anthropologia, a historia, o direito, onde se procuram as causas de sua menor capacidade cerebral e intellectual; onde se

¹⁷⁰ **Tito Livio de Castro** (1864-1890) foi um médico e ensaísta brasileiro. Publicou textos na imprensa carioca a respeito das teorias evolucionistas em voga no final do século XIX, em relação à posição das mulheres, à cultura, educação e literatura. Sílvio Romero foi professor de Livio de Castro quando ele frequentou o Colégio Pedro II, onde o acadêmico lecionava. (ALMEIDA, 2008).

apontam os inconvenientes dessa selecção inversiva e se procuram os meios de corrigil-a. (CASTRO, 1893, p. 24).

Maria Benedita Bormman, já polemizada com seu volume *Lésbia*(1890)¹⁷¹, volta a ser pauta para a crítica literária. Araripe Junior, ao falar de *Celeste*, romance publicado em 1893, endossa a fala de Silvio Romero, ao repudiar a construção de uma personagem – *Celeste* - tão controversa e dissimulada:

Por mais, porém, que se esforce, a sua eloqüência não chega a dar-nos senão a impressão de um a erotomaniaca, mal dissimulada, de uma môça doída, uma avoadada como se diz vulgarmente, mal ensaiada e ainda pior descrita. Reminiscência de alguma página de George Sand, truncada. Já se vê que Délia não perdeu a preocupação antiga da literatura brutal. Os temperamentos fortemente obscenos continuam a tentá-la; mas a sua pena, apesar disso, permanece incolor, inexpressiva, completamente ausente da veemência que poderia resgatar o erotismo desbragado das suas heroínas. (...)

Délia pretende nos seus livros discutir fatos que a moral condena (COUTINHO, 1963, p. 171-172).

No artigo publicado no periódico *Correio do Povo* em 17/18 de novembro de 1890, Araripe Junior fala da profissão escolhida por Délia e comenta:

Tudo isto ressalta da profissão de fé traduzida em mais de uma página do romance, aonde, contra todas as regras do bom gosto, encontro uma defesa pueril da mulher de letras contra pretendidas agressões de protestos e labregos da imprensa. (*Apud* Telles, 2012, p. 367).

Embora não tenha feito parte dos “eleitos” da crítica literária, o cronista e acadêmico João do Rio¹⁷² inaugurou, no começo do século passado, um gênero que parecia pouco conhecido entre os intelectuais das letras: o inquérito literário. Com uma abordagem menos

¹⁷¹ O romance narra a história de Arabela, uma personagem de personalidade forte e que está em busca de sua emancipação moral e profissional. O desejo de ser escritora e os percalços que experimenta são o cenário para duas discussões relevantes à época: a intelectualidade da mulher escritora e o divórcio, uma vez que Arabela vê no marido uma barreira para sua realização pessoal e profissional. No prefácio de *Lésbia* (2020, n.p), Juliana Brina comenta: “Bormann aborda, com acidez, as dificuldades enfrentadas por mulheres que decidiam ser escritoras no Brasil de seu tempo - e, principalmente, a intolerância contra as mulheres artistas e instruídas, tratadas como se fossem anomalias ou mulheres moralmente inferiores.”

¹⁷² Com 17 obras publicadas, Paulo Barreto, nome verdadeiro do cronista, especializou-se nas ruas da capital federal do início do século passado. Dealtry (2018) indica que João do Rio foi um grande *flanêur* que circulava nas avenidas e ruas principais da urbe carioca, a contar e recontar histórias da Belle époque carioca. Por sua alta popularidade na imprensa e nas ruas, tornou-se um dos maiores jornalistas de seu tempo.

reflexiva e mais informativa, o também jornalista e contista selecionou mais de 20 nomes¹⁷³ para compor sua obra, intitulada *O Momento literário*.

O texto propunha, segundo Azevedo (2020, p. 2), “questões mais amplas, leituras de formação, o momento atual da literatura brasileira, literaturas regionais, relação entre literatura e imprensa.” Dentre os 23 nomes que se propuseram a responder ao inquérito, alguns de forma presencial e outros por meio de correspondências, encontra-se Júlia Lopes de Almeida, já naquele momento considerada uma renomada romancista.

Contudo, nem o nome da escritora nem os de outras tantas mulheres que produziram literatura podem ser observadas nos compêndios literários confeccionados pelos acadêmicos. Nem os escritos de José Veríssimo, ou os de Silvio Romero, Araripe Junior ou de Agripino Grieco, outro relevante nome da crítica literária, estamparam em suas páginas referências à escrita feminina como elemento constituinte da Literatura Brasileira.

O crítico literário e ensaísta Andrade Muricy dedica algumas das páginas de *O Suave Convívio*, uma série de ensaios críticos publicada em 1922, a Francisca Júlia da Silva, a quem atribui frieza e objetividade na escrita. Sua obra, para Andrade Muricy, é senão um esboço bem executado da escola parnasiana aos moldes franceses, já que “nem Francisca Julia, nem Julia Cortines, nem Gilka Machado possuíram como característica predominante o pensamento” (p. 78).

É na década de 1960, 40 anos após a morte da poetisa Francisca Júlia, que o Conselho Nacional de Cultura publica o texto de Péricles Eugênio da Silva Ramos, poeta, crítico literário e ensaísta, sob o título ‘Poesias’, no qual uma introdução contendo aspectos da vida e obra da poetisa são apresentados.

Apesar de Júlia Lopes de Almeida ter tido produção, reconhecimento e projeção maiores que as de Francisca Júlia, é apenas na década de 1950, portanto quase 2 décadas após a morte da escritora carioca, que Lúcia Miguel Pereira¹⁷⁴, uma das primeiras mulheres a produzir crítica

¹⁷³ Olavo Bilac, Coelho Neto, Júlia Lopes de Almeida, Filinto de Almeida, Padre Severiano de Resende, Félix Pacheco, João Luso, Guimarães Passos, Lima Campos; cartas de João Ribeiro, Clóvis Beviláqua, Sílvio Romero, Raimundo Correia, Medeiros e Albuquerque, Garcia Redondo, Frota Pessoa, Mário Pederneiras, Luís Edmundo, Curvelo de Mendonça, Nestor Vítor, Silva Ramos, Artur Orlando, Sousa Bandeira, Inglês de Sousa, Afonso Celso, Elísio de Carvalho, entre outros. (RIO, 1908).

¹⁷⁴ Em Pereira (2006), Patrícia da Silva Cardoso cita Lúcia Miguel Pereira ao lado de Rachel de Queiroz, ambas escritoras de trajetórias intelectuais na imprensa da década de 1930. Enquanto Rachel de Queiroz destacou-se na narrativa, com a publicação de romances, Lúcia Miguel Pereira destacou-se enquanto crítica literária e historiadora da literatura, posição pouco – ou sequer jamais – ocupada por uma mulher, oficialmente. Lúcia Miguel Pereira colaborou ativamente com o *Boletim de Ariel* (1931-1977), onde iniciou sua crítica, além de fazer traduções e elucidar crítica a obras estrangeiras. Firmou-se ainda como biógrafa, sendo lembrada como autora de uma das mais significativas obras a respeito de Machado de Assis. A respeito de sua produção ficcional, publicou 5 livros,

literária na imprensa brasileira, faz menção à escritora em seu compêndio de Literatura Brasileira.

O volume, um dos que compõe a série História da Literatura Brasileira, dirigida por Álvaro Lins e publicada pela Livraria José Olympio, apresenta estudos a respeito da ficção brasileira em 50 anos, entre 1870 e 1920. Sobre a produção do volume, Lúcia Miguel Pereira já anunciava: “tenho lido livro ruim que não acaba mais, mas feito, também, umas poucas descobertas muito boas.” (Trecho da entrevista de *O Jornal*, 3/12/1944 *apud* Senna, 1968).

Além de Júlia Lopes de Almeida, Lúcia Miguel Pereira contempla Carmen Dolores. A respeito da ficção Almeidiana, é categórica: trata-se de uma escritora diletante. Tal qual Coelho Neto, ou Artur Azevedo, esses escritores “não se deix[aram] empolgar nem possuir pelas ideias e prefer[iram] brincar com elas, borboletear entre todas, não se fixando em nenhuma.” (PEREIRA, 1988, p. 246).

Em outro momento, a crítica literária rebate o tom elogioso de José Veríssimo à escritora e faz comparações entre o estilo de Júlia Lopes e de Coelho Neto:

Não sei se se poderá subscrever a opinião de Veríssimo; mais equilibrada, mais medida, - talvez medida demais- a autora de *A Falência* não possuiu, entretanto o poder criador do *Morto*¹⁷⁵; se este se prejudicou pela instabilidade, pelo ecletismo, aquela padecerá de uma certa monotonia; se este, se desmandou em floreios verbais, aquela, como bem notou Nestor Vitor, não revela, no estilo, nenhum feito pessoal. (...) Narrados agradavelmente, entretanto, misturando à uma certa observação de uma certa dose de romantismo, os livros de Júlia Lopes, se nada possuem de original, revelam, no seu tom familiar, na sua completa ausência de artifícios, de afetação, inegáveis dons literários. A simplicidade, tão rara sempre, e ainda mais no tempo em que escreveu, é a sua qualidade dominante. (PEREIRA, 1988, p.260-261)

Assim, a crítica, mesmo quando feita em tom laudatório à escrita das mulheres, era alvo de polêmicas e mesmo de julgamentos. Apesar de Lúcia Miguel Pereira ter contribuído para a inserção do nome da escritora como parte integrante de uma Literatura Brasileira, ressalta-se que esse movimento foi feito de forma agri-doce, já que, à guisa de comparação, elegeu obras escritas por homens para tratar de sua bibliografia, e mais, categorizou sua escrita como recreativa e pouco relevante.

os quais foram, igualmente, criticados na imprensa. Um de seus críticos mais ferrenhos foi o também escritor Jorge Amado, que publicou, no mesmo periódico, texto negativo sobre o volume *Em Surdina* (1933), em 1934.

¹⁷⁵ Livro de Coelho Neto, *O Morto – memórias de um fuzilado*, publicado pela primeira vez em 1898, pela Laemmert.

Não bastasse o paradoxo¹⁷⁶ que é ter uma mulher criticando de forma redutora a literatura de outras mulheres, lhes atribuindo poucas e depreciativas palavras, o ensaio de Lúcia Miguel Pereira parece ter contribuído ainda mais para o silenciamento da escritora Júlia Lopes de Almeida nos compêndios e o apagamento de sua produção por mais de 5 décadas.

A mulher que ousou escrever é como a moça tecelã de Marina Colasanti (2004)¹⁷⁷: sonha, imagina, sugere, cria e borda. Inscreve e apaga. Não é um espírito livre, mas ousa e trabalha arduamente para que sua colcha fique pronta; é limitada, no entanto, pela presença masculina que exige, critica e restringe seu trabalho.

Não há, para ela, outra alternativa a não ser acatar as vontades imperiosas daquele que estabelece a liderança. Mas, ao contrário do texto de Colasanti, não pode se desfazer da colcha, não pode se desvencilhar daqueles que poderiam, eventualmente, legitimar seu trabalho. Por isso, persiste e escreve.

¹⁷⁶ Nesse sentido, refiro-me ao local ocupado por mulheres na imprensa quando Lúcia Miguel Pereira inicia sua carreira como crítica literária no periódico *Boletim Ariel*, em 1933, local este que já havia sido desbravado por outras mulheres escritoras, tempos antes, tal qual Júlia Lopes de Almeida ou Carmen Dolores. Sobre esta última, não há uma seção sequer para tratar de sua obra, embora tenha sido citada algumas vezes ao longo do volume, sempre à guisa de comparação com outras obras – masculinas.

¹⁷⁷ A moça tecelã narra a história de uma mulher, tecelã, que sozinha tece tudo que deseja e é livre para criar seus bordados. Tudo muda quando tece um homem, que passa ser seu companheiro. Nesse relacionamento, a personagem passa a fazer as vontades do marido e a perder suas próprias. O momento de epifania dá-se quando a moça percebe que não precisa do marido para ser feliz, que, pelo contrário, pode e deve ser livre novamente. Não pensa duas vezes e desfaz o bordado que o mantinha em sua trajetória.

2.2 Circulação da obra Almeidiana: o papel de Júlia Lopes de Almeida em sua ascensão

Partiu para para S. Paulo afim de realizar conferencias na Capital e em algumas das principaes cidades do interior, a talentosa romancista brasileira D. Julia Lopes de Almeida, collaboradora d'A Ilustração. (A Ilustração Brasileira, 15 de março de 1910, p.95)

Deve chegar brevemente á esta capital a conhecida publicista Julia Lopes de Almeida, Segundo o nosso collega "O Commercio", diversos jornalistas e intellectuaes, reunidos homtem. resolveran escolher as seguintes commissões para acompanhar a illustrada escriptora, nestacapital: D.Ceilia Monteiro. Cassilda Leite, Laura Gonçalves. Clementina Velloso, Maria Oliveira, Georgiana Alves, Acydalia Ramalhete, Heloisa Pirajá, Zina Monjardin, Josephina Lordello, Clementina Cunha e Adelaide Sierra.

Senhoritas llda Pessoa, Augusta Resemini, Celeste Pacheco, Inah Werneck, Tovarina To- var, RuthWanderley, Sylvia Lindenberg. n-Drs Julio Leite, Thiers Velloso, Ubaldo Ramalhete, Deocleciano Oliveira e José Bernardino Alves Junior e José Francisco da Silva.

(Diário da Manhã, 12 de maio de 1911, p.2)

O sr João Lima, secretario geral do Congresso Maranhense de Letras, recebeu a seguinte carta da eminente escriptora brazilera d Julia Lopes de Almeida, carta que traz a data de 2 do mez corrente: Agradeçopenhoradissima a v. exc. a honra.com que me distinguio, propondo-me para socia correspondente Congresso Maranhense de Letras e rogo Ihe transmitir aos seus collegas de directoria e mais membros dessa illustre corporação, meu profundo reconhecimento e meus votos defelicidade- Julia Lopes de Almeida.

Diário do Maranhão, 23 de fevereiro de 1910, p. 2

Os excertos acima, retirados de periódicos de locais diversos em solo brasileiro, nos oferecem pistas acerca da circulação de Júlia Lopes de Almeida e sua obra. Ainda que não¹⁷⁸ tenha visitado todos os estados, é possível notar uma pré-disposição para fazer parte de movimentos literários em localidades além da capital federal, o Rio de Janeiro, onde a escritora tornou-se popular.

¹⁷⁸ Em acordo com o acervo consultado para a realização desta pesquisa, a Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, são ao menos 5 os estados que foram visitados pela escritora: Espírito Santo, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

A *Ilustração Brasileira (FRA)*, periódico franco-brasileiro que circulou entre 1901-1958 é exemplo desta movimentação da escritora. Estampada na primeira página da *Ilustração*, consta o nome de Júlia Lopes de Almeida como uma das colaboradoras do Brasil. Chama-nos a atenção¹⁷⁹ para o fato da escritora figurar sozinha entre os homens- colaboradores. A respeito deste grupo de colaboradores brasileiros, destacam-se Medeiros e Albuquerque¹⁸⁰, Olavo Bilac, Paulo Barreto¹⁸¹ e Viriato Corrêa¹⁸², nomes que ocuparam cadeira na Academia Brasileira de Letras.

Figura 55 – Recorte da 1ª página da *Ilustração Brasileira* de 1 de fevereiro de 1911



Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

O periódico, além de contar com textos literários da escritora, noticia e divulga alguns de seus feitos, tal como as conferências realizadas por Júlia Lopes de Almeida na cidade de São Paulo e no interior do estado¹⁸³. Na edição de 12 de março de 1910 do jornal *O Estado de São Paulo*, é possível verificar a informação:

¹⁷⁹ Vale a ressalva de que, apesar de ser, já nessa época, uma escritora proeminente nos circuitos literários e de seu nome e imagem serem populares na imprensa, Júlia Lopes de Almeida ainda fazia parte de um seleto grupo de mulheres escritoras que percorreram trajetos mais sinuosos para alcançar o sucesso. Portanto, o fato de seu nome ser o único entre outros escritores homens nos fornece mais pistas acerca de sua relevância para a história da literatura do Brasil.

¹⁸⁰ Membro fundador, ao lado de Olavo Bilac e de outros 38 nomes.

¹⁸¹ 2º ocupante da cadeira 26, empossou-se do título em 1910.

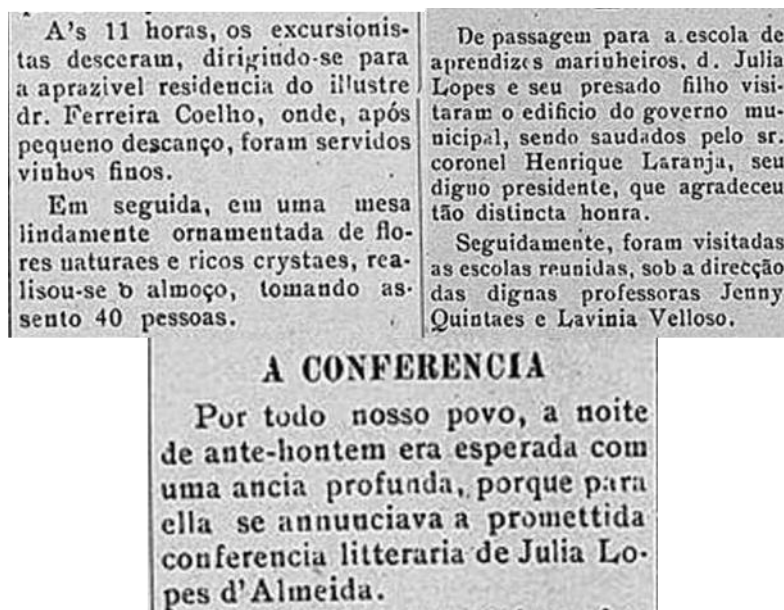
¹⁸² 3º ocupante da cadeira 32, empossou-se do título em 1938.

¹⁸³ A edição 20, de 15 de março de 1910 anuncia a viagem da escritora à São Paulo, a fim de realizar conferências na capital e nas cidades do interior.

Como noticiamos, realisa-se hoje, ás 8 horas da noite, no salão do Conservatorio, a conferencia da brilhante escriptora, Julia Lopes de Almeida. O thema escollido, “As flores”, offerece autora de tantas paginas, encantadoras de emoção e buriladas com rara arte, ensejo para deliciar a assistência que será estamos certos composta a nossa elite intellektual. (O Estado de São Paulo, 12 de março de 1910, p. 4).

Em *Diário da Manhã*, jornal publicado no Espírito Santo, é noticiada a chegada da escritora à capital – Vitória –, em 13 de maio de 1911. De acordo com o periódico, a escritora proferiu palestras, visitou escolas e participou de eventos locais, sempre acompanhada de uma comissão formada por intelectuais e políticos do estado. A estadia de Júlia Lopes de Almeida também não passa despercebida pelo periódico. Desde o local onde se hospedou, até os locais onde fez determinadas refeições, são diversos relatos publicados no *Diário da Manhã*, que descreveu parte da rotina da escritora em três edições – 131,133 e 219.

Figura 56 – Recortes do texto “Julia Lopes de Almeida – sua estadia nesta capital” extraído da edição 133 do *Diário da Manhã*, p. 2



Fonte: Hemeroteca digital FBN.

No início do século XX, as conferências proferidas por intelectuais tornaram-se um hábito social. De acordo com Martins (2010), o gênero teria sido introduzido por Medeiros e Albuquerque em 1906. Desde então, popularizou-se entre os intelectuais, principalmente por

prever remuneração¹⁸⁴. João do Rio, em *Psicologia urbana* (1911), confere ao gênero um caráter epidêmico:

Quem havia de dizer, há cinco anos, que esse mal incipiente se tornaria uma tão espantosa epidemia? Medeiros e Albuquerque voltaria de Paris com a ideia das conferências à maneira do Odeon (...) Dois sábados depois, o extraordinário Coelho Neto aparecia no estrado do Instituto, com a conferência escrita à maneira de Paris e de Londres¹⁸⁵, e alguns livros documentativos. (...) No outro sábado, falando esse poeta perfeito que é Olavo Bilac, o salão regurgitava. E a série foi um desdobrar de coisas eruditas, inteligentes, ensinadoras. Um dos conferentes, o senhor Bonfim, chegou a dar na causerie uma teoria científica e complicadíssima do ciúme. O talento admirável de Júlia Lopes de Almeida revelou mais uma faceta de seu engenho; o padre Severiano de Resende fez um dos mais sacudidos sucessos mundanos[...] (João do Rio, 1911 *apud* Martins, 2010, p. 343).

De acordo com o desenvolvimento desta pesquisa, observou-se a conferencista Júlia Lopes de Almeida em pelo menos 10 locais: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná, em termos nacionais; e em Portugal, França, e Argentina em solo estrangeiro. A respeito da circulação de sua obra no estrangeiro, convém elencar as datas em que esteve nesses locais.

O quadro abaixo, elaborado com base na pesquisa de Rosane Saint Dennis Salomoni e inserido em Almeida (2013) evidencia as passagens da escritora:

Quadro 11 – Locais visitados por Júlia Lopes de Almeida

Ano	Local	Motivo
1875	Portugal	Acompanhar a família
1886	Portugal	Acompanhar a família. Publica <i>Contos Infantis e</i> , no ano seguinte, <i>Traços e Iluminuras</i>
1913	Portugal	Acompanhar a família
1914	França	Receber uma homenagem da intelectualidade parisiense em companhia de muitos intelectuais brasileiros, a exemplo de Olavo Bilac e Medeiros e Albuquerque
1922	Argentina	Convite para ministrar a conferência intitulada “Brasil” ao Conselho de Mulheres da Argentina
1925	França	Muda-se para Paris e lá reside por 6 anos por conta da viagem de estudos de Margarida Lopes de Almeida, sua primogênita
1928	Itália e Alemanha	Não identificado
1929	Noruega, Espanha, Bélgica	Não identificado
1934	África	Parte para o continente para buscar a filha mais nova, Lúcia, e as netas, acometidas por doença.

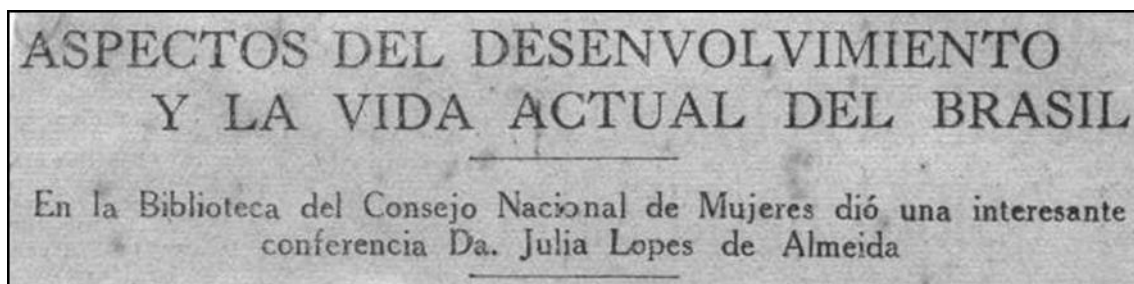
Fonte: elaborado pela autora (2023).

¹⁸⁴ Segundo estudo em Broca (1975), é Medeiros e Albuquerque quem anuncia a chegada do gênero como uma opção remuneratória aos escritores, em 1906. Tanto que incita o interesse de Olavo Bilac e Coelho Neto. O Instituto Nacional de Música, localizado no Rio de Janeiro, era o local onde constantemente aconteciam as conferências.

¹⁸⁵ Broca (1975, p. 136) comenta a respeito do modelo de conferência usado no Brasil, já na segunda metade do século XIX: “Habitados a imitar em tudo os franceses, adotamos aqui a conferência, logo após a sua implantação em Paris”.

Uma de suas séries de conferências foi publicada em 1925, sob o título *Brasil* em oferta ao Conselho de Mulheres da Argentina. No texto, Júlia Lopes de Almeida aborda aspectos da natureza do país, do seu território, do povo e especialmente das mulheres brasileiras. O periódico *La Nación* publica o feito:

Figura 57 – Recorte do periódico *La Nación*¹⁸⁶ (AR), s.d



Fonte: Acervo Cláudio Lopes de Almeida.

Com relação aos temas comuns às suas conferências, apresentam-se a literatura infantil – muito ligada à divulgação de seus livros para uso nas escolas –, a moda, a condição mulher, a arte, a escrita feminina e a guerra, assunto em constante pauta nos anos de 1910, por conta da 1ª Guerra Mundial (1914-1918).

O salão de jornais tornou-se cenário para as conferências. Talvez o mais emblemático de todos, o salão nobre do *Jornal do Commercio*, abrigou dezenas de conferências, palestras, saraus, apresentações e exposições de artistas e da intelectualidade da Primeira República, incluindo Júlia Lopes de Almeida.

Além do salão do *Jornal do Commercio*, o salão do Instituto Nacional de Música recebeu dezenas de conferências na capital federal. Segundo Azevedo (2018, p. 166), o local era frequentado por “literatos, advogados, médicos, engenheiros, senhoras e mocinhas da alta sociedade” e, apesar da acústica ruim e o consequente desgaste dos conferencistas para falar ao grande público, o espaço tornou-se um epicentro da divulgação do gênero. Júlia Lopes de Almeida fora uma das personalidades convidadas a participar do ciclo de palestras do referido salão.

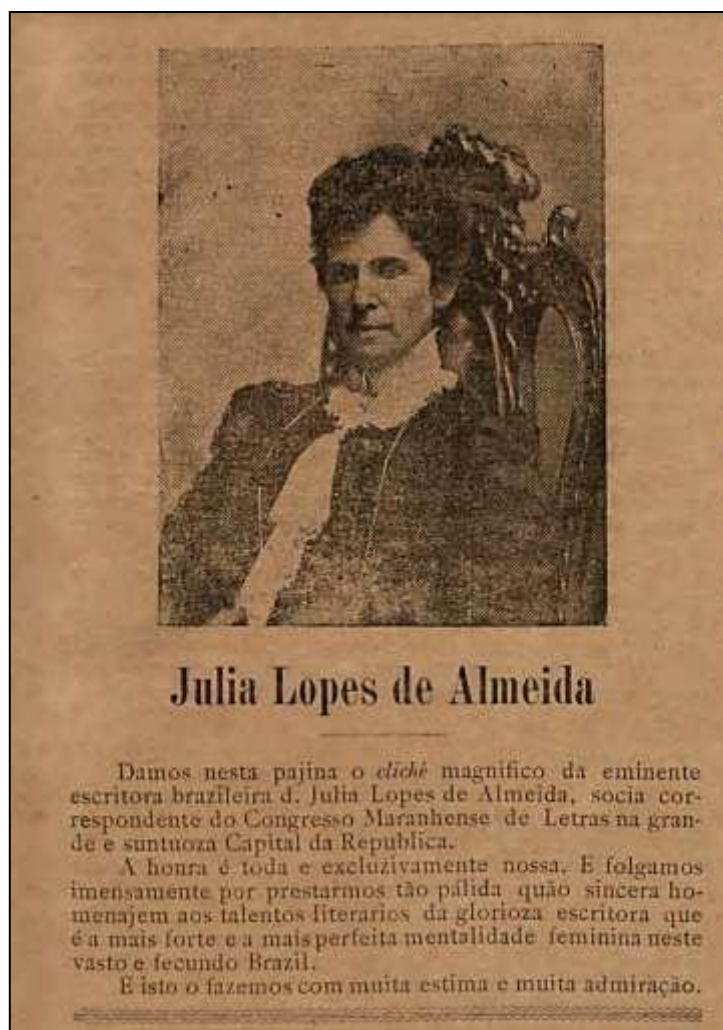
A péssima acústica do Instituto de Música, no entanto, punha à prova os talentos oratórios de oradores mais capacitados, pois que não logravam falar senão para as primeiras fileiras. Carmen Dolores que, como Júlia Lopes, foi convidada para integrar

¹⁸⁶ Nos limites desta pesquisa não foi possível localizar a edição do periódico em nenhum dos acervos consultados, que inclui o próprio acervo do jornal.

o ciclo de palestras, relata as dificuldades da colega que, com o seu timbre de voz feminina, tinha dificuldades de se fazer ouvir pela plateia (AZEVEDO, 2018, p. 167).

No terceiro excerto selecionado para iniciar esta seção, o texto extraído de *Diário do Maranhão*, o trecho de uma suposta carta escrita pela escritora é publicado em resposta ao convite para tornar-se sócia correspondente do Congresso Maranhense de Letras¹⁸⁷, fundado em 1909, o qual aceita, como evidencia a figura a seguir.

Figura 58 – Recorte da página 9 da edição 6 de *Os Anais*



Fonte: SOUZA (1911).

¹⁸⁷ De acordo com o estatuto que regia o Congresso Maranhense de Letras, suas finalidades eram: “a) pugnar pelo cultivo da língua e da literatura nacional; b) publicar mensalmente uma revista, *Anais*, difundindo nella as suas ideias; c) comemorar as datas maranhenses, nacionais e as que julgar de necessidade; d) ter João Francisco Lisboa como patrono geral; e) funcionar pelo menos quatro vezes por mez, sempre aos domingos, abrindo as sessões ás 9 horas do dia; f) adotar oficialmente a ortografia da Academia Brasileira de Letras.” Sobre os membros, o estatuto indica um total de 25 efetivos, e um número ilimitado de beneméritos e correspondentes. (SOUZA, 1911, p. 9).

Julia Lopes de Almeida

Damos nesta pajina o clichê magnífico da eminente escritora brasileira d. Julia Lopes de Almeida, socia correspondente do Congresso Maranhense de Letras na grande e suntuosa Capital da Republica.

A honra é toda e exclusivamnte nossa. E folgamos imensamente por prestarmos tão palida quão sincera homenagem aos talentos da glorioza escritora que é a mais forte e a mais perfeita mentalidade feminina neste vasto e fecundo Brazil.

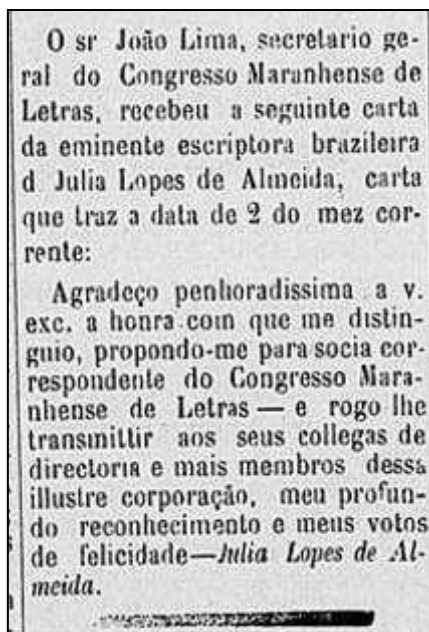
E isto o fazemos com muita estima e admiração.

Na edição 10873 do *Diário do Maranhão*, publicada em outubro de 1909, anuncia-se a instalação do Congresso, sob a presidência¹⁸⁸ de João Lima e vice-presidência de Mariano Castro, como mostra o trecho a seguir:

O Congresso Maranhense de Letras Realisou-se hontem á noite, á rua Affonso Penna, n. 42, conforme estava anunciado, a sessão de instalação do Congresso Maranhense de Letras, sob o auspicios de um punhado de rapazes cultores das letras, membros de varias corporações literarias desta cidade. Assumiui a presidencia, por aclamação, o nosso confrade João Lima, que apresentou a lista nominal dos socios inscriptos, mandando, em seguida, proceder á leitura dos Estatutos do Congresso, apresentados pela commissão especial, designada para os confeccionar. Os Estatutos foram postos em discussão. A sua approvação, porém, por proposta do socio Vilhena Brandão, foi adiada para a sessão de amanhã, ficando, entretanto, approvedo o art. que cria a directoria do Congresso e as respectivas commissões. (p. 1).

Ainda percorrendo as edições dos periódicos maranhenses que divulgaram o Congresso e sua agenda, a edição 10993 do *Diário do Maranhão* publica o que seria o trecho de uma carta de Júlia Lopes de Almeida aos membros do Congresso, em consideração ao convite para integrar os associados:

¹⁸⁸ Em menos de um mês, o próprio Diário do Maranhão anunciava um novo presidente para o Congresso Maranhense de Letras – Antônio Lobo. Antonio Francisco Leal Lobo (1870-1916) foi jornalista, poeta, romancista, professor, tradutor, publicista e polemista compulsivo, participante ativo da vida literária e política do Maranhão do início do século XX. (Fonte: Academia Maranhense de Letras).

Figura 59– Recorte da página 1 da edição 10993 de *Diário do Maranhão*

Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

A respeito do convite recebido pela escritora para associar-se à uma congregação literária, importante ressaltar dois aspectos: o primeiro, refere-se à recusa de seu ingresso à Academia Brasileira de Letras quando na sua fundação, em 1897, e quando na constituição de seu estatuto na década de 1910. Embora não tenha recebido, em vida¹⁸⁹, apreços significativos da Academia, importa dizer que outras academias¹⁹⁰ e grupos convidaram a escritora, tais como a Academia Carioca de Letras, fundada em 1926 e o *Gremio literário Julia Lopes*, agremiação que deu origem à fonte principal deste estudo – *A Violeta* –, fundado em novembro de 1916.

O segundo aspecto remete à legitimação de espaços não oficiais da intelectualidade. Broca (1975) indica que a fundação da ABL estaria mais relacionada com quesitos políticos do que econômicos e que, por este motivo, a maior parte da intelectualidade que circulava, opinava e publicava, ficou de fora do advento, esculpido aos moldes da Academia Francesa de Letras¹⁹¹.

¹⁸⁹ Como exposto no 1º capítulo deste estudo, em 1952, portanto 18 anos após sua morte, é criado, a pedido de Filinto de Almeida, o Prêmio Júlia Lopes de Almeida, para prestigiar escritas em prosa, gênero que a fez popular.

¹⁹⁰ Júlia Lopes de Almeida é patrona também na Academia Friburguense de Letras, fundada 13 anos após sua morte, em 1947. Atualmente a cadeira é ocupada pela escritora e pedagoga Tereza Cristina Malcher Campitelli. (Fonte: Academia Friburguense de Letras).

¹⁹¹ Criada em 1635, a Academia Francesa de Letras serviu como molde para a fundação da Academia Brasileira de Letras. Extinta em 1793, a Academia Francesa não perdurou por conta de seu regime hierárquico, tornando-se incompatível com o regime democrático que assentara no país pós-revolução. (EL FAR, 2000).

Além dos cafés, as livrarias eram os pontos de reuniões dos escritores. E entre todas se destacava, como a mais frequentada, e realmente a primeira, sob qualquer aspecto, a Garnier. “A Sublime Porta” denominava-se os umbrais do famoso estabelecimento. (BROCA, 1975, p. 40).

Adiante, o autor comenta a respeito da circulação de Machado de Assis, um dos escritores mais populares e prestigiados no final do século XIX, aquele que viria a se tornar o primeiro presidente da ABL. Broca (1975, p. 41-42) sublinha que o escritor, diferentemente, não era visto em cafés e confeitarias cariocas:

Costumara outrora a fazer ponto na Livraria Laemmert; depois tornara-se comensal na Revista Brasileira, onde todas as tardes se reuniam ao lado do mestre, José Veríssimo, Lúcio de Mendonça, Coelho Neto, Taunay Nabuco, e outros. Dessas tertúlias acompanhadas de um chá com torradas, nascera, como se sabe, a Academia Brasileira de Letras.

A respeito da *Revista Brasileira*¹⁹², apontada como berço das ideias que deram origem à Academia Brasileira de Letras, importa pontuar que se tratava de uma publicação que teve como diretor José Veríssimo entre os anos de 1895 e 1899, figura já considerada escritor de carreira na literatura brasileira, e que contava tinha como colaboradores nomes que compuseram o quadro de imortais da ABL, a exemplo de Rodrigo Octávio, Visconde de Taunay, Afonso Celso, Clóvis Beviláqua, entre outros.

Com o fim da quarta fase da revista, em 1899, o grupo de escritores adotou a Livraria Garnier como um ponto de encontro dos então acadêmicos. A Livraria, que em 1901 foi reformada e reformulada, localizada na Rua do Ouvidor 71, ocupou um espaço no imaginário da literatura brasileira como um local de convivência da intelectualidade.

Em 1901, a livraria mais importante da cidade é a Livraria Garnier. Tem 55 anos de existência, pois vem de 1846, quando começa num modestíssimo lugar, onde se vendem, ao lado de livros importados de França, artigos de papelaria e escritório, guarda-chuvas, bengalas, estatuetas, charutos e drogas medicinais.
(...)

¹⁹² Em acordo com a pesquisa desenvolvida pelos pesquisadores do IEL-Unicamp, a *Revista Brasileira: Jornal de Ciências, Letras e Artes* tornou-se notável em fins do século XIX por tratar de assuntos científicos, políticos, culturais e artísticos. É em sua última fase -foram 7- que se nota o empenho de seus redatores e colaboradores na constituição de uma Academia Brasileira de Letras. (Disponível em: <<https://www.prp.unicamp.br/pibic/congressos/xixcongresso/paineis/059894.pdf>>. Acesso em 01 fev 2022.) Na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, encontram-se disponíveis para consultas exemplares da revista de 1861 a 1979.

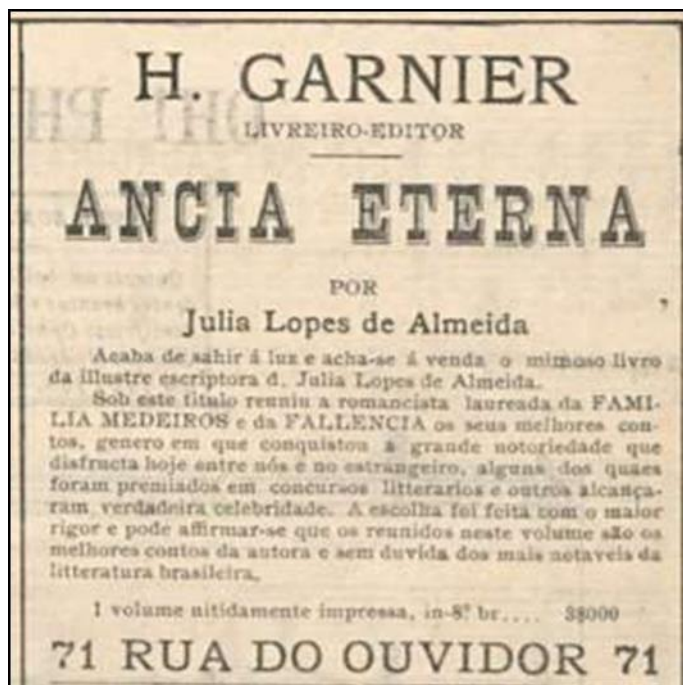
No ano de 1901, morto Baptiste Garnier, Lansac¹⁹³ é quem dirige os destinos da grande livraria. Já se reconstruiu o prédio. A nova loja é vasta e de ar catedralesco: alta, imponente, bela...

(...)

Inaugurada a nova loja, espalham-se, pela mesma, doze cadeiras. Má idéia. As cadeiras interrompem o trânsito. Os acadêmicos monopolizam-nas. Tais assentos, porém, mais tarde, são retirados, por sinal que provocando zanga e açulando morfins nos jornais. Cria-se a famosa questão das cadeiras dos 12 apóstolos... Lansac tem, com isso, grande desgosto. [...] Vários são os grupos que na loja se formam, na hora de maior movimento, aí pelas 4, 5, 6 da tarde. Há o grupo de Machado de Assis, com José Veríssimo, Sílvio Romero, Joaquim Nabuco, Rui (às vezes), Constâncio Alves, Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Coelho Neto (às vezes), Medeiros e Albuquerque, Araripe Júnior, Rodrigo Otávio, Mário de Alencar e Clóvis Beviláqua; são os grossões da Academia, que, em geral, formam junto à escrivaninha do Jacinto. João Ribeiro, que, nesse tempo, ainda não é acadêmico, forma no grupo de Pedro do Couto e Fábio Luz, com Rocha Pombo, Gustavo Santiago Pantoja, Maximino Maciel, Múcio Teixeira, Nestor Xavier Pinheiro, Gonzaga Duque, Mário Pederneiras e Lima Campos. Há, porém, outros grupos que se espalham pelo interior da loja e onde pode a gente encontrar o Osório Duque Estrada, o Sousa Bandeira, o Severiano de Resende e o Curvelo de Mendonça. Sabe-se de quem vá ao Garnier, como a uma feira de curiosidades, só para conhecer de visu os autores. (EDMUNDO, 2003, p. 434-435).

Machado (2002) comenta que João do Rio, em uma de suas colunas para a imprensa¹⁹⁴, indica Júlia Lopes de Almeida como uma das frequentadoras da Livraria Garnier. Em 1903, a escritora publica *Ânsia Eterna* pela Garnier. A figura a seguir apresenta o anúncio da publicação na revista *O Malho*, em 1902.

Figura 60 - Anúncio de *Ânsia Eterna* em *O Malho* ed.14



Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

¹⁹³ Julien Lansac, à época gerente da Livraria.

¹⁹⁴ “A semana elegante”, publicada na *Revista da Semana*, em 1916.

Ancia Eterna

Por
Julia Lopes de Almeida

Acaba de sahir à luz e acha-se à venda o mimoso livro da illustre escriptora d. Julia Lopes de Almeida.

Sob este título reuniu a romancista laureada da FAMILIA MEDEIROS e da FALLENCIA os seus melhores contos, gênero em que conquistou a grande notoriedade que disfructa hoje entre nós e ao estrangeiro, alguns dos quaes foram premiados em concursos literários e outrora alcançaram verdadeira celebridade. A escolha foi feita com o maior rigor e pode afirmar-se que os reunidos neste volume são os maiores contos da autora e sem dúvida um dos mais notáveis da literatura brasileira.

1 volume nitidamente impresso, in – 8°. Br....3\$000

Segundo Sodré (1999), Hippolyte Garnier, que assumira a livraria após a morte do irmão Jean-Baptiste Garnier em 1893, “só publicava os nomes consagrados” (p.303), tais como Machado de Assis, José Veríssimo ou João do Rio. Embora muitos tenham frequentado com certa constância a Livraria, nem todos os escritores faziam parte do seletto grupo eleito por Hyppolite Garnier. Hallewell (2012) sublinha que o investimento do editor era premeditado. Existia uma certa resistência em publicar autores que estivessem acima dos 40 anos e que não pudessem oferecer sucesso editorial.

É em 1907, no *Almanaque Brasileiro Garnier*, publicação editada pelo livreiro, que Lúcio de Mendonça publica o artigo “As três Júlias”, que serviu como ponto de partida para a elaboração desta pesquisa. Nele, a defesa de Júlia Lopes de Almeida como uma das maiores romancistas daquele tempo e as justificativas para que a escritora ocupasse uma cadeira da Academia Brasileira de Letras estavam dispostas.

Já no começo do século XX, muito por conta do sucesso de *A Falência* (1901), Júlia Lopes de Almeida gozava de certo prestígio e renome no mercado editorial. Martins (2010, p. 203) revela ter sido o ano de 1902 “um dos mais fecundos e determinantes de toda nossa história intelectual [...]” e que a inteligência brasileira vivia “um momento de extraordinária criatividade”. Em sua apreciação, cita Júlia Lopes de Almeida ao lado de Euclides da Cunha,

Sílvio Romero e Olavo Bilac como autores que tiveram suas obras reeditadas ou publicadas pela primeira vez.

Publicado a partir de 1903 e prosseguindo até o ano de 1914, o *Almanaque Brasileiro Garnier* foi dirigido inicialmente pelo bibliotecário Ramiz Galvão¹⁹⁵ e, a partir de 1907, por João Ribeiro. A publicação, principalmente destinada ao público urbano, contava com seções dedicadas à ciência, geografia, variedades e literatura. No seu primeiro volume, em 1903, o nome de Júlia Lopes de Almeida figura ao lado de outros escritores - e escritoras- no rol de autores consagrados da literatura como mostra a figura 61:

Figura 61¹⁹⁶ – Página 250 do *Almanaque Brasileiro Garnier*, edição 1, 1903



Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

¹⁹⁵ **Ramiz Galvão (1846 -1938)** foi médico, professor, filólogo, biógrafo e orador. Ainda nos tempos do Brasil Imperial, cultivou relações com o Imperador que lhe renderam cargos importantes. Dirigiu, ainda, a Biblioteca Nacional por 12 anos e foi diretor-geral da Instrução Pública do Distrito Federal. Ingressou na ABL em 1928, aos 82 anos, e foi sócio grande benemérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual foi orador perpétuo. (Fonte: Academia Brasileira de Letras).

¹⁹⁶ Da esquerda para direita temos: Pedro Rabello, Valentim Magalhães; D. Julia Lopes de Almeida ao centro; Zelina Rolim de Toledo, à esquerda; Francisca Julia, à direita; e Olavo Bilac, ao final da página.

Ao que nos parece, a circulação da escritora em outros espaços permitiu que estabelecesse relações profícuas com os circuitos literários e locais como a Garnier, que cumpriram com o papel de legitimar, ainda que em menor densidade, aqueles escritores que não receberam um convite para ingressar na Academia Brasileira de Letras.

A porta da Garnier amplia a Academia, ao mesmo tempo que repara as injustiças devidas à sua insuficiência. Se a porta desaparecesse, a Academia sucumbiria no dia seguinte, pela lei da Física que nunca o conteúdo pode ser maior do que o continente. Rebentaria como uma bexiga na qual se sopra demasiadamente ou afundaria como um navio no qual se mete excessiva carga: em todo caso era uma vez a Academia...Por isso a Academia estima e respeita a porta. (João Luso apud BROCA, 1975, p. 41).

No que tange à produção de sua obra literária, é possível evidenciar a presença de aspectos metaliterários que também, em certa medida, subsidiaram o desenvolvimento de outras escritas femininas. Destacamos, nesse contexto, a metaliteratura, um conceito literário pós-moderno que, de maneira sintética, supõe o tratamento de textos ou gêneros literários dentro de textos igualmente literários. Isto é, obras de um determinado gênero literário que se voltam para si mesmas, adquirindo um caráter autorreflexivo.

A metaliteratura desmembra-se em outros conceitos, tais como o *metadrama*, a *metapoesia* e a *metaficção*. Sobre este último, Gustavo Bernardo (2010, p. 82) indica que se trata “uma ficção que se pergunta ‘quem sou eu’ porque se funda na elaboração da própria criação”. Adiante, no mesmo estudo, comenta:

Ela não esconde que o é, obrigando o leitor a manter a consciência clara de estar lendo um relato ficcional e não um relato “verdadeiro” – obrigando o leitor, portanto, a manter-se em suspenso, ou seja, em estado permanente de dúvida e incerteza. (BERNARDO, 2010, p. 83).

Ampliando e relacionando o conceito à produção literária de Júlia Lopes de Almeida, recebem destaque seus romances, obras puramente ficcionais que contam, entretanto, com aspectos intimamente ligados à uma tentativa de reprodução da realidade. Para Bernardo (2010, p. 84), os romances constituem uma imensidão de possibilidades metaficcionais:

Entre os esquemas metaficcionais, encontramos: romances sobre uma pessoa escrevendo um romance; contos sobre uma pessoa lendo um conto até se ver de repente dentro do conto que está lendo; histórias que comentam as convenções da própria história, como capítulos, títulos, parágrafos ou enredos; romances não-lineares que possam ser lidos não apenas do princípio para o final; notas de rodapé que continuam a história enquanto a comentam; romances em que o autor é personagem do seu próprio romance; histórias que conversam com o leitor,

antecipando, frustrando ou ironizando suas reações à história; personagens que se preocupam seriamente com a circunstância de se encontrarem em meio a uma história de ficção; trabalhos de ficção que saem de dentro de outros trabalhos de ficção; histórias que incorporam aspectos e referências de teoria ou crítica da literatura; obras que criam biografias de escritores imaginários; enredos que sugerem aos leitores que eles se encontram em mundos tão ficcionais quanto aquele dos enredos.

A metaliteratura, que preconiza a literatura como testemunha de si, parece ter sido uma estratégia utilizada pela escritora não apenas para a disseminação de sua obra, mas também para a pavimentação de novos gêneros e espaços literários para aquelas que porventura quisessem escrever.

Outrossim, a função *autorreferencial* da literatura também opera de forma atuante na obra da escritora Segundo Eagleton (2019, p. 11-12), ainda que a literatura seja uma forma não-pragmática de discurso,

pode empregar uma linguagem peculiar como se quisesse tornar evidente esse fato [uma finalidade prática imediata] -para indicar que se trata de uma maneira de falar sobre a mulher, e não sobre alguma mulher da vida real em particular. Esse enfoque na maneira de falar, e não na realidade daquilo que se fala, é por vezes considerado como uma indicação daquilo que entendemos por literatura: uma espécie de linguagem autorreferencial, uma linguagem que fala de si mesma.

No caso de Júlia Lopes de Almeida, tanto a escrita feminina quanto o hábito da leitura são aspectos presentes em suas narrativas. Ao que nos parece, tais movimentos teriam sido uma tentativa de engajar sua obra e a própria maneira da autora perceber a vida e, sendo a literatura uma amostra -ficcional- das relações entre as pessoas e o mundo, Júlia Lopes de Almeida postulou com sua escrita sua própria visão de mundo e das relações humanas.

Um bom exemplo é a percepção das mulheres enquanto intelectuais, como no caso de Eva, personagem central de *A família Medeiros*; Eva é descrita como instruída, sensata e justa, fato bastante preocupante e até mesmo assustador no contexto da narrativa, já que se tratava de uma mulher com características viris, o que não era visto com “bons olhos”. Os maus momentos com o tio, Medeiros, fazendeiro do interior de São Paulo, evidenciam essa postura condenatória à mulher intelectual:

Que significaria aquele movimento do tio? Por que a repeliam, a ela, que não lhes fizera mal e que se tinha sempre submetido tão placidamente aos seus costumes e vontades? (...) à noite voltou de novo ao quarto da alemã, abriu a janela à solidão do campo e um bom ar fresco encheu o aposento; arranjou e acendeu o lampião, trouxe para a mesa os preparos da escrita e começou, com sua letra firme, uma carta à mestra. (ALMEIDA, 2009, p. 215).

Mesmo com a insistência em desvalorizar a imagem da sobrinha, a narrativa escrita por Júlia Lopes de Almeida redesenha a personagem, a cada intempérie, mostrando a potência de sua heroína, “de educação invulgar, [e que] falava várias linguas (...) tinha ideias modernas e que, por isso, era vista pela família Medeiros como perigosa.” (TELLES, 2012, p. 426).

Outro exemplo da impressão da visão de mundo da escritora é a própria relação entre homens e mulheres, que permeia quase que a totalidade de sua escrita romanesca. Em *Eles e Elas*¹⁹⁷, publicado pela primeira vez pela Francisco Alves em 1910, esta relação é posta em lume como uma forma de postular “a luta das mulheres brasileiras pelo reconhecimento de seus direitos políticos e civis.” (ALMEIDA, 2015, p.11), como se observa no trecho a seguir, no qual percebemos a figura do marido indignado com a ausência de sua esposa ao chegar em casa:

Naqueles bons tempos, uma senhora de quarenta anos não tinha coragem de sair à rua sem a sua capinha pudibunda e um toucado que atestava resignadamente a sua idade provecta...
Era a submissão completa a todas as leis da vida. Hoje opõem resistência à tudo; até à idade...São terríveis! Mas por onde diabo andaré minha mulher?
(...)
Geralmente, minha mulher, queixa-se de que eu converso pouco; pois aí está: hoje vinha com tenção de conversar..de falar detidamente sobre aquela proposta do Teles... não para lhe pedir conselhos, as opiniões dela não me esclarecem nada... (...)as mulheres fazem as vezes umas objeções imprevistas, extravagantemente ingênuas... (ALMEIDA, 2015, p. 77).

Em resposta à reivindicação do marido, no capítulo “Os serões familiares” a posição das mulheres - com a qual Júlia Lopes de Almeida parece comungar- é exposta:

Como a minha opinião de mulher tem pouco peso, em certas circunstâncias, na consideração desses senhores, eu guardo para mim as sugestões do meu critério, sentindo-me resvalar para os estados opressivos do abatimento, da contrariedade e da consternação...
(...)É a nós que chamam de complicadas e indecifráveis! Também só os muito complacentes se dignam a ouvir a nossa voz em tudo que não seja matéria de amor.
(p. 82)

Heller (2006) indica, ao discutir as possíveis leitoras de Júlia Lopes de Almeida, que a escritora, ao recomendar a leitura de autores europeus, estaria, *a priori*, empregando condições voltadas para o conhecimento e não para o entretenimento. Em um dos textos registrado em

¹⁹⁷ O texto, publicado inicialmente na coluna “Dois dedos de prosa” assinadas por Júlia Lopes de Almeida no jornal *O Paiz* entre 1907 e 1909, receberam os títulos de “Reflexões de um marido”, “Reflexões de uma esposa” e “Reflexões de uma viúva”. O livro é organizado em 37 capítulos que buscam articularem-se como respostas uns aos outros.

Livro das Noivas (1896), “Os livros”, Júlia Lopes de Almeida defende a leitura de livros por ela considerados “obras de mestres”, como uma condição essencial para o desenvolvimento sadio das meninas e jovens moças:

(...) se o pae acostumasse [as meninas] aos bons livros; se, em vez de os apontar como nocivos, os buscasse como profícuos, escolhendo-os criteriosamente; se lhes fizesse compreender as mais brilhantes páginas da historia, se guiasse o espírito indeciso das crianças pelo caminho honesto da verdade e da franqueza; se as fizesse estudar e meditar bons autores, apontando-lhes belezas ou defeitos, e criando-lhes uma educação perfeitamente solida, ellas não leriam por certo contos mal traduzidos nem pouco Moraes e fugiriam espontaneamente de gastar o seu tempo e de estragar o seu gosto. (ALMEIDA, 1896, p. 36).

A escritora avança no argumento, citando nomes daqueles que considera “bons autores”, a exemplo de Montepin¹⁹⁸, Ponson de Terrail¹⁹⁹ e Michelet²⁰⁰. Margarida Lopes de Almeida, filha da escritora, cita em seu relato²⁰¹ a respeito da vida da mãe, o acesso que Júlia Lopes de Almeida teve a um significativo capital cultural e a condição que lhe permitiu, acredita-se, estar em contato com esses autores:

(...) o fato de ser o salão dos Viscondes de S. Valentim o mais luzido da cidade sob o ponto de vista artístico-cultural, facilitou a jovem Julia a possibilidade de suprir²⁰² pela convivência e pelo meio, a cultura que lhe faltava.

(...)

Sem incensar demasiadamente o talento da filha, facilitou-lhe o pai desde então²⁰³ a literatura dos grandes mestres da língua. Deu-lhe professores de francês e de inglês. Tenho comigo a obra completa de Shakespeare, em rica edição ilustrada por maravilhosas gravuras, como dedicatória do professor à discipula direta. (2015, p. 184-185).

¹⁹⁸ **Xavier de Montèpin (1823-1902)** foi um escritor francês que se destacou principalmente por sua obra romanesca, a partir da publicação de folhetins na imprensa francesa. Tornou-se popular na Europa tendo sua obra traduzida pela Língua Portuguesa e um de seus folhetins, “A mulher de Bronze”, publicado, inclusive, na Gazeta de Notícias em 1879. (MENDES; VIEIRA, 2013).

¹⁹⁹ **Pierre-Alexis Ponson de Terrail (1829-1871)** foi um escritor mais populares da segunda metade do século XIX na França e em outros países europeus. Sua série de contos intitulada Rocambole fez sucesso na Europa, tendo sido traduzida e publicada por inúmeros editores portugueses. Segundo Borges (2016), a série fez sucesso também no Brasil, ainda no final do século XIX.

²⁰⁰ **Jules Michelet (1798-1874)** foi filósofo, escritor, poeta e historiador francês. Sua obra, extensa e variada, abriga aspectos poéticos e historiográficos. (TEIXEIRA, 2011). No Brasil, sua obra circulou no século XIX por conta do sucesso de L’Oiseau (1857), em Paris.

²⁰¹ Refere-se à tentativa de biografia produzida por Margarida Lopes de Almeida quando no centenário do nascimento da mãe, em 1962, intitulado “Biografia de D. Júlia”. Vale a ressalva de que o texto integra o livro *O funil do diabo*, último romance de Júlia Lopes de Almeida, publicado em 2015 pela Editora Mulheres.

²⁰² No mesmo texto, Margarida relata que a mãe não foi uma criança sadia, fato que a impediu de frequentar escolas, tendo a família optado por uma educação doméstica.

²⁰³ Em referência ao primeiro artigo da escritora publicado na *Gazeta de Campinas* em 7 de dezembro de 1881.

Em “Um lar de artistas”, um dos inquéritos que compõem a obra de João do Rio *O momento literário*, é a própria Júlia quem cita suas influências literárias:

- (...) Sabe o Sr. que é muito difícil responder ao seu inquérito? Tem tanta cousa! Começa logo com uma pergunta complexa a respeito da formação literária. Tive duas criaturas que a fizeram, - meu pai e meu marido. Em solteira, meu pai dava-me livros portugueses, - o Camilo, o Julio Diniz, Garret, Herculano. Já publicara livros quando casei, e só depois de casada é que li, por conselho de meu marido, os modernos daquele tempo – Zola, Flaubert, Maussapant. (p. 31).

A respeito dos escritores citados como modernos, importante mencionar o lugar que ocupavam na literatura europeia. Guy de Maupassant (1850-1893), Émile Zola (1840-1902) e Gustave Flaubert (1821-1880), segundo Neves (2019), são os três mais representativos romancistas do Naturalismo literário. Neves observa ainda que o naturalismo europeu se constituiu na prosa, e foi divulgado amplamente na imprensa europeia, sobretudo a francesa. Por vezes, na historiografia²⁰⁴ de Júlia Lopes de Almeida encontramos uma referência a Maupassant como uma inspiração para seu estilo. Maupassant foi considerado um dos maiores contistas de seu tempo, condição mesma que se aplicou, em certa medida, à escritora carioca.

Correio da Roça (1913) é considerado romance epistolar²⁰⁵ por apresentar uma narrativa que se desdobra em troca de cartas, especialmente entre as personagens Maria e Fernanda, e tem o campo como cenário. Segundo a própria escritora²⁰⁶, trata-se de uma coleção de ensinamentos oferecidos às leitoras. Nele, Júlia Lopes de Almeida apresenta, através da figura de Fernanda, uma elucidação daquilo que considera adequado e ideal para a educação das meninas, filhas de Maria: uma educação agrícola.

Acredito que o campo brasileiro será eternamente triste, se a mulher educada que o habita não se interessar pela sua fartura, a sua poesia, dando ao pessoal inculto que a rodeia exemplos de carinho, de atividade, de amor à natureza, levando-o assim na esteira da sua inteligência para um futuro melhor. (ALMEIDA, 2014, p. 29).

²⁰⁴ No prefácio de *Ânsia Eterna* (2003), Zahide Lupinacci Muzart comenta que o volume parece ter recebido influência da obra do escritor francês, especialmente pela temática desenvolvida, que por vezes circunda o sombrio e o sobrenatural.

²⁰⁵ De acordo com o estudo de Angela de Castro Gomes (2004), a escrita epistolar é uma das possíveis escritas de si. A escrita de correspondência permeia “a construção de novos códigos de relações sociais de intimidade” e “constitui, simultaneamente, o sujeito e seu texto.” (p.24) E é esse sujeito, ou melhor, esses sujeitos, que vão estabelecer as relações, a interação entre os indivíduos. Assim, afirma a autora que a escrita epistolar é “uma prática eminentemente relacional e, no caso das cartas pessoais, um espaço de sociabilidade privilegiado para o estreitamento (ou o rompimento) de vínculos entre indivíduos e grupos.” (p. 24).

²⁰⁶ Em *A Noite*, 11 de maio de 1931, p. 2.

Obriga tuas filhas a lerem jornais todos os dias, sem desprezo por certas notícias que não se relacionam com nosso meio e perceberás que terão muito a lucrar com isso. (ALMEIDA, 2014, p. 31).

Espana as teias de aranha do cérebro das tuas filhas. (ALMEIDA, 2014, p. 32).

No decorrer da narrativa, percebemos a personagem Fernanda elucidando os aspectos os quais considera essenciais para a evolução das mulheres, sobretudo o contato com a natureza, a educação e o trabalho. Assim, Júlia Lopes de Almeida vai tecendo um cenário comum em suas obras: a apologia ao trabalho e ao crescimento pessoal da mulher por meio da educação. Novamente é possível depreender certas características que fazem deste romance um exemplar de sua escrita autorreferencial, muito em parte pelas incursões sobre estilos e opiniões a respeito da literatura na condição de arte:

(...) com os folhetos publicados pelo Centro de Experiencias Agrícolas, mandar-te-ei alguns livros de versos, porque a poesia é a arte que a alma mais se expande e em que, desde o germinar das sementes no fundo chão até ao tremeluzir das estrelas no céu infinito, toda a natureza palpita e é bela e compreendida. (p. 120-121).

Em outro momento, a personagem Fernanda define a finalidade do lápis: escrever. No caso do volume, escrever cartas. Embora o gênero não seja, necessariamente, uma narrativa tal qual um diário, as cartas em *Correio da Roça* narram e descrevem o dia a dia das personagens Fernanda e Maria, além das filhas da última. Júlia Lopes de Almeida defende a integração das mulheres à natureza de forma prática²⁰⁷, ao sugerir que plantem, cuidem e aprendam sobre a natureza que as cercam. Além disso, divulga amplamente a necessidade de se ler, estudar e escrever, atributos pouco comuns nas mulheres de seu tempo, especialmente quando pensamos nas menos abastadas

Correio da Roça, no entanto, não se limita ao aspecto didático. Trata-se de uma síntese da obra de Júlia até então, não somente em relação aos procedimentos narrativos como também ao pensamento da autora, ponto de convergência de suas inquietudes quanto ao papel da mulher brasileira na sociedade da época e do futuro. (Introdução em *Correio da Roça* por Ana Helena Cisotto Belline, 2014, p. 14).

A respeito de suas inquietudes com relação à sua própria produção literária, no conto *Ânsia Eterna*²⁰⁸, do livro do homônimo, publicado pela primeira vez em 1903, é possível

²⁰⁷ Tal aspecto é também salientado nos volumes *A árvore* (1916) e *Jardim Florido* (1917), que compõem o que Margarida Lopes de Almeida (1962) denomina como apostolado rural na obra escritora.

²⁰⁸ Dedicado a João Luso, jornalista e contista, um dos amigos considerados íntimos do casal Almeida, segundo relatos de Margarida Lopes de Almeida (1962) e Afonso Lopes de Almeida (1945).

verificar também um aspecto metaliterário. Nele o narrador é um escritor, que descreve as angústias e penúrias na busca por inspiração para escrever um livro:

Quero escrever um livro novo, arrancado do meu sangue e do meu sonho, vivo, palpitante, com todos os retalhos do céu e do inferno que sinto dentro de mim; livro rebelde, sem adulações, digno de um homem.
(...) tenho rasgado muitas páginas, incendiado muitas palavras, assoprado muita cinza aos quatro ventos! (ALMEIDA, 2019, p. 19).

Adiante, onisciente, comenta acerca do leitor e sobre a sua importância:

(...) embora eu não me preocupe com o leitor, há sempre diante de mim, quando escrevo, um desconhecido, sombra no vácuo, indecisa, impalpável, mas que basta para enregelar-me todos os dedos quando a frase quer cair despida e franca na brancura do papel. (ALMEIDA, 2019, p. 20).

A temática da escrita literária e da leitura é igualmente salientada em *A família Medeiros* (1893), primeiro romance de Júlia Lopes de Almeida. Convergida na figura da heroína Eva, a presença de elementos literários é possível de ser apreendida. Sendo uma personagem decidida, assertiva e incisiva em suas opiniões, Eva é educada, fala outras línguas e faz versos, o que encanta Otávio, seu primo: “Ia levantar-se quando ouviu a voz de Eva, dizendo versos, perto da janela.” (ALMEIDA, 2009, p.71).

Em contrapartida, a noiva de Otávio, filha de um amigo de seu pai, Medeiros, era o oposto de Eva: fútil, pouco interessante e volátil: “Otávio afirmou que não se casaria nunca com a Sinhá: achava-a monótona, sem espírito, mesmo nada atraente.” (ALMEIDA, 2009, p. 91). Ao longo da narrativa²⁰⁹, percebe-se que Eva e Sinhá são desenhadas de maneira oposta. Esse mecanismo, embora possa denotar algum tipo de rivalidade explícita entre as personagens, suspeita-se ser uma estratégia da escritora para mais uma vez fazer menção à literatura e à educação como formas de desenvolvimento humano, uma vez que Eva, na posição de moça que tivera “uma educação invulgar, [que] falava várias línguas, [que] era instruída sobre plantações e cuidados com a terra e [que] administrava uma fazenda onde a força de trabalho era livre.”

²⁰⁹ A família Medeiros é o romance Almeidiano que narra a mudança na condição - ou ao menos a mudança desejada- dos escravizados no final do século XIX. Ambientado em uma fazenda de café na cidade de Campinas, que vem a ser o local onde a escritora passou boa parte da infância, o romance se desdobra na busca da heroína Eva por uma condição menos precária e mais digna aos escravizados. Suas ideias e atitudes compõem o escopo de uma heroína altruísta e determinada: suas ações visam a justiça entre os trabalhadores; considera, neste cenário, os escravizados como trabalhadores que deveriam ser assalariados e usa as economias para comprar alforrias. Embora trate-se de uma personagem extraordinariamente culta e educada, de predicativos diversos, ao final da trama vê-se pressionada a casar, já que percebe que, mesmo com todos seus atributos – que facilmente a permitiriam viver só-, é parte de uma sociedade em que a mulher necessita da proteção de um homem, um esposo, para ser bem-vista.

(ALMEIDA, 2009, p. 15) convergia em sua figura o ideal feminino a que Otávio, “o bom partido” desejara.

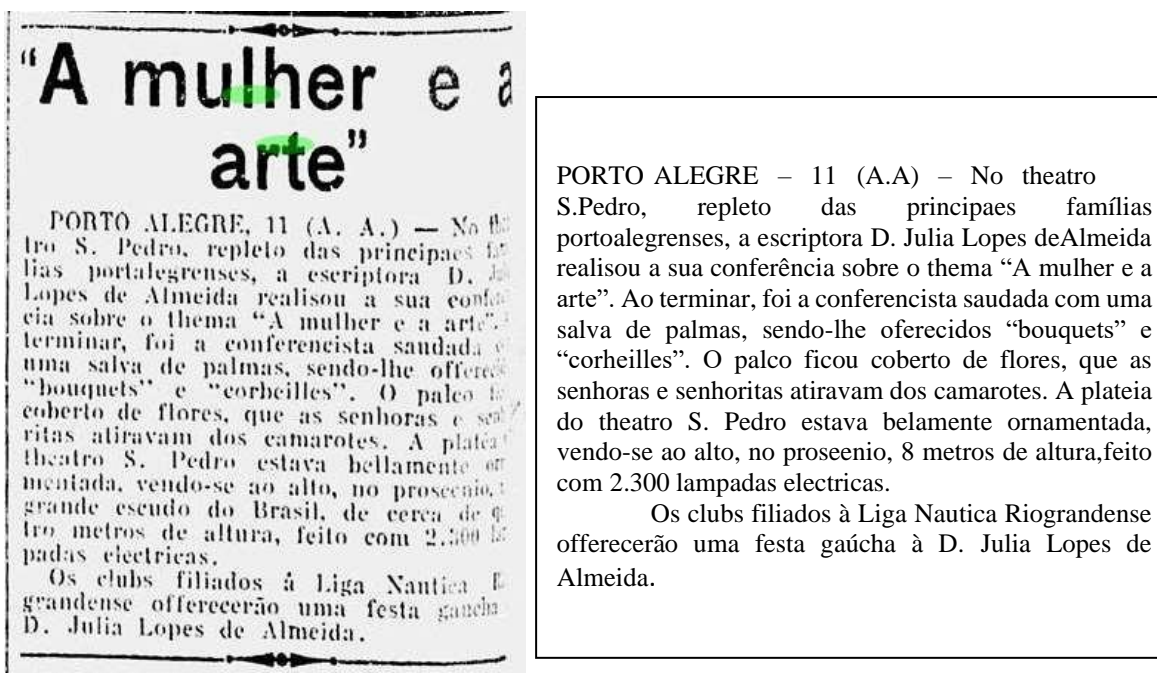
Como foi possível observar, sua obra ficcional – sobretudo os romances, ao operarem com a literatura como testemunha de si e explorarem as relações humanas, convergem mais uma estratégia utilizada pela escritora não apenas para a disseminação de sua obra, mas também para a pavimentação de novos gêneros e espaços literários para aquelas que porventura quisessem escrever.

Já na imprensa, convém destacar alguns exemplos, principalmente no que se refere ao pleito por uma educação feminina e por uma emancipação intelectual da mulher. Um desses exemplos é a conferência intitulada “A mulher e a arte”. De acordo com a pesquisa realizada na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional e o estudo de Campello (2007), Júlia Lopes de Almeida ministrou a conferência ao menos 5 vezes, em locais distintos. A primeira delas, no Salão de honra da Escola de Bellas Artes, no Rio de Janeiro, foi divulgada pela *Gazeta de Notícias* em setembro de 1916.

Realisa-se hoje no salão de honra da Escola de Bellas Artes às 4 ½ da tarde a 5ª conferência da série organizada, sendo conferencista a festejada escriptora Júlia Lopes de Almeida, que dissertará sobre a mulher e a arte. (Edição 259, p. 5).

As próximas 3 sessões de “A Mulher e a Arte” acontecem no sul do país em 1918, ano em que a escritora visitou diversos locais na região, fato que acabou lhe rendendo um volume confeccionado à luz de um diário de viagem – *Jornadas no meu país* (1920). O carioca *A Noite* noticia a conferência no Theatro São Pedro, em Porto Alegre:

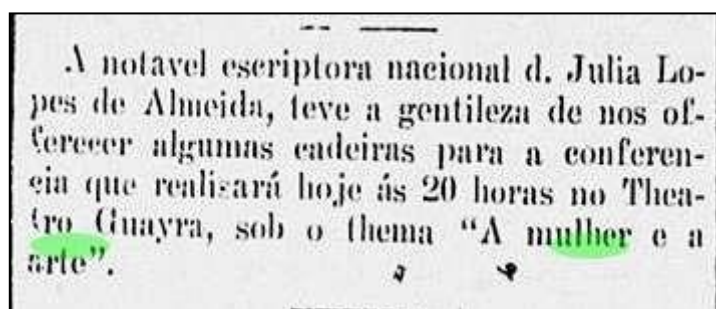
Figura 62 – Recorte da página 4 da edição 2300 de *A Noite*



Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

Em 27 de julho de 1918, o paranaense *A República* divulga a conferência a se realizar naquele mesmo dia, no Theatro Guayra, em Curitiba, como mostra a figura 63:

Figura 63 – Recorte da página 3 da edição 178 de *A República*



Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

Ainda em julho de 1918, outro periódico noticia a conferência de Júlia Lopes de Almeida. De acordo com Campello (2007), o riograndense *Corymbo* divulga a presença da escritora na cidade de Bagé, entre os dias 13 e 14 de julho daquele ano. Em *Jornadas no meu país* (1920), há um capítulo²¹⁰ dedicado à cidade de Bagé, evidenciando a presença de Júlia

²¹⁰ O capítulo 35 recebe o nome da cidade, inclusive.

Lopes de Almeida na cidade: “Nos pouquíssimos dias em que me demoro em Bagé, assisto a duas grandes festas em dois deles” (p. 241). Novamente cabe ao periódico *A Noite* noticiar mais uma conferência “A Mulher e a Arte”, na capital federal, o Rio de Janeiro. O evento, feito em benefício da Casa de Santa Ignez, foi realizado no salão do Club dos Diários²¹¹, em 1919.

A Mulher e a Arte

A conferencia de D. Julia Lopes de Almeida em beneficio da Casa de Santa Ignez Quando estas linhas escrevemos, Júlia Lopes de Almeida, a escriptora patrícia que tao bellas obras nos tem dado, enriquecendo assim a literatura nacional, faz sua conferência “A mulher e a arte”, em beneficio da Casa de Santa Ignez, a novel instituição de proteção às moças solteiras. A assistência, que enche o salão do Clube dos Diários, onde se se acha instalada a Exposição de Arte feminina, também em favor dos cofres da referida instituição, ouve a palestra da festejada escriptora com especial atenção apreciando assim, na justa medida, o grande valor os bellissimos conceitos expendidos por D. Julia Lopes de Almeida, na dissertação em torno da Arte, excelsa, e da Mulher, perfeita. (Edição 2810, p. 4).

É Campello (2007, p. 123) quem debate a conferência e os possíveis propósitos da escritora, dentre os quais estão a educação e a inserção da mulher no espaço público:

Escritora e educadora perspicaz, ela não poderia deixar de sublinhar a relevância da educação para a mulher de seu tempo como meio mais curto para que, livre das imposições sociais, a mulher viesse a realizar-se no espaço público.

Ao falar sobre a relação entre a mulher e a arte por ela produzida, Campello indica que Júlia é assertiva e questionadora, evidenciando um certo grau de descontentamento e uma espécie de manifesto:

Por mais imperiosa que seja a vocação das mulheres na arte quando a professam ficam quase sempre no meio do caminho.

(...)

Para uma mulher conseguir em arte metade do que consegue um homem, de igual talento e igual vontade, tem que despende o décuplo do esforço. (Almeida *apud* Campello, 2007, p. 123).

Adiante, no texto, Júlia Lopes de Almeida disserta a respeito do talento das mulheres, o qual estava sujeito às limitações do sexo -feminino- impostas pela sociedade patriarcal:

É evidente que nem estas escritoras nem todas as outras que de algum modo tenham recebido manifestações de apreço, quer das academias quer dos governos dos seus respectivos países, como muitas da França condecoradas com a Legião da Honra, foram agraciadas pelo simples motivo de serem senhoras, mas porque não lhes

²¹¹ Localizado no Rio de Janeiro, o local ficou famoso por receber celebridades e políticos. Um desses visitantes foi o então presidente estado-unidense Theodore Roosevelt, que foi recebido pelo Secretário do Exterior Lauro Severiano Muller, em 1913. (Fonte: Library of Congress).

puderam negar o que elas conquistaram à força do talento, que não tem sexo, embora o mundo teime em vesti-lo de calças quando o quer adular! O das mulheres, como disse o poeta Castilho-, foi atirado para a roda dos enfeitados...mas da roda ou do cárcere, quando tenha nascido com o filão luminoso do sonho, ele desertará cedo ou tarde, torcendo grades ou arrancando fechaduras. (Almeida *apud* CAMPELLO, 2007, p. 124).

Além de terem noticiado a conferência e alguns²¹² terem dedicado algumas páginas para falar da presença da escritora, os periódicos nos quais “A Mulher e a arte” foi divulgada prestaram certos tipos de homenagens à Júlia Lopes de Almeida. No paranaense *A República* há um poema, na primeira página da edição 177, intitulado “A Mulher e a Arte”, de autoria de I. Serro Azul²¹³, dedicado à escritora:

Figura 64 – Recorte da 1ª página da edição 177 de *A República*



Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

²¹² Especialmente aqueles do sul do país, a exemplo do riograndense *Máscara* (1918-1928) e de *O Dia* (1901 - 1918), a respeito da viagem de Júlia Lopes de Almeida para o sul, na segunda metade da década de 1910.

²¹³ **Idelfonso Pereira Correia (1888-1949)**: filho do Barão de Serro Azul, comerciante que foi condecorado pela Princesa Isabel e recebeu o título de Barão, em 1888. I. Serro Azul foi poeta, humorista, romancista e autor teatral e ocupante número 1 da cadeira 8 da Academia Paranaense de Letras. Para a imprensa, tornou-se um colaborador assíduo em diversos jornais paranaenses, incluindo *A República*. Foi ainda nomeado fiscal do Ensino Secundário do Estado de São Paulo, local onde faleceu em 1949. (Fonte: Academia Paranaense de Letras e Agência Câmara de Notícias).

A Mulher e a Arte
Ao coração de d. Julia Lopes de Almeida

A alma feminina em sua glória intensa
Reparado um astro encantado e supremo
- A bondade é uma flor que tem consigo a imensa
Luz que nasce de um beijo e à cuja luz eu tremo!

Este caminho da Arte é feito pr'a quem pensa
E eu nesta ancia, enorme, atribulado, gemo
Sem que, Senhora, eu saiba alguém em que instantes vença
Quando não há talento, esse soluço extremo

E é por isso que eu dóbro ante si meu joelho,
Eu que possuo o meu orgulho infinito e vermelho
E a vaidade que tem um escriptor qualquer...

Quem é a mãe de um Poeta e de outro Poeta esposa
Dentro de um brilho infindo a sua estrela repousa: Um
lírio se transforma em alma de mulher

Embora trate-se de um texto laudatório, mais uma vez, fica evidente a relação patriarcal e codependente do talento da mulher, ainda que essa mulher seja uma das escritoras mais populares da Primeira República: a escrita de Júlia Lopes de Almeida converge, e não irradia, aos escritos de seu filho-neste caso Afonso Lopes de Almeida, que foi poeta- e de seu marido, o poeta e jornalista Filinto de Almeida.

Contudo, Júlia Lopes de Almeida tornou-se um referencial para a “boa”²¹⁴ escrita feminina, bom comportamento de mulher e ainda um modelo de esposa e mãe. De acordo com o texto de Olga de Moraes Sarmiento²¹⁵, em 1918 Júlia Lopes de Almeida integrou um comitê literário²¹⁶ que premiou outras escritoras brasileiras. O feito foi divulgado na edição 6 da *Revista da Semana*:

²¹⁴ Aqui refiro-me aos críticos literários da Primeira República que classificavam determinadas escritoras e suas obras como inapropriadas e inadequadas para a leitura de senhoras. O volume *Lésbia*, como citado anteriormente, enquadrou-se nessa lista de obras inadequadas.

²¹⁵ **Olga de Moraes Sarmiento (1881-1948)** foi uma escritora Portuguesa que colaborou com alguns periódicos no Brasil, como os cariocas *Revista da Semana* e *A Época*, ao lado de outras nativas, a exemplo de Ana de Castro Osório e Maria Branca de Conta Golaço. Residente em Paris na maior parte da vida, realizou diversas conferências no estrangeiro e foi membro do Instituto de Coimbra, além de diretora da Revista Sociedade Futura (PT). É memorada, especialmente, por sua primeira criação literária, a obra *Problema Feminista* (1906).

²¹⁶ O comitê integraria a premiação da francesa *Revista Vie Heuresse*. O periódico foi fundado em 1902 por Messrs Hachette, escritora e editora francesa. Já em 1904 o magazine estabeleceu uma premiação anual para os trabalhos de imaginação (literária), selecionados por um comitê de mulheres escritoras. No final da década de 1910, Hachette propagou a ideia e passou a oferecer prêmios similares em países aliados, a exemplo de Portugal.

Figura 65 – Recorte da edição 6 da Revista da Semana

Além do premio pecuniario, o livro será immediatamente traduzido em francez e os direitos de auctor serão pagos. Julgamos ter prestado o melhor serviço que poderíamos prestar em terra estrangeira (defendendo esta *causa* com amor e entusiasmo) aos nossos sempre queridos Portugal e Brasil, cujo *comité*, sob a presidencia de D. Julia Lopes de Almeida, e organizado pela delegada de *Femina—Vie Heureuse*, Mme. Selda Potocka, em breve será oficialmente annuciado, desde já podendo adiantar que delle fazem parte as mais illustres escriptoras brasileiras.

Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

Muito embora não tenha sido possível o acesso a maiores informações a respeito do comitê, alguns pontos da publicação da *Revista da Semana* merecem destaque. O primeiro refere-se ao engajamento de Júlia Lopes de Almeida com a literatura e o espaço público português. A escritora comunga, ao longo dos anos em que escreve, com a literatura portuguesa tendo sido preterida em eventos, periódicos e magazines sobre literatura. Na edição 173 da *Revista Seara Nova*, é possível observar tal posição alcançada pela escritora:

O grande público português sabe que Dona Julia Lopes de Almeida é a primeira romancista do Brasil: mas a sua vasta obra, infelizmente, pouco conhecida entre nós. A carestia do livro brasileiro faz com que ele não venha para o nosso país, e ainda se nao pensou em organizar as cousas de maneira que se edite aqui uma parte dos escriptores do Brasil. Faz a SEARA NOVA Votos para que esta situação se modifique, e para que as condições materiais passem a ajudar-nos a encarar toda a literatura em lingua portuguesa como uma unica literatura, como e logico e natural. Se a obra de Dona Julla Lopes de Almeida não esta divulgada entre nós como tanto conviria que estivesse, o público conhece muito bem sua filha, Dona Margarida Lopes de Almeida, a diseuse que sabe dar a quanto recita muito relevante e plástica expressão. Foram escritas pela tão humana e nobre romancista, para serem recitadas por sua filha, as três “Páginas Curtas” inéditas que nos honramos de publicar hoje. (p. 67).

Um outro exemplo da imagem preterida de Júlia Lopes de Almeida em terras portuguesas é a própria inauguração do busto da escritora na capital, Lisboa, em 1953, 19 anos após sua morte. O feito é noticiado na *Revista Municipal*, cujo texto é uma reprodução dos discursos do Presidente da Câmara Municipal de Lisboa e de Antonio C. Caldeira Coelho²¹⁷, governador de Funchal, cidade localizada na ilha da Madeira, no litoral português.

²¹⁷ **António Deslandes Correia Caldeira Coelho (1888-1979)** nasceu em Lisboa em 1888. Foi advogado, magistrado judicial e diplomata, além de governador civil de Funchal – Ilha da Madeira, nomeado em 1933. (Fonte: Arquipelagos- Personalidades).

Depois das consagrações de Olavo Bilac, o grande poeta, e de João do Rio, o cintilante cronista, a Câmara Municipal de Lisboa, presta hoje homenagem a mais um alto valor das Letras brasileiras - a notável romancista Júlia Lopes de Almeida, nobre espírito de Mulher e de Escritora, em cujo coração e em cuja inteligência Portugal encontrou sempre um lugar de eleição.

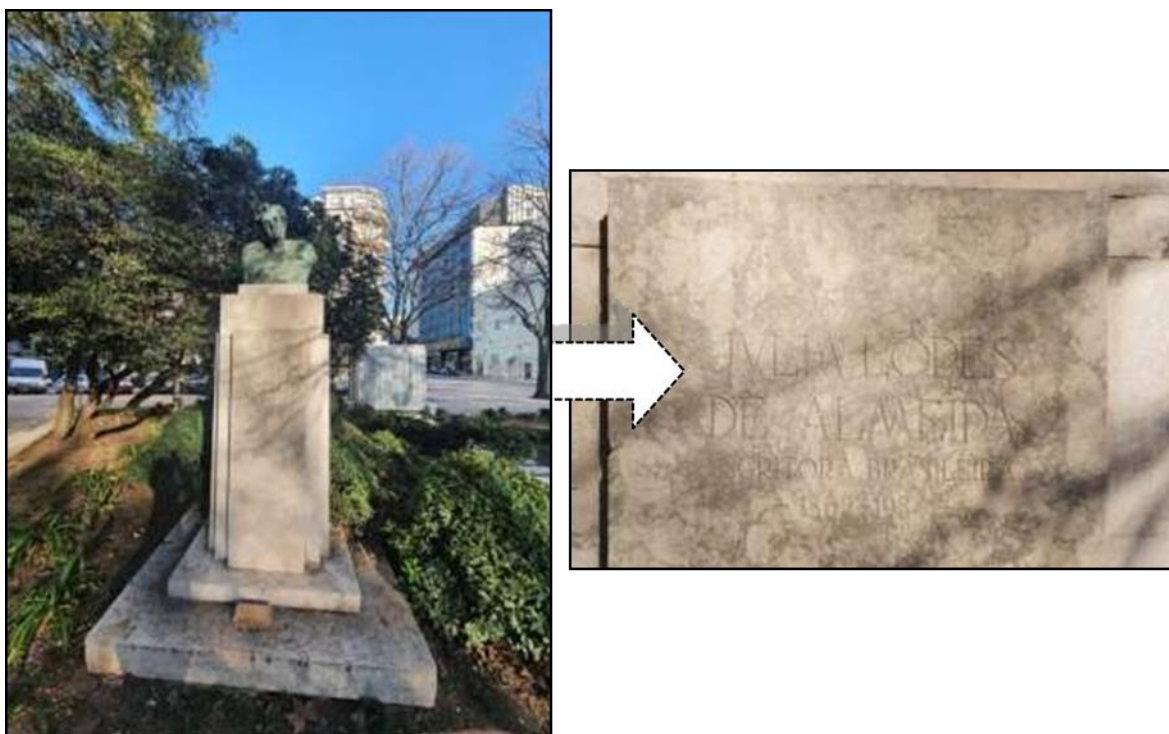
(...)

Não admira portanto que numeras mulheres brasileiras, entre as quais algumas de grande projecção intelectual tivessem secundado a iniciativa de D. Oliva Cabral, grande admiradora de Júlia Lopes de Almeida, para que fosse enviado às mulheres portuguesas uma réplica do busto há tanto existente no Rio, como ato expoente das qualidades e virtudes das mulheres do Brasil pois melhor do que ninguém, podia D. Júlia representar aquelas, dados os laços de sangue português que lhe corria nas veas e a sua devoção constante a Portugal.. (*REVISTA MUNICIPAL*, edição 56, p. 73-77).

Não apenas o fato de Júlia Lopes de Almeida ter sido reconhecida e figurar concretamente na capital portuguesa nos chama atenção. Ainda, as comparações com Olavo Bilac e João do Rio, dois nomes de relevância no cenário literário brasileiro, parecem ter sido postas para circunscrever uma espécie de reparação literária para com a escritora e sua importância nas Letras Portuguesas.

As figuras 13 e 14 a seguir mostram o busto da escritora localizado no Jardim Gomes de Amorim, região nobre em Lisboa. Na primeira, uma visão panorâmica da localização espacial no jardim e na segunda, a inscrição na base de concreto, que contém nome completo, data de nascimento e morte, e ainda, “Escritora Brasileira”:

Figuras 66 e 67 – Busto de Júlia Lopes de Almeida em Lisboa, Portugal



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O segundo ponto da publicação da *Revista da Semana* que recebe destaque tem relação com a premiação em si. A Revista *Vie de Heureuse* foi a primeira a ter a iniciativa de premiar obras de escritoras. Uma das premiadas, no ano de 1928, foi Virginia Woolf, por seu *To the lighthouse*²¹⁸, publicado em 1927. Em estudo acerca da imprensa francesa, Rachel Mesch (2013) indica a importância de publicações como a *Vie de Heureuse* e de *Femina*, periódico também publicado por Merss Hachette, editora de *Vie de Heureuse*. De acordo com a autora, os magazines operaram na construção do que chama de *femme moderne*:

(...) a shift in the way of thinking about feminine possibilities, and in the way French women were encouraged to imagine themselves and their potential. This book is about the significance of that imaginative work, which moved women forward by offering them an airbrushed view of their present, thus raising the bar in terms of what they expected of themselves. (p. 29)

(...)

Femina and *La Vie heureuse* constructed a new kind of reflective woman reader, who was seen not just as a consumer of goods, but of culture and literature. Part of Belle Epoque literary feminism's most important work and its appeal- was to make its devoted lectrices into veritable collaboratives, an outcome that, by both magazines own admission, was both welcome and unexpected. (p. 35)²¹⁹

Femina reivindica, em 1909, a criação de uma academia feminina²²⁰ e, embora tenha tido um número expressivo de respostas positivas – mais de 6 mil – o projeto não foi adiante²²¹. Alguns críticos apontam, nesse sentido, a criação de prêmios literários como uma forma de legitimar e adquirir a consagração a que as mulheres escritoras almejavam.

“Now that's the right kind of feminism.” Indeed, the literary realm turned out to be the domain in which the editors of both magazines felt most comfortable directly exhorting women towards change, the kind that would be “favorable to women's interests,” offering benefits “on a grand scale that would include other realms.” Both *Femina's* and *La Vie Heureuse's* feminist leanings found their most natural outlet in this “femino-literary” realm-poised between public and private roles. My own terminology, Belle Epoque literary feminism, thus designates not just a mode and an

²¹⁸ No Brasil, recebeu o título *O Farol*.

²¹⁹ (...) uma mudança no pensamento sobre as possibilidades do feminino, e na maneira como as mulheres francesas foram encorajadas a imaginar a si próprias e seus potenciais. Esse livro é sobre o significado desse trabalho imaginativo, que levou as mulheres adiante, lhes oferecendo uma nova perspectiva a respeito de suas realidades, elevando, assim, suas aspirações no que refere às suas próprias expectativas.

(...)

Femina e *La Vie heureuse* construíram uma nova modalidade de leitora reflexiva, que era vista não apenas como uma consumidora de bens e serviços, mas também de cultura e literatura. Uma parte do trabalho mais relevante da literatura feminista da Belle Epoque foi fazer transformar suas leitoras devotas em genuínas colaboradoras. Um resultado que, em ambas revistas sob análise, era bem-vindo e inesperado. (Traduzido pela autora).

²²⁰ Curiosamente, o título do artigo de *Revista da Semana* é “Uma sessão agitada numa Academia Francesa”.

²²¹ Ver Mesch (2013).

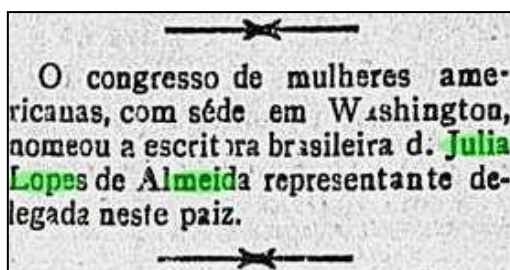
ideology, but also the nature of female achievement for which the magazines most vividly and successfully advocated. (MESCH, 2013, p. 52).²²²

Neste sentido, ter o nome de Júlia Lopes de Almeida figurando como presidente de um dos comitês da *Femina* pode nos dizer mais a respeito de sua posição favorável ao pleito de um reconhecimento literário para as mulheres escritoras. Retomando o inquérito de João do Rio (1907), a opinião de Júlia Lopes sobre questões feministas da época²²³ é apresentada de forma irônica, quando comenta o convite para colaborar em uma revista feminina e o aparente “descaso”:

- E o feminismo, o que pensa do feminismo?
Parece-me ver nos olhos de D. Júlia um brilho de vaga ironia.
- Sim, com efeito, há algumas senhoras que pensam nisso. No Brasil o movimento não é, contudo, grande. Acabo de receber um convite da Júlia Cortines para colaborar numa revista dedicada às mulheres. Descanse! Há uma seção de modas, é uma revista no gênero da *Femina*... (Rio, 1908, p.33)

Na edição 210 do maranhense *Pacotilha*, há menção à uma indicação de Júlia Lopes de Almeida para representar o Brasil no Conselho de Mulheres Americanas, como mostra a figura 68 a seguir:

Figura 68 – Recorte da página 6 da edição 210 de *Pacotilha* (MA)



Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

Acredita-se que o congresso de mulheres ao qual a notícia se refere trate-se do

²²² “Agora esse é o tipo certo de feminismo”. De fato, o espaço literário acabou sendo o domínio pelo qual os editores das duas revistas se sentiram mais confortáveis em encorajar as mulheres à mudança, um tipo que seria “favorável aos interesses das mulheres”, oferecendo benefícios “em larga escala, o que incluiria outros espaços”. Tanto as inclinações na *Femina* quanto as na *La Vie Heureuse* encontraram o percurso mais natural nesse espaço feminino-literário entre o público e o privado. O feminismo literário da Belle Epoque, minha terminologia própria, designa, em consequente, não apenas um modo e uma ideologia, mas também a natureza das conquistas femininas pelas quais as revistas intensamente e efetivamente defenderam. (Traduzido pela autora).

²²³ Intimamente conectadas ao espaço doméstico, as reivindicações para as mulheres nos primeiros anos do século XX – notadamente na primeira década – sublinham a emancipação moral e a educação femininas. Contudo, essas questões emancipatórias estavam atreladas à função doméstico-maternal, uma vez que mulheres precisariam educar-se para que pudessem acompanhar e/ou orientar os filhos no percurso educacional. (ROSEMBERG, 2013).

*International Council for Women*²²⁴, fundado em 1888 por Susan B. Anthony, uma das líderes do movimento sufragista nos Estados Unidos. O conselho, composto por organizações nacionais e associações afiliadas, pleiteava, sobretudo, o voto feminino. De acordo com as informações coletadas na Biblioteca do Congresso Americano²²⁵, a primeira reunião do Conselho aconteceu em Washington, no final do século XIX.

Tendo Júlia Lopes de Almeida se associado, como exposto no 1º capítulo deste trabalho, à Legião da Mulher Brasileira, em 1919, e a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (1922), além de ter integrado outras associações de assistência²²⁶ às mulheres, operamos com a hipótese de que Júlia Lopes foi convidada a integrar o *International Council for Women* muito por este momento - o final da década de 1910- se tratar de um momento de maturidade de sua escrita e um certo posicionamento político e social com relação aos movimentos reivindicatórios das mulheres.

Outro ponto que nos fornece indícios é a I Conferência Brasileira de Mulheres pelo Progresso Feminino, organizada por Bertha Lutz, na qual estiveram presentes além das mulheres que integravam a FBPF, Carrie Chappman Catt, a primeira a presidir o Conselho de Mulheres Americanas. (AZEVEDO, 2015).

No âmbito da escrita ficcional de Júlia Lopes de Almeida, realçamos a construção de suas personagens femininas. De maneira geral, as mulheres são as protagonistas dos romances Almeidianos. Sua narrativa, embora concebida no lar, um *lar de artistas*²²⁷, rompe com as limitações das mulheres a seres fragilizados e flutuantes. Constitui, no núcleo de sua obra, personagens femininas dispostas e conscientes de sua posição na casa e na sociedade, a exemplo da esposa adúltera e entediada Camila em *A falência*, da obstinada Eva de *A família Medeiros* ou ainda da determinada e escandalosa Silveirinha, de *A Silveirinha*²²⁸.

Júlia Lopes de Almeida apresenta, em seus romances, a posição da mulher frente às

²²⁴ Conselho Internacional de Mulheres. Durante a pesquisa acerca do assunto, foi possível observar outra nomenclatura para o conselho – *National Council of Women of the United States*. Neste trabalho, preteriu-se o anterior, por se tratar de uma perspectiva mais abrangente, uma vez que amplia para outros espaços que não o nacional.

²²⁵ Library of Congress. Disponível em: <<https://www.loc.gov/item/93838356/>>.

²²⁶ A exemplo da Associação da Mulher Brasileira em 1916 e da Sociedade de Beneficência Portuguesa.

²²⁷ O trecho refere-se à forma como o escritor João do Rio trata a residência do casal quando presta uma visita à escritora e ao marido, Filinto de Almeida, no começo do século XX.

²²⁸ O romance, publicado em 1914 pela Francisco Alves, causou alvoroço entre a sociedade católica da época. A narrativa gira em torno de relações estranhas, o que Júlia Lopes de Almeida chama de *flirts religiosos* entre a figura do padre e as moças distintas, carolas da cidade de Petrópolis, local onde se desdobra a trama. Telles (2012) comenta que a personagem Silveirinha é uma mulher forte, tanto que chamam seu pai de “pai da Silveirinha”.

instituições sociais – casamento, maternidade -, por meio de sentimentos e ações - arrependimento, traição, morte, moral, educação, amor, posição social, anseios, trabalho, entre outros. Assim, como reitera Lobo (2006, p. 160), se solidificou, ao longo do século XIX, como uma escritora que imprimia um retrato realista da sociedade brasileira à época, apresentando esta temática “do ponto de vista da personagem ou narradora feminina”.

Na obra *Almeidiana*, as personagens femininas têm suas vidas transformadas por algum evento divisor-de-águas, algo que estabelece um certo tipo de epifania, condição que as leva à mudança quase que inevitável. Grosso modo, as personagens vivem condições comuns às mulheres da elite de seu tempo e estrato social no início da trama e, ao longo da narrativa, deparam-se com eventos em que é preciso que suas identidades e olhares para o mundo que as rodeiam sejam uma forma de emancipação moral, o que geralmente ocorre pela educação e/ou pelo trabalho.

Cândido (2014, p. 54), em seu ensaio a respeito da personagem de ficção, comenta que na leitura nos romances:

(...) fica uma impressão duma série de fatos, organizados em um enredo, e de personagens que vivem esses fatos. É uma impressão indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas que as enreda, na linha de seu destino

(...)

O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam.

Assim, entendemos que tanto a construção das personagens de Júlia Lopes de Almeida quanto o enredo que as definem e as constituem podem ser não apenas representações de uma realidade expressa pela obra, mas também uma tentativa, uma estratégia para disseminação de determinados valores e modos de ser e agir de mulheres da Primeira República. Apesar de estarmos nos referindo a um nicho específico²²⁹ da sociedade, que constituiu o público leitor da obra *Almeidiana* e do mesmo se tratar de um corpus majoritariamente feminino, convém ressaltar que foi esse o grupo que paulatinamente iniciou uma das faces do movimento feminista na luta por educação, trabalho e voto.

Dos seus 10 romances, apenas em *Pássaro Tonto* (1934), não se observa a transgressão da personagem feminina. Embora seja por alguns críticos considerado um romance

²²⁹ Heller (2006) define um certo perfil de mulher leitora das obras de Júlia Lopes de Almeida: branca, casada, conhecedora de livros europeus – principalmente os franceses -, e acima de tudo, alguém que saberá transmitir à prole o conhecimento adquirido pela leitura.

pormenorizado, justamente por apresentar características incomuns às mulheres de Júlia Lopes de Almeida, *Pássaro Tonto* aborda questões de natureza política e social, além de críticas ao estrangeirismo e uma apologia à mulher moderna

Na contramão da ficção romântica da qual Júlia Lopes de Almeida solidificou boa parte de sua carreira como escritora, Pássaro tonto foge da fórmula sublinhada por Tinhorão (1994) como base para a produção do romance: enredos em torno de um trio de personagens típicos - a vítima, o vilão e o herói ou vingador; a trama que se desenrola com a ação do herói que salva a vítima e aniquila o vilão. O antagonismo herói x vilão é, ainda segundo o autor, 1/3 trivial nos enredos românticos, mas não em Pássaro tonto. Lalita não é vítima, vilã ou heroína. A abordagem de temas incomuns na literatura romântica da época faz da obra um romance crítico – aos costumes, aos comportamentos, aos movimentos literários, à política, à mulher moderna sem apresentar, entretanto, o clássico embate entre o bem e o mal. (PINTO,2020, p. 2-3).

Apesar do amplo investimento na circulação de sua obra e ideais, ainda que estejamos tratando de uma das mais renomadas escritoras da Primeira República, talvez a única a figurar no rol de escritores reconhecidos pela crítica literária vigente da época e certamente a mulher que mais produziu em termos quantitativos em espaços diversos, à Júlia Lopes de Almeida coube, ao lado de tantas outras mulheres escritoras, uma posição coadjuvante.

Coadjuvou, ainda em vida, quando foi tratada como a escritora a quem às senhoras - apenas- deveriam ler; quando não fora convidada à Academia Brasileira de Letras, muito embora tivesse participado ativamente na constituição da mesma; e, após sua morte, quando foi delegada à galeria dos esquecidos da literatura nacional. Duarte (1997, p. 89) comenta sobre a representatividade das mulheres na literatura e fala das

(...) dificuldades que as escritoras – e artistas em geral – enfrentaram no século [XIX] e no até nas primeiras décadas do [XX], para se imporem numa sociedade que se recusava a aceitar a concorrência feminina, em qualquer dos seus domínios. As relações entre os sexos eram, antes de tudo e sem sombra de dúvida, relações de poder e marcaram de forma inequívoca a história social e cultural de um povo, comobem se pode constatar.

Retomando Woolf (2014) e a metáfora do gato sem rabo²³⁰, podemos problematizar ainda mais este lugar ocupado por mulheres na gênese da literatura do Brasil. Tal como um gato

²³⁰ Em *Um teto todo seu*, Woolf apresenta a figura do gato sem rabo para caracterizar as mulheres. Durante um jantar com membros do que considera alto calão, a personagem “Mary Seton”- concebida na historiografia como *alter ego* de Woolf, por seu interesse na ficção escrita por e sobre mulheres-, vê um gato sem rabo passar pelo gramado. Embora a rápida passagem do animal não tenha causado nenhum tipo de transtorno ou comoção às pessoas presentes, Mary Seton reflete à luz da figura do animal pitoresco: “Teria ele nascido assim ou perdera o rabo em um acidente? (...) É um animal ridículo, esquisito em vez de bonito. É incrível a diferença que um rabo faz.” (WOOLF, 2014, p. 25).

sem rabo, sem rastros, presença ou elegância, a escrita feminina parece configurar-se nesse cenário apenas como uma sombra. Apesar de seus esforços e sacrifícios, a relação entre mulheres e ficção tal qual os homens escritores parece mais uma obra de ficção, uma vez que a constituição do cânone literário se deu a partir de pressupostos excludentes e patriarcais, como será exposto a seguir.

2.3 Apagamento e emersão: as relações entre Júlia Lopes de Almeida, o cânone e o Gremio Litterario Julia Lopes

Quando Dinah Silveira de Queiroz²³¹ foi eleita, em 1980, a ocupar uma cadeira²³² na Academia Brasileira de Letras, tornando-se a segunda²³³ mulher a ocupar tal espaço, proferiu um discurso intitulado “Vozes d’África”, que convinha uma espécie de revisita à obra daqueles²³⁴ que antes ocuparam aquela cadeira, e as relações com o continente africano e à noção de pátria. Debruçou-se, ainda que sutilmente, na questão das mulheres na Academia, quando comentou

Faço aqui uma pausa. Quero perguntar, como principiou em mim a ideia da Academia? Foi durante um percurso de automóvel, quando eu havia recebido o Prêmio Machado de Assis. Meu tão saudoso Osvaldo Orico estimulou-me, dizendo-me que me apoiaria integralmente – o que fez – com elegância e fidelidade até a revogação do impedimento da entrada de escritoras na Academia. Gratíssima a ele como devedora, assim como à generosa acolhida nesta Casa. (Fonte: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS).

²³¹ **Dinah Silveira de Queiroz (1911-1982)** foi romancista, contista e cronista. Seu primeiro volume publicado recebeu o título de *Pecado*, seguido da novela *A sereia verde*, publicado pela *Revista do Brasil*, dirigida por Otávio Tarquínio de Sousa. O romance *Floradas na Serra*, publicado em 1939, a colocou em posição de destaque no cenário literário. O livro lhe rendeu o Prêmio Antônio de Alcântara Machado (1940), da Academia Paulista de Letras, e uma adaptação para as telas do cinema em 1955. Em 1954 publicou *A Muralha*, uma de suas obras de maior proeminência e projeção. Recebeu, no mesmo ano, o Prêmio Machado de Assis, ofertado pela ABL, pelo conjunto de sua obra. (Fonte: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS).

²³² Foi a 7ª a ocupar a cadeira de número 7, na sucessão de Pontes de Miranda.

²³³ A primeira mulher a ingressar na ABL foi a escritora Rachel de Queiroz, em 1977. Ocupou a cadeira de número 5, fundada por Raimundo Correia.

²³⁴ Como membro fundador, temos Valentim Magalhães, sucedido por Euclides da Cunha, Afrânio Peixoto, Afonso Pena Júnior, Hermes Lima e Pontes de Miranda. Atualmente a cadeira é ocupada pelo cineasta Carlos “Cacá” Diegues. (Fonte: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS).

Em resposta à sua gratidão e em um certo tom de manifesto, o acadêmico Raimundo Magalhães Júnior²³⁵ lhe faz um convite para uma viagem no tempo. Uma regressão que os levaria ao final do século XIX, momentos antes da instauração da Academia Brasileira de Letras (1897), momentos em que não era possível o ingresso de mulheres na instituição. Começa seu discurso elucidando a conjuntura a qual as mulheres estavam inseridas:

Que encontramos ao nosso redor? Um Brasil diferente, uma sociedade ainda manchada pela escravidão, um Rio de Janeiro geralmente mencionado como Corte do Império. Nele, as mulheres brasileiras aprendem a bordar e a coser, mas só as da elite privilegiada vão para os bons colégios de onde saem sabendo o francês necessário para ouvir e aplaudir as criações de Sarah Bernhardt²³⁶.

(...)

Em meados de 1881, o benemérito brasileiro F. J. Bethencourt da Silva cria no Imperial Liceu de Artes e Ofícios, do Rio de Janeiro, o primeiro curso destinado a moças. Até então, essa Instituição ao mesmo tempo alfabetizadora e profissionalizante só tinha alunos do sexo masculino.

(...)

Quando as primeiras estudantes começaram a ser matriculadas nas nossas escolas superiores, foram vítimas das zombarias masculinas, inclusive na comédia *As Doutoradas*, que em 1889, meses antes da Proclamação da República, muito fazia rir às mulheres tradicionalistas, escandalizadas com as sabichonas que queriam ser médicas e advogadas... – Comédia de autoria de França Júnior, talento cômico de primeira água e, por sinal, Patrono da Cadeira 12 desta Academia. (Fonte: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS).

Em seguida, comenta a respeito das grandes poetisas do fim do século, quando cita Francisca Júlia, Júlia Cortines e Zalina Rolim, figuras femininas já apresentadas neste capítulo. Na sequência, o acadêmico fala a respeito daquelas que tiveram o acesso negado à Academia apenas por pertencerem ao *sexo frágil*:

Foi justamente no fim desse ano de 1896 que se iniciaram as reuniões preparatórias para a criação da Academia Brasileira de Letras. Deve ser reconfortante, para vós, Sra. Dinah Silveira de Queiroz, saber que aqui estais ocupando a Cadeira que, na fundação desta Casa, coube a um partidário²³⁷ da inclusão das mulheres no rol dos acadêmicos. Citarei, a este propósito, um testemunho valioso, que é o de Lúcio de Mendonça, reconhecido por Machado de Assis, bem como por todos os seus contemporâneos, como o nosso verdadeiro Fundador. Três dias antes da primeira reunião preparatória, realizada na modesta e acanhada sala de redação da *Revista Brasileira*, dirigida por José Veríssimo, escrevia Lúcio de Mendonça em *O Estado*

²³⁵ **Raimundo Magalhães Júnior (1907-1981)** foi jornalista, biógrafo e teatrólogo. No âmbito da imprensa, foi secretário de *A Noite Ilustrada*, fez parte do grupo fundador do *Diário de Notícias*, diretor das revistas *Carioca*, *Vamos Lêr* e *Revista da Semana*; além de redator de *A Noite* desde 1930. Teve ainda carreira nas folhas internacionais, colaborando no *The New York Times*, *Pan-American Magazine*, *American Mercury* e *Theatre Arts*. (Fonte: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS).

²³⁶ Atriz francesa que na década em questão já havia se popularizado por sua autenticidade e ousadia nos palcos. Ainda no final da década de 1886, esteve no Brasil para participar do espetáculo “Cleópatra”. (MOURA, 2017).

²³⁷ Dentre os membros fundadores, destacam-se Valentim Magalhães, ao lado de Lúcio de Mendonça, Filinto de Almeida, Afonso Celso e João Ribeiro.

de S. Paulo um artigo em que deixava bem patente a intenção de admitir, neste Grêmio, os grandes talentos femininos das nossas Letras.

Esse artigo, que foi a terceira de suas “Cartas literárias” para a grande folha paulista, terminava com a enumeração dos 40 nomes²³⁸ que lhe pareciam dignos de figurar entre os fundadores da nova Instituição. Dos 40 nomes por ele citados, 24 se tornaram fundadores e 3 nela ingressaram posteriormente. E entre esses nomes estava o de uma grande escritora brasileira, reconhecida como a maior do seu tempo. (Fonte: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS).

Essa grande escritora a que Raimundo Magalhães Júnior se refere é Júlia Lopes de Almeida. Curioso pensar que o nome da romancista figura na lista eleita por Lúcio de Mendonça suprimindo alguns nomes de relevo do final do século XIX, a exemplo de Aluísio Azevedo, Sílvio Romero e Raimundo Correia, para citar alguns.

A intenção de Lúcio de Mendonça parece ter sido a de demonstrar que Júlia Lopes de Almeida fora a grande injustiçada, por ocasião da constituição da Academia Brasileira de Letras, filha rebelde, que logo escapara ao controle paterno. (Fonte: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS).

Lúcio de Mendonça era não apenas um admirador do casal Almeida, mas amigo e frequentador da casa da família. Machado (2002) sublinha que, no início do século XX, a intelectualidade carioca, concentrada em Santa Tereza, se fundia como uma entidade única. Os intelectuais não apenas comungavam de ideais ou posições no espaço público, mas também tinham um papel fundamental na divulgação de seu próprio trabalho e do trabalho daqueles que compunham o seu nicho.

Ao lado de Valentim Magalhães e sobretudo Filinto de Almeida, Lúcio de Mendonça posicionou-se veemente na defesa do ingresso – justificado – das mulheres na ABL. A brecha, que ampliava os artigos do estatuto que regia a ABL, estritamente pensados aos moldes da Academia Francesa, fixou-se na inscrição “brasileiros” no segundo artigo, usada para denotar aqueles que poderiam compor o seletíssimo grupo de imortais.

Art. 2º - Só podem ser membros efetivos da Academia os brasileiros que tenham, em qualquer dos gêneros de literatura, publicado obras de reconhecido mérito ou, fora desses gêneros, livro de valor literário. As mesmas condições, menos a de nacionalidade, exigem-se para os membros correspondentes. (Fonte: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS).

²³⁸ Adolfo Caminha, Afonso Celso Júnior, Alberto de Oliveira, Alberto Silva, Alcindo Guanabara, Araripe Júnior, Artur Azevedo, B. Lopes, Capistrano de Abreu, Carlos de Laet, Coelho Neto, Eduardo Salomonde, Escragnolle Dória, Escragnolle Taunay, Eunápio Deiró, Ferreira de Araújo, Graça Aranha, Guimarães Passos, Inglês de Sousa, Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Júlia Lopes de Almeida, Luís Delfino, Luís Murat, Machado de Assis, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Osório Duque-Estrada, Pedro Rabelo, Ramiz Galvão, Rodrigo Octavio, Rui Barbosa, Silva Ramos, Teixeira de Melo, Urbano Duarte, Valentim Magalhães, Virgílio Várzea e Xavier da Silveira.

Enquanto Lúcio de Mendonça e seus companheiros acreditavam ser o termo mais abrangente, isto é, consideravam homens e mulheres, outros membros resistiam a essa possibilidade, tais como Silva Ramos e Sílvio Romero. Em 1930, a respeito da candidatura de Amélia Beviláqua, alguns acadêmicos, como Roquete-Pinto, mostraram uma posição de pouca assertividade em suas declarações de voto:

Estou convencido de que a Academia só poderá lucrar admitindo no seu Grêmio as senhoras que se dedicam às Letras e tenham alcançado, pelo talento e pela cultura, posição eminente entre os intelectuais do País. As minhas ideias, a respeito das justas aspirações femininas, são conhecidas. (Fonte: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS).

Outros, como Laudelino Freire, tiveram sua opinião divulgada na imprensa. No artigo publicado no *Jornal do Commercio* em 26 de julho de 1930, 2 meses após a candidatura da escritora, e intitulado “As candidaturas femininas e um parecer do Sr. Laudelino Freitas”, é exposta a questão e a posição favorável do acadêmico ao ingresso de mulheres à Academia:

O Sr. Laudelino Freire enviou à mesa a seguinte indicação: “A preliminar aqui formulada a propósito da candidatura da ilustre escriptora Sra. Amélia de Freitas Beviláqua à vaga de Alfredo Pujol, teve, a meu ver, solução desacertada e injusta. Tratando-se de um assunto da maior importância, visto que envolve direitos de terceiros, convirá que a Academia pondere de novo sobre a matéria, afim de que não fique a prevalecer, caso realmente seja errada, a interpretação sumariamente dada ao artigo 2º dos Estatutos em virtude da qual estarão para sempre fechadas as portas da Academia às escriptoras brasileiras.

A conclusão a que inapropriadamente chegamos de que a palavra ‘brasileiros’ usada naquele artigo, só se refere à escriptotes do sexo masculino, impressionou a opinião culta do país.

(...) Tudo, como se vê, está a indicar que o assumpto pela sua importância e pela forma irregular por que foi resolvido, deve ser novamente considerado.

(...) Quando o código civil, art. 2, institui: -Todo homem é capaz de direitos e obrigações, põe à parte as mulheres? Até hoje se julgava que a designação abrangia todos os indivíduos da espécie humana, sem distinção de sexos... (s.p).

Spencer Vampré²³⁹, membro da Academia Paulista de Letras, complementa o texto comentando a respeito da literatura como uma cultura sem sexo:

A cultura literária não tem sexo; a mentalidade feminina atinge por vezes as culminâncias do pensamento... é profundamente lamentável o gesto da Academia Brasileira de Letras, mas estou certo de que ela voltará atrás premida pelos danos dos homens bons, amigos da justiça, isso que fizeram foi uma violência aos textos da lei, o ato de decoro da intelligentsia acadêmica. (s.p).

²³⁹ **Spencer Vampré (1888- 1964)** foi advogado, jornalista, conferencista, juriconsulto. Atuou como Professor na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP) entre 1917 e 1925, onde foi também nomeado diretor da faculdade. Foi ainda eleito deputado estadual em 1923.

Anos antes, o assunto ao qual Spencer Vandré se referiu já era pauta para a imprensa literária e de variedades. Em 1919, o suplemento *Jornal da Semana* do riograndense *Máscara* publicou uma nota suscitando uma possível candidatura de Júlia Lopes de Almeida à ABL. Embora não haja, nos documentos oficiais da Academia ou no espólio da escritora uma indicação a este movimento, é importante pensar no texto como uma reivindicação, uma urgência:

Figura 69 - Recorte da edição 43 de Máscara, p.27 e 28

Uma academica?

D. Julia Lopes de Almeida, a talentosa e admirada escriptora patricia que honra a mentalidade feminina brasileira, acaba de apresentar a sua candidatura á Academia Brasileira de Letras.

A Academia, elegendo-a, faria um acto de justiça ao seu fecundo talento e traduziria a admiração imensa em que todo o paiz tem a mais querida das suas romancistas a mais de romper com o tolo preconceito que até aqui tem excluido

as mulheres escriptoras dos centros litterarios officiaes.

Que isto além de uma grave injustiça á pessoa mesma da escriptora, importa numa tremenda injustiça social, que prohibindo ás mulheres de talento a possibilidade de exercer a sua benefica influencia sobre os espiritos, negando-lhe um



título que sancione e reforce o seu prestigio pessoal.

De mais a sagração official pela Academia do nome de D. Julia Lopes não importa, como se poderia pensar, num appoio, mesmo indirecto, ao suffragismo aos femenismos «outrés», pois toda gente conhece as opiniões da distincta escriptora sobre esse grave problema, e sabe a mais que as suas virtudes domesticas e a sua sentimentalidade tranquilla, a incompatibilizam com todas as doutrinas que tendam a afastar a mulher das suas nobres funcções de esposa e de mãe, de encanto do lar.

Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

A respeito do anúncio, contudo, convém destacar a relação posta entre a escritora e os movimentos em prol dos direitos das mulheres no início do século. A imagem da escritora como um exemplo de esposa, mãe e mulher tornou-se uma constante. Mesmo com o reconhecido talento para a escrita, Júlia Lopes de Almeida, de acordo com a nota em *Máscara*, estaria aquém dos ideais feministas, uma vez que já era sabida sua opinião a respeito do movimento²⁴⁰, tomada em diferente perspectiva em relação à educação e ao trabalho das mulheres.

Em “A roupa da Rachel”, destacado estudo de Heloísa Buarque de Hollanda²⁴¹ a respeito do ingresso de Rachel de Queiroz à ABL em 1977, a escritora faz menção à Júlia Lopes de Almeida e à Amélia Bevilácqua, indicando como Júlia Lopes assumiu uma postura mais passiva com relação às decisões dos acadêmicos a seu respeito e como, de certa forma, sua postura permitiu que comungasse do pleito dos imortais:

Dizem que D. Júlia, assim como suas contemporâneas, não haveria protestado por sua extrema modéstia ou por ter preferido que tal honra recaísse em seu marido. Uma posição, no mínimo prudente, em uma época em que as mulheres eram admitidas excepcionalmente - e pela porta dos fundos -, em concertos e espetáculos públicos, como comprovam as normas do Clube Beethoven²⁴², do qual Machado de Assis era membro diretor, ou eram ridicularizadas quando se aventuravam a exercer profissões liberais como bem exemplifica a peça *As Doutoradas*, encenada em 1889, do acadêmico França Jr. Provavelmente, por saber reconhecer, agradecida, a expertise com que D. Júlia soube ser, em vida, a "sombra por trás da cadeira número três", a Academia, depois de sua morte, não poupou homenagens e testemunhos de apreço a seu "enorme valor literário". Sessões especiais dedicadas à lembrança e ao elogio à obra de D. Júlia acompanharam as atividades da Academia, ano a ano, até a morte do próprio Filinto, em 1945. Era como se fosse, de fato, visível e legítima a presença de D. Júlia na cadeira número três enquanto ocupada pelo acadêmico- consorte²⁴³. Essas

²⁴⁰ Aqui opera-se com a perspectiva menos liberal e mais conservadora de sua posição feminista, muito embora estudos recentes apontem para um feminismo condensado e reivindicatório. Assim, neste momento, consideramos que o trecho em questão reflete uma postura menos ostensiva por parte da escritora.

²⁴¹ Professora titular de Teoria Crítica da Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), coordenadora do Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC/UFRJ) e da Biblioteca Virtual de Estudos Culturais (Prossiga/CNPq). Diretora da Aeroplano Editora Consultoria Ltda. (Fonte: Hollanda, 2010). Heloísa destaca-se, desde a década de 1980, em estudos que correspondem a história e historiografia das mulheres, tendo, a este respeito, publicado alguns volumes que fomentaram e fomentam a produção escrita de mulheres.

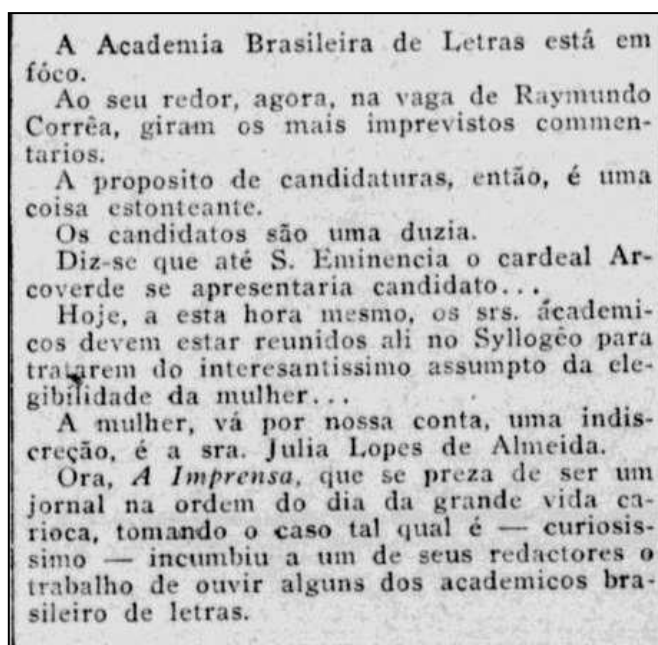
²⁴² O Club Beethoven localizava-se no Catete/ RJ e promovia saraus com importantes nomes da música clássica no final do século XIX. Inaugurado em janeiro de 1882, o clube recebeu o devido destaque com a admissão de Machado de Assis, escritor renomado e bastante popular já na época. (Fonte: ABL). Conforme comenta Silva (2007, p.14): “De todos os clubes de música e recreação que surgiram na capital do Império, o Club Beethoven foi o que obteve maior destaque, conseguiu angariar homens e recursos, abriu seu espaço ofertando a seus membros concertos quinzenais, mensais, e o grande concerto anual, e ainda almoços, exercícios de esgrima e partidas de bilhar, xadrez e uíste, sala de leitura com os principais jornais da Europa.”

²⁴³ O termo utilizado não reflete, conforme demonstrado no 1º capítulo deste estudo, a expertise e os motivos pelos quais Filinto de Almeida fora um dos eleitos para compor a Academia Brasileira de Letras. Além de ter tido uma expressiva carreira na imprensa periódica e ter livros publicados à época da fundação da ABL – o que era um dos critérios para a aceitação de novos membros -, Filinto de Almeida atuou também na política e teve grande

homenagens anuais comportavam de referências lamentosas ao "simples preconceito que afastou-a da Casa", aos recitais do Club das Vitórias Régias quando "as figuras mais representativas do mundo intelectual e artístico feminino" ocuparam as cadeiras numeradas da ABL interpretando páginas de D Júlia e até mesmo à construção de uma herma para D Júlia "a maior das nossas romancistas". Por sua vez, o saudoso Filinto deixou, em testamento, cem mil cruzeiros para a criação do prêmio Júlia Lopes de Almeida a ser dado pela Academia para romancistas mulheres. D. Júlia terminou, assim, por conquistar uma imortalidade às avessas, por trás da cadeira número três. (HOLLANDA, 1992, p. 76-77).

Na edição de 15 de outubro de 1911 do periódico *A Imprensa*, o ingresso de mulheres foi um dos assuntos tratados. O texto, intitulado "A mulher deve ser elegível para a Academia de Letras?", cita, já em primeiras linhas, Júlia Lopes de Almeida como uma das mulheres que deveriam compor os membros da instituição, e anuncia ao leitor que fará uma espécie de inquérito com alguns acadêmicos sobre o assunto:

Figura 70 - Recorte da página 6 de *A Imprensa* edição 1393



Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

O inquérito foi feito com 5 acadêmicos: Augusto de Lima²⁴⁴, Paulo Barreto (João do

influência na construção da trajetória intelectual de Júlia Lopes de Almeida. Como salientou Alberto Venancio Filho (2006), a opinião de Humberto de Campos, ao chamar Filinto de Almeida de acadêmico consorte não passava de um equívoco, já que "era uma injustiça, pois se tratava de um membro da geração literária, colaborador na *Semana*, de Valentim Magalhães, poeta e cronista de mérito." (2006, p. 10).

²⁴⁴ **Augusto de Lima (1859-1934)** foi poeta e magistrado. Elegeu-se à Academia em 1903, ocupando a cadeira de Urbano Duarte. Augusto de Lima foi professor e diretor da Faculdade de Direito de Minas Gerais e ocupou também cargo de direção no Arquivo Público do estado no início dos anos de 1900. (Fonte: ABL).

Rio), Rodrigo Octávio, Coelho Neto²⁴⁵ e Alcindo Guanabara²⁴⁶. Desse grupo, dois se mostraram a favor da elegibilidade das mulheres à ABL, Paulo Barreto e Alcindo Guanabara. Paulo Barreto cita Júlia Lopes de Almeida em seu argumento: “- Eu sou pela elegibilidade da mulher, principalmente sendo essa mulher a grande escritora d. Júlia Lopes de Almeida.” (p. 6). Alcindo Guanabara posiciona-se a favor e afirma que “Não é o sexo que decide do cérebro.” (p. 6)

Alberto Venâncio Filho (2006) trata do episódio divulgado em *A Imprensa*. Tratava-se da candidatura de D. Carolina Michaëlis, filóloga, que pleiteava uma vaga como sócia correspondente. Como sublinha Fanini (2010), a sessão do dia 9 de setembro de 1911, quando a elegibilidade feminina foi pauta, gerou polêmicas entre os membros. Entre os argumentos para justificar a renegação de Carolina, estavam os questionamentos de sua nacionalidade. Fanini (2010, p. 151) pontua que a questão do gênero não foi, de imediato, um argumento contrário, e que

para a validação do veto, a justificativa não esteve exatamente atrelada às prerrogativas de gênero (possivelmente para evitar um desgaste maior da imagem da Academia, que mantinha uma postura intolerante e arbitrária quanto ao assunto desde a sua criação).

O argumento é endossado em Filho (2006, p. 11):

Em 1911, por ocasião da proposta para sócio correspondente português de D. Carolina Michaëlis, surgiu a discussão sobre o ingresso de mulheres na Academia. Falaram Salvador de Mendonça, Carlos de Laet, Mário de Alencar, Sousa Bandeira e Afrânio Peixoto sobre a “inconveniência da entrada das mulheres nas sociedades masculinas”, pedindo o acadêmico Salvador de Mendonça o adiamento da questão. Em outra sessão o assunto estava na ordem do dia e o acadêmico Sousa Bandeira achava que Carolina “digna est entrar”, mas sendo mulher estrangeira casada com português, “diz o código de lá que tem o foro de cidadão português e o número de correspondentes desta nacionalidade está completo”.

Em outra sessão, novamente o acadêmico Salvador de Mendonça levanta a questão, “por que não começamos pela elegibilidade das brasileiras?” E encarece o nome de D. Júlia Lopes de Almeida. O acadêmico Carlos de Laet, diante das objeções, considera que só ele e o acadêmico Afonso Celso são dois revolucionários que não respeitam a tradição. E acrescenta: “Por que nos concedem (as mulheres) o progresso nos demais ramos das atividades humanas e só aqui vivemos peados por uma ruim tradição francesa?”

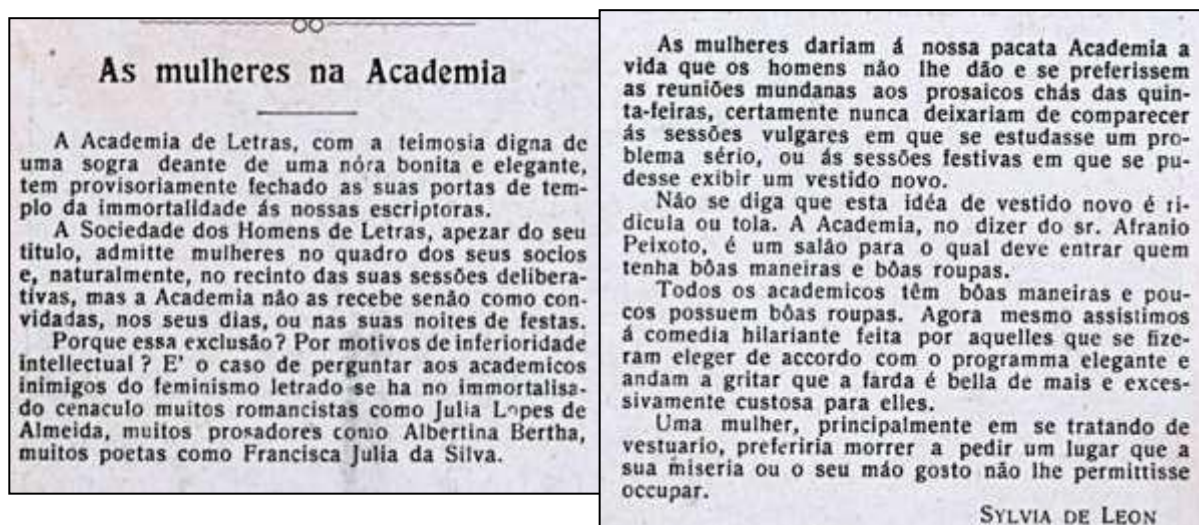
²⁴⁵ **Coelho Neto (1864-1934)** foi romancista, crítico e teatrólogo. Com uma colaboração assídua e diversificada na Imprensa, Coelho Neto tornou-se o escritor com o maior volume de obras publicadas em vida - somam-se quase 50 volumes- e o mais lido no país nos primeiros anos republicanos. Foi ainda deputado federal do Maranhão na década de 1910. (Fonte: ABL).

²⁴⁶ **Alcindo Guanabara (1865-1918)** foi jornalista e político. Membro fundador da cadeira 19, fundou os periódicos *A Tribuna* e *A Nação*, além de ter sido redator-chefe de *O Paiz*.

Tanto os nomes de Júlia Lopes de Almeida, como membro fundadora, D. Carolina de Michaëlis, como sócia correspondente e de Amélia Beviláqua, como imortal, agitaram não apenas os acadêmicos, mas também a imprensa. Convém salientar que muitos eventos, solenidades e assuntos discutidos no Silogeu²⁴⁷ eram divulgados na imprensa carioca e que boa parcela dos membros fundadores da ABL eram colaboradores, redatores e diretores de periódicos da época.

Em *Careta*, - uma das revistas mais populares do início do século XX, de acordo com Sodré (1999) -, um artigo é também publicado acerca da negação ao ingresso de mulheres na Academia. O texto, assinado por Sylvia de Leon, jornalista e militante pelos direitos das mulheres no início do século XX, traz, com ares de manifesto, a posição da intelectual. Além de Júlia Lopes de Almeida, cita Francisca Júlia da Silva e Albertina Bertha como mulheres academiáveis.

Figura 71 - Recorte da página 16 da edição 424 de *Careta*



Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

Ainda em *Careta*, a própria Sylvia de Leon publicara, 2 anos antes, um artigo em primeira página, intitulado “Sobre o feminismo”. No texto, a jornalista faz uma crítica aos homens e mulheres a respeito do feminismo, salientando que as mulheres aparentam ter uma posição inerte ao movimento e os homens, parecem conhecer mais das necessidades femininas do que as próprias mulheres.

²⁴⁷ Local que a ABL ocupou entre os anos de 1905 e 1923. No mesmo local funcionavam a Academia de Medicina, o Instituto dos Advogados do Brasil e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. (Fonte: Academia Brasileira de Letras).

Ademais, anuncia que Albertina Bertha participará da série Conferências literárias promovida pelo *Jornal do Commercio* e ministradas no salão do jornal, em 1914. Albertina teria sido a única entre os conferencistas a receber severas críticas dos intelectuais na imprensa (FAEDRICH, 2019). Sylvia de Leon pontua que a escolha de Albertina - uma posição ao estudo de Nietzsche acerca do papel da mulher-, pode causar um certo “mal-estar” entre os intelectuais e reforça a tese de que a mulher, em igual competência, pode desenvolver-se intelectualmente:

Em todos os ramos da actividade, as mulheres, desde o começo do mundo, tem mostrado capacidade igual ao do sexo parcialmente denominado forte. Em todas as esferas, principalmente nas intellectuaes, a mulher é odiosamente relegada para um plano inferior e mesmo quando ella se chama George Sand e é tratada como *mon cher maître*²⁴⁸ por Gustave Flaubert é tida pela grande vulgaridade masculina por uma ridicula *bableur*. (CARETA, ed. 319, p. 1).

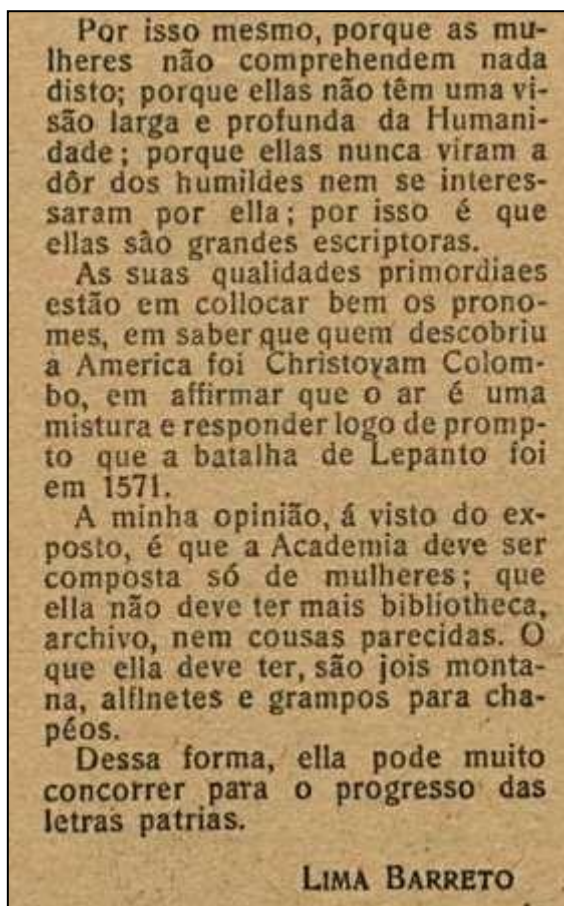
Por fim, Sylvia de Leon defende o ingresso de mulheres na Academia Brasileira de Letras, endossa o discurso de alguns intelectuais e faz um apelo:

Os escriptores que andam derramando tinta na discussão sobre o preenchimento das ultimas vagas abertas na Academia de Letras, pensem um pouco e digam se não é uma injustiça revoltante fechar as portas desse Templo da Gloria, ao extraordinário valor de D. Julia Lopes de Almeida e abri-las á incompetência litteraria do Dr. Antonio Austregesilo. (CARETA, ed. 319, p. 1).

Lima Barreto²⁴⁹, outro escritor renegado ao ingresso na Academia, expõe, em artigo nas páginas da mesma revista em 1921, seu posicionamento com relação ao ingresso de mulheres na agremiação. Em tom sarcástico, enumera os motivos pelos quais o ingresso das mulheres na Academia Brasileira de Letras representaria se não o seu fracasso:

²⁴⁸ Refere-se à posição ocupada por George Sand na literatura francesa. Aclamada por seus pares, considerada mestre por sua poesia é, contudo, reduzida à uma posição de futilidades.

²⁴⁹ Sua produção bibliográfica e biografia são revisitadas, inclusive, no ciclo de palestras “Cadeira 41”, com releitura do professor e pesquisador Felipe Botelho Corrêa.

Figura 72- Recorte da página 4 da edição 661 de *Careta*

Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

Retomando o discurso de recepção à Dinah de Queiroz, Raimundo Magalhães Júnior cita ainda o posicionamento do acadêmico Constâncio Alves, indicado como “o mais encarniçado adversário das candidaturas femininas” (p. 30). A respeito da Academia Goncourt, agremiação francesa, o acadêmico salienta a candidatura de Gabrielle Sidonie Collete na década de 1930 como algo inadmissível e intolerável, embora reconhecesse o talento daquela escritora. Alertado pelos próprios colegas de que o nome de Judith Gautier já figurava na Academia Goncourt desde 1917, utiliza-se de outro argumento, o da manutenção da vontade de seus fundadores:

Quando souberam que haviam desobedecido involuntariamente a vontade do Fundador, arrependidos do equívoco, resolveram tomá-la em toda a consideração e demonstraram a firmeza do seu propósito não hesitando em infligir um revés à escritora notável que é Colette. Grande é a força do precedente, e o de Judith Gautier podia favorecer à pretensão de Colette, que ele justificava. Mas a Academia Goncourt reconheceu que, mais forte que o precedente, era a tradição, a vontade do Fundador: e resgatou o seu engano de modo impressionante: a derrota de Colette é a corrigenda da eleição de Judith Gautier. (Fonte: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS).

Como visto, valia de tudo para vetar o ingresso das mulheres na Academia – o estatuto, o Código Civil, as suas condições sócio financeiras, à sua suposta fragilidade e delicadeza, a sua mal julgada incompetência e falta de decoro, a sua preocupação excessiva com a aparência – algo imposto pelo próprio patriarcado-, à tradição francesa e ainda, um temor em relação aos movimentos feministas que fermentavam rapidamente.

Talvez como medida de contenção e resposta à sociedade, a Academia tenha criado prêmios para as mulheres. Prêmios estes que recebiam nomes de escritores, demarcando novamente este lugar de submissão das letras femininas no Brasil da Primeira República.

(...) incorrendo em singular contradição, a Academia, ao mesmo tempo em que excluía as mulheres de seus quadros, começara – e ainda bem que assim procedera – a atribuir prêmios literários a escritoras, não em concursos e elas exclusivamente destinados, mas em pé de [sic] igualdade com os concorrentes masculinos. (Fonte: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS).

Dentre as premiações figuram os denominados Medeiros e Albuquerque (1910), o “Gazeta de Notícias” (1910), o Raul Pompéia (1911) e o Prêmio Academia Brasileira (1912) e o Machado de Assis (1941²⁵⁰). A respeito deste último, convém realçar que, em 86 edições da premiação, apenas 8 mulheres foram contempladas, o que evidencia uma tentativa frustrada por parte dos acadêmicos em promover a literatura produzida por mulheres. O quadro abaixo enumera as escritoras contempladas pelo conjunto de suas obras:

Quadro 12 - Escritoras que receberam o Prêmio Machado de Assis

Ano	Escritora
1954	Dinah Silveira de Queiroz
1958	Rachel de Queiroz
1965	Cecília Meirelles
1978	Carolina Nabuco
1979	Gilka Machado
1984	Henriqueta Lisboa
1991	Maria Clara Machado
2001	Ana Maria Machado

Fonte: elaborado pela autora com base nos dados coletados em Academia Brasileira de Letras.

Kothe (2003) indica que a criação do cânone se deu de forma injusta, elitista e sexista. Não apenas por não admitir mulheres, escritores de classes sociais inferiores ou por,

²⁵⁰ O próprio site de Academia Brasileira de Letras indica a existência de um prêmio homônimo criado em 1911.

inacreditavelmente²⁵¹, não admitir escritores não-brancos, mas também pelo próprio caráter político de sua formação.

Há lacunas históricas não preenchidas pelo cânone. Por estranho que pareça, não há, por exemplo, literatura canônica no período imperial que questione a monarquia, embora a supressão dessa forma de governo tenha sido uma das decisões mais cruciais já tomadas na política brasileira. (...) É como se a história literária passasse ao largo da história para apresentar como história a sua versão, como se os autores ficassem longe da política e o cânone só adotasse algo para confirmar uma decisão já tomada pelo Estado. A literatura poderia ser, no entanto, prenúncio das ações ainda em fase de devaneio, fala daqueles que não tem direito à voz. (KOTHE, 2003, p. 19).

No trecho, dois pontos merecem destaque. Um deles refere-se à relação estreita entre os anseios políticos e a criação de uma Academia. Embora sua fundação tenha acontecido oportunamente no final do século XIX, as iniciativas para a instauração de uma instituição que pudesse oferecer o financiamento e promover o prestígio dos escritores já vinham ocorrendo ao longo da década de 1880. Era preciso que a intelectualidade se unisse e para que fosse discutido, entre outros, a propriedade intelectual²⁵², algo que os escritores viam escorrer pelas mãos quase que constantemente.

Outro aspecto relevante diz sobre a escrita da história literária. Dentre os propósitos²⁵³ da instauração da Academia Brasileira de Letras, estava a criação de compêndios de literatura, volumes que pudessem dar conta do panorama pré-estabelecido e, em certa medida, docenário daquele momento. Na tentativa de historicizar a literatura brasileira, foram publicados os compêndios de Silvio Romero (1902) e José Veríssimo (1916).

Nesse sentido, os acadêmicos estariam inventando, como indica El Far (2000), uma tradição. A própria escolha dos patronos por cada um dos membros fundadores se deu de forma subjetiva²⁵⁴ e pouco pragmática. Isto é, nem todos ou quase nenhum dos escritores eleitos cumpriam com as exigências que os próprios acadêmicos institucionalizaram em seu Estatuto. A entrada de novos acadêmicos na década de 1910 justificou-se novamente na condição de “tradição inventada”.

Rodrigues (2001) indica que as eleições de 1910, quando membros fora do “circuito

²⁵¹ A respeito do presidente da casa, o escritor Machado de Assis, ser negro.

²⁵² A exemplo de H. Garnier, um dos livreiros mais populares do entreséculos e do início do século XX, Hallewell (2017) indica que os autores dos volumes por ele publicados não eram contemplados com direitos a seus escritos. A venda da obra se dava por completo, não sendo permitido ou útil ao autor reclamar quaisquer direitos.

²⁵³ Estabelecidos nos Estatutos da Instituição.

²⁵⁴ Os nomes indicados estariam mais conectados à uma noção afetiva do que à uma análise bibliográfica e de popularidade literária no Brasil.

literário” foram aceitos, a exemplo do sanitarista Oswaldo Cruz, teriam causado certo alvoroço entre os acadêmicos. Tanto que José Veríssimo, um dos membros que mais ativamente colaborou na fundação da ABL, renunciou sua posição de acadêmico ao ver Lauro Müller²⁵⁵, então Ministro das Relações Exteriores, promovido à imortal.

Em 1912, tendo a Academia aceitado a candidatura de Lauro Müller, ministro das Relações Exteriores, político e não homem de letras, e que foi eleito por 22 votos para a vaga do Barão do Rio Branco, derrotando o Conde de Ramiz Galvão, Veríssimo sentiu desfazer-se a ilusão com que sonhara ao fundar-se uma instituição em que se recebessem exclusivamente expoentes da literatura e, desgostoso, afastou-se da Academia. Nunca mais manteve qualquer relação com a casa que ajudara a fundar. (Fonte: Academia Brasileira de Letras).

Assim, esses intelectuais pretendiam adotar uma visão mais ampla de literatura. Literatura não apenas como um gênero literário – essencialmente-, ou como um modo de vida, como indica Sevcenko (1999), mas ainda como uma espécie de carreira a seguir:

Para eles, “homens de letras”, eram aqueles que cultuavam as letras, reservando uma parte de sua vida à criação literária, não importando se tal dedicação era exclusiva ou não. O gosto pelas letras poderia ser demonstrado de várias maneiras: na oratória política, na crítica literária, no jornalismo, no discurso filosófico, e não apenas na confecção de gêneros literários propriamente ditos, como a poesia, o romance, o conto, a crônica. (EL FAR, 2000, p. 46).

A adoção de uma veste própria²⁵⁶, aliada a uma determinada postura com o público davam ares de importância àqueles mesmos homens que circulavam nos cafés, nas livrarias e no Passeio Público. A roupagem – tanto física quanto psíquica²⁵⁷ – fazia parte do imaginário do ser intelectual, algo que somente aqueles homens, os “eleitos”, poderiam viver.

O fardão, como é conhecido até os dias atuais, foi instituído ainda no início do século XX, sob a presidência de Ruy Barbosa. A respeito do ocorrido, Fanini salienta que “A proposta de utilização partiu do então Presidente interino da ABL, Medeiros e Albuquerque, em junho de 1910, tendo sido aceita pela maioria dos acadêmicos, com exceção de José Veríssimo.”

Sobre as cores da vestimenta – verde e dourada –, El Far (2000) diz se tratar de uma

²⁵⁵ Rodrigues (2001) comenta ainda que José Veríssimo teria se indignado ao se dar conta de que Lauro Müller não tinha nenhum volume publicado, o que era um dos critérios para aqueles que aspirassem uma vaga na Casa. Na seção “Bibliografia” dos acadêmicos há três obras publicadas pelo ministro - *Os ideais republicanos*, s/d. *A Liga de Defesa Nacional*, s/d, e *Saudação a Hélio Lobo*, 1919.

²⁵⁶ Utilizada em cerimônias oficiais.

²⁵⁷ Flugel (2008), em estudo a respeito da relação de afetividade com as roupas, sublinha que pode haver certo “exibicionismo por meio da roupa. Muitas roupas não têm apenas um valor exibicionista simples; seu valor é aumentado pelo fato de que elas possuem, para o inconsciente, uma significação simbólica.” (s.p).

referência à bandeira nacional e à glória, à prosperidade das letras patricias. A utilização do fardão imprimia a este grupo seletivo um caráter seletíssimo, quase que exclusivo, em uma tentativa de demarcar quem eram aqueles “verdadeiramente” pertencentes à República das Letras.

O fardão conferia pompa e ao mesmo tempo demarcava uma “fronteira social” entre os acadêmicos e os demais literatos. Por outro lado, reforçava uma unidade do grupo e seu espírito corporativo. O indivíduo, nesse contexto, deixava de lado suas especificidades para falar em nome da associação a que pertencia. (EL FAR, 2000, p. 103).

Como parte dos requisitos para ingresso na Academia Brasileira de Letras, estavam e estão²⁵⁸ a necessidade de ser brasileiro nato, e ter publicado obras de “reconhecido mérito”, ou obras de valor literário. Sobre esses critérios, é interessante pensar que o “mérito”, o qual se referia o panteão da ABL, eram senão obras por eles reconhecidas, premiadas; e que o “valor literário” a que se referem estaria relacionado à eleição de membros fora do circuito literário²⁵⁹, mas que, de certa forma, agregariam valor à instituição.

O cânone literário, nesse sentido, teria sido criado, fundamentado e fomentado apenas por aqueles que, em determinado momento, julgaram-se aptos a exercer tal papel. Em ocasião da morte de um de seus membros, a eleição era feita de forma secreta e, embora a imprensa tenha divulgado predileções dos acadêmicos em diversas ocasiões, a exemplo do que se observou com a candidatura feminina, o ingresso de determinado candidato era um processo pouco transparente.

Na preservação pelo cânone, a inevitável exclusão da massa da produção contém a problemática inclusão de uns poucos como se eles fossem a absoluta raridade do talento. O autor torna-se importante porque foi escolhido, embora pareça ter sido escolhido por ser importante. O mínimo parece o máximo para quem tem o horizonte mínimo; e ele acaba minimizando o maior. (KOTHE, 2003, p. 22).

Uma das estratégias para legitimar a eleição desses acadêmicos fora do circuito literário foi a criação da *teoria dos expoentes*. Segundo El Far (2000), foi a partir das ideias de Joaquim Nabuco, que se tornou viável a eleição de não-escritores. A popularização das letras, uma das finalidades da ABL, estaria atrelada não à uma reconfiguração do cânone ou da Língua

²⁵⁸ Em acordo com os dados colhidos no site da ABL. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/membros>. Acesso em 14 mai 2022.

²⁵⁹ Para além de Lauro Muller e Oswaldo Cruz, podemos destacar Getúlio Vargas, eleito à época de sua atuação como presidente, em 1943.

Nacional, mas sim ao ingresso de figuras “populares” e “midiáticas” ao silogeu.

Com a eleição desses expoentes, os acadêmicos estreitaram ainda mais os laços com a elite cultural do Rio de Janeiro. Aos poucos, os membros da Academia ganhavam notoriedade, aparecendo constantemente nas colunas dos jornais e fazendo com que suas realizações e eleições fossem acompanhadas pelo público com grande expectativa. (EL FAR, 2000, p. 84).

A relação direta com a elite era uma característica marcante da Academia Brasileira de Letras no início do século XX. Apesar de ter sido criada inicialmente sem apoio governamental, a instituição foi pouco a pouco adquirindo um caráter político, o que lhe permitiu, a passos largos, angariar investimentos e adquirir um caráter ainda mais elitista e segmentário.

Tanto mais próxima dos políticos, capitalistas, homens de Estado, na medida em que reservava parte de suas cadeiras para os expoentes, mais sólida se tornava a instituição, ainda que o preço a ser pago fosse a falta de representatividade no campo literário. Para os críticos da academia, não havia justificativas: escritores como Lima Barreto, Domingos Olímpio, Jorge de Lima, Graciliano Ramos, Sergio Buarque de Holanda, haviam sido preteridos por figuras completamente estranhas ao mundo das letras. (Fonte: CPDOC/FGV).

Sussekind (2006), ao discutir a formação literária do Brasil nos primeiros anos da República, faz um paralelo das inovações técnicas advindas ainda no século XIX com a própria construção narrativo-literária dos escritores. A utilização dos maquinários tecnológicos, a exemplo da máquina de escrever ou cinematógrafo eram artefatos encontrados nos cômodos das residências da elite.

(...) no caso do Brasil pré-modernista, a entrada quase simultânea de diversos aparelhos (cinematógrafo, gramofone, fonógrafo) e transformações técnicas (da litografia à fotografia nos jornais, por exemplo) indica a significativa alteração nos comportamentos e na percepção dos que passaram a conviver cotidianamente com tais artefatos. (SUSSEKIND, 2006, p. 26).

Assim, não bastavam aqueles que desejassem pertencer à Academia serem brasileiros ou terem mérito/valor literário de sua obra, mas ainda era necessário que fizessem, sobretudo, parte de uma elite literária para que tivessem acesso ao maquinário – especialmente a máquina de escrever – e alguma participação na produção cultural do país naquele momento.

Além de ter nascido e permanecido no seio da elite durante toda sua vida, já em 1897, ano de fundação da Academia Brasileira de Letras, Júlia Lopes de Almeida contabilizava 6 obras publicadas – *Contos Infantis* (1886), *Traços e Iluminuras* (1887), *Memórias de Marta* (1888), *A família Medeiros* (1892), *Livro das Noivas* (1896) e *A viúva Simões* (1897); na dramaturgia, já havia “Caminho do Céu”²⁶⁰ sido encenada em Campinas²⁶¹.

Na imprensa, já colaborava com alguns dos principais periódicos da época – *A Semana*, *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Comércio*. Sua produção para a imprensa – especialmente a carioca fora ampla e em 1934, meses antes de sua morte, torna-se sócia da Associação Brasileira de Imprensa, entidade fundada em 1908 e que tinha entre os seus propósitos, garantir certa estabilidade para os sócios e suas famílias, além de oferecer salões de conferências e a carteira de jornalista, como mostra a figura a seguir:

Figura 73 - Carteira de sócia da ABI



Fonte: Acervo Cláudio Lopes de Almeida.

²⁶⁰ Fanini (2016) relata, em seu estudo acerca de algumas das peças de Júlia Lopes de Almeida, que “O caminho do céu” tem enredo cuja “dinâmica [fora] extraída dos afazeres comezinhos de uma família abonada, flagrados, sobretudo, a partir do relacionamento entre mãe e filha.” (FANINI, 2016, p. 53). Outra característica observada pela pesquisadora debruça-se no fato de se tratar de uma comédia que tem mulheres como protagonistas, aspecto marcante na obra da escritora carioca.

²⁶¹ Divulgado no periódico *Correio Paulistano* nas edições 8100, 8101 e 8103.

Mesmo cumprindo com todos os critérios possíveis para a inserção de sua figura como imortal da ABL, entidade que ajudou a fundar, de forma ativa, Júlia Lopes de Almeida fora preterida, assim como foi Carolina de Michaelis, Amélia Beviláqua e outras escritoras que ousaram a escrever obras de “reconhecido mérito”. Como salienta Fanini (2009), essa situação fora paulatinamente sendo tratada até que se tornou inevitável o ingresso de mulheres:

(...) com exíguas possibilidades de fundamentar e justificar o impedimento às candidaturas femininas, os imortais encontraram no documento uma brecha que, em 1951, culmina em sua modificação. Mais especificamente, esta data assiste à incorporação do aposto restritivo "do sexo masculino" ao texto regimental, tornando explícita e oficial a recusa à presença de mulheres na ABL, que até então era velada (mas nem por isso menos eficaz). O "divisor de águas" da investigação será a mudança no Regimento Interno da instituição, ocorrida em 1976, que passa a prever o ingresso de escritores sem o limitativo aposto "do sexo masculino, que é subtraído do documento. A partir dessa alteração [as escritoras] ingressam, esparsamente, na agremiação. (s.p).

Coube, nesse sentido, a outras entidades a promoção e valorização das escritoras do Brasil da República das Letras. O ingresso de mulheres em Academias e entidades diversas à ABL, muito em decorrência de um movimento de autopromoção, permitiu que suas figuras fossem inseridas em um certo protagonismo.

2.3.1 Um silogeu possível

Como não era possível ingressar na Academia Brasileira de Letras, mesmo possuindo todos os predicados necessários para a candidatura, a essas mulheres, renegadas durante quase 80 anos, surgiram os convites para integrar outras entidades. Embora muitos desses convites tenham surgido no pós-mortis das escritoras, convém salientar que esses espaços, igualmente oficiais e legítimos, funcionavam como uma tentativa relevante de ressignificar suas imagens no cânone literário.

Carolina Michaelis associou-se em 1912 à Academia das Ciências de Lisboa, por seu reconhecido mérito na literatura e na linguística (LOUSA; BARREIRA, 2019); Amélia Beviláqua integrou a Academia Piauiense de Letras, em 1917, ocupando a cadeira 23; Francisca Júlia da Silva é patrona da Academia Feminina Mineira de Letras, fundada em 1983 e recebeu, de acordo com a pesquisa de Camargos (2007), o convite para tornar-se membro da

Academia Paulista de Letras na década de 1910.

Júlia Lopes de Almeida, além de ter sido convidada a colaborar como sócia correspondente do Centro Mattogrossense de Letras, é patrona da cadeira 26 da Academia Carioca de Letras, ocupada anos mais tarde por seu filho Afonso Lopes de Almeida; é ainda patrona da Academia Friburguense de Letras, fundada em 1947, portanto 13 anos após sua morte.

Fundado com o apoio de mulheres da elite cuiabana em novembro de 1916, o Gremio Litteratrio Julia Lopes nasceu do desejo de suas idealizadoras²⁶² de promover a boa literatura e a as utilidades às leitoras. A patrona, Júlia Lopes de Almeida, fora escolhida por conta²⁶³ da repercussão positiva de uma de suas obras, *Livro das Noivas*, com as sócias da agremiação.

O estatuto da agremiação, publicado em *A Violeta* em 4 edições – 30, 31, 32 e 33, todas no ano de 2018, discorria a respeito das finalidades de sua criação e das atribuições das sócias. Já no 2º artigo do documento, fica clara a posição ocupada por Júlia Lopes de Almeida na agremiação, onde a escritora encontrou um terreno fértil para a divulgação, promoção e circulação de sua obra.

²⁶² A este respeito comenta Estevão de Mendonça apud Costa (2018, p. 55): “Alumnas da Escola Normal, com o concurso de elementos variados, haviam resolvido a fundação de um grêmio literário. Pediam-me conselhos e orientação.”

²⁶³ Como se observa na seção “Crônicas” da edição 337, de 30/11/1946, trecho citado no 1º capítulo deste texto.

Figura 74 - Página 9 da edição 30 de *A Violeta*

A VIOLETA 9

Estalutos do Gremio "Julia Lopes"

CAPITULO 1º

DO GREMIO E SEUS FINS.

ARTIGO 1º

O "Gremio Julia Lopes," fundado nesta capital a 26 de Novembro de 1916 é uma associação que terá os seguintes fins:

- 1º Promover o desenvolvimento intellectual das suas associadas, por meio de conferencias, discussões de theses, sobre assumptos civicos, moraes e instructivos.
- 2º Manter uma revista de publicação bimensal, onde collaborem as suas associadas ou qualquer outra escriptora desde que não trate de questões politicas, religiosas ou animosidades particulares.
- 3º Promover festas littero musicas com o fim de desenvolver o gosto pelas artes entre as associadas.
- 4º Manter uma bibliotheca composta de boas obras de litteratura, jornaes e revistas nacionaes e estrangeiras.
- 5º Crear, quando a directoria julgar conveniente, tudo o que for necessario para o desenvolvimento intellectual da mulher matto-grossense

CAPITULO 2º

Secção 1ª

DAS SOCIAS, SUA ADMISSÃO E ELIMINAÇÃO

ARTIGO 2º

- 1º O Gremio compor-se-ha de socias contribuintes e benefico-
ras, em numero illimitado.
- 2º Socias contribuintes serão consideradas aquellas que não fizerem do parte do Gremio a este fizerem um donativo nunca inferior a 50.000.
- 3º Será considerada socia honoraria D. Julia Lopes de Almeida, illustre patrona do Gremio.

ARTIGO 3º

As propostas para socias contribuintes serão feitas por membros do Gremio á directoria que julgará da admissão.

ARTIGO 4º

Aos socios de qualquer cathgoria se expedirá um diploma assignado pela directoria.

ARTIGO 5º

- 1º A sociedade aceita socias de qualquer idade visto como o fim da associação é instruir e desenvolver.
- 2º As meninas de menos de quinze annos serão admittidas mediante licença de seus paes ou tutores.

(Continúa)

////////////////////
NOTICARIO
////////////////////

D. Aquino Corrêa

A 2 do corrente completou mais um anno de util e proveitosa existencia, D. Francisco de Aquino, Bispo de Prusinde, Presidente deste Estado.

Ha almas que ja vieram ao mundo destinadas a um constante labor em prol do progresso e do bem.

A de D. Aquino está nestas

Fonte: Arquivo Pessoal da Professora Yasmin Nadaf (AYN).

Estatutos do Gremio “Julia Lopes”

Capítulo 1º

Do Gremio e seus fins

Artigo 1º

O “Gremio Julia Lopes”, fundado nesta capital a 26 de novembro de 1916 é uma associação que terá os seguintes fins:

1º Promover o desenvolvimento intelectual das suas associadas, por meio de conferências, discussões de theses, sobre assumptos cívicos, Moraes e instructivos.

2º Manter uma revista de publicação bimensal onde colaborem as suas associadas ou qualquer outra escriptora desde que não trate de questões políticas, religiosas, ou animosidades particulares.

3º Promover festas littero musicaes, com o fim de desenvolver o gosto pelas artes entre as associadas.

4º Manter uma bibliotheca composta de boas obras de literatura, jornaes e revistas nacionaes e estrangeiras.

5º Crear, quando a directoria julgar conveniente, tudo que for necessário para o desenvolvimento intellectual da mulher Mattogrossense.

Capítulo 2º

Secção 1ª

Das socias, sua admissão e eliminação

Artigo 2º

1º O grêmio compor-se-há de socias contribuintes e benfeitoras, em número ilimitado.

2º Socias contribuintes serão consideradas aquelas que não fazem parte do grêmio a este fizerem um donativo nunca inferior a 50.000.

3º Sera considerada socia honoraria D. Julia Lopes de Almeida, illustre patrona do grêmio.

Artigo 3º

As propostas para socias contribuintes serão feitas por membros do grêmio à directoria que julgara da admissão.

Artigo 4º

Aos socios de qualquer cathegoria se expedirá um diploma assignado pela directoria.

Artigo 5º

1º A sociedade aceita socias de qualquer idade, visto como o fim da associação é instruir e desenvolver.

2º As meninas de menos de 15 anos serão admitidas mediante licença de seus paes ou tutores.

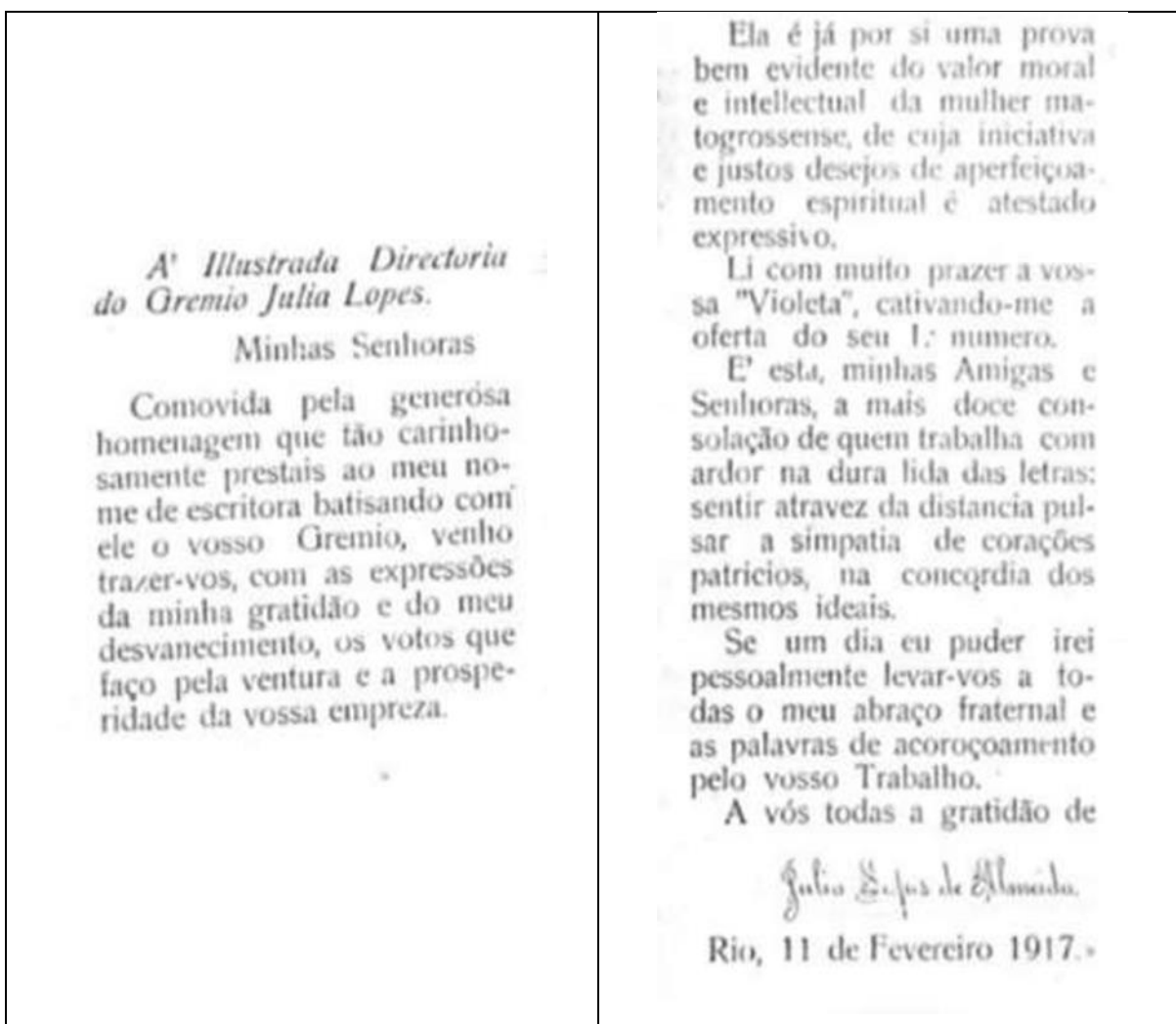
(continua)

Nesse sentido, a revista *A Violeta*, publicação do Gremio litterario Julia Lopes, foi o veículo responsável pela divulgação de sua obra na imprensa mato-grossense, ao longo dos 34 anos de circulação. Embora estejamos falando de uma região pouco povoada e destacada do centro cultural e literário do país, importante ressaltar que *A Violeta* circulou fora do estado. Um dos locais onde era possível encontrar exemplares da revista à época de sua circulação era o Centro Mattogrossense, localizado no Rio de Janeiro. Ali, segundo Costa (2018, p. 74), “(...) as edições eram enviadas, trocadas e distribuídas por pessoas que transitavam entre Cuiabá e a cidade do Rio de Janeiro.”

Desta forma, muito embora se tratasse de uma publicação fora do eixo cultural, a figura laureada de Júlia Lopes de Almeida na revista circulou. Ainda segundo Costa (2018, p. 56): “D. Júlia estava situada no interior desse arranjo como referência principal para o Grêmio. Por meio de cartas, trocava conselhos e despertava as jornalistas para o “engajamento” em algumas “frentes” de batalha.”

Júlia Lopes de Almeida compartilhou muitas de suas ideias em relação à educação de meninas, ao estado, à literatura, à “bôa” educação, ao casamento e à maternidade por meio das 12 cartas que enviou a redação da revista entre 1917 e 1933. Na primeira delas, publicada na edição 7, a escritora agradece a homenagem e comenta a respeito do reconhecimento vindo de longe:

Figura 75 – Recorte das páginas 2 e 3 da edição 7 de A Violeta



À ilustrada directoria do Gremio Julia Lopes

Minhas senhoras

Comovida pela minha generosa homenagem que tão carinhosamente prestais ao meu nome de escritora batizando com ele o vosso grêmio, venho trazer-vos com as expressões da minha gratidão e do meu desvanecimento os votos que faço pela ventura e a prosperidade da vossa empresa.

Ela é já por si uma prova bem evidente do valor moral e intellectual da mulher matogrossense, de cuja iniciativa e justos desejos de aperfeiçoamento individual é atestado expressivo.

Li com muito prazer a vossa "Violeta", cativando-me a oferta de seu 1º numero.

É esta, minhas amigas e senhoras, a mais doce consolação de quem trabalha com ardor na dura lida das letras; sentir atravez da distancia pulsar a simpatia de corações patricios, na concordia dos mesmos ideais.

Se um dia eu puder irei pessoalmente levar-vos a todas o meu abraço fraternal e as palavras de acoroçoamento pelo vosso trabalho.

A todas vós a gratidão de

Júlia Lopes de Almeida.

Rio, 11 de fevereiro de 1917.

A “parceria” entre a escritora e a revista perdurou. Mesmo depois da morte de Júlia Lopes de Almeida, em 1934, sua obra continuou viva na revista, seja por meio da divulgação de textos extraídos de seus livros; seja por pequenas notas ou textos; ou ainda através das publicações dos familiares da escritora, das quais as de Filinto de Almeida²⁶⁴ recebem destaque, sendo a morte do poeta igualmente tratada com pesar.

Desta maneira, apesar de Júlia Lopes de Almeida não ter sido sequer indicada a concorrer aos prêmios da ABL, ou muito menos ter sido oficialmente considerada como academiável pelo panteão da Academia, obteve, em outras entidades, espaço para divulgação de sua obra e promoção de sua imagem. Nesse sentido, a criação do Gremio Litterario Julia Lopes, em novembro de 1916, e a fundação de *A Violeta* na sequência, em dezembro do mesmo ano, funcionaram como uma espécie de palco onde a escritora pôde projetar-se e se deixar projetar na imprensa feminina cuiabana, com vistas, como veremos a seguir, à circulação de sua obra, ampliação de suas redes e modulação do caráter de suas leitoras.

²⁶⁴ De acordo com o acervo disponível para consulta, são 27 as incidências de obras de Filinto de Almeida na revista. Desse total, apenas 5 datam antes da morte da escritora, em 1934.

3 JULIA LOPES DE ALMEIDA NA CENA EDUCATIVA DE MATO GROSSO: SUJEITO, AGENTE E MODELO A SEGUIR EM “A VIOLETA (1920-1934)”

Neste capítulo, pretende-se evidenciar as projeções de Júlia Lopes de Almeida em *A Violeta*, revista feminina cuiabana que trazia o nome da escritora como patrona, colaboradora e modelo de mãe, esposa e escritora a ser seguido. Para tal, a análise desta fonte privilegiada – *A Violeta* - torna-se essencial à medida que é possível examinar boa parte da trajetória intelectual de Júlia Lopes de Almeida em suas páginas.

Tomando o periódico como um dispositivo de educação não-formal (MAGALDI; XAVIER, 2008) e operando com a dimensão educativa do impresso (PALLARES-BURKE, 1998), este capítulo busca apontar, descrever e analisar os diversos contextos em que a figura da escritora Júlia Lopes de Almeida se firmou na cena educativa de Mato Grosso na primeira metade do século passado.

A criação de *A Violeta* se deu a partir do que as redatoras chamaram de “influxos do *Livro das Noivas*” (edição 337, p.3), isto é, uma das obras de Júlia Lopes de Almeida, autora já consagrada nas letras brasileiras quando na fundação da revista (1916). Importante ressaltar que neste momento, aos 54 anos, a escritora já atingira certo grau de notabilidade pouco comum às mulheres escritoras de seu tempo.

Com mais de uma dezena de obras publicadas (15) dentre as quais ao menos 5 delas já haviam sido reimpressas, Júlia Lopes de Almeida ocupava um espaço na República das Letras reconhecido pelos seus pares não apenas no Rio de Janeiro – capital federal-, mas ainda em outras localidades, como foi possível observar no capítulo II.

A Violeta, produto do *Gremio litterario Julia Lopes*, agremiação fundada por mulheres cuiabanas, se firmou na imprensa local como a primeira²⁶⁵ revista feminina de sucesso nas letras cuiabanas, noticiado em alguns dos principais órgãos de imprensa mato-grossense, tais como o católico *A Cruz*²⁶⁶ e o popular *O Matto Grosso*.

²⁶⁵ Nadaf (1993) indica que antes de *A Violeta* circulou na imprensa cuiabana o periódico *O Jasmin* (1897).

²⁶⁶ De acordo com o estudo de Custódio (2018, p. 59), *A Cruz* “foi um meio de comunicação importante na sociedade cuiabana do início do século XX. Foi publicado desde a primeira década até meados dos anos 1950. Esse periódico era editado pelo Seminário Episcopal da capital, Cuiabá, e os artigos/matérias nele veiculados eram escritos por padres, bispos, tinha também na equipe uma correspondente internacional e pessoas do meio religioso católico.”

A Violeta

Toda perfumada como a mimosa flor que lhe serve de título, surgiu no campo da imprensa "A Violeta", linda revista do "Gremio Litterario" que um grupo de senhoras e senhoritas desta cidade acaba de fundar para "o cultivo das letras femininas e patricias, abrindo as suas coluunas a todas... que quizeren colaborar para o engrandecimento moral da nossa estremecida terra." Oh! Exmas. senhoras e gentis senhoritas podeis muito para o engrandecimento moral de nossa sociedade! Deus dotou os vossos corações de uma influência bem dirigida, conforta, eleva, abranda, apazigua, idealisa, e, pois que ainda Ele depositou em vossas, almas um instinto muito seguro do que convém a vós mesmas, nós esperamos muito do Gremio Litterario que fundastes e do vosso porta-voz a mimosa e perfumada "A Violeta" Com os nossos agradecimentos, os nossos votos de prosperidade.

(*A Cruz*, ed.1200307, p.1)

Como havia noticiado a imprensa, apareceu o novo orgam A Violeta, redigido por distintas senhoritas conterraneas. A publicação dessa nova folha veio preencher uma lacuna aberta com o desaparecimento do O Jasmin, que tantas esperanças trouxe à sociedade cuiabana como grande factor de estímulo ao bello sexo para o assiduo cultivo das letras. Agora, Violeta, é a voz de um gremio litterario pelo que reveste-se de um cunho mais serio, podendo esperar-se por isso vida longa. Cheio de satisfação, apresentamos as nossas boas vindas à Violeta e felicitamos as jovens conterraneas, lembrando- lhes que muita paciencia precisam para supportar o pesado fardo que tomaram sobre seus hombros.

(*O Matto-Grosso*, edição 1374, p. 2).

Há alguns pontos que merecem destaque nas publicações dos referidos periódicos. A começar pelo tratamento distinto e laudatório de *A Cruz*, um dos jornais mais populares e de maior longevidade no estado: a relação estreita entre o conteúdo de *A Violeta* e a religiosidade se firmará ao longo dos anos de circulação da revista, tendo inclusive um representante²⁶⁷ da Igreja Católica escrevendo para o periódico durante algum tempo; a denotação de suas fundadoras como verdadeiras "missionárias" a serviço do engrandecimento moral do estado, sob a influência e os preceitos da fé cristã.

Por outro lado, o democrata *O Matto-Grosso* comenta o surgimento de *A Violeta* ressaltando o teor de seriedade que a revista apresentava; cita *O Jasmin* como um dos periódicos responsáveis por divulgar as letras femininas mato-grossenses; e ainda propõe um tipo de alerta com relação à própria manutenção do órgão na imprensa: um fardo pesado.

Tanto *A Cruz* quanto *O Matto-Grosso* divulgaram *A Violeta* em suas páginas ao longo dos anos de circulação da revista. Na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional, há um total de 30 ocorrências para o termo "A Violeta" somando as pesquisas nos periódicos em questão. Assim, é possível pensar em duas vertentes: a imprensa se firmou através de esforços recíprocos²⁶⁸, isto é, a divulgação da imprensa em si era uma das estratégias

²⁶⁷ Que eventualmente tornou-se governador do estado, como veremos adiante.

²⁶⁸ Neste sentido, convém destacar que tanto *A Cruz* quanto *O Matto-Grosso* são igualmente citados nas páginas de *A Violeta*, embora em menor quantidade.

utilizadas por diversos redatores, inclusive as de *A Violeta* para a circulação de suas páginas e para promoção de sua popularidade; as redatoras de *A Violeta* buscaram divulgar o periódico em folhas que estivessem alinhadas à uma postura republicana e mais conservadora, tal qual *A Cruz* e *O Matto-Grosso*.

A respeito da criação de jornais e revistas cuiabanas na Primeira República, Sousa (2021, p. 4) comenta que os periódicos não foram criados de forma inofensiva e utópica:

Em Cuiabá, durante o período abordado, 1918 a 1930, a circulação de folhas e revistas mostrou-se profícua. De vários matizes, com circulação e periodicidade irregular, a “arte de fazer jornais” marcou o fazer da elite cuiabana. Inseridos em uma rede política, familiar, intelectual, esses órgãos além de delimitarem visivelmente um status social, fortaleceram relações de pertencimentos, de ressentimentos e de afetos. No período analisado os periódicos cuiabanos não possuíram pejo em expressar sua vinculação política, exibindo visivelmente sua aproximação partidária, seja pela assunção como porta-voz de um partido, seja defendendo em suas páginas os programas e ideários das agremiações políticas que rivalizavam na arena política mato-grossense. Esta aproximação foi característica marcante da imprensa local. Todavia, apesar desta ligação ser forte e visível, as folhas cuiabanas expressam mais que isso. Elas proporcionam uma fresta, uma abertura, pela qual é possível compreender como a elite local se colocou diante dos problemas e adversidades vivenciadas pelos cuiabanos no período e quais imagens e símbolos emergem de suas falas.

Estudos recentes desenvolvidos na historiografia da imprensa feminina no Brasil trouxeram a lume *A Violeta*, em sua maioria, propondo pesquisas acerca de sua materialidade, circulação, de sua(s) relação(ões) com a imprensa feminina cuiabana e geral, da literatura que nela circulava e de questões relacionadas a perspectivas feministas. De outro modo, esta pesquisa tenciona examinar, para além destes questionamentos prévios, a presença da escritora carioca Júlia Lopes de Almeida nas páginas da revista.

Entendendo as múltiplas dimensões do impresso, a imprensa como uma fonte privilegiada para a compreensão da história e, diante da impossibilidade de se pensar a história da imprensa sem relacioná-la com a trajetória política, econômica e social do país (MARTINS; DE LUCA, 2018), *A Violeta* constitui, nessa lógica, uma via formadora de opinião - das mulheres-leitoras -, caráter intrínseco da imprensa e catalisador de suas intencionalidades.

Eleger um periódico para se pensar modos de educação - das mulheres -, como propõe este trabalho, requer uma ampliação de seu território de atuação, principalmente por se tratar de uma pesquisa histórica acerca da escrita e educação femininas, tendo Júlia Lopes de Almeida como eixo norteador para os caminhos que o estudo busca percorrer.

Neste estudo, propõe-se a observância da imagem de Júlia Lopes de Almeida em três entradas – *sujeito, agente e modelo a seguir*. A partir da pesquisa detalhada das edições que

compõem o recorte temporal desta pesquisa, os anos de 1920 a 1934, analisadas sob a perspectiva da micro-história, tal como desenvolvem Revel (1998) e Ginzburg (2007), e considerando ainda a lógica do cruzamento de fontes (BURKE, 2011), é pretensão deste capítulo tratar a fonte; estabelecer um panorama de Cuiabá no início do século XX, com foco na educação de mulheres; observar as redatoras de *A Violeta* como figuras relevantes para a promoção, manutenção e divulgação da revista; e, por fim, evidenciar a figura de Júlia Lopes de Almeida como educadora e mediadora cultural nas páginas da revista, especialmente.

3.1 *A Violeta*: orgam do Gremio Litterario Julia Lopes (1920-1934) – uma revista de mulheres para mulheres

Considerar *A Violeta* como revista periódica, tal como é feito ao longo deste texto, significa sublinhar algumas das características apresentadas por Martins (2008), que distinguem as revistas de jornais, magazines e hebdomadários²⁶⁹. A revista caracteriza-se por seu teor vário, isto é, pela multiplicidade de textos e de vozes, uma vez que corresponde a uma publicação essencialmente projetada por um grupo; e por seu caráter efêmero, já que, a par daqueles que a consideram fonte documental, não é um impresso valorizado como um bem material, tal qual um livro.

No que se refere a materialidade, convém ressaltar ainda que as revistas são reconhecidas por seu formato – in folio –, com páginas soltas e a presença de uma capa, que anuncia e individualiza a publicação, sempre datada. Um outro aspecto relevante é a “presença de um artigo de fundo, que esclarece o propósito e as características da publicação.” (MARTINS, 2008, p. 46). Assim, tendo em vista a análise material e conteudista de *A Violeta*, nos esforços para a constituição desta pesquisa, opera-se com o termo “revista”, de modo a definir a tipologia do impresso cuiabano.

²⁶⁹ De forma sintética, podemos dizer que os jornais são periódicos de característica fragmentada, que acompanham certo teor político; as *magazines*, convencem muito por seu caráter intrinsecamente ilustrativo e ligeiro; e os hebdomadários têm como aspecto essencial a periodicidade semanal precisa, teor informativo técnico e político. (MARTINS, 2008).

Figura 76 - Capa da 1ª edição de A Violeta



Fonte: Arquivo pessoal de Yasmin Nadaf.

Fundada, redigida e dirigida por mulheres da classe média, *A Violeta* teve sua primeira edição em 1916 e, muito embora o recorte temporal desta pesquisa recaia nos anos de 1920 e 1934, ressalta-se a relevância dos anos anteriores. No mais, as publicações posteriores, uma vez que a revista não deixou de falar de Júlia Lopes de Almeida após sua morte. De outra maneira, seu legado no periódico cuiabano permaneceu até o último volume de *A Violeta*, em 1950, como veremos ao longo deste capítulo.

Como se observa na figura 76, já na primeira edição da revista, pontua-se parte de suas intencionalidades, a origem de sua fundação e ainda o nome de Júlia Lopes de Almeida como

patrona. Sob o mote do “cultivo das letras femininas patricias” e do “engrandecimento moral” da terra, *A Violeta* busca elucidar, ao longo das mais de 3 décadas de circulação, a defesa da educação feminina como uma ferramenta para promoção intelectual da mulher e sua emancipação moral.

Criado em um momento no qual agremiações literárias estavam em voga em diversos estados brasileiros (BROCA, 1975), o Gremio litterario Júlia Lopes nasce sob a iniciativa e investimentos de mulheres da elite cuiabana. A este respeito, Muller (1999) salienta que se referem a uma elite letrada, pouco comum no estado à época, principalmente em se tratando de mulheres. Ainda sobre a criação do grêmio, Muller apresenta o depoimento de uma de suas fundadoras, Maria de Arruda Muller:

Éramos um grupo entusiasmado de moças, que gostávamos de literatura, que já liam alguma coisa. (...) então, fizemos uma reunião e resolvemos ir à casa do professor Estevão de Mendonça, pai do escritor Rubens de Mendonça, ele era muito amigo da mocidade, foi professor também quando moço e muito entusiasta pelo desenvolvimento intelectual de Cuiabá. Nos convidou então para formarmos um grêmio, nós queríamos organizar uma revista.

(...)

Sempre gostei muito de literatura, sempre gostei muito do desenvolvimento intelectual da mulher. E achei que o nome que devia ser escolhido era o de Dona Júlia Lopes de Almeida. (MULLER, 1999, p. 189).

A mediação de Estevão de Mendonça, reconhecido historiador das terras cuiabanas, decerto contribuiu para a popularização do grêmio e para a publicação de *A Violeta*. Convém destacar que o escritor fora um dos sócio fundadores do Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso (IHGMT), fundado em 1919, e ainda do Centro Mato-grossense de Letras, inaugurado em 1921. Quando na fundação do grêmio, Estevão de Mendonça já atuava como professor de História e Geografia no Liceu Cuiabano. Em *A Violeta*, a data natalícia do historiador é celebrada diversas vezes e o seu nome é memorado quando a revista completa 14 anos de atuação:

Entrando no seu 14 anno de existencia o Gremio Julia Lopes colloca mais um marco victorioso na longa jornada percorrida. (...) Compreendendo a finalidade para a qual convergiam os nossos estorços, tivemos em Estevão de Mendonça o nosso primeiro orientador, quando o gremio ainda éra uma crysalida... (A VIOLETA, edição 173, p. 3).

A influência de Estevão de Mendonça e a popularidade do grêmio nas letras cuiabanas femininas foram os responsáveis indiretos pela admissão de mulheres na Academia Mato-

grossense de Letras, fundada em 1921. Ana Luisa Prado Bastos e Maria Arruda Muller, sócias do grêmio, foram membros da AML. Na década de 1930, a AML e o Gremio litterario Julia Lopes promoveram celebrações e homenagens a acadêmicos e escritores de renome no estado, conforme exposto na imprensa mato-grossense. Em 1936, o periódico *A Cruz* publica o discurso de Julio Muller²⁷⁰, então presidente da AML:

Há quase vinte anos, acrescenta, os círculos intelectuais matogrossenses mantêm, sem a menor solução de continuidade, três sociedades culturais que são o Instituto Histórico de Mato Grosso, a Academia Matogrossense de Letras e o Gremio Literario Julia Lopes, cuja atuação efectiva pelos seus órgãos de publicidade tem sido marcante.

(...)

Tambem a movimento intelectual feminino sentido através do Gremio Julia Lopes, a cujo presidência se encontra a senhora Maria de Arruda Muller, [secundad] pelas escitoras Bernardina Rich, Maria Dimpina e Benilde Moura.

(A CRUZ, edição 1246, p. 2).

A popularidade do grêmio ultrapassou as fronteiras do estado. Tanto que o paulista *O Município*²⁷¹ publica, em 1929, na ocasião do 14º aniversário da revista, um texto elogioso desenhando a trajetória e a relevância da agremiação naquele momento. O texto, assinado por Aida Lemos, foi publicado na edição 164 de *A Violeta*:

Essa revista completou agora 12 anos de existencia. Nunca deixou de publicar-se, desde dezembro de 1916 quando deu o seu 1o. numero. Quando aquellas moças tiveram a idéa de publicar uma revista do seu Gremio, consultaram as pessoas affeitas ás luctas da imprensa.

(...)

Todas ou quasi todas as meninas e mocinhas que crearam o gremio e o jornal estão hoje casadas, mães de filhos graves e respeitaveis creaturas da sociedade. Mas nenhuma esqueceu a revista, nem perdeu o amor às boas letras.

(...)

E de justiça salientar pelo pulso de chronistas, as pennas de Maria Ponce e Maria Dimpina, e pelo devotamento exemplar, energia de acção e estylo correntio e sempre fácil a thesoureira do gremio; a velha e querida educadora, sempre moça na palestra e no estylo, a professora Bernardina Rich. (A VIOLETA, edição 164, p. 9).

Maria Ponce, uma das mulheres citadas no texto, foi uma das presidentes do grêmio. Como uma das mais assíduas colaboradoras da revista, assinou textos sob os pseudônimos

²⁷⁰ **Júlio Strubing Müller (1895-1977)** foi professor e político mato-grossense, tendo desempenhado várias funções públicas: foi professor primário na Escola Modelo, diretor do Grupo Escolar Boconé, professor de alemão no Liceu Cuiabano e de francês na Escola Normal, prefeito de Cuiabá entre 1930 e 1932, além de governador do estado de 1937 a 1945. Dentre seus feitos, sublinham-se a fundação de abrigos, a reforma da Imprensa Oficial, a construção do prédio do Liceu Cuiabano e do local onde hoje se localiza o Arquivo Público de Mato Grosso. (Fonte: Portal Mato Grosso).

²⁷¹ Publicado em Rio Preto/SP, parte de seu acervo encontra-se disponível no Arquivo Público do Município.

Mary, Chloé, Vampira, Consuelo, Sara, Lucrecia, Ofélia e Vespertina (COSTA, 2016). Filha de Adelina Ponce de Arruda, igualmente membro do grêmio, Maria de Arruda casa-se em 1919 com Julio Muller, professor e político de certa influência no estado, passando a chamar-se Maria de Arruda Muller.

Em *A Violeta*, colaborou amplamente, escrevendo crônicas e textos de teor literário – obras de ficção e algumas composições poéticas. Costa (2018, p.85) admite ter sido ela a “que mais se aproxim[ou] do caráter literário impresso na revista *A Violeta*.”

Em 1930 é eleita para ocupar a cadeira de número 15 do Centro Matogrossense de Letras. Foi ainda sócia honorária do Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso e recebeu, aos 102 anos, pelas mãos do Ministro da Educação, Paulo Renato, a “Ordem Nacional do Mérito Educativo”, premiação “criada em 1955 com o objetivo de honrar personalidades nacionais e estrangeiras que tenham contribuído de maneira excepcional para o desenvolvimento da educação”.²⁷²

Além de *A Violeta*, Maria Muller colaborou com outros noticiários e semanários matogrossenses, tendo iniciado sua carreira na imprensa em agosto de 1916 (NADAF, 1993), portanto antes da fundação do Gremio Litterario Julia Lopes.

Participou da constituição da Liga Feminina Pró-lazaros em 1932 e construiu uma trajetória consistente também no assistencialismo. Fundou o Abrigo dos Velhos e das Crianças de Cuiabá²⁷³ (1940) e a Sociedade de Proteção à Maternidade e Infância de Cuiabá (1942). Foi ainda presidente da Legião Brasileira de Assistência (LBA) durante a Segunda Guerra Mundial, em 1942.

Publicou 3 volumes – *Família Arruda* (1972); *Cuiabá ao longo de 100 anos* (1994), em parceria com a professora Dunga Rodrigues; e *Sons longínquos* (1998), livro de poesias. Fora considerada a professora mais antiga em exercício, uma vez que atuou em sala de aula até os 96 anos. Por sua posição de destaque nas letras e na educação cuiabana, em ocasião de seu centenário, seu nome foi incorporado ao Liceu Cuiabano em 1998, o então Liceu Cuiabano Maria de Arruda Muller²⁷⁴, sob tutela do Estado.

²⁷² Fonte: **Ministério da Educação**. Ministro entrega medalhas da Ordem do Mérito Educativo. Disponível em: <[²⁷³ Atualmente Fundação Abrigo do Bom Jesus, localizado no bairro Morada da Serra, zona norte de Cuiabá. Acolhe 80 idosos e funciona por meio de doações de templos e benfeitores, sem contar com financiamento governamental.](https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/ministro-entrega-medalhas-da-ordem-do-merito-educativo#:~:text=A%20Ordem%20Nacional%20do%20M%C3%A9rito,%3B%20Comendador%3B%20Oficial%20e%20Cavaleiro.> Acesso em 20 fev. 2023.</p>
</div>
<div data-bbox=)

²⁷⁴ Fundado em 1944, a atual sede do Liceu foi construída sob intervenção de Julio Muller. Em 1985, o prédio foi tombado pelo Patrimônio Histórico. **Fonte:** SEDUC-MT. Escola Liceu Cuiabano completa 140 anos de história

Nadaf (1993) destaca que na primeira edição da revista, em dezembro de 1916, colaboraram apenas mulheres mato-grossenses, em um total de 7 assinaturas – Maria Dimpina, Maria Ponce de Arruda, Regina Prado, Maria de Camargo, Francisca de Figueiredo, Tereza Lobo e Mariana Póvoas. Indica ainda que mais de 250 nomes assinaram e participaram da agremiação. Considerando os limites deste estudo, são destaque neste trabalho alguns nomes que, para além da colaboração nas páginas do periódico, ocuparam o cargo de diretoras de *A Violeta* – Maria Dimpina Lobo Duarte, Bernadina Rich, Mariana Póvoas e Benilde Moura. O quadro 13 abaixo mostra o total de edições dirigidas por cada uma delas:

Quadro 13 - Diretoras de *A Violeta*

Direção	Total de edições
Maria Dimpina	48
Bernardina Rich	72
Marianna Póvoas ²⁷⁵	4
Benilde Moura ²⁷⁶	4

Quadro elaborado pela autora

Maria Dimpina Lobo Duarte foi a primeira presidente do *Gremio Litterario Julia Lopes* e a primeira diretora da revista, permanecendo no cargo até a edição 86, de outubro de 1921. Dentre as colaboradoras em evidência neste estudo, Maria Dimpina é o nome de maior destaque na cena mato-grossense nas primeiras décadas do século XX.

Na posição de assídua colaboradora, assinou grande parte dos textos que figuravam na coluna “Crônica”, textos estes que discutiam intervenções em Mato Grosso, a política no estado, a criação de escolas, de bibliotecas, de leis e até mesmo as decisões do presidente. Assinou também a seção “Correspondência de D. Martha”, por meio da qual postulava conselhos, indicações de leituras e comportamentos para as mulheres, as “amigas leitoras”.

Maria Dimpina (1891-1966) foi a primeira mulher bacharel em Ciências e Letras no Liceu Cuiabano. De acordo com os dados colhidos no site do Instituto Federal de Mato Grosso, ela “Dedicou-se ao magistério sendo professora da Escola Modelo 'Barão de Melgaço'; fundou o colégio particular “São Luiz” do qual foi proprietária, diretora e

e referência em educação. Disponível em: <<https://www3.seduc.mt.gov.br/-/13399063-escola-liceu-cuiabano-completa-140-anos-de-historia-e-referencia-em-educacao>>. Acesso em 21 fev 2023. Como já citado anteriormente, o Liceu Cuiabano fora instaurado ainda no século XIX, em local diferente.

²⁷⁵ Direção compartilhada com Benilde Moura.

²⁷⁶ Direção compartilhada com Maria Dimpina.

professora.”

Ademais, foi a primeira funcionária pública do estado de Mato Grosso, atuando nos Correios e Telégrafos. Em 1934, associa-se à Federação Mato-grossense pelo Progresso Feminino, criada no mesmo ano, da qual torna-se vice-presidente. Publica, em duas edições (195 e 197), o texto “5 minutos de feminismo”, em referência às palestras de Bertha Lutz para o programa da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. É a partir do surgimento da FBPF que *A Violeta* passa a apresentar, através da figura de Maria Dimpina, textos mais incisivos com relação ao(s) processo(s) emancipatórios das mulheres, convocando as leitoras a participarem da associação (GOMES, 2018).

Em referência à cultura cuiabana, o mato-grossense *A Cruz* cita, em 1938, Maria Dimpina e Benilde Moura como “mulheres intelectuais que muito se tem sobrelevado nesse panorama cultural não só da capital como de todo o Estado.” (Edição 1351, p.1). Além da fundação, direção e colaboração com *A Violeta*, Maria Dimpina foi colaboradora de *O Matto-Grosso*, compartilhando, principalmente, as iniciativas da Liga Pró-lazaros, associação de caridade do estado do qual fazia parte.

A paraibana Benilde Borba de Moura foi escritora, poeta e trovadora, sendo sua poesia reconhecida no rol dos “poetas mato-grossenses parnases da actualidade”, em 1936 (*A CRUZ*, edição 1238). Como professora, atuou na Escola Modelo Barão de Melgaço e na Escola Industrial Federal de Mato Grosso, na segunda metade da década de 1940, onde ocupou cadeira como professora de Desenho. Em 1939 foi nomeada para o cargo de desenhista auxiliar da Diretoria de Estatística e Publicidade do Estado, feito divulgado pela própria *A Violeta*.

Para o periódico, colaborou com textos em prosa e poesia. Além de textos literários, nos quais prevalecia o romance, versava sobre a história do estado, a religião, a intelectualidade e a educação feminina, principalmente; além comentar alguns acontecimentos do Estado, a exemplo da defesa do Estado Novo, e da intervenção federal em Mato Grosso, sob a figura de Julio Muller:

Ao referir-me ao Estado Novo, a que todas as expressões de entusiasmo são insignificantes para enaltecer essa obra gigantesca. Obra realizada num ambiente de "paz e concordia", que levará a nossa estremecida Patria a uma digna situação. (*A VIOLETA*, edição 246, p. 7).

Para além de *A Violeta*, publicou ainda nos mato-grossenses *A Cruz*, *O Estado de Mato Grosso*, *O Mato Grosso*, *Tribuna Liberal* e *Folha Mato Grossense*, além de escrever para a Revista da Academia Mato Grossense de Letras.

Ao longo dos 13 anos em que dirigiu *A Violeta*, Bernardina Elvira Maria Rich atuou

na e para a educação das crianças, recebendo diversas homenagens das redatoras da revista. Formou-se normalista e ainda no final do século XIX participou de concurso público para entrar na escola primária. Marques e Gomes (2017) comentam que a cor de sua pele fora uma barreira para que Bernardina pudesse ocupar o cargo naquele momento; e mais, quando por fim o ocupou, fora transferida para outra localidade, longe da capital Cuiabá.

Além de ter sido vice-presidente do Gremio litterario Julia Lopes, fundou e dirigiu a Escola particular 8 de dezembro; dirigiu também a Quarta Escola do Sexo Masculino e a Imaculada Conceição, todas em Cuiabá. Embora não tenha sido colaboradora de *A Violeta*, seu trabalho junto à revista foi divulgado, a exemplo da sua participação como membro da Liga Pró-lazaros, de assistência à população desvalida; a presidência da Fundação Matogrossense pelo Progresso Feminino de 1934 a 1942, e ainda por ter sido representante de *A Violeta* na criação da Associação de Imprensa Matogrossense em 1934.

Por já ter uma sólida carreira no magistério antes da fundação do grêmio e da publicação de *A Violeta*, Bernardina Rich, como ficou conhecida na revista, era vista como uma espécie de “bússola”, conforme indica Costa (2018, p. 79-80):

O carisma de Bernardina era reiterado em vários textos como umas das marcas da personalidade da normalista que circulava em vários espaços (escolares ou não) e cultivava a amizade e o respeito das alunas, ex-alunas, professoras, independentemente da idade. Atuava nos bastidores e não assinava suas produções na revista, ao contrário de Maria Dimpina e Maria Muller, por isso, é impossível determinar a extensão de sua “angulação” na revista porque as seções eram assinadas pela redação, eram informativas ou traziam os aniversariantes do mês, falecimentos, nascimentos, casamentos e etc.

Marianna Póvoas foi a primeira vice-presidente do grêmio e uma das primeiras redatoras de *A Violeta*, tendo texto em prosa publicado na 1ª edição da revista, intitulado “O Regato”, que, de forma poética, traz a temática das flores e seu desabrochar, estabelecendo uma comparação à publicação do 1º volume da revista.

Participou da Liga Pró-lazaros²⁷⁷ como 1ª secretária em 1937, e foi tesoureira de *A Violeta* ainda na década de 1910. Em janeiro de 1921, o mato-grossense *Correio do Estado* publica em nota um edital de admissão para a Escola Modelo Profissional Feminina, no qual Marianna Póvoas assina como professora e diretora da instituição.

²⁷⁷ Criada em 1932 como Liga Feminina Pró-lazaros, institucionalizou-se em 1937, com apoio do governo federal.

3.1.1 A operação historiográfica na revista

Ressaltando o caráter imparcial da imprensa e trazendo a lume ainda o momento histórico no qual o grêmio e a revista foram fundados, é possível perceber diversos aspectos que garantiram sua afirmação como periódico feminino²⁷⁸ popular em Mato Grosso, a começar pelo próprio nome da revista. Como bem sublinha Muzart (2003, p. 228), já no final do século XIX eram comuns os nomes de flores para denominar as revistas:

Com nomes de flores, pedras preciosas, animais graciosos, todas metáforas da figura feminina, foram editados *A Camélia*, *A Violeta*, *O Lírio*, *A Crisálida*, *A Borboleta*, *O Beija-Flor*, *A Esmeralda*, *A Grinalda*, *O Leque*, *O Espelho*, *Primavera*, *Jornal das Moças*, *Eco das Damas* e assim por diante.

Ademais, Baldissarelli (2018) apresenta uma gama de periódicos que circularam no período, dentre eles dois que seguiram *A Violeta*, nome também já popularizado nos primeiros anos do século passado, especialmente na capital federal:

A Camelia: orgam da sociedade noites recreativas: dedicado as esmas famílias (1887–1888, São Paulo/SP); A Camelia: órgão popular (1887-1888, não localizado/fonteAPMG²⁷⁹); A Camélia: Orgam literário (1900-1900, Campinas/SP); A Camelia: Orgam Literário, noticioso, crítico e variedade (1909–1909, Descalvado/SP); A Camelia: Semanário literário e humorístico (1904-1904, Franca/SP); A Chrysalida: orgam recreativo do Collegio Nogueira da Gama (1897, Jacarehy/SP); A Chrysalida: periódico da mocidade estudiosa do Liceu Cuiabano (1926–1927, Cuiabá-MT); A Grinalda: em homenagem ao bello sexo (1896–1896, São Paulo/SP); A Ortiga: órgão do Club dos Teimosos: realejo do grupo das ortiga das ortiga das ortigas (1885; Ouro Preto/MG), A Primavera: literário, humorístico e noticioso (1911; Não localizado), A Violeta (1878-1879, Rio Grande do Sul/RS); A Violeta: folha literária dedicada ao bello sexo (17/07/1887, São Paulo/SP); A Violeta: Orgam dedicado ao bello sexo de Sertãozinho (1900- 1900, Sertãozinho/SP); A Violeta: 13/11/1901 e A Violeta: 25/04/1902 Orgam crítico, literário e noticioso (25/04, 1902, São Paulo/SP); A Violeta: Órgão Grêmio Literário Júlia Lopes (1916–1950 Cuiabá/MT); Chrysalida (1907), São Paulo/SP); Chrysalida: Folha Literária, Crítica e Theatral (1873, Rio de Janeiro/RJ); Chrysalida:orgam do Club literário mineiro (1887–1888, Ouro Preto /MG); Corymbo (1883– 1944, Rio Grande do Sul/RS); Dahlia: as esmas famílias que abrilhantam as reuniõesdo R. C.G. Portuguez (1894, São Paulo/SP); Écos Juvenis: órgão das alunas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (1936 - 1939, Campo Grande/MT); Echo das Damas (1879 – 1888 São Paulo/ SP); Fon Fon: Semanário ilustrado: a revista feita para o lar (1914-1956, Rio de Janeiro/RJ); Fon Fon: Semanário, alegre, político e crítico e esfuziante (1907-1954, Rio de Janeiro/ RJ); Frou Frou: (1923- 1927, Rio de Janeiro/RJ); Jornal das Moças (1914 -1956, Rio de Janeiro/RJ); Jornal da Senhoras (1852, São Paulo/ SP); Momento Feminino (1947-1956, Rio de Janeiro/RJ); O Cravo (1904-1904,

²⁷⁸ O próprio *O Jasmin*, revista que precedeu *A Violeta* em Cuiabá, também apresentava nome de flores.

²⁷⁹ No referido estudo não há menções ao significado da sigla em destaque, mas acredita-se tratar do APM – Arquivo Público Mineiro.

Franca, São Paulo); O Espelho: revista da vida moderna (1935– 1935, Rio de Janeiro/RJ); O Gyra Sol (07/07/1901, São Paulo/SP); O Iris (01/11/1900, São Paulo/SP); O Jasmin: folha semanal (1894- 1984, São Paulo/SP); O Jasmin: Órgão da loja da lealdade (1893–1895, São Paulo/ SP); O Jasmin: periódico literário e recreativo (1857- 1857, Curitiba/PR); O Jasmin (13/09/1890– Ouro Preto/MG); O Jasmin (10/10/1897, Cuiabá/MT); O Lyrio: Órgão literário do Club Lyrio Paulista (08/05/1897, São Paulo/ SP); O Lírio: o jornal de variedade dedicado às famílias (1860- 1860, São Paulo/SP); O Myosotis: periódico literário e dedicado a juventude 04/05/1890, Corumbá /MT); Orkhidea: revista de ciência, arte e polêmica literária (1902 -1903, São Paulo/SP); Revista feminina (1914–1926, São Paulo/SP); Revista Vida Doméstica: a revista do lar e da mulher (1924–1959, Rio de Janeiro); Rosa d’amor – (1912-1912, São Paulo/SP); Violeta: Órgão da loja da lealdade (1888-1888, Piracicaba/SP). (BALDISSARELLI, 2018, p. 11-12).

Os nomes de flores e de objetos comuns ao cotidiano das mulheres era mais uma tentativa- se não a primeira – de aproximar-se das leitoras em potencial. Ecléa Bosi, em prefácio para a edição mais recente de “Mulher de Papel”, comenta que “o texto da imprensa feminina sempre vai procurar dirigir-se à leitora, como se estivesse conversando com ela, servindo-se de uma intimidade de amiga.” (p. 18).

Em consulta à Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, um dos acervos da revista utilizados para pesquisa deste estudo, há 149 ocorrências para o termo “flor”, dentre as quais percebe-se que é amplamente utilizado para designar não apenas a espécie, mas também como uma metáfora para o amor, a mulher, a criança, a nação, a inteligência e o caráter femininos, e a própria revista:

A mui apreciada revista A Violeta
 Não tens, oh meiga violeta, a soberania da bella e encantadora rosa, mas, muito mais do que ella, traduzes a simplicidade dos corações puros, e fallas aos infelizes uma linguagem suave e delicada, que se não pode definir.
 (...)
 Violeta, tu és a flor triste e sublime com que se orna o jardim dos corações desventurados!” (A VIOLETA, edição 126, p. 6).

A linguagem suave e delicada a que se refere o trecho pode ser entendida a partir das escolhas de suas redatoras, que privilegiaram uma linguagem mais simples e íntima às leitoras. Mais uma vez, na tentativa de estabelecer uma conexão com as leitoras em potencial. Não por acaso uma das seções da revista trazia as cartas das leitoras para a publicação. Uma dessas seções, “Correspondência de D. Martha”, em referência a um dos pseudônimos de uma de suas redatoras, era a maior responsável por estabelecer e manter essa conexão entre a revista e as leitoras, como apresentam os trechos abaixo:

Si poupar quizesse o trabalho das minhas sempre condescendentes leitoras patricias, com a leitura desta mal alinhavada correspondencia, eu lhes aconselharia a leitura da A arte de envelhecer” do "Livro das Donas e Donzellas, de D. Julia Lopes de Almeida.

(A VIOLETA, edição 82, p. 6)

Minhas boas amiguinhas,
Mais um anno vae fundar se, levando comsigo uma chuva. de bençãos, ou maldições
dos Contentes e dos que nao foram felizes. (A VIOLETA, edição 112, p. 11).

Para além de “Correspondência de D. Martha”, diversas foram as seções presentes ao longo dos 34 anos em que circulou *A Violeta*. Contos, crônicas, poesias, colunas sociais, artigos de opinião – geralmente escritos por suas redatoras – notícias e textos diversos (notas, anúncios, epígrafes etc.). Em acordo com a pesquisa de Nadaf (1993), havia ao menos 16 seções na revista que apresentaram alguma regularidade, dentre as quais 3 permaneceram por mais tempo – “Chronica”, “Perfil” e ‘Correspondência de D. Martha”. A este respeito, comenta ainda:

A abertura dada às seções pela redação de *A Violeta*, resultou em grande variação de sua composição. Por suas páginas publicavam-se contos, cartas, poemas, textos literários e não-literários, preceitos e outros, sem a determinação de um espaço rígido permanente, o que terminou por acarretar uma alternância quantitativa de estilo em seus exemplares – ora a produção literária suplantou a produção informativa e vice-versa, ora se apresentou no mesmo volume. (NADAF, 1993, p. 34).

Dado o acervo disponível para consulta – a Hemeroteca Digital da FBN, o APMT e o AYN, o quadro abaixo mostra a diferença entre os nomes e o número de seções presentes na revista e as décadas em que circulou (1910 – 1950), observando sempre a primeira e a última edição de cada uma delas:

Quadro 14 - Seções de *A Violeta*

Década	Seções e títulos		Total por década
1910	Edição 1 “Noticiário” “Aniversários”	Edição 49 “Chronica” “Fatalidades” “Bilhetes postais” “Noticiário”	4
1920	Edição 64 “Chronica” “Correspondencia de D. Martha” “Noticiário”	Edição 173 “Chronica” “Noticiário” “Fallecimentos”	4
1930	Edição 174 “Crônica” “Correspondencia de D. Martha” “Noticiário” “Sociaes” “Fallecimentos”	Edição 259 “Chronica” “Noticiário” “Aniversários”	6
1940	Edição 265 “Crônica” “Correspondencia de D. Martha” “Noticiário” “Sociais”	Edição 331 “Crônica” “Para a mulher” “Moda e vida” “Noticiário”	6
1950	Edição 333 “Crônica” “Como fazer felizes...”		2

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Alguns pontos merecem destaque na variedade de seções de *A Violeta*. A opção de pensar nessa variedade por décadas nos permite inferir algumas intencionalidades de suas redatoras com a publicação. Nas duas primeiras décadas é possível observar um esforço por parte das redatoras em abordar assuntos com um viés ideológico – principalmente a defesa dos direitos das mulheres – e políticos, a exemplo dos movimentos separatistas e da expansão do estado, colocados em tela.

O governo do presidente Getúlio Vargas (1930-1945) é amplamente divulgado na revista e, embora trate-se de uma publicação feminina cuja defesa dos direitos da mulher – educação, trabalho e voto – estavam em pauta constante, a revista toma uma postura mais neutra e pouco ostensiva quando, em 1937, o voto feminino, assentado pela Constituição de 1934, fora também suspenso pelo regime do Estado Novo (1937-1945).

Já em dezembro de 1937, as redatoras evidenciavam seu posicionamento político em relação aos embates que acompanharam os últimos anos da década, na primeira página da revista:

Novembro é nas gestas republicanas do Brasil fadado para possuir grandes datas e teatro de grandes acontecimentos. Sendo o mês da “Bandeira” e da “República”, é também o da posse da direção dos negócios públicos, do eminente Dr. Getúlio Vargas. Nelle deu-se a transformação repentina em 89, da face política do paiz colocado quase sem preparo previo, ante problemas gigantescos gerados pela implantação de novo regime sem derramamento do sangue generoso do povo, graças a magnanimidade e patriotismo de Pedro II. Tambem nelle, iniciou-se a ditadura branca em 1930, após embate victorioso da Nação em armas, que reivindicava um Brasil melhor. Nessa phase de transição, a patria foi trabalhada por violentas forças contrarias, saindo- se de cada entrechoque, mais fortalecida, e mais capaz de ascender ao teu formoso destino. (A VIOLETA, edição 236-237, p. 1).

Contudo, convém ressaltar que, em 1937, há apenas 6 volumes da revista publicados, que correspondem às edições 230-237. O mato-grossense *A Cruz* comenta o fato em junho de 1937:

A Violeta

Após um periodo de ausencia, volta-nos a sympathica e querida Violeta, revista que é o indice da cultura fenminina em nosso meio e já attinge ao seu 21º anno de existencia. O numero que acaba de ser distribuido traz variada e boa collaboração, figurando á frente da redacção as talentosas senhorinhas Marianna Póvoas e Benilde Moura. É com a maior satisfação que enviamos a Violeta os nossos votos de felicidade nesta nova phase. (A CRUZ, edição 1288, p. 2).

Embora não haja evidências concretas, importante lembrar que, com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), em 1939, muito do que era divulgado pela imprensa nacional foi censurado, uma vez que o órgão responsável zelava não apenas por divulgar e enaltecer o governo e seus ministérios, mas também por proibir quaisquer produções que considerava subversivas.

A partir da década de 1940, alinhadas às propostas de pátria e família inculcadas pelo governo varguista, *A Violeta* expõe ampla defesa em relação aos “feitos” do governo em gestão, especialmente no que tange à educação:

Não sei de movimento que me causasse tanta simpatia qual êsse com que a Cruzada Nacional da Educação²⁸⁰ pretende comemorar a data natalícia do Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas, D. D. Presidente da República, fundando uma escola em cada município brasileiro. Cada escola que se cria é sempre um novo sol que desponta, espantando as trevas da ignorância, trevas estas que acobertam ora vicios, ora lamentável invalidez ou tropeços inevitáveis.

²⁸⁰ Campanha política instaurada pelo decreto nº 21.713, de agosto de 1932, que tinha como finalidade principal combater o analfabetismo e promover o ensino mais amplo, considerando o acesso à educação à toda a população do país. Em 1943, o presidente Getúlio Vargas, iniciou a “Campanha do Tostão”, que visava a arrecadação de fundos para a construção de 10.000 escolas no país. No documento, a mulher é citada como aquela que assumiria a missão patriótica de alfabetizar e conduzir os filhos à alfabetização. (FONTE: Câmara dos Deputados; CARVALHO BICA; CORSETTI, 2011).

(...)

Não por ser mulher, senão por compreender ver, o que sabem. todos os que têm olhos, de ver deixo aqui a minha sugestão: A escola de que mais precisamos, a escola que nos falta, a escola que vem ao encontro das nossas necessidades, é a Profissional Feminina. (A VIOLETA, edição 274, p. 1).

Não por acaso, é nesta década que *A Violeta* apresenta um caráter menos político e informativo, assumindo uma postura mais alinhada com as tendências da época. Buitoni (2009) indica que neste momento a maioria das revistas femininas publicava sobre temáticas que julgavam ser pertinentes ao universo feminino, isto é, moda, beleza, maternidade, culinária e entretenimento. Para além das seções “Para a mulher” e “Moda e vida”, expostas no quadro anterior, em *A Violeta* existiram outros textos que evidenciam a tentativa de suas redatoras de enquadrar-se nessa tendência:

A simplicidade, a harmonia e a propriedade são as notas características da elegância. A harmonia é essencial no vestuário, assim como a propriedade. É impróprio comparecer-se a uma recepção de cerimônia com um vestido de esporte. É ridículo ir-se à escola ou ao trabalho com roupas de luxo e joias caras. Isabel de Almeida Serrano²⁸¹. (A VIOLETA, edição 237, p. 20).

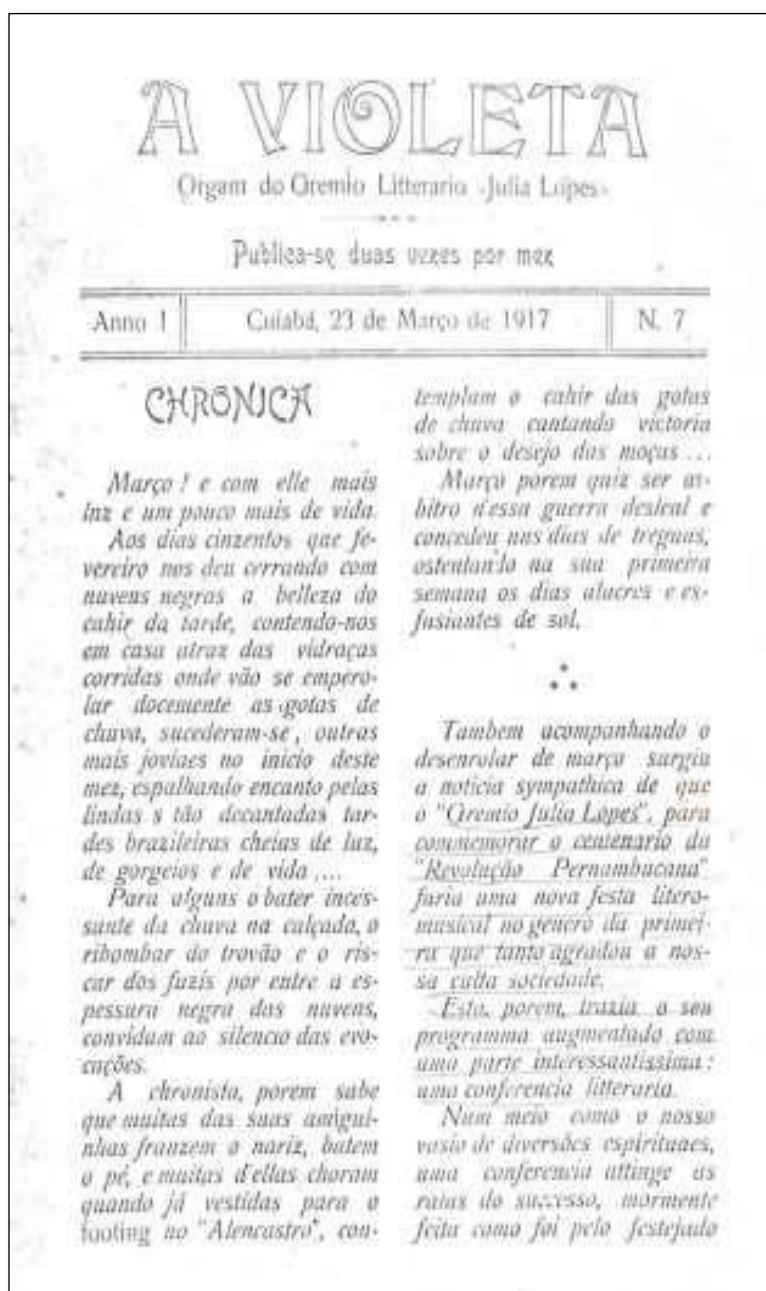
No que se refere à materialidade da revista, isto é, aspectos que compreendem seu tamanho, formato e diagramação, *A Violeta* apresentou-se em formato *in folio*, com aproximadamente 16 páginas por edição. De maneira geral, a diagramação de *A Violeta* não sofreu grandes alterações.

Comparando uma das primeiras edições, em 1917²⁸², e uma das últimas, em 1949²⁸³, é possível perceber que apenas determinados elementos gráficos, tais como a fonte utilizada e a disposição do texto, modificaram-se ao longo dos 34 anos de publicação. Ademais, a partir da década de 1920, observa-se a presença de uma capa que antecede a primeira página, onde publicava-se a seção “Crônica”:

²⁸¹ Isabel Almeida Serrano (1890-1994) foi professora e escritora. Dentre suas publicações, destaca-se o “Noções de Educação Doméstica” (1946), um dos volumes publicados a partir da lei orgânica de 1942, que instituiu a educação doméstica no currículo das escolas primárias. Além de ter tido 12 edições, o livro em questão contém 4 textos extraídos de Livro das Noivas (1896): “A poesia da vida”, “Conselhos a uma noiva”, “A mesa” e “O doente”. (ALMEIDA, 2016).

²⁸² Edição 7.

²⁸³ Edição 300.

Figura 77 - Capa da edição 7 de *A Violeta*

Fonte: Arquivo pessoal de Yasmin Nadaf.

Figuras 78 e 79 - Capa e primeira página da edição 330 de *A Violeta*

Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

Com relação à coloração da revista, Nadaf (1993, p. 29) indica que as cores foram variadas: “tons pastéis bege, branco e rosa, amarelo e verde... vermelho, verde, amarelo, azul, rosa, laranja e roxo.”. Nesse sentido, convém ressaltar que o acervo disponível para consulta é digitalizado em preto e branco em quase sua totalidade, o que dificulta tal detalhamento. Contudo, algumas edições, cedidas pelo Arquivo Público de Mato Grosso (APMT), evidenciam essa coloração diversa:

Figuras 80 e 81 - Edições 109 e 184 de *A Violeta*

Fonte: Arquivo Público de Mato Grosso.

Inicialmente com periodicidade semanal, *A Violeta* passa a ser publicada uma vez por mês a partir da edição 44, de 20 de janeiro de 1919, por conta de um suposto desequilíbrio nas finanças do grêmio, como expõem suas redatoras nesta mesma edição.

Figura 82 - Recorte da página 12 da edição 44

"A VIOLETA" passará a ser publicada uma vez por mez, devido resolução da actual thesoureira do Gremio Julia Lopes, até que se equilibrem as finanças do mesmo Gremio.
Sendo assim a revista só sahirá a 20 de cada mez.

Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

Quadro 15 - Oscilações na periodicidade – mensal - de *A Violeta*

Ano	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	Dez	Total
1923					x								1
1924									x	x	x		3
1925						x							1
1926											x		1
1927								x	x				1
1928			x						x				2
1929											x		1
1930											x		1
1931		x						x			x		3
1932		x		x				x			x		4
1933		x					x						2
1934						x	x	x	x				4
1935	x		x					x		x	x		5
1936	x	x	x		x	x	x	x	x	x	x	x	11
1937	x	x	x	x		x		x			x		7
1938	x	x	x		x	x							5
1940					x								
1941		x		x			x				x		4
1942	x	x	x					x	x				5
1943				x	x	x	x	x	x	x	x	x	9
1944					x		x						2
1945					x			x		x			3
1946			x			x	x						3
1947	x	x	x	x	x	x	x	x					8
1948	x	x	x			x	x	x			x	x	8
1949	x	x	x	x	x		x	x			x	x	9
1950	x	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	11

Fonte: elaborado pela autora (2023).

De maneira geral até 1950, a periodicidade assim permaneceu, salvo algumas alterações. O quadro 15 apresenta os meses em que não houve publicação²⁸⁴ da revista.

Os meses de agosto e novembro são os que menos apresentam publicações, ao passo que os meses de dezembro e outubro são os que apresentam a maior frequência. Os anos de 1936, 1943, 1949 e 1950 são os anos que apresentam o menor número de edições publicadas. Assim, percebe-se que os anos que antecedem à morte de Júlia Lopes de Almeida apresentam uma maior frequência em termos de publicações. Tal fato justifica, ademais, a preferência do recorte temporal adotado para esta pesquisa – 1920 a 1934.

Ainda a respeito dos traços editoriais da revista, convém ressaltar os editores. De 1916 a 1918 foram 9 as tipografias responsáveis pela publicação de *A Violeta*. Conforme apresentado em Costa (2016), entre a edição 1 (16/12/1916) e a edição 31 (15/04/1918) apenas a edição 13 (08/07/1917) apresenta a marcação para o editor – *Typografia Pereira Leite*. Na seção “Noticiário” da edição 315, a redação comenta que em 1916 “Aparece em Cuiabá o Jornal «A Violeta», orgam do «Gremio Literário Júlia Lopes» impresso nas oficinas de João Pereira Leite| e com oito páginas de texto” (p. 13).

O quadro 16 mostra a relação entre as tipografias e os anos de publicação da revista, considerando o recorte temporal (1920-1934):

Quadro 16 - Tipografias de *A Violeta* (1920-1934)

Ano	Tipografia
1920	Typografia da Livraria Globo
1921	Typografia da Livraria Globo
1922	Typografia da Livraria Globo/Typografia de O Jornal
1923	Typografia da Livraria Globo
1924	Typografia A. Evangelista
1925	Typografia Modelo
1926	Typografia Emygdio Lima
1927	Escolas Profissionais Salesianas
1929	Typografia Official
1930	Typografia Official
1931	Typografia d´O Norte
1932	Typografia d´O Momento
1933	Typografia Official
1934	Typografia Official

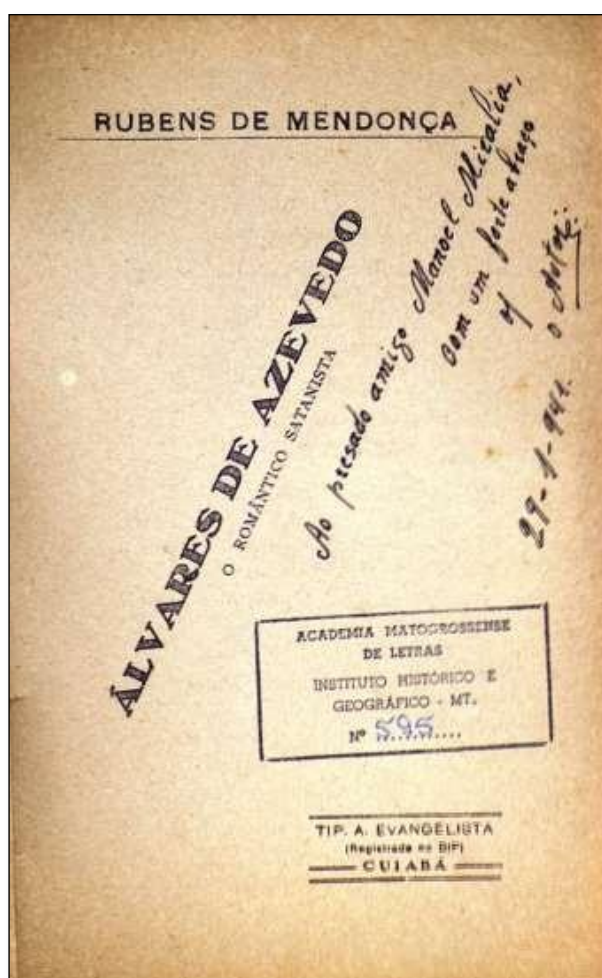
Fonte: elaborado pela autora (2023).

²⁸⁴ No ano de 1916 há apenas uma edição, a inaugural (dezembro). Os anos de 1917, 1918, 1919, 1920, 1921, 1923 e 1939 apresentam o quadro completo de meses e publicações, de janeiro a dezembro.

Nas primeiras décadas do século passado, muitos eram os periódicos em circulação em Cuiabá. Esses jornais e revistas eram por vezes publicados por tipografias próprias, uma vez que não havia um amplo investimento²⁸⁵ da tipografia oficial nos periódicos (SOUSA, 2021). Contudo, cabe destacar algumas destas tipografias e suas relações com a história da imprensa cuiabana.

A tipografia A. Evangelista, de propriedade de Antônio Evangelista, publicou ainda o volume “Álvares de Azevedo – o romântico satanista”, de Rubens de Mendonça, escritor expoente de Cuiabá, em 1941. A figura a seguir evidencia a publicação da editora:

Figura 83 - Folha de rosto de “Álvares de Azevedo”



Fonte: Acervo da Família Mendonça e da Família Rodrigues.

²⁸⁵ Apenas em 1937, através dos investimentos no governo de Julio Muller, houve a reforma, passando a chamar-se Imprensa Oficial.

Observa-se que a Livraria Globo é a editora com maior incidência na publicação de *A Violeta*. Com endereço na rua 13 de junho na da capital mato-grossense, a Livraria Globo estava localizada em uma zona central de Cuiabá, onde havia também o Liceu Cuiabano, local que mais tarde seria uma agência dos Correios. Atualmente a região é parte do Centro Histórico de Cuiabá.

Na edição 32 consta um anúncio da tipografia, como mostra a figura 84; e na edição 44, um dos anúncios para exposição do catálogo veiculados na revista, expostos na figura 85:

Figura 84 - Anúncio da Livraria Globo



Objectos para machina de escrever

Filas para machinas, Underwood, Smith, Oliver, e outras, de uma e duas cores, e copiativas
 Papel carbonado de diversas cores.
 Almotolias de diversas qualidades
 Borracha especial.
 Papel formato almasso e em blocks para cartas.

Oleo fino especial, Norte Americano. **Poria papel** com indicador para adaptar-se as machinas, de grande utilidade para escriptorio e repartições.

Artigos de primeira qualidade só se encontra na
“Livreria Globo”
 RUA 13 DE JUNHO, 13 — TELEP. 130 — CUYABA

Objetos para machina de escrever

Filas para machinas, Underwood, Smith, Oliver, e outras, de uma e duas cores, e copiativas.

Papel carbonado de diversas cores.

Almotolias de diversas qualidades.

Borracha especial.

Papel formato almasso e em blocks para cartas.

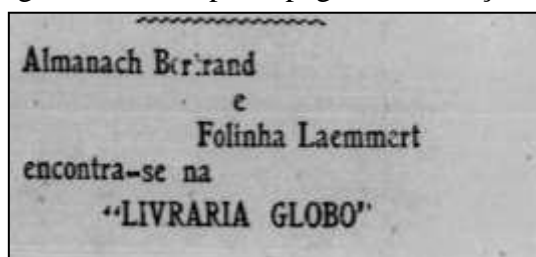
Oleo fino e especial, Norte Americano.
Poria papel com indicador para adaptar-se as machinas, de grande utilidade para escriptorio e repartições.

Artigos de primeira qualidade só se encontra na

“ Livreria Globo”

Rua 13 de junho, 13 – TELEP, 130 – Cuyaba.

Figura 85 - Rodapé da página 2 da edição 44



Fonte: Hemeroteca Digital da FBN

No anúncio, é possível observar a inscrição “Objetos para máquina de escrever”, o que nos permite pensar que, para além de uma livraria e tipografia, era também um local onde se vendiam artigos para impressão. Martins e De Luca (2018) apontam que o início do século XX é marcado por uma “modernidade técnica, que agilizava e barateava a produção” (p.101), impulsionados pelo crescimento de um público leitor que, neste momento, fazia parte do alargamento, ainda que tímido, do número de alfabetizados²⁸⁶ da Primeira República.

Anos mais tarde, um outro anúncio, desta vez no *Jornal do Commercio* (MT), divulga os produtos de papelaria e evidencia que houve mudança no endereço da livraria.

Figura 86 - Anúncio na edição 416 do *Jornal do Commercio* (MT)

Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

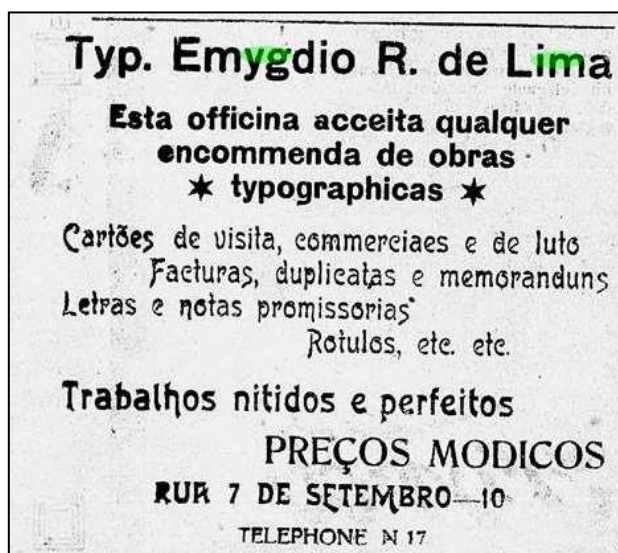
Assim como “A. Evangelista”, a tipografia Emygdio Lima foi intitulada a partir do nome de seu proprietário. De acordo com a pesquisa realizada nos periódicos mato-grossenses, Emygdio R. Lima foi major do exército em Cuiabá. Em *A Violeta*, a data natalícia de Emygdio era constantemente anunciada na seção “aniversários” e ele era memorado como alguém a quem as redatoras tinham certo apreço. A tipografia publicou ainda o mato-grossense *O Republicano*,

²⁸⁶ De acordo com Ferreira e Carvalho (2014), os censos de 1872, 1890 e 1920 mostram uma acanhada evolução na taxa de alfabetização (considera-se ainda a leitura e a escrita como critérios): em 1872, 82% de analfabetos; em 1890, o índice se manteve, embora tenha contado com um aumento expressivo da população; já em 1920, esse percentual cai para 71%, aproximadamente. Vale a ressalva de que o início do século XX ainda contava com uma taxa de analfabetismo bastante expressiva, especialmente no que se refere às mulheres. De acordo com os dados do censo demográfico de 1920, temos algo em torno de 78% de mulheres analfabetas, contra o número aproximado 69% de homens na mesma condição.

que circulou na mesma época em que *A Violeta*.

No anúncio a seguir, extraído do jornal, é possível identificar o endereço da tipografia e os serviços oferecidos:

Figura 87 - Recorte da página 4 da edição 531 de *O Republicano*



Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

Funcionando como parte do Liceu Salesiano, uma das oficinas das Escolas profissionais salesianas era a tipografia, como salienta Francisco (2013, p. 10):

Preocupação constante, a tipografia recebera atenção especial a contar pelas diversas inovações e implementação de modernas máquinas para as oficinas das “Escolas Profissionais Salesianas” do Liceu. A formação deste aparato e suas inúmeras publicações funcionam como centro propagador dos princípios católicos, além das “ciências, letras e outras artes”. Em vinte e cinco anos de Mato Grosso, os salesianos haviam publicado dezenove títulos sobre diversos temas, destacando-se a tradução de manuais para língua bororo, além da Revista Matto-Grosso, O Pequeno Mensageiro e o PróFamília, periódicos de circulação mensal impressos no próprio Liceu, ao lado de outros trabalhos gráficos requeridos pela comunidade local.

Para além de *A Violeta*, a tipografia publicou obras do intelectual cuiabano Rubens de Mendonça: “Aspectos da literatura mato-grossense”, em 1938; e “Poetas Bovôros”, em 1942. A segunda tipografia com maior incidência de publicações de *A Violeta* é a tipografia oficial, órgão do governo mato-grossense.

Essa tipografia foi a primeira imprensa oficial do Centro Oeste, tendo iniciado suas atividades em 1838, com a publicação de “Themis Matogrossense”, o primeiro periódico do estado. A tipografia oficial foi o órgão de imprensa que mais publicou a revista, somando um total de 32 edições. Entretanto, convém destacar que muitas das edições da revista não

apresentaram os nomes das tipografias que as publicaram.

A variedade de tipografias em Cuiabá no início do século XX nos permite pensar que, embora se tratasse de uma localização pouco privilegiada, quando comparada a capital federal, não era, contudo, isolada. Não apenas pela circulação de *A Violeta* por outros locais, a exemplo do empenho de suas redatoras para a circulação da revista por outros estados ou pela escolha de Júlia Lopes de Almeida como patrona, mas também pelo próprio movimento de modernização que ocupava Cuiabá e Corumbá, as cidades mais importantes do estado²⁸⁷.

A Violeta encontra-se disponível em versão impressa e digitalizada. A Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional é o local de guarda com o maior número de edições, seguido pelo Arquivo Pessoal de Yasmin Nadaf. Outros locais de guarda são o Arquivo Público do Estado de Mato Grosso (APMT), a Casa Barão de Melgaço e o Instituto Histórico Geográfico Mato-grossense (IHGMT), além do Núcleo de Documentação e Informação Histórico Regional de Mato Grosso (NDHIR), localizado na Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT).

3.2 Mato Grosso e o afã de modernização do início do século XX: cenário de criação de *A Violeta*

Uma febre de progresso agita e sacode Matto-Grosso, o colosso verde, que sente um impulso estranho desenferujar-lhe os membros, quebrar-lhe a eurtimia da organização perfeita, mas entorpecida, levantar-lhe no esplendor de toda a sua pujança o corpo gigantesco para a execução victoriosa do trabalho. (A VIOLETA, edição 147, p. 1).

O trecho em destaque, assinado por *Arinapi*, notabiliza o progresso do estado mato-grossense, trazendo ares de grandeza e importância. Apesar do tom laudatório, importante

²⁸⁷ Considerando ainda o estado de Mato Grosso em sua geografia original, contemplando o local que hoje reconhecemos como Mato Grosso do Sul.

endossar a constatação de Maria Dimpina: a Cuiabá do início do século passado passava por um processo de modernização, o que impulsionou não apenas a industrialização – principalmente pela construção da estrada de ferro –, mas ainda pelo reconhecimento da intelectualidade cuiabana.

Mato Grosso estava em sintonia com outras localidades do país: sua imprensa desempenhou papel significativo, sendo agente e, ao mesmo tempo, indício de transformações vinculadas à modernidade material e intelectual que alcançava a região e o território nacional, consolidando alianças políticas, atando laços, colocando informações em circulação a respeito de temas silenciados, trazendo, ao menos no plano do discurso impresso, os tão aclamados louros do progresso e civilização ao sertão, favorecendo uma região supostamente de pouca visibilidade no cenário nacional. (PINTO, 2021, p. 52).

Nesse sentido, coube à imprensa promover, contestar, reivindicar e divulgar as melhorias e condições do estado. De acordo com a historiografia do estado mato-grossense, a partir do final do século XVIII sua história econômica pode ser compreendida por suas atividades agrícolas e pecuárias. Tal situação só viria a se modificar com o fim da Guerra do Paraguai, em 1870, com o início da extração da borracha.

A extração e exportação da borracha pelo estado se torna uma atividade rentável e de certa notoriedade no país, principalmente durante o Estado Novo (1937-1945), quando políticas expansionistas de ocupação do oeste institucionalizaram-se no governo:

Getúlio Vargas, após a tomada do poder na Revolução de 30, propõe um intenso processo de industrialização, iniciado na mesma década e mudanças significativas nas relações sociais e produtivas existentes no Brasil são observadas. Neste sentido, o interior, antes fornecedor de insumos para a agro exportação do litoral, agora passaria a ser uma das entradas para o processo de integração indicado por Vargas. Vale ressaltar que o interior possuía sua dinâmica econômica e social própria e a busca pelo ouro (séc. XVIII) começou a alterar isso mesmo que timidamente, ou seja, a colonização do interior não é apenas projeto do século XX com Vargas. Mas este acerta na sua lógica de levar importantes atrativos e estruturas para efetivar a colonização do chamado sertão. (PINTO; MONDÊGO, 2021, p. 286).

Em *A Violeta* é possível observar a preocupação de suas redatoras com o progresso do estado, uma das finalidades essenciais da agremiação, além do enaltecimento de Mato Grosso como “o Brasil em miniatura” (edição 149, p.1) e a defesa das políticas no chamado segundo ciclo da borracha (COUTINHO, 2014):

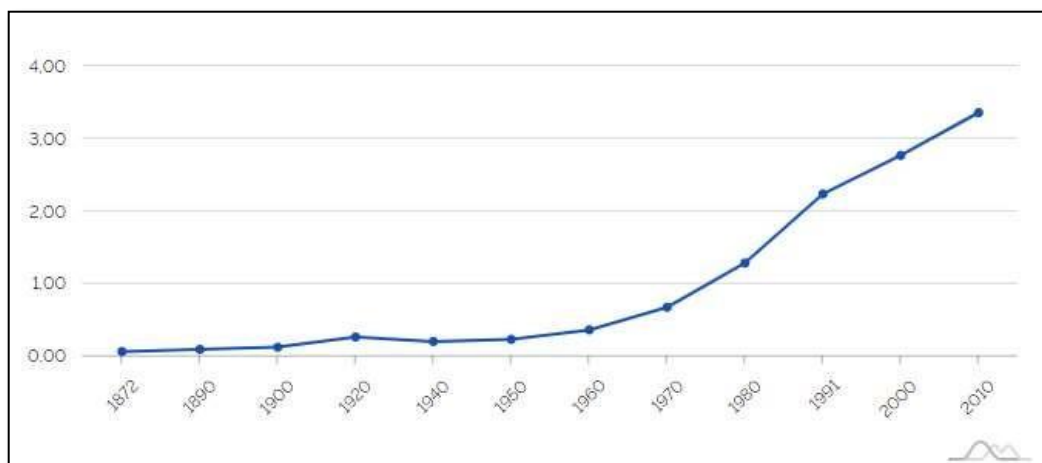
O governo federal quer o progresso em todo o país. (...) estimula as indústrias e o comércio. Constrói estradas de rodagem e melhora todas as vias de comunicações. Isenta de impostos na exportação da borracha pelo porto de Corumbá, e com os

recursos com que conta, procura melhorar imediatamente a navegação pelo rio Cuiabá, porque percebe que será esta a via mestra natural que desafogará o progresso do norte do estado, facilitando a exportação das incomensuráveis riquezas aí existentes e a importação dos produtos de primeira necessidade. (A VIOLETA, edição 254, p. 6-7).

A extração, comércio e exportação da borracha e de outros itens agrícolas colocou o estado em posição de destaque, principalmente a partir da década de 1930. Mendonça (1983) comenta que outros estados estavam ligados à atividade – Amazonas, Acre e Pará – e que a economia destes locais também dependia da atividade agrícola iniciada em Cuiabá. Com a empreitada do governo, em 1943 é instalado o Banco de Crédito da Borracha S.A.²⁸⁸, para estabelecer e financiar o comércio exterior, principalmente com os Estados Unidos.

Apesar de sua ampla extensão territorial à época²⁸⁹, superior a 1 milhão de km²⁹⁰, a densidade demográfica do estado era baixa. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o estado, em 1920, a população era praticamente nula, apresentando um valor de 0,27 habitante/km². Tal quadro só iria modificar a partir da década de 1960, muito por conta da construção de Brasília e povoamento da região, como mostra a imagem a seguir:

Figura 88 - Dados demográficos do estado de Mato Grosso (1870-2010)



Fonte: IBGE.

Grosso modo, a população de Mato Grosso no início do século passado era composta

²⁸⁸ Em 1950 passa a denominar-se Banco da Amazônia, sob a lei 1.184, de 30 de agosto e compreende os seguintes estados: Amazonas, Mato Grosso, Acre, Amapá e Pará.

²⁸⁹ Considerando também a área que compreende o Mato Grosso do Sul.

²⁹⁰ Se somarmos a área territorial dos dois estados.

de uma elite pecuarista, principalmente no sul do estado. Cuiabá está localizada na região central do estado, distante do porto de Corumbá e das regiões de pecuária e de agricultura de exportação. Moreno (1999, p. 76) indica que, apesar dos investimentos contundentes no estado, o Norte permaneceu isolado e menos habitado:

O norte do antigo estado não chegou a ser atingido pela política oficial de colonização, embora o governo federal tivesse criado organismos especiais, como a expedição Roncador Xingu (1940), que deu origem a Fundação Brasil Central (1943), objetivando a exploração e colonização de regiões “desconhecidas”.

Se comparado ao Rio de Janeiro, a capital federal até 1960, Mato Grosso tinha uma população 60 vezes menor que a sede do governo federal em 1920. Mesmo em 1940 com a política expansionista de Vargas e o investimento na região, os números são bastante discrepantes: enquanto o Rio de Janeiro contava com uma média de 82 habitantes/km², Mato Grosso era habitado por apenas 0,2 habitantes/km². Já no sul do estado, hoje Mato Grosso do Sul, havia aproximadamente 0,7 habitantes/km². Daí a insistência de *A Violeta* em divulgar e reivindicar a construção de uma estrada de ferro no norte do estado, fundando inclusive a Liga Pró-Norte de Mato Grosso:

(...) o cuiabano que compreendia a facilidade do commercio e o desenvolvimento em Corumbá, enquanto Cuiaba morosamente marchava, morosamente como progridem todas as cidades falhas de vias de communição.

(...)

A estrada de ferro, como feito de um iman que sempre atraiu o nosso para o Estado de S. Paulo, a estrada de ferro?? tão almejada, não chegou a Cuiaba. O Sul de Matto-Grosso teve a felicidade de a possuir. Matto-Grosso ligou-se a S.Paulo; o sul floresceu para alegria nossa como mattogrossenses que somos.

(...)

E como nosso esforço só não o bastante fundou-se a Liga Pró Norte Matto-Grosso que espera de vós todas o apoio para que ella possa agir, para que ella possa de resolver o seu campo de acção. E o seu traçado, minhas Sras, o seu programma é que venho vos expor. O primeiro problema, o problema único, básico, alicerce, não há de duvidar, é a construção de uma estrada de ferro que ligue Cuiaba a um centro adiantado da União, e nos aproxime do litoral. (Trecho do discurso de Maria Dimpina, proferido na segunda reunião da Liga, em 1930. *A VIOLETA*, ed.181, p. 11-12).

Embora localizada no Centro-Sul mato-grossense e mais distante do eixo cultural (RJ-SP) do que Corumbá (MS), Cuiabá modernizou-se nas primeiras décadas do século XX. Parte deste projeto de modernização estava associado a um ideário de educação, tal qual na capital federal e em São Paulo.

É a partir da década de 1870 que as instituições escolares começam a ser fundadas em Cuiabá. No início do século XX, a cidade já contava com 4 instituições de grande porte, embora

criadas para usufruto de uma elite: Escola Normal (1875); Seminário da Conceição (1880); Liceu Cuiabano (1879/1884²⁹¹) e Liceu Salesiano de Artes e Ofícios (1889).

Uma das primeiras iniciativas educacionais no estado ocorreu em 1840, com a instalação da primeira Escola Normal, na cidade de Cuiabá. De acordo com a Lei n. 8 de 1837, o estado deveria implementar o mais rápido possível uma Escola Normal, para que houvesse professores no ensino primário, que deveriam ser formados na capital federal.

Apesar de espelhar-se na Escola Normal de Niterói²⁹², a instituição em Cuiabá não obteve o mesmo êxito e fechou as portas, 4 anos depois de sua fundação.

Sobre os projetos educacionais do início do século XX, Muller e Rodrigues (1994, p. 19) comentam: “Colégios públicos e particulares estabeleceram-se em grande número; jornais e pequenos assomos literários surgem na Capital e nos centros mais populosos do interior. (...) despontam as manifestações mais amplas, da arte e da ciência.”. A própria criação do Centro Matogrossense de Letras, que mais tarde tonara-se a Academia Matogrossense de Letras (1926) é um exemplo do culto à ciência e arte que o estado experimentava.

Através de uma reforma da instrução pública²⁹³, em 1910, os Grupos Escolares são instituídos na capital e, por conta da longa extensão do estado, as Escolas isoladas tornam-se uma realidade, tanto que entre 1888 e 1913, 91 escolas são criadas. De acordo com Alves (2011), eram 5 Grupos escolares, 2 cursos de ensino secundário, 1 curso Normal e 1 curso profissionalizante - a Escola de Aprendizes e Artífices na década de 1910.

Uma outra medida da Reforma de Ensino foi a constituição da Escola Normal Pedro Celestino, instaurada em 1911. Foram convocados professores paulistas da Escola Normal Caetano de Campos para a organização da escola e para as aulas propriamente. Convém destacar que os nomes são majoritariamente masculinos, dentre eles Gustavo Kulman, Leovigildo Martins de Mello, Rubens de Carvalho, Almeida Júnior, Aurora Coelho, José Antonio Rizzo. O trabalho de Sá (2009, p. 572) enumera os feitos dos “missionários”:

²⁹¹ Há duas datas para a criação do Liceu. A mais recente refere-se ao exposto em Muller e Rodrigues (1994).

²⁹² Criada em 1835, a Escola Normal de Niterói sofreu sucessivos fechamentos e aberturas até a década de 1910, integrando-se em diversos momentos aos Liceus. Em 1862, passa a aceitar matrícula de meninas e firma seu objetivo em formar professores para atuação no ensino primário. “Em 1938, ambas escolas [Escola Normal de Niterói e Liceu Nilo Peçanha] passam a denominar-se Instituto de Educação do Estado do Rio de Janeiro, dando aula além do Curso Normal. Por mais de vinte anos convivem na mesma casa, separando-se definitivamente em 1955, quando da transferência do Instituto de Educação para a Travessa Manoel Continentino em São Domingos. Desligado do Liceu Nilo Peçanha pela Lei nº 2146, em 1954, o Instituto de Educação do Estado do Rio de Janeiro passou a denominar-se Instituto de Educação de Niterói e, em 1965, Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho (IEPIC)” (Fonte: Biblioteca do IBGE.).

²⁹³ A Reforma da instrução de 1910 ocorreu durante o governo de Pedro Celestino Correa (1908-1911) e instituiu algumas mudanças na Escola Normal.

Investiram na reorganização do ensino público; implantaram a Escola Normal, a Escola Modelo e os grupos escolares; elaboraram os programas e horários das escolas isoladas, tudo isso conforme acontecia no estado de São Paulo, por determinação da própria presidência de Mato Grosso (DECRETO nº 258, de 20/08/1910).

Juntamente com essas ações iniciais, [Leowigildo Martins] Mello assumiu a direção da Escola Normal e Modelo anexa e Kuhlmann a direção do Grupo Escolar do 2º distrito, ambas em Cuiabá-MT. O primeiro atuou mais diretamente na educação e na imprensa e, o segundo, dono de um temperamento mais impulsivo, atuou não só na educação e na imprensa cuiabana, como também na política local.

Kulhman adquiriu, ao longo dos anos de atuação em Cuiabá, notoriedade na imprensa local. A *Cruz* publicou, em 1912, trechos de uma Conferência Pedagógica ministrada pelo professor: “O professor Kulhman iniciou uma série de conferências sobre a pedagogia...livre pensadora da qual ele é ilustre cometa nesta terra.” (edição 65, p.2). Kulhman criou e editou o periódico: *O Amiguinho*, para atender ao público infantil; além de ter publicado o livro *Bondade e Pátria*, aprovado para ser adotado nas escolas primárias na formação moral e cívica das crianças. (SÁ, 2009).

Como visto, *A Violeta* surge em uma conjuntura educacional em plena formação. As tentativas de aproximação com o ideário educacional em voga, principalmente com São Paulo e Rio de Janeiro, são notórias, ainda que alguns estudiosos tenham ressalvas no que concerne à efetiva implementação do ensino público no estado. Neste sentido, a imprensa operou não apenas como um veículo de divulgação dos acontecimentos relacionados à fundação, implementação, fechamento, formatura nas escolas, mas também como um dispositivo não-formal de educação, especialmente para as mulheres.

Revela a historiografia que, dentre as redatoras de *A Violeta* aqui citadas— Maria Muller, Bernardina Rich, Benilde Moura e Mariana Póvoas, todas formaram-se ou na 1ª Escola Normal (Ateneu Cuiabano), ou no Liceu Cuiabano. Sobre o Liceu, criado sob pompas de inovação, Alves (2011) indica que o programa foi reorganizado de acordo com as propostas do Colégio Pedro II - modelo de ensino secundário no país.

Maria Dimpina, única das redatoras a não seguir o curso Normal, bacharelou-se no final de 1910 em Ciências, condição praticamente incomum à época. Às mulheres, eram destinadas a casa, o casamento e os filhos. Nesse sentido, o magistério configurou-se como (única) via de inserção da mulher no espaço público. Embora Maria Dimpina tenha lecionado na Escola Modelo e em uma Escola Doméstica, sua posição como bacharela impunha a si uma postura mais dura com relação as demais colegas, sendo por vezes tida como “ativa” e incisiva, especialmente por abordar questões pouco caras aos circuitos femininos da época em suas crônicas.

Desta forma, é possível compreender a popularidade de *A Violeta* e do grêmio que a mantinha: dado o momento em que o ensino era pauta não apenas em nível estadual, mas nacional, a criação de uma agremiação literária era mais do que bem-vinda, principalmente por se tratar de uma sociedade de mulheres, normalistas, das quais o Estado, desde o começo da década de 1910, já havia investido na formação.

As mulheres que compunham o grêmio, como advoga Muller (1999), tornaram-se mediadoras educacionais através de *A Violeta*. Seja com a publicação de textos com teor político, cívico-patriótico ou religioso, seja com a própria narrativa literária, o conteúdo de *A Violeta*, associado aos movimentos delas fora dos espaços da redação, contribuiu significativamente para a constituição de uma intelectualidade feminina no início do século XX no Estado.

A escolha de Júlia Lopes de Almeida, a renomada escritora carioca como patrona traria, tanto ao grêmio quanto à revista, a elegibilidade que sustentaria as mais de três décadas de circulação de *A Violeta*. Quando fora homenageada pelo grêmio, Júlia, então com 54 anos e 35 de atuação na imprensa periódica, já havia consolidado sua carreira como romancista e circulava nos espaços pouco comuns às mulheres de seu tempo.

3.3 Representações de Júlia Lopes de Almeida em *A Violeta*: sujeito, agente e referente

A Ilustrada Directoria do Gremio Julia LopesMinhas Senhoras

Comovida pela generosa homenagem que tão carinhosamente prestais ao meu nome de escritora batisando com ele o vosso Gremio, venho trazer-vos, com as expressões da minha gratidão e do meu desvanecimento, os votos que faço pela ventura e a prosperidade da vossa empreza. Ela é ja por si uma prova bem evidente do valor moral e intellectual da mullher matogrossense, de cuja iniciativa e justos desejos de aperfeiçoamento espiritual é atestado expressivo. Li com muito prazer a vossa "Violeta", cativando-me oferta do seu 1 numero. E esta, minhas Amigas e Senhoras, a mais doce consolação de quem trabalha com ardor na dura lida das letras: sentir atravez da distancia pulsar a simpatia de corações patricios, aconcordia dos mesmos ideais. Se um dia eu puder irei pessoalmente levar-vos a todas o meu abraço fraternal e as palavras de acoçoamento pelo vosso trabalho. A vos todas a gratidão de Júlia Lopes de Almeida

Rio, 11 de Fevereiro 1917
(A VIOLETA, edição 7, p. 2-3)

As cartas enviadas por Júlia Lopes de Almeida à revista foram recebidas com admiração e tratadas como verdadeiras “jóias” para as edições em que foram divulgadas. Nos limites deste

estudo e de acordo com o acervo disponível para a pesquisa, foram 12²⁹⁴ as cartas enviadas pela escritora à *A Violeta*, dentre as quais 8 compõem o corpus de análise.

O texto em destaque na epígrafe deste tópico apresenta algumas das possíveis pretensões da escritora ao aceitar e agradecer a homenagem – divulgar seu trabalho em outras terras, já que seria possível “sentir através da distancia pulsar a simpatia de corações patrícios” e ampliar os espaços de sociabilidade, por meio da “concordia dos mesmos ideais”. De forma pouco ingênua, desenha-se ali o início de uma relação recíproca entre as redatoras e a escritora.

Malatian (2015, p. 197) comenta que o código de sociabilidade estabelecido nas correspondências, fontes nada espontâneas, “revelam seus autores conforme regras de boas maneiras e de apresentação de si, numa imagem pessoal codificada.” E mais, “as cartas comportava[m], como todo diálogo, silêncios, rupturas, retomadas ao sabor dos interesses e das afeições”. Desta forma, as cartas assinadas por Júlia Lopes e publicadas em *A Violeta* revelam, sobretudo, as intencionalidades da escritora.

Faz-se necessário, nesta lógica, compreender de que forma Júlia Lopes de Almeida projetou uma “pose de si” (MALATIAN, 2015, p. 201), ao escrever e enviar as cartas à redação de *A Violeta*. Ademais, deve-se ter em mente que o papel da redação da revista não era apenas o de receber as missivas. De outra forma, a publicação das cartas nas páginas de *A Violeta* também mostra as intenções coletivamente construídas entre ambos os lados. O quadro abaixo enumera e classifica seu conteúdo:

²⁹⁴ Nas edições 7, 14, 21, 43a, 45, 68, 74, 86, 100, 176, 185, 202 e 209. Cumpre dizer que este trabalho opera com fontes primárias para a composição de sua narrativa, de modo que os excertos expostos em Nadaf (1993) e Costa (2018), que correspondem a edições não disponíveis para consulta, não serão tratados aqui.

Quadro 17 - Cartas enviadas por Júlia Lopes de Almeida

Ano	Edição	Assunto
1917	7	Agradecimentos e compromisso com a revista, dando destaque à elevação intelectual da mulher cuiabana.
1917	14	Livros para doação à Biblioteca do grêmio e proposta de fundação de uma Escola Maternal, tal qual o modelo suíço.
1917	21	Envio de uma foto das sócias da agremiação. Júlia Lopes indaga a respeito dos ideais da revista.
1920 ²⁹⁵	68	Elogios da escritora às empreitadas da revista – campanha para a construção da estrada de ferro, de uma escola doméstica e apreço à dedicação ao trabalho e às letras por parte das redatoras e sócias.
1920	74	Agradecimento pelos votos de aniversário, recebidos pela escritora através de telegrama.
1930	176	Informe a respeito do recebimento das edições e envio de dois contos de um livro a ser publicado
1932	202	Júlia Lopes de Almeida comenta o envio de seu novo romance, “A casa verde”, escrito em coautoria com Filinto de Almeida e questiona possível interrupção no envio das revistas. Informa ainda seu novo endereço, em Copacabana.
1933	209	Anuncia o envio de texto inédito como forma de lembrança de seu nome para os leitores mato-grossenses e enaltece as ações do grêmio com relação à educação, à arborização e às estradas.

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Como visto, para Júlia Lopes de Almeida importava a posição das gremistas em relação às causas sociais, sendo a educação a principal delas. Outros destaques são a urbanização e a circulação de sua obra em solo mato-grossense. Júlia Lopes já escrevia crônicas na primeira página do popular *O Paiz*, e nelas trazia temas como a educação, a urbanização, as justiça sociais, o policiamento, a literatura e a arte. Assim, não surpreende perceber a sua concórdia com os assuntos tratados em *A Violeta*, especialmente aqueles na seção “Crônica”.

A troca de cartas pode ser vista como uma das estratégias para a manutenção das redes de sociabilidade, como propôs Sirinelli (1996), para além do entendimento da própria imprensa como um espaço concreto de constituição dos intelectuais, através da troca de cartas:

percebe-se a organização de um grupo em torno de certos indivíduos que desempenham papel central a partir de um projeto ou objetivo comum. O grupo comporta amizades e ódios, disputas e alianças a que está sujeito. Tais informações serão de grande utilidade também para a compreensão da personalidade de um determinado autor, da construção de sua obra, da recepção de suas ideias. (MALATIAN, 2015, p. 208-209)

Diante disso, importa mencionar que a prática epistolar, uma constante da *intelligentsia* brasileira, fazia também parte do cotidiano da escritora. Júlia Lopes de Almeida trocava cartas

²⁹⁵ A seção “Crônica”, assinada pelo pseudônimo “Orchidea” remete à última carta que a escritora Júlia Lopes de Almeida enviou à redação da revista, e transcreve um trecho da mesma.

com editores, representantes governamentais, escritores e membros da elite. Como colocado no 2º capítulo deste trabalho, as estratégias para a promoção de sua obra foram diversas.

É bem verdade que à época de fundação de *A Violeta* Júlia Lopes de Almeida já possuía um valor literário diferenciado, principalmente em se tratando da escrita feminina. Na década de 1910, o reconhecimento de Júlia se notava nos jornais e revistas; nos locais por onde percorreu a escritora, seja nos campos da arte ou da educação; já era Júlia Lopes de Almeida uma das mais populares conferencistas da República das Letras, tratando de temas como a educação, a arte, a infância, a ecologia.

Até o final da primeira década de 1900, havia Júlia publicado 12 obras e em 1916, ano de criação do grêmio e do lançamento da revista, saiu a edição de *A árvore*, obra ecológica da escritora, utilizada anos mais tarde em sala de aula.

Assim como as cartas, (o nome de) Júlia Lopes de Almeida assinou narrativas ficcionais, notas, conferências e trechos extraídos de seus livros -notadamente os manuais. Ainda que a produção bibliográfica da escritora na revista seja pequena se comparada à de Maria Dimpina ou Maria Muller, é justo considerar a presença de sua assinatura como parte de um projeto mais amplo de promoção, circulação e divulgação.

Sendo a escritora o pano de fundo para a criação e manutenção do grêmio, sua posição como patrona, homenageada e colaboradora não poderia – como não o foi – ser ignorada. Não por acaso, todas as edições de *A Violeta* fazem menção, de uma forma ou de outra, à escritora. É como se *A Violeta* fosse uma publicação sobre a própria Júlia Lopes de Almeida, dada as proporções de seu nome na revista. Assim, a sua manutenção como celebridade era conveniente e importante para a projeção da revista.

Por isso, Júlia Lopes de Almeida é vista em 4 dimensões em *A Violeta* – como pose de si, como sujeito, como agente e como modelo a seguir. Nesse sentido, a escritora, escolhida por conta de uma certa preferência²⁹⁶ por sua literatura, adquire um carácter educacional na revista e seus escritos tornam-se formas de educabilidade para as mulheres leitoras de *A Violeta*.

A partir do tratamento da fonte e tomando os conceitos – sujeito, agente e modelo – como categorias de análise, tem-se o seguinte a respeito da escritora em *A Violeta*:

²⁹⁶ Maria Muller em entrevista à Muller (1999) comenta que partiu dela a escolha de Júlia Lopes para dar nome ao grêmio e que suas companheiras, desconhecendo a obra da escritora, julgaram ser uma mera referência ao então namorado, Julio Muller.

Quadro 18 - Júlia Lopes de Almeida em *A Violeta*

Categoria	Tipos de texto
Sujeito	Homenagens à escritora Notas sobre Júlia Lopes de Almeida Esboços biográficos Textos escritos por familiares ²⁹⁷ Ilustrações
Agente	Narrativas ficcionais Notas; dicas e conselhos Cartas Conferências
Modelo a seguir	Homenagens à escritora Notas sobre Júlia Lopes de Almeida Crônicas Anúncios de publicações da escritora Textos escritos por familiares Ilustrações

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Ademais, destaca-se que tanto o que publicou *A Violeta* quanto o que produziu, enviou, e aconselhou Júlia Lopes de Almeida são tratados aqui como objetos não-formais de educação. A produção sobre, de e para Júlia Lopes de Almeida em *A Violeta* percorre três eixos – a literatura, a leitura e a educação.

3.3.1 Júlia Lopes de Almeida – sujeito em *A Violeta*

Para tratarmos de Júlia Lopes de Almeida como sujeito, é necessário observar a conceituação do termo considerando bases histórico-filosóficas. Grosso modo, um sujeito define-se como aquele sobre quem se fala. Partindo para uma visão mais ampla do sujeito, consideramos o que propôs os estudos de Foucault (1984; 2004): sujeito e objeto constituem-se juntos, se formam e se transformam em relação e em função um do outro.

Em outras palavras, a tomada de Júlia Lopes de Almeida como sujeito na revista funcionou não apenas como uma projeção de sua trajetória em suas páginas, mas como uma construção de sua imagem frente ao público consumidor de *A Violeta*, em sua maioria, mulheres.

Rago (2008) indica que a desnaturalização do sujeito não era prática incomum em se tratando de mulheres. Por este motivo, eram seus esforços próprios que faziam a construção de

²⁹⁷ Por conta da origem dos textos estar relacionada a obras dedicadas à escritora.

si, de sua subjetivação. Pensar nas escolhas das redatoras de *A Violeta* nos remete, ainda que se trate de uma empreitada feminina de destaque em Mato Grosso, às amarras patriarcais de categorização do sujeito mulher.

Júlia Lopes de Almeida, na condição de sujeito histórico na História das Mulheres do Brasil, pode ser compreendida como uma espécie de celebridade da literatura e do bom comportamento da mulher em *A Violeta*. Nesse sentido, considerando o recorte temporal adotado nesta pesquisa, 1920 a 1934, os textos selecionados abaixo refletem essa posição evidenciada da escritora:

Quadro 19 - Júlia Lopes de Almeida – sujeito em *A Violeta*

Ano	Edição	Seção	Tipo de texto	Conteúdo
1920	71	indefinida	narrativa biográfica	homenagem ao aniversário de Júlia Lopes de Almeida
1925	128	indefinida	ilustração	foto de perfil de Júlia Lopes de Almeida
1926	140	indefinida	ilustração	foto de perfil de Júlia Lopes de Almeida
1931	189-190	Chronica	narrativo	retorno de Júlia Lopes de Almeida ao Brasil
1934	217	indefinida	narrativa biográfica	esboço da trajetória intelectual da escritora em ocasião de sua morte
1934	218	indefinida	relato	homenagem à escritora em Cuiabá

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Os textos selecionados revelam, de maneira geral, que a data natalícia de Júlia Lopes de Almeida (24/09) era celebrada com louvores em *A Violeta*. Na edição 71, publicada em 16/9/1920, portanto dias antes de seu aniversário, Júlia Lopes é anunciada como a “propagandista do bem”, o “nome laureado para patrocinar [o] grêmio”. Ademais, a família da escritora também é memorada. O nome de Adelina Lopes Vieira aparece como “notável poetisa” (p.1) e Filinto de Almeida como “notável poeta e jornalista”, com quem Júlia Lopes de Almeida pode contar com o apoio para o desenvolvimento de “novas empresas”.

Em referência à carta que a escritora enviou anos antes, as redatoras citam as boas ideias para educação feminina compartilhadas por Júlia Lopes, a exemplo da Escola Profissional Feminina e da Biblioteca do Grêmio, para a qual ela havia doado parte dos livros de sua autoria. No mesmo curso, comentam a colaboração da escritora em diversas frentes para a revista – como sócia, como patrona e conselheira, e como literata.

O texto da edição 189-190 ocupa 3 páginas e é publicado na seção “Chronica”. Nele, o retorno de Júlia Lopes de Almeida ao Brasil, após uma temporada na Europa é assunto e motivo de celebração. *Arinapi* cita ainda Margarida Lopes de Almeida, razão pela qual a família esteve em solo europeu, como uma “genial artista”.

Adiante, menciona o caráter patriótico das obras de Júlia Lopes de Almeida, ressaltando “o amor pelo Brasil, pela sua vegetação pródiga, pelos esplendores desta natureza sempre florida, em primavera sempre” (p. 1). Além disso, destaca a parceria entre a revista e a escritora que, mesmo à distância, permaneceu:

A nossa insigne patrona os nossos melhores votos de boas vindas, a ella, que mesmo de além mar, jamais se esqueceu da nossa sociedade, que em boa hora, que em feliz hora, a escolheu para se colocar sob seu honroso patrocínio. (edição 189-190, p. 2).

A exemplo do compromisso da escritora com o grêmio e com a cultura do país, Maria Dimpina oportunamente fala da cultura intelectual da mulher e reforça o argumento - levantado já nos primeiros anos de circulação da revista-, de uma educação doméstica como forma de profissionalização da mulher:

O cultivo, mesmo o intellectual, não tira o dom de uma mulher devidamente educada. E essa educação, que se recebe no lar, e que faz da mulher um ente capaz da direcção domestica da sala ao quintal, é aquella mesma que não se oppõe à intellectual, antes a completa, a eleva, o dignifica.

(...)

E é assim que se preparam as maes capazes de formar o intellecto dos filhos, como formou o corpo material, assim os exemplos dignificantes que devem, sempre, ser trazidos a baila; é assim que todas devem procurar a ser, ao emvez das que, vaidosas, julgam as profissões domesticas, completamente antagonicas a cultura espiritual. (Edição 189-190, p. 3)

A edição 217 trata da publicação do dia seguinte à morte da escritora, de 31 de maio de 1934. O texto ocupa as 2 primeiras páginas da revista, e tem o título “D. Julia Lopes de Almeida”, acompanhado de ilustração da escritora, como mostra a figura abaixo:

Figura 89 - 1ª página da edição 217 de *A Violeta*

Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

Cobrem se de crepe as letras brasileiras, com o desaparecimento da insigne escritora, que em meio século de fecunda atividade literária, lega-nos hoje imperecíveis joias de arte e e saber.

D. Julia, simbolo da inteligencia e tenacidade femininas, foi um espírito altamente combativo e creador. Desde muito moça estreou-se nas letras, no campo ja difficil, já ingrato do jornalismo. Em crônicas para revista e alguns dos maiores diários do paiz, fazia-se notar pela simplicidade habil de estilo, como pela elevação e fluencia da linguagem. Salientou-se mais tarde em obras educativas didaticas ou não, a par de primorosos e inumeros romances, todos moralistas, instrutivos e nacionalistas, desenrolando-se sempre os seus enredos na inigualável paisagem brasileira.

Nascida no Rio de Janeiro em 1862 e consorciada com o doutor Filinto de Almeida também escritor.

No texto, as redatoras escrevem sobre “o desaparecimento da insigne escritora”, de “espírito altamente combativo e creador”. É nesta edição que há um esboço mais evidente da trajetória intelectual da escritora, já que as redatoras investem em sua vida e obra de forma cronológica e cruzada. Neste sentido, citam a atuação de Júlia Lopes na imprensa, o seu estilo e linguagem, as obras “educativas didáticas”, a sua carreira como romancista, celebrada por

seus romances “todos moralistas, instrutivos e nacionalistas” (p. 1).

Dentre as obras da escritora em destaque no texto, *Livro das Noivas* (1896) e *Livro das Donas e Donzelas* (1906), são citados como obras de “critério educativo”, ao passo que *Correio da Roça* (1913) é tido como o “expoente de seu patriotismo”:

O formoso romance entretecido no gênero epistolar, denominado "Correio da Roça", dado a lume em 1913, é o expoente do seu intenso patriotismo, pintando á mocidade brasileira o encanto da vida rural, procurando solucionar o bem estar individual e a grandeza futura do Brasil na corporificação desse lema que hoje é aforismo «Rumo ao Campo». epistolar, denominado. (A VIOLETA, edição 217, p. 2).

A menção às obras de Júlia Lopes de Almeida é algo constante nas páginas da revista, quando o conteúdo de suas páginas é verificado. Para além dos manuais de “critério educativo”, figuram entre as mais citadas: *Contos Infantis* (1886), *Histórias da Nossa Terra* (1907) e *Jornadas no meu país* (1920).

Numa tentativa de tornar mais íntima a relação entre a revista e Júlia Lopes de Almeida, as redatoras falam sobre a “predileção” da escritora por *A Violeta*, de forma incisiva e tendenciosa: “Ela nos recordará sempre, o grande bem que perdemos, a sua caríssima e maternal assistência, sua inequívoca e impressionante predileção pela revistinha que a 18 anos mantemos.” (Edição 217, p. 2)

A este respeito, convém mencionar dois pontos que podem endossar em parte o que diziam as redatoras: algumas páginas de *A Violeta* encontram-se disponíveis para consulta na Academia Brasileira de Letras, o que revela que Júlia Lopes não apenas recebia as edições, mas também as guardava.

Outro ponto é o relato do neto da escritora, Cláudio Lopes de Almeida, que afirma ter doado um grande quantitativo de revistas para a Prof. Yasmin Nadaf na década de 1990, fato que nos permite inferir que havia um acervo de *A Violeta* entre os documentos que compõem o espólio da escritora. A notícia da doação foi veiculada no Diário de Cuiabá, em 2006, quando Nadaf doou livros de Júlia Lopes de Almeida – ora doados por Cláudio Lopes, para o Estado de Mato Grosso:

A partir desta semana Mato Grosso pôde se sentir privilegiado, literariamente falando. É que parte do acervo literário de uma das mais importantes escritoras da Belle Époque, Júlia Lopes de Almeida, foi doado ao Estado através da figura da escritora mato-grossense Yasmin Nadaf. (...) Yasmin, que apresentou o acervo de cem livros à imprensa esta semana e o colocou à disposição da população cuiabana, disse que este momento de recepção das obras, não só de Júlia como de escritores como Manuel Bandeira e Carlos Drummond (com dedicatórias), repete o intercâmbio que havia

entre as mato-grossenses e a família desta escritora. (DIÁRIO DE CUIABÁ, edição 11471, Ilustrado, p. 3).

O caderno Folha 3, do jornal Folha de Mato Grosso, do dia 19 de março de 2006, também comenta o feito, indicando a origem do acervo, ainda que de forma pouco explícita:

Recentemente [Yasmin Nadaf] teve acesso ao acervo de cartas e títulos da escritora Júlia Lopes, modelo para as intelectuais e mulheres do século 20. Contista, romancista, cronista e teatróloga, ela viveu de setembro de 1862 a maio de 1934. Foi a maior figura entre as romancistas de sua época, num tempo onde mulher-escritora era ousadia.

(...)

Muito mais que ter acesso ao acervo, o neto de Júlia, Claudio Lopes de Almeida reservou a Yasmin uma parte de seu acervo com suas obras e de outros escritores importantes na história da literatura brasileira. (FOLHA 3, p. 1)

Em outubro de 1934, portanto 5 meses após sua morte, Júlia Lopes é homenageada em Cuiabá, em uma cerimônia que contou com entidades civis e religiosas. A edição 218 relata o momento, em texto que ocupa 7 páginas. Na cerimônia estavam presentes além da presidente do grêmio, Maria de Arruda Muller, o Secretário Geral do Estado, o Vigário Geral da Arquidiocese, a representante da FBPF, o presidente da AML e outros intelectuais de destaque do Estado.

A programação contemplou diversas facetas da obra da escritora, a começar pelas obras para o público infantil, com a leitura de trechos de *Histórias da Nossa Terra* por Francisco Lobo Duarte; seguida da forte relação com a família e maternidade, com a leitura de *Minha mãe*, por Helena de Arruda Muller, filha de Maria de Arruda e Julio Muller; e da relação entre a mulher e a arte, por meio da apresentação de Guilhermina de Figueiredo, uma das sócias do grêmio, ao piano; e ainda do caráter assistencialista e combatista de Júlia Lopes de Almeida, a partir da fala de Nídia Moura, membro da FBPF.

No texto, estão reproduzidos trechos do discurso de Maria Dimpina, oradora oficial da cerimônia, do qual se destaca:

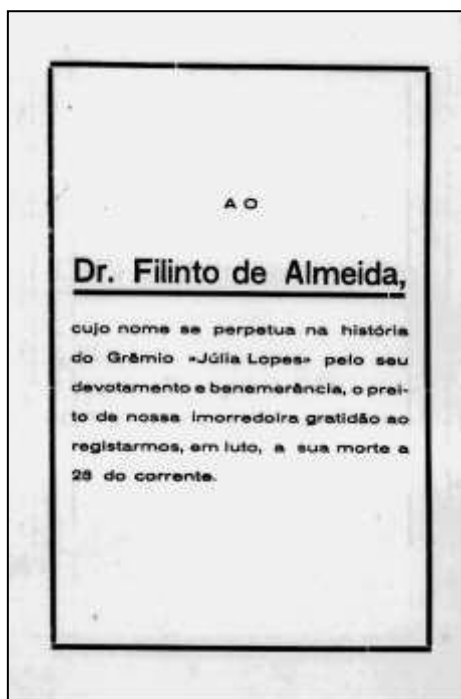
E si em mais de tres lustros soubemos vencer dificuldades, hoje. mais que outrora, ante a memoria immortal da illustre e saudosa extincta, façamos voluntária e resolutamente o nosso juramento de jamais deixarmos que morra a obra que "um dia foi a mais doce consolação de quem trabalhou com ardor na dura lide das letras." (A VIOLETA, edição 218, p. 6).

No trecho, Maria Dimpina afirma que o nome e a obra de Júlia Lopes de Almeida jamais ficarão esquecidos na revista, o que pode ser evidenciado pela manutenção da divulgação de textos da escritora em *A Violeta* e mais, pela presença da família nas páginas da revista. De um

total de 40 textos assinados por familiares de Júlia Lopes de Almeida – Filinto de Almeida, Afonso Lopes de Almeida Albano Lopes de Almeida, 30 foram publicados no pós-mortis da escritora, o que mostra um esforço de suas redatoras para a manutenção de seu legado na revista.

Enquanto Filinto de Almeida era anunciado como “imortal”, “excelso patronímico de nossa padroeira”, “exímio poeta”, “membro proeminente da Academia Brasileira de Letras”, sempre relacionado à sua “generosidade” em sua posição como “benemérito”, Afonso Lopes de Almeida, poeta e diplomata, era reconhecido como “inspirado poeta”, “notável poeta” e “o primogênito”. Na edição 316, de 1945, essa tentativa mais assertiva de manutenção do legado é revelada:

Figura 90 - 2ª capa de A Violeta, edição 316



Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

Os 30 textos mencionados em *A Violeta* foram extraídos de obras²⁹⁸ de Filinto de Almeida e Afonso Lopes de Almeida e estão condensados no quadro abaixo:

²⁹⁸ Especialmente *Dona Júlia* (1938), de Filinto de Almeida, e *Mãe* (1945), escrita por Afonso Lopes.

Quadro 20 - Textos assinados por Filinto de Almeida e filhos

Ano	Edição	Título	Autor(a)
1918	34	Templo ruído	Afonso Lopes de Almeida
1919	58	Homo sapiens	Filinto de Almeida
1920	76	Vida	Afonso Lopes de Almeida
1920	76	Sem título	Albano Lopes de Almeida
1920	76	Excelsa	Filinto de Almeida
1920	76	O santo de cera	Margarida Lopes de Almeida
1925	123	De madrugada	Filinto de Almeida
1931	185	Mãe	Afonso Lopes de Almeida
1933	204	Conselhos	Filinto de Almeida
1933	209	Gravura em aço	Filinto de Almeida
1938	238-239	Soneto do poeta Afonso Lopes de Almeida	Afonso Lopes de Almeida
1938	240	O pão	Filinto de Almeida
1938	247	Não pode ser	Filinto de Almeida
1939	250	A alma da tempestade	Afonso Lopes de Almeida
1939	256	No seu dia	Filinto de Almeida
1939	256	24 de setembro – 4º dia da primavera	Filinto de Almeida
1940	268	Única força	Filinto de Almeida
1941	276	Alma minha gentil	Filinto de Almeida
1941	280	No seu dia	Filinto de Almeida
1942	287	Sonho	Filinto de Almeida
1942	287	Soneto lírico	Afonso Lopes de Almeida
1942	290-291	28 de novembro -1887-1934	Filinto de Almeida
1943	296	Relembrando	Filinto de Almeida
1943	298	Mãe	Afonso Lopes de Almeida
1943	300	O tufão	Afonso Lopes de Almeida
1943	300	A ti	Filinto de Almeida
1943	301	Nessum Maggior dolore	Filinto de Almeida
1943	302	28 de novembro (1887-1934)	Filinto de Almeida
1944	312	Dorme	Filinto de Almeida
1944	314	Aparência	Filinto de Almeida
1944	315	Vendaval	Filinto de Almeida
1945	316	União eterna	Filinto de Almeida
1945	316	Soneto	Afonso Lopes de Almeida
1945	326	Ano bom	Filinto de Almeida
1946	331a	Visita ao seu jazigo	Filinto de Almeida
1946	335-336	Guanabara	Filinto de Almeida
1948	342b	Asas	Afonso Lopes de Almeida
1948	342c	Página de saudade	Filinto de Almeida
1948	342c	Só	Filinto de Almeida
1948	344	Pai	Afonso Lopes de Almeida

Fonte: elaborado pela autora com base em Nadaf (1993).

É interessante também iluminar Margarida Lopes de Almeida, poetisa, escultora, declamadora e filha do casal. Margarida adquire um caráter muito semelhante ao da mãe nos anos que sucedem à morte de Júlia Lopes e seu nome passa a figurar como “artista de privilegiados recursos”, “festejada artista patricia”, “fada poderosa”, “genial artista” e “estrela

de primeira grandeza”, tanto que seu aniversário é também celebrado pela revista: “7 de abril. Data natalícia de Margarida Lopes de Almeida. Artista genial e inteligência brilhante que serve de orgulho à cultura feminina do Brasil dentro e fóra do País! Salve!” (A VIOLETA, edição 301, p. 17).

Retomando a cerimônia em homenagem à Júlia Lopes de Almeida noticiada em *A Violeta*, convém ressaltar o discurso de Nídia Moura, engenheira que, como representante da Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino, foi enviada a Cuiabá para estabelecer-se como membro oficial. Moura, que estampa ainda a capa da edição, comenta sobre Júlia Lopes:

Vinda de outra atmospherá, aqui estou, portanto, não para localizar a obra da romancista cujas figuras esculpiu com a naturalidade, graça e singeleza reveladoras de um temperamento de requintada sensibilidade, sem o prejuizo de uma, por vezes, notável agudeza de análise, e sim para exprimir e exallar a virtude essencial de Julia Lopes, a de se projectar no ambiente em plena expansão de sua personalidade feminina. (A VIOLETA, edição 218, p. 7).

No que tange aos movimentos sufragistas no Brasil no começo do século passado, Júlia Lopes de Almeida, como exposto no primeiro capítulo deste texto, fez parte de associações beneméritas às mulheres, seja em termos de educação, saúde, trabalho ou voto. O que Nídia Moura faz no rol das homenagens à escritora é justamente lembrar de Júlia Lopes não como escritora e produtora cultural, mas como escritora engajada nas lutas das mulheres:

Impulsionada à ação, por necessidade íntima procedia, instictivamente, a transferência ao plano em tudo que lhe era luz.

(...)

Sócia honorária da Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino desde sua fundação e suavíssima conselheira de todos nós, Júlia Lopes foi a voz autorizada que abriu em 1931 o 2º Congresso Internacional Feminista realizado no Rio, voz como sempre plena de fé, cheia de energia e de vontade forte no incitamento à ação.

(...)

Como romancista, nenhuma mulher teve, entre nós, influencia tão decisiva, quer pela amplitude, quer pelo longo período de tempo que abrangeu. Numa afirmação incontestada, sua personalidade projectou-se por todo o país, reflectindo-se mesmo além de nossas fronteiras, e seus livros, campo amplo e autonomo, foram uma grande contribuição e seu exemplo, o orgulho e o estímulo de, pode-se dizer três gerações femininas no Brasil. (A VIOLETA, edição 218, p. 7).

Para além dos textos escritos, as ilustrações também fomentaram a constituição do sujeito Júlia Lopes de Almeida na revista. Essas ilustrações, geralmente na 2ª capa ou na 1ª página da revista aparecerem especialmente em duas datas: no aniversário da escritora e no Natal.

Figura 91 - 2ª capa da edição 128 de *A Violeta*

Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

3.3.2 Julia Lopes de Almeida – agente em *A Violeta*

Embora pareça natural pensar na posição de Júlia Lopes de Almeida como agente de um periódico para o qual colaborou, é ingênuo tratar a conceituação do termo sem dimensioná-lo na República das Letras, período no qual se observou o surgimento acelerado de intelectuais na vida pública do país.

Por este motivo, consideramos a escritora como uma agente a serviço da pena: isto é, uma intelectual que escreveu para fomentar uma literatura – neste caso, a feminina das primeiras décadas do século XX-, e de quem a palavra escrita tomou outras proporções para além da leitura e da literatura propriamente dita.

Ferreira (2015) indica que a tomada da literatura como fonte para a pesquisa histórica compreende não apenas o gênero, a estética, o ritmo, a escola literária em si, mas também a representação de um determinado grupo de pessoas, uma vez que a literatura é uma expressão de arte humana, na qual “o mundo de uma obra literária não é uma realidade objetiva, mas

aquilo que em alemão se denomina *Lebenswelt*, a realidade tal como organizada e sentida por um sujeito individual.” (EAGLETON, 2019, p. 90).

Nesse sentido, analisar a produção literária de Júlia Lopes de Almeida em *A Violeta* sem contextualizá-la seria o mesmo que promover uma leitura fenomenológica²⁹⁹, como salienta Eagleton (2019). Assim, propõe-se subcategorias para tratar essa produção em *A Violeta*, já considerando as entradas comuns da obra da escritora – mulheres, educação e família.

Ainda que boa parte do corpus tenha sido extraído de seus livros já publicados, importa a seleção feita pelas redatoras de *A Violeta* para estampar a revista e mais, o que a própria Júlia Lopes de Almeida permitiu alcançar de sua obra e as frentes que elegeram abordar na revista. Dos 46 textos assinados pela escritora na revista, consideramos 14, que correspondem ao recorte temporal adotado por esta pesquisa.

Quadro 21 - Júlia Lopes de Almeida – agente em *A Violeta* (1920-1934)

Ano	Edição	Tipo de texto	Título
1920	65	Conselho	A mesa
1920	66	Narrativa ficcional	O lote 587
1920	67	Nota	Sem título
1920	67	Nota	Sem título
1920	76	Conselho	De tudo...para todos ³⁰⁰
1923	102	Conferência	Conferência no Conselho Nacional de Mulheres na Argentina
1923	103	Conferência	Conferência no Conselho Nacional de Mulheres na Argentina
1923	109	Conferência	Conferência no Conselho Nacional de Mulheres na Argentina
1923	112	Conferência	Conferência no Conselho Nacional de Mulheres na Argentina
1924	113	Conferência	Conferência no Conselho Nacional de Mulheres na Argentina
1930	176	Narrativa ficcional	Era a fome
1930	182	Narrativa ficcional	Meu amor
1933	209	Narrativa ficcional	No vagão
1933	209	Narrativa ficcional	Por isso e por aquilo

Fonte: elaborado pela autora.

Diante do exposto, propõe-se a análise dos 14 textos considerando as seguintes categorias: as causas sociais; o papel da mulher; a pátria e a natureza; o amor conjugal; e o sobrenatural. Desta maneira, tem-se o seguinte:

²⁹⁹ De acordo com o exposto em Eagleton (2019), a crítica fenomenológica refere-se à uma leitura inteiramente advinda do texto em si, isto é, sem considerar quaisquer outros aspectos que circundam a tessitura do texto – contexto histórico, intencionalidades do autor (e do editor), as condições de produção, etc.

³⁰⁰ O mesmo título é encontrado na página 8 da edição 102, e antecede receitas e dicas para as leitoras com o manejo do lar.

Quadro 22 - Categorias para a análise dos textos escritos por Júlia Lopes de Almeida publicados em *A Violeta*

	Causas Sociais	Papel da mulher	Pátria e Natureza	Amor conjugal	O sobrenatural
Textos	1- Era a fome 2- Conferência no Conselho Nacional de Mulheres da Argentina	1- A mesa 2- Notas 3- De tudo...paratodos 4- Conferência no Conselho Nacional de Mulheres da Argentina	1- Conferência no Conselho Nacional de Mulheres da Argentina	1- Meu amor 2- No vagão	1- O lote 587 2- Por isso e por aquilo

Fonte: elaborado pela autora

Antes mesmo de iniciar a análise dos textos situados na categoria “causas sociais”, é preciso compreender em que contexto se operava com o tema durante a Primeira República, especialmente. No começo do século XX, o advento da República se consolida em diversos aspectos, sobre os quais merecem destaque a urbanização, a industrialização e a conclamação da imprensa periódica.

Tais condições trouxeram uma ampla visão para os chamados “homens de letras”, que se investiram de uma “missão de revelar a verdadeira face da nação e de traçar suas linhas de força para o futuro.” (DE LUCA, 1998, p.19). A imprensa era o caminho comum e essencialmente necessário para que se pudesse falar de modernidade e legitimar-se como pertencente ao seletivo grupo de intelectuais. (MICELI, 2015).

Júlia Lopes de Almeida, assim como outros intelectuais³⁰¹ de seu tempo, investiu em uma escrita combativa, que buscava soluções para os problemas da atualidade e ainda propunha mudanças para o futuro, futuro esse que estava intimamente ligado com uma visão cívico-patriótica, em que elementos nacionais, tais como a língua, a natureza e a educação eram eixos fundamentais.

Essa febre de mundanismo que o Rio começa a viver, reflete-se nas relações literárias. As seções mundanas dos jornais ocupam-se, ao mesmo tempo, de literatura. (...) Os escritores vão ali colher potins, tecer as intrigas... Para atrair o público, a literatura procura valer-se da fotografia, das ilustrações, identificando-se, o quanto possível com os motivos sociais e mundanos, nas revistas da época. (BROCA, 1975, p. 4).

A crônica, gênero popular do início do século XX, foi também utilizada por Júlia Lopes de Almeida. As causas sociais eram parte de sua preocupação e foram temas de seus textos, nos

³⁰¹ Nesse sentido, podemos citar João do Rio e Figueiredo Pimentel. (NOVAES, 2015).

quais “a condição da população negra, o feminismo, a desigualdade social, a hierarquia das classes sociais, o papel da mulher, a ecologia, eram temáticas comuns de sua produção. Mas a sua escrita combativa não se limitou às crônicas; percorreu também seus livros, seus contos, e suas conferências.” (PACHECO PINTO, 2020, p. 138).

Anunciado como “livro em preparo” na edição 176 de *A Violeta*, os textos de “Páginas Curtas”, uma seleta de contos publicados em 3 edições da revista, foram também destaque em outros periódicos, conforme aponta Pinto (2020). Em um desses contos, “Era a fome”, a fome e a miséria extrema são retratadas, por meio de uma criança narradora.

Júlia Lopes de Almeida relata, em poucas linhas, as condições precárias de vida da família – uma mãe e seus dois filhos pequenos.

Quando nasci olhei em derredor e vi que a minha nova habitação era paupérrima. O seio em que procurei sugar a vida era murcho e amargo e o berço que me esperava nada mais do que um cachote velho forrado de trapos. Em todo o compartimento, só havia um ponto luminoso; a cabeça loira de uma criança, de uns tres annos, de busto lindo e pernas fracas. (A VIOLETA, edição 176, p. 4).

A situação do narrador é tão extrema que descobrimos, ao final do texto, que se trata na verdade de um relato pós-mortis. Além da imagem crua da pobreza, Júlia Lopes investe na questão da mulher trabalhadora. Convém destacar que, fora do contexto em que nasceu e viveu a escritora – a elite branca-, as demais mulheres de seu tempo viam no trabalho (geralmente braçal) a única via de sobrevivência. Embora invisibilizadas na constituição da historiografia das mulheres, é importante ressaltar que hoje há pesquisas como a de Glaucia Fraccaro (2019, p. 23) que discutem o tema:

Entre os anos de 1917 e 1937 o Brasil tinha uma classe trabalhadora majoritariamente rural e com pouca instrução formal ou qualificação. A industrialização, verificada por indicadores econômicos desde o final do século XIX, passou a absorver cada vez mais trabalhadores e trabalhadoras rurais nas cidades, mas sem reverter a maioria de camponeses ou camponesas.

Apesar de o momento ser de grande efervescência cultural e modernidade no país, principalmente na capital federal, o lugar da pobreza era demarcado. Nesse sentido, a caridade funcionou também como forma de sobrevivência, mas apenas para aqueles que a merecessem, isto é, aqueles que se submetessem aos comandos das casas assistencialistas e dos grupos filantrópicos.

Cumprir lembrar ainda que o Estado, incumbido de promover a modernidade e transformação do cidadão brasileiro, promoveu campanhas assistencialistas apenas em termos

médico-sanitários, a exemplo da ampla campanha vacinação na década de 1910.

A “limpeza” das cidades, principalmente do Rio de Janeiro, em nada se baseava em políticas de amparo social à população desvalida e miserável. Outrossim, consistia em um processo de eugenia que era visto “como [uma] ferramenta salvacionista capaz de corrigir, reformar e higienizar a “raça nacional” (GERMINATTI; SOUZA, 2023).

Muito embora o texto não ofereça subsídios para afirmarmos o cargo de trabalho que a mãe ocupava, é possível inferir que era a provedora da família, um aspecto comum às mulheres pobres, viúvas ou solteiras.

Meu irmão não se contentava com o punhadinho de codeas secas que a nossa mãe obtinha a trôco de não sei que. Para mim só havia um recurso; a mamadeira, que ella enchia com uma água opalina e punha na minha boca, depois de a ter amarrado ao berço, para ir trabalhar. (A VIOLETA, edição 176, p. 4).

Vale ressaltar que os esforços da escritora para a assistência, promoção e emancipação das mulheres foram significativos e, ao iluminar questões sociais que envolviam as mulheres, constituiu uma literatura combativa. A imagem de um bebê que morre por inanição, apesar de perturbadora, era aspecto comum à época. A pobreza extrema de pessoas em certas partes da cidade não escapou aos olhos da escritora, que parece ter escolhido o estilo mais direto, chocando o leitor.

O mesmo estilo pode ser observado ainda em “Valsa da Fome”, um dos contos de *Ânsia Eterna* - publicado originalmente em 1903 -, que narra a breve, mas impactante história de Hipólito, um pianista falido, desempregado e em situação de rua, que vê em um “amigo” a possibilidade de alimentar-se. Ainda que seja memorado como um pianista de relevo, reduziu-se a uma figura de “pescoço hirtó (...) narinas dilatadas e queixo muito agudo” (ALMEIDA, 2013, p. 207), por conta da fome.

Ao longo da narrativa, percebe-se como a audiência de Hipólito, contratado às pressas em troca de comida, se prevalece de sua condição para insultá-lo e reduzi-lo a uma coisa, um “aquilo”: “(...) aquilo que está ali é um artista. A fome tem muita força para trazer um animal daqueles, todos nervos, para um lugar destes. Só pelo freio!” (ALMEIDA, 2013, p. 208).

Inebriado pelo desejo de agradar o contratante, através de sua arte ao piano, Hipólito sucumbe aos espectadores e toca incessantemente a valsa; ao que os encanta, mas ao mesmo tempo, os diverte, os impressiona. Ao final, sucumbe à própria dor da fome e cai sobre o piano, morto. Com este desfecho, Júlia Lopes de Almeida tece duras críticas ao valor da figura humana para uma sociedade de grandes desigualdades, e chama a atenção do leitor para a

realidade dos desvalidos e miseráveis, não de forma romântica e sutil, mas de um jeito quase que avassalador.

Na edição 103 de *A Violeta*, Júlia Lopes aborda questões sociais no texto da Conferência no Conselho Nacional de Mulheres. Nele, a escritora comenta que, apesar de “São Paulo [ser] o estado mais ativo da União e de maior iniciativa” (p. 5), o analfabetismo e adoença são realidades do local:

Aqui, como em quasi todo o Brasil perceberéis a guerra contra o analfabetismo pela dissiminação das escolas populares e a guerra contra a apathia e a doença, pela organização de postos prophylaticos, hygiene rural e saneamento dos campos. (A VIOLETA, edição 103, p. 5).

Considerando o recenseamento de 1920 como o primeiro do novo regime a percorrer o maior número de localidades e apresentar um cenário mais amplo de distribuição de pessoas, empregos e escolas, o documento foi norteador para ações com relação à educação da população. Através desse censo, constatou-se que o número de analfabetos superava a faixa de 70%, impulsionando o crescimento de campanhas com fins à erradicação do analfabetismo, que ganharam força principalmente no final da década, e culminaram na criação do Ministério da Educação e Saúde Pública³⁰² em 1930, seguida dos subsequentes movimentos da Escola Nova (1932). Mais uma vez, a escritora mostra-se conectada com os assuntos em voga no espaço em que ocupa.

A Conferência no Conselho Nacional de Mulheres foi proferida na Biblioteca do local, na cidade de Buenos Aires, em 10 de outubro de 1922. De acordo com a publicação³⁰³ de *O Paiz*, em maio de 1922, a conferência fora um convite do Conselho Nacional de Mulheres por ocasião do Centenário da Independência do Brasil. O órgão *A Exposição de 1922* também traz o informe quando se refere à representação da Argentina no evento do centenário:

Varios collegios e instituições virão incorporados saudar aquelle dia o ministro do Brasil na legação; a Camara Municipal, commemorando o nosso Centenario, já organisou um importante e significativo programma de festas; o Conselho Nacional de Mulheres, de cujo prestígio já dei noticias a Vossa Excellencia, organiza, por sua vez, uma solemne commemoração da mesma data, em seus vastos salões, tendo já convidado a escriptora brasileira D. Julia Lopes de Almeida, para por essa occasião fazer ali uma conferencia sobre a Independencia do Brasil. (A EXPOSIÇÃO DE 1922, edição 3-4, s.p).

³⁰² Criado no governo Vargas, o Ministério tinha como finalidade o desenvolvimento de atividades ligadas à saúde, ao esporte, à educação e ao meio ambiente. Antes de sua criação, o Departamento Nacional do Ensino, órgão ligado ao Ministério da Justiça, era o responsável pelos assuntos educacionais do país. **Fonte:** Ministério da Educação.

³⁰³ Edição 13713, 7 de maio de 1922, p. 6.

O texto, publicado no mesmo ano pela Francisco Alves sob o título de *Brasil*, foi dedicado “às senhoras diretoras do Conselho Nacional de Mulheres”, como uma homenagem da autora.

Sobre a conferência, há algumas ressalvas: a primeira diz respeito à língua, uma vez que o livro foi publicado em espanhol. A segunda, já em referência à *A Violeta*, menciona a forma como a conferência foi publicada. A começar pela edição 100, de 25 de dezembro de 1922, portanto 2 meses depois do evento, até a edição 119, de 24 de agosto de 1924, foram 20 as edições de *A Violeta* nas quais a conferência foi publicada, sempre finalizando com a inscrição “Continua...”.

Importante destacar ainda que o *Jornal do Commercio* publicou a conferência em 2 páginas na edição 300, de 30 de outubro de 1922. Comparando a edição do periódico com *Brasil*, percebemos que se trata de uma boa parte do texto integral e pode-se pensar, ademais, que as redatoras de *A Violeta* tiveram acesso ao texto por meio da publicação do *Jornal do Commercio*. A escolha por publicá-lo em diversas edições indica, nesse sentido, o compromisso do editorial em manter a assinatura da escritora em todas as suas publicações.

De acordo com *Brasil* (1922), a conferência está dividida em 4 partes – que tratam, sumariamente: dos estados brasileiros, suas riquezas naturais e seu povo; da chegada de Pedro Álvares Cabral no século XVI; da língua portuguesa; da religião difundida no país; e ainda do que a escritora chama de “Etapas administrativas”, que corresponde à constituição dos estados e federações.

Cumprе ressaltar que, ao final do texto da conferência, Júlia Lopes de Almeida inicia passagem em que presta agradecimentos e menciona o desenvolvimento social feminino no Brasil, assunto que não fora incluído em seu discurso:

Tengo el honor de estar ocupando, aunque muy humildemente, la tribuna de la primera asociación femenina de la América del Sur, entidad que por si sola bastaría para patentizar el elevado grado de inteligencia del admirable pueblo argentino. Es justo que esta asamblea, organizada y dirigida por mujeres, tenga curiosidad por saber cómo nosotras, en el Brasil, acompañamos el moderno desenvolvimientossocial femenino. (ALMEIDA, 1922, p. 33).

Júlia Lopes de Almeida fala da capacidade intelectual da mulher brasileira e sua presença na arte, na literatura, na educação e até mesmo na política, citando os nomes de Júlia Cortines, Francisca Júlia, Carmen Dolores e Albertina Berta, entre outras. Menciona ainda o periodismo como uma prática comum feminina de destaque, e cita Bertha Lutz como ativista

da “Liga Nacional de Mulheres Votantes”. A maternidade também aparece no texto como uma função feminina:

Como sentimiento maternal, he de decirnos que ninguna mujer en la Tierra puede superar a la brasileña en cariño y sacrificio. Sea cual sea su condición de vida, la brasileña es siempre la que amamanta a su hijo. No dar el pecho a una criatura suya, no darle con su leche todo su amor, y la gloria toda de su maternidad seria para ella el mayor dolor que se puede imaginar, y cuando por incapacidad fisica tiene que resignarse a dar a su hijo el pecho de otra mujer, la expresión de su sentimiento es de vergienza y desesperación. Excesivamente amorosa, no es por cierto una perfecta educadora; pero su ternura la hace perdonable. (ALMEIDA, 1922, p. 34).

Júlia Lopes de Almeida atribui à mulher a função de educadora, alguém de quem os filhos poderiam ter a educação esperada para sua formação moral e cidadã. O discurso da escritora, pautado no tripé família-maternidade-educação, norteou boa parte de sua escrita direcionada ao papel da mulher na sociedade.

A seção “Chronica” da edição 67, de maio de 1920, anuncia o propósito da edição – celebrar o “mês das flores, das festas e das alegrias...portador de recordações belíssimas para os filhos da Terra de Santa Cruz” (p.1). Nesse sentido, o texto rememora a figura da Princesa Isabel, por ocasião da assinatura da Lei Áurea, em maio de 1888, anunciando que teria sido ela:

o exemplo da energia da mulher brasileira, que deixou para todo o sempre assignalada com brilhantismo a sua passagem pelo throno ; treze de Maio esta a mostrar-nos o character feminino de uma princeza que entre um throno material e outro de virtudes não vacillou em escolher ao ultimo, que tinha os seus alicerces no coração. (A VIOLETA, edição 67, p. 2).

Ao final do texto, *Arinapi*, a autora, indica que a ignorância e ociosidade – heranças do escravizado - devem ser combatidas para que se possa construir uma nação vitoriosa. A educação aparece como a única via possível para se alcançar o progresso, sendo a população responsável também por sua própria realidade.

Imediatamente abaixo do texto, observa-se uma pequena nota assinada por Júlia Lopes de Almeida, na qual apresenta os elementos necessários a “felicidade humana”. A relação entre a maternidade e a formação cidadã é iluminada já que “é [a elas] como mães, que a pátria suplica bons cidadãos” (p.2). Assim, a educação das crianças, *guardiões do futuro da nação*, estava designada à escola; e a escola era personificada pela figura de uma mulher, a “continuação do lar”. (PINTO, 2020, p. 35)

O outro elemento citado pela escritora é a relação entre o casamento, a dignidade e a moral, sendo a esposa “o maior exemplo de dignidade e moral” de uma sociedade. A este

respeito, importante lembrar que estava em vigor o Código Civil de 1916, no qual a condição da mulher casada era de “relativamente incapaz”, comparada às crianças e jovens menores de 21 anos. Tal medida colocou as mulheres em uma posição de subserviência e obediência ao marido, a quem deviam respeito e fidelidade.

Ocupando a última página da edição, há outra pequena nota de Júlia Lopes de Almeida, na qual insinua que o papel da mulher vai além do espaço doméstico. Apesar de tratar com certo romantismo a questão, Júlia Lopes convoca as mulheres à luta – por seus direitos, deixando de lado uma posição inerte e de mero “objeto de luxo” em sua casa. Mais uma vez, Júlia Lopes amplia os espaços femininos de atuação, ainda que os propósitos sejam os mesmos que norteiam sua conduta moral e sua escrita combativa nas páginas da revista.

O último texto analisado nesta categoria é “A Mesa”, publicado em 19 de março de 1920. “A Mesa” foi extraído do *Livro das Noivas* (1896), obra de grande apreço pelas redatoras de *A Violeta* e que, por esta razão, é mencionada com certa frequência na revista.

Livro das Noivas está dividido em três partes – a primeira contém textos que falam sobre o noivado e o casamento em si; a segunda, textos que abrangem a vida doméstica e suas responsabilidades e, por fim, a terceira que fala sobre a maternidade e a educação dos filhos.

O texto em questão é o primeiro da 2ª parte do livro, seguido de “A cozinha”, “Os animais”, “As aves”, “Os criados”, “Notas de um ménagère”, “Floricultura”, “Horticultura” e “Da sala à cozinha”. Em *A Violeta*, o texto é publicado em 2 páginas e a preparação de uma mesa para a refeição da família é o tema central. Cumpre dizer ainda que na mesma edição, o texto “A família”³⁰⁴, assinado por Julieta M. Monteiro, aparece 2 páginas antes, evidenciando uma possível intencionalidade da revista – tratar do comportamento e do papel da mulher no lar.

No texto de Júlia Lopes, a mesa posta é vista como expressão da qualidade de uma boa esposa: “Certamente que não há nada que mais carinhoso olhar mereça de uma boa dona de casa do que a mesa e nada onde com tanta frequência sossobre a sua boa vontade.” (*A VIOLETA*, edição 65, p. 6). A escritora estabelece ainda uma comparação entre o “fazer as compras” pela dona de casa³⁰⁵ e pelo cozinheiro. Afirma que é a esposa quem deve fazê-lo, uma vez que ela “conhece os gostos do marido e dos filhos e procura satisfazê-los com afan” (p. 6).

Adiante, a escritora narra os procedimentos para que o curso de uma refeição em família

³⁰⁴ De forma resumida, o texto aborda a família trabalhando com três eixos – religião, casamento e maternidade, sendo cada um deles pilares para a constituição de um lar harmonioso.

³⁰⁵ A *ménagère* ou dona de casa no texto é retratada como a mulher de família menos abastada, que precisa ela mesma percorrer os mercados e feiras em busca dos alimentos para a família.

seja prazeroso, incluindo sugestões para a entrada, o prato principal, a sobremesa e para as bebidas. Longe de ser uma receita ou algo do gênero, as palavras de Júlia Lopes funcionam mais como um manual de boa conduta da boa esposa. Numa tentativa de atingir a todas as mulheres, comenta:

Fallo como se estivesse entre amigas, procurando embelezar e adoçar as atribuições caseiras, tornando sympathica a vida e resignada a pobreza; por isso, pondo de parte descrições de mobílias caras, recomendarei unicamente às donas de casa que procurem envolver tudo em um ar risonho e prospero, que entre pelos olhos a dentro e revigore os espíritos cançados. (A VIOLETA, edição 65, p. 6).

Trazer um dos textos que discorrem sobre a vida doméstica dizem muito a respeito da imagem divulgada da escritora na revista e seu impacto ao público leitor, especialmente pela escolha do editorial em suprimir o trecho final do texto, que deixa claro haver outras atribuições necessárias a uma boa esposa:

Não falta quem sustente que a mesa é a base da felicidade na vida do homem, e esses confessam reconhecem em Brillat-Savarin³⁰⁶, um sábio de bellas theorias e fácil prática...

A alimentação influe no character, affirmam sábios; e mais ainda que no character é a sua influencia poderosa na aptidão para o trabalho. Vá uma pessoa entregar-se a uma tarefa delicada, a um trabalho intelectual, a um estudo subtil, depois do jantar grosseiro e pesado! A difficuldade da digestão produzirá o enervamento geral, embotando o cérebro e perturbando o pensamento.

A escolha dos alimentos deve, portanto, ser feita com intelligencia e critério.

D'isto resulta que toda a mulher deve ser um pouco cozinheira; que, do mesmo modo que sabe fazer o seu vestido de surah ou de linho, deve saber escrever uma carta, ler um livro, receber uma visita, ou fazer a massa doirada, macia e fina, de uma torta de aves, ou uns bons pastéis folhados... (ALMEIDA, 1896, p. 95).

Ainda sobre o papel da mulher, o trecho da Conferência publicado na edição 109 de *A Violeta* trata da educação feminina, ao mencionar a educação doméstica como uma importante ferramenta para a que as moças não percam o “rumo” diante das intempéries da modernidade:

Nesta zona a mocidade desembaraça-se: as meninas, aqui como por todo o resto do Brasil, desvanecem-se ao sopro da pratica moderna. E certa Escola Domestica, fundada e 251oções251ada pelo modelo uma das melhores escolas 251oções do mesmo genero, irradia por todo este povo 251oções perfeitamente remodeladoras. A mulher, principal instrumento moderno, está destinado um grande papel na criação do mundo novo, na certeza de que o velho ficou sepultado escombros da grande guerra. (A VIOLETA, edição 109, p. 4).

³⁰⁶ Memorado como um dos criadores da Gastronomia Moderna no século XIX, o francês Jean Anthelme Brillat-Savarin (1755-1826) recebeu o título por conta da publicação de sua obra *A Fisiologia do Gosto* (1826). (LOSS, 2019).

Como mencionado anteriormente, já em 1920, Júlia Lopes de Almeida indicava a necessidade da construção de uma Escola Doméstica em Cuiabá. Segundo Nadaf (1993), a edição 45 de *A Violeta* publica uma das cartas de Júlia Lopes na qual a escritora envia uma proposta de currículo para a criação de uma escola doméstica. Esta é a primeira vez, na revista, que a educação doméstica é divulgada. Importa ressaltar, contudo, que a ideia de uma educação para fins do lar não era novidade no cenário nacional. Já em 1827, a Lei da Instrução Pública³⁰⁷ previa o ensino de prendas para a economia doméstica às Mestras que frequentavam as Escolas Normais.

Ademais, em 1868 é fundada em Petrópolis/RJ, a Escola Doméstica Nossa Senhora do Amparo³⁰⁸, uma instituição pertencente à Congregação das Irmãs Franciscanas Nossa Senhora do Amparo, que tinha como finalidade a educação de meninas carentes para que elas pudessem trabalhar em casas de família.

Com a Reforma Caetano de Campos³⁰⁹, no final do século XIX, a disciplina “Noções de economia doméstica”, compunha o ensino complementar - uma das etapas do curso da Escola Normal de São Paulo -, às mulheres, ao passo que aos homens, “Noções de economia política”, o que demarca bem este espaço reservado às mulheres, o lar.

A escola citada por Júlia Lopes de Almeida como modelo a seguir, a Escola Doméstica de Natal (RN), foi fundada em 1910, através da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, associação composta por intelectuais do estado. Tendo como base o modelo suíço³¹⁰ de educação feminina, a Escola Doméstica propunha a formação de uma nova mulher – educada, civilizada, oriunda de uma consistente formação familiar e doméstica. (RODRIGUES, 2006).

Em *A Violeta*, são diversas as menções a uma educação doméstica, muitas delas escritas em forma de manifesto ou pedido de ação às autoridades. Maria Dimpina foi quem mais operou neste sentido. Desde a década de 1920, seus textos na revista abordam a criação de uma escola doméstica, apresentando as vantagens desse tipo de ensino no lar e fora dele; reivindicando investimentos do estado para a construção; associando a educação doméstica e a cultura intelectual da mulher como aspectos complementares, como quando fala das preferências do

³⁰⁷ A Lei da Instrução Pública, de 15 de outubro de 1827, “manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império” (BRASIL, 1827).

³⁰⁸ Atualmente funciona como Colégio Nossa Senhora do Amparo, estabelecido em 1942. **Fonte:** Colégio Nossa Senhora do Amparo.

³⁰⁹ A reforma, proposta pelo médico e educador Caetano de Campos, foi um convite do então governador do estado de São Paulo, Prudente de Moraes, para uma reforma no ensino paulista. (PACHECO, 2015).

³¹⁰ Em especial, o proposto pela École Ménagère de Fribourg, na Suíça. Aponta a historiografia que a escola foi fundada por Marie de Gottrau Watter-ville, em 1898. (BOSSON, 2001).

marido:

Si alguns sentem-se tão satisfeitos pelo cultivo intelectual da sua companheira, ou outros se orgulham de ter em mãos, presa, uma verdadeira boneca, que não sabe dizer sim ou não senão pelos 252conôm dirigentes do esposo. Uns e outros 252conô felizes, acertando na escolha. Que os primeiros procurem as intelligencias lucidas e os outros as calmas donas de casa sem outra aspiração, talvez, do que as fitas, os perfumes, as rendas e as vontades do marido. Ficando certos, porem, que si a de espirito culto for mesmo educada, os maridos não serão menos felizes, ellas saberão muito 252conôm da vida domestica, serão virtuosas e cordatas. (A VIOLETA, edição 126, p. 1-2).

Na edição 238, de 1938, a revista publica trechos do discurso do então Ministro da Educação, Gustavo Capanema, a respeito da educação de homens e mulheres:

Os poderes públicos, diz a palavra autorizada do Exmo. Sr. Gustavo Capanema, Ministro da Educação- tendo em mira que a finalidade da educação é preparar o individuo para a vida moral, politica e 252conômica da Nação, devem, na organização dos estabelecimentos de ensino, considerar diversamente o homem e a mulher. (A VIOLETA, edição 238, p. 2).

Silva (2021) sublinha que já em 1936 o Ministério da Educação anunciava propostas para uma educação doméstica às meninas, e que o Plano Nacional de Educação, de 1937, dispunha sobre o ensino secundário considerando homens e mulheres separadamente. Ainda segundo a autora, “Capanema reservou às mulheres um ensino considerado “ensino médio feminino” que visava prepará-las para o trabalho na indústria dentro ou fora do lar.” (p.39)

Em 1942, por meio do decreto lei n.4244, de 9 de abril, o Ministro discorre mais amplamente sobre os fins da educação feminina, no que promulga:

Do ensino secundário feminino

Art. 25. Serão observadas, no ensino secundário feminino, as seguintes prescrições especiais:

1. E' recomendavel que a educação secundária das mulheres se faça em estabelecimentos de ensino de exclusiva frequência feminina.
 2. Nos estabelecimentos de ensino secundário frequentados por homens e mulheres, será a educação destas ministrada em classes exclusivamente femininas. Este preceito só deixará de vigorar por motivo relevante, e dada especial autorização do Ministério de Educação.
 3. Incluir-se-á, na terceira e na quarta série do curso ginásial e em todas as séries dos cursos clássico e científico, a disciplina de economia doméstica.
 4. A orientação metodológica dos programas terá em mira a natureza da personalidade feminina e bem assim a missão da mulher dentro do lar.
- (BRASIL, 1942).

Assim, cria-se um terreno fértil para a fundação de instituições que pudessem formar mulheres para a domesticidade, uma vez que havia um “contexto conservador inserido nas propostas governamentais” (SILVA, 2021, p. 40), isto é, a criação e manutenção das escolas

domésticas serviria não apenas para formar para o lar próprio, como o faria para aquelas mais abastadas, mas ainda para trabalhar em lares como donas-de-casa.

Ainda na década de 1940, em 1946, mais uma lei orgânica endossa a educação doméstica, desta vez por meio da inserção da disciplina “Economia Doméstica” no currículo da Escola Normal. Seguindo esta tendência, Irene de Albuquerque³¹¹ publica *Noções de Educação Doméstica* na década de 1940³¹², no qual apresenta uma espécie de guia para administração do lar, tratando de temas como a moradia, a limpeza da casa, o vestuário, a alimentação, a contabilidade, o cuidado com as crianças e ainda noções de serviço social.

Escrito sob formato de manual didático, *Noções de Economia Doméstica*, apresenta, ao final de cada lição, um questionário com média de 5 perguntas. Na apresentação do material, Irene de Albuquerque anuncia os propósitos e a necessidade da educação doméstica:

Se a mulher muito pode conseguir no lar pelo instinto e pela dedicação, é fora de dúvida que alcançará muito melhor resultado e com menor esforço se possuir estudos especializados que a habilitem a tomar decisões mais aceleradas e a ter mais confiança nas suas decisões. (ALBUQUERQUE, s/d, p. 7).

Ao mesmo tempo em que Maria Dimpina advoga a favor da ocupação do espaço público pelas mulheres, indica que a educação doméstica deve ser valorizada, já que “é lastimável o descaso que vão tendo as profissões domésticas” e que, por esta razão, “muitoútil seria a criação desse outro instituto imprescindível e inadiável.” (ed.145, 31/03/1927, p. 2).

Criada em 1946, a instituição, exclusivamente feminina, localizava-se no Centro Norte de Cuiabá, e atendia aquelas que tinham na educação doméstica uma via possível de formação profissional, a exemplo de outras instituições que ofereciam este tipo de educação (para o trabalho) no estado, tal qual a Escola Técnica do Comércio de Cuiabá, que em 1949 contava com 119 matriculados (ALVES, 1998).

Silva (2021) conta que, apesar dos esforços contundentes para a criação e manutenção da escola, a instituição funcionou apenas por 3 anos e mais, as formandas não obtiveram a

³¹¹ **Irene de Albuquerque** foi professora catedrática do Instituto de Educação, tendo atuado na cadeira “Práticas de Ensino”. Segundo Gurgel (2016), foi a primeira a introduzir a prática para as normalistas fora do espaço do Instituto e atuou em outras frentes, como nos editoriais da revista *O Malho* e *Tico-Tico*, colaborando com colunas de assuntos escolares.

³¹² A edição consultada não apresenta data de publicação e, nos limites deste estudo, foi possível observar, através da folha de rosto, que uma de suas famosas publicações *Metodologia da Matemática* (1951), não consta no catálogo de livros publicados da autora, o que nos permite inferir que se trata de um manual publicado ainda na década de 1940, especialmente por conter a inscrição “De acordo com o programa de 7 de janeiro de 1942”, em referência a Lei Orgânica 8.529.

certificação, uma vez que a Escola Doméstica “Dona Júlia” não havia recebido a autorização do Ministério da Educação necessária para o seu funcionamento.

Não obstante, sua criação, 12 anos após a morte de Júlia Lopes de Almeida, carregou mais do que seu nome. Contam as redatoras que a escola fora financiada com recursos do grêmio, da Legião Brasileira de Assistência, do governo e de Filinto de Almeida, esposo da escritora. Em 1934, Filinto recebe uma carta de Antonio Senna Filho, procurador do poeta em Corumbá (MT), sinalizando o envio de certa quantia que o escritor possuía no estado. Tal fato indica que Filinto de Almeida já mantinha relações -ao menos no ramo dos negócios- com Mato Grosso.

Dunga Rodrigues³¹³ (apud Siqueira, 2020), comenta ter sido a criação da Escola Doméstica uma das ações mais importantes do grêmio: “O feito, porém, de maior vulto conseguido vitoriosamente pelos esforços do Grêmio é, sem dúvida, a criação da Escola Doméstica D. Júlia, hoje em crescente atividade (...) fund[ada] em novembro de 1946.” (p.159)

O mato-grossense *A Cruz* noticiou a inauguração da Escola Doméstica Dona Júlia em 24 de novembro de 1946:

Inaugura-se, as 9h de da corrente data em que o Grêmio Julia Lopes completa 30 anos, a Escola Doméstica D. Júlia, sob patrocínio deste Grêmio. O seu programa é nos moldes da Escola Doméstica de Natal (...) A Escola iniciar-se-á sob a direção de D. Maria Dimpina Lobo Duarte, e da sub-diretora, senhorinha Amélia Pereira Leite. (A CRUZ, edição 1741).

Ainda *O Jornal* e *A Noite* divulgaram a Escola Doméstica. A edição de 14 de maio de 1948 de *O Jornal* mostra um balancete do total gasto pela Legião da Assistência Brasileira com obras sociais e de amparo à família e a puericultura. Nela é possível constatar o valor despendido com os educandários cuiabanos – CR\$173.977,8934³¹⁴, entre o Abrigo Julio Muller, o Instituto Nossa Senhora da Conceição e a Escola Doméstica D. Júlia.

Já a edição 12931 do carioca *A Noite*, publica o texto “Preparando a vida do lar a juventude feminina matogrossense” que corresponde à visita de Maria Dimpina à redação. Na

³¹³ **Maria Benedita Deschamps Rodrigues (1908-2001)** foi professora, musicista, historiadora e escritora. Entre seus escritos, destacam-se as músicas, os contos, as crônicas e os livros. Foi ocupante da cadeira 39 da Academia Mato-Grossense de Letras e trabalhou no NDHIR da UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso. Em ocasião dos 112 anos de seu nascimento, o IGHMT publicou o volume intitulado Dunga Rodrigues: Homenagem do IHGMT pelos 112 anos de seu Nascimento, organizado pela professora ElizabethMadureira Siqueira.

³¹⁴ Necessário dizer que o salário-mínimo, instituído na década de 1940, era, algo em torno de CR\$1000, o que nos dá uma pista a respeito do valor real do investimento na educação mato-grossense. Nesse sentido, convém ressaltar que, se comparado ao total investido em outros estados, a exemplo do Paraná ou do Rio Grande do Norte, o investimento da Legião para o estado mato-grossense corresponde a menos de 1/10 do valor máximo ofertado. (PINTO, 2021, p. 265).

conversa, a cuiabana fala das empreitadas do Grêmio e da Escola Doméstica; e cita ainda a Escola Noturna³¹⁵ como exemplo de êxito, onde “adultos já tem obtido excelentes resultados” (p. 2).

Mesmo que situada fora do recorte temporal adotado para esta pesquisa, a criação da Escola Doméstica Dona Júlia compreende a escritora como agente, uma vez que foi idealizadora da escola e mais, os subsídios de sua família, em seu nome, colaboraram para realização do projeto. Tal ação nos permite pensar em Júlia Lopes não apenas como uma literata a serviço da pena, como bem contempla sua literatura, mas também como uma voz ativa e constante ao longo dos anos em que circulou *A Violeta*.

Muito antes de proferir a conferência na Biblioteca do Conselho Nacional de Mulheres em Buenos Aires, a predileção de Júlia Lopes de Almeida em escrever textos de cunho patriótico se observava, bem como a exploração de diversas localidades no país. Um bom exemplo de seu compromisso com o “nacional” é a publicação, em 1907, de *Histórias da Nossa Terra*, livro usado nas escolas primárias que somou mais de 20 edições.

Nele, se observa mobilização dos “símbolos nacionais e as representações sociais associadas à maternidade e à paternidade”, com a finalidade de “introduzir tópicos relativos à identidade nacional e à reconfiguração da nação brasileira, segundo o ideário das primeiras décadas do período republicano”. (SILVA, 2020). Em 1906, *O Paiz* publicou na sua primeira página, “A nossa bandeira”, um dos textos de *Histórias da Nossa Terra*, que evidencia o compromisso patriótico de sua literatura:

Verde, da cor dos mares e das florestas que embelezam a nossa terra desde a serra de Roraima até á barra de Chuy; azul como o céu infinito em que abre os braços lucidos o Cruzeiro do Sul; dourada como o sol que alegra o espaço e fecunda os campos, a nossa bandeira retrala nas suas cores as supremas maravilhas do universo! Filhos do sul ou filhos do norte, qual de nós não estremece de orgulho á sua gloria? qual de nós não vibrará de entusiasmo ao sentir-a aclamada pelos outros povos? (O PAIZ, edição 7843, p. 1).

A este respeito, Hansen (2007, p. 15) comenta que Júlia Lopes de Almeida, ao publicar *Histórias da Nossa Terra*, cumpre com a missão cívico-patriótica incumbida aos intelectuais do começo do século XX, que publicaram

diferentes representações do país, de seus recursos e de seus problemas, de seus habitantes, da infância e da família, dos papéis sociais de homens e mulheres, do patriotismo, etc. Em alguns casos os textos privilegiavam apenas os conhecimentos

³¹⁵ A edição 342 de *A Violeta* comenta a respeito da Escola Supletiva Dona Júlia Lopes de Almeida, um “anexo à Escola Doméstica “D.Júlia” noturna para o seco masculino”. (A VIOLETA, 1947, p. 15).

sobre o país, entendidos como necessários ao cidadão consciente de seus deveres, outras vezes a formação do "cidadão perfeito" dependia da formação de um novo homem, capaz de subordinar suas escolhas, atitudes, sentimentos, enfim, toda sua vida, à pátria.

Em *Jornadas no meu país*, publicado em 1920, mais uma vez as terras brasileiras estão em destaque. Constituído em uma espécie de diário de viagem, o livro narra a ida da escritora ao Sul do país, desde a embarcação, ainda no porto do Rio de Janeiro, até o retorno à capital. Ao longo do trajeto, Júlia Lopes de Almeida comenta a natureza, as riquezas, os costumes e as tradições dos locais, hábito que diz cultivar:

Como sempre que me disponho a partir para longe, a minha viagem começa, mal ponho o pé fora da soleira de casa. E' sempre assim: olho então para as coisas mesmo as mais banais e insignificantes com redobrada atenção, no desejo inconsciente de as guardar na retina para as levar comigo. (ALMEIDA, 1920, p. 11).

Um outro ponto levantado por Júlia Lopes no volume é o apreço do estrangeiro em detrimento das terras brasileiras que, segundo ela, deveriam ser mais valorizadas:

Geralmente, os lugares escolhidos para vilegiaturas, que fazemos menos por curiosidade do que por necessidade social de veranejar, são sempre e desesperadamente os mesmos: Poços de Caldas, Caxambú, São Paulo e mais dois ou tres sitios de menor importancia. Ha em todo o Brasil centenas de provincianos que sabem de cór o nome das ruas de Paris, que se têm perdido nas de Londres e nunca viram a do Ouvidor. Além de ser mais fácil aos habitantes do Pará e do Amazonas frequentarem os invernos europeus do que frequentarem os nossos, e o mesmo acontecendo aos do extremo sul, para quem Buenos Aies é mais acessível do que o Rio, ha ainda um grande desprendimento pelo que é nosso. (ALMEIDA, 1920, p. 17).

Ao aceitar o convite da comissão do Centenário da Independência para participar do evento em Buenos Aires, em 1922, Júlia Lopes de Almeida produz um texto rico em referências à natureza, às terras, ao clima e aos costumes do povo brasileiro. Começa apresentando os recursos naturais e a beleza do país e caminha para a constituição do Estado.

Como dito anteriormente, o texto fora publicado em 20 edições em *A Violeta*. Nele, destacam-se Recife (PE), anunciada como “movimentada, progressista e rica” (A VIOLETA, edição 109, p.3), contrapondo aos estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte, “menos avançados” (p.3), apesar da arte e do artesanato locais terem seu destaque. Outro estado citado na mesma edição é o Ceará:

Os cearenses sao, na historia moderna do meu paiz, os bandeirantes da cultura, os fundadores de cidades, as arroteadores de campos, os propagadores de progresso, os desbravadores de brenha. (A VIOLETA, edição 109, p. 4).

Neste sentido, Broca (1975, p. 55) também indica o estado cearense como uma espécie de celeiro da cultura regional.

O Ceará sempre foi o Estado do Brasil onde mais floresceram as academias literárias. A primeira delas a “Fênix Estudantil”, fundada em 1870, deu origem à Academia Francesa, que sofreu os reflexos da “escola de Recife”, através de Rocha Lima. Desde então, as associações literárias se multiplicaram.

Nas edições 112 e 113 de *A Violeta*, os trechos que se referem à Conferência abordam, sumariamente, os destaques das regiões brasileiras – Goiás e Mato Grosso, “dois gigantes que despertam, cheios de promessas formidáveis” (A VIOLETA, edição 112, p. 13) e a própria constituição da história brasileira a partir de Cabral. Nesse sentido, a escritora propõe pensar de forma mais ampla o conceito de civilidade, abrangendo a língua, a religião e o amor, especialmente quando diz que “a verdadeira civilização é baseada no amor e na harmonia” (A VIOLETA, edição 113, p. 3).

Quanto ao tratamento do tema amor conjugal, ambos os textos selecionados “Meu amor” e “No vagão”, são textos que compõem o livro em preparo *Páginas Curtas*. “Meu amor” é um texto que ocupa quase a totalidade da página 4 da revista. O narrador do conto, um homem apaixonado, encontra-se envolvido em uma espécie de amor platônico por uma mulher que, aparentemente, o despreza:

Ouve-me: eu ja a tinha visto, na rua, no teatro, num hall de hotel, sempre a distância e tão alucinado por não sei que força que se irradiava dela que a língua se me entorpecava e eu ficava extático. (A VIOLETA, edição 182, p. 4).

Essa relação de mão única que estabelece com a mulher vai além de sua razão e o torna obcecado pela figura da moça: “Comecei a não dormir, a mal comer, a não trabalhar, a não viver se não dela; numa obsessão mortal”. Em um deu seus delírios, o homem apaixonado, desacreditado do amor da amada, que lhe poderia ser negado, entende o silêncio dela como um possível desdém: “Por que não me respondes? A tua impassibilidade será consentimento? (...) Responde, fala, dize a verdade, a verdade!” Por fim, percebe que a amada, em verdade, é surda-muda e por isso não o correspondia: “Foi então que senti tua mão no meu ombro e que te ouvi dizer: Pois ainda não percebeste que ela é surda muda!?” (A VIOLETA, edição 182, p. 4).

Reiterando o que se diz ao longo deste texto sobre o protagonismo feminino na escrita de Júlia Lopes de Almeida, a personagem de “Meu amor”, ainda que não possua nome, nem rosto, nem pensamentos ou falas, é a protagonista do conto, sobre quem se desdobra a narrativa.

Salomoni (2005) já apontava, em seu estudo, sobre alguns dos romances da escritora, que a preferência por trazer mulheres de forma destacada, embora não fosse exclusividade da escritora, era um traço incomum de sua escrita, uma vez que:

O diferencial em relação à escritora carioca é que esta enveredara por este caminho desde as suas primeiras produções romanescas, obedecendo ao decoro e à filosofia positivista, mas usando de ironia e sátira, que, na avaliação do colega Aluísio Azevedo "nunca vêm cruas ou sanguinosas, mas sempre refogadas com adorável tolerância e jovialmente polvilhadas de riso fresco e sadio". (SALOMONI, 2005, p. 48).

Muito embora o texto não evidencie o amor conjugal, isto é, entre um casal, a escolha por defini-lo nesta categoria justifica-se por haver, na obra da escritora, o tratamento do tema amor de diversas formas: conjugal, familiar, maternal, à pátria, à literatura e à educação.

Além de ser tratado de forma recorrente em suas obras, sobretudo os romances, tanto o termo “amor” quanto palavras relacionadas ao sentimento, a exemplo de “coração” e “felicidade”, intitulam alguns de seus textos, como em “Concessões para a felicidade” e “A poesia da vida”, contos de *Livro das Noivas*, publicado em 1896; “O coração tem razões”, conto de *Ânsia Eterna* (1903); “Os beijos”, extraído de *Livro das Donas e Donzelas*, de 1906; e *Cruel Amor*, romance de 1911.

O conto “No vagão”, publicado em 1933 na edição comemorativa do aniversário de Júlia Lopes de Almeida (24 de setembro), é acompanhado de outro texto, “Por isto ou por aquilo”, ambos localizados na página 3. Importa destacar que os contos são antecidos por uma das cartas da escritora à redação, em que Júlia Lopes de Almeida “Envi[a] juntas a esta algumas linhas ineditas como mero pretexto para fazer lembrar meu nome aos caros leitores mato-grossenses.” (A VIOLETA, edição 209, p. 2). “No vagão” é publicado em um único parágrafo, transcrito integralmente abaixo:

Eu estava só. Agora somos tres. Entraram dois passageiros que se sentaram diante de mim. Pensam que durmo quando medito apenas de olhos fechados. Sem se poder conter um diz ao outro baixo e precipitadamente.

- Tens Sangue no punho. Feriste-a?
- Matei-a!
- Desgraçado!
- Cala- te!

Abri os olhos com espanto ... A cara que eles fizeram.

No texto, é possível perceber que se trata de um crime – o assassinato de uma mulher – e o narrador, incrédulo, espanta-se com a frieza do assassino em assumir a culpa. Aqui, Júlia Lopes de Almeida parece retratar a violência doméstica, que acometia e vitimava as mulheres.

Apesar do estilo rápido e direto com que é escrito, o conto evidencia uma provável relação conjugal entre o assassino e a vítima.

A escolha de um vagão como cenário para o relato de crimes e cenas de violência corrobora com a ideia de efemeridade do trem; e mais, com a afirmação da superioridade masculina em relação às mulheres, a consolidação de seu status de mais fortes e mais poderosos.

O mesmo pode ser observado em “O caso de Ruth”, um dos contos de *Ânsia Eterna*, no qual a violência doméstica é retratada através do estupro de Ruth, aos 15 anos, pelo próprio padrasto. Diferentemente da narrativa de “No vagão”, a personagem tem nome, idade e propósito: está noiva de Eduardo Jordão, a quem tem em alta estima e de quem parece ter reciprocidade. Em nome do amor que sente pelo noivo, Ruth não vê alternativas e conta-lhe a verdade sobre seu passado de violência:

- Foi há 8 anos aqui, nesta mesma sala...Meu padrasto era um homem bonito, forte; eu, uma criança inocente...Dominava-me, a sua vontade era logo a minha. Ninguém sabe! (...) No fim de 4 meses de uma luxúria infernal, ele morreu e foi ainda aqui, nesta sala, que o vi morto, estendido na mesa. Que libertação que foi aquela morte para a minha alma de menina ultrajada!” (ALMEIDA, 2013, p. 66).

Apesar de amar a noiva, a declaração de Ruth atordoa Eduardo, que não sabe se a aceita ou a rejeita, já que “é uma mulher desonrada” (ALMEIDA, 2013, p. 68). Decidido a firmar o compromisso com a pobre Ruth, envia-lhe uma longa carta como sinal de seu “perdão”, o que faz com que a personagem, tão certa de seus sentimentos por Eduardo Jordão, repense seu casamento com alguém de “coração impenetrável e de uma consciência muda” (ALMEIDA, 2013, p. 70).

Assim, o leitor acompanha os planos de Ruth para um suicídio bem-sucedido e uma reação adequada aos padrões patriarcais das primeiras décadas do século passado: a noção de que a mulher era propriedade do marido, e que, mesmo em sua morte, não poderia ocupar um espaço ao lado de outro homem, ainda que fossem apenas ossos:

-Vai ficar com o padrasto, no mesmo jazigo...(...)
- Que! Seria ainda para o outro aquele corpo angélico, tão castamente emoldurado nas roupas de noivado? Seria ainda para o outro aquela mocidade, aquela criatura divina, que deveria ser sua?!
(...)
Alucinado, ciumento, Eduardo arrancou então, num delírio, o véu e as flores de Ruth e, inclinando um tocheiro, pegou fogo ao pano da essa. (ALMEIDA, 2013, p. 71).

O tratamento do tema do amor conjugal por Júlia Lopes de Almeida nos textos

escolhidos de *A Violeta* revelam dois aspectos marcantes e constituintes de uma literatura combativa por parte da escritora – a existência de pessoas com deficiências físicas e a certeza de que essas deficiências não são limitantes ao querer do outro, como em “Meu amor”; e a violência contra a mulher, principalmente considerando as próprias leis que vigoravam à época, as quais legitimavam a mulher como propriedade do marido/companheiro.

Para o último tema que compõe esta categoria, “O sobrenatural”, convém observar, especialmente, a produção da escritora para uma literatura concebida como gótica. Sá (2018) indica que o gênero apareceu ainda nos primórdios do século XVIII, muito por intermédio do periódico *The Lady’s Magazine*³¹⁶, onde Ann Radcliffe³¹⁷, Clara Reeve³¹⁸ e Mary Shelley³¹⁹, tidas como referenciais da literatura gótica inglesa, publicaram alguns de seus trabalhos.

Sá (2018) reforça que a literatura gótica neste momento refletia as mudanças econômicas e socioculturais por meio da ansiedade, do medo e do terror. A este respeito, complementam Araújo e Silva (2022, p. 43), quando comentam ser a literatura gótica caracterizada pelo terror, pelo misticismo e pelo espiritismo, gerando “uma catarse proporcionada pelo horror que os acontecimentos [que] as narrativas poderiam causar se fossem possíveis no mundo do leitor.” Além disso, “o gótico oferecia uma chance a essas mulheres de se manifestarem subjetivamente em uma sociedade baseada em valores patriarcais, como as dos séculos XVIII e XIX.” (ARAÚJO e SILVA, 2022, p. 45).

Operando com essa lógica que convencionava tensão e horror à crítica social e patriarcal, a análise dos dois textos selecionados, “O lote 587” e “Por isto e por aquilo” vai ao encontro do que salientou Santos (2022, p. 124-125) como características narrativas próprias do gênero:

- i) uma focalização feminina voltada aos interesses da mulher; ii) um ambiente doméstico como principal espaço narrativo; iii) uma protagonista mulher; e iv) um homem como vilão transgressor (SANTOS, 2017). A esses elementos formais é

³¹⁶ **The Lady’s Magazine (1770-1832)** é considerada a primeira revista feminina de sucesso na Inglaterra. Tendo como objetivos principais entreter e incentivar as mulheres, divulgava ficção, poesia, música, notícias da sociedade, além de publicar tendências de moda para as mulheres da época. (Fonte: National Portrait Gallery).

³¹⁷ **Ann Radcliffe (1764-1823)** é considerada a escritora gótica inglesa de maior sucesso no século XVIII, tendo publicado 6 romances. “Em seus romances, Ann Radcliffe formalizou um tipo de enredo que explorava o suspense da perseguição de personagens femininas jovens, inocentes e virtuosas, por vilões aristocratas cruéis e implacáveis, investia em descrições sublimes de paisagens naturais e castelos labirínticos, sombrios e em ruínas. Além disso, Radcliffe popularizou a técnica do sobrenatural explicado como recurso da ficção gótica.” (Fonte: DICIONÁRIO DIGITAL INSÓLITO FICCIONAL).

³¹⁸ **Clara Reeve (1729-1807)** foi escritora inglesa oitocentista de literatura gótica. Publicou 3 romances: *The old English baron* (1777), *The school of widows* (1791) e *The Progress of romance* (1785). (Fonte: Encounters with the Orient in Early Modern European Scholarship (EOS)).

³¹⁹ **Mary Wollstonecraft Shelley (1797-1851)** escreveu 7 romances, dentre eles *Frankenstein*, sua obra mais famosa, considerada uma narrativa gótica e filosófica. (Fonte: Enciclopédia Britânica).

possível adicionar ainda os temas e motivos privilegiados pelas escritoras em suas obras, tais como: i) a perseguição à donzela em perigo; ii) o confinamento feminino; iii) os problemas relacionados ao matrimônio; e iv) a loucura e/ou morte das personagens femininas ao final das narrativas como punição à perda da virtude.

Embora não se possa observar todas as características elencadas acima, é possível afirmar que os textos obedecem à norma gótica de produção. “O lote 587” é um dos contos de *Ânsia Eterna*, livro considerado representativo da literatura gótica de Júlia Lopes de Almeida. Antes mesmo de analisar o seu conteúdo, convém ressaltar alguns aspectos editoriais da obra.

Ânsia Eterna fora publicado originalmente em 1903, pela H.Garnier, no Rio de Janeiro. Nesta edição, há 28 contos, dentre os quais não figura “O lote 587”. Em *A Violeta*, o texto é publicado em 1920 - portanto 17 anos após a publicação da H.Garnier – e abaixo da assinatura de Júlia Lopes de Almeida aparece a inscrição “inérito”. Apesar de *A Violeta* refletir, intrinsecamente, as intencionalidades de suas redatoras, e tal fato reverberar-se em suas escolhas editoriais e discursivas, importa destacar que o “inérito”, ao que indica este estudo, se tratava de uma possível verdade.

Outro ponto que corrobora com a ideia de verdade em *A Violeta* é o fato de o mesmo texto ter sido publicado na *Deutsch-Brasilianische Illustrierte*³²⁰, órgão germânico-brasileiro, que divulgava as relações entre Brasil e Alemanha. Considerando a primeira edição do periódico, em 1926, pode-se inferir, mais uma vez, que “O lote 587”, publicado sob o título de “Kaveling 587”, fora produzido após a primeira edição de *Ânsia Eterna*.

Ademais, a própria introdução de Muzart para a edição da Editora Mulheres, como citado anteriormente, cita que é a edição de *A Noite*, em 1938, que publica o conto. O estudo de Figueiredo (2014, p. 18) salienta que há:

mudanças significativas em sua composição, tanto no tocante à alteração na ordem de apresentação dos contos, bem como a supressão de alguns textos e adição de outros. Além dessas pontuais diferenças, verificam-se ainda modificações em alguns aspectos da composição textual, desde variações em relação à pontuação até a alteração de palavras, orações e parágrafos dentro do texto.

Por fim, a edição 160 do *Jornal do Brasil*, ao anunciar uma antologia de contos da ABL, cita “O lote 587” como texto integrante do volume, ao lado de “O Apólogo”, de Machado de

³²⁰ Sobre o periódico *Deutsch-Brasilianische Illustrierte*, o jornal *Der Kompass*, uma outra publicação germano-brasileira, comenta em sua edição 78, que o periódico é uma revista mensal publicada em Hamburgo que tem como Fundador e Editor-Chefe Raul de Vasconcellos. Dentre os assuntos que ilustravam a revista, destacam-se a política, a educação, a urbanização, a saúde e o sanitário, a arte e a literatura. Os editores de *Der Kompass* comentam ainda que: “Os dois primeiros artigos encontram-se bilíngues, outros escritos em alemão (...) A revista aparece com um design elegante e é ricamente ilustrada. O preço da assinatura é de 1 marco por Caderno.” (*DER KOMPASS*, edição 78, 12 de julho de 1926).

Assis e “Catimbaú”, de Humberto de Campos. O texto de Júlia Lopes é definido como “perturbador e sinistro como algumas narrativas de Maupassant.” (JORNAL DO BRASIL, edição 160, p. 2).

Em *A Violeta*, “O lote 587” é impresso em 4 páginas. O texto narra a história de Jaime Onofre, um famoso colecionador e leiloeiro, e sua mãe, a Senhora Onofre. A narrativa se desdobra através do diálogo entre o mordomo da casa e um comprador, que busca um oratório Felipe II, uma peça que, segundo ele, era autêntica e de estimado valor. Até que se encontre a peça, o comprador observa o mobiliário e os detalhes da casa de Onofre, definida como “um bazar” pelo comprador.

Sobre o oratório, localizado no sótão, repousa a Senhora Onofre, em uma estranha posição, o que espanta o comprador:

recuei de espanto ante a visão original de duas peras finas de mulher calçadas de meias brancas, erguendo-se de detraz de um baú a apontar ao tecto com regida desfaçatez.

- Mas que é aquillo?

- Aquillo, respondeu me o mordomo com todo o respeito e gravidade, -aquilo é a Senhora. A mãe do doutor; a Onofre! E logo, procurando atenuar a irreverencia da situação.

- Com certeza escorregou da mala e caiu de cabeça para baixo... pois eu bem recomendei ao copeiro que a puzesse direitinha.. Va a gente confiar nos outros...

De forma irônica e eventualmente sádica, o empregado conta em detalhes o que aconteceu: após a morte de sua mãe, o filho, inconformado, gastou todas as suas economias e mandou fazer uma réplica da matriarca, em cera. Jaime Onofre não apenas mantinha a figura em cera na casa, mas também a tratava como se fosse a própria mãe:

Este, como filho delicado que sempre foi, não se sentava a mesa antes de vera cabeceira da Sra. D. Luisa com a sua amável cabecinha toda voltada para elle. E então o Sr. doutor punha-lhe alimento no plato e o vinho fino no copo ,tal e qual como antes: O melhor bocadinho era sempre pare a mamã... Quando entrava da rua perguntava-me invariavelmente ao entregar-me o chapéu e a bengala: - Minha mãe onde está? E eu, com a mesma convicção e imperturbável seriedade : A senhora eslâno patio, ou a biblioteca, ou na varanda. (A VIOLETA, edição 66, p. 6).

A esta altura da narrativa, o comprador, já inebriado com fascinante e macabra história de Jaime Onofre e sua mãe, questiona sua ausência e o “estado” da mãe naquele momento, perdida em meio às baratas e ratos do sótão. O mordomo responde:

A pouco a pouco, o filho ia mudando.(...)

Na sala, entre almofadas que tinham sido feitas em outros tempos por suas mãos e entre bibelôs e tapetes comprados pelo seu poupado bolsinho, permaneceu por muito tempo a Sra. D. Luiza, sem que nem mesmo o filho perguntasse notícia de sua

saúdinha... (A VIOLETA, edição 66, p. 7).

Para além da naturalização de um boneco de cera no convívio de uma casa e a dor da saudade como estopim da “loucura” experimentada por Jaime Onofre, é possível ainda estabelecer um paralelo com os conceitos de maternidade, postos em xeque no conto: o filho que depende da mãe, mesmo depois de sua morte, para manter-se vivo e ativo em seu cotidiano; a figura materna, encoberta pelas vestes brancas, denotando pureza e abnegação; e por fim, a dicotomia sagrado versus profano, que sustenta a narrativa e concentra na personagem de cera ambas características.

Nos limites deste estudo, observou-se que o conto “Por isso e por aquilo”, parte integrante de *Páginas Curtas*, fora publicado apenas em *A Violeta*. Nele, o narrador – de gênero não identificado – é um trabalhador cansado de ter que lidar com os latidos do cão de seu vizinho, na hora de dormir, uma vez que o animal “late, late, late e late a noite inteira” (A VIOLETA, edição 209, p. 3).

Como uma solução ao seu problema, o narrador declara ter preparado “um narcótico” para dar ao animal. Contudo, quando chega ao terraço – local de onde ele jogaria os bombons envenenados ao cachorro, percebe que o mesmo parou de latir; e mais, seu corpo negro está deitado em uma “areia clara, à clara luz do luar”. A utilização de elementos que se contrapõem como *negro* e *claro*, demonstram uma tentativa da escritora de evidenciar a nossa própria natureza, na qual se equilibram o bem e o mal.

Ao perceber a calma em que o cão se encontra, o narrador recua e não entrega o entorpecente ao animal. Contrapondo à imagem alva do animal puro e inocente, o narrador vê sombras projetadas no muro do vizinho: “dois vultos caminhando um após o outro; assim como que uma mulher, muito alta, muito esguia, seguida por um cão cambaleante...” (A VIOLETA, edição 209, p. 3).

Nesse sentido, Júlia Lopes de Almeida parece exprimir o sobrenatural como exposto por Edgar Allan Poe em “The Black Cat”³²¹, cujo personagem, também um animal, sofre com a violência do ser humano. Resguardadas as diferenças no enredo e na seleção linguística de ambos os autores, convém mencionar dois aspectos comuns às narrativas de Júlia Lopes e Poe: a culpa e a perversidade.

Em “The Black Cat”, o narrador-personagem vê a necessidade de matar o animal três

³²¹ Escrito pelo norte-americano Edgar Allan Poe, foi publicado pela primeira vez em 1843, no *The Saturday Evening Post*, e, dois anos depois, incluído na coletânea *Tales by Edgar Allen Poe*. Estudiosos do escritor definem “The Black Cat” como uma de suas obras mais macabras e mórbidas, já que a história se desdobra em um cenário sanguinário, alcohólico e perturbador, onde a maldade humana atinge seu ápice.

vezes, utilizando-se de crueldade, como, por exemplo, arrancando um de seus olhos; em “Por isso e por aquilo”, o narrador-personagem está prestes a provocar a morte do animal quando é surpreendido pelo sobrenatural; sobrenatural este que lhe traz o sentimento de culpa, a ponto de não conseguir dormir, mesmo no silêncio.

Já em Poe, o a presença do sobrenatural -uma mistura de insanidade e álcool -, desperta no narrador-personagem as mais violentas reações, culminando no assassinato de sua própria companheira. Tomado pelo sentimento de culpa ao perceber que matou a mulher, o narrador entra em uma espécie de transe, e embora Poe não retrate a morte do personagem, a narrativa conduz o leitor a aceitar esta como única condição existente para ele.

Como se pôde perceber, apesar de tratarmos de alguns textos produzidos por Júlia Lopes de Almeida em sua condição de agente em *A Violeta*, sua produção é tão vasta e variada que foi possível apresentar elementos similares não apenas em sua própria bibliografia, mas na bibliografia de outros autores. A escritora que, como bem pontuou Margarida Lopes de Almeida, trabalhou por mais de 50 anos a serviço da pena, não poderia deixar de ser, ao menos para as redatoras de *A Violeta*, um modelo de escritora, mulher, mãe e esposa a seguir, como veremos adiante.

3.3.3 Júlia Lopes de Almeida – um modelo a seguir em A Violeta

Em 1933, aos 71 anos, Júlia Lopes de Almeida teve sua última carta publicada em *A Violeta*. A “missiva de carinho e conforto”, antecedida de um texto em homenagem à sua data natalícia, evidencia mais uma vez a relação de admiração e afeto mútuo entre as redatoras e a escritora. Para anunciar a carta, a redação ilumina os atributos de Júlia Lopes de Almeida:

Cérebro incansável e benedito, a semear ‘Livros. livros á mão cheia’ D. Julia bem merece essa consagração com que lhe galardoa a geração coetânea, beneplacito da posteridade...

Pela data significativa, sentimo-nos jubilosas, em poder levar-lhe nestas expressões descoloridas o eco de nosso intenso afecto e encantamento, com os votos ao Creador pela conservação da preciosa existência da excelsa patrona, sempre feliz ao lado do seu estremecido esposo e dilectos filhos. (A VIOLETA, edição 209, p. 2).

No trecho, há o enaltecimento de ao menos três facetas de Júlia Lopes - escritora, mulher e mãe. A escritora de “mão cheia”, que assinou tantas obras até então -não custa lembramos que, em 1933, Júlia Lopes de Almeida já havia publicado 27 volumes, além de constar em sua

fortuna crítica que *Pássaro tonto* já estava no prelo-, era também memorada como mãe e esposa, ao que as redatoras citam seu esposo e seus filhos como parte de sua trajetória de vida.

Neste sentido, ainda que haja um esforço significativo por parte das redatoras de *A Violeta* em promover a educação e emancipação das mulheres leitoras da revista, é constante a utilização da imagem de *D.Júlia*, a sábia conselheira, como exposto no primeiro capítulo deste trabalho, como um modelo a seguir, sendo seus comportamentos, falas e ações divulgadas na revista expostos como uma trajetória *si ne qua non* para as leitoras.

A própria criação do Gremio litterario Julia Lopes, órgão responsável pela fundação, manutenção, financiamento e divulgação da revista embasou-se na imagem rotulada de Júlia Lopes de Almeida como *mãe zelosa, esposa afetuosa e sábia conselheira às mulheres*.

Não por acaso a inspiração, como diria Maria Arruda Muller, para a criação da agremiação com o nome da escritora tenha sido o *Livro das Noivas*, volume essencialmente produzido para o consumo doméstico – desde a dedicatória, que tem Filinto de Almeida como interlocutor, até a organização dos 29 textos, que seguem a lógica do ideal de vida da mulher – 1) a preparação para o casamento; 2) a vida conjugal; e 3) a maternidade e a educação dos filhos.

Schumacher e Brazil (2000, p. 306), em seu dicionário de mulheres brasileiras, comentam o sucesso de Júlia Lopes de Almeida, que teve

sua obra [incorporada] ao cotidiano de gerações de mulheres brasileiras, sobretudo o *Livro das Noivas*, de 1896, um marco na precária preparação para o casamento nos mais distantes locais do país. Nas primeiras décadas do século XX, milhares de moças receberam esse livro de suas mães, como incitação aos “mistérios do casamento”. A receptividade que a obra encontrou no público é um capítulo da história da literatura brasileira que ainda requer uma atenção especial dos estudiosos.

Em *A Violeta*, o *Livro das Noivas* é a obra mais citada e referendada de Júlia Lopes, sendo 11 vezes mencionada ao longo dos 34 anos de existência da revista. Mesmo que Júlia Lopes de Almeida tenha sido uma expoente nas letras e na literatura de seu tempo, a predileção das redatoras de *A Violeta* por enfatizar a figura de *D.Júlia* evidencia suas intencionalidades, especialmente no que tange à função e comportamento da mulher em sociedade.

Na edição 3 da revista de 15 de janeiro de 1917, é publicado o discurso inaugural do Gremio Litterario Julia Lopes, proferido por Francisca de Figueiredo. No texto, sobressai a imagem mais desejada de Júlia Lopes de Almeida para imprimir as páginas do periódico:

Escolhemos para a nossa patrona a notável e abalisada escriptora Júlia Lopes. Faremos com que a nossa pequenina e humilde penna acompanhe sempre as pegadasbrilhantes

dessa estrella fulgurante da Literatura Brasileira.

(...)

A mais notável dentre as escriptoras patricias, ella é, entretanto, um dos melhores exemplos de esposa virtuosa e de mãe amantíssima.

Quantas de suas obras não foram pensadas e idealizadas à cabeceira de seus filhinhos enfermos, ou à beira do leito onde as lutas prostavam o esposo estremecido?

É neste ponto, sobretudo, que a nossa admiração se mostra mais profunda e mais sincera. (A VIOLETA, edição 3, p. 7).

Esta imagem de Júlia Lopes de Almeida, marcadamente a preferida pelas redatoras de *A Violeta*, permanece até o último exemplar da revista em 1950. Apesar da mesma representação da escritora ser evidenciada também em outros periódicos populares do início do século XX, a escolha de *A Violeta* relaciona-se com a educação de mulheres por meio da modulação de comportamentos, posturas e atitudes.

É bem verdade que a própria Júlia Lopes de Almeida projetou sua imagem de escritora sobretudo na imprensa carioca e fazer o mesmo em *A Violeta*. Este lugar que ocupava no imaginário das redatoras de *A Violeta* e, por conseguinte, em suas leitoras, não era necessariamente o esperado pela escritora ao estabelecer relação com a imprensa mato-grossense. Tanto é que a última carta publicada de Júlia Lopes de Almeida (edição 209) revela um interesse maior na produção cultural e política da revista, como podemos observar a seguir:

Ao dar-lhes agora o meu abraço de despedida permitam que lhes diga que nada me agrada nem interessa tanto no seu jornal, como as campanhas em favor da sua cidade e do seu Estado. Que a doce Violeta não se canse de trabalhar pelas escolas, pelas estradas, pela arborisação das ruas, por tudo enfim cuja propaganda já iniciaram com brilho.

Sempre amiga

Julia Lopes de Almeida. (A VIOLETA, edição 209, p. 2).

Vale lembrar que Júlia Lopes de Almeida em sua carreira de cronista de sucesso por conta de sua ampla atuação em *O Paiz*, dedicou-se a escrever sobre os temas mais comuns da *urbe* carioca do início do século XX, a exemplo da construção e derrubada de edifícios; a nomenclatura de ruas e avenidas; a abertura e fechamento de escolas e de bibliotecas; o transporte; e ainda, a moda e os comportamentos.

Desta maneira, pensar em Júlia Lopes de Almeida como um modelo a seguir, exposto em *A Violeta*, requer reduzir a figura da escritora ao lugar de mãe, esposa e mulher virtuosa - traços desejáveis para as mulheres consumidoras de *A Violeta*, ao que se observa. Antes que se possa fazer qualquer juízo em relação à imagem escolhida de Júlia Lopes de Almeida em *A Violeta*, convém pensar no público consumidor da revista e também no de Júlia Lopes de

Almeida, que não eram necessariamente o mesmo.

3.3.3.1_Afinal, a quem se destinava este modelo de mulher, mãe e esposa em *A Violeta*?

A respeito da estética da recepção, Terry Eagleton (2019) considera alguns pontos essenciais: a “intenção” do autor e a “leitura” possível do público. Nessa lógica, o conteúdo de um texto não deve ser considerado como uma espécie de “propriedade privada” do autor; nem tampouco uma “propriedade pública” de seus leitores. Em uma relação muito mais recíproca do que dominante ou submissa, leitor e autor operam no ciclo de leitura com suas próprias – as vezes desencontradas – expectativas sobre o texto.

Assim, para as leitoras de *A Violeta*, convencionou-se pensar em uma relação alimentada por expectativas baseadas em determinados pressupostos fixados pela revista, o que inclui, claramente, a figura de Júlia Lopes de Almeida. Entretanto, importa-nos considerar que o leitor pode ou não ser um leitor de Júlia Lopes, mas sempre será um leitor de *A Violeta*.

Ao discutir a leitura e a escrita de mulheres, Heller (2006) caracteriza Júlia Lopes de Almeida duas vezes: a primeira, quando cita a condição das mulheres mais abastadas e o muito provável contato com os livros por meio da biblioteca da casa ou, quem sabe, de sua própria; e novamente, quando apresenta a escritora como uma das poucas mulheres que escreveu sobre mulheres, para mulheres sob um “teto todo seu”, a exemplo do que Woolf (2014) reivindica.

Nessa lógica, endossa Carvalho (2016, p. 23), ao pontuar que “a leitura [é entendida] como uma prática social, já que o sujeito leitor é um indivíduo considerado no conjunto de suas relações sociais, que faz parte de uma determinada realidade, com experiências acumuladas ao longo da vida”.

Na primeira edição de *A Violeta*, em dezembro de 1916, destaca-se um certo tipo de leitor visado da revista:

A alma moça necessita do affecto como a flor do orvalho; seja sympathia que os nossos leitores nos dispensarem, o balsamo vivificador que nos suavizará nas agruras da lucta. A Violeta será o organo do Gremio Literario Julia Lopes, organização esta que tem por fim único e exclusivo, o cultivo das letras femininas e patricias, abrindo as suas columnas a todas que comnosco quizerem collaborar, para o engrandecimento moral da nossa extremecida terra (p. 01).

A leitora padrão, definida como “alma moça”, revela que a revista é pensada para as

jovens mulheres, mocinhas e senhoritas, que poderiam -e deviam- ter papel no progresso do estado mato-grossense, por meio das letras. No ano seguinte, a edição 3 delimita ainda mais essa leitora padrão, como sendo aquela que frequentava os eventos do grêmio:

A leitora que assistiu certamente o festejo, deve ter tido como eu tive, ao ouvir a ‘Jardineira’ cantada por aqueles homens bravos e destemidos, um sentimento de viva sympathia, por elles, que ao partirem da nossa cidade, levarão, senão uma saudade, ao menos uma suave recordação da nossa encantadora e modesta Cuiabá (A VIOLETA, edição 3, p. 1).

Conquistados anos antes da empreitada da revista, os leitores de Júlia Lopes de Almeida, correspondiam, em Heller (2006), a um certo perfil da mulher leitora: branca, casada, conhecedora de livros europeus – principalmente os franceses –, e acima de tudo, alguém que saberia transmitir à prole o conhecimento adquirido pelas letras.

Considerando a baixa densidade demográfica e a própria localização de Cuiabá em relação ao estado do Mato Grosso, não impressiona inferir que a leitora padrão de *A Violeta* convergia, nessa lógica, com a leitora padrão de Júlia Lopes de Almeida. Resguardadas as discrepâncias entre as cidades e os fenótipos próprios do Rio de Janeiro-local de maior atuação de Júlia Lopes de Almeida e de maior projeção de sua imagem-, e de Cuiabá, é possível, contudo, estabelecer o *locus* que ocupavam: jovens mulheres, noivas ou recém-casadas, das camadas mais abastadas da sociedade.

A imagem selecionada de Júlia Lopes de Almeida revela mais do que uma preferência de suas redatoras, notabilizando uma das intencionalidades da revista: a educação de mulheres. Muito embora trate-se de uma educação não-formal, uma vez que não se limita ao espaço da escola – convém ressaltar que não há quaisquer indícios de que a revista tenha circulado em ambiente escolar-, é bem verdade que a revista ocupou um espaço de destaque na imprensa do estado e constituiu-se, ao longo de sua existência, como um referencial para as letras mato-grossenses.

Tal fato por si só já seria um sólido argumento para que pudéssemos tomar a revista como um impresso educacional, ou ao menos cultural. Nesse sentido, o estudo de Pallares-Burke (1998) oferece subsídios para que se entenda *A Violeta* como um dispositivo educacional, uma vez que, segundo a autora:

os meios de comunicação modernos até os que se pretendem ser de puro entretenimento sempre ensinam. Jornais, revistas, rádio e televisão, por exemplo, tem um currículo oculto que dissemina e organiza informações, cria valores, atitudes, e ideias sobre uma multiplicidade de temas e, pois, quer queiram ou não influenciam seus leitores, ouvintes e espectadores. (PALLARES-BURKE, 1998, p. 145).

Retomando ainda a questão do leitor visado da revista e de Júlia Lopes de Almeida, ao que se concluiu, a priori, serem mulheres mais abastadas, Pallares-Burke (1998, p. 150) salienta que os periódicos podem ter tido alcance maior do que suas páginas e/ou referências contam, quando consideramos um leitor-ouvinte em potencial:

(...) a possibilidade de haver um grande número de pessoas que, apesar de analfabetas, não eram imunes a ação educativa dos jornais e de outras matérias impressas. (...) a prática da leitura em voz alta, quer âmbito doméstico, quer no público, era nessa época muito difundida e valorizada. Vista como manifestação de sociabilidade e atributo da pessoa culta e refinada, como atestam os vários manuais da arte de leitura da época, essa prática favorecia também os que anteriormente haviam ficado à margem do universo da escrita. Na qualidade de ouvintes podiam, pois, participar do mundo das letras e do que era veiculado pela palavra impressa.

Apesar de a pesquisa da autora ter como base a segunda metade do século XIX, importa ressaltar que os ideários de educação da segunda metade do século não eram muito diferentes daqueles divulgados nos primeiros anos do Novo Regime. De outra maneira, a “obrigação universal de educar”, como cita a autora, ainda fazia parte das mentalidades brasileiras, especialmente das autoridades.

A imprensa, nessa perspectiva, assume um caráter educativo, especialmente ao acessar grupos diversos, fora do espaço escolar. Assim, gradualmente, vai integrando ao seu aspecto formador de opinião a modulação de caráter, coexistindo, em muitas ocasiões, com preceitos religiosos de moral e boa conduta. Segundo Sodré (1999), a difusão impressa exerce grande influência sobre o comportamento das massas e dos indivíduos:

Em que se pese tudo o que depende de barreiras nacionais de barreiras linguísticas, de barreiras culturais (...) tudo conduz à uniformidade, pela universalização de valores éticos e culturais, como pela padronização de comportamento. (SODRÉ, 1999, p. 1-2).

Em *A Violeta*, a “universalização de valores éticos” podem ser observados em duas vertentes: por meio da obstinada divulgação da imagem de Júlia Lopes de Almeida, entendida como um modelo a seguir; e por meio da difusão de valores religiosos, incluindo a colaboração de um membro da Igreja Católica, Dom Aquino Correa³²², Arcebispo de Cuiabá e governador

³²² **D. Aquino Correia (Francisco de Aquino Correia (1885-1956)** foi sacerdote, prelado, arcebispo de Cuiabá, poeta e orador sacro. Foi ainda diretor do Liceu Salesiano em Cuiabá até 1914. Em 1917 foi eleito governador de Mato Grosso e presidiu o estado de 1918 a 1922. Fundou a Academia Mato-grossense de Letras e criou o Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso. (Fonte: Academia Brasileira de Letras).

do estado entre 1918 e 1922.

Nas páginas do periódico, Dom Aquino recebeu sonora admiração das redatoras, seja por sua literatura - era poeta -, por sua conduta religiosa, ou por sua atuação nas letras mato-grossenses, como evidenciam os trechos a seguir que se referem, respectivamente, ao lançamento de um volume escrito por Dom Aquino – *Sêde Brasileiros*-, às festividades do centenário do bispado de Cuiabá, e à notícia da eleição de Dom Aquino a Academia Brasileira de Letras, em 1926:

Sêde brasileiros é mais uma joia. para o precioso escritorio que D. Aquino, com a sua aprimorada intellectualidade, vem admiravelmente enriquecendo e adornando as boas letras do seu estado natal. (A VIOLETA, edição 126, p. 8).

Nestas ligeiras linhas deixamos consignados: -a nossa adesão a esses justos e significativos festejos e os votos sinceros que fazemos pelo progresso desta Archidiocese e pela felicidade pessoal do illustre, virtuoso e incansavel Antistite que a dirige, S, Excia. Revma. D. Francisco de Aquino Corrêa. (A VIOLETA, edição 138, p. 2).

É primeiro mattogrossense a quem cabe a honra de ser escolhido para figurar entre os Immortaes; e, para nós, que nelle reconhecemos tão entranhado amor pela terra que lhe serviu de berço; que o vemos sem orgulho e sem ostentação, espirito delicado, alma nobre e sem pretenções e vaidades que as não possui, conquistar para Mato Grosso o melhor meio de se elevar grandioso entre os mais cultos Estados da União, compreendemos que D. Aquino, na Academia não deixará tambem de fazel-o conhecido no mundo das letras como já vae sendo em suas possibilidades economicas. (A VIOLETA, edição 142, p. 1).

Ao longo de seu mandato como governador do estado de Mato Grosso, Dom Aquino teve forte influência religiosa nas condutas morais e cívicas dos mato-grossenses. Nadaf (1993) pontua que publicou, além de composições poéticas, artigos de cunho moral e religioso, que expressavam, grosso modo, ensinamentos moralizantes para a educação dos filhos e ainda modelos de família cristã.

Talvez o maior exemplo de sua ideologia seja o texto “O cristianismo e o feminismo”, de 1935, em que deixa claro sua discordância dos movimentos sufragistas e do direito ao voto adquirido pelas mulheres, além do divórcio. Enfatiza também o papel da mulher no campo social e político, que deveria estar sempre relacionado à “moral católica”:

a moral católica põe dois limites à liberdade feminina: para as casadas, o cuidado da família, e para todas a honestidade do sexo. Emancipar a mulher destes deveres e destas conveniências, ao invés de elevar, seria degradá-la. (Revista da AML, 1935, ano III, no 5-6, p. 15).

Em conformidade com o discurso de Dom Aquino, *A Violeta* difundiu um ideário de

mulher para suas leitoras em diversos momentos ao longo dos anos em que circulou; embora hoje pareça uma postura pouco conciliadora com os próprios ideais de emancipação e educação femininas engendrados pela revista à época, há de se considerar a forte corrente moralista e civilizatória que elevava a mulher à condição de redentora, principalmente no que diz respeito às formas de educabilidade por ela praticadas, seja na casa com os filhos ou no magistério. Os trechos a seguir revelam algumas crenças e intencionalidades das redatoras de *A Violeta* com relação ao papel da mulher na sociedade:

(...) o Paiz será o que forem as mães, aquellas a quem em grande parte cabe a responsabilidade da formação do individuo, physica, moral e intellectualmente. Eisto só se consegue educando a mulher para ser mulher -esposa e mãe-dona de casa com preparo efficiente para administrar o lar, enfim. (A VIOLETA, edição 138, p.2).

Mas ser mulher, ser esposa, ser mãe, não é tão fácil como se julga. Temos em nossas mãos o destino dos homens, o destino das pátrias. É do lar que sae o homem de character, o sábio, o patriota, o artista e tambem o ladrão, o assassino, o libertino, o jogador. Precisamos dar a mulher uma educação intellectual e moral mais solida, mais pratica, mais real a par da indispensavel educação domestica. Prepara-la para o lar e para a luta pela vida. Já é tempo de pensar nas nossas moças, as futuras mães de amanhã. Ellas não devem continuar a representar, somente, esse humilhante papel de boneca da moda, servindo de ridiculo modelo para as caricaturas das revistas semanaes. (A VIOLETA, edição 140, p. 7).

Sobre o último trecho, é necessário iluminar o fato de que não apenas as redatoras de *A Violeta* difundiram um ideal de mulher nas páginas da revista, como também rebateram outras ideologias e comportamentos, a exemplo das moças que serviam apenas para serem bonecas da moda, ou *adornos de luxo*, como diz Júlia Lopes de Almeida em *Livro das Noivas* (1896).

É Buitoni (2009) quem afirma ser a década de 1920 o período em que a mulher se destaca na imprensa como a “sacerdotisa da beleza”, sobretudo por conta da influência europeia que culminou em uma “fermentação cultural urbana”. A autora traz como exemplo desse modelo de mulher a revista *A Cigarra*, ao que comenta:

Em 1924 *A Cigarra* tinha uma seção sobre moda, “Chronica das elegâncias”, assinada -como não podia deixar de ser- por um nome francês: Annette Guitry. No entanto, a seção “Collaboração das leitoras” era mais curiosa e interessante, espelho da movimentada participação das leitoras em suas páginas, trazendo recados de moças enamoradas a príncipes encantados, fofocas entre colegas da escola, comentários a moças que estiveram em bailes, etc. A seção era uma espécie de *cottion*, de comunicação adolescente girando em torno de namoros e *footings* nas praças... (BUITONI, 2009, p. 65).

Mesmo que fossem reconhecidas por sua beleza e tivessem seus atributos físicos julgados como virtudes, às moças não havia um outro destino possível se não o casamento e o

lar. Ao longo da primeira metade do século XX, a relação das mulheres com o próprio corpo compreende a sua “fragilidade”, ao passo que a “meiguice” era um comportamento esperado.

No que tange à profissionalização feminina, eram ideais aquelas profissões em que elas pudessem desenvolver suas habilidades maternas e de cuidados com o corpo; ou o aprendizado das tarefas domésticas, uma vez que deveriam aprender, desde muito novas, as atividades integradas à gerência do lar (AREND, 2013).

Nos impressos, era frequente a disseminação de um ideal doméstico, dócil e recatado nos chamados romances “água com açúcar” e nas páginas das revistas, tal como em *A Violeta*. Talvez inebriadas pelos movimentos missionários civilizatórios que permearam o início do século, essas mulheres deram ao Gremio Litterario Julia Lopes um caráter patriótico de sua literatura. A essa missão civilizatória somavam-se as ações assistenciais, muito comumente ligadas aos movimentos de renovação católica³²³ pelo país, iniciados no estado mato-grossense.

Assim, ao tratar do modelo de mulher divulgado na revista, foi possível perceber a indissociável relação entre o discurso proposto em *A Violeta* e os preceitos religiosos que ressoavam à época, e mais, a consonância entre as intencionalidades da revista e o projeto “pedagógico” de educação feminina promovido pelas letras mato-grossenses.

Observando ainda a própria obra de Júlia Lopes de Almeida em outros contextos, a exemplo dos seus livros, artigos em outros periódicos e conferências, foi possível detectar alguns indícios que corroboram com a hipótese de conformidade entre *A Violeta* e a escritora no que se refere à sua projeção como modelo a seguir.

Tanto em *Livro das Noivas* (1896) quanto em *Livro das Donas e Donzelas* (1906) a postura de Júlia Lopes de Almeida converge para o ideal de família burguesa cristã – casamento e filhos. Enquanto o primeiro volume condensa aconselhamentos para a jovem moça que está prestes a casar, preparando-a para a vida conjugal, o outro faz alusão à vida da mulher em família, tendo em consideração a sua educação, comportamentos e os afazeres domésticos. Em “Folhas a uma carteira”, a escritora sublinha o que entende por missão das mulheres:

Há certos livros de educação e de higiene que acho indispensáveis numa biblioteca de senhoras. As mulheres salvarão pelo amor o que os homens estragam por desídia. Ponho nelas todas a minha esperança. Aos espíritos banais essas leituras parecerão fastidiosas; mas devemos crer que as mães, empenhadas pela saúde e pelo bem estar dos filhos, achem grande interesse em folhear páginas sérias de educadores modernos. (ALMEIDA, 2019, p. 47).

³²³ A primeira congregação católica a chegar em solo brasileiro instalou-se em Cuiabá, em 1904. A Congregação das Irmãs Azuis, inicialmente convocadas para atender o Asilo Santa Rita, desempenhou outras atividades, a exemplo da “fundação de casas para acolhimentos de crianças órfãs, colégios, asilos, hospitais, etc.” (SILVA, 2021, p.62).

Em outro texto, publicado edição 29 da revista *Brasil-Portugal*³²⁴ em 1900 e intitulado “A Família Brasileira”, Júlia Lopes de Almeida constitui uma espécie de manifesto em favor da família brasileira, destacando a religião e a formação do povo enquanto nação e o papel da mulher nesse constructo:

(...) afirmo que em nenhum paiz a mulher ama com tamanha dedicação e absoluta sinceridade. E' o sangue quente da mãe cabocla, perdida nas nevoas do um passado rude, quo desabotoa nos corações brasileiros estas flores milagrosas do amor, que nem a velhice emmurchece; é na alegria do sangue portuguez tao amavel, quo prolonga esta mocidade de sentimento mesmo através das ruinas da carne e do sonho: porque a mulher brasileira guarda para a maternidade, até a morte, toda a frescura do coração que nem a dôr nem a desillusão endureceram. (REVISTABRASIL-PORTUGAL, edição 29, p. 2).

Para além de seu papel essencial na casa e na educação dos filhos, Júlia Lopes de Almeida sublinha igualmente a necessidade da mulher de educar-se, como comenta no texto proferido em uma conferência no salão da Escola Normal Oficial de Juiz de Fora (MG), intitulado “Conversemos sobre a literatura, escrita literária, educação feminina e reforma ortográfica”³²⁵:

Educação, instrução, creio que está consubstanciada nessas duas palavras a nossa felicidade e superioridade futura. Além de que, quem tenha o cérebro bem nutrido deve encontrar em si mesmo compensações para muitos reveses e falhas nas caminhadas pelo mundo. (p. 15-16).

Considerando a multiplicidade e variedade de textos que trazem, ainda que sutilmente, essa ideia de Júlia Lopes de Almeida como um modelo a seguir, a operação historiográfica de *A Violeta* nos três acervos disponíveis -Fundação Biblioteca Nacional, Arquivo Público do Estado de Mato Grosso e o Arquivo Pessoal da Professora Yasmin Nadaf-, contabilizou os termos mais utilizados no tratamento dado à escritora: *mãe, esposa, patrona, exemplar e escriptora*.

³²⁴ **Revista Brasil-Portugal**: revista quinzenal ilustrada teve seu primeiro número em 01/02/1899 e o último em 16/08/1914, totalizando 374 edições. Publicada pela Typografia da Companhia Nacional Editora em Lisboa, tratava-se de um periódico que pretendia, sumariamente:

(...)

tornar o Brasil conhecido em Portugal, tornar Portugal conhecido no Brasil, generalizando em cada um destes países a arte e a literatura do outro, e tornando apreciados em ambos, os escritores e os artistas, que na mesma língua, rica, sonora e rítmica, dizem o que na pátria portuguesa e na pátria brasileira tem o sentimento de mais intenso e delicado e a ideia de mais profundo brilhante. (Ano I, no 1, 01 de fevereiro de 1899, p. 2).

³²⁵ A fonte utilizada neste trabalho é a fonte primária, isto é, o manuscrito da escritora encontrado nos arquivos na ABL. No documento, consta a data de 29 de outubro de 1933 como a data da conferência.

Deste modo, a partir destas ocorrências, classificou-se o conteúdo dos textos de acordo com as temáticas norteadoras – mãe/esposa e ser mulher –, organizadas no quadro abaixo:

Quadro 23 - Temáticas para categoria *modelo a seguir*

Temática	Edição	Ano de publicação	Título do texto
Mãe e esposa	71	1920	D. Júlia Lopes de Almeida
	97	1922	D. Júlia Lopes de Almeida
	140	1926	Justa homenagem
	177	1930	Serviços domésticos
	189-190	1931	Sem título
	191-192	1931	D. Júlia Lopes de Almeida
	217	1934	D. Júlia Lopes de Almeida
	218	1934	Sessão literária
	Ser mulher	71	1920
76		1920	Excelsa
176		1930	Honrosa missiva
182		1930	D. Júlia Lopes de Almeida
209		1933	D. Júlia Lopes de Almeida
217		1934	D. Júlia Lopes de Almeida
218		1934	Sessão literária

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Para verificar a primeira temática “mãe e esposa”, sublinha-se o estudo de Badinter (1985), que apresenta uma mudança nas mentalidades do amor materno entre os séculos XVIII e XX. A imagem da “mãe indiferente”, que manda seu filho para o internato logo ao nascer, é substituída paulatinamente por um ideal de “mãe coruja”, que faz tudo pelo bem-estar dos filhos. Ao assumir essa “nova missão”, fomentada também pelas autoridades que visavam a formação de cidadãos aptos ao trabalho, a mulher torna-se uma mãe amorosa:

Mas o que é novo, em relação aos séculos [XVIII e XIX], é a exaltação do amor materno como um valor ao mesmo tempo natural e social, favorável à espécie e à sociedade. (...) Igualmente nova é a associação das duas palavras “amor” e “materno”, que significa não só a promoção do sentimento, como também a mulher como mãe. (BADINTER, 1985, p. 146).

A respeito do casamento, condição *si ne qua non* para a constituição do ideário de família, é facultado à mulher e ao homem a liberdade de escolha. Contudo, havia um limite para essa liberdade conjugal, e essa seria a obrigação da procriação:

Fundado na liberdade, o novo casamento será o lugar privilegiado da felicidade, da alegria e da ternura. Seu ponto culminante: a procriação.

(...)

A procriação é uma das ternuras do casamento: e que seria mais natural do que amar em seguida os seus frutos? Quando os esposos escolhem livremente, o amor que sentem um pelo outro se concretizará naturalmente em sua prole.

(...)

Desse ponto de vista, exaltam-se interminavelmente as doçuras da maternidade, que deixa de ser um dever imposto para se converter na atividade mais invejável e mais doce que uma mulher possa esperar. (BADINTER, 1985, p. 178).

Ainda sobre os ideais de casamento e maternidade convencionados no século XX, Xavier (1998) indica que a escrita feminina esteve, por diversas vezes, intimamente ligada ao espaço doméstico, ao núcleo familiar, justamente por representar o espaço majoritariamente frequentado pelas mulheres.

(...) é extremamente significativa a presença do espaço familiar nas narrativas de autoria feminina; e os motivos parecem óbvios: sofrendo a mulher, de forma mais aguda, os efeitos repressivos do processo de sociabilização, processo esse primordialmente familiar, o texto dessas mulheres traz a marca dessa repressão. (XAVIER, 1998, p. 116).

A repressão a que a autora se refere é o patriarcado, que reduziu a figura das mulheres a meros coadjuvantes na construção da sociedade ainda que fossem, convencionalmente, responsáveis pelo núcleo familiar, pela educação e moral dos futuros cidadãos.

A bandeira da modernidade, que ganhou forças no alvorecer do Novo Regime, atribuiu ao patriarcado certo verniz que, em lugar de trazer posições mais igualitárias às mulheres, a exemplo da atuação no espaço público, conferiu a elas mais responsabilidades. O status de “rainha do lar”, adquirido ao longo do século XX, serviu apenas para legitimar esse posto assumido, de forma compulsória, pelas mulheres. (SCOTT, 2013)

Em *A Violeta*, os termos “amantíssima”, “extremosa”, “dedicada”, “exemplar”, “carinhosa” e “modelar” são amplamente utilizados para definir Júlia Lopes de Almeida como mãe e esposa. Na edição 71, em homenagem à data natalícia da escritora, as redatoras afirmam ser Júlia Lopes “esposa e mãe, [que] dedicou toda a sua energia em livros úteis à pátria e à família.” (p. 3); semelhante descrição encontra-se na edição 97, em texto sobre a celebração do 7 de setembro. Nele, além da escritora, os filhos são citados como herdeiros de sua inteligência:

E como nós, se veste também o Brasil todo, ufano pela glória de ser o berço de Julia Lopes, a maior mentalidade feminina brasileira, cujo nome tem transposto as nossas fronteiras, cercado sempre de admiração e respeito. Esposa e mãe modelar, fez doseu lar um santuario da sciencia, onde pontifica essa brilhante pleaide compostas de beletristas e artistas, todos, herdeiros natos de sua privilegiada intelligencia. (A VIOLETA, edição 97, p. 4).

No texto “Justa Homenagem”, publicado no aniversário de Júlia Lopes, em 24 de setembro de 1926, as redatoras comentam que suas obras “[levam] aos lares o influxo benéfico

de seus conselhos, que são ainda mais valiosos por procederem de quem se exemplifica como esposa amantíssima e mãe carinhosa.” (p. 1).

“Excelsa”, assinado por Filinto de Almeida, esposo da escritora, embora seja o único representativo do amor e admiração conjugal, acaba por endossar um dos argumentos mais utilizados pela redação de *A Violeta* na validação de Júlia Lopes de Almeida como exemplo de mulher: a moral e a bondade.

O texto, escrito sob formato de poema, gênero que fez de Filinto de Almeida popular beletrista, enaltece o jeito e a conduta de Júlia Lopes de Almeida, “flor de bondade e cristalina... da virtude e do bem.” (A VIOLETA, edição 76, p. 9). Tais predicados aparecem, de forma ou outra, na quase totalidade dos textos, e nos permitem inferir que estes são aspectos desejáveis, senão imperativos, para as mulheres leitoras da revista.

Já na edição 177, em “Serviços domésticos”, há uma defesa da educação doméstica como imperativa à vida das moças. Tomando como pano de fundo alguns trechos do *Livro das Noivas*, *Arinapi* diz ser indispensável a lida com a casa, ao que afirma:

Ainda somos, como bem o disse a notável escriptora, na maior parte, umas inúteis donas de casa, porque ainda nos diz ela “pouco ou nada disso entendemos também.” O que é verdade é que, se no tempo em que se deu a alludida obra, a escriptora tinha razão, o que não poderemos dizer, hoje, que o mal cresceu vertiginosamente! (...) o aprendizado dos serviços domésticos escasseia, diminue, e desaparece, consideravelmente, dia a dia. (A VIOLETA, edição 177, p. 1).

Como visto anteriormente, o projeto de construção de uma Escola Doméstica encontrou na figura da escritora grande aliada e conselheira. Ainda que a fundação da instituição tenha ocorrido após a morte de Júlia Lopes de Almeida, é importante destacar a figura da escritora associada ao projeto, como uma forma de legitimar a proposta.

Em 1930, quando Júlia Lopes de Almeida retornou ao Brasil, após um período residindo em solo europeu, *Arinapi* assina uma crônica marcando o fato. No texto, além de comentar a relação além-mar entre Júlia Lopes e a revista, ilumina a sua condição de mãe zelosa, já que a escritora havia mudado para a Europa por conta de um curso que Margarida Lopes de Almeida teria feito:

Sublime! Sublime nesta vida, pode-se dizer, pagar o tributo de mulher, sendo esposa e mãe, e representar na sociedade, com honra e distinção, o outro papel que o destino e a cultura lhe conferiram, sem esmorecimento, sem canseiras, sem interromper sua marcha sempre gloriosa. Ainda mais edificante para a filha, ter ao seu lado, participante de sua glória, cicerone, amiga, companheira, aquela que com a existência e a primeira nutrição lhe imprimiu na alma a inteligência e o culto pelas artes, e com

o primor de uma educação conscienciosa, como deixa transparecer nos seus livros, burilou a obra da sua criação. (A VIOLETA, edição 189-190, p. 1-2)

Aqui, mais uma vez, é destacada a influência da escritora na formação dos filhos, seja de forma hereditária, como bem acreditavam as redatoras de *A Violeta*, seja por meio de suas obras. O mesmo pode ser observado ainda no texto “D. Júlia Lopes de Almeida”, publicado na edição 191-192, quando, em pequena nota na seção “Noticiário”, as redatoras elevam sua condição de “mãe e esposa modellar”, afirmando ser a escritora “o anjo tutellar dessa família de intellectuaes que fazem o orgulho da nossa gente.” (p. 12).

Na ocasião da morte da escritora, em maio de 1934, *A Violeta* investe em homenagens à Júlia Lopes nas edições 217 e 218, ambas do mesmo ano. As edições, além de trazer uma espécie de biografia da escritora, apresentando seus feitos e falando de suas obras, enaltecem o papel de mãe esposa, citando *Livro das Noivas* e *Livro das Donas e Donzelas* como representativos:

Em 1896 escreve Livro das Noivas e em 1903, o Livro das Donas e Donzelas, nos quais guia com tenra e vigilante experiencia de mãe exemplar e põe a nu o imenso coração de mulher, cheio de critério educativo, de transbordante generosidade. (A VIOLETA, edição 217, p. 2).

O texto “Sessão litteraria”, último na lista desta temática, foi publicado em outubro de 1934. Apesar de o foco dos participantes do evento mencionado ser o de evidenciar Júlia Lopes de Almeida como escritora, sua obra e influência nas letras e na literatura brasileiras, Maria Dimpina, em seu discurso, contempla novamente os quesitos maternidade e casamento, quando diz que Júlia Lopes foi “mulher inteligente, mãe dedicada e esposa virtuosa” (p. 5).

Adiante, Nidia Moura, representante da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, diz que Júlia Lopes era em seu lar “como um barômetro, sensível à menor oscilação, neste lar onde todos falavam com extremada correção a língua portuguesa, e cultivavam com o mesmo amor, o carinho e a bondade.” (p. 7).

Como esperado, o atributo da maternidade e do casamento são indissociáveis do papel e da imagem de mulher expressadas por Júlia Lopes de Almeida. Contudo, convém ressaltar que a trajetória intelectual da escritora nos permite, assim como permitiu às redatoras de *A Violeta*, enxergar outros perfis e outros papéis que ela assumiu ao longo dos mais de 50 anos de atuação nas letras. O “ser mulher” de Júlia Lopes de Almeida ultrapassa os limites do lar e da vida doméstica, ainda que a família tenha sido reconhecida como um de seus maiores legados.

Em sua autobiografia³²⁶, Júlia Lopes de Almeida traça seu próprio perfil considerando suas origens, influências, constituição familiar e sua escrita, ao que se empenha em descrever mais consistentemente:

Achando porém que faltava qualquer coisa de essencial, queimou-o [o capítulo manuscrito de *A Falência*]. Fê-lo depois de muitos anos, quando adquirida a experiência da vida, que lhe faltava antes. É uma obstinada e uma mulher de grande sensibilidade afetiva. (ALMEIDA, s/d., p. 4).

Desta forma, vale ressaltar que, apesar de ter em si uma imagem de mãe e esposa amorosa, que “teve 6 filhos, e todos aleitou³²⁷” (p. 2), a própria Júlia Lopes parece ter dimensão de sua totalidade – não se reduziu à figura materna e tampouco à de esposa de Filinto de Almeida; buscou exprimir, contrariamente, sua posição de destaque nas letras e na literatura do Brasil do começo do século passado.

É Soihet (1997) quem indica a falsa submissão das mulheres como uma estratégia para ocupar outros espaços. Considerando o tropo Eva versus Maria que permeava o imaginário daqueles que se ocupavam de fazer as leis, essas mulheres pareciam estar cientes da repulsa que sofreriam se optassem em transgredir – seriam consideradas perigosas. Por este motivo, suas causas muitas vezes eram postas de forma mais sutil, conciliando seu status de dominada com sua posição de destaque nos espaços fora da casa:

(...) a incorporação da dominação não exclui a presença de variações e manipulações, por parte dos dominados. O que significa que a aceitação, pela maioria das mulheres, de determinados cânones não significa, apenas, vergarem-se a uma submissão alienante, mas, igualmente, construir um recurso que lhes permitam deslocar ou subverter a relação de dominação. Compreende-se, desta forma, uma tática que mobiliza para seus próprios fins uma representação imposta-aceita, mas desviada contra a ordem que produziu. (SOIHET, 1997, p. 12).

Sob outra perspectiva, é necessário pontuar que as relações entre a escritora e *A Violeta* obedecem a um ideal de troca simbólica, se considerarmos que os discursos implementados e divulgados pelas redatoras da revista não são, ao que esta pesquisa indica, contestados ou renegados pela escritora. Nessa lógica, a imagem de Júlia Lopes de Almeida como um

³²⁶ Nos limites deste estudo, não foram identificadas publicações que contenham o texto. Sendo assim, utiliza-se a fonte primária -o manuscrito-, que faz parte do acervo da família da escritora.

³²⁷ A este respeito, importante salientar que a prática do aleitamento, preterida em outros momentos da vida materna, começou a ser praticada, no Brasil, a partir do século XX através das iniciativas dos higienistas e sanitaristas, uma recomendação quase que compulsória, uma vez que a amamentação mercenária, feita por amas de leite, era altamente condenada. Nesse sentido, quando Júlia Lopes evidencia em sua autobiografia o aleitamento natural dos filhos, demarca essa posição de mãe exemplar, aos moldes cientificistas das primeiras décadas do século XX.

modelo a seguir, apesar de limitada a seu comportamento como mulher, mãe e esposa, não representa, necessariamente, uma posição preterida pela escritora, uma vez que:

(...) a estrutura e a função do campo de produção e do campo de difusão [tal qual *A Violeta*] só podem ser inteiramente compreendidas se levarmos em conta a função específica que, em seu conjunto, o sistema das relações constitutivas do campo de produção, de reprodução e de circulação dos bens simbólicos deve-se à especificidade de seus produtos. (BOURDIEU, 2015, p. 118).

O produto em questão, a imagem da escritora projetada como forma de educabilidade para as cuiabanas, apesar de reduzida e em concordância – levando em conta a multiplicidade de facetas desse sujeito –, Júlia Lopes de Almeida, refere-se a

transmissão seletiva dos bens culturais ... trabalhando em favor da reprodução dos produtores dispostos e aptos a produzir um tipo determinado de bens culturais e de consumidores dispostos a consumi-los. Todas as relações que os agentes de produção, de reprodução e de difusão, podem estabelecer entre eles ou com as instituições específicas (bem como a relação que mantem com a sua própria obra), são medidas pela estrutura do sistema de relações entre as instâncias com pretensões de exercer uma autoridade propriamente cultural (ainda que em nome de princípios de legitimação diferentes). (BOURDIEU, 2015, p. 118).

Porquanto, analisar Júlia Lopes de Almeida sob a ordem de “ser mulher” em *A Violeta* significa entender, primordialmente, que o perfil exposto da escritora não compreende, necessariamente, as projeções de si que Júlia Lopes partilhava, não obstante os acordos estabelecidos entre a revista e a escritora.

Não custa lembrar que *A Violeta*, como exemplar da imprensa, é essencialmente de caráter parcial; e que os valores, missões e manifestos impressos na revista fazem parte do conjunto de intencionalidades daquelas que a produziam – as mulheres do *Gremio litterario Julia Lopes*.

O texto “D. Júlia Lopes de Almeida”, publicado em setembro de 1921, evidencia alguns dos motivos de admiração e adoração da escritora por parte das redatoras – sua invejável educação, sua personalidade, já que era uma “incansável propagandista do bem” (edição 71, p. 3), e seu compromisso com o grêmio, “collaborando para o progresso de um dos seus melhores conselhos, quando conosco tratou em uma das suas primeiras missivas, a criação de uma Escola Profissional Feminina” (p. 3), em referência à criação, anos mais tarde da Escola Doméstica Dona Júlia.

Semelhante admiração aparece na edição 176, quando, em texto que precede a última das cartas de Júlia Lopes publicadas na revista, comentam que a escritora enviara “palavras

de carinho e animação”, trazendo à revista “o conforto suave de sua palavra e de seu exemplo, nalumina trajetória que tem sido sua existência, toda dedicada às letras, à pátria e à família.” (p. 2).

Retomando o discurso de Nidia Moura na “Sessão litteraria”, organizada em ocasião da morte de Júlia Lopes de Almeida, os feitos da escritora para o progresso feminino aparecem com maior ênfase:

Ha ainda um aspecto em Julia Lopes de Almeida que nunca será excusado acentuar o da consideravel influencia que trouxe à evolução feminina no Brasil como romancista. Nenhuma mulher teve entre nos, influencia tão decisiva, quer pela amplitude, quer pelo longo periodo de tempo que abrangeu. Numa afirmação incontestada, sua personalidade projectou-se por todo o mesmo alem de nossas fronteiras, seus livros, campo amplo e autonomo, foram uma grande contribuição e seu exemplo, o orgulho e o estimulo de, pode-se dizer, tres gerações femininas no Brasil. (A VIOLETA, edição 218, p. 7).

Em outro texto que menciona o retorno de Júlia Lopes de Almeida ao Brasil em 1930, a seção “*Chronica*” evidencia a relação entre a escritora e a revista, que permanecia viva mesmo com a distância. Além de descrever o que acreditam ser as suas atividades criativas no continente, citam as redatoras que Júlia Lopes, mesmo de longe, acompanha e corresponde-se com *A Violeta*:

Na velha Europa, em contacto directo a essa esplendida civilização occidental, onde ruínas, monumentos, obras d'arte, ressuscitam para olhos experimentados, passadas épocas de esplendor innenarravel, D. Julia religiosamente colhe informes. registra anotações, lapida o diamantino espirito, para entontecer-nos mais tarde quando descerrar o escritorio soberbo que enthesoura as suas maravilhas!
Nessa polymathia perturbadora, não olvida, porém as suas amigas de Cuiabá e, constantemente de Lisboa ou de Paris, temos recebido as suas mensagens unguidas de fe; algumas paginas ineditas, livros: seu primeiro ensaio³²⁸ de romance editado pela primeira vez em Sorocaba em 1889 e uma vez mais reeditado presentemente na "Cidade Luz...

Ao fim do texto, enaltecem a figura da escritora por sua inteligência e simpatia, e trazem à cena a figura do “creador”, como o responsável pela “existência caríssima da [vossa]eterna patrona”, quem as redatoras admiram por sua “bella effigie onde a intelligencia e a simpathia palpitam em isochronia.” (A VIOLETA, edição 182, p. 9).

Esse lugar de relevância que as redatoras de *A Violeta* dizem ocupar na trajetória de Júlia Lopes de Almeida, a ponto de serem elas pessoas de quem a escritora não poderia esquecer, confere aos seus discursos uma certa credibilidade para as leitoras. Isto é, ao anunciar

³²⁸ Referem-se ao volume *Memórias de Marta*, que foi reeditado em 1930 pela Truch-Leroy, de Paris.

que é Júlia Lopes que mantém, ela própria, contato com a revista, mesmo em outro país, atribui à *A Violeta* prestígio e reconhecimento, uma vez que se trata de uma das mais relevantes e populares escritoras de seu tempo. Como bem pontua Bourdieu,

(...) ordenar o mundo natural e social através de discursos, mensagens e representações que não passam de alegorias que simulam a estrutura real de relações sociais – a uma percepção de sua função ideológica e política e legitimar uma ordem arbitrária em que se funda o sistema de dominação vigente. (BOURDIEU, 2015, p. 14).

Assim, o discurso edificante das redatoras de *A Violeta* quando mencionam Júlia Lopes de Almeida tem função dupla – exercer influência em suas leitoras e ainda garantir a projeção da revista no cenário das letras mato-grossenses, especialmente em termos de valoração do estado, da moral e da educação.

Publicada em 31 de maio de 1934, portanto no dia seguinte à morte da escritora, a edição 217 apresenta alguns aspectos que fazem alusão à intelectualidade e à moral de Júlia Lopes de Almeida. A escritora é descrita como “símbolo da inteligência e tenacidade femininas”, o que por si só já evidencia o modelo de mulher que Júlia Lopes imprimia na revista; em outro momento, as redatoras salientam os motivos para o sucesso das empreitadas da escritora na literatura: “pela eloquência, pela flama patriótica, pela grandeza moral, pelo elan da inconfundível nobreza” (p. 2).

Igualmente se observa quando falam da constituição do romance *Memórias de Marta*, “onde se debuxa firmemente o admirável senso analítico e indutivo da grande morta.” (p. 2). Tais atributos da escritora estampados nesta edição e em outras tantas páginas de *A Violeta* contribuíram, de certa forma, para a percepção de Júlia Lopes de Almeida como uma espécie de educadora, sobretudo ao consideramos sua obra.

Em seu último aniversário celebrado pela revista, em setembro de 1933, Júlia Lopes de Almeida, “portadora de um grande nome”, é aclamada por seus “magníficos dons de espírito, inteligência e coração que exornam sua individualidade de elite.” (A VIOLETA, edição 209, p. 1). Aqui, novamente evidencia-se a posição ocupada pela escritora em relação a tantas outras mulheres de seu tempo: o acesso ao capital cultural.

Como citado no capítulo 1 desta pesquisa, Júlia Lopes gozou de educação refinada e doméstica; teve acesso à biblioteca da família e aos conhecimentos da irmã, Adelina Lopes Vieira, de quem tomou lições até os 10 anos de idade. Anos mais tarde, casou-se com o poeta, jornalista e escritor Filinto de Almeida, acadêmico de grandes influências na imprensa e nas letras brasileiras da Primeira República.

Decerto, a posição que ocupou desde a infância até a fase adulta contribuiu de forma bastante positiva e eficaz para sua projeção no cenário literário nacional como uma das escritoras mais lidas de seu tempo. A possibilidade de ocupar, inclusive, outros espaços que não a casa - aspecto tão comum e certo às mulheres-, facultou a escritora também a imagem de educadora, como bem salientam as redatoras de *A Violeta*:

D. Julia tem a cada passo, nos seus inumeros romances, fixado, - ou direi mesmo – impressionado, a alma brasileira com todas as suas nuanças -desde a mais delicada e ingenua, a mais sutil e satânica, sempre no intuito pedagogico de instruir, esclarecer e encaminhar. (A VIOLETA, edição 209, p. 2).

Nesse sentido, as redatoras de *A Violeta* não estavam sozinhas. Outros periódicos atribuíram à escritora a imagem de educadora, principalmente em homenagens póstumas. Nelas são citadas a sua “espiritualidade educativa”³²⁹, a sua “contribuição para a formação e desenvolvimento de grandes números de instituições educativas e de caridade”³³⁰, ou suas “obras educativas didáticas ou não, a par de primorosos romances, todos moralistas, instrutivos e nacionalistas”³³¹.

Esse caráter educativo de sua obra e sua trajetória encontra fundamento na própria projeção da escritora. Para além do que está publicado em *A Violeta*, o papel de Júlia Lopes de Almeida na imprensa, de forma geral, cumpria também com o da valorização da educação para a infância e para as mulheres.

Ao longo das mais de duas décadas de colaboração com o popular *O Paiz*, a escritora reivindicou melhores escolas, pleiteou a abertura de instituições noturnas e creches, confrontou a decisão de fechar o curso noturno da Escola Normal, sugeriu a mudança de local do Liceu de Artes e Ofícios, entre outros.

Como conferencista, optou por temáticas que privilegiavam a escola, a infância e a educação, como aquela proferida na Escola Normal Oficial de Juiz de Fora, citada anteriormente. Além do mais, recebeu, por suas obras e seus discursos de alto teor instrutivo, diversos convites e homenagens em instituições escolares, tendo seu nome estampando agremiações e títulos das escolas, a exemplo da criação do Clube literário Júlia Lopes de Almeida, do Colégio República da Colômbia, em 1942; e da festa em sua homenagem na Escola Deodoro, na qual alunos do Instituto Lafayette e representantes políticos ocuparam-se da

³²⁹ *A Noite*, edição 8085, 31 de maio de 1934.

³³⁰ *Correio da Manhã*, edição 12119, 31 de maio de 1934.

³³¹ *A Violeta*, edição 217, 31 de maio de 1934.

recepção do evento.

Em maio de 1944, portanto 10 anos após a morte de Júlia Lopes de Almeida, Margarida Lopes de Almeida profere um discurso³³² que evidencia o papel significativo da mãe na educação e na constituição do cidadão, na Escola Júlia Lopes de Almeida, localizada já naquela época em Santa Tereza, bairro do Rio de Janeiro, e inaugurada em 1936:

Júlia Lopes de Almeida nunca foi uma professora mas foi, em toda sua obra, uma educadora.

(...)

Em todo brasileiro, de há cinquenta anos para cá, deve ter minha mãe semeado um germe do patriotismo e de elevação moral...

(...)

Em toda sua obra, didática ou literária, Júlia Lopes de Almeida foi sempre a incentivadora, a propulsora, a entusiasta e otimista brasileira amante de sua terra e gente. (ALMEIDA, 1944, p. 1).

Desde a publicação de *Contos Infantis* (1886) até a produção de *Jornadas no meu país* (1920), Júlia Lopes de Almeida parece ter se empenhado para que seu nome e sua figura fossem legitimados também na educação. Na segunda metade da década de 1910, quando fez uma extensa viagem ao Sul do país, conheceu escolas, visitou bibliotecas e Centros Culturais, alpe de ter estado em contato com professores e parte do alunado, como quando visitou o Instituto Ginásial Júlio de Castilhos, localizado em Porto Alegre. O feito é narrado em *Jornadas no meu país*:

O director adivinha a minha abstração e apressa-se em conduzir-me ao Ginásio Júlio de Castilhos. Tenho neste Instituto o vaidoso prazer de vêr um livro³³³ meu adoptado particularmente por duas das suas professoras principais e verdadeiras evangelisadoras das letras e da instrução: as ilustradas rio-grandenses Camila Furtado Alves e Pepita Leão. Tem este facto a importância de fazer a criança olhar para mim com simpatia. Leio-lhes nos grandes olhos escuros e doces que já eram minhas amigas mesmo antes de me conhecerem. Esta certeza faz-me bem ao coração. (ALMEIDA, 1920, p. 72-73).

Anos antes de visitar a capital riograndense, já havia a escritora percorrido outros locais, com o mesmo propósito, a exemplo da visita a Poços de Caldas (MG), onde realizou uma conferência no teatro da Caixa Escolar Barão do Rio Branco³³⁴, uma instituição pública, e foi cercada por crianças, como notícia em 1912 a *Revista da Semana*:

³³² Opera-se com a fonte primária, o manuscrito encontrado no espólio da escritora na Academia Brasileira de Letras.

³³³ A escritora refere-se ao volume *A árvore*, adquirido pelo governo riograndense para distribuição nas escolas primárias na década de 1920.

³³⁴ Atual Escola Estadual Barão do Rio Branco.

Graças a iniciativa da distinta escriptora Sra. D. Julia Lopes de Almeida, a pittoresca cidade de Poços de Caldas gosou este amo uma bella festa de encanto e bondade.

(...)

D. Julia Lopes de Almeida contou ás crianças das escolas publicas uma historia??? em (que alliou a fantasia do assumpto a ternos conselhos maternas.

(...)

No fim da sessao as crianças rodaram a escriptora pedindo-lhe outra historia. o que prova o interesse com que ouviram a primeira. (REVISTA DA SEMANA, edição 630, s.p).

Nos anos que seguiram até a sua morte, em 1934, a imprensa noticiou o lançamento de seus livros para escola, suas conferências, suas visitas às instituições, além de ter publicado textos de sua autoria que ora eram extraídos de uma de suas obras - em geral, os manuais ou os contos com teor moralizante³³⁵ -, ora eram crônicas que apresentavam suas reivindicações e sugestões em diversos setores, dentre eles o da educação e instrução públicas.

Desta maneira, a imagem de Júlia Lopes de Almeida, mesmo antes da inauguração do Gremio Litterario que levou seu nome, ou da 1ª edição de *A Violeta*, já estava estampada nas páginas dos periódicos como uma educadora em potencial. Tal fato endossa a escolha da escritora como patrona da revista, já que, além de escritora laureada e de prestígio nas letras brasileiras, ocupava lugar pouco comum às demais mulheres-escritoras: o imaginário de educação e instrução brasileiras.

Mesmo não tendo ocupado cadeira no magistério ou ter lecionado, oficialmente, para um determinado grupo no espaço escolar, Júlia Lopes de Almeida atuou na Educação brasileira da Primeira República ativamente, assumindo o papel de mediadora cultural. Como intelectual, Júlia Lopes de Almeida pode ser definida como

Sujeito pensante e agente, [que] ganha centralidade e concretude. Os intelectuais tem um processo de formação e aprendizado, sempre atuando em conexão com outros atores sociais e organizações, intelectuais ou não, e tendo projetos no entrelaçamento entre o cultural e o político. (...) o conceito de intelectual é ... fluido e polissêmico. (GOMES; HANSEN, 2016, p. 12).

Desta forma, a relação que Júlia Lopes de Almeida detinha com *A Violeta*, por mais que estejamos aqui pondo a prova os discursos e problematizando as inúmeras falas laudatórias das redatoras da revista, converge, de forma unilateral, para um propósito mais amplo da projeção da escritora na revista e de aceitação de sua posição como modelo a seguir: a modulação do caráter das moças, sob o prisma da instrução e da educação - rótulo indispensável

³³⁵ A este respeito, consultar Vidal (2004), cujo estudo aborda as temáticas do primeiro dos livros de uso escolar: *Contos Infantis*.

aos intelectuais da época,

articulad[os] em torno de determinados projetos político-pedagógicos”, **cujo modo de atuação** “se dá, claramente, por meio de uma ação simbólica - interferindo no debate da época, produzindo análises sobre a situação política e educacional do país, formando opiniões, indicando problemas e propondo soluções. (XAVIER, 2016, p. 466, grifo meu).

Portanto, a imagem projetada de Júlia Lopes de Almeida em *A Violeta* como um modelo a seguir é, ao mesmo tempo, escolha e omissão da escritora, que, de acordo com esta pesquisa, operou na constituição da própria trajetória intelectual. Assim, as escolhas da redação, ainda que não comungassem com todas as facetas de Júlia Lopes, culminaram, ao lado de outras tantas menções a seus feitos na imprensa, para a constituição de sua imagem como escritora e mulher exemplar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha de Júlia Lopes de Almeida como objeto e sujeito desta pesquisa requereu esforços contundentes, desde a seleção das questões acerca do objeto e das fontes, até a produção da narrativa histórica propriamente. Júlia Lopes de Almeida é, atualmente, objeto de mais de 40 pesquisas acadêmicas – posição observada a partir do final do século passado -, e, desde então, tem sido tema explorado em muitas frentes e impressos.

A doação do espólio da escritora à Academia Brasileira de Letras na década passada decerto colaborou para o aumento do número de pesquisas com o seu nome. Não somente no âmbito dos programas de Pós-graduação, mas também nos congressos, seminários, nas revistas e nos jornais. O fato de uma de suas obras – *A falência* – ter integrado as leituras de alguns vestibulares foi outro fator determinante para a emersão de sua vida e obra.

O reconhecimento de Júlia Lopes de Almeida pela Academia Brasileira de Letras - entidade que, por motivos alheios ao conjunto de sua obra e popularidade, negou sua entrada no panteão-, em julho de 2017, através da inserção de nome da escritora ao ciclo de palestras³³⁶ intitulado “Cadeira 41”, representou mais um avanço nesse deslocamento – se não o mais importante-, na qualificação de Júlia Lopes como escritora canônica.

Pelos esforços de sua família – representados pela figura do neto Dr. Cláudio Lopes de Almeida e de sua esposa, a arte educadora e atriz Beth Araújo -, foi inaugurada em setembro de 2022 a exposição “Júlia Lopes de Almeida 160 anos: um fenômeno literário no Museu da Cidade”, na cidade do Rio de Janeiro. A exposição, que contou com programação diversa, teve nos ciclos de debate contempladas algumas das pesquisas recentes acerca da escritora.

Nesse sentido, a fortuna crítica da escritora já compreende diversas temáticas que se referem sumariamente a sua biografia, a sua bibliografia, a sua escrita e aos seus posicionamentos frente às demandas do início do século XX, notadamente a instauração do Novo Regime – a República, o abolicionismo, a modernidade e o feminismo.

Muito embora esta pesquisa tenha como pano de fundo um impresso – a revista cuiabana *A Violeta*, é importante destacar que o objeto não emergiu desta fonte, adotada como principal. De outra maneira, esta pesquisa surgiu das interrogações ao espólio da escritora, encontrado na Academia Brasileira de Letras (Arquivo Múcio Leão – Fundo Filinto de Almeida – *Série Júlia Lopes de Almeida*).

³³⁶ Como exposto no primeiro capítulo deste trabalho, a primeira destas palestras é “Todos contra Júlia!”, ministrada pelo jornalista Luiz Ruffato.

No arquivo, foi possível verificar a presença de duas páginas da edição 176 de *A Violeta*, localizadas em uma das pastas “Hemeroteca”, o que despertou, a priori, minha curiosidade, uma vez que não havia referências à data de publicação ou ao corpo editorial da revista, constando apenas seu título, no cabeçalho das páginas. Posteriormente, após verificar os trabalhos existentes sobre *A Violeta*, concluiu-se que não há, até o presente, pesquisas que contemplem Júlia Lopes de Almeida na revista, ainda que haja menções a sua figura, por se tratar da patrona do grêmio que manteve o periódico.

Certamente a pandemia da COVID-19 dificultou a pesquisa histórica, pois impediu a manutenção das visitas à ABL, a outros acervos, e a possíveis locais de guarda da revista, incluindo Cuiabá, cidade que publicou *A Violeta*. Entretanto, o contato com alguns dos pesquisadores que narraram de alguma forma a trajetória de Júlia Lopes de Almeida e investigaram *A Violeta* viabilizou a constituição de um repertório para tratar a escritora na revista. Através desses contatos, pude ter acesso a documentos da escritora, discursos de acadêmicos, alguns de seus livros, pesquisas, exemplares de *A Violeta* e materiais diversos.

Em razão do objeto e da fonte desta pesquisa, o trabalho de investigação buscou observar que aspectos possíveis constituiriam uma pesquisa acadêmica que encerrasse a escritora na e para a revista. Assim, as indagações à fonte percorreram o repertório de *A Violeta*, a princípio de forma sucinta, verificando o que estava posto sobre Júlia Lopes de Almeida, para além de sua posição de patrona; e mais, de que maneira a imagem da escritora estava impressa nas páginas do periódico.

Considerando *A Violeta* não como uma fonte inédita, tampouco como um documento-monumento, nos termos da História Cultural - corrente histórico-filosófica em que se fundamenta essa pesquisa-, a tomada do periódico é evidenciada muito pelo que indica De Luca (2020), ao sublinhar que “o conhecimento histórico não se subordina[a] à descoberta de um conjunto inédito...mas sim das formas como os pesquisadores dele se va[lem]” (p. 41).

Desta maneira, a tomada de *A Violeta* como fonte principal permitiu que se observasse, ainda que de forma não cronológica, tentativas de biografar a escritora, e mais, de iluminar sua figura em diversos âmbitos, o que, eventualmente, tornou-se a questão central desta tese.

Em que pesem os aspectos intrínsecos da imprensa periódica, especialmente seu caráter parcial, *A Violeta* foi eleita sob as seguintes justificativas: 1) por se tratar de um periódico fundado, financiado e redigido por mulheres; 2) por representar um dos pilares da cultura cuiabana no início do século XX, notadamente pelas associações entre a criação do grêmio e a do Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-grossense de Letras; 3) por tratar da educação e promoção das letras femininas; 4) por localizar-se fora do eixo cultural

do país naquele momento.

Em 1916, ano em que foram fundados o Gremio Litterario Julia Lopes e a revista *A Violeta*, Júlia Lopes de Almeida, já de carreira consolidada na imprensa e na literatura, gozava, aos 54 anos, de posição privilegiada se comparada às demais mulheres de seu tempo. Casada com o escritor, poeta, jornalista e acadêmico Filinto de Almeida, Júlia Lopes ocupava espaços não convencionais às mulheres, e tinha a admiração e respeito da grande maioria de seus pares.

Apesar de algumas pesquisas indicarem a posição de Filinto de Almeida como “acadêmico consorte”, em referência à sua entrada na Academia “em lugar” da esposa, considerando o que foi dito pelo próprio Filinto: “Pois não é. Nunca disse isso a ninguém mas há muito que o penso. Não era eu quem devia estar na Academia, era ela.” (RIO, 1907, p. 29), há de se pesar a posição ocupada pelo acadêmico antes mesmo de casar-se com Júlia Lopes de Almeida. Filinto de Almeida já havia publicado um volume³³⁷ e colaborava com ao menos 7 periódicos; até o final do século XIX, já havia colaborado e dirigido outros periódicos, além da publicação de mais três volumes.

Nesse sentido, o papel de Filinto de Almeida na ascensão e popularidade de Júlia Lopes de Almeida não pode ser esquecido. Aliado ao casamento com um acadêmico, a própria formação de Júlia Lopes fomentou sua carreira como escritora, basta lembrarmos que sua origem é uma família abastada, filha de casal de Viscondes. E mais, o acesso à leitura e aos estudos não parece, ao que aponta sua fortuna crítica, ter sido uma barreira no seu crescimento e formação.

No capítulo 1, a biografia de Júlia Lopes de Almeida está colocada em lume. Em diálogo com variados trabalhos que tinham ou a escritora ou a bibliografia da escritora como objeto, aliados às diversas menções na imprensa, foi possível “coleccionar” imagens de Júlia Lopes de Almeida, atendendo às demandas que os questionamentos desta pesquisa instigavam quem foi e como se projetou Júlia Lopes de Almeida. Muito importou entender que “Júlias” circulavam no imaginário da Literatura Brasileira e na imprensa.

Por incentivo do próprio pai, iniciou sua carreira na imprensa, aos 19 anos, na *Gazeta de Campinas*; alguns anos mais tarde, firmou-se como cronista de primeira página em *O Paiz*, onde colaborou por mais de duas décadas; teve seu nome estampado em mais de 3 dezenas de periódicos, incluindo algumas projeções internacionais. Sua obra romanesca, composta de 11 volumes, foi divulgada e apreciada pela crítica – a exceção de *O funil do diabo*, publicado na década passada, apesar de alguns terem diminuído sua bibliografia a “romances água com

³³⁷ De acordo com as informações coletadas no site da ABL, trata-se de um entreato cômico, *Um idioma*, publicado aos 19 anos, em 1876.

açúcar”.

No capítulo 2, foi possível observar como Júlia Lopes de Almeida colaborou de forma bastante ativa na constituição de sua própria trajetória como intelectual, não se deixando reduzir aos papéis de mãe e esposa, embora os exercesse com afinco, como evidenciam os relatos de seus filhos.

Circulou em espaços diversos – escolas, salões, teatros, bibliotecas, redações de jornais – e soube, ao que aponta esta pesquisa, projetar sua figura nos círculos literários de seu tempo. Ademais, sua escrita pavimentou, por vezes, o caminho para outras mulheres escritoras, já que a relação que tinha com algumas dessas mulheres funcionou como uma estratégia para promoção e divulgação de suas figuras nesses espaços ocupados essencialmente por homens.

Na historiografia de Julia Lopes de Almeida, os indícios de sua relevância nas letras são muitos, desde sua posição de romancista – a mais proeminente -, até seu engajamento nas causas femininas por meio de suas críticas à diferenciação dos sexos, ao divórcio, ao voto, à educação de mulheres e à maternidade como missão. Apesar de o cânone literário ter incluído a escritora de maneira efetiva mais recentemente, é notória sua participação na constituição da história da literatura e da imprensa brasileiras da Primeira República.

Após mais de 4 décadas de silenciamentos, a obra da escritora foi acessada e tomada como fonte ainda na década de 1970, pela pesquisadora norte-americana Dawn Jordan, segundo o relato³³⁸ do neto da escritora, Dr. Cláudio Lopes de Almeida. Seguindo a pesquisadora, o trabalho de Norma Telles (1987), a empreitada de Zahidè Lupinacci Muzart com a criação da Editora Mulheres (1995) e a subsequente reedição dos romances de Júlia Lopes de Almeida cumpriram com o papel de resgate da bibliografia e, mais, da imagem esquecida da escritora.

O cânone literário brasileiro, constituído muito mais por uma rede de sociabilidade pré-estabelecida do que por uma valoração do conjunto da obra de determinado escritor, omitiu não somente Júlia Lopes, mas tantas outras escritoras que tiveram notória participação nas letras patricias da Primeira República.

Desta maneira, essas mulheres escritoras tiveram, elas próprias, que buscar esse lugar de literatas. Nesse sentido, a imprensa de maneira geral configurou-se em uma espécie de vitrine não apenas para seus textos literários, mas ainda para suas indagações, opiniões e reivindicações, especialmente na imprensa feminina.

As agremiações literárias também se multiplicaram no início do século (BROCA, 1975) com vias à legitimação de outros tantos escritores não contemplados pelo cânone. É nesse

³³⁸ A este respeito, conferir Faedrich e Fanini (2020).

contexto que surge o Gremio Litterario Julia Lopes, tornando-se, ao que indica esta pesquisa, um *silogeu possível* para a escritora. À parte dos fardões e da pompa a que os acadêmicos da ABL estavam inseridos, a agremiação opera com uma das lógicas da Academia - o cultivo da literatura nacional.

No caso das cuiabanas, a divulgação das letras patricias visava ao desenvolvimento intelectual da mulher mato-grossense. E em *A Violeta*, Júlia Lopes é vista como proeminente figura da Literatura, como escritora laureada. Tal posição, apesar de questionável, permitiu que as redatoras da revista empreendessem uma espécie de modelo a seguir para as leitoras, como apresentado no capítulo 3.

Das mais de 3 dezenas de obras publicadas por Júlia Lopes de Almeida ao longo dos mais de 50 anos de atuação nas letras brasileiras, é o *Livro das Noivas* (1896) o mais citado em *A Violeta*. Os textos citados extraídos do volume funcionam como uma espécie de bússola para a abordagem das temáticas do casamento, da maternidade, dos comportamentos, da educação dos filhos, do *ser mulher*.

Tal fato pode ser evidenciado pela escolha das redatoras, inclusive, em omitir trechos de textos de Júlia Lopes de Almeida, encerrando ali um dos propósitos mais marcantes da revista – a educação de mulheres, como anunciam as redatoras já na primeira edição: “Entre todos os problemas que temos em vista resolver, a educação da mulher ocupa um dos primeiros lugares.” (p.2). É notória a persistência das redatoras em modular o caráter das leitoras da revista através dos textos que enunciavam, em um tom quase sempre laudatório, as qualidades de Júlia Lopes como mãe, esposa e mulher comportada.

Nem mesmo a morte da escritora, em 1934, impediu a revista de divulgar seus textos e enaltecer seus feitos. Embora localizado fora do recorte temporal desta pesquisa, importante ressaltar que os familiares da escritora, especialmente a filha Margarida Lopes, assumem, paulatinamente, esse lugar reverenciado. Assim, *A Violeta* cumpre com o seu compromisso em divulgar as letras patricias interligado à figura de Júlia Lopes de Almeida, até sua última edição, em 1950.

A dimensão educativa de *A Violeta* se encerra justamente nessa tomada de Júlia Lopes como modelo, seja por sua literatura, por suas publicações na imprensa ou ainda por seu comportamento diante dos filhos e do esposo. O incentivo da escritora, ainda na década de 1910, à criação de uma Escola doméstica em Cuiabá, que “poderi[a] influir não só no progresso moral, mas como no material” (*A VIOLETA*, edição 68, p. 2) foi outro fator que contribuiu para a consagração de Júlia Lopes como um exemplo a ser seguido, já que suas iam ao encontro dos propósitos promovidos pela revista em termos de educação das mulheres.

Apesar de ter permitido e até mesmo fomentado a sua projeção como modelo a seguir na revista, Júlia Lopes de Almeida atuava em outros espaços promovendo a educação feminina, de forma mais ampla, por meio de conferências sobre a infância e a educação de mulheres ou sobre a arte como uma manifestação cultural; através da inauguração de espaços escolares; e ainda por sua presença em formaturas.

Atentando-se à forma e conteúdo que não desagradasse os olhares críticos dos homens de letras, Júlia Lopes de Almeida imprimiu sua opinião e reivindicações a respeito do espaço urbano, da arborização, dos comportamentos, das escolas e dos cursos, e da posição ocupada por mulheres na sociedade. As cartas da escritora publicadas na revista revelam uma consonância entre seus ideais e o do Gremio litterario Julia Lopes, quando do progresso do estado.

Ainda que tenha prevalecido em *A Violeta* as imagens de mãe, esposa e mulher exemplar, como indica este estudo, Júlia Lopes de Almeida parecia ter ciência de sua própria trajetória como intelectual e de seu alcance nas letras. Retomando brevemente seu discurso na conferência para a escola em Juiz de Fora em 1933, percebe-se que sua projeção nas letras não fora repentina:

Escrevi uma razoável série de livros, enchi colunas de jornais com artigos e crônicas que unidas umas às outras poderiam enfileiradas servir de trilho a um [corredor] de formigas por alguns quilômetros de caminho. (Fonte: Filinto de Almeida- *Série Júlia Lopes de Almeida* –Arquivo Múcio Leão/ABL).

Porquanto, tanto a escolha do grêmio literário em fazer de Júlia Lopes de Almeida sua patrona e sujeito em *A Violeta* quanto a decisão de Júlia Lopes em aceitar tal conformação não foram pensadas ao acaso: havia ali um projeto de educação para as mulheres cuiabanas por parte das gremistas e redatoras de *A Violeta*, que viram na escritora um nome que traria credibilidade aos seus discursos e uma vantajosa projeção de Júlia Lopes de Almeida na revista para a própria escritora, especialmente quando consideramos o percurso intelectual feito por Júlia Lopes e a expansão do estado de Mato Grosso no início do século XX.

Por fim, espera-se que este trabalho integre os estudos que contemplam vida e obra de Júlia Lopes de Almeida; os que têm *A Violeta* como objeto e/ou fonte de pesquisa; que iluminem a História da Escrita Feminina no Brasil; a História da Imprensa Feminina no Brasil; e História das Mulheres no Brasil. Entendendo a narrativa histórica como um percurso inacabado, espera-se ainda que este estudo possa oferecer subsídios para que outras pesquisas se desenvolvam considerando Júlia Lopes de Almeida e *A Violeta*.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Livros de atas das sessões da Academia Brasileira de Letras. 2010.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Discursos acadêmicos tomo vi 1981-1995. Rio de Janeiro, 2010.

ALBUQUERQUE, Irene de. *Noções de Economia doméstica*. Rio de Janeiro: Editora Aurora, s/d.

ALMEIDA, Ana Maria Araújo de. *Um "mestiço irrecusável": Tito Lívio de Castro e o pensamento cientificista no Brasil do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2008.

ALMEIDA, Afonso Lopes de. *Mãe*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1945. ALMEIDA, Filinto de. *Lyrical*. Rio de Janeiro: Typografia Maximino, 1887.

_____. *Dona Júlia*. Rio de Janeiro: Typografia do Jornal do Commercio, 1938.

ALMEIDA, Julia Lopes de. *Livro das Noivas*. Rio de Janeiro, 1896.

_____. CONFERÊNCIAS literárias. A mulher e a arte. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, n. 1858, p. 1, 13 ag. 1906.

_____. CONFERÊNCIAS literárias. A mulher e a arte. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, n. 223, p.6, 18 ag. 1906.

_____. CONFERÊNCIAS literárias. As flores. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, n. 244, p. 6, 1. set. 1907.

_____. *Livro das donas e das donzellas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1906.

_____. *Um pouco de feminismo*. *O Paiz*. 13 de janeiro de 1908.

_____. *Jornadas no meu país*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1920.

_____. *Maternidade*. Rio de Janeiro: Olivia Herdy Cabral Peixoto, 1925.

_____. *A viúva Simões*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

_____. *Memórias de Marta*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

_____. *A família Medeiros*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

_____. *Pássaro tonto*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2013.

_____. *Correio da roça*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2014.

_____. *O funil do diabo*: romance. Organização e introdução Zahidé Lupinacci Muzart; Florianópolis: Editora Mulheres, 2015.

_____. *A falência*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

_____. *Ânsia eterna*. Brasília: Senado Federal, 2019.

ALMEIDA, Presciliana Duarte de. Duas Palavras. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (ed). *A Mensageira: revista literária dedicada à mulher brasileira*. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: São Paulo, 1987. v. I, p. 1-2.

ALMEIDA, Sayonara do Espírito Santo. *Economia doméstica: uma disciplina escolar no secundário ginásial sergipano do Atheneu Sergipense (1944-1954)*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2016.

ALVES, Laci Maria Araújo. *Nas trilhas do Ensino*. Cuiabá, Edufmt, 1998

ALVES, L.M.A. Breve ensaio sobre o processo de expansão escolar em Mato Grosso (1719-1946). *Coletâneas do Nosso Tempo*, Rondonópolis v.1, n.1 p. 7-25. 2011.

ARAÚJO, Naiara Sales; SILVA, Lucélia Magda Oliveira da. O gótico feminino em Julia Lopes de Almeida: uma análise de “Os porcos”. **Caderno de Letras**, Pelotas, n. 42 pp.41-51, jan-abril 2022.

AREND, Silvia Favero. In PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

AZEVEDO, Carla Bispo. *Maria Eugenia Celso: entre o impresso feminino, a casa e o espaço público (1920-1941)*. Dissertação (mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

AZEVEDO, Silvia Maria. Júlia Lopes de Almeida conferencista. *Miscelânea*, Assis, v. 24, p. 165-177, jul.-dez. 2018. ISSN 1984-2899.

AZEVEDO, Silvia Maria. O Momento Literário, de João do Rio, e o espírito das polêmicas. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 1-6, jul.-set. 2020.

BADINTER, Elisabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

BALDISSARELLI, Agna Correa Britis. Páginas que escrevem o cotidiano: um olhar sobre a presença da literatura na revista A Violeta (1917 – 1920). Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Linguagem - Universidade do Estado de Mato Grosso. Tangará da Serra, 2018.

BERNARDO, Gustavo. O gênero duplicado. *Gragoatá*, v. 15, n. 28, 30 jun. 2010.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *Cartilha do povo e Upa, cavalinho! O projeto de alfabetização de Lourenço Filho*. 1997. 129f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 1997.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida, vol.2*. tradução Sérgio Millet. 3a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BEVILÁQUA, Amélia de Freitas. *Amélia Beviláqua e a Academia Brasileira de Letras: documentos histórico-literários*. Rio de Janeiro, Besnard Frères, 1930.

BOMENY, Helena. *Os intelectuais da educação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BORGES, Débora de Castro. *As mil e uma transfigurações de rocambole: a personagem mais brilhante de Ponson du Terrail*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós -Graduação em Letras. Belem, 2016.

BORMANN, Maria Benedita. *Lésbia. Introdução: Norma Telles*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998

_____. *Aurélia*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2014.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996. p. 183-191.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015.

BOSCHILIA, Roseli. A Sociedade Portuguesa em Curitiba: um projeto identitário (1878-1900) In MATOS, Maria Izilda; SOUSA, Fernando de.; HECKER, Alexandre. (Org). *Deslocamentos e história: os Portugueses*. Bauru, SP :Edusc, 2008.

BOSSON, Alain. La mortalité infantile et la prévention en milieu scolaire dans le canton de Fribourg (1900-1950): stratégies et action médicales. *Bulletin de la Société fribourgeoise des sciences naturelles*. -Vol. 90, p.72-118, 2001.

BRAGANÇA, Aníbal. Francisco Alves na história editorial brasileira. I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. *Colóquio do Sesquicentenário*. Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro, 2004.

_____. A Francisco Alves na História do Livro: uma introdução. In MONIZ, Edmundo. *Francisco Alves: livreiro e editor*. 2ª ed. ABL. Rio de Janeiro, 2009.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil - 1900*. 3a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Departamento de Cultura da Guanabara, 1975.

BUITONI, Duicília Helena Shoroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Summus, 2009.

BURKE, Peter (Org). Tradução de Magda Lopes. *A escrita da história; novas perspectivas*.

São Paulo: Editora UNESP, 2011.

CÂNDIDO, Antônio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Persepectiva, 2014.

CAIRO, Luis Roberto Velloso. O crítico Araripe Júnior e sua eventual História da Literatura Brasileira. *Navegações, [S. l.]*, v. 6, n. 1, p. 31–36, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/14662>. Acesso em: 29 abr. 2023.

CAMARGOS, Márcia. *Musa Impassível: a poetisa Francisca Júlia no pincel de Victor Brecheret*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *A escola e a República*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CARVALHO, Michele Ribeiro de. *Memórias de Erico Veríssimo: primeiras leituras ao. Solo de Clarineta (1912-1922)*. 2016. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

CARVALHO, Nilson Pereira de. (org.). *Metaliteratura e suas metáforas*. Recife: EDUFRPE, 2017.

CAMPELLO, Eliane T. A. “‘A mulher e a arte’, na visão de Júlia Lopes de Almeida”. In: *Anais do XII Seminário Nacional Mulher e Literatura e do III Seminário Internacional Mulher e Literatura*, 2007, Ilhéus.

CARVALHO BICA, Alessandro; CORSETTI, Berenice O prelúdio das campanhas de alfabetização na era Vargas: a Cruzada Nacional de Educação. *Revista História da Educação*, vol. 15, núm. 33, janeiro-abril, 2011, pp. 170-180.

CASTRO, Ruy. *Metrópole à Beira-mar: O Rio moderno dos anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CASTRO, Tito Livio de. *A Mulher e a Sociogenia*. Prefácio de Silvio Romero. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1893.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Trad. de Maria Manuela Galhardo - 2ª ed. Lisboa: Difusão Editora, 2002.

COLASANTI, Marina. *A moça tecelã*. São Paulo: Editora Global, 2004.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. 2a ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COSTA, Luís Manuel Neves. A Assistência da Colônia Portuguesa do Brasil, 1918-1973. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 727-748, June 2014.

COSTA, L. M. N.. A Assistência da Colônia Portuguesa do Brasil, 1918-1973. *História*,

Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 21, n. 2, p. 727–748, abr. 2014.

COSTA, Eliete Huguene de Figueiredo. *Revista A Violeta: a verbo-visualidade e o entrecruzamento de vozes*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, 2016.

COSTA, Laís. *O feminismo nas crônicas da revista A Violeta (1916-1937)*. 1a ed. Curitiba: Editora Appris, 2018.

COSTA, Nailda Marinho. A educação das mulheres no pensamento da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (1922- 1931). In: *CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 6., 2006, Uberlândia. Anais... Uberlândia: UFU, 2006.

_____; MARTINS, Angela Maria Souza; Movimento feminista e educação: cartas de Maria Lacerda de Moura para Bertha Lutz (1920-1922). *REVISTA CONTEMPORÂNEA DE EDUCAÇÃO*, v. 11, p. 211-229, 2016.

_____.; DIEGUEZ, P. Feminismo em revista: a União Universitária Feminina nas páginas do periódico *Jornal das Moças* (década de 1950). *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, [S. l.], v. 1, n. 79, p. 69-86, 2021.

COSTRUBA, Deivid Aparecido. *CONSELHO ÀS MINHAS AMIGAS: os manuais de ciências domésticas de Júlia Lopes de Almeida (1896-1906)*. 2011. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista.

_____. *Para além do sufragismo: a contribuição de Júlia Lopes de Almeida à história do feminismo no Brasil (1892-1934)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2017.

_____. *PARA ALÉM DO SUFRAGISMO: A contribuição de Júlia Lopes de Almeida à história do feminismo no Brasil (1892-1934)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

COUTINHO, Afrânio (Org). *Obra Crítica de Araripe Júnior, volume III, 1895-1900*, prefaciado por Thiers Martins Moreira. Rio de Janeiro: MinC/Casa Rui Barbosa, 1963.

COUTINHO, Rebeca Venancio. *A importância internacional da borracha brasileira e sua influência no desenvolvimento da Amazônia durante o Estado Novo: 1937-1945*. Boa Vista, 2014. Monografia. (título de Bacharel em Relações Internacionais). Universidade Federal de Roraima (UFRR).

CUNHA, Luciana Vivian da. *Liberdade pequena: memórias do período da ditadura civil-militar no colégio Júlio de Castilhos (Porto Alegre/RS)*. Dissertação (Mestrado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-Graduação em Educação. UNISINOS, 2016.

CUNHA, Maria Teresa Santos. *Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro*. Revista Patrimônio e Memória. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.3, n.1, 2007.

CUSTÓDIO, Regiane Cristina. A Era Vargas em Mato Grosso: o jornal A Cruz e a

representação do ideal de educação. *Revista Educação e Fronteiras On-Line*, Dourados/MS, v.8, n.24 p.56- 66, set./dez. 2018.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e Família Burguesa. In: DEL PRIORE, Mary.; PINSKY, Carla Bassanezi. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018.

DAS NEVES, Angela. *Guy de Maupassant, de autor a crítico do naturalismo francês*. *Lettres Françaises*, n. 20(1), 2019.

DA SILVA, Alexandra Lima. Flores de ébano: a educação em trajetórias de escravizadas e libertas. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, v. 4, n. 10, p. 299-311, 19 abr. 2019.

De LUCA, Leonora. *Feminismo e iluminismo em Júlia Lopes de Almeida*. *Ci. & Tróp.*. Recife, v. 25, n. 2, p. 213-236, jul/dez., 1997.

_____. *O “feminismo possível” de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934)*. *Cadernos pagu*(12) 1999: pp.275-299.

DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a nação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

DE LUCA, Tania Regina. *Leituras, Projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: UNESP, 2011.

_____. *Práticas de Pesquisa em História*. São Paulo: Contexto, 2020.

_____; MARTINS, Ana Luiza. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018.

DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018.

DEALTRY, Giovanna. “Escrever entre coches e automóveis”; percepções temporais e espaciais em João do Rio – In: NEGREIROS, Carmem, OLIVEIRA, Fátima, CHAUVIN, Jean Paul, GENS, Rosa. *BELLE ÉPOQUE: EFEITOS E SIGNIFICAÇÕES*. São Paulo: ABRALIC, 2018..

DI STASIO, Angela; FAERDRICH, Anna; RIBEIRO, Marcos Venicio (Orgs). *Dois dedos de prosa: o cotidiano carioca por Júlia Lopes de Almeida*. Rio de Janeiro: FBN, Coordenadoria de editoração, 2016.

DUARTE, Constância Lima. O cânone literário e a autoria feminina. In AGUIAR, Neuma (org). *Gênero e Ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1997.

_____. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX: dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2003.

EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Vidas de romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930)*. Rio de Janeiro: TopBooks, 2005.

FAEDRICH, Anna; DI STASIO, Angela. Júlia Lopes de Almeida e a crônica carioca. In DI STASIO, Angela; FAERDRICH, Anna; RIBEIRO, Marcos Venicio (Orgs). *Dois dedos de prosa: o cotidiano carioca por Júlia Lopes de Almeida*. Rio de Janeiro: FBN, Coordenadoriade editoração, 2016.

_____. *Escritoras silenciadas: Narcisa Amália, Júlia Lopes de Almeida, Albertina Bertha e as adversidades da escrita literária de mulheres*. Rio de Janeiro: Macabéa, 2022.

_____. A presença de Nietzsche na produção intelectual e literária de Albertina Bertha. *Cadernos Nietzsche* [online]. 2019, v. 40, n. 1 [Acessado 7 Maio 2022] , pp. 145-159.

FANINI, Michele Asmar. *Fardos e fardões: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003)*. (Tese Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2009.

_____. Júlia Lopes de Almeida: entre o salão literário e a antessala da Academia Brasileira de Letras. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v.14, n.27, p.317-338, 2009.

_____. A (in)elegibilidade feminina na Academia Brasileira de Letras: Carolina Michaëlis e Amélia Beviláqua. *Tempo Social* [online]. 2010, v. 22, n. 1.

_____. *A (in)visibilidade de um legado: seleta de textos dramaturgicos inéditos de Júlia Lopes de Almeida*. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2016.

_____. Júlia Lopes de Almeida em cena: notas sobre seu arquivo pessoal e seu teatro inédito. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 71, p. 95–114, set. 2018.

FRANCISCO, Adílson José. Memória e identidades: o cotidiano no Liceu Salesiano em Mato Grosso. Simpósio Nacional de História (27 : 2013 : Natal, RN) *Anais do 27º Simpósio Nacional de História* [livro eletrônico]: Conhecimento histórico e diálogo social. -- 1. ed. -- São Paulo : ANPUH-Brasil, 2013.

FERREIRA, Ana Emília Cordeiro Souto; CARVALHO, Carlos Henrique de. Escolarização e analfabetismo no Brasil: estudo das mensagens dos presidentes dos estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Norte (1890-1930). In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DO CENTRO-OESTE, 12., 2014, Goiânia. Anais... Goiânia: PUC, 2014. p. 30-45.

FERREIRA, Ridelina. Carta aberta. *A Mensageira*. 15 de outubro de 1899.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; De LUCA, Tânia Regina. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2015. p.61-91.

FILHO, Alberto Venâncio. As mulheres na Academia. In *Revista Brasileira*, n.49, out-nov-dez, 2006.

FIGUEIREDO, Viviane Arena. *Resgatando a memória literária: uma edição crítica de ânsia eterna de Júlia Lopes de Almeida*. Tese (Doutorado em Literatura). Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense (UFF) , Niterói, 2014.

FIGUEIREDO, Viviane Arena. *Da Gazeta de Campinas para a literatura: uma revisão crítico textual das primeiras crônicas de Júlia Lopes de Almeida*. In: Anais do Congresso Internacional ABRALIC 2018. Circulação, tramas e sentidos na literatura. Uberlândia (MG), 2019.

FLUGEL, John Carl. Sobre o valor afetivo das roupas. *Psyche (Sao Paulo)*, São Paulo , v.12, n. 22, p. 13-26, jun. 2008 .

FOCAULT, Michel. (2004). Foucault. In M. B. Motta (Org.), *Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política* (E. Monteiro, I. A. D. Barbosa trad., pp. 234-239). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1984)

FRACCARO, Glaucia. Os direitos das mulheres: feminismo e trabalho no Brasil (1917-1937). Rio de Janeiro: FGV, 2018.

GERMINATTI, F. T.; SOUZA, V. S. de. Eugenia e “questão racial” na Primeira República: uma análise a partir das publicações no jornal Correio Paulistano (1910-1920). *Saeculum – Revista de História, [S. l.]*, v. 27, n. 47 (jul./dez.), p. 96–118, 2023. DOI: 10.22478/ufpb.2317-6725.2022v27n47 (jul./dez.).63668.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. tradução de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

GOMES, Angela de Castro (Org). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2004.

GOMES, Angela Maria de Castro. Aventuras e desventuras de uma autora e editora portuguesa: Ana de Castro Osório e suas viagens ao Brasil. In GOMES, Angela Maria de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GOMES, Angela Maria de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GOMES, Nailza da Costa Barbosa. “*Federação Mattogrossense pelo Progresso Feminino*”: mulheres e emancipação nas três primeiras décadas do século XX em Cuiabá-MT. 2018. 212 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2018.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. *Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

GRANGEIA, F. A. G. *Oscar Guanabarro e a Crítica de Arte Periódica no Brasil*. In: I Encontro de História da Arte do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2004, Campinas. Revisão Historiográfica - O Estado da Questão. Campinas: Unicamp, 2004. v. I. p. 215-222.

GUIMARÃES, Viviane. *Relações transnacionais: jornais franceses publicados no Brasil (1854-1924)*. *Revista Escritos*. Ano 9, n.9, 2015. p.13-77.

GURGEL, Patricia. *Professores-normalistas do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1930-1960): um estudo sobre trajetórias profissionais*. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2016. 157 f.

HAHNER, June Edith. *A mulher no Brasil*. tradução de Eduardo F. Alves. Rio de Janeiro: Editora Civilização, 1978.

_____. *Emancipating the female sex: the struggle for women's rights in Brazil, 1850-1940*. New York: Duke University Press, 1990.

HANSEN, Patrícia. *Brasil, um país novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República*. São Paulo: FFLCH/USP, 2007.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

HELLER, Barbara. *Da pena à prensa: mulheres e leitura no Brasil (1890 – 1920)*. São Paulo: Porto de Idéias, 2006.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *A roupa da Rachel: um estudo sem importância*. *Revista Estudos Feministas*, v.0, n.0, 1992.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *A roupa da Rachel – um estudo sem importância*. *Revista Diadorim*, v. 7, 2010.

JINZENJI, Monica Yumi. *Cultura impressa e educação da mulher no século XIX*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

KOTHE, Flávio R. *O cânone Republicano I*. Brasília: Editora UNB, 2003.

LAJOLO, Marisa. *Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha*. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 1984.

LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças*. 3. ed. São Paulo: Global, 1988.

LOBO, Luiza. *Guia de escritoras da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

LOSS, Jeterson da Silva. *Jean Anthelme Brillat-Savarin e a ciência de saber viver: política, hedonismo e gastronomia, França (1755-1873)*. 2019. 171 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2019.

LUCLKTENBERG, Isabel Maria Barreiros. *Editora Mulheres: uma arqueologia literária*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Florianópolis, SC, 2011.

MACHADO, Eliza Salgado de Aguiar *Arquivos Pessoais: Implicações teóricas e a organização do Arquivo Filinto de Almeida*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) - Instituto de Arte e Comunicação Social – Universidade Federal Fluminense.– Niterói: UFF, 2017.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *Assim falou D. Júlia*. Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, nº 38, p.82-85, 2008.

_____; XAVIER, Libânia Nacif. *Impressos e história da educação: usos e destinos*. Riode Janeiro: 7Letras, 2008. p.111-126.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; De LUCA, Tânia Regina. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2015.

MARINHO, Nailda. Feminização do magistério: contribuições da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino - 1922. In: Reunião Anual da Anped, 30a., 2007, Caxambu. Anped: 30 anos de pesquisa e compromisso social. *Anais*. Rio de Janeiro: Anped, 2007. v. 1. p. 1-16.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: Imprensa e práticas de cultura em tempos de República*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008.

MARTINS, Ana Luiza; De LUCA, Tânia Regina de. *Imprensa e cidade*. São Paulo: editora UNESP, 2006.

_____. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018.

MARQUES, A. M.; GOMES, N. da C. B. Bernardina Rich (1872-1942): uma mulher negra no enfrentamento do racismo em Mato Grosso. *Revista Territórios e Fronteiras, [S. l.]*, v. 10, n. 2, p. 110–132, 2017.

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira: volume V: 1897-1914*. 3aed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

MENDES, Solange Balbi; ANDRADE, Marlice Seixas de. *Índice do Almanaque Garnier*. Brasília: Editora da UNB, 1981.

MENDES, Leonardo Pinto.; VIEIRA, Renata Ferreira. *Mulheres de Bronze: Xavier de Montépin e o folhetim no Brasil*. *Revista e-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU*. v. 4, n. 4, 2013.

MENDONÇA, Lúcio de. As três Júlias. *Almanaque Brasileiro Garnier*, 1907. p.246-249

MOREIRA, Nadilza Martins de Barros. *A condição feminina em Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin*. (Tese Doutorado em Letras). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, UNESP, São José do Rio Preto, 1998. 224p.

MEIRELES, Cecília. *Escolha seu sonho*. São Paulo: Global, 2016.

MESCH, Rachel. *Having it all in the Belle Epoque: how French women's magazines invented the modern women*. Stanford: Stanford University Press, 2013.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

MOREIRA, Nadilza Martins de Barros. Eles e Elas: crônicas da belle époque carioca de Júlia Lopes de Almeida. 3ª ed. Joao Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

MORENO, Gislaene. O processo histórico de acesso à terra em Mato Grosso. *Geosul*, Florianópolis, vol.14, n.27, p.67-90, jan-jun 1999.

MOTT, Maria Lúcia. Maternalismo, políticas públicas e benemerência no Brasil (1930-1945). *Cad. Pagu*, Campinas, n. 16, p. 199-234, 2001.

MULLER, Lúcia(a). *As Construtoras da Nação: professoras primárias na Primeira República*. Niterói: Intertexto, 1999.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Leitura crítica da literatura infantil. *Itinerários*, Araraquara, v. 17, p. 179-187, 2001.

MOURA, M. O. As turnês de Sarah Bernhardt no Brasil (1886, 1893, 1905): contribuições para o estudo da presença teatral estrangeira no Brasil no final do século XIX. *Sala Preta, [S. l.]*, v. 17, n. 2, p. 84-99, 2017.

MURICY, Andrade. *O suave convívio: ensaios críticos*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil; Lisboa: Seara Nova; Porto: Renascença Portuguesa, 1922.

MUZART, Z. L.. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. *Revista Estudos Feministas*, v. 11, n. Rev. Estud. Fem., 2003 11(1), jan. 2003.

MUZART, Zahidé Lupinacci Muzart. Introdução. In ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Pássaro tonto*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2013.

NADAF, Yasmin Jamil. *Sob o signo de uma flor*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993.

NICARETA, Samara Elisiana. *Para serem bem-comportadas? Imagens de mulheres em livros escolares de autoria feminina (1889-1945)*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, 2018.

NEGREIROS, Carmem; OLIVEIRA, Fátima; GENS, Rosa. (Orgs.) *Belle Époque: crítica, arte e cultura*. São Paulo: Intermeios, 2016.

NOVAES, Aline da Silva. *João do Rio e seus cinematógrafos: o hibridismo da crônica da*

narrativa da belle époque carioca. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2015.

NORONHA, Lucia Lopes de Almeida. *Terra do Futuro*. São Paulo: Editora Líder, 1973.

OLIVEIRA, Karine da Rocha. Josefina Álvares de Azevedo: a voz feminina no século XIX através das páginas do jornal *A Família*. *Programa Nacional de Apoio à Pesquisa*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional. MinC, 2009.

ORIÁ, Ricardo. *O Brasil contado às crianças: Viriato Corrêa e a literatura escolar Brasileira (1934-1961)*. São Paulo: Annablume, 2011.

PACHECO, Gabrielle Carla Mondego. *Os deveres do pequeno cidadão em Alma Infantil: versos para uso das escolas (1912)*. Dissertação (mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

_____. Mulheres d(a) *família* (1888–1891): breve visita às colaborações de Júlia cortinesa Júlia Lopes de Almeida. *X Seminário Internacional As Redes Educativas e as Tecnologias*.

Rio de Janeiro, de 01 a 04 de julho de 2019. p.1-12.

_____. Educação e instrução nos periódicos da corte: perspectivas em O Domingo (1873-1875), de Violante Atabalipa de Bivar e Vellasco. *Anais Eletrônicos do X Congresso Brasileiro de História da Educação – SBHE*. Belém do Pará – Universidade Federal do Pará – 02 a 05 de setembro de 2019. p.1779-1789.

PACHECO PINTO, Gabrielle Carla Mondêgo. PÁGINAS CURTAS (1929-1932) NA IMPRENSA: EXPERIÊNCIAS ALÉM-MAR DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA. *LETRAS EM REVISTA*, [S.l.], v. 11, n. 2, abr. 2021.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. A imprensa pedagógica como uma empresa educativa no século XIX. In: *Cadernos de Pesquisa*, n. 104, jul. 1998, p. 144-161.

Disponível em:

<<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/723/737>>. Acesso em 10 set 2020.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da Literatura Brasileira – prosa de ficção (1870-1920)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

_____. *História da Literatura Brasileira – prosa de ficção (1870-1920)*. São Paulo: EdUSP, 1988.

_____. *Ficção reunida*. Curitiba: Editora da UFPR, 2006.

PEREIRA, Renato Fagundes. Por uma nova leitura de Michelet no Brasil. *Antíteses*, vol. 11, núm. 22, pp. 849-851, 2018.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

PINTO, Adriana Aparecida. A imprensa e os intelectuais em Mato Grosso: espaços de

sociabilidades e circulação de ideias no final do século XIX. *Revista Tópicos Educacionais*, Pernambuco, v. 27, n. 02, p. 52-74, 2021.

PINTO, Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco. Mulheres e educação em debate: rupturas e permanências. In: TERRA, Jonas Defante; CRUZ, Ana Carolina Soares. (Orgs) *Anais do seminário virtual da mulher* [livro eletrônico]: educação, cultura e ciência-- 1. ed. -- Campos dos Goytacazes, RJ: Instituto Federal Fluminense, 2020.

_____. A mulher moderna em pássaro tonto (1934), de Júlia Lopes de Almeida. *Anais das Reuniões Regionais da ANPED. 14ª Reunião Regional da ANPED (Sudeste)*, 2020.

_____. A liberdade feminina assistida: a educação para mulheres na escola doméstica Dona Júlia (1946-1950). BRESSANIN, César Evangelista Fernandes; BALDINO, José Maria; ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães de (Orgs.). *Educação, História, Memória e Cultura em Debate - Volume IV: Educação e cultura em diferentes espaços sociais* [recurso eletrônico] (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

QUEIRÓZ, J. M. de. BRASIL E PORTUGAL: RELAÇÕES TRANSATLÂNTICAS E LITERÁRIAS NO SÉCULO XIX. *Polifonia*, [S. l.], v. 20, n. 28, 2014. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1674>. Acesso em: 22 abr. 2023.

REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

RAGO, Margareth. Escrever de novo a palavra mulher: recontando a história das lutas feministas. In: FERREIRA, Antonio Celso; BEZERRA, Holien Gonçalves; DE LUCA, Tânia Regina. *O historiador e seu tempo: encontros com a história*. São Paulo: Editora UNESP: ANPUH, 2008.

_____. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1908.

RODRIGUES, Andréa Gabriel Francelino. *Educar para o lar, educar para a vida: cultura escolar e modernidade educacional na Escola Doméstica de Natal (1914-1945)*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tese (Doutorado em Educação), 2006.

RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. *A dança das cadeiras: política e literatura na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*. Campinas: Ed. da Unicamp; Cecult, 2001.

RODRIGUES, Pamela Raiol; MAIA DE QUEIROZ, Juliana. UM RESGATE ENTRE AS PRIMEIRAS ESCRITORAS BRASILEIRAS: DÉLIA. *LETRAS EM REVISTA*, [S.l.], v. 11, n. 2, maio 2021.

ROMERO, Silvio. História da literatura brasileira. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1902.

RUFFATO, Luiz. Todos contra Júlia! *Cadeira 41 - 5º ciclo de conferências*. Academia Brasileira de Letras, 4 jun. 2017. Disponível em: <https://www.academia.org.br/eventos/todos->

[contra-julia](#). Acesso em 10 jan 2021.

ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e a educação de mulheres. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

SÁ, Elisabeth Figueiredo. Gustavo Fernando Kuhlmann: um bandeirante na cruzada da instrução (1910-1930). *Revista Educação Pública*, Cuiabá, v.18, n.38, p. 567-584 set./dez. 2009

SÁ, Daniel Serravalle. O romance gótico e as mulheres: questões de política sexual. *Itinerários*, Araraquara, n. 47, p. 13-23, jul./dez. 2018.

SALOMONI, Rosane Saint-Denis. *Sob o olhar do narrador: representações e discurso em A Silveirinha, de Júlia Lopes de Almeida*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

_____. *A escritora/os críticos/a escritura: o lugar de Júlia Lopes de Almeida na ficção brasileira*. (Tese Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2005.

_____. *Júlia Lopes de Almeida (1862-1934): resenha da pesquisa realizada no acervoda romancista no Rio de Janeiro*. Porto Alegre: Edição da Autora, 2007.

SAFIOTTI, Heleieth I.B. *A mulher na sociedade de classes*. 3ª ed. São Paulo: Expressão popular, 2013.

SANTOS, Liana Pereira Borba dos. *Mulheres e revistas: a dimensão educativa dos periódicos femininos Jornal das Moças, Querida e Vida Doméstica nos anos 1950'*. Dissertação (mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011, 170 f.

_____. *Infância e família em revista: Pais & Filhos(1968-1989) – 2018*. 399 f. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. SANTOS, Marina Pózes Pereira. *Literatura e Imprensa no Brasil de fins do século XIX*. Programa Nacional de Apoio à Pesquisa da Fundação Biblioteca Nacional. Fundação Biblioteca Nacional, 2012.

SANTOS, Ana Paula. Perspectivas do Gótico feminino em “O Caso de Ruth”, de Júlia Lopes de Almeida. In SILVA, Alexander Meireles da; BARROS, Fernando Monteiro de; FRANÇA, Júlio; COLUCCI, Luciana (Org.) *Estudos do Gótico*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2017.

SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SENNA, Homero. *República das Letras – 20 entrevistas com escritores*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica e editora, 1968.

SHARPE, Peggy. Construindo o caminho da nação através da obra de Júlia Lopes de Almeida e Adalzir Bittencourt. *Letras de Hoje*, v. 33, n. 3, 16 set. 1998.

SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Editora. Jorge Zahar, 2000.

SILVA, Francisca Júlia da. *Esphinges*. São Paulo: Bentley Junior e Comp., 1903.

_____. *Alma Infantil*. São Paulo: Editora Magalhães, 1912.

SILVA, Gabriella Moura da. “Grato mister que, quer queira quer não, é o de ser dona de casa: Educação das mulheres na Escola Doméstica Dona Júlia – Cuiabá-MT (19146-1949). Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2021.

SILVA, Giuslane Francisca da. *Evangelizar, educar, expandir e negociar: a Congregação das Irmãs Azuis na América Latina (1904-1939)*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

SILVA, Janaína Giroto. *Profusão de Luzes: os concertos nos clubes musicais e no Conservatório de Música do Império*. Programa Nacional de Apoio à Pesquisa Fundação Biblioteca Nacional – MinC. Rio de Janeiro, 2007.

SILVA, Márcia Cabral da. *Infância e Literatura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

_____.; PINTO, Mariane Sousa. Discursos em disputa sobre a Bibliotheca Infantil em O Paiz (1894-1899). *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 56, n. 47, p. 221-243, jan./mar.2018.

_____. "Histórias da nossa terra": sobre o projeto cívico de construção da nação brasileira por meio do impresso. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 20, n. 1, p. e128, 24 jul. 2020.

_____. "Histórias da nossa terra": sobre o projeto cívico de construção da nação brasileira por meio do impresso. In: LIMEIRA, Aline de Moraes; CLEMENTE, Edgleide; GONDRA, José. *Independência e Instrução no Brasil: História, Memória e Formação (1822-1972)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2022.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira (org). Dunga Rodrigues: Homenagem do IHGMT pelos 112 anos de seu nascimento. 1ª edição. Cuiabá-MT: Paruna Editorial, 2020, 180 p.

SIRINELLI, Jean –François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René. Por uma história política. Rio de Janeiro: Ed UFRJ/ Ed FGV, 1996.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Mauad, 1999.

SOIHET, Rachel. Violência Simbólica. Saberes Masculinos e Representações Femininas. *Revista Estudos feministas*, v. 5 n. 1 (1997).

SOUSA, Sandra Miria Figueredo. O jornal “O Matto-grosso”: considerações preliminares sobre a imprensa e a política cuiabana (1918-1930). Simpósio Nacional de História (31 : 2021 : Rio de Janeiro, RJ) *Anais do 31º Simpósio Nacional de História* [livro eletrônico] : história, verdade e tecnologia /organização Márcia Maria Menendes Motta. -- 1. ed. -- São Paulo : ANPUH-Brasil, 2021.

SOUZA, Crisóstomo de et al. *Os Anais: Revista mensal do Congresso Maranhense de Letras*. São Luís, MA: Imprensa Oficial do Maranhão, 1911.

SOUZA, Mariana Elena Pinheiro dos Santos. *O feminino, a formação identitária em As Três Marias, de Rachel de Queiroz (1939)*. Monografia – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

STANISLAVSKI, Constantin. A construção da personagem. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SUSSEKIND, Flora. Cinematógrafo de letas: literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

TASMERÃO, Aline Silveira. *Abra o seu coração": a dimensão educativa do correio sentimental de "Flan: o jornal da semana" (1953)*. Dissertação (mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

TELLES, Norma. *Encantações. Escritoras e Imaginação Literária no Brasil, de Norma Telles*. São Paulo: Intermeios, 2012.

TEIXEIRA, Maria Juliana Gambogi. História ao pé da letra: uma introdução à obra de Jules Michelet. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 29-44, out. 2011.

TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetim no Brasil: 1830 à atualidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1994.

TORRESÃO, Guiomar. Júlia Lopes de Almeida. *A Mensageira*. 16 de junho de 1899.

VELLOSO, Mônica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília Almeida Neves (orgs.). *O Brasil republicano: O tempo do liberalismo excludente*. v. 1. 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

VERÍSSIMO, José. *O movimento literário no Brasil em 1910*. Revista Americana, abril de 1911. Tomo VI – fascículo I.

_____. *Letras e literatos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

_____. *História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira, 1601, a Machado de Assis, 1908*. Brasília: Editora da UNB, 1963.

_____. *José Veríssimo: teoria crítica e história literária. Seleção e apresentação de João Alexandre Barbosa*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1977.

_____. *Estudos de literatura brasileira. 5ª serie*. Belo Horizonte: Itatiaia; São

Paulo:Edusp, 1977.

VIDAL, Diana Gonçalves. *Julia Lopes de Almeida e a educação brasileira no fim do século XIX: um estudo sobre o livro escolar Contos Infantis*. Revista Portuguesa de Educação, Portugal, v. 17, n.1, p. 29-45, 2004.

XAVIER, Elódia. Introdução. In: ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A Intrusa*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Dep. Nacional do Livro, 1994.

_____. Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Record. Rosa dos Tempos, 1998.

XAVIER, Libânea Nacif. Interfaces entre a história da educação e a história social e política dos intelectuais: conceitos, questões e apropriações. In GOMES, Angela Maria de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de Bia Nunes de Sousa; Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

_____. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2018.

_____. *A arte do romance*. Tradução de Denise Bottman. Porto Alegre: Editora L&PM Pocket, 2019.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Acadêmicos. Lúcio de Mendonça Biografia. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/lucio-de-mendonca/biografia>>. Acesso em 12 dez. 2020.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS - COELHO NETO – Perfil do Acadêmico. Disponível em: < <https://www.academia.org.br/academicos/coelho-neto>> Acesso em 02 jan. 2022.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. FILINTO DE ALMEIDA.. Acadêmicos/ABL. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/filinto-de-almeida/biografia>. Acesso em 21 já. 2021.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS – MACHADO DE ASSIS – Perfil do Acadêmico. Disponível em: < <https://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/bibliografia>> Acesso em 31 jan. 2022.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS – RAMIZ GALVÃO – Biografia. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/ramiz-galvao-barao-de-ramiz-galvao/biografia>> Acesso em: 07 abr. 2022.

ACADEMIA MARANHESE DE LETRAS – ANTONIO FRANCISCO LEAL LOBO – Biografia. Disponível em: < <http://www.academiamaranhense.org.br/2014/03/17/antonio-francisco-leal-lobo/>>. Acesso em 07 abr. 2022.

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS. Yasmin Jamil Nadaf. Disponível em: <<https://academiamtdeletras.com.br/yasmin-nadaf>>. Acesso em 12 dez. 2020.

ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS - ILDEFONSO SERRO AZUL (1888-1949). Disponível em: < <http://academiaparanaensedeletras.com.br/cadeira-8/cadeira-8-1o-ocupante/>> Acesso em 18 fev. 2022.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Acadêmicos - DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ. Discurso de posse. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/dinah-silveira-de-queiroz/discurso-de-posse>>. Acesso em 15 abr. 2022.

SÍTIOS CONSULTADOS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Acadêmicos - Membros. Disponível em < https://www.academia.org.br/academicos/membros?title=&field_cadeira_value=7&field_cadeira_posicao_value=atual> Acesso em 15 abr. 2022.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Acadêmicos - Raimundo Magalhães Júnior. Biografia. Disponível em < <https://www.academia.org.br/academicos/raimundo-magalhaes-junior/biografia>>. Acesso em 15 abr. 2022.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Estatutos da Academia Brasileira de Letras. Disponível em: < <https://www.academia.org.br/academia/estatuto>>. Acesso em 30 abr. 2023.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Notícias. Academia Brasileira de Letras revive o Club Beethoven. Disponível em: < <https://www.academia.org.br/noticias/academia-brasileira-de-lettras-revive-o-club-beethoven>> Acesso em 07 mai. 2022.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. ACADÊMICOS. Augusto de Lima. Biografia. Disponível em: < <https://www.academia.org.br/academicos/augusto-de-lima/biografia>>. Acesso em 07 mai. 2022.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. ACADÊMICOS. Coelho Neto. Biografia. Disponível em: < <https://www.academia.org.br/academicos/coelho-neto/biografia>>. Acesso em 07 mai. 2022.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Acadêmicos. José Veríssimo. Biografia. Disponível em: < <https://www.academia.org.br/academicos/jose-verissimo/biografia>> Acesso em 11 mai. 2022.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Acadêmicos. Dom Aquino Correia. Biografia. Disponível em: < <https://www.academia.org.br/academicos/aquino-correia-dom/biografia>>. Acesso em 03 abr. 2023.

“A MENSAGEIRA: REVISTA LITERÁRIA DEDICADA À MULHER BRAZILEIRA”. Disponível em: < <http://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/titulos-periodicos-literatura/a-mensageira-revista-literaria-dedicada-a-mulher-brazileira/>> Acesso em: 10 set.2020.

Arco triunfal mapa. Map of Paris. Disponível em: < <https://pt.map-of-paris.com/monumentos-mapas/arco-triunfal-mapa>>. Acesso em 19 de janeiro de 2021.

ARQUIPELAGO – PERSONALIDADES. ANTONIO CORREIA CALDEIRA COELHO. Disponível em: < <https://www.arquipelagos.pt/?s=antonio+caldeira>>. Acesso em 15 abr.2022.

BIBLIOTECA NACIONAL. Biblioteca Nacional homenageia escritoras no mês da mulher. *Notícias*. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2018/03/biblioteca-nacional-homenageia-escritoras-mes-mulher>. Acesso em 12 jan.2021.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei de 15 de outubro de 1827*. Manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LIM/LIM-15-10-1827.htm>. Acesso em 30 abr. 2023.

BRASIL. Decreto-Lei n. 4.244 de 09 de abril de 1942. Lei Orgânica do ensino secundário. Diário Oficial da União, 1942. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 29 abr.2023.

COLEÇÃO ESCRITORAS DO BRASIL. Biblioteca do Senado Federal. Disponível em: <<https://livraria.senado.leg.br/livros-historicos-e-literarios/escritoras-do-brasil>> Acesso em 24 jan 2022.

CÂMARA DOS DEPUTADOS – Agência Câmara de Notícias - Barão de Serro Azul pode tornar-se herói da Pátria. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/67078-barao-de-serro-azul-pode-tornar-se-heroi-da-patria/>> Acesso em 18 fev. 2022.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Legislação Informatizada - DECRETO Nº 21.731, DE 15 DE AGOSTO DE 1932 - Publicação Original. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decree/1930-1939/decreto-21731-15-agosto-1932-559899-publicacaooriginal-82350-pe.html> Acesso em 01 fev. 2023.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DO AMPARO. História. Disponível em: <<https://www.colegioamparo.com.br/institucional/historia>>. Acesso em 29 abr 2023. CPDOC. Verbete. Academia Brasileiras de Letras. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ACADEMIA%20BRASILEIRA%20DE%20LETRAS.pdf>> Acesso em 14 maio 2022.

CPDOC. Verbetes. Associação Brasileira de Imprensa. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-tematico/associacao-brasileira-de-imprensa-abi> Acesso em 15 mai 2022.

CPDOC. Verbetes Imigração.. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/1%20Verbetes%20letra%20I.pdf>>. Acesso em 22 jan. 2021.

CPDOC. Verbetes. Jornal do Commercio. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/JORNAL%20DO%20COM%20C%29RCIO.pdf>. Acesso em 23 jan.2021.

CPDOC. Verbetes JOÃO ANTÔNIO DE MORAIS. CPDOC-FGV. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MORAIS,%20Jos%C3%A9%20Ant%C3%B4nio%20de.pdf>>. Acesso em 24 jan 2022.

DICIONÁRIO DIGITAL INSÓLITO FICCIONAL. Ann Radcliffe. Disponível em: <<https://www.insolitoficcional.uerj.br/ann-radcliffe-ficcionalista/>> Acesso em 3 abr. 2023.

ENCICLOPÉDIA BRITANNICA. Mary Shelley. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Mary-Wollstonecraft-Shelley>>. Acesso em 03 abr. 2023.

Falece a professora aposentada Zahide Lupinacci Muzart. Portal eletrônico da Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<https://noticias.ufsc.br/2015/10/falece-a-professora-aposentada-zahide-lupinacci-muzart/>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

Gallica. BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/accueil/fr/content/accueil-fr?mode=desktop>>. Acesso em 22 jan. 2021.

Genuflexório. Dicionário Caldas Aulete Digital. Disponível: <<http://www.aulete.com.br/genuflex%C3%B3rio>>. Acesso 22 jan. 2021.

INFOPÉDIA. Filinto de Almeida. Dicionários Porto Editora (PT). Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$filinto-de-almeida](https://www.infopedia.pt/$filinto-de-almeida). Acesso em 21 jan. 2021.

Katalog. ZeitchriftenDatebank. Disponível em: <<https://zdb-katalog.de/index.xhtml>>. Acesso em 22 jan. 2021.

LOUSA, Teresa & BARREIRA, Cecília. Carolina Michaëlis. CHAM, 2019. Disponível em: <http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/ghispanicas/2019/05/08/carolina-michaelis/>. Acesso em 15 mai 2022.

LIBRARY OF CONGRESS. Rio Janeiro - Roosevelt at Club Dos Diarios with Dr. L. Muller. Disponível em: <<https://www.loc.gov/item/2014695330/>> Acesso em 19 fev.2022.

Lúcia Miguel Pereira. Dicionário de tradutores literários do Brasil / UFSC. Disponível em: <<https://dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/LuciaMiguelPereira.htm>>. Acesso em 10 jan 2021.

MULTIRIO. A Imprensa Régia. Disponível em <<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/estude/historia-do-brasil/rio-de-janeiro/52-o-rio-de-janeiro-como-a-capital-do-reino/2483-a-imprensa-regia>>. Acesso em 14 dez 2020.

José Maria da Silva Paranhos Júnior. Centro de História e Documentação Diplomática/ Fundação Alexandre Gusmão. Disponível em: <<http://www.funag.gov.br/chdd/index.php/personalidades-historicas?id=132>>. Acesso em 19 jan. 2021.

Moncorvo Filho (1933): referência nacional na proteção da criança. Sociedade Brasileira de Pediatria. Disponível em: <<https://www.sbp.com.br/pessoas/pessoa/peid/moncorvo-filho/>>. Acesso em 26 jan. 2021.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. História. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/conaes-comissao-nacional-de-avaliacao-da-educacao-superior/97-conhecaomec-1447013193/omec-1749236901/2-historia>>. Acesso em 05 mar. 2023.

Periódicos. Coleções da Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: <http://www.bnportugal.gov.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=100&Itemid=105&lang=pt>. Acesso em 22 jan 2021.

PORTAL DOMÍNIO PÚBLICO. O Dote. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2114>. Acesso em 19 jan.2021.

THE LADY'S MAGAZINE. Collection. **National Portrait Gallery**. Disponível em:

<https://www.npg.org.uk/collections/search/person/mp64662/the-ladys-magazine>. Acesso em 02 abr. 2023.

TRINITY UNIVERSITY. Arc de Triomphe de l'Etoile (Paris, France). Coates Library.

Disponível em:

<<https://cdm16264.contentdm.oclc.org/digital/collection/p16264coll5/id/156>>. Acesso em 18 de jan. 2021.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Direito. Diretor Spencer Vampré.

Disponível em: < <https://direito.usp.br/diretor/3428a044bfb5-spencer-vampre>> Acesso em 05 mai. 2022.

UNIVERSITY OF KENT. Encounters with the Orient in Early Modern European Scholarship (1580-1800). Clara Reeve. Disponível em: < <https://research.kent.ac.uk/encounters-with-the-orient/>>. Acesso em 03 abr. 2023.

PERIÓDICOS CONSULTADOS

A CRUZ (MT) – 1910 – 1969. Ano VII, ed. 1200307, 24 de dezembro de 1916.

A CRUZ (MT) – 1910 – 1969. Ano XXVII, ed. 1238, 14 de junho de 1936.

A CRUZ (MT) – 1910 – 1969. Ano XXVII, ed. 1246, 9 de agosto de 1936.

A CRUZ (MT) – 1910 – 1969. Ano XXVIII, ed.1288, 13 de junho de 1937.

A CRUZ (MT) – 1910 – 1969. Ano XXXVIII, ed. 1741, 24 de novembro de 1946.

A ÉPOCA (RJ) – 1912-1919. Ano VIII, n.2316, 20 de maio de 1918.

A EXPOSIÇÃO DE 1922 : Orgão da Comissão Organizadora (RJ) - 1922 a 1923. Ano I, setembro de 1922.

A FAMÍLIA: Jornal litterario dedicado à educação da mãe de família (SP-RJ) – 1888-1897. Ano I, n. 41, 07 de dezembro de 1889.

A GAZETA (SP) – 1914-1933. Ano XXVII, n. 7910, 14 de junho de 1926.

A IMPRENSA (RJ) - 1898 a 1914. Ano VIII, n.1393, 15 de outubro de 1911.

ALMANAQUE BRASILEIRO GARNIER (RJ) – 1903 – 1914. Ano I, n.1. 1903.

A NOITE (RJ) – 1911- 1964. Ano VIII, n.2300, 11 de maio de 1918.

A NOITE (RJ) – 1911- 1964. Ano IX, ed.2810, 08 de outubro de 1919.

A NOITE (RJ) – 1911- 1964. Ano XXXVIII, n.12931, 22 de julho de 1948.

A REPUBLICA: organ do Partido Republicano (PR) - 1888 a 1930. Ano XXXIII, n.178, 27 de julho de 1918.

A SEMANA – Volume I (RJ) – 1885-1895. Ano III, n.129, 18 de junho de 1887.

A SEMANA – Volume I (RJ) – 1885-1895. Ano IV, n.6, 9 de setembro de 1893.

A VIOLETA: organ do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano I, n. 1, 16 de dezembro de 1916.

A VIOLETA: organ do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano I, n. 3, 15 de janeiro de 1917.

A VIOLETA: organ do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano I, n.7, 23 de março de 1917.

A VIOLETA: organ do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano I, n.14, 19 de julho de 1917.

A VIOLETA: organ do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano II, n.32, 15 de maio de 1918.

A VIOLETA: organ do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano III, n.44, 20 de janeiro de 1919.

A VIOLETA: organ do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano V, n. 65, 19 de março de 1920.

A VIOLETA: organ do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano V, n. 66, 24 de abril de 1920.

A VIOLETA: organ do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano V, n.68, 29 de junho de 1920.

A VIOLETA: organ do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano V, n.67, 20 de maio de 1920.

A VIOLETA: organ do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano V, n.71, 16 de setembro de 1920.

A VIOLETA: organ do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano V, n.76, 25 de dezembro de 1920.

A VIOLETA: organ do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano V, n.82, 18 de junho de 1921.

A VIOLETA: organ do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano VI, n.97, 7 de setembro de 1922.

A VIOLETA: organ do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano VI, n. 102, 27 de fevereiro de 1923.

A VIOLETA: organ do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano VI, n. 103, 27 de março de 1923.

A VIOLETA: organ do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano VI, n.109, 24 de setembro de 1923.

A VIOLETA: organ do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano VIII, n.112, 25 de dezembro de 1923.

A VIOLETA: organ do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano VIII, n.113, 30 de janeiro de 1924.

A VIOLETA: organ do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano VIII, n. 126, 25 de julho de 1925.

A VIOLETA: organo do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano VIII, n.128, 30 de maio de 1925.

A VIOLETA: organo do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano X, n.138, 25 de julho de 1926.

A VIOLETA: organo do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano VIX, n.140, 24 de setembro de 1926.

A VIOLETA: organo do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XI, n.145, 31 de março de 1927.

A VIOLETA: organo do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XIII, n.162, 25 de dezembro de 1928.

A VIOLETA: organo do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XIII, n.164, 28 de fevereiro de 1920.

A VIOLETA: organo do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XIX, n.173, 25 de dezembro de 1929.

A VIOLETA: organo do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XIV, n.176, 30 de março de 1930.

A VIOLETA: organo do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XIV, n.177, 30 de abril de 1930.

A VIOLETA: organo do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XIV, n.181, 31 de agosto de 1930.

A VIOLETA: organo do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XIV, n.182, 24 de setembro de 1930.

A VIOLETA: organo do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XV, ed. 184, 25 de dezembro de 1930.

A VIOLETA: organo do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XV, n.189-190, 31 de julho de 1931.

A VIOLETA: organo do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XV, n.191-192, 24 de setembro de 1931.

A VIOLETA: organo do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XVII, n.209, 24 de setembro de 1933.

A VIOLETA: organo do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XVIII, n. 217, 31 de maio de 1934.

A VIOLETA: organo do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XVIII, n.218, outubro de

1934.

A VIOLETA: orgam do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XXII, n.236-237, 31 de dezembro de 1937.

A VIOLETA: orgam do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XXII, n.238-239, 30 de abril de 1938.

A VIOLETA: orgam do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XXIV, ed. 274, 31 de março de 1941.

A VIOLETA: orgam do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XXIII, ed. 254, 31 de julho de 1939.

A VIOLETA: orgam do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XXVI, 30 de outubro de 1943.

A VIOLETA: orgam do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XXVII, n.313, 31 de outubro de 1944.

A VIOLETA: orgam do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XXVII, n.337, 30 de novembro de 1946.

A VIOLETA: orgam do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XXVII, n.342, 07 de setembro de 1947.

BEIRA-MAR: Copacabana, Ipanema e Leme. 1922-1955. Ano X, n.333, 25 de agosto de 1932.

BRASIL-FEMININO (RJ) – 1932 - ?. Ano I, n. 1, fevereiro de 1932.

CARETA (RJ) – 1909- 1964. Ano V, n.227, 5 de outubro de 1912.

CARETA (RJ) – 1909- 1964. Ano VII, n.319, 01 de agosto de 1914.

CARETA (RJ) – 1909- 1964. Ano IX, n.429, 05 de agosto de 1916.

CARETA (RJ) – 1909- 1964. Ano XIV, n.661, 19 de fevereiro de 1921.

CHÁCARAS E QUINTAES (SP) – 1921-1931. Ano XXVIII, n. 2, 15 de agosto de 1923.

COMMERCIO DE PORTUGAL (PT) – 1879-1897. Ano IX, n.2476, 14 de outubro de 1887.

CORREIO DA MANHÃ (RJ) – 1950-1959. Ano LV, n.19.359, 10 de junho de 1956.

CORREIO DA MANHÃ (RJ) – 1950-1950. Ano XXVI, n.301, 30 de outubro de 1943.

CORREIO PAULISTANO (SP). Ano XXX, n.8100, 17 de agosto de 1883.

CORREIO PAULISTANO (SP). Ano XXX, n.8100, 18 de agosto de 1883.

CORREIO PAULISTANO (SP). Ano XXX, n.8100, 21 de agosto de 1883.

DIÁRIO DA MANHÃ: órgão do Partido Construtor (ES) – 1908-1937 – Ano VI, n.127, 13 de maio de 1912.

DIÁRIO DA MANHÃ: órgão do Partido Construtor (ES) – 1908-1937 – Ano VI, n.127, 12 de maio de 1912.

DIÁRIO DE CUIABÁ (MT) – ed. 11471, Ilustrado, 19 e 20 de março de 2006.

DIÁRIO DO MARANHÃO (MA) – 1855-1911. Ano XL, n. 10873, 2 de outubro de 1909.

DIÁRIO DO MARANHÃO (MA) – 1855-1911. Ano XLI, n.10993, 23 de fevereiro de 1910.

DER KOMPASS (BRA-ALE) – N.78, 12 de julho de 1926.

DEUTSCH-BRASILIANISCHE ILLUSTRIERTE = ILLUSTRACÃO ALEMÃ-BRASILEIRA: organ der annäherungbrasilien. (Hamburg/ALE). 1926-1929.

FOLHA DE MATO GROSSO (MT) – 19 de março de 2006.

FON FON: Semanário alegre, político, crítico e espusante (RJ) – 1907-1958. Ano VI, n.24, 15 de junho de 1912.

FON FON: Semanário alegre, político, crítico e espusante (RJ) – 1907-1958. Ano VI, n.37, 14 de setembro de 1912.

FON FON: Semanário alegre, político, crítico e espusante (RJ) – 1907-1958. Ano VI, n.40, 5 de outubro de 1912.

FON FON: Semanário alegre, político, crítico e espusante (RJ) – 1907-1958. Ano VIII, n.11, 14 de março de 1914.

FON FON: Semanário alegre, político, crítico e espusante (RJ) – 1907-1958. Ano XIV, n. 30, 24 de julho de 1920.

GAZETA DE NOTICIAS (RJ) - 1875 – 1956. Ano XLI, n.259, 16 de setembro de 1916.

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA (FRA) - 1901 a 1958. Ano II, n.20, 15 de março de 1910.

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA (FRA) - 1901 a 1958. Ano III, n.41, 01 de fevereiro de 1911.

JORNAL DO BRASIL (RJ) – Ano XLV, n. 129, 31 de maio de 1935.

JORNAL DO BRASIL (RJ) – Ano XLVIII, n. 160, 12 de julho de 1938.

JORNAL DO COMMERCIO (MT) - 1923 a 1949. Ano 7, ed. 416, 01 de janeiro de 1928.

JORNAL DO COMMÉRCIO (RJ) - Ano 87, n. 118, 29 de abril de 1913.

JORNAL DO COMMÉRCIO (RJ) - Ano 89, n. 17, 17 de janeiro de 1915.

JORNAL DO COMMÉRCIO (RJ) - Ano 89, n.267, 24 de setembro de 1915.

JORNAL DO COMMÉRCIO (RJ) - Ano 103, n.177, 26 de julho de 1930.

JORNAL DO COMMÉRCIO (RJ) - Ano 104, n.147, 21 de junho de 1931.

JORNAL DO COMMÉRCIO (RJ) - Ano 108, n.205, 31 de maio de 1935.

LE RENAISSANCE: Politique, Littéraire et Artistique (FRA) – Ano X, n.8, 21 de fevereiro de 1914.

MASCARA (RS) – 1918-1928. Ano I, n.14, 11 de maio de 1918.

MASCARA (RS) – 1918-1928. Ano II, n. 43, 6 de dezembro de 1919.

O ESTADO DE SÃO PAULO (SP). Ano XXXVI, n.11413, 12 de março de 1910.

O EXEMPLO (RS) – 1894-1919. Ano III, n.21, 2 de junho de 1918.

O MALHO (RJ) – 1902 -1953. Ano I, n.14, 20 de dezembro de 1902.

O MALHO (RJ) – 1902 -1953. Ano XVII, n. 800, 12 de janeiro de 1918.

O MALHO (RJ) – 1902 -1953. Ano XVIII, n.898, 29 de novembro de 1919.

O MATTO-GROSSO (MT) – 1890-1937. Ano XXVIII, n.1374, 24 de dezembro de 1916.

MÁCARA (RS) – 1918-1928. Jornal da Semana: últimas informações ilustradas. ano II, n.43, 6 dez. 1919.

O SÉCULO (RJ) – 1906-1916. Ano VII, n.1927, 11 de novembro de 1912.

O PAIZ (RJ) – 1884 -1930. Ano XXII, n.7843, 25 de março de 1906.

O PAIZ (RJ) – 1884 -1930. Ano XXVI, n.9377, 08 de junho de 1910.

O PAIZ (RJ) – 1884 -1930. Ano XXVI, n.9453, 23 de agosto de 1910.

O PAIZ (RJ) – 1884 -1930. Ano XXXVIII, n.17463, 19 de março de 1912.

O PAIZ (RJ) – 1884 -1930. Ano XXXVII, n. 13.429, 27 de julho de 1921.

O PAIZ (RJ) – 1884 -1930. Ano XXXVII, n. 13.429, 27 de julho de 1921.

O PAIZ (RJ) – 1884 -1930. Ano XXXVIII, n.13937, 17 de dezembro de 1922.

REVISTA AMERICANA (RJ) – 1909- 1918. Ano III, n.5-6, maio-junho de 1912.

REVISTA BRASIL-PORTUGAL (PT) -1841-1912. Ano 1, n.29, 01 de abril de 1900.

REVISTA DA SEMANA (RJ) – XIII, n.630, 08 de junho de 1912.

REVISTA DA SEMANA (RJ) – Ano XIX, n.6, 16 de março de 1918.

REVISTA DA SEMANA (RJ) – Ano XV, n.50, 23 de janeiro de 1915.

REVISTA DA SEMANA (RJ) – Ano XVII, n.31, 9 de setembro de 1916.

REVISTA DA SEMANA (RJ) – Ano XVII, n.38, 28 de outubro de 1916.

REVISTA DA SEMANA (RJ) – Ano XVIII, n.42, 24 de novembro de 1917.

REVISTA DA SEMANA (RJ) – Ano XII, n. 24, 11 de junho de 1921.

REVISTA DA SEMANA (RJ) – Ano XIX, n.43, 13 de outubro de 1928.

REVISTA FEMININA (SP) 1914 -1935. Ano VII, n.75, agosto de 1920.

REVISTA MUNICIPAL(PT). Ano XIV, n.º 56, 1º trimestre de 1953.

REVISTA SEARA NOVA (PT). N.º 173, 8 de agosto de 1929.

REVISTA SEARA NOVA (PT). N.º 212, 03 de julho de 1930.

SERÕES: revista mensal ilustrada (PT) -1901-1911. Série II, vol 2, n.9, março de 1906.

WALKYRIAS (RJ) - 1934 a 1960. Ano IV, n. 36, julho de 1937.

APÊNDICE A – Pesquisas no Banco de Teses e Dissertações da CAPES (BDTD – CAPES)

Quadro 24 - Consulta a trabalhos com a chave “*A Violeta*”

(continua)

	Ano	Título	Autor	Área	Local	Tema
1.	1993	Sob o signo de uma flor: estudo da revista "a violeta", publicação do gremio literario "julia lopes" - 1916 a 1950	Yasmin Jamil Nadaf	Letras	UNESP	Operação historiográfica na revista
2.	1996	Mulheres cuiabanas na primeira república'	Elizabeth Lannes Bernardes	Educação	UFMT	Papel da mulher
3.	2002	As Moças-Flores e a Modernidade: uma análise sobre a viagem das idéias no Brasil da Primeira República, 1916-1930'	Giselle de Almeida Costa	História	UFF	Modernidade e vida intelectual da mulher
4.	2003	A nação em "A violeta": uma pedagogia do imaginário'	Maria Inês Parolin Almeida	Literatura	UNICAMP	Nacionalismo e Educação feminina
5.	2003	Uma mulher educada educa cem homens: a revista "A Violeta" e a educação feminina durante o período estadonovista, em Cuiabá	Gisleine Crepaldi Silva	Educação	UFMT	Educação feminina
6.	2007	Imagens femininas nos jornais mato-grossenses (1937-1945)	Carlos Alexandre Barros Trubiliano	História	UFGD	Representações femininas
7.	2007	Revista A Violeta: um estudo de mídia impressa e gênero	Otávio Bandeira de Lamônica Freire	Comunicação	UNIP	Emancipação feminina
8.	2013	As representações da infância na mídia impressa em mato grosso nos anos de 1930 a 1945: o tripé família, educação e saúde	Ozeas de Oliveira	Educação	UFMT	Infância
9.	2014	Factos e cousas nas crônicas da revista mato-grossense A Violeta (1916-1937)	Lais Dias Souza da Costa	História	UFMT	Feminismo
10.	2016	Revista A Violeta: a verbo-visualidade e o entrecruzamento de vozes'	Eliete Hugueney de Figueiredo Costa	Linguística	PUC/SP	Enunciados em <i>A Violeta</i>
11.	2017	Em busca do tempo perdido – modernidade e tradição em Cuiabá, Mato grosso na década de 1940	Iza Debohra Godoi Sepulveda	História	UFMT	Modernidade
12.	2018	Federação Mattogrossense pelo Progresso Feminino”: Mulheres e emancipação nas três primeiras décadas do Século XX em Cuiabá-MT	Nailza Da Costa Barbosa Gomes	História	UFMT	Emancipação feminina

Quadro 24 - Consulta a trabalhos com a chave “*A Violeta*”(conclusão)

	Ano	Título	Autor	Área	Local	Tema
13.	2018	Páginas que escrevem o cotidiano: um olhar sobre a presença da literatura na revista <i>A Violeta</i> (1917-1920)	Agna Correa Britis Baldissarelli	Literatura	UNEMAT	Literatura na revista
14.	2021	Grato mister que, quer queiram quer não, é o de ser dona de casa”: educação das mulheres na Escola Doméstica Dona Júlia – Cuiabá-MT (1946-1949)	Gabriela Moura da Silva	Educação	UFMT	Escola Doméstica “Dona Júlia”

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Quadro 25 - Consulta a trabalhos realizados com a chave “Júlia Lopes de Almeida”

(continua)

	Ano	Título	Autor	Área	Local	Tema
1.	1987	Encantações: escritoras e imaginação literária	Norma Telles	Ciências Sociais	PUC-SP	Escrita Feminina
2.	1995	As mulheres de bronze	Mariana Pereira Nunes Varzea	História	PUC-RJ	Intelectualidade feminina
3.	1997	Em busca de novos papéis: imagens da mulher leitora no Brasil (1890-1920)	Barbara Heller	Literatura	UNICAMP	Representações femininas
4.	1998	A Condição feminina em Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin	Nadilza Martins De Barros Moreira	Letras	UNESP	Representações Femininas
5.	1998	Temas da ficção pré-modernista: remexendo as gavetas	Andréa Angel de Moraes Domingues	Letras	UFRJ	Escrita feminina; pré-modernismo
6.	1999	O olhar visionário e o olhar conservador: a crítica social nos romances de Júlia Lopes de Almeida	Érica Schlude Ribeiro	Letras	UFRJ	Crítica Social Nos Romances De Júlia Lopes
7.	1999	"A Mensageira": uma revista de mulheres escritoras na modernização brasileira.'	Leonora de Luca	Sociologia	UNICAMP	Periódicos
8.	2000	Sob o olhar do narrador: Representações discurso em "A Silveirinha (Crônica de um Verão)", de Júlia Lopes De Almeida	Rosane Saint-denis Salomoni	Letras	UFRS	Bibliografia - A Silveirinha
9.	2000	Mulheres e Literatura na revista “A Mensageira”	Elaine Cuencas Santos	Letras	USP	Periódicos
10.	2002	O livro escolar como dispositivo: uma análise da obra Contos Infantis	Antônio Celso Mafra Júnior	Educação	UDESC	Bibliografia - Contos infantis

Quadro 25 - Consulta a trabalhos realizados com a chave “Júlia Lopes de Almeida”

(continuação)

	Ano	Título	Autor	Área	Local	Tema
11.	2003	Do Privado ao Público - Júlia Lopes e a educação da mulher'	Jean De Araújo Pereira Vieira	Literatura	UNB	Educação Feminina
12.	2003	A Representação da mulher na literatura para crianças: um estudo de obras de Júlia Lopes, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga Nunes e Marina Colasanti	Luciana Faria Le-Roy	Letras	UFRJ	Representações femininas
13.	2004	“Amazonas do Pensamento”: A Gênese de uma intelectualidade feminina no Brasil	Leonora de Luca	Ciências Sociais	UNICAMP	Intelectualidade feminina
14.	2005	Coisa de pele: relações de gênero, literatura e mestiçagem (Rio de Janeiro. 1888-1910)	Giovana Xavier da Conceição Côrtes	História	UFF	Gênero, literatura e mestiçagem
15.	2005	A Mensageira de vozes que ecoam até o presente: lugares de fala de/para mulheres, em fins do séc. XIX'	Paloma Pinheiro Sanches	História	UNB	Periódicos
16.	2005	A escritora/Os críticos/A escritura: o lugar de Júlia Lopes de Almeida na ficção brasileira'	Rosane Saint-Denis Salomoni	Letras	UFRGS	Escrita feminina de Júlia Lopes de Almeida
17.	2005	Concurso Escola Referência/SC: Estudo sobre uma ação em busca de uma gestão democrática e participativa como qualidade pedagógica	Manoel José Fonseca Rocha	Educação	FURB	Cultura escolar
18.	2006	Júlia Lopes De Almeida: O Adultério Feminino Em A Falência	Viviane Arena Figueiredo	Letras	UFRJ	Bibliografia - A Falência
19.	2006	Julia Lopes de Almeida: uma personalidade ambígua na virada do século XIX para o XX	Mirella De Abreu Fontes	História	UFF	Júlia Lopes no âmbito social
20.	2008	A escritura de resistência em Júlia Lopes de Almeida, A Viúva Simões.	Romair Alves de Oliveira	Letras	UFPB	Escrita Feminina
21.	2009	Fardos e Fardões – Mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003)	Michele Asmar Fanini	Sociologia	USP	Intelectualidade feminina
22.	2010	Escrita e experiência na obra de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934)	Jussara Parada Amed	História	USP	Escrita Feminina

Quadro 25 - Consulta a trabalhos realizados com a chave “Júlia Lopes de Almeida”

(continuação)

	Ano	Título	Autor	Área	Local	Tema
23.	2010	A Representação Feminina nas obras de Aluísio Azevedo e Júlia Lopes de Almeida - O Ethos dos autores pelos enunciadores'	Giane Taeko Mori Rodella	Linguística	USP	Representações Femininas
24.	2010	Palestrando de Minas Gerais: a produção periodística de Elisa Lemos e Maria Emília Lemos	Mirian Cristina dos Santos	Literatura	UFSJ	Periódicos
25.	2010	Os Nacionalismos nos livros de leitura da Primeira República (1889-1930)	Karla Goularte da Silva	Educação	UNESC	Nacionalismo na Primeira República
26.	2011	Correio da roça: um projeto de emancipação feminina de Júlia Lopes de Almeida	Joice Pompéia Ribeiro	Literatura	UFSJ	Bibliografia - Correio Da Roça
27.	2011	Conselho às minhas amigas: os manuais de ciências domésticas de Júlia Lopes de Almeida (1896 e 1906).	Deivid Aparecido Costruba	História	UNESP	Bibliografia - Manuais
28.	2011	Variações sobre o mesmo tema: a relação mãe e filha no imaginário das escritoras	Joselia Rocha dos Santos	Letras	UFRJ	Maternidade
29.	2011	O Fantástico Feminino nos contos de três escritoras brasileiras'	Francisco Vicente De Paula Júnior	Letras	UFPB	Escrita feminina
30.	2012	Memórias de Marta: Júlia Lopes de Almeida, ficção e educação no romance'	Samantha Valério Parente Souza	História	PUC-RJ	Bibliografia - Memórias de Marta
31.	2012	Nas malhas da História, nas entrelinhas da Literatura: entre invenções e inversões da condição feminina em Memórias de Marta'	Alex dos Santos Guimarães	Literatura	UFSJ	Bibliografia - Memórias de Marta
32.	2012	O avesso do tesouro: notas sobre a negociação da infância em torno dos livros de Monteiro Lobato	Goshai Daian Loureiro	História	PUC-RJ	Infância
33.	2013	As representações de infância na mídia em Mato Grosso nos de 1930 a 1945: o tripé família, educação e saúde	Ozeas de Oliveira	Educação	UFMT	Representações de infância

34.	2013	Revista Feminina (1915 – 1936): tensão entre tradição e modernidade	Juliana Cristina Bonilha	Letras	UNESP	Periódicos
-----	------	---	--------------------------	--------	-------	------------

Quadro 25 - Consulta a trabalhos realizados com a chave “Júlia Lopes de Almeida”

(continuação)

	Ano	Título	Autor	Área	Local	Tema
35.	2014	Resgatando a memória literária: uma edição crítica de Ânsia Eterna de Júlia Lopes de Almeida	Viviane Arena Figueiredo	Literatura	UFF	Bibliografia - Ânsia Eterna
36.	2014	A condição feminina nas obras de Júlia Lopes de Almeida publicadas de 1889 a 1914	Cristiane Viana da Silva Fronza	Letras	UESPI	Representações Femininas
37.	2015	Júlia Lopes de Almeida e sua trajetória de consagração em 'O País'	Nahete De Alcantara Silva	Letras	UFPB	Periódicos - O País
38.	2015	O espaço ficcional em narrativas de Júlia Lopes de Almeida: A Viúva Simões e A Falência	Cinara Leite Guimarães	Letras	UFPB	Bibliografia - A Viúva Simões E A Falência
39.	2016	As diversas formas de trabalho no folhetim "A Família Medeiros" de Júlia Lopes de Almeida	Ligia Cristina Machado	Literatura	UNICAMP	Bibliografia - A Família Medeiros
40.	2016	O século XIX do Português ao Espanhol: A Viúva Simões, de Júlia Lopes de Almeida, traduzida E Comentada	Sabrina Duque Villafane Santos	Tradução	UNB	Bibliografia - A Viúva Simões
41.	2016	Memória e Imagem na Escrita De Julia Lopes De Almeida: Cenários E Retornos'	Elenita Conegero Pastor Manchope	Letras	UNIOESTE-PR	Escrita Feminina
42.	2016	Júlia Lopes de Almeida nos Periódicos "A Província do Pará" (1890) E "Diário De Notícias" (1887-1895)'	Denise Araujo Lobato	Letras	UFPA	Periódicos
43.	2016	Um caleidoscópio em movimento: representações da professora no romance contemporâneo de autoria feminina	Joyce Luciane Correia Muzy	Letras	UEM	Magistério feminino
44.	2017	Para além do sufrágio: a contribuição de Júlia Lopes de Almeida à História do feminismo no Brasil (1892-1934)'	Deivid Aparecido Costruba	História	UNESP	Feminismo
45.	2017	O gótico feminino na Literatura Brasileira: um estudo de Ânsia Eterna,	Ana Paula Araujo dos Santos	Letras	UERJ	Bibliografia - Ânsia Eterna

		de Júlia Lopes de Almeida				
46.	2017	Entre o fim do século XIX e o início do século XX: a luta pelo divórcio e as escritoras brasileiras	Marlene Rodrigues Brandolt	Literatura	UFSC	Escrita feminina sobre o divórcio

Quadro 25 - Consulta a trabalhos realizados com a chave “Júlia Lopes de Almeida”

(conclusão)

	Ano	Título	Autor	Área	Local	Tema
47.	2017	A representação da viuvez feminina em A Viúva Simões e Culpados'	Elison Vieira de Lima	Letras	UERN	Bibliografia - A Viúva Simões
48.	2017	Entre o altar e a fogueira: as relações de gênero na censura católica dos romances (1907-1924)	Fernanda Cassia dos Santos	História	UFPR	Gênero e catolicismo
49.	2018	Mulher, colonização e descolonização em contos de Júlia Lopes de Almeida	Jessica Mara Bergonzini da Silva	Letras	UNIR	Bibliografia – Ânãia Eterna
50.	2018	Emancipação feminina e os conflitos de classes sociais em Memórias de Marta, de Júlia Lopes de Almeida	Elenara Walter Quinhones	Letras	UFMS	Bibliografia – Memórias de Marta
51.	2018	O desejo e suas representações nas personagens femininas de Júlia Lopes de Almeida	Tatiana Czornababy Manica	Ciências da Linguagem	UNISUL	Representações femininas
52.	2020	A escrita feminista de Júlia Lopes de Almeida	Gabriela Simonetti Trevisan	História	UNICAMP	Feminismo em Júlia Lopes de Almeida
53.	2022	Escritoras abolicionistas no Brasil-Império: Maria Firmina dos Reis e Júlia Lopes de Almeida na luta contra a escravidão	Rafael Balseiro Zin	Ciências Sociais	PUC-SP	Bibliografia – A família Medeiros

APÊNDICE B – Edições localizadas de *A Violeta* nos acervos disponíveis para consulta –
FBN, APMT e AYN

Quadro 26 – edições disponíveis década de 1926

(continua)

Edição	Ano	Localização
63	1920	n/d
64	1920	AYN
65	1920	AYN
66	1920	AYN
67	1920	AYN
68	1920	AYN
69	1920	AYN
70	1920	AYN
71	1920	AYN
72	1920	AYN
73	1920	AYN
74	1920	AYN
75	1920	AYN
76	1920	AYN
77	1921	n. d.
78	1921	n. d.
79	1921	n. d.
80	1921	AYN
81	1921	n. d.
82	1921	FBN
83	1921	n. d.
84	1921	n. d.
85	1921	n. d.
86	1921	n. d.
87	1921	n. d.
88	1921	n. d.
89	1922	n. d.
90	1922	n. d.
91	1922	n. d.
92	1922	n. d.
93	1922	n. d.
94	1922	n. d.
95	1922	n. d.
96	1922	n. d.

Quadro 26 – edições disponíveis década de 1926

(continuação)

Edição	Ano	Localização
97	1922	FBN
98	1922	n. d.
99	1922	n. d.
100	1922	n. d.
101	1923	n. d.
102	1923	FBN
103	1923	FBN
104	1923	n. d.
105	1923	n. d.
106/107	1923	n. d.
108	1923	n. d.
109a	1923	APMT
109b	1923	n. d.
110	1923	n. d.
111	1923	n. d.
112	1923	FBN
113	1924	FBN
114	1924	n. d.
115	1924	n. d.
116	1924	n. d.
117	1924	n. d.
118	1924	n. d.
119	1924	n. d.
120	1924	n. d.
121	1925	FBN
122	1925	FBN
123	1925	FBN
124	1925	FBN
125	1925	FBN
126	1925	FBN
127	1925	FBN
128	1925	FBN
129	1925	FBN
130	1925	FBN
131	1925	FBN
132	1926	FBN
133	1926	FBN
134	1926	FBN
135	1926	FBN

Quadro 26 – edições disponíveis década de 1926

(conclusão)

Edição	Ano	Localização
136	1926	FBN
137	1926	FBN
138	1926	FBN
139	1926	FBN
140	1926	FBN
141	1926	FBN
142	1926	FBN
143	1927	FBN
144	1927	FBN
145	1927	FBN
146	1927	FBN
147	1927	FBN
148	1927	FBN
149	1927	FBN
150	1927	FBN
151	1927	FBN
152	1927	FBN
153	1928	n. d.
154	1928	n. d.
155	1928	AYN
156	1928	n. d.
157	1928	n. d.
158	1928	n. d.
159	1928	n. d.
160	1928	n. d.
161	1928	n. d.
162	1928	AYN
163	1929	FBN
164	1929	FBN
165	1929	FBN
166	1929	FBN
167	1929	FBN
168	1929	FBN
169	1929	FBN
170	1929	FBN
171	1929	FBN
172	1929	FBN
173	1929	FBN

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Quadro 27 – edições disponíveis década de 1930

(continua)

Edição	Ano	Localização
174	1930	FBN
175	1930	FBN
176	1930	FBN
177	1930	FBN
178	1930	FBN
179	1930	FBN
180	1930	FBN
181	1930	FBN
182	1930	FBN
183	1930	FBN
184	1930	n. d.
185	1931	n. d.
186	1931	FBN
187	1931	FBN
188	1931	n. d.
189/190	1931	APMT
191/192	1931	n. d.
193	1931	FBN
194	1931	FBN
195	1932	FBN
196	1932	FBN
197	1932	FBN
198	1932	FBN
199	1932	FBN
200	1932	APMT
201	1932	FBN
202	1932	AYN
203	1933	AYN
204	1933	FBN
205	1933	FBN
206	1933	FBN
207	1933	AYN
208	1933	n. d.
209	1933	FBN
210	1933	FBN
211	1933	FBN
212	1933	AYN
213	1934	FBN

Quadro 27 – edições disponíveis década de 1930

(conclusão)

Edição	Ano	Localização
214	1934	FBN
215/216	1934	FBN
217	1934	FBN
218	1934	AYN
219	1934	FBN

Fonte: elaborado pela autora (2023).

APÊNDICE³³⁹ C – Incidências do nome de Júlia Lopes de Almeida, sua família e suas obras divididas por assunto, entre os anos de 1916 e 1950

1) Cartas

Quadro 28 - Cartas de Júlia Lopes de Almeida à redação de *A Violeta*

Ano	Edição	Disponível	Localização
1917	7	sim	AYN
1917	14	sim	AYN
1917	21	sim	AYN
1918	43a	não	
1919	45	sim	FBN – há apenas 2 páginas. Não há acesso à carta
1920	68	sim	AYN
1920	74	sim	AYN
1921	86	não	
1922	100	não	
1930	176	sim	FBN
1931	185	não	
1932	202	sim	AYN
1933	209	sim	FBN
Total : 12			

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Quadro 29 - Cartas de familiares de Júlia Lopes de Almeida – Margarida Lopes de Almeida

Ano	Edição	Disponível	Localização
1938	238,239	238	FBN
1939	253	não	
Total: 2			

Fonte: elaborado pela autora (2023).

³³⁹ Este apêndice foi elaborado com base em Nadaf (1993) e no acervo disponível – a Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional; o acervo digital do Arquivo Público de Mato Grosso e o Arquivo pessoal da Professora Yasmin Nadaf. Sob este aspecto, busca-se a relação entre o nome de Júlia Lopes de Almeida e os acervos.

2) Textos críticos à vida e obra de Júlia Lopes de Almeida

Quadro 30 – Fortuna crítica de Júlia Lopes em *A Violeta*

Ano	Edição	Disponível	Localização
1920	71	sim	AYN
1931	189-190	sim	APMT
1931	191-192	sim	AYN
1934	217	sim	FBN
1934	218	sim	AYN
1938	245	sim	FBN
1944	313	sim	FBN
1939	256	sim	FBN
Total: 8			

Fonte: elaborado pela autora (2023)

3) Textos que tratam a Educação feminina

Quadro 31 – Educação feminina por Júlia Lopes de Almeida em *A Violeta*

Ano	Edição	Disponível	Localização
1940	268	não	
1946	335	sim	FBN
1949	347	sim	FBN
Total: 3			

Fonte: elaborado pela autora (2023).

4) Ilustrações

Quadro 32 - Ilustrações de Júlia Lopes de Almeida

Ano	Edição	Disponível	Localização
1917	25a	sim	AYN
1918	43b	sim	AYN
1919	57	não	
1925 ³⁴⁰	128	sim	FBN
1926 ³⁴¹	140	sim	FBN
1928	162	sim	AYN
1929	173	sim	FBN
1930	182	sim	FBN
1931	191	sim	AYN
1933	209	sim	FBN
1934	217	sim	FBN
1939	256	sim	FBN
1941	280	não	
1942	287	não	
1942	292	não	
1943	296	sim	FBN
1943	300	não	
Total: 17			

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Quadro 33 - Ilustrações da família – Margarida e Filinto de Almeida

Ano	Edição	Disponível	Localização
1938	239	sim	FBN
1942	290-291 ³⁴²	não	
1943	300	não	
1943	301	sim	FBN
1943	302 ³⁴³	sim	FBN
1944	307	sim	FBN
Total: 7			

Fonte: elaborado pela autora (2023).

³⁴⁰ Contém ainda texto laudatório em ocasião do aniversário de Júlia Lopes.

³⁴¹ Contém ainda texto felicitando aniversário de Júlia Lopes.

³⁴² Foto de Júlia Lopes e Filinto de Almeida

³⁴³ Foto de Júlia Lopes e Filinto de Almeida

5) Outras temáticas - textos produzidos por Júlia Lopes de Almeida

Quadro 34 – temas variados assinados por Júlia Lopes de Almeida

Ano	Edição	Disponível	Tema
1919	51	não	Arborização de estradas
1919	51	não	A vida
1943	300	não	Estudo da música
Total: 3			

Fonte: elaborado pela autora (2023).

6) Para a mulher: sábios conselhos

Quadro 35 – conselhos de Júlia Lopes de Almeida

Ano	Edição	Disponível	Localização	Tema
1918	43b	não		Condutas para a família
1918	28	sim	AYN	Vestuário feminino
1919	47	não		Amor à poesia
1919	53	não		Leituras e romances
1919	53	não		Maternidade
1920	65	sim	AYN	Comportamento da mulher
1920	67	sim	AYN	Papel da mulher
1941	276	não		As crianças
1948	344	não		Saúde e higiene da família
Total: 8				

Fonte: elaborado pela autora (2023).

7) Conferências

Quadro 36 – edições que publicaram a Conferência em Buenos Aires

Ano	Edição	Disponível	Localização	Tema
1922	100	Não		Conferência para o Conselho Nacional de Mulheres na Argentina
1923	101	Não		Conferência para o Conselho Nacional de Mulheres na Argentina
1923	102	Sim	FBN	Conferência para o Conselho Nacional de Mulheres na Argentina
1923	103	sim	FBN	Conferência para o Conselho Nacional de Mulheres na Argentina
1923	104	não		Conferência para o Conselho Nacional de Mulheres na Argentina
1923	105	não		Conferência para o Conselho Nacional de Mulheres na Argentina
1923	106	não		Conferência para o Conselho Nacional de Mulheres na Argentina
1923	107	não		Conferência para o Conselho Nacional de Mulheres na Argentina
1923	108	não		Conferência para o Conselho Nacional de Mulheres na Argentina
1923	109	sim	APMT	Conferência para o Conselho Nacional de Mulheres na Argentina
1923	110	não		Conferência para o Conselho Nacional de Mulheres na Argentina
1923	111	não		Conferência para o Conselho Nacional de Mulheres na Argentina
1923	112	Sim	FBN	Conferência para o Conselho Nacional de Mulheres na Argentina
1923	113	sim	FBN	Conferência para o Conselho Nacional de Mulheres na Argentina
1923	114	não		Conferência para o Conselho Nacional de Mulheres na Argentina
1923	115	não		Conferência para o Conselho Nacional de Mulheres na Argentina
1923	116	não		Conferência para o Conselho Nacional de Mulheres na Argentina
1923	117	não		Conferência para o Conselho Nacional de Mulheres na Argentina
1923	118	não		Conferência para o Conselho Nacional de Mulheres na Argentina
1924	119	não		Conferência para o Conselho Nacional de Mulheres na Argentina
Total: 20				

Fonte: elaborado pela autora (2023).

8) Textos literários

Quadro 37 - Textos literários de Júlia Lopes de Almeida

Ano	Edição	Disponível	Localização	Título	Extraído de obra de Júlia Lopes?
1917	5	sim	AYN	Ser mãe	Livro das Noivas
1917	13	sim	AYN	Polaco	Histórias da nossa terra
1917	22	sim	AYN	Os livros	Livro das Noivas
1917	23	não		Concessões para a felicidade	Livro das Noivas
1917	24	não		Minhas amigas	não
1917	25a	sim	AYN	Natal Brasileiro	não
1918	25b	sim	AYN	Maria	Correio da Roça
1918	27	sim	AYN	Folhas de uma carteira	Livro das Donas e Donzelas
1918	31	sim	AYN	Um mártir	Histórias da nossa terra
1918	32	sim	FBN	O soldado brasileiro	não
1919	44	sim	FBN	Os doentes	Livro das Noivas
1920	65	sim	AYN	A mesa	Livro das Noivas
1920	66	sim	AYN	O lote 587	sim (Ansia Eterna)
1920	76	sim	AYN	De tudo...para todos	não
1921	82	sim	FBN	Sem título	Jornadas do meu país
1930	176	Sim	FBN	Era a fome	não
1930	182	sim	FBN	Meu amor	não
1933	209	sim	FBN	No vagão	não
1933	209	sim	FBN	Por isso e por aquilo	não
1938	240	não		Tia Angélica ³⁴⁴	não
1938	241	não		Tia Angélica	não
1938	242	não		Tia Angélica	não
1938	245	sim	FBN	Rio Grande	Jornadas do meu país
1939	256	sim	FBN	Coração de mãe brasileira	não
1941	280	não		A noiva que eu desejo	Correio da Roça
1941	282	sim	FBN	Bailes	não
1941	283	sim	FBN	Bailes	não
1943	296	sim	FBN	Os livros	Livro das Noivas
1944	315	sim	FBN	Floricultura	Livro das Noivas
1945	326	sim	AYN	Carta de uma sogra	Livro das Noivas
1946	331a	sim	FBN	Poesia da vida	Livro das Noivas
1946	337	sim	FBN	Saber ser pobre	Livro das Noivas
1946	338	sim	FBN	Escreveu D. Júlia Lopes de Almeida	não
1949	330b	sim	FBN	Os vícios deles	Eles e elas
1949	331b ³⁴⁵	sim	FBN	Dia do casamento	Livro das Noivas
Total: 33					

Fonte: elaborado pela autora (2023).

³⁴⁴ De acordo com o acervo consultado – Acervo de Cláudio Lopes de Almeida- o texto está escrito em espanhol e foi publicado em pelo menos mais dois periódicos.

³⁴⁵ Os anos de 1946 e 1949 contam com duplicatas do número das edições 330 e 331, embora seu conteúdo seja distinto.

Quadro 38 - Textos literários assinados pela família de Júlia Lopes de Almeida

Ano	Edição	Disponível	Localização	Título	Autor(a)
1918	34	sim	AYN	Templo ruído	Afonso Lopes de Almeida
1919	58	não		Homo sapiens	Filinto de Almeida
1920	76	sim	AYN	Vida	Afonso Lopes de Almeida
1920	76	sim	AYN	Sem título	Albano Lopes de Almeida
1920	76	sim	AYN	Excelsa	Filinto de Almeida
1920	76	sim	AYN	O santo de cera	Margarida Lopes de Almeida
1925	123	sim	FBN	De madrugada	Filinto de Almeida
1931	185	não		Mãe	Afonso Lopes de Almeida
1933	204	sim	FBN	Conselhos	Filinto de Almeida
1933	209	sim	FBN	Gravura em aço	Filinto de Almeida
1938	238-239	sim	FBN	Soneto do poeta Afonso Lopes de Almeida	Afonso Lopes de Almeida
1938	240	sim	FBN	O pão	Filinto de Almeida
1938	247	não		Não pode ser	Filinto de Almeida
1939	250	sim	FBN	A alma da tempestade	Afonso Lopes de Almeida
1939	256	sim	FBN	No seu dia	Filinto de Almeida
1939	256	sim	FBN	24 de setembro – 4º dia da primavera	Filinto de Almeida
1940	268	não		Única força	Filinto de Almeida
1941	276	não		Alma minha gentil	Filinto de Almeida
1941	280	não		No seu dia	Filinto de Almeida
1942	287	não		Sonho	Filinto de Almeida
1942	287	não		Soneto lírico	Afonso Lopes de Almeida
1942	290-291	não		28 de novembro -1887-1934	Filinto de Almeida
1943	296	sim	FBN	Relembrando	Filinto de Almeida
1943	298	sim	FBN	Mãe	Afonso Lopes de Almeida
1943	300	não		O tufão	Afonso Lopes de Almeida
1943	300	não		A ti	Filinto de Almeida
1943	301	sim	FBN	Nessum Maggior dolore	Filinto de Almeida
1943	302	sim	FBN	28 de novembro (1887-1934)	Filinto de Almeida
1944	312	sim	FBN	Dorme	Filinto de Almeida
1944	314	sim	FBN	Aparência	Filinto de Almeida
1944	315	sim	FBN	Vendaval	Filinto de Almeida
1945	316	sim	FBN	União eterna	Filinto de Almeida
1945	316	sim	FBN	Soneto	Afonso Lopes de Almeida
1945	326	sim	AYN	Ano bom	Filinto de Almeida
1946	331a	sim	FBN	Visita ao seu jazigo	Filinto de Almeida
1946	335-336	sim	FBN	Guanabara	Filinto de Almeida
1948	342b	não		Asas	Afonso Lopes de Almeida
1948	342c	não		Página de saudade	Filinto de Almeida
1948	342c	não		Só	Filinto de Almeida
1948	344	não		Pai	Afonso Lopes de Almeida
Total: 40					

Fonte: elaborado pela autora (2023).

9) Obras de Júlia Lopes de Almeida (1886- 1934) no acervo disponível

Quadro 39 – menções a obras de Júlia Lopes de Almeida

Título	Ano de Publicação	Qtdade
Contos Infantis	1886	3 ³⁴⁶
Traços e Iluminuras	1887	2
Memórias de Marta	1888	2
A Família Medeiros	1892	1
Livro das Noivas	1896	8
A Viúva Simões	1897	1
A falência	1902	1
Ânsia Eterna	1903	1
Livros das donas e donzelas	1906	2
Histórias da Nossa terra	1907	2
A intrusa	1908	2
A Herança	1909	1
Eles e elas	1910	1
Cruel Amor	1911	2
Correio da Roça	1913	3
A Silveirinha	1914	1
A árvore	1916	1
Era uma vez	1917	1
Jornadas no meu país	1920	3
Teatro ³⁴⁷	1917	x
A isca	1922	1
Jardim Florido	1922	x
Oração à Santa Dorotéia	1923	x
Maternidade	1925	x
A casa verde	1932	1
Pássaro Tonto	1934	1
Total: 41		

Fonte: elaborado pela autora (2023).

³⁴⁶ Parece haver um equívoco das redatoras da edição (312), pois o texto do qual o termo foi extraído fala sobre a escritora Raquel Prado e, observando preliminarmente a bibliografia dela, verificamos que nenhuma de suas publicações corresponde à “Contos Infantis”. De outra maneira, suas obras são “Contos Primavera” e “Contos Fantásticos”, que acreditamos terem sido possíveis causas para tal confusão.

³⁴⁷ Embora não existam incidências com o título, vale a ressalva de que as três peças que compõe a publicação são observadas em uma mesma edição da revista, edição 347, de 29 de junho de 1949.

10) Textos sobre a família de Júlia Lopes de Almeida

Quadro 40 – fortuna crítica de familiares de Júlia Lopes de Almeida em A Violeta

Ano	Edição	Disponível	Localização	Sobre
1920	70	sim	AYN	Afonso Lopes de Almeida ³⁴⁸
1920	70	sim	AYN	Margarida, Afonso e Lúcia
1923	102	sim	FBN	Adelina Lopes Vieira
1934	215-216	sim	FBN	Margarida Lopes de Almeida
1943	301	sim	FBN	Margarida Lopes de Almeida ³⁴⁹
1945	316	sim	FBN	Filinto de Almeida
1946	338	sim	FBN	Margarida Lopes de Almeida
Total: 6				

Fonte: elaborado pela autora (2023).

³⁴⁸ O texto em questão é apresentado na seção Crônica e fala sobre a chegada do Rei Alberto, da Bélgica. Afonso é citado como o jornalista que o entrevistou.

³⁴⁹ Poema de Gervásio Leite intitulado “Cântico do triunfo” dedicado a artista.